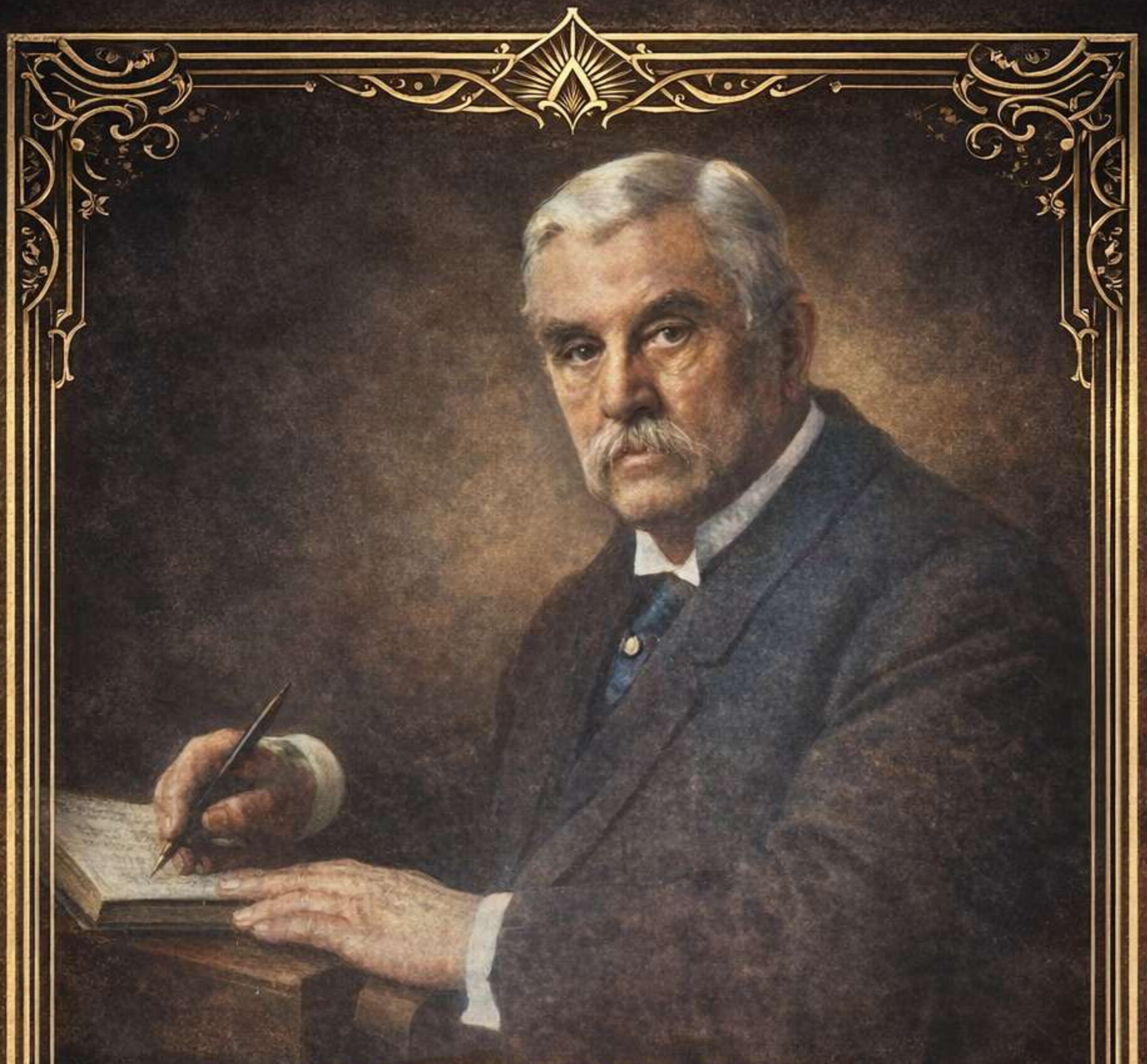


O AMANHECER DA MENTE DESPERTA

JOHN S. KING M.D.

Tradução: Amadeu António

O AMANHECER DA MENTE DESPERTA

POR **JOHN S. KING, M.D.**

Fundador e Presidente da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica durante os oito anos da sua existência, 1920.

A TODOS AQUELES QUE VEEM E CONHECEM A VERDADE, E SOFREM POR CAUSA DELA, ESTE LIVRO É DEDICADO PELO AUTOR.

"Meu filho, sê tu daqueles que procuram e encontram as maravilhas da mente desperta. Eu, a tua guia, Hipátia — muitas vezes chamada a mais sábia das mulheres —, guio-te naquilo que agora te esforças por fazer. Eu guio-te e eu sigo-te; ou faço tudo o que posso para ser uma auxiliadora e uma guia; e até a realeza se deve curvar perante aqueles que resolvem este problema." **HIPÁTIA.**

"Enfrenta um leão, e ele acobarda-se perante o poder da mente; assim os teus inimigos se acobardam perante o teu rosto de honesto poder para provar que é verdade, para que eu — May King — possa vir até ti." **MAY.**

"Eu estou contigo sempre, e desde o teu nascimento eu te segui: e na sessão da Sra. Moss eu mostrei-te o meu rosto. A minha forma materializada mostrar-se-á a ti novamente. Todo o meu desejo é que este livro tenha sucesso em todos os graus. É o desejo da minha alma que ele floresça de este a oeste, de sul a norte, até que todos os homens pensantes digam: 'Esta é a verdade que este homem diz'." **EGYPTIA.**

"Horácio, na ponte estás tu, e nenhum outro homem poderá atravessar a estreita passagem." **ELECTRA.**

"Os homens são como plantas que crescem, e cada vento que sopra pode trazer a um um benefício que deite outro por terra. Este livro que escreves é água pura e boa, e mentes famintas há muitas que agarram os seus tesouros famintamente; e sobre todas as terras de luz ou esclarecimento, este livro brilhará como um facho de Deus, onde cada um poderá acender de novo a sua lâmpada flamejante, e passar os anos de declínio a abençoar-te a ti que lhes mostraste a verdade da porta do Céu; e que eles têm o poder de encontrar os seus amigos uma vez mais." **ASIA (Do povo antigo perdido na era presente).**

PREFÁCIO

Foi, em verdade, o "Amanhecer da Mente Desperta" para mim, quando recebi e compreendi pela primeira vez a verdade, tornada conhecida e provada para mim através de revelações psíquicas.

Os Testamentos, tanto o Antigo como o Novo, contêm muita evidência registada de retorno e comunicação espiritual; e de numerosos fenómenos psíquicos, não miraculosos, mas, como os próprios espíritos demonstram e nos dizem, sob a operação de leis naturais, ainda não totalmente compreendidas. Mas como a lei natural pode e se repete hoje, porquê argumentar contra a possibilidade de fenómenos psíquicos? Certamente que nenhuma verdade mais grandiosa poderia alguma vez ser estabelecida por provas do que a comunicação entre os dois mundos. As crenças são maioritariamente hereditárias, e podem estar certas, ou podem por vezes estar erradas, como ilustrei no Capítulo X.

Assim raciocinei, e determinei investigar; e neste livro estão registados alguns dos resultados entre muitos centenas que tive em termos de experiências e evidências obtidas no meu desviado, intrincado e, posso acrescentar, impopular caminho de pesquisa psíquica, consumindo um período de cerca de vinte e cinco anos. Como um explorador num país desconhecido, sem guia mortal; e percebendo plenamente vários perigos e possibilidades de ataque por parte de certos reclamantes do território, não segui nenhum caminho batido de investigação para chegar à verdade.

Tendo uma bússola mental de impressão ou intuição apontando firmemente numa direção, viajei no meu caminho solitário, esperando sempre alcançar o destino que me esforçava por atingir, examinando aqui e ali, a longos ou curtos intervalos e minuciosamente, o que para mim era novo ou evidência de comunicação entre os dois mundos.

Descobri — através de extensas viagens em busca de médiuns, por paciência, perseverança e constante investigação pensada e cuidadosa, independentemente de opiniões, críticas, tempo ou despesa — que com cada médium a minha experiência variava. Descobri médiuns individuais diferentes de outros nas suas fases, e diferenças entre aqueles da mesma fase de mediunidade, em lugares distantemente separados, em qualquer altura que os visitasse. Alguns deles eram tão amplamente diferentes no seu *modus operandi* como se verifica ser o caso com os instrumentos inventados pelo homem para transmitir mensagens, sob a forma de telegramas, marconigramas, fonogramas e outros dispositivos, através de cada um dos quais, quando a mensagem chegava, eu podia colher expressões de pensamento de certas personalidades, das inteligências que utilizavam o médium; e descobri, vindo através destes diferentes canais, variadas expressões de caráter físico, mental e psíquico, vozes de inteligências visíveis e invisíveis, escrita e fala automáticas, contudo intelectuais e consistentes ao longo da conversa em cada caso; no entanto, coligi-as numa compilação definida de expressões de pensamento, que tinham origem de diferentes fases, até que as corroborações se tornaram tão maravilhosas, e tão convincentes, que a minha mente pareceu ficar limpa de toda a incerteza; e verdades brilharam na minha consciência e uniram-se a mim como conhecimento meu.

Em sessões psíquicas, utilizei por vezes estenógrafos profissionais para fazerem registos exatos para mim; e tais registos foram por eles ajuramentados como corretos, como aparecerá adiante; enquanto dezenas de assistentes inteligentes partilharam

comigo algumas destas maravilhosas sessões; e estavam dispostos, quando solicitados, a jurar a verdade dos registos do que vários, em cada ocasião, em diferentes sessões, viram e ouviram, em conjunção uns com os outros.

Os mortais têm vários dispositivos para intercomunicação a que me referi, e ninguém presumirá negar a sua existência, pois são empregados dia após dia, a todo o tempo, por todas as chamadas nações civilizadas do mundo e por todas as secções do seu povo. São empregados para encorajar a aquisição de conhecimento, registar o progresso do mundo, facilitar os negócios, gerar companheirismo, e são utilizados para promover os interesses de cada um e de todos.

Ao irem para o mundo espiritual, os nossos entes queridos e amigos deixam para trás tudo o que possuíam do físico e, tal como o mortal, afirmam ter anseios pelos seus amores terrenos, tal como os mortais os têm por eles; e, como os mortais, tentam descobrir ou conceber um meio de comunicar.

Este nosso pequeno mundo, por entre as estrelas do grande universo de Deus, contém, comparado com ele, apenas algumas almas; enquanto nos reinos além, ou "Lá do Outro Lado", existem incontáveis miríades de espíritos, outrora encarnados como o estão os presentes mortais, mas agora livres. Certamente que conseguiram encontrar apenas alguns, entre os muitos milhões de seres mortais, que contêm na sua constituição um elemento psíquico peculiar, enquanto o seu corpo e mente não são mais do que os canais através dos quais o elemento opera, tal como faz a eletricidade no fio, e o poder nas pequenas ondas ou vibrações que utilizamos; e a inteligência espiritual, através do poder para nós invisível, fala, escreve ou demonstra, para nos transmitir os seus pensamentos; e que assim podem, e comunicam connosco, na nossa presença, quando as condições, ainda não tornadas claras, são favoráveis.

Posso aqui premissar para vossa orientação, que não podem chegar a uma conclusão correta quanto ao que o livro prova ao escolher frases, ou mesmo capítulos isolados aqui e ali, e assim prejulgar, tal como um jovem na faculdade, que certamente falhará em resolver um problema no terceiro livro de Euclides antes de ter primeiro tido sucesso em resolver os dos livros um e dois.

Será mais satisfatório, portanto, ler cada página cuidadosamente conforme a encontra, pela ordem do seu número, e muito antes de ter terminado, perceberá que ela abrange uma teia de evidência correlacionada e corroborativa. Proposições, previsões ou promessas feitas através de um médium de uma fase, num determinado tempo e lugar, podem ser respondidas ou cumpridas através de outro médium de uma fase diferente, numa data e lugar diferentes, absolutamente, em alguns casos, continuando uma conversa anterior, ou fazendo uma demonstração prometida, pois nenhum médium pode legitimamente afirmar ser a única via de comunicação para o nosso amigo ou amigos espirituais.

Tal atitude sugere ignorância dos factos ou, em alternativa, ciúme de outros médiuns. Os amigos espirituais dizem que estão constantemente a procurar portas abertas através das quais comunicar com os mortais; e usam médiuns

independentemente do seu sexo, idade, caráter, nacionalidade ou esfera na vida mortal, através dos quais comunicar com aqueles que desejam alcançar. Isto descobri ser muito frequentemente verdade, como o leitor observará em diferentes capítulos.

Assim também, não permita que o seu preconceito de crença anterior, ou existente, influencie as suas investigações. Este é o melhor curso a seguir quando se persegue a verdade. Eu não assumi a atitude de "procurar, esperando não encontrar", pois essa mesma atitude cria uma barreira ao perturbar a harmonia, obstrui o caminho de progresso de alguém e obscurece a luz nascente, que poderia, de outro modo, iluminar a compreensão e permitir ao investigador agarrar a verdade como uma pepita de ouro de conhecimento absoluto, sua própria.

Um enigma que frequentemente se apresenta para solução é provar a personalidade humana do espírito; e isto requer o exercício de tato para realizar, para satisfação própria, ao mesmo tempo que se evita a apresentação de uma pista, ou sugestão, que o espírito, ou o médium, possa discernir e, consciente ou inconscientemente, utilizar na formulação de uma resposta à nossa pergunta ou desejo.

Em muitos casos de mensagens escritas, com espíritos alegando ser antigos ou modernos, estranhos ou antigos amigos, ou parentes, pareceria na altura difícil aceitar as suas declarações como sendo das suas personalidades afirmadas, contudo alguns deles voltaram mais tarde a mim várias vezes em sessões realizadas por médiuns de outras fases; e de várias formas estabeleceram a sua identidade como aquele que veio na sessão original, ou que comunicou primeiro.

O leitor compreenderá facilmente que, em qualquer caso, os registos detalhados de um investigador psíquico atingem proporções tão volumosas que tornam praticamente impossível publicá-los na sua totalidade para leitura geral.

Parece ser um facto que alguns espíritos têm apenas uma rara oportunidade de usar um médium; e quando tal oportunidade se apresenta, abraçam-na prontamente, mesmo quando o assistente lhe é desconhecido; e em resposta à pergunta "Quem está a falar agora?", responde: "Não importa, nunca me conheceu, faço isto como uma experiência agora que tenho a oportunidade". Ou alguma resposta semelhante. Assim também os espíritos humoristicamente inclinados procuram promover o bom sentimento, e assegurar a harmonia, através de linguagem que induz ao riso; ou cantando algo familiar, para ajudar na produção de condições harmoniosas.

As limitações dos meus registos, conforme apresentados no presente volume, cingem-se aos muito poucos médiuns físicos, mentais e automáticos selecionados, embora tenha entrevistado muitas dezenas de médiuns e assistido a muitas centenas de sessões. A razão para esta seleção é que, em cada caso, eu os observei repetida e criticamente, e estudei as suas demonstrações ocultas durante anos — um a intervalos durante dezoito anos, e os outros durante pelo menos oito anos cada; e por tal curso tive a minha garantia, por um lado, contra a fraude ou o engano; e, por outro, uma precisão de obtenção de observação detalhada mais experiente e, portanto, mais perfeita; e provavelmente uma deteção mais hábil de idiossincrasias, ou de condições mentais

hipnóticas, histéricas, pervertidas ou desordenadas, do que eu poderia ter tido se dividisse as minhas investigações entre os muitos médiuns e as numerosas fases.

As minhas conclusões foram que há mais vantagem na observação constante e consecutiva, com mudanças no modo ou grau de investigação, do que numa ordem alternada ou desconectada, e inesperada por vezes, desconcertando assim possíveis premeditações.

Os psíquicos ou médiuns, como as outras pessoas, diferem grandemente nas suas capacidades e realizações; e, como os alunos, são instruídos ou treinados, mas inconscientemente (através do eu subjetivo) por diferentes professores e controles espirituais, cujos propósitos e modos variam amplamente, tal como varia o caráter da realização do veículo ou instrumento (o médium); e o modo de sintonização empregue, antes que o espírito comunicante possa demonstrar através ou na presença do médium.

Os resultados, por vezes, são muito peculiares. Conversei com os alegados controles destes médiuns muitas vezes, através do seu próprio instrumento, bem como através de médiuns de outras fases, tais como voz direta através de trombetas, e falando com os seus próprios órgãos vocais quando materializados; e recebi explicações e outras informações valiosas, algumas das quais estão anotadas aqui e ali em diferentes capítulos.

Um exemplo que posso dar aqui é o caso da médium de escrita automática e rimas, que desde o início foi um instrumento relutante; e foi levada a sofrer punição mental, mas pelo seu controle espiritual é ainda compelida a traduzir mensagens espirituais de uma maneira rimada (como exposto no capítulo dedicado a ela), embora transmitindo fielmente os pensamentos do espírito comunicante. Isto constitui um veto à independência absoluta da mente subjetiva e, ao mesmo tempo, preserva a mente objetiva em plena normalidade, protegendo assim a faculdade do raciocínio.

Nos muito poucos casos selecionados de entre os muitos para estudo crítico, eles eram representativos entre os médiuns disponíveis da sua classe, pelo menos na América. Sinto, portanto, após completar o meu estudo crítico sobre eles, que é devido não só aos leitores dos resultados obtidos através destes médiuns, mas aos próprios médiuns, dar aqui o devido crédito e dizer que tive, geralmente, inteira satisfação com a sua honestidade; e considerei-os, enquanto instrumentos, isentos de fraude tanto consciente como inconsciente; e faço-o tanto mais livremente quanto não tenho qualquer obrigação de os favorecer, nem sequer em ligeiro grau.

Além dos registos já indicados, intercalam-se capítulos contendo outras características de fenómenos físicos, incluindo a fase de materialização na presença de um médium consciente, onde os visitantes espirituais produzem a sua própria luz, iluminando-se a si próprios numa sala previamente escurecida. A Clarividência e a Clariaudiência são tratadas brevemente. Há um capítulo sobre fenómenos psíquico-hipnóticos; e um dedicado principalmente a uma crítica da "Hipótese da Mente". As condições em relação aos resultados são também abordadas; e a conclusão do meu argumento sobre a evidência apresentada.

Sem medo da opinião pública ou pessoal, e com todo o respeito pelo privilégio sagrado concedido a todos, de fé e crença individuais, comecei o meu trabalho. Nada se encontrará ao longo do volume que, em qualquer grau, seja por declaração direta ou por insinuação, ataque a igreja de qualquer homem, crença religiosa, credo ou filosofia, o poder ou autoridade do Estado, ou a comunidade coletiva. A minha resolução, do princípio ao fim, foi, independentemente das crenças, e com uma mente aberta, "procurar, provar e declarar a Verdade".

Ao apresentar as minhas experiências, evidências e conhecimentos adquiridos, faço-o num estilo narrativo ou descritivo, adequado ao leitor comum, esperando que o que as páginas do livro contêm possa, em certa medida pelo menos, tornar a tarefa de investigar mais fácil; e assim ajudar outros investigadores atrasados a atingir um conhecimento positivo, infinitamente mais autossatisfatório e mais valioso do que qualquer crença não fundamentada dessa forma.

Cheguei às minhas conclusões finais e tornei-as públicas verbalmente pela primeira vez no meu "pronunciamento" a 26 de abril de 1913, em Toronto, Canadá; e agora em 1920, publico-as ao mundo.

ÍNDICE

CAPÍTULO I Introdução à Pesquisa Psíquica. A atitude anterior do autor em relação à mesma. A sua estimativa da sua importância. A legitimidade da Pesquisa Psíquica.

CAPÍTULO II Primeira experiência com o oculto. Uma sessão em Washington, D.C. O apresentador do autor — Dr. B. L. W. Theodor Hansmann, um nonagenário aquando da sua passagem para os reinos espirituais. A médium Mary A. Keeler.

CAPÍTULO III Uma segunda experiência com o oculto. A Série de sessões de Effie Moss, realizadas na casa dos MacRoberts em London, Ontário. Entrevista com a médium; e exame crítico do gabinete e da sala.

CAPÍTULO IV Estranhos fenómenos psíquicos. Primeira da Série de sessões de Moss. Aparecem formas humanas materializadas. Sete casos registados. Primeira matéria probatória. A mãe do autor prova a sua personalidade humana. A alegada guia espiritual do Dr. King, Egyptia, eleva-se da carpete, a um passo dele.

CAPÍTULO V Fenómenos variados apresentados. O pai do autor aparece. Mais evidência de personalidade, por questões físicas bem como por palavras. Credibilidade do testemunho — Críticos ausentes. Elemento perturbador interrompe a sessão.

CAPÍTULO VI Terceira e última sessão. Novos fenómenos psíquicos. Sinopse das apresentações registadas. Mais evidência circunstancial. A mãe do autor, como era sua vontade em vida, toma o seu braço direito; e assim caminha e fala com todos os presentes. Ela é reconhecida por um amigo de longa data. Um instrutor espiritual — Egyptia, a alegada guia espiritual, aparece novamente. Uma sessão oculta especial.

CAPÍTULO VII Que hipótese melhor explica os fenómenos? Oportunidade e condições: Trabalho de pesquisa. Revisão da evidência. Comentários do Autor sobre os resultados obtidos.

CAPÍTULO VIII Comunicação espiritista transatlântica. Primeira experiência. Importante matéria probatória. Transmissor: o autor em Toronto; o recetor: W. T. Stead em Londres, Inglaterra. O Heraldo Hipátia. Segunda experiência — A terceira experiência entre Toronto e Toledo, um sucesso perfeito.

CAPÍTULO IX A Hipnose e alguns dos seus fenómenos psíquicos. Por que é considerada nesta ligação. Extratos de uma palestra dada perante os membros da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica, pelo seu Presidente.

CAPÍTULO X A atitude firme do autor sobre a pesquisa psíquica — Acusado de obliquidade no início. Integridade de motivo. Consistência de esforço. Experiência hipnótica como incentivo. Investigação justificada pelos resultados. Conhecimento versus crenças.

CAPÍTULO XI Relação entre condições e resultados. A Lei Natural é o Fiat do Espírito Universal. As forças psíquicas requerem condições especiais para demonstrações ocultas.

CAPÍTULO XII A chave que abriu o mistério. O acordo *ante-mortem* entre o Autor e a esposa. Condições que favoreceram resultados psíquicos. Um entendimento geral quanto à matéria probatória.

CAPÍTULO XIII A Série de sessões de novembro de 1911. Primeira da série, uma sessão de trombeta. Médium Sra. Etta Wriedt. O autor e a médium conheceram-se pela primeira vez numa sessão de Moss em 1894. A promessa *ante-mortem* de May cumprida na primeira oportunidade. Ela falou com o seu marido através da trombeta.

CAPÍTULO XIV A Série de sessões de novembro de 1911. Segunda da série, uma sessão de trombeta. "May" conversa novamente com o seu marido. Ele testa-a com resultados bem-sucedidos. Ele solicita informações. O espírito de MacRoberts visita-o.

CAPÍTULO XV A Série de sessões de novembro de 1911. Terceira da série. Primeira sessão de materialização. Médium J. B. Jonson. Examinando o gabinete. A esposa cumpre novamente a sua promessa ao marido. Um irmão bebé materializa-se como um homem. Também a filha bebé espiritual regressa como uma mulher jovem. Um homem de Toronto regressa. A evidência direta multiplica-se. Previsões feitas por mais de uma pessoa, em dias diferentes, são cumpridas em casa de Jonson.

CAPÍTULO XVI A Série de sessões de novembro de 1911. Quarta da série. Segunda sessão de materialização em casa de J. B. Jonson. A classe privada Girassol, e o Guia Celeste. Autor presente por convite. Uma sessão importante. Promessas da Guia Espiritual Hipátia, da esposa espiritual "May" e da filha espiritual "May Donna", bem como do Dr. Sharp, todas cumpridas. O registo ajuramentado do estenógrafo oficial de

dezanove manifestações. Evidência direta acumulando-se. Maravilhosas demonstrações e testemunhos.

CAPÍTULO XVII A Série de sessões de novembro de 1911. Quinta da série. Terceira sessão de materialização em casa de J. B. Jonson. A sessão é pública. O homem mudo regressa e fala. "May" e "May Donna" vêm novamente. Um alegado guia antigo do autor. Autobiografia de Jonson e a sua fotografia.

CAPÍTULO XVIII A Série de sessões de novembro de 1911. Sexta da série. Terceira sessão de trombeta de Etta Wriedt. Um círculo de sete pessoas. Cumprimento reconhecido da promessa do Dr. Sharp. Ele materializou-se para o autor e esposa em 1910. Gray Feather, o Controle de Jonson, faz uma visita. Dois espíritos cantam para os presentes. Asia, uma alegada antiga guia espiritual, fala. Pansy, a guia de gabinete de Maggie Gaul, entretém os presentes. As hipóteses telepática e de leitura de mente analisadas.

CAPÍTULO XIX A Série de sessões de novembro de 1911. Sétima e última da série. Quarta sessão de trombeta de Etta Wriedt. O autor é o único assistente. Guias e entes queridos presentes. Assuntos familiares e pessoais discutidos. Evidência corroborativa posterior relatada por amigos.

CAPÍTULO XX A continuidade da vida proclamada como provada. Comunicação mantida entre os reinos da terra e do espírito. O problema resolvido com a ajuda da esposa do Autor. Forte evidência apresentada. O argumento do Autor apresentado. Estas alegações sustentadas como verdadeiras.

CAPÍTULO XXI "O Telefone Psíquico Humano", com ação automática, incluindo movimento, escrita, fala. As suas mentes objetiva e subjetiva têm uma ação independente geral. Uma curiosidade mental. Esboço do seu poder psíquico. Semelhança com o telefone público. As conclusões do Autor.

CAPÍTULO XXII Hipátia, a Filósofa Neoplatónica. Filha de Téon. Alegada Guia Espiritual do Autor. Provou ser uma grande Instrutora. Este livro é sugestão dela própria. Ela ajudou a obter evidência para o mesmo. Trouxe parentes, amigos, estranhos, videntes, filósofos e investigadores para comunicarem com o Autor. Passou horas seguidas a responder às suas perguntas. Cumpriu a sua promessa de o ajudar a obter o seu retrato espiritual. Escreveu através do "Telefone Psíquico Humano" e de outros escritores automáticos. Também falou através de trombetas. Manteve conversação com o Autor e com outras pessoas enquanto presente no seu corpo transitório.

CAPÍTULO XXIII Hipátia estabelece a sua pretensão de ter sido a Filósofa Neoplatónica; e a instrutora espiritual, auxiliadora e guia do Autor. Comunicou com ele a respeito da mente e da alma ou espírito, e a sua relação com a Divindade. Esboçou igualmente a sua filosofia, e os dogmas do seu credo, e o que tinha ensinado ao povo. Tratou também de fenómenos psíquicos na sala de sessões; e concluiu com uma breve autobiografia e referência ao seu martírio. As respostas às perguntas apresentadas e

algumas declarações adicionadas foram transmitidas falando-as para o recetor do telefone, a mente subjetiva do instrumento, que controlava a mão automática para as reproduzir por escrito. O instrumento nomeado como "O Telefone Psíquico Humano".

CAPÍTULO XXIV Psicologia prática de profundo interesse. Alegados espíritos de Sócrates, Platão e Aristóteles deram resposta imediata a cada pergunta que o autor propôs. Definiram a composição, forma e atributos da alma — e a relação do Ego humano com a Divindade. Otelleo, um Antigo Egípcio, no final da entrevista cumprimentou o Autor pela qualidade do seu trabalho.

CAPÍTULO XXV A Série de sessões de abril de 1912, com J. B. Jonson. A primeira é pública. Jonson senta-se fora, no círculo. Muitas formas vêm até aos assistentes. A esposa e a filha espirituais do Autor materializam-se e falam com ele. Hipátia, espírito avançado, sábia e bela, entra na sala e saúda os presentes. O Dr. Sharp, o Controle da Sra. Wriedt, a médium de trombeta, visita e saúda o autor.

CAPÍTULO XXVI A Série de sessões de abril de 1912, com J. B. Jonson. Segunda sessão, sete assistentes além de Jonson e sua esposa. Todos os assistentes têm bons resultados. A esposa e a filha espirituais do Autor, e também o pai, estão presentes. Forte matéria probatória.

CAPÍTULO XXVII A Série de sessões de abril de 1912, com J. B. Jonson. Terceira sessão, doze assistentes presentes. Oito formas espirituais vêm até ao Autor. Ele entrega rosas aos seus entes queridos. Um rapaz não reconhecido, que não conseguia falar, apareceu-lhe. Recebeu mensagem escrita e promessa de resposta, se possível.

CAPÍTULO XXVIII A Série de sessões de abril de 1912, com J. B. Jonson. Quarta sessão, a de encerramento, e marcada por características especiais. Demonstrações extremamente convincentes. A filha do Autor cumpre uma promessa. Ela entra no círculo e canta mui docemente. A sessão termina com uma grande surpresa por Wm. T. Stead. Testemunho corroborativo.

CAPÍTULO XXIX A esposa do Autor, a chave que abriu o mistério. Cumpriu a sua promessa *ante-mortem*. Também a promessa *post-mortem* de escrever um capítulo. Ao fazê-lo, prova a sua personalidade humana. E sustenta a continuidade da vida. Prova que os espíritos regressam e comunicam com os mortais. Uma produção maravilhosa através do "Telefone Psíquico Humano", de tendência rimada.

CAPÍTULO XXX Será que o espírito de Wm. T. Stead comunica com o Autor: Por mensagens escritas por médium automático? Por escrita independente em ardósias? Por fala através de trombetas? Por fala através de médiuns de transe? Por ditado? Através de clariaudientes? E por fala com os órgãos vocais do seu corpo transitório, uma duplicata da sua expressão corporal terrena, todas as quais alegam ser ele? Vejam a sua fotografia, tal como apareceu pela primeira vez e se materializou na sessão de Jonson — e foi reproduzida, nove dias depois, em tela, pelo artista espiritual Rembrandt, auxiliado por Hermes, governante do poder da levitação. A pretensão de

Stead sobre a imagem e o seu comentário. Não sustenta toda a variada evidência tal pretensão? Vários espíritos confirmam-no.

CAPÍTULO XXXI Um capítulo probatório de forte testemunho. Uma longa lista de testemunhas voluntárias. Evidência para a verdade da continuidade da vida, Regresso e comunicação, em perpetuidade. Não estarão os meus entes queridos, que mo provaram, E os meus guias espirituais, e outros próximos, Incluindo vultos notáveis que já não temem, Trazendo à humanidade bom ânimo? Não são o trabalho e o livro por eles endossados, Como provindo da esfera espiritual? A evidência aponta fortemente para a mudança vindoura, Do desejo vil e das ganâncias sórdidas, Das carências egoístas e dos credos beligerantes, Para o despertar das mentes para a verdade e necessidades humanas. Da guerra, desconfiança, injustiça, Para a paz com conhecimento e pura felicidade, Para a confiança na própria paternidade de Deus, Para a fé na verdadeira fraternidade do homem; Quando toda a humanidade saberá e compreenderá, Que a vida imortal os aguarda nos céus.

CAPÍTULO XXXII Sessões de trombeta em casa da Sra. Etta Wriedt. Quatro na série de dezembro de 1912. Vozes espirituais, Luz e Poder. Algumas das muitas características. Evidência muito forte e confirmatória. O que o poder espiritual pode realizar. Cumprimento de uma profecia de um espírito.

CAPÍTULO XXXIII Duas sessões para materialização em casa de Jonson a 23 e 26 de dezembro de 1912, de caráter probatório. Uma extraordinária sessão de materialização a 24 de dezembro, com uma senhora médium privada em estado consciente. Nenhuma luz artificial utilizada. Visitantes espirituais iluminam a sala durante a sua presença. Aproximam-se e partem independentemente de paredes, chão e teto, alguns rapidamente, outros lentamente. Cerca de uma dezena conversou com o Autor. As demonstrações foram simultaneamente fortes e novas. Um médico clariaudiente escreve. Matéria probatória conforme ouve as palavras faladas.

CAPÍTULO XXXIV Registos de Pesquisa Psíquica terminando com o ano de 1912. Sessões interessantes com o Telefone Psíquico Humano. Alegadas comunicações com o Professor James, Frederick Myers, Hon. George Brown, Wm. T. Stead, Rainha Vitória, Rei Salomão e outros. Clegg Wright, outrora médium famoso, explicou a diferença entre o estado de transe inconsciente e o conhecimento consciente do espírito, quando este se retira do corpo.

CAPÍTULO XXXV Conclusão da evidência. Argumento do Autor. Conhecimento adquirido do espírito. Definição espiritual do único Deus. A Nova Era aproxima-se. As mentes dos homens estão a despertar. Funcionamento da mente em estado hipnótico. Voos astrais. Hipátia sugeriu este livro; também o seu título, contribuiu muito para ele e escreveu as suas frases finais.

ADDENDA Detalhes das experiências sem paralelo do Autor. Realizadas com a cooperação de Hipátia. A evidência de escrita independente nas ardósias, reproduzida no livro por processo de fotogravura. Os escritores reivindicam a escrita como sua, bem como as assinaturas.

CAPÍTULO I

Noutro local tratarei da atitude do público perante a Pesquisa Psíquica e das muitas barreiras a superar no melhor dos esforços para obter uma posição vantajosa. Peço, com toda a sinceridade e num espírito de humildade, que o leitor aborde com uma mente aberta o que é oferecido neste livro, como sendo, pelo menos, digno de uma consideração séria pelos pensadores mais capazes e imparciais, que se possam comprometer a entrar em tal análise sem viés, preconceito ou receio de deturpação. Não hesito em dizer que há, quase universalmente, uma forte objeção levantada pelo público individualizado contra o pedido de admitirem que testemunharam fenómenos ocultos; ou que podem acreditar na possibilidade da sua existência; e aparentemente têm grande medo de serem classificados como pouco ortodoxos.

No caso da maioria dos fenómenos mais importantes a que aludo, existem muitas testemunhas vivas para confirmar o que aqui está registado como tendo uma existência bem demonstrada. Tenho ainda a acrescentar ao que foi dito que o registo mais antigo, o qual, juntamente com a anterior declaração da minha atitude, se segue, foi construído e inserido como um registo no ano de 1894. O registo das ocorrências e fenómenos foi feito em cada instância, imediatamente após cada sessão, a partir de notas tomadas durante a mesma; e é a narrativa simples e sem adornos de um sério investigador da verdade, que assistiu às sessões, individuais e coletivas, com uma mente aberta, determinado a todo o custo a fazer um registo fidedigno.

Sinto-me à vontade para declarar que, desde a hora do meu nascimento e através dos anos subsequentes de vida passados nesta esfera mundana, fui abençoado com boa saúde mental e física, com duas ou três breves exceções; e desde os dias da minha juventude vivi uma vida de autodependência; tive uma carreira razoavelmente bem-sucedida; esforcei-me por fazer o melhor uso das minhas oportunidades; e sem ajuda, pelo menos financeira, obtive para mim uma educação como profissional; e, creio, um estatuto justo como cidadão.

Digo tudo isto, não em qualquer medida num espírito egoísta, mas com o intuito de apoiar a afirmação de que tenho, pelo menos, uma quota-parte razoável de senso comum, inteligência e discernimento; e não sou mais suscetível de ser enganado do que o homem inteligente médio. Nunca professei, nem reivindiquei num sentido religioso, ser muito devoto ou santo; mas sempre mantive uma atitude respeitosa, embora não inquestionável, para com as ortodoxias da igreja em que fui criado (Presbiteriana).

Nunca reconheci qualquer inclinação para o materialismo; mas, pelo contrário, sempre acalentei a convicção, quase como uma intuição, de que os poucos e curtos anos de existência física nesta esfera terrestre, variados com as suas provações e tentações, alegrias e tristezas, sucessos e fracassos, crescimento e decadência, eram apenas um incidente na existência contínua da criação individual chamada homem; e que uma Inteligência Todo-Poderosa, que tudo vê, em todo o lado presente e Toda-Sábia, e Poder Infinito e Governador do universo — do qual esta terra não passa de um ponto

infinitesimal, numa extensão sem limites de mundos, de sistemas planetários e de espaço — possuía um sistema de desenvolvimento com um propósito, através do qual a humanidade deveria atingir uma inteligência superior, condições de ser mais nobres e reinos de existência mais puros.

As sérias exposições ortodoxas do céu e do inferno; e as familiares referências do púlpito ao homem como um corpo, alma e espírito, destinado ou à felicidade eterna ou à miséria eterna, com desvios no ponto de partida na vida terrena não discerníveis por juízes humanos, embora interessantes, ficavam muito aquém de serem, pelo menos para mim, perfeitamente lúcidas e satisfatórias.

"A asserção constante e persistente tem naturalmente uma tendência para criar convicção; e a convicção cristalizada torna-se crença. A crença não é necessariamente conhecimento, embora muitos assumam que o é. Como podemos reconciliar as muitas crenças religiosas, embora possamos estar preparados para admitir a sinceridade dos muitos crentes? Não existe apenas diversidade de crença, mas igual diversidade na intensidade da crença; e não será que a intensidade da crença desenvolve o fanatismo, e o fanatismo resulta em falta de liberalidade, deturpação e até perseguição? O homem que arrisca uma opinião em desacordo com a crença popular é colocado na categoria de antagonista da verdade, embora possa estar muito mais perto da verdade do que aqueles que o julgam sem caridade. Cristo, de acordo com a evidência testamentária, foi perseguido pelo sacerdócio e pelo povo porque ensinou aquilo que era diferente das suas queridas ortodoxias e crenças." *

Quem é mais digno de piedade do que o reverendo ministro ou sacerdote (cuja designação significa intitulado a reverência, significando esta última medo misturado com respeito e afeição) que é tão egoísta na sua crença e, ao mesmo tempo, pouco caritativo, que presume condenar o seu semelhante que difere dessa crença; e além disso tão farisaico, ao agradecer a Deus por não ser o ingénuo que o seu vizinho é? E o que deve ser dito daqueles que cegamente adotam uma crença, resultado de circunstâncias envolventes, ou crença familiar hereditária, ou por uma afirmação muitas vezes repetida, e contudo, negam a outros a obtenção de um conhecimento satisfatório, proveniente de um estudo e investigação cuidadosos e contínuos?

"A maioria dos homens pela educação é enganada; Acreditam assim porque assim são criados. O sacerdote continua o que a ama começou, E assim a criança se impõe ao homem."

Não fomos ensinados desde a infância que aquele que prega e ensina a partir do púlpito ortodoxo é um ministro ou embaixador de Deus ou, como alguns dizem, "chamado por Deus" para ensinar e pregar a verdade, e não devemos questioná-lo? A ortodoxia pede-nos que tenhamos fé e acreditemos. Exige a aceitação das afirmações por fé e crença, e promete a salvação; ou a dúvida, e promete a condenação.

Nos negócios, os homens exercem o que é conhecido como "senso comum". Por que não deveria o homem exercer o senso comum noutras matérias, tais como a crença? Por que fechar os olhos à verdade autoevidente? Negar-se-á que a humanidade de hoje

sabe, ou deveria saber mais sobre o Espírito Infinito ou Espírito Universal Deus, a fonte da criação e de todo o poder espiritual, e das Suas leis, e da sua operação, do que se sabia em séculos passados?

**** A porção acima incluída entre aspas teve publicidade anterior, mas era, não obstante, estritamente uma parte da escrita original, ligada aos meus registos psíquicos.***

Se não sabem, não será um triste reflexo, não só sobre o desenvolvimento e inteligência do homem, mas também sobre os instrutores e sacerdotes que afirmam ser "escolhidos por Deus" para iluminar o Seu povo? A humanidade parece estar em todos os momentos faminta de informação e conhecimento; e naturalmente egoísta quanto ao facto de ser vantajoso para o eu individual. É por causa das mentes que indagam, examinam e analisam que novo conhecimento está a ser adquirido de século para século, de ano para ano e de dia para dia; no que concerne a todas as coisas de caráter mundano, bem como às forças invisíveis, físicas e espirituais; e quem negará que a humanidade sai a ganhar com isso?

Nas coisas materiais e físicas, a investigação parece preceder a descoberta; e a descoberta precede a utilização. Esta ordem parece gozar de aprovação ou elogio geral. Não é a parte espiritual do homem primordial em interesse face à física? E, se assim for, não estão todos os homens autorizados a procurar mais Conhecimento Espiritual? Não perguntou Job (no Capítulo XIV, Versículo XIV), "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" É uma pergunta que sem dúvida se sugeriu à mente de quase cada membro individual da raça humana.

Pareceria não ser inconsistente que, para prosseguir o estudo da vida, não se deve parar com a morte da parte física do homem, mas seguir o espírito. O início e o fim da vida física, seja animal ou vegetal, não passa de uma mudança de elementos na disposição ou na composição. O corpo regressa ao pó ou aos seus elementos, enquanto o espírito regressa ao reino do espírito, de onde originalmente veio. A eterna lei natural governa o universo.

Estou de acordo com a declaração de que não temos o direito de questionar ou negar a existência de nada, ou de qualquer condição, se não a pudermos refutar. Movido por esta convicção, e sentindo-me profundamente interessado em algumas características da investigação psíquica, tornei-me durante os últimos anos um investigador do tipo crítico conhecido como pesquisador psíquico; e ultimamente encontrei-me em contacto com alguma nova força oculta, tão misteriosa quanto interessante.

Sobre fenómenos psíquicos ou ocultos, embora tenha apenas conhecimento recente, e como esse conhecimento é tão novo, tão surpreendente, tão convincente e, no entanto, tão inteiramente confirmatório das intuições e convicções da minha juventude,

peço ao leitor que retenha o julgamento até que eu tenha narrado em detalhe as precauções tomadas, as condições encontradas e os ambientes existentes, juntamente com uma descrição e análise de alguns dos fenómenos; e até que ele ou ela adote uma hipótese que possa resistir a toda a crítica, como explicando satisfatoriamente a produção dos fenómenos agora mais geralmente classificados como de caráter psíquico ou oculto.

CAPÍTULO II

Todas as coisas têm os seus começos, até a grande cidade de Washington, D.C. Como Capital dos Estados Unidos da América, tem sido desde há muito um centro de interesse; e esse interesse deveu-se principalmente ao seu caráter oficial. Contudo, coube-me em sorte visitar essa cidade pela primeira vez no ano de 1894 e na parte inicial do mês de setembro desse ano. Nessa ocasião, fui posto em contacto com o Dr. B. L. W. Theodor Hansmann, que tinha sido outrora não apenas conselheiro médico do falecido Presidente Abraham Lincoln, mas igualmente um amigo pessoal; e era popularmente conhecido pelos cidadãos de alta linhagem naquela grande cidade; e gozava não só de reputação na sua capacidade profissional, mas de uma popularidade individual que qualquer pessoa bem poderia invejar. A penalidade que adveio da declaração das suas convicções, e da sua crença na continuidade da vida, no regresso do espírito e na comunhão espiritual, custou-lhe a perda destes estatutos sociais bem como profissionais; não obstante, nunca conheci homem mais feliz ou mais contente. Alguém cuja própria presença parecia resplandecer com todas as qualidades mais finas da masculinidade; e nas suas expressões e sentimentos do molde correto, ele desenvolvia muitos em conversas comuns. Tais como, por exemplo: "Os amigos que outrora amei, amá-los-ei para sempre"; e ainda "Amo os meus amigos e nunca odiei os meus inimigos".

Este homem de coração nobre enviou-me uma comunicação ainda em janeiro de 1912; e estava então robusto na sua idade avançada de 91 anos. Por ocasião do nosso primeiro encontro, ele envolveu-me numa conversa sobre assuntos da existência presente e futura, que para mim era a questão mais vital de todas as questões; e que desde então apreciei como sendo igualmente a questão mais importante para a consideração de cada homem, não importa qual seja o seu estatuto na vida, nem onde a sua sorte seja lançada, nem quão importante ou humilde seja a sua existência individual na comunidade.

Ele parecia entusiasta sobre o assunto e fez à minha esposa e a mim próprio um convite muito cordial para estarmos presentes numa sessão psíquica, que se realizaria na residência de um vizinho na noite seguinte, com a presença da médium Sra. Mary A. Keeler — esposa do Dr. Wm. M. Keeler — que estivera doente durante algum tempo, mas tinha recuperado; e a sessão em questão seria a primeira realizada após o lapso de muitas semanas, e seria muito frequentada. Sem hesitação, apresentando-se tão favorável oportunidade, não precisei de persuasão para aceitar o convite.

Como eu não era ainda um pesquisador psíquico de pleno direito, não estava preparado para uma investigação crítica, mas antes assumi a posição de um indivíduo de disposição recetiva; e estava perfeitamente contente em permitir-me ser um "neófito iniciado", no qual os meus deveres e privilégios se limitavam simplesmente à observação do que se pudesse apresentar numa sessão oculta, e pronto a cumprir com as condições propostas que foram sugeridas pelo velho doutor de cabelos brancos, que estava especialmente desejoso de que eu tivesse todas as oportunidades para ver e perceber, fora e dentro do Gabinete, tudo o que pudesse ser observável ou percebido pelos sentidos comuns. Fui apresentado a esta senhora que era designada como uma médium de materialização. Tive uma curta conversa com ela, considerei-a apenas convalescente de uma doença grave; e, segundo a sua própria afirmação, ainda não estava em condições normais. Fiquei impressionado com a honestidade da médium ao conceder-me o privilégio de entrar no Gabinete (que foi construído num canto de uma pequena sala contígua a uma sala muito maior), não só antes e depois da sessão, mas durante a mesma; e conforme as circunstâncias se desenvolveram durante a sessão, uma oportunidade pareceu ter sido especialmente providenciada para eu ocupar uma posição que eu tanto desejava ter, e pela qual nem sequer tive de pedir.

Devido a um estado físico enfraquecido, a médium esteve sentada durante um tempo considerável antes de serem produzidas manifestações, quando uma voz forte, que se afirmava ser uma voz espiritual, gritou "Reservatório", mas sem mencionar nenhum nome; e, consequentemente, algum tempo foi perdido apelando a um e a outro na sala para saber o que se pretendia dizer com "Reservatório", quando a explicação foi concedida ao ser eu apontado, no ponto mais extremo da formação do círculo, como sendo nada menos que o desejável "Reservatório"; e fui convidado a visitar a médium onde ela estava sentada para que um suprimento de magnetismo animal ou poder psíquico vindo de mim pudesse ser contribuído para a mulher agora em transe, o que o leitor compreenderá não ser uma afirmação minha, mas a afirmação feita sobre o porquê da minha presença perto da médium ser necessária.

Não tive de esperar muito, pois estava ao seu lado enquanto ela se sentava de costas para o canto, quando vi distintamente as formações subindo diante de nós e passando em direção às cortinas que se abriam imediatamente à frente dela. Retomei então o meu próprio lugar e tornei-me testemunha de uma variedade de formas à medida que entravam na sala maior, vindas da mais pequena, que era designada "o Gabinete"; e ouvi as vozes do que pareciam ser homens, mulheres e crianças, à medida que avançavam pela sala e até aos assistentes individuais no círculo.

Como a sala estava algo mal iluminada, e como o círculo era grande, e eu à maior distância da médium, e como não conseguia distinguir as suas feições claramente, nem identificar a sua individualidade de onde os via, para mim não foi conclusivamente convincente de nada, mas, contudo, determinou o meu curso futuro caso uma oportunidade semelhante se apresentasse.

Não tive de esperar muito, pois regressando a casa e sabendo que a falecida Effie Moss, uma alegada célebre médium de materialização, iria visitar a Cidade de London,

Ontário, procurei garantir outra oportunidade de investigar os fenómenos da chamada materialização, e de me esforçar fielmente por provar a verdade ou a falsidade da afirmação de que existe nos dias de hoje, bem como nos tempos da história bíblica, possibilidade de comunhão espiritual através do regresso de espíritos à terra revestidos de corpos espirituais ou transitórios e visíveis.

CAPÍTULO III

Eu já me tinha encontrado duas vezes anteriormente com o Sr. MacRoberts, o Presidente do Conselho Escolar de London (agora falecido). Através dele obtive o privilégio de assistir a quatro sessões, realizadas durante uma semana em dezembro de 1894, três das quais foram na sua própria casa, e a quarta e última numa sala de uma casa nova inteiramente vazia. A médium e todas as partes encontradas na série de sessões eram, com a única exceção do Sr. MacRoberts, perfeitos estranhos para mim. Nunca, que eu saiba, me tinha encontrado com algum deles antes da visita em questão. Uma das quatro sessões foi designada como uma sessão de dactilografia, da qual poucos registos foram feitos por mim.

Antes da minha entrevista com a médium, determinei um curso de silêncio absoluto quanto a todo o conhecimento relativo a mim próprio, familiares ou amigos, de modo a não oferecer qualquer sugestão ou pista para uma médium astuta trabalhar. Procurei e obtive, durante a minha primeira tarde, uma longa entrevista com a Sra. Moss, a autodesignada "médium de materialização". A sua forma física era muito corpulenta, e anormalmente abundante era o seu tecido adiposo, e os seus movimentos lentos, enquanto o seu modo de ser era manso e retraído, e o seu comportamento modesto.

Fiquei favoravelmente impressionado ao observar as suas feições, notei a sua ação, avaliei a sua mentalidade, observei criticamente cada movimento, maneirismo e expressão, prestei atenção a cada uma das palavras que saíam dos seus lábios; e não tive razão para duvidar da sinceridade da mulher. Por outro lado, eu estava em busca de conhecimento e fiz uma grande quantidade de perguntas, às quais ela respondeu sem reservas. Pela cortesia que assim me foi estendida, e pela informação que me foi dada, desejo fazer um agradecimento grato (embora ela tenha atravessado os chamados portais da morte desde que este registo foi feito). Desejo ainda deixar aqui registado que, ao contrário das minhas expetativas nas minhas entrevistas com esta médium, não fui de todo questionado por ela. Ela afirmava que quando o círculo se formava com as forças positivas e negativas equalizadas, e a harmonia prevalecia, e as vibrações eram as corretas conforme induzidas por música instrumental ou canto, ela entraria em transe ou seria controlada, e ficaria inconsciente do que transpirava tanto no gabinete como no círculo; e que usualmente a condição de transe prevalecia durante toda a sessão.

Ela concedeu-me um privilégio semelhante ao concedido pela médium Keeler em Washington, nomeadamente o de entrar no gabinete durante a sessão. Utilizei este privilégio em duas ocasiões distintas, a uma das quais farei referência detalhada mais

adiante; e em ambas as ocasiões a médium preservou o seu estado de transe e permaneceu imóvel na sua cadeira de madeira.

INVESTIGAR O GABINETE E A SALA DE SESSÕES

Na noite do dia da entrevista supracitada, assisti a uma sessão que se realizou na sala de estar das traseiras da residência dos MacRoberts. Devido a deturpações feitas numa parte da imprensa pública, e por conta de deliberada deturpação pessoal de factos por oponentes intolerantes, injustos e preconceituosos da filosofia espiritual, eu estava determinado a libertar-me o máximo possível de todo o viés e a abordar o meu trabalho de investigação com uma mente aberta. Tomei a precaução de anotar detalhes e, por conseguinte, sou capaz de dar aqui um relato fiel e consciencioso da mesma, como convém ao caráter de um pesquisador imparcial da verdade.

As salas de estar da frente e de trás estavam separadas, parcialmente por portas de correr e parcialmente por cortinas pesadas suspensas num varão. Na sala da frente, virada para a rua, as luzes estavam acesas e os raios eram projetados para a sala de trás a sul, até serem excluídos pelo fechar dessas cortinas. Uma dúzia de homens e mulheres e três meninas estavam sentados ao redor da sala numa formação de semicírculo ou disposição de cadeiras em forma de ferradura, voltados para o gabinete formado na janela de sacada no lado leste da sala sul. Pedi e foi-me concedido o favor de ocupar o segundo lugar a partir do gabinete, no lado sul do círculo. Por estar tão perto da abertura das cortinas do gabinete, tive durante a sessão toda a vantagem e vi estas manifestações de frente, de lado e de trás, de muito perto — tão perto que fui capaz de discernir a cor do cabelo e dos olhos, ver a textura das vestes usadas ou dos panejamentos lançados sobre as formas.

O recuo da janela de sacada a partir da parede leste da sala sul tinha uma abertura de 9 pés de comprimento, em linha com a parede, e uma largura ou profundidade de cerca de 30 polegadas ao centro, com a base da janela a 15 ou 18 polegadas do chão. A vista da janela era de um relvado aberto, além do qual havia uma vedação baixa, e além da vedação uma passagem e uma residência adjacente. Na face interna da janela foi esticado um tecido espesso de cor escura, para cobrir o vidro até certa altura e assim excluir a luz do exterior. A janela estava firmemente trancada ao parapeito.

O chão estava, como o resto da sala, coberto com carpete pregada e contínua com a que cobria a sala. No lado norte deste recuo do gabinete (ou espaço da janela de sacada) foi colocada uma cadeira comum e um escabelo. À frente do recuo, e à altura de 7 ou 8 pés, havia um varão suspendendo cortinas pesadas, que se encontravam sensivelmente ao meio. Uma única luz ardia no lado oeste da sala, oposta ao recuo do gabinete, luz essa que era suavemente atenuada por um para-sol chinês ou japonês de cor vermelha clara, colocado à sua frente. Esta luz era regulada durante a sessão por um cordão que passava dela até ao recuo do gabinete, o qual, conforme ali alegado, era gerido por um espírito trabalhador do Gabinete, e por vezes aumentada ou diminuída conforme desejado por ou para as diferentes manifestações, assim se afirmava.

Quando tudo estava pronto, estas cortinas foram examinadas e depois lançadas sobre o varão, enquanto todos os presentes tiveram a oportunidade de escrutinar este gabinete improvisado, o que, como o leitor concluirá pelo exposto, eu fiz detalhadamente, durante o tempo anterior à hora marcada para a sessão.

Já afirmei que as sessões se realizavam na sala de trás de uma residência privada; e, tendo descrito o gabinete que a médium ocupava no lado leste desta sala, descreverei agora a disposição dos assistentes para a sessão. As cadeiras para os assistentes foram colocadas em forma de ferradura, de modo que a curvatura da mesma ficasse sob a luz e um pouco a leste da parede no lado ocidental; enquanto a extremidade aberta da ferradura correspondia exatamente ao gabinete aberto, tanto na ponta norte como na sul deste último. O gabinete era fechado pelas duas cortinas suspensas do varão, de tal forma que ficavam niveladas com a parede leste da sala de trás, ou sala de sessões improvisada, e encontravam-se no centro do varão. Enquanto estas cortinas suspensas formavam o limite ocidental do Gabinete, também formavam o fecho da extremidade aberta do círculo em ferradura. As cadeiras dos assistentes das pontas foram colocadas de modo que, se as cortinas fossem levantadas, o lado do gabinete seria contínuo com os lados do círculo em ferradura, sem espaço para passar pelas cadeiras da ponta, exceto entre elas, onde as cortinas pendiam, num espaço de não mais de 6 pés.

Antes de a sessão se realizar, como já dei a entender, fiz um exame minucioso e cuidadoso de cada pé quadrado de superfície, não só de toda a carpete e paredes da sala de trás, incluindo o teto, bem como de toda a madeira, mas incluí também o gabinete improvisado no espaço da janela de sacada; e vi que pregos fortes (que eu próprio bati) seguravam as janelas de batente pesado, e que cada uma das grandes vidraças estava fixa na posição por massa de vidraceiro seca e endurecida, enquanto participei na cobertura do vidro com material opaco escuro e pesado, para excluir a luz do lado de fora e criar um fundo escuro.

Após ser minuciosamente cuidadoso no meu exame, pareceu-me não haver absolutamente nenhuma possível porta de alçapão ou abertura, ou outro meio de acesso ao gabinete para uma criança muito pequena, quanto mais para um adulto ou jovem, a partir de qualquer ponto a leste das cortinas suspensas que formavam o bordo ocidental ou frente do gabinete — nem através da janela, paredes, chão ou teto; e como tive permissão para entrar no gabinete quando desejasse, tive oportunidade de me satisfazer, tanto durante como antes e depois da sessão, de que nenhuma abertura fora criada.

O único acesso evidente ao gabinete era entre as cadeiras terminais do círculo em ferradura e através da separação das duas cortinas. Durante toda a sessão, a lâmpada continuou a arder na parede ocidental da sala, pelo que em todos os momentos havia luz suficiente para qualquer um dos assistentes identificar do seu lugar qualquer homem ou mulher no círculo; e, se conhecidos, podiam distinguir um amigo de outro. Com esta condição de raios de luz suaves, pareceria absolutamente impossível que um cúmplice homem, mulher ou criança passasse da sala para o gabinete sem ser visto por todos no círculo, e distintamente visto por aqueles sentados perto do gabinete, posição que eu ocupava. Dou isto como evidência dos meus sentidos, e estarei preparado para fazer

uma declaração de que, de acordo com o meu melhor conhecimento e crença, após uma investigação minuciosa e cuidadosa, não existiam nem alçapões nem qualquer outra abertura através da qual pudesse ser feita a entrada por cúmplices; de facto, o gabinete não poderia conter de uma só vez metade das formas, fossem elas o que fossem, que saíram dele, mesmo que estivessem comprimidas como arenques.

Além disso, houve muitas formas que se materializaram, ao que tudo indicava, dentro do círculo, as quais nem entraram nem saíram do gabinete, tanto quanto os assistentes puderam julgar. Todas as cadeiras no círculo em ferradura estavam lado a lado e encostadas, e ocupadas por assistentes, de modo que nenhuma pessoa poderia normalmente passar entre quaisquer dois assistentes no círculo, e as portas que conduziam às salas da frente e de trás estavam trancadas.

Ninguém estava de pé e ninguém foi autorizado a entrar na sala após o início da sessão e, se alguém tivesse entrado, os assistentes no círculo tê-lo-iam sabido; mas se uma pessoa tivesse entrado pela porta, ela estaria ainda no lado de fora do círculo em ferradura, e sinto que deixei claro que ninguém poderia entrar no gabinete exceto pelo lado de dentro do círculo em ferradura de assistentes; nem ninguém poderia chegar ao interior desse círculo passando entre assistentes, uma vez que estavam sentados bem juntos, lado a lado; e se pudessem ter vindo por cima das cabeças dos assistentes, ou por baixo das cadeiras sem serem vistos e notados por estes, não teria sido isso tão fenomenal como os casos que irei narrar?

O condutor ou gestor da sessão era um homem de tamanho algo acima da média, e agia muito na capacidade de um arrumador de igreja, com a diferença de que convocava assistentes individuais para se levantarem e encontrarem as formas que expressavam o desejo de os encontrar, e para fazer anúncios dos nomes das formas espirituais e nomes dos assistentes pretendidos.

CAPÍTULO IV

Passo agora ao registo de alguns dos fenómenos mais interessantes testemunhados nas sessões de Moss, às quais tive o privilégio de assistir, e irei numerá-los consecutivamente, por conveniência em exames ou análises subsequentes. Alguém disse que "aqueles que negam a existência de fenómenos ocultos são simplesmente ignorantes, pois foi cientificamente provado repetidas vezes que eles ocorrem". Basta ler os escritos de Sir William Crookes, de Inglaterra, bem como de outros homens científicos, para ficar convencido da verdade da afirmação anterior. A seleção e manutenção de uma hipótese para explicar os fenómenos darão lugar a uma maior diferença de opiniões.

Para aqueles que assistiram a estas sessões comigo como investigadores, bem como no meu próprio caso, não existia qualquer dúvida, após a primeira sessão, quanto à apresentação de fenómenos, por muito que estivéssemos perdidos quanto à forma de

os explicar. Embora tenha passado o meridiano da minha vida física, sinto-me à vontade para confessar que ainda não atingi o conhecimento intuitivo ou qualquer outro tipo de conhecimento que justifique a minha negação da possibilidade de fenómenos ocultos. De facto, não estou preparado para negar a possibilidade de nada que não possa refutar.

O leitor, ao percorreres a narração dos factos aqui registados, terás a tua própria teoria ou hipótese para explicar os fenómenos em casos individuais. Qualquer que seja a hipótese adotada, pareceria que deve ser uma que, sendo impermeável aos dardos da crítica, explique a existência de alguma lei natural não totalmente compreendida, embora possivelmente conjeturada. Os fenómenos continuam a apresentar-se aqui e ali, e mentes inquiridoras inteligentes continuarão a desejar resolver o problema que os explique e ponha a nu a verdade.

Depois de todos os que assim o desejaram terem examinado a janela, o teto, o chão, as paredes e as cortinas que constituíam o gabinete improvisado sem conteúdo — exceto uma cadeira de madeira simples para a médium — assumiram a posição no círculo em ferradura, conforme já explicado detalhadamente. A médium, que vestia um vestido escuro simples, sem nada supérfluo no exterior, levantou-se então de um lugar no círculo, adjacente ao espaço do gabinete, onde estivera constantemente sob o escrutínio atento de cada assistente desde a primeira oportunidade que lhes deu, até entrar no gabinete que descrevi detalhadamente e ocupar o seu lugar na cadeira de madeira simples, na extremidade norte do espaço do gabinete. Estando todos sentados, o condutor fechou as cortinas e ocupou o seu lugar no círculo. Os presentes juntaram-se então cantando hinos familiares e, pouco depois, as manifestações começaram. Não é meu propósito referir-me a todas as manifestações, mas apenas àquelas que causaram uma marca profunda na minha mente.

Algumas formas aparentemente humanas apareceram, uma de cada vez, na abertura das cortinas, e foram prontamente reconhecidas por um ou outro dos assistentes como pretendendo ser de parentes próximos ou amigos; e entabulavam conversação, em alguns casos num sussurro, noutros de forma audível para todos os presentes. Algumas destas avançavam, quer sozinhas, quer pela mão de alguém do círculo, pela sala fora e até aos assistentes individuais, eu próprio entre eles.

(1) Num caso, o que parecia ser uma rapariga jovem e viva, que saiu do gabinete, chamou uma das meninas assistentes do círculo e, colocando-se junto de onde eu estava sentado, pediu-me que examinasse o cabelo e o rosto da menina, o que eu fiz. A primeira (a rapariga vinda do gabinete) pediu-me então que tomasse a sua própria mão na minha, o que eu igualmente fiz, após o que colocou a minha mão sobre a sua cabeça e pediu-me que examinasse o cabelo, o qual verifiquei ser longo, preto, de fibra grossa e em quantidade abundante. Esta aparição, forma materializada ou rapariga humana real, fosse o que fosse, afirmava ser o espírito de uma rapariga índia.

De seguida, permitiu-me que sentisse os seus pés, que estavam calçados com um par de mocassins; e enquanto eu observava a sua estatura, feições, olhos e boca, ela conversava agradavelmente; e deu a todos os presentes uma prova da sua agilidade,

correndo e saltando pelo chão, terminando por me perguntar se eu achava que a médium grande poderia transformar-se numa pequena rapariga índia, com mãos e pés pequenos como aqueles que eu sentia. Tive de admitir a minha descrença na possibilidade de a médium grande e pesada diminuir o seu tamanho e peso daquela maneira, ou em tal grau. Esta forma desapareceu pelo gabinete.

(2) Outra manifestação ou aparição foi a de uma menina vestida de branco, na abertura das cortinas, que queria saber se os assistentes pensavam que ela era a médium, quando quase imediatamente a médium apareceu ao seu lado, tendo a mesma aparência que tinha ao entrar no gabinete pela primeira vez, e as duas ficaram lado a lado diante das cortinas, estando a médium aparentemente num estado de transe. Esta menina de branco retirou-se para o gabinete, tal como a médium. Fomos informados de que a médium afirmava que esta era Lily, uma do seu bando de espíritos que ajudava a construir as chamadas formas materializadas. Esta mesma pequena Lily, o espírito do gabinete, bonita como uma boneca de Natal, disse-me na presença e audição de todos os assistentes naquela sessão: "Dr. King, quando a Sra. Moss passar para o lado espiritual da vida, então eu irei juntar-me ao seu bando". O Capítulo XXXIII, de 24 de dezembro de 1912, contém o registo do cumprimento da promessa, após dezoito anos.

(3) Outra manifestação de interesse peculiar foi o aparecimento de uma forma que foi reconhecida pelos assistentes como uma duplicação perfeita, em físico e modo de falar, de um cidadão bem conhecido, que passara para fora do corpo após ter sido durante algum tempo editor de um jornal de agricultores publicado na mesma cidade de London, Ontário. Fui convidado a aproximar-me do gabinete, mas não reconheci a forma ou as feições, pois nunca vira ou conhecera o dito editor na vida física; e, consequentemente, não reconheceria esta representação materializada dele; mas ele reivindicou irmandade e designou o meu estatuto na irmandade. Eu não me tinha dado a conhecer fraternalmente a ninguém presente, nem possuía insígnias ou símbolos, ou qualquer coisa comigo que indicasse ser eu um homem de fraternidade ou irmão. Em resposta ao seu convite, entrei com ele no gabinete e, para meu espanto, ele provou certamente ser um irmão.

Posso acrescentar que, enquanto este teste e prova decorriam no gabinete com as cortinas fechadas, eu conseguia ver a médium sentada na cadeira, de olhos fechados e aparentemente num profundo estado de transe, como era a sua condição habitual durante uma sessão. A forma, que provou ser um irmão, estava rodeada por um certo grau de iluminação, que tornava o gabinete bem como a forma da médium distintamente visíveis para mim. Vindo novamente para fora do gabinete comigo, o aperto desta forma era forte, substancial e real, contudo pareceu derreter-se enquanto eu ainda o segurava e, após dar os primeiros três passos irregulares a partir do gabinete, dissolveu-se gradualmente da vista como fumo ou vapor branco ou acinzentado, entrando na carpete naquele ponto.

(4) Outra manifestação, alegadamente de um ministro, tendo uma forma corpulenta e facilmente reconhecida, foi afirmada por vários daqueles que o conheceram na forma física como sendo um pregador que outrora pregava na igreja Metodista de

South London. A forma apareceu com a roupa preta, como era costume do ministro na forma física, e dirigiu-se aos presentes de uma maneira familiar para aqueles que tinham escutado as suas declarações no púlpito; mas acrescentou que, se soubesse o que agora sabia, teria sido capaz de ensinar e pregar com um conhecimento muito mais claro da verdade. Tive o privilégio de tomar a mão do fantasma e olhar bem para o seu semblante, e testemunhar o movimento dos seus lábios e dos seus olhos, e ouvir os movimentos da respiração na sua fala. Desapareceu pelo gabinete de onde viera.

(5) Outra das muitas manifestações nesta sessão foi a de uma alegada atriz, convenientemente trajada com vestes de cor branco-creme, que afirmava ter passado para fora da forma física em Brooklyn uma hora após completar a sua parte num ato ou peça no teatro. A sua estatura era mais alta do que a da médium e muito mais magra. A sua voz era forte e doce. Dirigiu-se aos presentes durante vários minutos, exortando-os a uma vida adequada e a boas ações pela humanidade. Após concluir o seu discurso, favoreceu a companhia cantando de forma magnífica uma canção que teria exigido grande capacidade natural e muita cultura para uma interpretação tão fina por parte de um cantor humano. Se a janela estivesse aberta, o canto poderia ter sido ouvido facilmente a um quarteirão de distância. Também me foi permitido aproximar-me desta manifestação e apertar-lhe a mão, e vi as suas feições muito distintamente. Esta forma desapareceu no gabinete de onde fizera a sua primeira aparição.

(6) Durante uma parte da sessão, quando tudo estava calmo, a sala até então mal iluminada tornou-se subitamente mais escura. Quase imediatamente depois, dentro do círculo dos assistentes e a cerca de um metro da minha cadeira, notei uma luz sobre a carpete, de aparência fosforescente, sensivelmente do tamanho de uma moeda de 25 cêntimos ou de um xelim inglês, que depressa se tornou mais extensa e aparentemente subiu como um vapor do qual evoluíram luzes brancas e roxas em forma de chamas encaracoladas, até que subitamente assumiu forma tangível e desenvolveu o que todos os assistentes concordaram ser, sem dúvida, uma bela jovem, vestida com panejamentos de branco-creme, ostentando suportada ou suspensa acima da sua cabeça uma bola de luz roxa, a qual, no entanto, parecia fisicamente separada de qualquer ligação com a cabeça; e que iluminava toda a sala, e simultaneamente o ar ficou impregnado com o odor de um perfume muito delicado e agradável, não se assemelhando a nada que eu alguma vez tivesse inalado. Por todos os panejamentos e coberturas desta aparição havia pequenas lantejoulas em forma de estrela, como se fossem luzes estelares elétricas brilhantes.

Esta manifestação diferia em aparência das anteriores, uma vez que estas possuíam um corpo físico e vestes substanciais, sólidos e realistas, como aqueles que estamos habituados a observar na nossa experiência quotidiana; enquanto esta materialização feminina, perfeita na sua forma física, parecia trajada com vestes e panejamentos muito invulgares, mas em si mesmos belos e bem adaptados na sua aplicação, conferindo um aspeto angélico a toda a figura. Ela tomou a minha mão como que numa saudação, segurando-a firmemente como que para apoio, por talvez meio minuto, e aparentemente até estar totalmente materializada, e explicou que tinha o poder

de apropriar-se de matéria da médium, e da minha própria composição e da de outros assistentes, para formar um corpo para ocupar; e, com o auxílio de outros espíritos, formara igualmente as vestes e os panejamentos usados, criados pelo pensamento a partir de partículas de matéria nas texturas da sala, e também a partir do ar.

A mão parecia natural à vista, e o toque ou aperto revelava sensibilidade, solidez e movimento. A sua permanência foi breve, e a sua partida deu-se como se se tivesse dissolvido em névoa ou fumo branco, sendo puxada para baixo e absorvida pela carpete. Esta forma particular, materialização ou aparição, não entrou nem se aproximou do gabinete. Alguns dos assistentes mais experientes explicaram que esta forma era a de um espírito avançado, e que há muito passara para a vida espiritual; mas não houve ninguém que afirmasse tê-la visto antes; nem ela deu qualquer indicação nesta sessão quanto à sua personalidade humana ou ao seu lar angélico. (Esta era Egyptia, a minha alegada guia espiritual, como vim a saber posteriormente através dela.)

Posso aqui observar que apertei as mãos e conversei com a maioria das formas que apareceram nesta sessão, escutei as mensagens transmitidas a amigos individuais na sala, ou as exortações e conselhos mais gerais relativos aos reais objetivos e propósitos da vida. Tudo isto era para mim estranho e inexplicável segundo as linhas de investigação comuns ou naturais, como tentarei demonstrar ao discutir as várias hipóteses. Estando familiarizado com a existência dos fenómenos do hipnotismo, que durante vários anos fui capaz de induzir e utilizar para fins fisiológicos, terapêuticos e psíquicos, procurei naturalmente certificar-me de que isto não era suficiente para explicar todos os fenómenos ouvidos e testemunhados por todos da mesma forma. As manifestações pessoalmente mais interessantes, às quais pude aplicar testes críticos por serem mais conclusivas e de caráter mais probatório — pelo menos para mim — aludirei em detalhe.

FENÓMENOS DE CARÁTER PROBATÓRIO PARA MIM

(7) O evento nesta sessão e numa subsequente, do mais profundo interesse pessoal para mim, por oferecer não só mais apoio, mas, no meu julgamento, o mais forte apoio probatório da hipótese espiritual, em contraste com qualquer outra hipótese que tenha considerado ou que possa ser oferecida, irei agora descrever. Disse que este caso despertou o meu mais profundo interesse; mas posso acrescentar que os testes mais conclusivamente convincentes possíveis foram apresentados ao meu julgamento, como mostrarei presentemente. Entre as formas a aparecer na abertura das cortinas do gabinete improvisado, estava a de uma senhora aparentemente idosa, acima da altura, compleição e peso médios, ligeiramente inclinada para a frente, cujo cabelo era branco prateado, cujo rosto estava voltado para mim, a quem ela parecia acenar, mas em nenhum detalhe se assemelhando à médium.

Vários observaram-me: "É solicitado, Doutor", e eu levantei-me e avancei para perto da forma, ficando o meu rosto a poucos centímetros do rosto apresentado, que aparecia iluminado tão clara e distintamente que eu conseguia ver fios de cabelo individuais pendendo sobre a têmpora. Contemplei a forma e as feições, a perfeita

semelhança física e a fisionomia da minha própria mãe, que passara para fora da vida física, em resultado de um acidente na minha própria casa e na dela, cerca de nove anos antes. Tão natural, tão humana e realista era a aparição que formava uma duplicata perfeita da minha mãe — uma visão tão perfeita como o seu reflexo num espelho em vida, enquanto possuía tangibilidade, solidez, peso, movia os olhos como se olhasse nos meus, agarrou a minha mão tão realmente como alguma vez fora agarrada, e usou a boca para falar e ouvi-a respirar. Fiquei alguns momentos a testar-me, para saber se estava acordado ou a sonhar, ou num estado hipnotizado. Até este ponto, embora tivesse reconhecido o que afirmei, nada dissera. Falei então em voz alta na presença de todos os presentes e disse: "Quem é?". A forma deu então um passo em frente a partir do gabinete e, de uma maneira similar, característica e afetuosa à da minha mãe quando em minha casa, disse, de modo a que todos os presentes pudessem ouvir o que dizia: "Meu querido filho, reconheces-me?". Respondi perguntando: "É aquela em quem estou a pensar?". A aparição diante de mim disse: "Sim, ainda estou viva, e agrada-me ver-te aqui, e trago-te provas da minha existência". A forma deu-me palmadinhas na bochecha, beijou-me e disse: "O teu Pai está aqui comigo. Ele veio para junto de mim muito recentemente, vindo de fora do corpo, e estava extremamente fraco".

A forma explicou então que ele, o pai, ainda não era capaz de reunir as forças necessárias para se manifestar, mas que o faria noutra sessão, se eu permanecesse. Tudo isto foi ouvido pelos outros presentes, pois todos assentiram quando questionados se tinham ouvido distintamente. Eu, neste ponto, expliquei aos assistentes nesta sessão que a minha mãe passara do físico entre oito e nove anos antes, enquanto o meu pai apenas passara cerca de dois meses antes desta ocasião; e como eu era um estranho para todos eles, bem como para a médium, com a única exceção do cavalheiro em cuja casa nos reuníamos — o Sr. MacRoberts (e eu apenas me encontrara com ele duas vezes antes, a muitos quilómetros da minha casa) — todos ignoravam as datas de falecimento da minha mãe e do meu pai, e quaisquer outros dados que lhes dissessem respeito. A manifestação materializada que afirmava ser a da minha mãe também falou comigo num sussurro, e as palavras foram aquelas peculiarmente características da minha mãe, e tais que nenhum outro ser humano poderia imitar ou conhecer e utilizar.

Ela tomou a minha mão, deu um passo para o círculo, e foi vista e ouvida por todos os presentes, e interpelada por vários. Como um ou dois entre os muitos testes probatórios de identidade física pessoal, ou duplicata da mesma, apresento o seguinte. A minha mãe tivera durante muitos anos evidência de artrite reumatoide nas duas filas inferiores das articulações dos dedos de ambas as mãos, sendo estas, como ela costumava chamar, "articulações de casca de noz", e o seu hábito era, quando não estava a usar as mãos especialmente — ou quando recebia visitas ou saía — usar luvas de seda fina ou mitenes sobre elas, um tamanho ou dois acima do que seria necessário noutras circunstâncias, por causa das grandes articulações, para evitar que fossem notadas por outros. A minha mãe também costumava usar sobre os ombros um xaile ou lenço de tamanho e padrão à antiga, para evitar calafrios causados pelas correntes de ar, afirmava ela. Nesta ocasião, duplicatas exatas das luvas de seda e do xaile à antiga eram usados por esta manifestação, aparentemente tão reais como alguma vez os vira e, mais

ainda, e de forma ainda mais conclusivamente convincente, eu e outros procurámos as articulações dos dedos em "casca de noz" e, com efeito, a evidência foi convincente, testada pela visão e pelo toque de mais de metade dos assistentes presentes.

Uma inspeção corroborativa demonstrou igualmente a existência no olho de uma mancha castanha no branco do globo do olho esquerdo; e um tufo ou madeixa de cabelo prateado pendendo sobre a têmpora esquerda até à orelha esquerda, a partir da parte superior da testa da aparição que se manifestava, a qual estava diante de nós e falava connosco. Ambas estas últimas características eram distintamente notáveis, e tinham sido examinadas e comentadas em vida da minha mãe por aqueles que a conheciam, e para mim eram, neste caso, uma duplicata ou reflexo perfeito na aparição animada que estou agora a descrever. O espaço proíbe-me de falar em mais detalhes. Quando a manifestação estava prestes a partir, deu-me um beijo de despedida e disse "Adeus" de uma maneira precisamente similar à que a minha mãe sempre adotava quando nos despedíamos um do outro durante a sua existência física.

CAPÍTULO V

A sessão seguinte desta série realizou-se algumas noites mais tarde, na mesma sala da primeira; e sob uma disposição similar à anterior. Estavam presentes vinte e sete pessoas de ambos os sexos e idades variadas, incluindo espiritualistas, céticos e investigadores ocasionais e regulares, pelo que o grupo não era tão harmonioso, nem as condições tão favoráveis como se poderia desejar, nem tão conducentes a bons resultados, embora para mim tenham sido não só interessantes, mas também bastante instrutivas.

Ocupei a mesma posição vantajosa que anteriormente ocupara, com as maiores vantagens possíveis para ver e ouvir, facto que apreciei plenamente, devido à situação insatisfatória que tive, na parte mais remota do círculo, na sessão realizada sob a mediunidade da Sra. Keeler na cidade de Washington, D.C. (a minha sessão inicial), quando não vi nem ouvi nada distintamente, nem nada convincente do ponto de vista probatório para uma pessoa cética em relação a estes fenómenos, como confesso que era na altura, sendo aquela a primeira sessão de materialização a que alguma vez assistira. Menciono isto aqui por causa das expressões que ouvi durante a sessão da Sra. Moss nesta ocasião, por parte de alguns na porção remota do círculo, devido à sua

incapacidade de ver claramente; enquanto outros, na situação mais próxima, conseguiam ver distintamente. A sala, tal como na ocasião anterior, encontrava-se em diferentes graus de obscuridade com as diferentes manifestações.

A única lâmpada parcialmente sombreada foi mantida acesa. A escuridão não era suficiente para me impedir de contar as pessoas no círculo e distinguir as senhoras dos cavalheiros, os homens com patilhas ou barbas daqueles que não as tinham, exceto pouco antes do aparecimento de uma aparição alegada como sendo um espírito avançado, altura em que a luz da lâmpada era muito reduzida. Esta forma de aparição habitualmente fazia o seu aparecimento erguendo-se da carpete ou do chão, dentro da área do círculo; e a uma distância de dois ou três passos da frente do gabinete, e aumentava com a sua própria presença a quantidade de luz na sala.

Nesta e na sessão seguinte, muitas das mesmas e outras aparições similares, eterizações ou manifestações materializadas estiveram presentes, tal como se tinham apresentado em ocasião anterior, enquanto outras novas se anunciaram. Embora não deseje registar todos os fenómenos, uma vez que para o observador casual existe apenas uma diferença de formas (em muitos deles), desejo fazer um registo fidedigno daqueles que me pareceram, como investigador, merecer o meu reconhecimento como tendo caráter probatório e como apresentando, pelo menos para mim, uma genuinidade de existência simultaneamente surpreendente e convincente.

(8) Como se recordará, recebi uma indicação na sessão anterior de que o meu pai provavelmente seria capaz de se manifestar a mim e, consequentemente, eu permanecera; e estava preparado para este evento em particular, e cogitava na minha própria mente que testes poderia aplicar para provar a identidade pessoal. Não tive de esperar muito tempo antes de ver esta manifestação, numa postura sentada; ou como se estivesse a tentar levantar-se de um assento baixo no chão e a acenar-me. Ao aproximar-me da manifestação, as suas mãos foram lentamente levantadas, com as costas para cima, como o meu pai costumava fazer quando alguém procurava ajudá-lo a levantar-se, durante algum tempo antes da sua morte física.

As suas mãos eram roliças e gordas; e quando os dedos eram estendidos havia depressões ou covas opostas aos nós dos dedos, e as suas mãos pareciam macias ao toque. A sua fraqueza devia-se primordialmente aos resultados de uma lesão grave recebida quase um ano e meio antes da sua morte, que, combinada com doença cardíaca na idade avançada de oitenta anos, terminou a sua existência física cerca de dois meses antes da data desta sessão. A aparição que se apresentava neste momento particular, após a sua formação ter sido assumida, era para os meus sentidos físicos uma sólida forma materializada física, tão patente aos sentidos do tato, visão e audição como qualquer homem terrestre humano que alguma vez vi e ouvi falar.

Estendeu as duas mãos e eu apertei-as. Tinham a aparência similar e o toque macio, com todo o movimento trémulo com que eu estava familiarizado na forma física do meu pai. Não apenas isso, mas a respiração acelerada, tão característica da condição do meu pai nas últimas semanas da sua estada na terra, estava presente no caso desta

aparição, e podia ser distintamente ouvida. Como que pelo toque em mim, esta forma ganhou força, por magnetismo ou outra força invisível vinda de mim (como foi alegado por alguns), elevou-se gradualmente até à altura natural de um homem; e o seu semblante iluminou-se tão distintamente como vi o delineamento da forma e feições da minha mãe. O paralelismo das formas, feições e condições deste fantasma material (se posso usar a expressão) e do meu pai eram, para dizer o mínimo, simultaneamente espantosos e perplexos. Perguntei então, na presença e audição de todos os assistentes: "Quem é?". E a resposta veio prontamente, bem como alta e distinta: "Sou o teu pai, Stephen King". Voltei-me para os presentes e disse: "Amigos, ouviram o que ele disse?". E vários responderam: "Sim, ele disse que era o seu pai, Stephen King". Este desenvolvimento oculto deu-me então palmadinhas na bochecha e falou comigo.

Tomei a seguinte nota na altura: "Ainda vivo e sou capaz de te trazer provas da minha existência contínua. Encontrei a tua mãe à minha espera no meu despertar para a vida espiritual, e há lá muitos dos nossos parentes e amigos que partiram antes de nós. Aprendemos que Deus na Sua bondade não nos condenou à destruição, mas deu-nos a oportunidade de trabalharmos pela nossa própria salvação. Quero dizer-te antes de partir que estamos sempre perto de ti e tentamos usar a nossa influência contigo". Esta forma também me deu vocal e audivelmente esta mensagem: "Diz ao Robbie que o Avô ainda vive". (Robbie era o neto favorito do meu pai).

A conversa concluiu-se com alguma informação de natureza pessoal para mim e um "Adeus", e esta forma física realista materializada, assemelhando-se ao meu pai na forma, feições e maneirismos, começou a dissolver-se da minha vista para a carpete perante os olhos de todos; que, tal como eu, ouviram a voz, e aqueles que estavam perto ouviram a própria linguagem falada, como acima registado. Perguntaria ao leitor que hipótese melhor explica os factos relatados no registo anterior? Pode a fraude substituir uma duplicata, morta ou viva, do pai do leitor, em cada detalhe, seja físico, mental ou moral, natural ou artificial, com dotes, conhecimento, hábitos e desejos que comandariam o seu reconhecimento e aceitação pelos seus sentidos, pelo conhecimento da sua vida sobre ele e pelo exercício da sua razão? Deixo que aceite o substituto ou prefira o original. Sou forçado a adotar a evidência como provando o original.

Na referida sessão ocorreram circunstâncias que foram ventiladas na imprensa e no tribunal, nomeadamente, a criação de um distúrbio para interromper a sessão, resultado da admissão na mesma de um ator itinerante, que procurava alguma notoriedade através de uma suposta exposição, que em nenhum sentido foi uma exposição, mas sim um comportamento desprezível de si próprio e de um companheiro, e assim a sessão foi interrompida, e a majestade da lei foi depois administrada por um juiz cujos olhos não estavam vendados, e por isso a justiça pôde ver que os atos na sessão eram nefastos e os causadores de problemas foram protegidos, enquanto o chamado gestor nefasto foi condenado à prisão ou, em alternativa, a pagar uma multa de $100,00 com custas, para ficar livre, com o conselho de abandonar o país.

Este é um exemplo de uma pessoa "que pôde ver e conhecer a verdade e sofrer por causa dela".

CAPÍTULO VI

A terceira e última sessão da série a que tive o privilégio de assistir, sob a mediunidade da Sra. Moss, realizou-se numa casa alugada para o efeito nesta ocasião, pela Sociedade Espiritualista de London (Ont.) ou por alguns dos seus membros. Os membros da Sociedade eram cidadãos bem conhecidos de boa reputação, vários dos quais ainda vivem em London e podem verificar os factos contidos nos registos destas sessões. Creio que, com exceção da médium, do Sr. Randall Sunderland (seu gestor) e de mim próprio, todos os presentes nesta sessão eram membros dessa sociedade; e, consequentemente, como os assistentes eram harmoniosos, tive a garantia de que as condições eram as mais favoráveis para resultados satisfatórios.

Tanto quanto a minha memória me serve, pois não os contei, havia cerca de uma dúzia de assistentes presentes. A parte da casa vazia utilizada consistia em duas divisões, frente e trás, com uma divisão similar à descrita na residência dos MacRoberts, apenas a casa e as suas divisões eram mais pequenas. Havia ausência de tudo em termos de carpetes e mobília, exceto as cadeiras que eram estritamente necessárias para acomodar os assistentes, e que foram levadas para lá para aquela ocasião especial. A divisão de trás foi separada da divisão da frente por cortinas e, desse modo, convertida num gabinete.

A sessão começou imediatamente após a minha chegada e foi, inquestionavelmente, muito melhor do que as anteriores no que toca à clareza das manifestações; mas tive a sorte de contar com novos aspetos e evidências adicionais de identidade pessoal. Fui também especialmente favorecido por ter a oportunidade de ver uma manifestação que tomou a forma de uma mulher que se alegava ser familiar da médium. Ela mostrou-me como as texturas para as vestes espirituais eram tecidas ou feitas, e recebi também uma visita especial do que foi denominado um visitante das esferas superiores, ou um espírito avançado. À parte a repetição de algumas formas vistas em sessões anteriores e de algumas novas, cuja natureza já expliquei, o meu interesse centrou-se naquelas que passo a descrever.

(9) A forma que aparecia fenomenalmente como sendo a própria personalidade da minha mãe na forma física, mas com presença de tangibilidade, voz e movimento, manifestou-se novamente nesta sessão; e, com algumas dúvidas persistentes na minha mente quanto à possibilidade ou probabilidade do seu regresso à terra em forma física, determinei ser mais audaz nos meus pedidos e disse: "Se és a minha mãe, prova-o a mim e aos presentes saindo do gabinete (que era simplesmente a divisão de trás vazia) e fala com cada um dos amigos presentes". O fantasma, materialização, aparição, anjo ou espírito, ou o que quer que fosse, acedeu ao meu pedido, e eu ofereci o meu armo esquerdo para apoio, mas ela tomou imediatamente o meu braço direito (o braço que a minha mãe preferia tomar em vida pela razão de lhe deixar o braço direito livre), e caminhou comigo em redor de todo o círculo de assistentes, apertando a mão ou falando com cada um dos presentes no círculo.

Um senhor idoso, a primeira e única pessoa no círculo além de mim a reconhecer as feições, fê-lo como sendo as de uma antiga amiga que costumava frequentar a mesma igreja que ele, em Toronto, nove ou dez anos antes, observando enquanto conversava com ela: "Ora, Sra. King, eu conhecia-a na Igreja Congregacional de Bond Street, em Toronto, onde assistíamos ao culto juntos sob a orientação do Rev. Dr. Joseph Wyld". "Sim", respondeu ela, "isso foi há anos". Ele comentou o reconhecimento e acrescentou que não sabia até agora que ela era a mãe do Doutor. Depois de me dar algumas informações de caráter pessoalmente interessante e convincentes como teste, disse "adeus", beijou-me e apressou-se a voltar para o gabinete.

Onde estou eu, ou estarei a sonhar? Estarei a perceber que a verdade é realmente mais estranha que a ficção? A sala estava bem iluminada, tão bem que podíamos ler um jornal ou ver as horas no relógio. Pois bem, estes fenómenos são tão estranhos, tão novos, tão naturais; que hipótese adota tu, meu amigo leitor, para os explicar, bem como a precisão da descrição, a verdade da afirmação, a naturalidade da voz, a perfeição da duplicação, da tangibilidade, forma, feições e maneirismos? Eu posso narrar e descrever detalhadamente os fenómenos, mas peço-te simplesmente que os expliques. Serão fenómenos espirituais, tais como os registados na história, na Bíblia e no Testamento; e, se não, o que são eles, e que hipótese se ajustará melhor do que a hipótese espiritual?

(10) Outra manifestação desconhecida para mim, ou pouco familiar, mas cujo nome foi dado, aproximou-se de mim e informou-me de que eu estava a ser preparado para um trabalho especial, e que ela, esta forma angelical feminina (assemelhando-se, pelo menos em certa medida, às imagens de anjos), aproveitaria esta oportunidade para dar informações e mostrar-me algo que eu ainda não tivera o privilégio de ver. Ela ergueu as mãos e os braços para que eu os examinasse, e eles pareciam e sentiam-se como os braços e mãos de mulheres como as que encontramos nas nossas experiências diárias; de facto, ela afirmava ser — ou alguém no círculo afirmou que ela era — em vida terrena a irmã da médium.

Ela, a aparição, disse-me: "Notas que os meus braços estão descobertos e os meus panejamentos são apenas os necessários para cobrir o meu corpo". Explicou então que, pelo conhecimento de combinações químicas desconhecidas no plano terreno, era feita uma seleção de partículas de matéria, com as quais se construíam não só os corpos, mas o vestuário usado sobre os mesmos; e o material espiritual para o fazer não se limitava apenas ao que podia ser visto e reconhecido pelos mortais, mas era também extraído do ar e do ambiente. Ela então, com o meu lenço de linho branco como ponto de partida, começou o seu trabalho.

Coloquei-o sobre as suas mãos estendidas na sala bem iluminada e na presença de todos os assistentes; à distância do braço, ela enrolou-o e dedilhou-o, quando subitamente pareceu desfazer-se em fibras e mudou gradualmente de branco para um tom creme, e de uma textura cerrada para uma rede aberta; e aumentou em volume e massa, até começar a pender quase até ao chão, momento em que ela solicitou a uma senhora presente que segurasse duas pontas com os braços estendidos e caminhasse lentamente para trás até atingir o limite da sala, enquanto a manifestação segurava a

outra extremidade de modo semelhante. O tecido teria então, julgo eu, cerca de 5 pés de largura e 10 ou 12 pés de comprimento. Todos na sala o examinaram e declararam ser um tecido fino e leve, e compararam-no com o usado por quem o produzira. Foi desmaterializado subsequentemente.

Isto é certamente probatório de que a aparição era mais do que uma aparência, e tinha uma existência tangível, com forma, poder e voz. Ela deu-me também informações sobre o que eu ainda seria permitido aprender e testemunhar; e, entre outras coisas, disse que, nos anos vindouros, espíritos materializar-se-iam em palcos públicos à luz do dia, com alguns oradores. Ela, tal como os outros, desmaterializou-se de forma sólida em vapor diante dos nossos olhos, e assim desapareceu.

De tudo o que vira e ouvira nas várias sessões, a manifestação mais impressionante e maravilhosa para mim foi a da forma feminina que apareceu e é descrita como número seis (Egyptia). Esta mesma forma reapareceu uma segunda vez, na última desta série de sessões, surgindo novamente no meio de uma esplêndida evolução de luzes cintilantes, cores e odores. A forma e aparência eram as de uma dama egípcia de linhagem, e o seu nome foi pronunciado por ela própria como Egyptia. As suas feições eram agradáveis e intelectuais, e ela tinha cerca da minha altura, mas de constituição média, e estava trajada com os panejamentos peculiarmente criados.

Estava novamente coberta de estrelas brilhantes cintilando como grandes diamantes ou pequenas luzes elétricas. Colocou as mãos sobre a minha cabeça e disse que estivera comigo como meu espírito guardião desde o momento do meu nascimento, e que voltaria a aparecer e a comunicar comigo no futuro. Como esta foi a sua segunda aparição na série de Moss, tive uma oportunidade favorável, e vi a sua forma e feições distintamente, e conversei com ela. Posso acrescentar que, quando se desmaterializou nesta que foi a sessão final, desapareceu nas cortinas que separavam as duas divisões, como fumo ou vapor branco.

Houve outros aspetos que, tanto para os outros assistentes como para mim, foram muito interessantes, mas o espaço não permite que me refira a eles neste momento. Tudo o que vi, senti e ouvi nesta e nas outras sessões pareceu real; e, no que dizia respeito aos meus sentidos objetivos, teve existência palpável. As conversas decorriam na sala, entre os assistentes, uns com os outros, tal como em qualquer sala de estar com um número idêntico de pessoas, e também entre os assistentes e os seus visitantes transitórios; e durante o tempo desta seleta receção (*Levee*), não houve evidência percetível da presença ou existência de influência hipnótica, sonambulismo, insanidade ou fraude.

UMA SESSÃO OCULTA ESPECIAL

Além da referida série de sessões de materialização, estive também presente numa sessão especial para um número restrito, que provou ser uma de não poucas maravilhas ocultas, que indicarei brevemente.

Um tecido preto de fibra cerrada, com cerca de três pés de altura, quando esticado como divisória, atravessava o centro de uma sala bem iluminada. De um lado estavam oito ou dez senhoras e cavalheiros. Do outro lado foi colocada uma máquina de escrever de modelo bem conhecido, sem mais nada visível. Pouco depois, todos vimos mãos e pulsos atravessando o tecido em direção aos presentes, como que para os cumprimentar; e, quando agarradas, pareciam mãos humanas; e, quando retiradas, não se encontrava qualquer abertura na fibra. Depois, artigos de tamanho pequeno, tais como luvas e lenços, eram lançados pelos assistentes por cima do topo e imediatamente devolvidos através do tecido para o lado de onde tinham sido atirados. Parecia não importar se eram macios ou duros, pois uma bolsa, uma faca ou um anel vinham com a mesma facilidade que o pequeno lenço de uma senhora ou uma luva de pelica.

Em breve a máquina de escrever, que estava em plena vista, começou a operar por um poder invisível, usando as mãos e pulsos anteriormente mencionados. Todos receberam mensagens dactilografadas, logo que completadas e deixadas cair por cima do topo do tecido para cada um dos vários assistentes. A seguinte mensagem foi impressa na máquina de escrever, na minha presença, numa sala bem iluminada, por duas mãos não ligadas a braços ou corpo visíveis, numa fração do tempo em que poderia ser feita por um operador comum, e sem ninguém a menos de dois passos de distância.

A MENSAGEM PARA O ESCRITOR

"Meu Querido John:"

"Não é encantador ser-nos permitido mais uma vez visitar-nos um ao outro na vida material, e trazer-te tal gloriosa prova da vida além, aquela vida que tu sempre tiveste uma convicção tão forte que deveria existir, e que no entanto não conseguias explicar inteiramente? Oh, como posso encontrar palavras para explicar a alegria que inundou a minha alma quando, no meu despertar na vida espiritual, encontrei a tua querida mãe, a minha própria e querida companheira, à espera para me dar as boas-vindas a casa; e gradualmente, à sua maneira amorosa, me fez perceber que, embora morto, eu estava ainda vivo; e que o Infinito tinha de facto planeado todas as coisas bem, e que em vez de sermos condenados pelas nossas más ações, Ele, no Seu grande amor, tinha providenciado um caminho pelo qual poderíamos trabalhar pela nossa própria redenção. Como sabes, não há ninguém perfeito, não, nem um só; todos nós, por muito que tentemos, com certeza cometemos erros, pois 'o homem é propenso ao mal' foi sempre considerado um ditado verdadeiro."

"Meu filho, conforme chego a uma conceção mais clara da verdade, posso perceber mais plenamente quão grande necessidade existe de passarmos por todas as condições que o plano terreno pode fornecer; e aprendi até a abençoar os corações e mãos que por vezes me fizeram sofrer no mortal, tanto em agonia mental como espiritual, pois descubro que é realmente para o nosso bem. Que Deus e os seus anjos ministrantes te abençoem a ti e aos teus."

"PAI."

(O meu pai oficiou como Ministro Presbiteriano em Pelham, Condado de Lincoln; e em Barton, Condado de Wentworth, em Ontário, quando eu era criança, e deixou a vida terrena aos 80 anos. — J. S. K.)

CAPÍTULO VII

Há quem, nunca tendo visto ou experienciado fenómenos psíquicos, se livre deles sumariamente, afirmando que tais fenómenos não se apresentam; ou, se admitem o seu aparecimento, explicam-nos designando-os como uma alucinação da mente; ou visão sob influência hipnótica, ou enquanto em estado sonambúlico; ou possivelmente a operação do eu subconsciente, ou talvez um truque de prestidigitação ou fraude. E há alguns que afirmam: "É obra do Diabo".

Embora eu esteja preparado para admitir que as alucinações, em alguns casos, se devem a uma mente perturbada, seria no entanto presunçoso afirmar que um dado número de pessoas constituindo um círculo deva, por necessidade, ter todo ele a mente perturbada, porque todos concordam no reconhecimento de precisamente os mesmos fenómenos; e esta afirmação é reduzida ao absurdo para explicar centenas de milhares de pessoas em todas as partes do mundo, individualmente e em grupos de cinco, dez, vinte, trinta ou mais, em cada instância vendo, ouvindo e sentindo simultaneamente em uníssono, e corroborando uns o relato dos outros sobre o que se apresentou ao seu reconhecimento.

Como hipótese, pode a hipnose, sem sugestão audível, afetar silenciosa e simultaneamente cada uma e todas as pessoas na sala de sessões exatamente da mesma forma, de modo que todos ouçam as frases sugeridas saindo dos lábios das formas hipnoticamente materializadas que os assistentes, na sua própria condição hipnotizada, estão a observar? Irá tal hipótese sustentar-se o tempo suficiente para que uma pessoa lhe dedique um segundo pensamento ou um pensamento sério?

Como hipótese, pode o eu subconsciente ou subjetivo, o ego, ou o interior do Astral, como designado por alguns, exteriorizar-se e depois exercer uma faculdade construtiva, ou poder suficientemente perfeito para operar através da sua criação, e tornar os resultados visíveis à vista e audíveis à audição de todos da mesma forma; e exercer vontade ou razão, e intercâmbio de conhecimento? Do mesmo modo poderia alguém argumentar que o preto é branco, como esperar um convertido a essa crença.

Chegámos agora a outra hipótese da lista do cético, a saber: fraude e rabulice ou prestidigitação. Aqui começamos com uma desvantagem muito grande, pois devemos

admitir que ela, tanto no passado como no presente, desempenhou e promete desempenhar no futuro um papel muito importante no engano dos chamados "ingénuos". Mas será algo razoável, e pode-se confiar nisso como um facto, que seja sempre e invariavelmente uma imposição de rabulice ou prestidigitação? Negará o leitor, e poderá o cético honestamente negar, como disse Barnum ou Lincoln, que "podes enganar algumas das pessoas todo o tempo; e todas as pessoas algum do tempo; mas não podes enganar todas as pessoas todo o tempo", em parte alguma, nem em lugar algum?

A hipótese do poder Espiritual dar origem aos fenómenos não está na lista do cético; mas ela deve certamente ser examinada, repetidamente testada e bem considerada se se verificar que, após a mais completa, arguta e exigente investigação por investigadores lúcidos, abordando o trabalho de investigação com uma mente aberta e procedendo segundo métodos científicos, as outras hipóteses não conseguem explicar os fenómenos.

Sou compelido a admitir a existência dos fenómenos de materialização e de muitas outras manifestações aparentemente psíquicas. Não posso negar a sua existência se depender dos meus sentidos físicos comuns, e não tenho prova de que qualquer um dos meus sentidos seja pouco fiável. Para mim, portanto, os fenómenos que registei e investiguei são inexplicáveis sob a alegação comum de engano dos sentidos físicos por fraude ou prestidigitação da hipótese do cético. Os presentes comigo nas muitas sessões confirmaram os meus sentidos e experiências. Admitiram-me que viram o que eu vi, ouviram o que eu ouvi, sentiram o que eu senti, inalaram parte do estranho perfume que eu inalei e descrevi. Como deverão então estas ocorrências ser explicadas?

E se não forem explicadas por vias comuns ou evidentes, por que deveria uma pessoa que não as viu ou experienciou afirmar que elas não ocorreram? Tenho grande simpatia pelos que não acreditam em fenómenos espirituais; pois tais incrédulos, sejam cristãos declarados ou fora da membresia da igreja, colocam-se em antagonismo com as contínuas e repetidas narrativas de regresso espiritual e comunhão espiritual, registadas como verdade no livro mais conhecido como a Bíblia Sagrada.

Como investigador entre estranhos, não tive nem tenho razão para cortejar favores ou temer desaprovações de ninguém que estivesse presente; e, após registar os factos, deixo que os meus leitores construam a sua própria hipótese para explicar estes fenómenos e formem as suas próprias conclusões.

O que precede é submetido como o meu testemunho quanto às condições psíquicas e ambiente da médium, antes, durante e depois da primeira e outras sessões. Sinto que posso justamente presumir que, se prestasse depoimento num tribunal criminal, perante juiz e júri num julgamento por homicídio, ou em qualquer outro tribunal, com qualquer outro caso, a minha credibilidade como testemunha dos factos passaria sem contestação, nem se lançaria dúvida sobre mim quanto à fiabilidade dos meus sentidos físicos empregues na compilação dos factos como prova.

Se assim é, a mesma credibilidade e fiabilidade deve valer aqui, nas provas precedentes apresentadas ao leitor. Juntamente comigo estavam outros a observar, que eram assistentes desconfiados. E agora peço ao leitor que note aqui um facto ou dois. Todas as sessões, exceto uma, foram realizadas no lar privado de um dos membros da sociedade local, onde estranhos ou cúmplices não poderiam estar, exceto por convite.

Como verdadeiro investigador, não depositei confiança em ninguém, mas passei uma hora num exame mais crítico da sala de sessões, e considerei bem não só todas as condições, mas idealizei de várias formas precauções, por exemplo, contra cúmplices, alçapões e entradas secretas, janelas móveis e portas destrancadas. Assim, trancámos as várias portas e pregámos as janelas, e sentimo-nos seguros de imposturas ali. E, além disso, esta característica ou fase de mediunidade era para alguns de nós bastante nova e, por conseguinte, estávamos inclinados a ser bastante céticos, e poucos ou nenhuns de nós poderiam ser chamados de crédulos.

Há muitos homens, que existem aqui e ali, e por toda a parte — e já encontrei alguns destes — que estão prontos a ficar em casa e a contar-vos tudo sobre uma sessão sem nunca terem feito uma investigação para obter provas, nem tido uma experiência pessoal, e que ainda assim presumem declarar que tudo é engano e fraude, deleitando-se ao dizê-lo. A tais indivíduos eu digo: "vós sois 'soldados de caserna', estais fora de vista e não conheceis os deveres de um sentinela ou de um batedor; e agora pergunto-vos: tende a bondade de explicar os fenómenos que descrevi e dizei-me verdadeiramente como poderiam ser realizados, não obstante a existência das várias condições que narrei em detalhe; explicai também como é que de quinze a trinta cúmplices diferentes poderiam entrar no gabinete, em primeiro lugar; ou como poderiam lá chegar individualmente mais tarde, se humanos, e sair e afastar-se após fazerem o seu número, como numa peça de teatro, sem deixarem um rasto dos seus pertences atrás de si; e sem que um único assistente, dos dez a vinte presentes nas diferentes sessões (que tinham a inteligência média de qualquer grupo de cidadãos bem informados em qualquer lugar), fosse capaz de discernir como entraram ou saíram do gabinete; ou não ser capaz de distinguir quer os homens, mulheres ou crianças com espíritos encarnados, se é nisso que acreditam que eram, mesmo que não conseguissem compreender bem a diferença entre esses e os que são desencarnados?"

Mas deve ser lembrado que todas as figuras, masculinas e femininas, falaram e caminharam entre nós, e foram bem vistas por nós. Elas partiram, aparentemente uma parte através do gabinete, desaparecendo sem nada deixar para trás no encerramento; a outra parte fê-lo dissolvendo-se lentamente em vapor, diante dos nossos próprios olhos, enquanto descia em direção à carpete, e tornou-se invisível pela dissolução nos seus elementos, o que seria impossível para cúmplices.

Estas são as minhas citações de registos antigos que terminam em dezembro de 1894; e esta é a sua primeira publicação.

FIM DOS REGISTOS ANTIGOS

CAPÍTULO VIII

Uma comunicação transatlântica de minha parte, John S. King, M.D., como Presidente da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica, para W. T. Stead, Editor da "Review of Reviews", Bank Buildings, Kingsway, Londres, W. C., Inglaterra; por favor de uma inteligência que afirma ser Hipátia, conhecida na história do século V como a filha de Téon; e que conquistou para si uma grande e duradoura reputação como filósofa neoplatónica e como a mulher mais sábia do seu tempo; e que encontrou a morte ao ser assassinada em Alexandria, no ano 415 d.C. Ela afirma também ser a guia espiritual do Autor, que pode e irá assisti-lo na demonstração ao mundo da verdade da continuidade da vida, e da do regresso espiritual e comunicação entre espíritos desencarnados e a humanidade, no plano terreno.

Na quarta-feira, 3 de maio de 1911, recebi uma carta escrita pela Sra. Etta Wriedt, "Médium de Trombeta", na segunda-feira, 1 de maio de 1911, na sua casa em Detroit, Michigan. Na carta, ela (Sra. Wriedt) dizia que ia embarcar para Inglaterra para cumprir um compromisso com W. T. Stead no Julia's Bureau, em Londres.

No sábado, 6 de maio de 1911, à tarde, tive uma sessão com a Sra. Ripley, uma médium de transe em Toronto, que foi incorporada por Hipátia, a alegada inteligência espiritual.

A ela (Hipátia) dirigi-me e perguntei se estaria apta e disposta a ajudar-me com um teste que seria probatório da comunhão espiritual entre espíritos desencarnados e a humanidade? A inteligência, respondendo através dos órgãos vocais da Sra. Ripley, disse: "Tentarei fazê-lo e espero ter sucesso".

Fiz então a seguinte proposta, a saber: quero enviar uma carta e uma mensagem a W. T. Stead através de si, falando pela trombeta da Sra. Wriedt, antes que o Sr. Stead abra o meu envelope selado que contém a mensagem escrita assinada por mim como Presidente da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica. Se isto puder ser realizado, será valioso como matéria probatória.

Hipátia disse então: "Estarei consigo enquanto escreve a mensagem".

O que se segue, sob a sua própria data, é uma cópia da carta original contendo a mensagem especificada, que enviei para Inglaterra.

(Cópia)

"TORONTO, 7 de maio de 1911 W. T. STEAD, Caro Senhor:— A Sra. Etta Wriedt, médium de trombeta, de Detroit, Michigan, escreveu-me desse endereço, a 1 de maio de 1911, dizendo que ia embarcar para Inglaterra para participar como psíquica no Julia's Bureau. Recebi a sua carta a 3 de maio de 1911. Não a vejo desde então, nem tive notícias dela direta ou indiretamente, e presumo, portanto, que se encontre agora no Oceano Atlântico.

Conheço-a há muitos anos como psíquica e tive, em várias ocasiões, sessões com ela, com facilidades para detetar atos fraudulentos; e sinto-me à vontade para dizer que,

até ao momento presente, nunca fui capaz de detetar qualquer ato fraudulento da sua parte, nem tive conhecimento de qualquer membro da nossa Sociedade que o tenha feito; pelo contrário, até à data, consideram-na uma psíquica honesta.

O facto de ela ser agora um fator ou instrumento no Julia's Bureau dar-me-á a oportunidade de tentar provar, sob condições de teste, a realidade do intercâmbio espiritual, desde que esteja disposto a ajudar-me, conforme aqui indicado.

Estou sozinho no meu consultório neste momento enquanto escrevo; e nenhum ser humano vivo tem conhecimento da minha intenção; e não dei qualquer sugestão à Sra. Wriedt sobre a minha intenção; e presumo que ela tenha embarcado há alguns dias.

Nesta carta encontrará um envelope selado. Contém uma mensagem de teste para si, escrita por mim esta tarde. Não deve ser aberto até que a inteligência espiritual que afirma ser Hipátia tenha falado através da trombeta da Sra. Wriedt. Solicita-se então que o abra e compare a linguagem da mensagem com a linguagem registada conforme expressa através da trombeta por Hipátia. Se me permitir, sugerirei que forme um círculo de três ou quatro amigos harmoniosos, incluindo-se a si próprio, e sinto a certeza de que ficará grandemente satisfeito com os resultados.

Ficarei grato por ser informado do desfecho do teste, o qual, se realizado como aqui sugeri, espero plenamente que se desenvolva de uma forma mais ou menos satisfatória."

(A mensagem de teste está incluída no envelope selado.)

W. T. STEAD. "TORONTO, 7 de maio de 1911.

'W a a t d o a g a' JOHN S. KING, M.D., Presdt. C. S. P. R."

Conseguirá Hipátia entregar a mensagem?

(NOTA:— W. T. Stead não adotou a minha sugestão de um círculo de três ou quatro amigos harmoniosos e Hipátia não encontrou, portanto, na sessão pública, condições tão favoráveis como as desejadas ou necessárias. J. S. K.)

O teste da mensagem exata é prometido para mais tarde, pelo que não é revelado neste momento.

Tive uma sessão com a médium Ripley no domingo, 4 de junho de 1911, entre as 10 e as 11 da manhã. A médium foi novamente incorporada e mantive conversa com a mesma inteligência, Hipátia, que me pediu para notar este facto:

"A Sra. Wriedt realizará uma sessão de trombeta na noite de quarta-feira, dia 7 do corrente. Não será no Julia's Bureau, nem será uma sessão pública, mas sim na casa privada de uma parte interessada, e W. T. Stead estará lá, tal como um bom número de pessoas." Hipátia assegurou-me que lá estará e que, se lhe for permitido, tentará entregar a minha mensagem através da trombeta.

Tive uma sessão com a médium Ripley no domingo, 11 de junho de 1911, das 10h40 às 11h30. Enquanto a médium estava novamente incorporada, a inteligência Hipátia disse-me que esteve presente na sessão na última quarta-feira à noite, dia 7, como indicado anteriormente, e viu lá W. T. Stead, mas as vibrações da sessão ou do círculo não eram tais que lhe permitissem completar a sua tarefa. Estavam cerca de vinte pessoas presentes.

A minha sessão seguinte com a médium Ripley foi no domingo, 18 de junho de 1911, das 10 às 11 da manhã. Após uma conversa preliminar muito breve, Hipátia disse: "Estás ansiosamente à espera de saber se já consegui entregar a tua mensagem, ou se já fiz notar a minha presença.

Tive apenas um sucesso parcial. Ainda não entreguei a mensagem de teste, embora já tenha encontrado e falado com o Sr. Stead, e lhe tenha dito quem eu era e que vinha a ele a teu pedido. Sim, foi-lhe dito que eras Presidente da Sociedade de Pesquisa Psíquica.

Espero entregar a mensagem tal como a escreveste muito em breve. As condições estão a melhorar e, quando estiverem ideais, terei muito pouca dificuldade em entregá-la corretamente."

Toda a matéria probatória precedente tem estado deste lado do Atlântico, ou nesta extremidade da nova linha. Agora, lembrando as evidências e datas já apresentadas, notemos o que nos chega pelo correio da outra extremidade da linha:

"THE REVIEW OF REVIEWS, EDITADA POR W. T. STEAD, BANK BUILDINGS, KINGSWAY, LONDRES W. C., INGLATERRA, 17 de junho de 1911.

Caro Doutor King: Terá interesse em saber o resultado do teste que gentilmente propôs. Esqueci-me completamente da sua mensagem. Eles (o Bureau) têm estado muito cheios desde que a Sra. Wriedt chegou, e não foi senão depois de termos tido quase três semanas de sessões que, na noite de quarta-feira (dia 14), para minha surpresa, fui saudado através da trombeta por Hipátia, que disse ter uma mensagem sua para me dar, mencionando o seu nome. Eu, nessa altura, ainda não tinha aberto o seu envelope selado e, portanto, não estava ciente de qual era a mensagem que lhe tinha sido confiada.

Envio-lhe em anexo uma cópia de uma nota taquigráfica do que foi efetivamente dito a este respeito nesta sessão. (Ele não tinha cumprido a minha sugestão quanto à presença de três ou quatro amigos incluindo-se a si próprio, o que por mim fora pretendido para ser um círculo especial, enquanto este não o era, J. S. K.). Na altura em que Hipátia veio, eu tinha esquecido completamente o nome dela e a ligação consigo, mas ao consultar a correspondência vinda de si mais tarde, descobri que tudo estava exatamente como fora dito. Isto é muito bom, embora não tenha sido o sucesso total que esperava. Escreveria de novo e diria a Hipátia para dar outra mensagem, enviando-ma num envelope selado? Não direi nada à Sra. Wriedt sobre o assunto.

Agradecendo-lhe a sua gentileza, subscrevo-me, Atentamente, W. T. STEAD.

Anexo, Extrato das atas do Círculo de Julia, 14 de junho de 1911."

"EXTRATO DAS ATAS REGISTADAS EM TAQUIGRAFIA DO CÍRCULO DE JULIA DE 14 DE JUNHO DE 1911."

W. T. STEAD: "Hipátia, esta é a primeira vez que nos visita. Muito obrigado mesmo. Deseja falar comigo em privado — quero dizer, pessoalmente?"

HIPÁTIA: "Venho a si esta noite e tenho uma mensagem para si. Venho a si da parte do meu médium que tão gentilmente quis que tivesse notícias minhas — o Dr. King de Toronto — (para a Sra. Wriedt) e ele escreveu ao Sr. Stead."

SRA. WRIEDT: "Ele é Presidente da Sociedade de Pesquisa Psíquica do Canadá."

HIPÁTIA: Dirigindo-se a W. T. Stead. "E diga-lhe que estou a fazer tudo o que posso para ajudar a esposa dele, e também para o ajudar a ele."

W. T. STEAD: "Foi ele que lhe pediu para vir?"

HIPÁTIA: "Pediu. Diga-lhe que estou tão feliz por ver a querida e velha Julia novamente no seu tabernáculo de comunhão espiritual. Estou muito contente por estar aqui esta noite e desejo sucesso ao seu Sr. King." (Ao Sr. K.) "É um homónimo do meu médium em Toronto. Sinto-me muito feliz por felicitá-lo por ser membro deste Bureau, bem como ao bom cavalheiro (Sr. Peters) que viajará por toda a parte. Desejo-vos todo o sucesso e que Deus vos abençoe." (A W. T. Stead.) "A entrevista que teve esta manhã não será inútil. Será muito interessante no futuro."

W. T. STEAD: "A que entrevista se refere?"

HIPÁTIA: "Sir Wilfrid Laurier! Algo de bom se desenvolverá."

W. T. STEAD: "Foi uma conversa muito agradável."

VOZ: "Que Deus vos abençoe — Boa noite."

W. T. STEAD recebeu rosas.

VOZ: "As condições estão muito agradáveis."

W. T. STEAD: "Vou procurar a carta do Dr. King de Toronto. Ele escreveu-me há algum tempo."

Nota retirada de uma carta ao Dr. King da parte de W. T. Stead: "A conversa sobre Sir Wilfrid Laurier foi muito interessante. Tinha tomado o pequeno-almoço com ele nessa manhã e tinha tido uma conversa muito interessante com ele, e penso que Hipátia tem toda a razão ao esperar que algo de bom se desenvolva."

Em cumprimento do pedido de W. T. Stead, inaugurei uma segunda experiência de teste de Comunicação Espiritista Transatlântica, cujo desfecho será dado a conhecer quando concluído.

SEGUNDA EXPERIÊNCIA

(NOTA: — A segunda comunicação nesta série de John S. King, M.D., Presidente da S. C. para P. P. para W. T. Stead, é uma resposta à carta de Stead.)

"THE ELLIOTT HOUSE. TORONTO, 28 de junho de 1911

Meu caro Sr. Stead: A sua carta e o anexo de 17 de junho chegaram-me na segunda-feira, 26 de junho, às 8 da manhã, na entrega postal. Embora nem tudo o que foi prometido ou tentado tenha sido entregue até à data, houve, no entanto, matéria probatória encorajadora. Pela referência à minha primeira carta, perceberá que fiz uma sugestão relativa a um círculo especial para receber a minha mensagem de teste. Hipátia afirma que esteve presente antes, em mais do que uma ocasião; e disse-me que o senhor esteve presente num círculo grande onde havia maioritariamente homens (uma maioria sendo homens). Ela não conseguiu obter condições que lhe agradassem, nem oportunidade adequada nessa ocasião. Falou-me sobre o assunto no domingo, 18 de junho, e creio ter-lhe enviado uma cópia desse registo há algum tempo.

A referência de Hipátia à sua entrevista com Laurier é, perante as circunstâncias existentes, bastante probatória em qualidade. Mais tarde poderei confirmar, a partir dos meus registos do passado, outras informações, e terei prazer em fazê-lo a seu pedido, no interesse da verdade. Aguardarei com profundo interesse os desenvolvimentos. Atentamente, JOHN S. KING"

(NOTA:— A carta selada e a mensagem foram enviadas com a carta anterior; e não deveriam ser abertas até que Hipátia tivesse comunicado com W. T. Stead através de uma trombeta ou de outra forma. Seguem-se imediatamente a esta nota. J. S. K.)

"A SOCIEDADE CANADIANA DE PESQUISA PSÍQUICA, JOHN S. KING, M.D., Presdt., ELLIOTT HOUSE. TORONTO. Telefone do Consultório M. 235. TORONTO, 17h15, 28 de junho de 1911.

Saudações a quem possa interessar:

Para estabelecer a validade da afirmação de que espíritos desencarnados podem e de facto regressam para conversar com mortais (intercomunhão de espíritos encarnados e desencarnados), estou a fazer um pedido forte e sério a Hipátia — (que afirma ter sido a filha de Téon — de Alexandria, e, portanto, a verdadeira filósofa neoplatónica, que foi cruelmente assassinada por uma multidão em Alexandria; e afirma também que foi e é para mim uma Guia Espiritual) — para que tenha a bondade de ajudar a provar para além de qualquer dúvida, não só a continuidade da vida, mas também a intercomunhão entre as esferas espiritual e terrena; e demonstrar a sua capacidade de não só comungar comigo, mas igualmente, sendo as condições favoráveis, de dar audivelmente a W. T.

Stead, Editor da "Review of Reviews", Londres, Inglaterra, através de uma trombeta ou de outra forma, uma sinopse do conteúdo deste pronunciamento, juntamente com a frase de teste na íntegra, que escrevi a tinta vermelha, antes de ele (Sr. Stead) abrir o envelope que os contém; e, se possível, antes de receber a minha carta contendo o envelope selado e a mensagem de teste.

Este depoimento foi escrito inteiramente por mim, enquanto me encontrava absolutamente sozinho no meu consultório, e sem o conhecimento de qualquer ser humano vivo. Numa ocasião anterior, Hipátia consentiu e fez um esforço que soube ter sido parcialmente bem-sucedido, o que encorajou a promessa de sucesso final. Daí esta segunda tentativa. Parece óbvio que, à parte a rota postal da mensagem da minha pena para a mão de W. T. Stead, existem apenas dois outros modos pelos quais a mensagem pode ser levada ao Sr. Stead em Londres. Um é pelo espírito desencarnado de Hipátia, o outro pelo meu próprio espírito encarnado (a mente subconsciente ou subjetiva do meu próprio espírito encarnado).

A mensagem concluída, juntamente com esta declaração, levará a data, hora e minuto (hora de Toronto) da selagem de ambos os envelopes e do seu depósito na caixa do correio. Estando, portanto, ao cuidado das autoridades postais, não seria sem dúvida aberta antes de chegar à mão do Sr. W. T. Stead, não existindo, por isso, qualquer hipótese de perpetração de fraude. Se o teste provar ser bem-sucedido, creio que a hipótese espiritual será a única hipótese que explicará corretamente o sucesso do teste.

A minha primeira mensagem foi "W a a t d o a g a.".

[NOTA: — A mensagem acima não é apresentada na íntegra pois o teste não está concluído. Estava completa no envelope selado. — J. S. K.]

"A segunda mensagem encaixará na primeira e segue aqui em anexo. Este teste é feito com toda a sinceridade no interesse da verdade. JOHN S. KING."

SEGUNDA MENSAGEM DE TESTE ESPIRITUAL "TORONTO, 17h15, 28 de junho de 1911. W. T. STEAD, Londres, Inglaterra. 'A g r a p t d.' JOHN S. KING."

[NOTA: — A mensagem acima não é apresentada na íntegra pois o teste não está concluído. Estava completa no envelope selado. — J. S. K.]

Esta segunda mensagem encaixará na primeira ou precedente.

AS DUAS MENSAGENS DE TESTE COMBINADAS FORMAM UMA COMPLETA: "W a a t d o a g a a g r a p t d."

Tive uma sessão com a médium Ripley a 2 de julho de 1911, das 10h15 às 11h15, na qual a inteligência Hipátia falou através dos órgãos vocais da médium em transe; ela afirmou ter estado comigo quando eu estava sozinho a escrever a Stead, e sabia tudo o que escrevi na carta, e influenciou-me a fazer certas declarações, mais particularmente

na decisão da segunda mensagem de teste na composição da mensagem de teste dupla; e fará o seu melhor para a entregar pela trombeta ou de outra forma, logo que possa.

Posteriormente à data acima referida, soube que a Sra. Wriedt deixou a Inglaterra — que foi para a Escócia e Gales — que partiu para a América e, portanto, presumivelmente Hipátia terá de usar algum outro médium para fazer chegar a sua mensagem a W. T. Stead. Aguardo com confiança a realização do seu sucesso naquilo que se propôs realizar. Isto completa agora os esforços feitos nesta extremidade da linha.

[O desastre do Titanic pôs fim a esforços ulteriores. — J. S. K.]

TERCEIRA EXPERIÊNCIA, DESTE LADO DO ATLÂNTICO

(A) Cópia de uma carta enviada ao Col. J. L. H. N—— da Província do Quebeque (Canadá), enquanto em Toledo, Ohio.

"Caro Col. N——: Envio-lhe em anexo, num envelope fechado e selado, uma cópia de uma carta, ou pedido especial dirigido à minha Guia; e deixada aberta sobre a minha mesa durante a noite, para que ela a perdesse antes de eu a selar e enviar na minha carta para si, devendo assim permanecer selada até depois de Hipátia ter falado consigo ou para si, com o propósito de criar evidência para provar a continuidade da vida e a intercomunhão entre espíritos desencarnados e o humano. Espero que as condições se provem satisfatórias e que nada impeça a existência de uma intercomunhão favorável.

Toronto, segunda-feira à noite, 4 de setembro de 1911." Atentamente, JOHN S. KING.

(B) Esta é uma cópia de um rascunho do meu pedido à minha alegada Guia Hipátia, conforme escrito em minha casa em Toronto, na segunda-feira à noite, 4 de setembro de 1911; e deixado sobre a mesa do meu consultório durante a noite.

"HIPÁTIA, Querida: — Por favor, transmite ao Coronel N——, meu amigo do Quebeque que me visitou ontem à noite (domingo, 3 de setembro), os meus melhores votos para uma temporada de sucesso com o seu Guia, em casa do Irmão Jonson, enquanto assumes a tua forma materializada, deixando-o saber que o fazes a meu pedido, como um teste. Sinceramente, JOHN S. KING."

(C) Segue-se uma cópia de uma carta escrita pelo Coronel N. para mim a 8 de setembro de 1911, e que me chegou no dia seguinte.

"TOLEDO, 8 de setembro de 1911. Caro Dr. King: Apenas uma linha para dizer que ontem à noite, numa sessão pública em casa de Jonson, fui favorecido por uma visita de Hipátia, como previu. Que presença magnífica e impressionante! Fiquei tão comovido que não consigo recordar bem as suas palavras exatas: — creio que uma promessa feita ao senhor, um desejo de o informar da visita dela a mim... Uma

mensagem carinhosa para o senhor, e a garantia da sua assistência contínua. Estava belamente trajada, tendo na cabeça uma espécie de diadema. Caminhou em minha direção, vinda do gabinete, como uma rainha. Ao perceber que vinha para mim, levantei-me para a encontrar. Ela ergueu as mãos significando que não podia ser tocada. Proferiu então as frases compassadas que lhe envio imperfeitamente.

Atentamente e fraternalmente, J. L. H. N——."

[NOTA: — Ele era um colaborador frequente da revista "Light", sob pseudónimo, antes deste evento; e era conhecido pelo Editor. — J. S. K.]

CAPÍTULO IX

O leitor poderá questionar o contexto da hipnose e dos fenómenos de pesquisa psíquica propriamente ditos; mas tenha a certeza de que é apropriado, pois o conhecimento da hipnose simplifica grandemente a compreensão tanto dos fenómenos mentais como dos psíquicos. Em alguns casos, torna clara a característica distintiva entre uma pessoa psicologizada e uma controlada em estado de transe por um espírito desencarnado vindo dos reinos; sem dúvida, todos os investigadores psíquicos entram por vezes em contacto com pseudomédiuns e pessoas psicologizadas, bem como com médiuns genuínos.

A falta de espaço não me permitirá tratar detalhadamente da hipnose, embora volte a referir-me brevemente a ela num capítulo posterior; mas, por agora, ilustrarei com um caso de caraterísticas especiais, diferindo dos habitualmente encontrados, no qual existe uma semelhança apenas em alguns aspetos, nos fenómenos de fala, com os de um médium controlado por um espírito. Isto poderá ajudar os leitores no seu diagnóstico diferencial entre as duas condições de transe com controlo espiritual e uma operação mental invulgar em resultado de sugestão hipnótica.

O funcionamento da mente dá-se através de uma porção objetiva da mente, juntamente com uma porção subjetiva, agindo em uníssono, mas cada uma com o seu propósito a realizar; e a mente, como um todo, sendo um atributo do ego espiritual que é circundado por um corpo astral das mesmas dimensões que o físico, e que continua a servir o ego após este se retirar — o que, em alguns casos, pode fazer temporariamente; mas finalmente, ou aquando da morte do corpo físico, deve fazê-lo permanentemente. No estado de um sujeito hipnotizado, quando as atividades da porção objetiva da mente se tornam subjetivas ou cessam de funcionar, desenvolve-se a possibilidade de comunhão do homem com o espírito encarnado do seu sujeito através da porção subjetiva da mente; e, dessa forma, e por sugestão, ele — o ego espiritual — pode viajar para longe ou para perto em busca de determinado conhecimento específico solicitado. Provado isto, não poderá ser verdade que um pensamento centrado, um desejo forte ou uma prece possam ser enviados pelo humano e alcançar, através de vibração harmoniosa ou sintonização, um ego desencarnado desejado, por mais longe ou perto

que esteja? Pois a alma ou ego tem a capacidade de adquirir de fontes externas conhecimento disponível, inteiramente fora do conhecimento presente, a uma distância próxima ou remota, conforme possa estar relacionado com o corpo físico desse ego espiritual em particular.

Apresento aqui a evidência em apoio disto. Introduzo o Caso 3 do meu registo de fenómenos psíquicos hipnóticos, extraído de uma palestra dada, como presidente, aos membros da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica. Cito-o como um caso de comunhão de espírito encarnado da minha paciente comigo e, por tal espírito, o poder obtido enquanto o corpo permanecia sentado na mesma cadeira, com ambos os olhos fechados todo o tempo, desde a minha entrada até eu obter informação exata e verdadeira da casa dela em Massachusetts, a centenas de milhas de distância, e posteriormente verificada em detalhe, por escrito, pela sua tia naquela residência. O espírito sendo o espírito encarnado ou ego da jovem viva E. B——, cumprindo então pena numa instituição pública.

Segue-se o texto da história registada do caso.

Caso 3. Fenómenos Psíquicos Hipnóticos. "Uma mulher numa instituição de Toronto, com cerca de 26 anos de idade, sob sugestão enquanto em hipnose, disse-me o que a sua Tia H—— estava a fazer naquele mesmo dia e àquela mesma hora, e por um período de quase quinze minutos, na sua própria casa, numa cidade de um estado distante da União Americana. Falava rapidamente e apresentava razões para preferir uma disposição diferente dos quadros, que a sua Tia H—— estava a limpar e a reorganizar. Falava como se se dirigisse à Tia e dizia: 'Tem cuidado, senão vais cair desse escadote'. Falou de Annie, uma menina que entrou na sala onde a Tia H—— estava. Mencionou uma variedade de mudanças que tinham sido feitas ou estavam a ser feitas na disposição dos quadros na parede e do mobiliário nas divisões, enquanto falava.

Foi imediatamente enviada uma carta à sua tia, solicitando uma descrição detalhada do que ela estava a fazer durante o tempo especificado, enquanto a sobrinha se encontrava em estado hipnótico, quem estava presente além dela própria, e uma variedade de detalhes de natureza familiar ou privada. A carta recebida em resposta confirmou o que a sobrinha nos tinha dito. Devo dizer que a mulher neste caso estava constantemente sob supervisão na instituição, e que a senhora oficial que escreveu à Tia H—— e recebeu a sua resposta foi a parte que esteve presente e fez o registo dos factos conforme ocorreram, ou conforme as palavras saíram dos lábios do sujeito. Toda a correspondência de ou para os residentes da instituição tinha de passar por esta senhora, e ela afirma que nenhuma passou naquela altura exceto a dela própria e a resposta da Tia H—— da rapariga.

Na carta de resposta recebida da Tia por esta senhora, a confirmação do que foi registado e os acontecimentos dados nas próprias palavras da Tia foram confirmados, cuja porção final é a seguinte: 'Quero dizer-lhe que eu estava, precisamente na altura em que ela lhe disse, a pendurar quadros e a usar um escadote. Pendurei muitos e entre eles

um dela, e sentei-me a olhar para ele e pensei nela; e a pequena Annie andava a entrar e a sair enquanto eu trabalhava'."

Exigiria várias horas para eu dar cada detalhe de interesse neste caso e para ilustrar claramente as várias caraterísticas que se apresentam; baste dizer que as duas condições, que por agora designarei como clarividência e clariaudiência hipnótica, foram distintamente estabelecidas. Não estou convencido de que estes termos transmitam melhor a ideia verdadeira. Pode ser que, enquanto os sentidos naturais, ou antes físicos, estão cativos em resultado da operação da hipnose, os sentidos espirituais (ou operações da mente subjetiva) sejam libertados ou deixados sem restrições, ou operem em resultado do poder do ego, ou do espírito encarnado; ou possivelmente pelo uso de um sentido latente comum, que se pode tornar ativo à medida que os outros se tornam passivos; ou plenamente exercido pelo ego, ao tornar-se desencarnado, seja isoladamente ou em ligação com outras faculdades recém-encontradas; ou, por fim, e muito provavelmente, a informação foi obtida pelo voo do espírito ou ego até à casa, auxiliado por guias espirituais, o que se provou ter sido realizado nalguns casos.

Darei agora pormenores mais completos e algumas outras caraterísticas deste caso peculiarmente interessante, como conclusão à minha palestra sobre hipnose. Ao preservar os factos para registo, devo proteger a identidade da personalidade individual, e ela, o sujeito, deverá por isso receber, ou ser conhecida pelas iniciais fictícias de E—— B——.

E—— B—— possuía uma bela figura, semblante intelectual, era bem instruída, de temperamento peculiar, de vontade própria, mente forte, algo temerária, e tinha-se afastado do caminho da decência, tendo encontrado companhias afins no Canadá; e terminara essa carreira em particular ingressando numa instituição educativa e industrial. Foi enquanto lá estava que a tratei para insónia e outras condições nervosas. Isto foi feito colocando-a em transe hipnótico.

Foi por solicitação dela própria, endossada pelo forte pedido que me foi feito pelo seu irmão — um homem profissional — e pela sua Tia H——, e com o conhecimento e aprovação da sua mãe, e com a presença e consentimento da senhora oficial que a tinha a seu cargo na instituição, que empreendi levar a cabo uma reforma de caráter. A sua condição, por vezes, sugeria uma dupla personalidade. O ponto principal pretendido, além de a tratar por terapêutica sugestiva para a insónia e o nervosismo, era erradicar a tendência viciosa do seu caráter normal; e estabelecer uma fixidez ou estabilidade de caráter num plano moral mais elevado através de tratamento psíquico.

A 8 de maio de 1907, tendo colocado E. B. no estágio sonambúlico da hipnose sem perda de tempo, dirigi-me a ela enquanto se sentava diante de mim numa cadeira, perto da senhora oficial que registava as suas declarações. Disse: "Brevemente irá deixar-nos para o seu lar distante. Esta mudança pode ser tornada uma época importante na sua vida; anterior a este tempo e a este evento, há muito que é lamentável; e muito que gostaria de esquecer se pudesse. Diante de si está uma vida de crédito e honra, ou

de outra forma, conforme escolher fazer dela. A decisão cabe a si própria, e terei prazer se colocar por escrito a sua própria resolução a esse respeito antes de nos separarmos".

Nenhuma outra sugestão foi dada naquela ocasião e nenhuma outra palavra proferida naquela altura. Papel e lápis estavam na secretária à mão e, sem qualquer hesitação, e sem sequer abrir os olhos, nem que fosse momentaneamente, ela alcançou o lápis e começou a escrever imediatamente o seguinte, que foi copiado do original que lhe foi entregue quando deixou a instituição com a sua tia, que veio ao seu encontro para a escoltar até casa.

"Prometo fielmente, através de ou pela ajuda da Força Invisível mas Guia que chamamos Deus, doravante abster-me de fazer ou dizer qualquer coisa aviltante, ou penosa para qualquer pessoa da minha família ou amigos; que o amável conselho que me foi dado pelo Dr. King e pela Sra. —— irei recordar e aderir ao mesmo, e ser uma ajuda e conforto para a minha família e amigos, e ganhar ao fazê-lo o respeito e a confiança da família, amigos e da humanidade."

Assinado E—— B——.

A "decisão" supracitada foi escrita rapidamente e num estilo muito elegante, mantendo-se os olhos, entretanto, fechados.

A 9 de maio de 1907, sentámo-nos novamente e, num estado hipnótico semelhante, ela falou como se estivesse inspirada. As suas observações foram como se tivessem sido dirigidas às pessoas em todo o lado, ou seja, em geral, e as suas citações de vários escritores e autores, e de homens literários distintos, tais como as que se esperariam apenas de um académico ou de uma personagem literária, e o facto de serem acompanhadas por emoção era aparente, pois o seu rosto avermelhava e as lágrimas rolavam pelas suas faces.

A senhora oficial que tinha E. B. a seu cargo escreveu à tia após o meu terceiro tratamento e, no decurso da sua carta, disse:

"Ficaria grandemente edificada por tudo o que a E. disse no seu estado de transe. Os seus pensamentos eram belos e belamente expressos. Entre outras coisas, ela falou então da grande dívida que tem para com todos vós, falando assim: 'Até agora, ou muito recentemente, poderiam escrever através da minha vida a palavra "fracasso". Embora tenha fracassado com os bolsos vazios, fui beneficiada pela experiência. Sinto vontade de reunir os meus credores e tentar pagar-lhes de volta. Devo-te a ti, Mãe, mais do que alguma vez poderei retribuir. Tu és a Credora mais pesada. Eu irei liquidar essa dívida. Não pressiones, Mãe, não executes a hipoteca. Serei um tal conforto, Mãe, pagarei a tua dívida. Para o M—, serei companheira, tornarei o lar tão feliz para ele; quando ele tiver um lar próprio, poderá olhar para trás, para o lar feliz aqui. Tia H—, a nossa dívida é demasiado grande para enfrentar, receio bem; mas dedicarei a minha vida a si e à Mãe.'"

A nossa sessão seguinte foi a 12 de junho de 1907. Eu tinha-lhe dito que a sessão de hoje poderia ser a última que teríamos juntos. Foi uma sessão curta; e enquanto E. B. estava num estágio profundo de hipnose, com ambos os olhos fechados, perguntei-lhe

se havia algo que gostaria de dizer ou escrever, momento em que ela alcançou o papel e o lápis e escreveu o que se segue — "As encruzilhadas estão diante de mim, e preparo-me para escolher o meu caminho. Estranho dizer que não hesito, pois posso discernir claramente a melhor estrada para caminhar. Talvez seja a mais estreita, não permitindo assim que qualquer bagagem inútil do passado me acompanhe.

De agora em diante, vou caminhar por essa estrada, custe o que custar, e quando regressar aos que me são mais próximos e queridos, será com essa resolução quase uma realidade, que espero que com o tempo se torne parte de mim própria. Não posso fazer isto por mim mesma, contudo sinto, depois de ver o Dr. King, que poderia quase mover montanhas, e sinto-me segura de que a boa e útil influência que ele e a Sra. —— tiveram sobre mim contará para o bem." Assinado E, B;..--.

Foi apenas no dia da partida da Instituição que E. B. foi informada das resoluções que tinha tomado e assinado, sendo-lhe estas entregues à saída.

Cinco anos mais tarde, ou em janeiro de 1912, aqueles que possuem relação de sangue com E. B. estão inclinados a acreditar que existe uma mudança permanente no seu carácter e hábitos, de acordo com os altos ideais que ela própria enunciara e assinara nas ocasiões supracitadas.

Ora, eu submeto que, se aquela mulher tivesse sido ouvida a falar como falou na tribuna de uma reunião espiritual num dos salões ou locais de reunião desta cidade, ou de qualquer outro lugar, ela teria sido designada por uma grande proporção dos seus auditores, simpaticamente de acordo com a filosofia espiritual, como uma médium a falar sob a inspiração de um espírito desencarnado. Foi simplesmente a sua própria inspiração, agindo sobre uma sugestão suave e oportuna, feita à sua mente subjetiva ou através dela, e posta em movimento pelo seu próprio espírito encarnado.

Nesta ligação, posso dizer que tenho a forte convicção de que tanto a clarividência ou o discernimento de coisas na maioria das pessoas invisíveis ao olho humano, como a clariaudiência ou a audição do que é, na maioria das pessoas, inaudível ao ouvido humano, são sentidos espirituais que ainda pertencem ao ego quando este se torna desencarnado; e que devem ser reconhecidos como subconscientes no humano. Embora todos possuam estes sentidos subjetivamente na vida humana, eles não são usualmente reconhecidos pelo físico objetivamente; mas são realmente uma parte do equipamento do próprio espírito encarnado, e prontos para utilidade quando este se tornar desencarnado. O seu desenvolvimento no homem é apenas um brotar do espírito no eu subconsciente. Isto é evidente, embora de forma relativamente rara, na vida normal, e por vezes também acontece como evidência numa declaração de leito de morte, pouco antes da separação do corpo espiritual do corpo terreno.

CAPÍTULO X

POSSO premissar, para informação geral, que quando iniciei as minhas investigações sobre o hipnotismo e os fenómenos hipnóticos, há cerca de trinta anos,

encontrei dificuldades e desincentivos que já não existem. O medo de uma classificação heterodoxa, por membros da profissão médica, deteve vários dos meus confrades que, comigo, desejavam investigar, com vista a demonstrar as suas vantagens terapêuticas. Durante alguns anos, não houve nenhum dos meus irmãos profissionais com quem eu pudesse trocar experiências. Naquela época, muitas pessoas afirmavam que o hipnotismo era ou uma condição histérica ou, mais provavelmente, uma farsa; e que um médico ficava mal visto ao ter algo a ver com isso; e que eu era suficientemente crédulo para ser enganado.

Mantive-me calado e continuei as minhas investigações, e cedo percebi que fui bem recompensado por todo o tempo gasto nesta linha de trabalho de investigação impopular, pelo conhecimento que estava a adquirir. Mas veja-se a mudança maravilhosa no conhecimento individual e generalizado; e os passos largos dados pela ciência; e o grande avanço da opinião pública que ocorreu durante estes anos. Muitos membros da minha própria profissão, bem como o público, chegaram ao reconhecimento da verdade ou veracidade da hipnose, e da força e poder momentosos da sugestão; e percebem, ao tornarem-se mais ou menos familiarizados com os seus fenómenos fisiológicos, terapêuticos ou psíquicos, que ela tem usos importantes e que são capazes de dar resposta à pergunta "Para que serve isto?". Através do estudo e da experiência, demonstraram algumas das suas utilidades práticas, bem como traçaram novas características para investigação.

Na época acima referida, eu repousava sob uma obliquidade, porque acreditava, e desejava satisfazer-me da verdade da minha crença, investigando os fenómenos do hipnotismo e o poder da sugestão. As características psíquicas da hipnose, alguns anos mais tarde, levaram-me a outras investigações mais recentes e importantes sobre os fenómenos psíquicos do poder espiritista; e ao estudo da filosofia espiritual; e, consequentemente, seguindo de perto a obliquidade que, pela minha aventura anterior, eu trouxera sobre mim, descobri que não só estranhos, mas conhecidos, amigos e parentes eram semelhantes na sua atitude para comigo; e todos e cada um, incluindo os meus irmãos profissionais, continuaram a amontoar mais e maiores manifestações de desaprovação sobre mim. Sugestões não eram infrequentes de que eu estaria a mostrar alguns indícios de uma mente perturbada, devido às minhas inclinações para a "caça de fantasmas".

Outros que se tinham aventurado a fazer investigações quanto a ambas as classes de fenómenos, temeram pelas suas reputações e descontinuaram-nas; enquanto alguns dos "sábios por conta própria", ou membros do clã, aludiam a mim com desdém e eram culpados de pseudologia. Assim, cedo me encontrei comparativamente só; mas tornei-me mais determinado do que nunca a demonstrar a verdade ou falsidade daqueles variados fenómenos hipnóticos e espiritistas que eram reivindicados por poucos como sendo verdades, que as minhas intuições endossavam, enquanto as massas que abraçavam visões ortodoxas como verdadeiras, sem prova, demonstração ou mesmo inquérito, passavam julgamento e afirmavam que tais fenómenos não eram reais, e eram impossíveis, ou então criaturas da imaginação, ou a produção de fraude.

Do princípio ao fim, esforcei-me por ser consistente, agindo a partir de uma integridade de motivo que me satisfizesse. Senti-me competente para frustrar os dardos de obliquidade apontados de todos os lados contra mim. Fui honesto comigo mesmo no empreendimento em que me envolvi, pelo menos nesta medida: que, embora não descartasse a fé e a crença dos meus pais e antepassados, que eu ainda possuía, contudo, com esperança e confiança, procurei uma confirmação das evidências que se apresentaram no passado e que estão registadas entre as outras evidências encontradas nos registos autoritariamente aceites do Antigo e Novo Testamentos. A descoberta da minha capacidade de comungar com o espírito encarnado do meu semelhante, um exemplo da qual se encontra no capítulo sobre fenómenos psíquicos hipnóticos (ver capítulo anterior); e o estabelecimento na minha mente da conjetura ou intuição razoável de que o mesmo espírito continuava em existência após a dissolução do corpo sem danos, tornou-se um dos meus incentivos mais fortes para prosseguir as minhas investigações após o espírito. Ignorando todos os desincentivos, e maioritariamente sozinho (salvo os últimos breves anos em que a minha esposa se juntou a mim), e sem qualquer doação, dotação ou cooperação, continuei as minhas investigações até ser recompensado pelos guias espirituais, que me levaram a descobrir a brilhante e valiosíssima "joia da verdade", que por tanto tempo estivera escondida da minha vista.

Sinto que este é o lugar certo para reconhecer todos aqueles que, no passado, tão caritativamente concederam a sua simpatia e piedade ao seu irmão (eu próprio) que, ao contrário deles, não se contentou em lucrar unicamente com os resultados produzidos pela atividade física e mental de outros; e que, tendo realizado algo pelas suas investigações, se sente amplamente recompensado pelo tempo e energia dedicados, e dinheiro gasto; e agradece-lhes pelo estímulo que a atitude deles para com ele forneceu; e, em reconhecimento da sua influência, retribui, primeiro demonstrando o que realizou; e, em segundo lugar, agradecendo-lhes pelo auxílio não intencional que a atitude deles lhe deu, ao fortalecer a sua resolução e propósito.

Após reflexão, acredito que se descobrirá que a maioria das pessoas que estão em busca de conhecimento novo ou primário tem uma jornada solitária, e muitas vezes longa; mas, acima de tudo, uma jornada sem simpatia e sem auxílio. Há alguns prontos para menosprezar o projeto; outros desacreditarão o projetista; enquanto a maioria exibe indiferença ou questiona a sabedoria do mesmo. "Para que serve isto?" ou "Que utilidade terá?" são as perguntas que se ouve frequentemente. Cada questionador individual considerando-o do seu próprio ponto de vista, quanto a ser ou não vantajoso para si pessoalmente.

Os desinformados, se sinceros na sua indagação, têm o direito de saber algo sobre o propósito da investigação psíquica, e se é ou não como o poste indicador na estrada para indicar a direção a ser tomada. Ao viajar, queremos naturalmente saber algo sobre o término pelo painel indicador; a direção e a natureza da estrada podem ser indicadas, contudo procuramos alguém que esteja familiarizado com a localidade e nos possa informar sobre detalhes, ou dar-nos informações que sentimos serem necessárias para nos guiar. Assim, quando a pergunta "Para que serve tudo isto?" foi proposta ao

primeiro astrónomo que, através dos seus instrumentos e vários dispositivos a serem usados, perscrutava a grande e ilimitada imensidão etérea acima; e que encontrou naquela localização distante, ainda desconhecida, orbes brilhantes, planetas e miríades de estrelas, ele apenas pôde dizer que estava a investigar; e, após o lapso de tempo, foi sem dúvida questionado pelos seus semelhantes hesitantes: "Agora que descobriu estes, para que servem?".

Ele provavelmente olhou para o seu interrogador e respondeu com humildade: "Ainda não o posso informar. Estou apenas a começar as minhas investigações; mas as minhas intuições e esperanças estão a encontrar encorajamento, que leva à crença de que ainda revelarei a resposta à sua pergunta". Vivemos para aprender, na nossa aquisição de conhecimento dos tempos de escola, que a relação desses orbes ou sóis, mesmo os sistemas planetários distantes, têm não só os seus usos locais, mas são partes de um todo estupendo, e podem contribuir, em alguma medida pelo menos, para as condições de existência no nosso pequeno grão de terra, designado mundo, que é um mero ponto entre as miríades que existem.

Novamente, Cristóvão Colombo, o grande explorador que, em resposta às suas intuições e convicções, procurou demonstrar a sua realidade, encontrou a princípio grande oposição, e sem dúvida a pergunta muitas vezes repetida "Para que serve isso?" ou "Não sabe para onde vai, nem onde vai desembarcar" foi oferecida para desencorajar o seu empreendimento proposto de navegar pelas águas desconhecidas, em busca de terra desconhecida, esperando encontrar pessoas desconhecidas. No entanto, no seu isolamento, com alguns ajudantes e seguidores selecionados, partiu com semblante intrépido sobre um mar cuja extensão não conhecia, mas ansiava conhecer, até que a sua recompensa veio, após investigação séria, na descoberta de um continente poderoso, povoado com outra classe de espíritos encarnados; e sem dúvida com uma satisfação sentida na alma para si mesmo, no seu regresso proclamou as suas descobertas para o benefício dos seus semelhantes, e o "bem disso" desenvolveu-se desde então.

Em tempos mais recentes, pode notar-se que Franklin, o investigador do ar que lançava papagaios, descobriu, dentro dos limites da linha do seu papagaio, a existência da eletricidade. Aqueles que eram os seus questionadores na altura, como alguns seriam hoje com a sua sabedoria autolimitada, indagaram: "Agora que descobriu pelo lançamento do seu papagaio que há eletricidade no ar, para que serve? — Deus criou-a para algum propósito d'Ele, e não deve tentar descobrir os segredos de Deus".

A época de tempo — limitada, por um lado, por Franklin e as suas investigações experimentais e, por outro, pelo feiticeiro elétrico Edison e por Marconi, o espírito encarnado, que não só envia mensagens invisíveis de continente para continente, de um distribuidor para um recetor, mas as envia através de um meio invisível, capaz de vários graus de movimento vibratório, cuja possibilidade foi questionada há apenas uns poucos anos por homens de ciência — é breve. Coexistindo com estes, estão outros feiticeiros elétricos quase igualmente notáveis, que ainda estão envolvidos no trabalho de investigação; e que desenvolveram os vastos tesouros de utilidade, não só no ar, mas em toda a parte na criação, um poder que é universalmente reconhecido e apreciado.

Qualquer que seja a posição e o lugar atribuído à humanidade individualizada no plano terrestre, para todos e cada um a questão do estado futuro da alma, sendo aplicável a todos, é a questão maior, e da primeira e mais momentosa importância para o indivíduo, de qualquer questão até agora apresentada à mente humana, pela razão de que a sua criação individual é o resultado do desígnio do Infinito, e para um propósito.

A questão da salvação, independentemente do plano ou fonte de exposição, é aquela pela qual o homem mortal está naturalmente e diretamente interessado, na qual tem crença, e tem fé que existe provisão para a sua inclusão. Então, o que há de mais natural para o homem do que um desejo de estar absolutamente seguro, sem quaisquer receios, de que a sua crença e fé estão bem fundamentadas? O que há de mais natural e o que há de mais justificável do que pensar no além, e questionar dentro do seu próprio eu consciente se a sua fé e crença coincidem totalmente com as intuições ocasionais que parecem ter contacto com a sua razão e, de tempos a tempos, a impressionam? E mais, o que há de mais natural, ao colocar os restos sem vida de pais, irmãos, irmãs, marido, esposa, filhos, um por um, no seu jazigo de argila fria, do que elevar os pensamentos do perecível, agora depositado, para o ego imperecível, a personalidade individual ou alma contendo vida, que partiu do físico para — onde? E questionar-se se essa é a despedida final dos nossos entes queridos, ou se voltaremos a encontrá-los no "doce porvir"? Ou se é verdade que eles são os anjos a pairar em redor; ou se existe continuidade da vida familiar e associação nos reinos espirituais?

Os anos de limitação do período estipulado de setenta anos, juntamente com anos adicionais por razão de força, cobrindo a infância, meninice, juventude e idade adulta, deveriam ser um período de vida que oferece um terreno vantajoso, física, mental e espiritualmente, para alguém no pleno gozo da saúde e força física e mental, para investigação, ponderação de evidências, reflexão e autopreparo para aquele tempo que se aproxima, sejam os anos poucos ou muitos, quando conheceremos o nosso destino. Deveria, pelo menos, evitar uma atitude indiferente e impensada sobre qualquer questão pertencente a cada unidade individual no universo e, mais especialmente, sobre a questão mais importante sobre a qual qualquer ser humano pode contemplar: a questão do destino final e o propósito ou objeto da sua existência individual.

Se os cientistas e homens instruídos são justificados na sua indagação sobre a origem, crescimento e desenvolvimento da vida humana — e quem pode negar o seu direito — então não estarei eu e outros também plenamente justificados na nossa indagação sobre a continuidade da vida e o verdadeiro destino? Por outras palavras, reconhece-se como legítimo estudar as condições passadas, presentes e futuras da terra, do ar e do mar; e assim afirmo que é perfeitamente legítimo aprender o que pudermos sobre o homem, tanto no tempo como na eternidade. Pareceria irracional, inútil e uma loucura que eu tivesse alguma vez tido uma existência individual se a morte do corpo terminasse tudo.

Se não houver outra resposta para a pergunta "Qual é o proveito da investigação psíquica?" ou, mais propriamente falando, "Qual é o proveito ou benefício de descobrir

que se pode comungar com espíritos?", afirmo que, se por nenhuma outra razão, esta é não só a minha resposta, mas a minha justificação. . .

Depois de eu ter provado pelas minhas investigações que os meus entes queridos, que são espíritos desencarnados, podem vir ter comigo em ondas de pensamento, ou pelo poder da alma, e com o auxílio de médiuns, e vieram, como o testemunho sob juramento declara nas páginas seguintes do livro, não uma vez mas repetidamente com o auxílio de guias e diferentes médiuns ou instrumentos; não num único caso, mas através de uma fase e instrumento (ou médium), a saber: uma fase de trombeta e médium num local; uma fase de materialização e médium noutro; e através de um telefone-psíquico-humano e médium automático num terceiro; e provado e redobradamente provado a sua identidade, e estabelecido a sua personalidade em cada caso por testes acordados durante a vida, provando assim a verdade.

Deve necessariamente ser para mim e para outros um alento e um conforto, e aumentar a minha felicidade pessoal durante os meus anos restantes, saber que me posso reunir com esses entes queridos que passaram para fora do corpo físico e para reinos mais elevados, puros e nobres, onde afirmam que se encontraram numa condição de ser mais perfeita, com ambiente e ocupação mais adequados às suas várias existências; onde se afirma que a harmonia e a progressão são leis eternas do Céu, e podem e fazem, existindo condições favoráveis, comungar comigo; e seremos capazes, cada um de nós, de eventualmente cumprir a missão futura da nossa existência continuada como um ego unitário, no grande e ilimitado universo.

É meu desejo que seja bem compreendido que não estou a entrar em conflito com, nem a tentar controverter a atitude assumida por, nem a discriminar aqueles que estão totalmente satisfeitos apenas com a fé e a crença, por muito que não concordem em detalhes; mas que afirmo clara e definitivamente que as minhas investigações foram prosseguidas por uns bons vinte e cinco anos, com vista a demonstrar que as minhas intuições e crença eram verdadeiras. Apresentei evidências circunstanciais nos capítulos anteriores; e estou a apresentar evidências diretas, tal como dirigidas aos sentidos e à compreensão consciente, nos capítulos que se seguem, as quais afirmo estabelecerem a personalidade deles em cada caso por testes acordados em vida, provando assim, além de qualquer dúvida, nos casos individuais especiais pelo menos, não só a continuidade da vida, mas o regresso do espírito e a comunhão espiritual; e estes casos especiais estabelecem a probabilidade de uma aplicação geral da reivindicação.

Nesta ligação, posso dizer que a combinação do Antigo e Novo Testamento, comummente conhecida como a Bíblia, aparentemente abunda em registos de todas as fases de fenómenos psíquicos. Estas evidências ou são verdadeiras ou são falsas. A velha ortodoxia, nas suas várias organizações, afirma e proclama que todas foram verdadeiras na época. Se as manifestações psíquicas bíblicas são aceites agora pela fé e crença como factos, por que não deveriam as manifestações psíquicas na atualidade ser assim aceites? E se não, que razão existe para objetar à pesquisa ou investigação psíquica para apurar a verdade? Se estas manifestações eram factos nos tempos bíblicos (e não discordo da ortodoxia nessa contenda), como pode a ortodoxia negar a

possibilidade, no nosso dia e geração, de ocorrências psíquicas naturais semelhantes às de tempos passados?

A lei natural não deixa de existir sob o ditame de autoridade Eclesiástica ou qualquer outra autoridade terrena e, portanto, ainda existe, e é perfeitamente tão real agora como poderia ter sido então. Quase pareceria que algumas pessoas tivessem receio de que alguns alegados factos pudessem ser provados como verdadeiros através de métodos de investigação; ou, por outro lado, que outros alegados factos pudessem ser refutados.

Ao entrar na minha investigação, determinei que poderia, como qualquer pessoa cuidadosa e perspicaz, detetar e expor a fraude se ela existisse. Quanto mais minuciosamente cuidadoso me tornava na série de investigações Moss, mais eu ficava perplexo. Tive sempre a crença ou convicção de que os espíritos poderiam ainda regressar, mas a comunhão espiritual com o povo da terra parecia ser mais ou menos improvável. A minha crença neste último aspeto estava errada, como muitas vezes foi provado, não só no meu caso, mas no caso de muitos outros.

CONHECIMENTO MAIS VALIOSO QUE A CRENÇA

Onde está o homem ou a mulher que, tendo atingido a maturidade, não tenha notado frequentemente a morte e o enterro de uma crença há muito acalentada? Que qualquer um olhe para trás, para o registo da sua vida. Encontrará nele muitas, muitíssimas mudanças de opinião ou crença; e em alguns casos, reversões diretas de crenças anteriores. O que é que provocou isso? O conhecimento adquirido. Deixem-me dar ilustrações aplicáveis a uma geração ou duas atrás. O que teriam dito os nossos avós se lhes tivesse sido dito que, com o auxílio da eletricidade, seriam enviadas mensagens de Washington para Paris, França; ou de Toronto para Londres, Inglaterra, após o pequeno-almoço; e recebida uma resposta de volta antes do jantar; quando tinha levado a esses mesmos avós seis a oito semanas para fazerem a sua viagem através do Atlântico num veleiro? Se tivéssemos ouvido a resposta deles, não teria sido mais provavelmente: "ridículo, porque é impossível"?

Nas minhas próprias experiências mundanas, como outros que conheci, crenças ou descrenças iniciais foram mais tarde provadas erradas pelo conhecimento adquirido. O cabo e o telégrafo permitem-nos, presentemente, comunicar com outros com sucesso; no entanto, tempo e demonstração foram exigidos pelos seus descobridores e promotores antes de serem capazes de superar a descrença nas suas possibilidades, com conhecimento absoluto.

Tal como no caso de Stephenson, o Engenheiro, que primeiro domesticou o vapor. Descrença e ridicularização foram expressas livremente pelos seus conterrâneos, quando ele afirmou ter inventado uma locomotiva e descoberto como a poderia propelir através do vapor. Mas ele provou que as suas asserções eram verdadeiras. A atual universalidade da sua aplicação como uma utilidade mundial, numa grande variedade de formas, demonstra-o verdadeiramente, pois o vapor, como um poder maravilhoso, tanto numa escala pequena como nas máquinas estupendas e maquinaria poderosa que opera

em todas as terras civilizadas, ou nas fortalezas flutuantes, ou supercouraçados em todos os mares, prova assim que a crença original, ou anteriormente existente, era pouco fiável, quando o conhecimento, proveniente da demonstração e observação, passou a estar na posse desses mesmos conterrâneos.

Muitas pessoas, há poucos anos, ao ouvirem dizer que poderiam estar numa extremidade de um fio com cinquenta, cem ou quinhentas milhas de comprimento, e falar para um instrumento ligado ao fio, chamado telefone, pedir e manter conversa direta com um conhecido ou amigo na outra extremidade do fio, e distinguir claramente não só a linguagem, mas as próprias características da voz e peculiaridade de expressão além de qualquer dúvida, teriam abanado a sua sábia cabeça, indicando a sua madura descrença na asserção, e teriam tido a clara convicção ou crença de que tal resultado era certamente impossível por muitas razões, que eram prontamente oferecidas. O tempo trouxe consigo a experiência prática. A investigação estabeleceu a verdade, pelo que essa crença teve, juntamente com muitas outras crenças, a sua morte e sepultamento. O que causou a sua morte? O Conhecimento.

Em anos mais recentes, os marconigramas foram declarados por cientistas como impraticáveis ou impossíveis, pois consideravam ser totalmente impossível enviar mensagens através do oceano sem um fio; mas essa crença também foi descartada pelo conhecimento universal subsequente de que mensagens sem fios passam de um lado para o outro em todas as direções, sobre terra e mar. Bem e verdadeiramente tem Edison sido designado como "mago", devido às várias realizações elétricas que trouxe à existência.

Como poderia alguém, anteriormente a isso, conceber ser possível reproduzir perfeitamente um "registo" para preservação e futura audição da voz humana, no discurso de um grande estadista, ou no canto de um artista vocal, quando nenhuma pessoa tinha sido ainda capaz, com o melhor esforço, de repetir ou duplicar perfeitamente qualquer um deles, com voz, tom e interpretação semelhantes, mesmo por breves minutos, na presença e julgamento de um crítico competente; e não pareceria tal descrença bem fundada até que o conhecimento da demonstração de Edison reprovasse essa atitude?

Da mesma forma, no caso do telefone sem fios, das imagens em movimento e de muitas outras descobertas, quão facilmente o conhecimento destrona a crença ou descrença anterior. Se nos examinarmos, descobrimos que os nossos pensamentos e crenças sofreram uma mudança maravilhosa, desde as nossas crenças de infância até ao nosso conhecimento de adultos, em muitíssimos casos, como por exemplo o balão de brincar, mantido cativo por um fio na nossa juventude, que, se fosse deixado escapar, era levado para o alto no ar e soprado para longe pelo vento; mas então acreditávamos que o seu único uso era para diversão, e que nunca poderia ter utilidade prática, pois os dirigíveis nunca poderiam carregar passageiros e navegar no ar como os navios o fazem na água; e, no entanto, há apenas um pouco de tempo, foi relatado que vinte ou mais pessoas num único dirigível andaram pelo ar. O conhecimento trouxe esse dirigível a uma perfeição que lhe permitiu percorrer centenas de milhas a uma velocidade que

duplica a de um comboio. Quando o jovem atingiu a maturidade, os seus pensamentos e crenças mudaram por completo, pois do brinquedo foram desenvolvidos dirigíveis propelidos por maquinaria, enquanto alguns deles se transformaram em couraçados e outros navios de guerra compondo frotas, que travam guerra com outras frotas no ar ou no mar, bem como com os exércitos da terra abaixo deles.

Assim também o conhecimento, resultado da investigação, permitiu aos homens construir barcos para guerra de tal utilidade que o seu poder destrutivo pode ser empregado por homens treinados dentro deles, enquanto em ação na superfície do oceano, ou para escapar à destruição pelo inimigo, mergulhando abaixo da superfície por um tempo definido e escapar à perseguição, ou mesmo perseguir o pequeno barco, ou aquele carregado de carga humana, e até atacar o maior couraçado de guerra e, da sua própria proximidade submarina, desferir nesse monstro um golpe suficiente para o afundar.

Estas demonstrações fenomenais de factos supracitadas foram dadas durante a maior guerra do mundo. A crença na sua possibilidade teria sido desacreditada ou considerada quimérica há não muitos anos, mas hoje em dia toda a gente sabe que é assim. Aqui, novamente, o conhecimento atual substitui em valor a crença anterior mantida durante o mesmo tempo de vida humana.

Neste volume são apresentadas algumas das muitas evidências que descobri e que apresento como absolutamente verdadeiras, após muitos testes e confirmações exigentes e repetidos através de diferentes médiuns de variadas fases; e sou capaz, portanto, de afirmar com plena confiança que, não obstante quaisquer ou muitas descrenças ou declarações de que o que ofereço ao leitor como verdade é ficção, imaginação, deceção, fraudulento ou impossível de realizar, estou tão seguro dos resultados alcançados sozinho, e também na presença de testemunhas credíveis, a partir do conhecimento obtido de que a continuidade da vida do ego espiritual humano, o regresso do mesmo à terra e a comunicação com aqueles em sintonia com eles é tudo verdade, como estou da minha própria existência. Pela experiência pessoal passada, posso agora afirmar que é fácil para homens que se julgam sábios, mas que são ainda ignorantes dos factos psíquicos, referirem-se àqueles que conhecem a verdade e atribuir-lhes uma suspeita credulidade ao considerarem viável a comunicação entre espíritos e humanos. Os "Tomés descrentes" continuam a ser numerosos, embora cientistas e investigadores psíquicos em todas as terras estejam a estabelecer factos psíquicos tão verdadeiramente como qualquer outra lei natural. Os fenómenos psíquicos eram comuns nos tempos antigos e foram registados no livro sagrado e aceites como verdadeiros; embora os crentes em credos modernos os excluam dos seus ensinamentos atuais sem os endossar ou condenar, ou mesmo admitir a sua existência moderna.

Sou um, contudo, que ousa proclamar a "Alvorada da Mente Desperta"; e estou convencido de que estamos no início de uma Nova Era, quando o conhecimento espiritual prevalecerá e o poder e influência espirituais reinarão supremos; então o erro e a falsa crença darão lugar ao conhecimento.

CAPÍTULO XI

CRÍTICOS de todos os tipos e graus acham quase impossível abordar a questão da demonstração psíquica sem preconceito; e, consequentemente, a sua visão mental está prejudicada e o seu julgamento pervertido quando encontram a verdade que não querem encontrar. Os videntes, por inferência bem como por afirmação, são classificados pelos descrentes como fraudulentos ou histéricos, e a escuridão auxilia a sua deceção. Os críticos perguntam: "Por que razão as condições são feitas para favorecer o fraudulento?". "Por que não são assim e assado?". Estou preparado para admitir que a fraude ou o engano procuram passar por genuínos por vezes numa sala de sessão espírita; e por vezes em quase todos os outros grupos de pessoas; mas, mesmo assim, isso dá valor ao que é genuíno.

Deve-se, por necessidade, ao prosseguir com uma análise de qualquer fenómeno particular, e mais especialmente ao tentar explicar a sua existência através de alguma hipótese definida, considerar bem certas características em cada caso, que atingem uma posição que exige, pelo menos, o melhor pensamento do investigador imparcial e isento de preconceitos. Isto aplica-se no mais alto grau, especialmente ao considerar a hipótese espiritual, pois não podemos prontamente citar exemplos aceitáveis fora daqueles registados nos escritos da Bíblia e do Testamento, que por consentimento geral, bem como por autoridade, são designados escritos inspirados.

Não é algo presunçoso para um homem, cujas capacidades são muito limitadas e cujos poderes na melhor das hipóteses são pequenos, formular condições para a comunicação espiritual e esperar que as forças espirituais ajam em harmonia na produção dos melhores resultados, enquanto assim impedidas pela ignorância do humano de demonstrarem da melhor forma, ou talvez da única forma? Tão bem se poderia esperar ouvir a música mais seleta de um instrumento capaz, no mais alto grau, de produzir uma harmonia perfeita de sons para o ouvido culto, depois de um mecânico ter alterado as teclas, fios ou tubos, com o desejo de testar o executante e ouvir se ele conseguiria agora tocar de forma a provar ser um artista musical.

A dificuldade em lidar com a hipótese espiritualista deve-se à nossa falta de conhecimento das condições necessárias para a produção do que é designado como fenómenos espirituais. Quando as condições necessárias estão presentes, os fenómenos são apresentados com sucesso. Se as condições necessárias não estiverem presentes, não haverá fenómenos espiritistas. As condições essenciais devem, na ordem natural das coisas, ser harmoniosas. Numa sessão, um cético, ou um forte oponente do espiritualismo, ou alguém que afirma que os habitantes dos reinos espirituais não podem, por forma espiritual ou de qualquer outra maneira, apresentar-se a um único indivíduo na sessão composta por poucos ou muitos, através de tal atitude fornece o ingrediente chamado discórdia, que destrói a harmonia e, da mesma forma, destrói qualquer hipótese de contribuir para as condições tão essenciais à produção de fenómenos bem-sucedidos.

Para ilustrar o que quero dizer, tomemos a produção perfeita ou fenomenal do *Requiem* de Verdi pelos duzentos e trinta membros do Coro Mendelssohn de Toronto na cidade de Nova Iorque, que um músico representativo considerou tão bem-sucedida que nenhum coro naquela cidade, naquela altura, poderia esperar rivalizar com a sua conquista; e permitamos que apenas dois por cento de vozes discordantes fossem ouvidas nesse mesmo coro, ainda assim teria destruído toda a possibilidade de tal resultado como o que foi demonstrado segundo a testemunha que proferiu o seu julgamento autoritário.

Mas não importa qual a hipótese que possamos selecionar para explicar a produção dos fenómenos, devemos, com toda a justiça, admitir que certas condições devem existir para obter certos resultados. A importância de dar mais consideração a esta questão será, sem dúvida, reconhecida. A relação existente entre condições e resultados é a de uma equação permanente. Não importa o que a equação represente, descobrir-se-á que as suas partes mantêm uma relação harmoniosa e perfeita uma com a outra. Reflitamos e investiguemos, para que possamos estabelecer inteligentemente a veracidade ou falsidade desta afirmação.

Não será admitido que o sucesso ou falha de tudo na nossa experiência humana quotidiana de resultados é aceite como dependente de condições? Tudo na natureza e na arte apresenta resultados diferentes, ou aspetos diferentes, sob condições diferentes. Uma colheita abundante de cereais está condicionada à riqueza do solo, cultivo adequado, boa semente madura e saudável, semeada ou plantada num tempo favorável em localização vantajosa, com solo adequadamente drenado, calor e humidade suficientes, luz solar e escuridão. Se as condições não forem favoráveis, o resultado é colheitas pobres ou colheita nenhuma. Um grão de milho ou trigo pode ter permanecido um século ou mais num frasco hermeticamente selado, e não cresceria nem apodreceria. Retire-se tal grão e plante-se no solo, para que possa ter as vantagens das condições já mencionadas, e no decurso de um tempo muito curto, "No silêncio" e "na escuridão", a sua energia espiritual promove o seu desabrochar físico, e ele começa a atingir certos resultados, que seriam inalcançáveis sem as condições favoráveis.

Procura sustento, o crescimento é atingido e a reprodução segue-se. No frasco hermético não havia condições favoráveis ao crescimento e, portanto, não houve resultados de crescimento. As condições têm tudo a ver com os resultados, na qualidade ou perfeição procurada pela seleção cuidadosa e acasalamento na reprodução para a perfeição de animais. Condições favoráveis, sob leis naturais, são essenciais em cada ação química. Numa tal ação, quando se desejam certos resultados, devem existir certas condições. Se as cordas ou fios de um instrumento musical não estiverem devidamente afinados, resulta discórdia de sons em vez de música. Todas as condições devem ser favoráveis para assegurar o sucesso. No caso de uma conversa antecipada com um amigo longe ou perto, por meio de um telefone, a mais pequena deterioração das condições essenciais impede o resultado naturalmente desejado. O conhecimento específico, portanto, é necessário para fornecer as condições essenciais, para assegurar os resultados favoráveis ou, neste caso, os desejados.

Em muitos casos, dadas as condições plenamente, a nossa experiência permitir-nos-á prever resultados; e vice-versa, sendo os resultados conhecidos por nós, podemos, pelos nossos hábitos de investigação, prever quais foram as condições. Embora isto seja verdade até um certo ponto, e com referência a assuntos pertencentes às limitações da experiência prática, é porque o homem aprendeu a operação de muitas leis naturais; e trabalha ao longo da linha do seu conhecimento e experiência com tal lei natural. Quando o homem corre contra tais leis ou procura criar resultados tentando criar condições que estão fora de harmonia com a lei natural, ele falha em criar ou produzir os resultados.

Podemos justamente assumir que, embora a vida física tenha um começo e um fim no plano físico, a vida espiritual individualizada começa contemporaneamente com a física, como uma evolução da energia do Espírito Infinito, e varia em grau de desabrochar de capacidades não só em raças de homens, mas nos indivíduos de qualquer raça, cujo desabrochar é progressivo e sempre contínuo; e, portanto, o indivíduo acumula conhecimento da experiência no corpo físico; e subsequentemente de fontes espirituais quando desencarnado.

Ora, com referência aos fenómenos espirituais, ou resultados de certas causas primárias e condições favoráveis, o homem que ainda está em cativeiro do eclesiasticismo nega naturalmente a sua origem e insiste em criar as suas próprias condições; e, com a ausência de resultados, prova para sua própria satisfação que estabeleceu definitivamente a existência de fraude ou engano; ou, por outro lado, mostrou que o que era reivindicado como facto era impossível.

Tão bem poderíamos esperar música arrebatadora, que mexe com a alma, de um grande coro que incluísse algumas vozes ignorantes da música e totalmente fora de harmonia com as outras, como esperar que fenómenos espirituais bem-sucedidos se apresentassem a um círculo de amigos em cujo meio houvesse vários que objetassem às condições existentes, que acusassem o médium de tentar praticar fraude e que se colocassem num estado de espírito antagónico, contribuindo assim para a discórdia, o que quebraria as vibrações harmoniosas.

As perguntas dos céticos têm sido utilizadas há tanto tempo que são universalmente familiares, a saber: Por que razão estes fenómenos ocorrem no escuro? Por que não ocorrem numa sala bem iluminada, ou à luz do dia, em qualquer lugar, a qualquer hora, quer haja um médium ou não? A inferência que se procura estabelecer é que a escuridão é preferida para permitir que a deceção seja praticada. Bem e proveitosamente poderia o questionador cético tirar tempo para refletir, para averiguar se não poderá ser, e provavelmente é um facto, que a escuridão contribui mais vantajosamente para as condições que favorecem a operação das leis naturais; e que isto é quase, se não mesmo universalmente verdadeiro na natureza; e que a investigação levará à descoberta de que é uma lei da natureza que a conceção ocorra na quietude ou tranquilidade e na escuridão; e os jovens da raça humana e dos animais têm o seu início, formação, desenvolvimento e influxo espiritual na quietude e escuridão do útero até estarem prontos para o nascimento. As mesmas condições e quietude estão incluídas

entre as condições necessárias para que o grão e a semente resultem em crescimento e reprodução do seu tipo, como já apontei.

As condições de vida, quer animal quer vegetal, falhariam em ser perpetuadas não fosse uma lei da Sabedoria Infinita, que é outro nome para Lei da Natureza, permitir o descanso para recuperar energia. Uma condição contínua de luz solar, ou uma condição contínua de escuridão, sem interrupção, produziria resultados desastrosos; tanto quanto produziria o calor contínuo, ou o frio contínuo; seca contínua ou chuva contínua. Com uma multiplicidade de experiências humanas na escuridão e na luz, com todas as precauções conhecidas contra a fraude, por parte dos investigadores de mente clara, cautelosos e inteligentes, bem como cientistas do mais alto gabarito, para evitar a fraude, para descobrir a verdade, os fenómenos mais maravilhosos continuam a ser registados de tempos a tempos; e ainda assim o cético indaga:

"Por que não podem estes fenómenos ser produzidos sem a presença de um médium?". A nossa resposta é: pela mesma razão que a eletricidade não pode ser utilizada sem condições adequadas e um meio; ou o calor e a luz do sol não podem ser recebidos e apropriados pela nossa terra a menos que existam condições essenciais e um meio de comunicação; ou os eventos diários do mundo civilizado não podem ser coligidos e espalhados diante dos nossos olhos no jornal diário sem uma variedade de condições essenciais e um meio — a prensa tipográfica. Nem pode usar o seu telefone com sucesso sem uma central para o ligar ao telefone que deseja.

Embora os seres humanos possam parecer ordinariamente capazes de controlar as condições para provocar certos resultados, não se deve esquecer que todas as condições devem ter para a sua existência, e todos os resultados para a sua consecução, alguma influência governante; e que tudo o que existe, até a própria vida e a sua continuidade, deve estar de acordo com a intenção e vontade do Espírito Infinito ou causa primária, que é uma energia que tudo vê, tudo sabe, está em todo o lado presente e é todo-poderosa, e utiliza as suas próprias condições para produzir fenómenos espirituais.

E não é uma conclusão razoável que a forma e existência Infinita seja o Espírito Universal, permeando todas as coisas, desenvolvendo as suas inumeráveis condições e manifestações dos reinos animal e vegetal e mais ou menos latente, tanto quanto podemos julgar, no reino mineral; de facto, em toda a matéria de qualquer tipo e forma? De que outra forma poderá ser que a regularidade seja constante em toda a parte nos vários processos da natureza, até na disposição molecular da matéria dita inanimada? A energia latente tem uma fonte. Não prova a ação molecular nas mudanças químicas a presença de uma energia até então latente, ou força dependente de algo mais do que o mero acaso para a sua manifestação?

É uma condição calculável, com um efeito ou resultado, de algo regular no seu propósito, e tão regular que é designado lei natural? E se for uma lei, deve haver um legislador; e o poder do legislador deve estar em contacto com cada porção molecular última daquilo que é afetado por ele. Não ocorre à mente que é provavelmente a conclusão correta que, na disposição molecular do poder, o poder primitivo, temos o

Espírito Universal ou Energia Inteligente Infinita? Onde mais haveremos de procurar o poder? E não é a nossa entidade espiritual uma participante, em certa medida, dos atributos do Espírito Infinito e Universal?

Não é a porção espiritual da nossa existência individual, trabalhando sobre cada porção molecular da nossa personalidade física, uma condição compreensível? De que outra forma haveremos de compreender as funções físicas do corpo, tais como digestão, assimilação, secreção, circulação, desenvolvimento ou crescimento e declínio, nenhuma das quais está sob o controlo do organismo, nem sujeita aos sentidos objetivos ou físicos? Se o organismo cerebral ou máquina opera, fá-lo como resultado de algum poder, da mesma forma que a locomotiva propele a maquinaria de uma grande fábrica, mas apenas quando o poder, quer seja eletricidade ou vapor (no homem o espírito encarnado agindo através da mente objetiva ou subjetiva), é aplicado ao seu funcionamento. E não é uma conclusão razoável a que se chega que a parte espiritual da nossa existência é do Infinito? E uma porção do Seu Espírito Universal, e deveria ter, em alguma medida pelo menos, o atributo da capacidade de utilizar a parte física da nossa existência para os seus propósitos presentes, embora não sendo capaz, pelos sentidos físicos, de compreender ou, pelo menos, de controlar o que mencionei?

A maioria dos fenómenos acaba por ser vista como o resultado da operação de leis naturais, e parece razoavelmente provável, e pelo menos inegável, que todas as operações na natureza, animadas e inanimadas, tal como ordinariamente classificadas, estão de acordo com as leis naturais, se tivéssemos o conhecimento e a sabedoria para as compreender. Se a nossa entidade espiritual tem o poder de controlar, através da mente subjetiva, fora da nossa consciência comum, as várias funções e processos acima aludidos no corpo em que governa, por que deveria ser difícil para esse mesmo espírito, quando libertado dos confins do corpo físico, controlar moléculas de matéria e acumular energia, e formar uma semelhança com esse corpo; e utilizar temporariamente o corpo assim formado? Ou, novamente, o que impede esse espírito desencarnado de exercer influência sobre o espírito encarnado de outro? Nessas condições sugeridas, temos o que os espiritualistas designam materialização e controlo espiritual.

A mente humana pode compreender que a evolução do homem como uma dualidade (corpo e espírito) é para algum propósito sábio; e que a encarnação do espírito, para um período de experiência terrena, melhor prepara o espírito para o seu desenvolvimento subsequente e participação nalguns dos atributos do poder do Espírito universal e Todo-sábio. Onde há vida há evolução, e no caso da vida humana há continuidade de vida para o verdadeiro ego; e o Infinito utiliza os egos espirituais como anjos. Ele dá-lhes encargo sobre os homens. Ele emprega anjos ministradores. Ele envia anjos visitantes ao homem. Tudo o que, na Sua infinita sabedoria e pelo Seu poder todo-sábio, pode ser feito agora como no passado, para a instrução e orientação dos membros da raça humana. Os Seus meios e formas de convencer os homens através de sinais e maravilhas, e fenómenos físicos, mentais e espirituais, não são necessariamente novos, mas estão em conformidade com os registos das escrituras; embora a influência

eclesiástica procure estabelecer um portal de entrada para o Céu criado pelo homem: a Igreja Ortodoxa.

CAPÍTULO XII

[NOTA: — O Autor sente que cada leitor, para apreciar o seu pleno significado, deve ler com o maior cuidado os capítulos doze e vinte e nove consecutivamente. O capítulo doze deve ser lido por necessidade para a devida compreensão de todos os capítulos seguintes em que "May" expressa os seus pensamentos; mas pode, com vantagem, ser lido uma segunda vez antes de começar a ler o capítulo vinte e nove. O primeiro é escrito pelo Autor; e o último — a resposta — é pela sua esposa espiritual. As rimas, gramática, palavras e frases da resposta são moldadas pelo instrumento (a médium), mas não pelo seu eu normal. A razão para isto é declarada noutro lugar. Não importa que personalidade faça uso dela, rima em alguns lugares quando lido, e é eufónico.]

ESTES capítulos são essenciais para o livro e revelar-se-ão um guia na consideração da matéria probatória, não só na série de sessões de novembro de 1911, incluindo tanto a de trombeta como a de materialização, mas também, e mais geralmente desde então, e com a adição do novo instrumento, a Miss Maud Venice Gates, "o Telefone-Psíquico-Humano", bem como na série de abril de 1912, em casa de J. B. Jonson, e noutras ocasiões, por razões que serão óbvias para o leitor.

Sinto-me seguro de que, devido à natureza excecional dos seus conteúdos, eles serão aceites como uma justificação para a sua apresentação; e, ao mesmo tempo, serão considerados como um reconhecimento memorial da prova oferecida pela minha falecida esposa espiritual; e de que ela manteve uma promessa momentosa, e assim me auxiliou a provar como verdadeira a esperança da vida humana, a sua continuidade, e o facto adicional estabelecido da comunhão terrestre e celestial, através de fortes evidências apresentadas em muitos capítulos do livro.

May E. King, a minha amada esposa, a minha sempre gentil e afetuosa parceira de vida, a minha companheira diária e quase de hora a hora durante um quarto de século, o meu verdadeiro amor e companheira, em quem eu podia e de facto confiava, passou dos reinos físicos para os espirituais a 29 de setembro de 1911, no seu 47.º ano. Doravante, nos capítulos que se seguem a este, usarei o seu nome diário "May" (com a aprovação dela), como eu costumava fazer quando ela estava comigo na vida física; e como os seus íntimos e parentes costumavam chamar-lhe.

O seu nome carinhoso privado em casa durante a sua última doença era "Babe" — o qual eu lhe atribuí carinhosamente enquanto ela se encontrava numa condição de dependência durante as suas frequentes doenças, em intervalos que se estenderam por um período de quase quatro anos — enquanto eu oficiava na minha tripla capacidade de médico, enfermeiro e marido, até aos dias finais do seu sofrimento e enfermidade.

Quando regressei das minhas investigações espiritistas em London, Ontário, em 1894, encontrei a minha esposa quase perturbada, devido ao número e variedade de perguntas recebidas por ela através do telefone, por visitas pessoais e por cartas de conhecidos seus e meus, bem como por representantes da imprensa; e alguns, entre todos eles, estavam naturalmente ansiosíssimos por saber se eu estava realmente a "ficar louco", estendendo-lhe a sua simpatia e esperando que eu pudesse ser convencido a não ter nada mais a ver com tais coisas desnaturais, pois nada de bom poderia advir daí.

Os repórteres da imprensa também queriam tudo o que pudessem obter para notícias, ou para leitura sensacionalista, de alguém que era tão bem conhecido como homem profissional e como antigo homem de jornais. Noites sem dormir, e dias sem comida, e a ameaça de perda do meu prestígio e dos nossos meios de subsistência, quase arruinaram a sua saúde física e mental naquela época; e aparentemente criaram uma inquietação crónica e falta de confiança durante algum tempo; mas um recesso prolongado no trabalho de investigação resultou no advento de um período de calma e contentamento.

No ano de 1905, cerca de onze anos mais tarde, uma mudança suficiente fora operada na mente dela, ao ponto de ela poder admitir-me que tinha havido muita mudança no sentimento pessoal e público; e não levantou objeção à minha visita ao famoso refúgio dos espiritualistas, Lily Dale, o que fiz em agosto desse ano. Dois anos depois, ela planeou uma viagem a esse mesmo lugar comigo e, embora eu me tivesse abstido cuidadosamente de a convidar, expressei o meu prazer quando ela manifestou o seu desejo de ir comigo. Foi apresentada a oportunidade de assistir a várias sessões com um grupo de uma dezena de parentes e amigos nossos.

Ela viu e falou (em duas sessões separadas e com dois médiuns diferentes) com a forma materializada de Egyptia, que me alegara em London, treze anos antes, ser o meu espírito guardião; e ela também, em muitas ocasiões diferentes, ali e noutros lugares, viu e conversou com aquele belo espírito guia corporizado, Hipácia, que conseguiu conquistá-la para uma convicção profunda de novas realidades; e satisfez-lhe o facto de que havia mais veracidades do que ficções ou ilusões nestas sessões.

Quando a Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica foi organizada, sob uma licença obtida do Governo em março de 1908, a minha esposa consentiu de bom grado na minha aceitação do cargo e das responsabilidades de Presidente, enquanto ela própria se identificou como membro de pleno direito ao submeter-se à votação e sendo regular e legalmente aceite; e a partir dessa altura, tanto quanto a sua saúde o permitia, tomou um interesse ativo nas suas reuniões, as quais, como os membros poderiam testemunhar, ela muito apreciou enquanto duraram as suas atividades, o que foi até à sua própria passagem para o reino espiritual.

A ESPOSA DO AUTOR; MAIO E. KING,

(Aos 47 anos.)

"A CHAVE QUE DESBLOQUEOU O MISTÉRIO."

Com o conhecimento da verdade obtido por ambos, através dos ensinamentos espirituais pelos mensageiros angélicos, nossos guias e auxiliares, que vieram a nós em realidade de forma e voz; e dos quais tivemos repetidas experiências, e de que tirámos proveito, como investigadores psíquicos, com o nosso lema sempre em mente "Pesquisar, provar e declarar a verdade", e por isso sabíamos que onde quer que e sempre que a porta (ou o caminho) fosse aberta por amigos terrenos, e as boas-vindas estendidas aos entes queridos espirituais, eles entrariam.

Sabíamos igualmente que na vida terrena de qualquer grau, classe ou realização; quer fosse o pessoal de governos e parlamentos, igrejas e assembleias, sociedades e grupos de indivíduos e alegados amigos, estamos sujeitos, mais cedo ou mais tarde, a ser enganados por eles. Nenhuma pessoa mentalmente equilibrada estenderá plena confiança a ninguém, e aceitará e acolherá plenamente tal pessoa como um amigo, até que ele ou ela tenha tido tempo para "testar o homem". Assim também o conselho dado há muito tempo é bom, "testai o espírito", é a coisa adequada a fazer.

Existia um forte laço de afeição entre a minha esposa e eu, e a impressão duradoura deixada nela pelo espírito ministrador Hipácia deu-lhe plena confiança de que, uma vez na esfera espiritual, é possível regressar à terra, quando um interesse está centrado nos entes queridos que nela permanecem. A minha esposa e eu discutíamos frequentemente, entre os muitíssimos assuntos interessantes de carácter psíquico, como melhor poderíamos estabelecer, para vantagem e satisfação pessoal de cada um, a prova da nossa personalidade humana individual, que fosse inatacável e convincente. Algumas

semanas antes da sua última doença, voltámos a considerar seriamente e decidimos qual seria o teste individual dela e o meu teste individual.

"May", a minha esposa, adquirira o hábito de me chamar sempre (quer em companhia ou em privacidade) "Doutor". Há alguns poucos anos, ela adotou uma variedade de alcunhas, que invariavelmente interpretava e aplicava de forma humorística e bem-humorada, as quais se adaptavam a certas condições; ou mantinham relação com alguns dos meus hábitos, como por exemplo o de fumar. Ela exclamava: "Oh Johnnie Smoker! Deixas as cortinas pretas; e perfumas a casa com o teu tabaco". E assim com outros nomes para outros hábitos, mas sempre ditos com bonomia.

Há alguns anos, ou no final do ano de 1907, deixei de usar tabaco e não fumei nem uma única vez depois disso (até ficar sem companheira). A prática dela, quando sozinhos, de me chamar "Johnnie Smoker" quando me queria, tornara-se um hábito tão forte que, impensadamente, ela chamava-me "Johnnie Smoker" mesmo após a cessação do vício. Tendo-lhe dito que esse já não era o meu nome, pois eu já não fumava, ela deixou cair a palavra "Smoker" e chamava-me apenas "Johnnie", contudo apenas quando estávamos sozinhos.

Por outro lado, eu respondia simultaneamente e com humor à iniciativa dela, e adotei vários nomes ou designações para ela, sugeridos por algum hábito, peculiaridade, faculdade, condição ou associação. Eu também tinha nomes carinhosos para ela, como ela tinha para mim, que apenas usávamos quando estávamos um com o outro a sós. Ela estava com falta de saúde, como já disse, mais ou menos durante os últimos quatro anos da sua vida terrena; e passara por duas doenças graves antes da última, que resultou na dissolução final. Durante a sua última doença, oficiei mais plenamente como enfermeiro do que como médico, mal a deixando; e ao levantá-la ou mudá-la, ou ao ministrar ao seu sofrimento ou necessidades, chamava-lhe por designações carinhosas, tais como "Querida", "Darling" ou "Babe". O que seria então mais natural, por ser mais específico e convincente na seleção de algum teste desencarnado, do que adotar alguma expressão privada ou pessoal peculiarmente nossa, apenas na vida doméstica e desconhecida de outros? Assim, foi facilmente decidido quais seriam os nossos nomes de teste após a separação pela dissolução do corpo de qualquer um de nós; se acontecesse continuarmos a viver nos reinos espirituais e nos fosse permitido e nos encontrássemos capazes de regressar.

Se eu partisse primeiro e regressasse, deveria provar parcialmente a minha personalidade humana ao pronunciar o nome de teste dela, "Babe"; e parcialmente por assuntos privados ou pessoais, desconhecidos por quem estivesse fora de nós. Se ela partisse primeiro e regressasse, deveria provar parcialmente a sua personalidade humana ao pronunciar o meu nome de teste, "Johnnie", e parcialmente por assuntos privados ou pessoais, desconhecidos por quem estivesse fora de nós.

Estas designações eram desconhecidas por outras partes. Ficou igualmente entendido que o assunto pessoal ou privado deveria ser tomado em ligação com algum evento de carácter pessoal ou individual; ou um ato ou interesse que fosse conhecido

por ambos, mas não conhecido por outros, e fortaleceria de tal forma a evidência a favor da personalidade de quem regressasse, dependendo o seu valor da sua veracidade, ou da sua existência como um facto, e um assunto de conhecimento exclusivo nosso apenas.

Ao mesmo tempo, a seleção dos mesmos não deveria, em nenhum dos casos, ser acordada na vida terrena; e deveria ser escolhida a partir de factos ou circunstâncias que pudessem ter ocorrido antes de o espírito encarnado se tornar desencarnado; ou algo que tivesse ocorrido desde então, e que o espírito desencarnado que regressava não pudesse possivelmente ter sabido como espírito encarnado por esse motivo; e que fosse conhecido apenas pelo sobrevivente dos dois, sendo a única ideia que, para provar a identidade no regresso do espírito individual, algo deveria ser afirmado que não pudesse ser afirmado por qualquer outra pessoa, a partir do conhecimento dessa outra pessoa, nem de acordo com o hábito ou modo de expressão; e consistente com a linha geral de ação e carácter do parceiro que primeiro se tornou desencarnado. Estas matizes de diferenças nos modos de testes têm os seus valores na evidência obtida.

No caso de uma eterealização ou materialização, então atos bem como palavras seriam considerados probatórios, por um lado para estabelecer a veracidade e personalidade da existência individual; enquanto, por outro lado, cada ato, olhar e palavra formaria evidência a favor ou contra o pretendente ao reconhecimento, ao que em cada instância se somaria, se em forma materializada, aquela exatidão de aparência, voz e linguagem, que não poderia ser mais duvidada do que na vida humana, na associação doméstica; e onde vive o marido ou a esposa que pudesse ser acusado de cometer um erro na personalidade do seu parceiro de vida, enquanto olha e fala com a forma que se apresenta como esse parceiro de vida, se não fosse esse parceiro?

Atrevo-me a dizer que os investigadores psíquicos nunca aceitariam tão prontamente como evidência de um espírito que regressa, ou de uma forma humana ou personalidade particular numa inteligência comunicante vista ou não vista, como seria aceite por um magistrado de polícia comum ou juiz presidente. Num Tribunal de Justiça — ou melhor, num tribunal de direito — uma testemunha jura que tal ou tal coisa, como afirma, é o caso, e a sua declaração é presumivelmente probatória; enquanto os investigadores exigem prova para convencer de que não pode possivelmente, por erro ou de outra forma, ser qualquer outra coisa, ou qualquer outra pessoa, ou qualquer outro caso ou facto senão o que foi afirmado; e não se esqueça que o público aceitará por declaração ou publicação em geral, quando a fonte ou origem é respeitável — sim, e estão satisfeitos em aceitar apenas pela fé e crença, contudo negarão esse privilégio aos investigadores psíquicos, quando apresentações ou demonstrações psíquicas de grande ou pequena extensão são consideradas, e até negam a verdade da sua evidência, se esta não harmonizar com, ou se tornar paralela às suas próprias crenças existentes.

Isto não é de admirar quando refletimos sobre o facto de que, quase universalmente, as crianças pequenas têm fé implícita e crença em tudo o que os seus pais dizem ou fazem, como sendo verdade; e a sua fé ilimitada na capacidade dos seus pais para fazerem quase tudo. Não se recolhem elas na véspera de Natal, na plena crença de que o Pai Natal, um não residente da sua casa, que vem de onde elas não

sabem, irá visitá-las e deixar-lhes um presente durante o seu sono, se tiverem "tentado ser boas", porque os seus pais lhes disseram isso? E, à medida que se tornavam crianças mais velhas, não cresceram elas como Protestantes, porque os seus pais eram Protestantes; ou tornaram-se Católicas, porque os seus pais o eram, e mais geralmente seguiram os passos políticos do seu pai no exercício do seu direito de voto? As exceções a isto apenas provam a regra.

Após uma série de discussões ao longo das linhas precedentes, cada um de nós, conjunta e individualmente, adotou os nossos testes de prova, como especialmente indicado neste mesmo capítulo, para nos permitir estabelecer a nossa personalidade humana, mal pensando que apenas algumas curtas semanas decorreriam antes que um de nós tivesse a sua oportunidade presente para identificação, estabelecendo a nossa própria personalidade e tornando as provas da nossa existência continuada tão fortes que desafiassem qualquer esforço para as destruir.

Após vinte anos da minha própria e quatro anos da investigação paciente, crítica e séria da minha esposa, a nossa recompensa chegou finalmente, embora não tenha sido consumada até que aquela que fora a minha mais dedicada e zelosa colaboradora tivesse passado para aquela esfera onde o discernimento espiritual lhe deu a oportunidade, que fora há muito previamente discutida, de compreender e realizar — ela no espírito e eu na esfera terrena — as provas conclusivas tais como as que são apresentadas nos capítulos seguintes, das quais sentíamos necessidade, e que raramente são combinadas em detalhe, como no nosso caso, antes que seja demasiado tarde, pelas quais estabelecer sem uma única dúvida persistente: 1.º, a continuidade da vida; 2.º, o regresso do espírito; e 3.º, a comunhão espiritual.

CAPÍTULO XIII

COMO introdução à médium Sra. Etta Wriedt, posso dizer que a conheci pela primeira vez numa sessão de Moss, em London, Ontário, em 1894, e desde então tive muitíssimas sessões com ela para investigação; bem como para comunicar com guias, parentes e amigos. Esperava imprimir o retrato da médium no meu livro e, juntamente com ele, um pequeno esboço da sua vida; mas ela informou-me, em resposta ao meu pedido, que: "Nunca tirei uma fotografia desde que era menina; e quanto à minha vida ser impressa, não me importo realmente com isso. Que as pessoas se lembrem de mim como me conheceram. A minha vida não tem interesse para os investigadores. O meu trabalho fala por si. Nasci no Estado de Nova Iorque, mas vivi a maior parte da minha vida no Ohio, e agora estou aqui" (em Detroit, Mich.).

Para voltar ao objetivo da minha visita, afirmarei aqui que, algumas semanas após a passagem da minha esposa, o meu guia Hipácia — falando através da médium em transe Sra. Ripley, utilizada anteriormente (ver Capítulo VIII) — disse-me para ir ter com a Sra. Wriedt em Detroit, Michigan, a 11 de novembro de 1911; e (predição) ela traria até mim May, a minha esposa espiritual, que seria capaz de falar comigo através da trombeta; e para ir também a casa de Jonson em Toledo, Ohio, onde ela esperava

que, por essa altura, May se mostrasse ali num corpo materializado e conversasse comigo.

Agi em conformidade e fiz o registo disso. Tive a sorte de ter nesta série nada menos que sete sessões, em dois estados diferentes, e de duas fases diferentes, que estavam intimamente ligadas nas características de tempo e na sua produção conjunta de fortes provas probatórias; bem como a vantagem da alternância e exclusão de oportunidade para cooperação entre os instrumentos.

Devo dizer aqui, a título de explicação, que das sete sessões que compõem a série de novembro, a primeira e a segunda, realizadas nos dias doze e treze, bem como a sexta e a sétima, realizadas nos dias dezoito e dezanove do mês, foram sessões de trombeta; e realizaram-se na sala de sessões da Sra. Etta Wriedt, na cidade de Detroit e Estado de Michigan. Três da série, a saber: a terceira, quarta e quinta, foram sessões de materialização com conversas, e realizaram-se na sala de sessões do Sr. J. B. Jonson, em Toledo, Estado de Ohio, nos dias treze, quinze e dezasseis de novembro.

Desta maneira, e por este plano, os resultados são mais convincentes; e, em consequência, houve uma ligação notável de evidência direta, primeiro desenvolvida nas duas sessões com a Sra. Wriedt em Detroit, seguidas por uma continuação dessa evidência, e alguma inteiramente nova, nas três sessões seguintes em casa de Jonson em Toledo, e depois concluída nas restantes duas em casa da Sra. Wriedt.

Tive a minha primeira sessão, de cerca de quarenta e cinco minutos, no domingo, 12 de novembro de 1911, começando às 14:45, e com evidência direta e para mim sumamente convincente de que as promessas *ante-mortem* de May estavam a ser, nesta sua primeira oportunidade, cumpridas da forma mais fiel, e de uma maneira totalmente satisfatória 44 dias após a morte do seu corpo; e considero que seja a prova mais forte e conclusiva que eu poderia obter — a qual endossaria o nosso acordo — vinda de May, a minha esposa recentemente falecida, que passou para os reinos espirituais a 29 de setembro de 1911, após um estado de inconsciência que durou nove dias. Ela falou comigo durante uns bons quinze minutos nesta sessão.

A primeira inteligência a dirigir-se a mim na sessão foi o alegado Guia da Sra. Wriedt, o Dr. Sharp, que se referiu à minha perda e ao ganho da minha esposa. Ele salientou que eu não poderia fazer muito pelo espírito que partira, mas que este poderia fazer muito por mim; que a minha preocupação e inquietação, ou desgosto, apenas tenderiam a dificultar ou atrasar o progresso ou avanço dela. Também me aconselhou a cuidar de mim, disse-me que Hipácia, o meu guia espiritual, estava ali com ela e falaria comigo. (Predição).

A voz seguinte afirmou ser a do Dr. McC—, que partira da carne em Toronto há alguns anos. Disse que me lembrava de que existira um Dr. McC—, mas que não o conhecia pessoalmente. Ele respondeu: "Eu tinha cerca da sua idade, e era do seu tempo. O senhor é o Dr. J. S. King da Church Street, não é?".

A minha resposta foi: "Sim".

A terceira inteligência que falou disse:

"Então, Tio John, como está?".

Em vez de lhe responder diretamente, indaguei:

"Quem é o senhor?".

A Voz: "Sou o seu sobrinho!".

J. S. K.: "Qual sobrinho?".

A Voz: "Jesse".

Sra. Wriedt: "Doutor, esse é o filho do seu irmão?".

J. S. K.: "O meu irmão tinha um filho Jesse".

Sra. Wriedt: "Jesse, como progride a Sociedade Espiritualista de Hamilton?".

Jesse: "Não muito bem, há demasiadas altercações entre os membros".

Jesse: "Oiça Tio John, a sua preocupação faz a Tia May preocupar-se. Quero dizer-lhe que a parte... o senhor sabe de quem estou a falar, não sabe?".

J. S. K.: "Sim, Jesse".

Jesse: "Bem, ele esperava que o senhor morresse antes da Tia, e então poderia ter havido uma oportunidade para tentar obter... mas ele ficou desapontado e pergunta-se o que o senhor vai fazer. A Tia quer que eu lhe diga para não dar... o seu dinheiro, nem à outra parte o seu... ou dinheiro, mas cuide deles e de si próprio. Os estranhos pensam mais no senhor, e farão mais pelo senhor do que alguns dos seus parentes que querem o que o senhor tem. Agora, Tio John, não conte a... nada do que sabe, nem nada do que eu lhe conte...".

[NOTA: — Por razões que serão prontamente aparentes, a matéria probatória muito convincente, que liga diretamente a eventos pessoais, privados e familiares, sou incapaz de tornar pública através do registo de toda a conversa. — O AUTOR.]

Jesse continuou a falar, sendo o resumo disso que a sua Tia May desejava que eu não desse os seus anéis e bugigangas até que ela me dissesse o que fazer com eles, e com as outras coisas que eu guardei. Ele disse que ela tentaria falar comigo se pudesse, mas como a língua e a garganta dela ficaram paralisadas antes de partir (um facto), ela poderia achar um pouco difícil falar, por enquanto, de forma suficientemente clara para que eu a ouvisse nitidamente; e ela pedira-lhe que me dissesse essas coisas caso não me conseguisse fazer entender.

A quarta inteligência anunciou-se como Hipácia, aquela que a meu pedido visitara e conversara com Wm. T. Stead, em Londres (ver Cap. VIII), e para aqueles que lerem os capítulos seguintes, o nome tornar-se-á familiar. Ela afirma há anos que é o meu guia espiritual. Anunciou que trouxera May com ela e que May falaria ela própria comigo. Hipácia, como de costume, deu-me conselhos e instruções; e informou-me que May e

ela também se encontrariam comigo na sessão de Jonson em Toledo; e que ela, Hipácia, me devolveria na sessão de Jonson a rosa que lhe dei há cerca de dois anos (predição), para ser guardada por ela por um bom período de tempo e devolvida a mim; e disse que eu também receberia, enquanto estivesse em casa do Sr. Jonson, uma grande surpresa. (Predição).

A quinta e última voz a comunicar nesta sessão alegou ser, e já não preciso de dizer "alegou", pois acredito que era a minha esposa, pois agora sei de verdade que era aquela que tem sido a mais próxima e querida para mim, aquela que prometera que, se alguma vez pudesse, e se lhe fosse permitido, ajudaria — de acordo com o nosso acordo mútuo de há algumas semanas — a provar a sua personalidade, e por meio disso a continuidade da vida, o regresso do espírito e a comunhão entre o seu espírito desencarnado e eu próprio. Provou ser a minha própria May, de quem eu não esperava que fizesse muito em termos de conversa após o que Jesse dissera, mas à medida que prosseguia, a sua voz assumiu uma naturalidade humana, aumentou em volume e força, e logo se ajustou no tom ou timbre, até soar tão familiar e viva para mim como eu estava habituado a ouvi-la quando falava comigo, em vida, em nossa casa, ou pelo telefone. (Um cumprimento).

Fiel à sua promessa *ante-mortem*, o seu teste momentoso da sua personalidade humana veio com força, poder e evidente satisfação, sendo as suas primeiras palavras: "Johnnie!", "Oh Johnnie!", "Meu querido Johnnie!", "Sou eu!", "É a May!", "É a tua 'Babe'!", "Não estou morta, estou viva". "Eu disse-te que viria se pudesse, e estou aqui". (Cumprimento).

Pelo que Jesse dissera, eu esperava ouvir uma voz fraca. A minha alegria e satisfação perante o seu sucesso, e a minha expressão de apreço pelo seu esforço, pareceram dar-lhe força e encorajamento e, ao longo dos quinze ou mais minutos ocupados com a nossa conversa, ela repetiu frequentemente o nome "Johnnie", tanto com como sem o adjetivo qualificativo, intercalado com vários nomes carinhosos e alcunhas que ela costumava usar no seu dia-a-dia; contudo, "Johnnie" foi evidentemente repetido tantas vezes para me impressionar profundamente com o facto de que era o nome de teste anteriormente selecionado, através do qual se identificaria. (Um cumprimento). Ela disse-me que não teria conseguido vir e falar comigo sozinha, mas que Hipácia a ajudara muito, e que Jesse também a ajudara. Estava feliz por, com a ajuda de outros, poder falar comigo e disse, entre outras expressões: "Oh meu querido, sinto tanto a tua falta; foste sempre tão gentil comigo e eu amava-te tanto. Não consigo evitar os meus sentimentos, sinto tanto a tua falta. Sim, eu sei agora que foi para o melhor eu ir primeiro. Estou feliz; estou livre de dor e sofrimento agora, e posso estar perto de ti ainda. Foi melhor do que eu ser deixada. Quero que fiques de forma independente onde estás. Não quero que fiques a dever nada a ninguém, mas atende aos teus compromissos como de costume; e gasta o teu dinheiro cuidando de ti. Estou satisfeita com a forma como dispuseste das minhas coisas (probatório). Não te desfaças do meu relógio, diamantes, anéis, joias e coisas que puseste no cofre de segurança do

banco". (Forte evidência). (Eu apenas os tinha colocado lá na sexta-feira, pois deixei a cidade no sábado de manhã, e tive esta conversa no domingo à tarde).

"Não dês os meus brincos de diamantes à E— (uma parente), pois ela é descuidada e perdê-los-ia (boa evidência). Dir-te-ei de tempos a tempos como dispor dessas coisas. Quando fores para casa, quero que tires o meu anel de diamante único do cofre. Podes tirar a pedra e mandá-la cravar num alfinete de gravata de segurança, para que possas usá-lo sem o perder, e tirar proveito dele. Tem cuidado para levares o diamante a um joalheiro honesto, pois seria fácil trocar por uma pedra menos valiosa no seu lugar, e tu dificilmente notarias a diferença". (Forte evidência que liga a mais detalhes sobre o alfinete no Capítulo XXVI. J. S. K.).

Ela tornou-se então mais séria e disse: "Não faças testamento. Dá o que quiseres dar do que possuis, e às pessoas a quem desejas que o tenham, e o mesmo com o teu dinheiro durante a tua vida; e não deixes que ninguém tenha direito a nada, exceto o que lhes deste durante o teu tempo de vida como uma dádiva clara; e guarda ou deixa dinheiro suficiente para prover a ti mesmo na velhice e reserva o suficiente para o teu enterro. Já não posso governar a casa para ti, meu querido, mas posso estar, e estarei, contigo para te ajudar todo o tempo". (Tudo boa evidência).

Pediu-me para enviar uma palavra à mãe dela, dizendo que ela conseguira voltar e falar. Perguntei-lhe se gostaria que a mãe viesse falar com ela em algum momento, e ela respondeu: "Sim", o que foi seguido duas vezes pelo som de beijos.

Também me pediu para dar os seus agradecimentos à M— pela parte que tomou na preparação do seu corpo para o caixão (verdade). Falou tão naturalmente sobre estas coisas como alguma vez conversara comigo na sua vida doméstica, e ela foi sempre conhecida como uma mulher de negócios perspicaz. Quando disse que os seus esforços tinham excedido as minhas mais queridas e otimistas expectativas, ela disse encorajadoramente: "Vou materializar-me para ti em Toledo, e falarei contigo ali, enquanto estiver no meu corpo materializado". (Predição). Adeus!

Dou aos leitores os detalhes precedentes como sendo uma amostra da evidência que obtive, e tudo o que ela disse apelou-me como verdadeiro. Não hesito, mas digo que este é o tipo de evidência, o "tipo de vida doméstica", que traz a convicção ao homem e o faz saber que é verdade; e que nenhuma crítica a pode abalar, nem hipótese alguma a pode explicar, exceto uma. Os leitores podem aguardar por evidências futuras e pelo cumprimento de predições, pois há muito mais para vir.

Senti-me seguro de que a promessa terrena de May seria cumprida e, mais ainda, que quando realizada, a prova da verdade nessa única instância estabeleceria a probabilidade da sua aplicação geral à raça humana e, se assim fosse, os negociantes por grosso e a retalho de toda a variedade de hipóteses, salva e exceto a hipótese Espiritual, teriam de sacrificar todo o seu stock e reinvestir no que deve ser necessariamente a fonte e o suprimento para todas as nações, línguas e povos, que satisfará a fome, o desenvolvimento e a perfeição da alma, e mudará as vibrações inarmoniosas da humanidade numa única grande e universal vibração harmoniosa de paz e boa vontade

entre a humanidade, e todos reconhecerão então a paternidade de Deus e a verdadeira fraternidade do homem, e viverão a vida que professam.

Antes de a sessão terminar, Hipácia falou novamente e disse: "Entregar-te-ei de volta a rosa em Toledo (predição); mas teremos também uma surpresa reservada para ti." (Predição.) O Dr. Sharp, o Guia da Sra. Wriedt, em resposta ao meu convite para que ele me visitasse na ocasião a que Hipácia e May aludiram, disse: "Vou materializar-me no gabinete, sair e pôr a minha mão sobre a tua cabeça para que saibas que sou eu." (Predição.)

Esta sessão durou três quartos de hora, e já não posso duvidar, pois estou confiante, sem uma sombra de dúvida remanescente, de que estabeleci por meio de forte evidência a verdade da continuidade da vida, do regresso do espírito e da comunicação espiritual. Este relatório e capítulo foram concluídos assim que a sessão terminou, a partir de notas tomadas durante a mesma.

O meu comentário e o meu argumento sobre a evidência nesta, e em cada uma das sete sessões abrangidas na série de novembro de 1911, são aqui adiados e aparecerão após a sétima sessão num capítulo inteiramente dedicado a esse propósito.

[Antes de deixar este capítulo, pedirei ao leitor que examine cuidadosamente a evidência de May, tanto quanto está registada, e também de tempos a tempos, e veja se não está verdadeiramente de acordo com o plano mutuamente acordado (e como abrangido no Capítulo XII, que afirmo ser a chave psíquica que nos permitiu, juntos, destrancar o mistério).]

CAPÍTULO XIV

A MINHA SEGUNDA sessão desta série, com a Sra. Wriedt em Detroit, realizou-se na segunda-feira, 13 de novembro de 1911, entre as 9:00 e as 10:00 da manhã, na mesma sala de sessões da ocasião anterior. Enquanto eu estava sentado à espera de ouvir a voz do Dr. Sharp, o guia da Sra. Wriedt que usualmente abre e fecha a sessão, tive a visão inesperada de uma senhora idosa de cabelos grisalhos a usar uma touca preta. Ela olhou para mim mas não falou. Tinha alguma semelhança nas feições com a minha própria mãe; mas eu não poderia declarar ser uma semelhança fiel; contudo, foi quase tão clara à visão como numa sala ordinariamente iluminada.

A criação mostrava a cabeça e o rosto e muito pouco mais; a escuridão preta da sala fazia-a destacar-se muito distintamente. O mesmo rosto apareceu mais tarde naquela noite. A Sra. Wriedt considerou ser um rosto eterealizado, embora tenha dito que não o conseguira ver, nem na primeira vez que apareceu, nem quando Jesse apareceu; e afirmou que poderia ser uma visão clarividente, uma vez que eu a vira e ela não, quando falei de a ver tão distintamente. A visão não se manteve por mais de um meio minuto completo, julgaria eu, e apresentou-se à minha frente e à direita, no lado oposto à médium.

A segunda personalidade a apresentar-se mostrou o rosto de um homem jovem, a alguns pés à minha frente, enquanto ele (Jesse) falava através da trombeta e dizia: "Bom dia, Tio John, é o Jesse". Ele referiu-se a uma declaração de cinco páginas que eu escrevera após fazer o meu registo da primeira sessão; e que eu designara pelos títulos ou anotações após a sessão, na qual a dirigia a May, selecionando o que eu considerava serem provas da personalidade humana de May. Fora escrita a lápis de grafite e deixada exposta sobre a mesa, separada de modo que cada página escrita estivesse descoberta e em plena vista no salão em baixo. Jesse disse-me que a Tia May a tinha visto e lido, e não queria que assuntos familiares ou privados fossem tornados públicos. Assegurei-lhe que respeitaria o seu desejo; e que nenhuns nomes seriam mencionados, e que nada seria dito que se provasse imprudente ou que preocupasse alguém. Ele disse que estava a ajudar a Tia em tudo o que podia, e Hipácia também.

O Dr. Sharp veio a seguir e cumprimentou-me pelo meu discurso da noite anterior, quando houve uma reunião de catorze pessoas presentes; e as condições não foram favoráveis para a produção de fenómenos (verdade).

May veio novamente e disse pela segunda vez: "Vou estar contigo e ir contigo para Toledo; e vou materializar-me lá, e falar-te também, enquanto estiver no meu corpo materializado". (Predição.) Ela deu os seus beijos para mim em estalidos através da trombeta. Devo dar aqui um exemplo de matéria probatória, como se segue:

J. S. K.: "May, podes dizer à Sra. Wriedt que presente me deste no dia de Natal passado?"

MAY: "Mandei fazer uma mala (*grip*) para os instrumentos do Doutor, e mandei imprimir as suas iniciais, J. S. K., em letras douradas no exterior; e um cartão de Natal com saudações impressas e escrito por mim própria, cartão esse que coloquei no interior da mala. Ele encontrou-o na sua cadeira à hora do pequeno-almoço." (Absolutamente correto.)

[NOTA: — Neste preciso momento eu tinha esse cartão no meu diário de bolso, embora não conseguisse dizer de memória o que estava escrito no cartão. O seguinte é o que estava nele, a saber: "Com os melhores votos para um Feliz Natal" (em impressão vermelha e preta) e "Que a vida, a saúde e a felicidade te prendam (*grip*) por anos vindouros, enquanto durar um farrapo desta mala". (A escrita era do punho dela.) J.S.K.]

Impacta-me de forma muito forte e convincente que isto seja uma evidência circunstancial tão forte quanto se possa encontrar, se não for evidência direta, em apoio da personalidade de May. Outra dúvida na minha mente era — teria May lido o memorando de provas na mesa do andar de baixo, referido por Jesse? — quando ela alegremente me informou: "Não só possuo alguns dos meus sentidos comuns que foram apressados ou se tornaram mais agudos, como posso agora ler ou conhecer os teus pensamentos", e disse-me em resposta à pergunta na minha mente, e ainda não expressa, que tinha lido o que eu escrevera, e que estava tudo bem, mas que não queria que assuntos privados ou familiares fossem tornados públicos.

Ela fez em seguida uma repetição da promessa ou predição de que seria capaz de se materializar, e falar também, em casa de Jonson; e que estaria comigo todo o tempo, e observou humoristicamente que poderia ir como uma pequena encomenda na minha mala para Toledo, e riu-se. Esta promessa ou predição é feita pela segunda vez.

May também me disse que comunica comigo enquanto estou na cama a dormir. Interpreto isto da seguinte forma: [May é um espírito desencarnado; eu sou um espírito encarnado. Durante o sono, a porção objetiva da minha mente cessa a atividade e, portanto, a porção subjetiva da minha mente, que nunca cessa de funcionar, além das suas próprias atividades regulares, assume as da porção objetiva, utilizando os sentidos espirituais em vez daqueles usualmente chamados físicos e, ao fazê-lo, pode registar a conversa no meu registo de vida.]

May faz também uma promessa ou predição de que voltará a comungar comigo, durante o meu estado de vigília, e impressionar-me-á enquanto presente pelo funcionamento do sentido espiritual. E, assumindo que ela cumpra a sua promessa completa, qual de todas as hipóteses listadas e adotadas, em qualquer ou em todas as terras, explicará isso, fora da hipótese espiritual? Aqui declaro o meu conhecimento e digo que não só acredito e tenho fé que ela fará o que prometeu, como as minhas intuições endossam a minha fé e crença; e aguardo em confiança o resultado, porque sei que é o espírito de May que fala.

É justo que eu, neste momento, premissa, para informação de todos os interessados, que May estava melhor informada sobre as linhas psíquicas do que a maioria das mulheres. Ela possuía conhecimento adquirido através dos muitos artigos e discussões de colegas membros da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica, experiência prática da sua associação com o meu trabalho nessa linha, da sua comparência em sessões de trombeta — a primeiríssima das quais foi sob a mesma médium, Sra. Wriedt, e o Dr. Sharp, seu guia, provavelmente dez anos antes desta sessão — bem como outras experiências semelhantes; em sessões com materialização e médiuns, Effie Moss, Nichols e J. B. Jonson, em Lily Dale em 1907, e várias vezes com J. B. Jonson desde então.

Esta experiência qualificara-a para compreender a sua condição pós-morte e as oportunidades que lhe eram oferecidas; e sendo recebida nesta fase pelo próprio espírito Hipácia, que primeiro trouxera convicção à sua compreensão consciente em 1907; e encontrou-a, como ela afirma, na sua entrada nos reinos espirituais, e tornou-se por aquele tempo imediato o seu espírito guardião e instrutor. Assim, assegurando a ajuda dela, fez uma ligação estreita comigo, através do próprio espírito que afirma ser o meu principal guia espiritual, na primeira oportunidade que se apresentou.

Esta informação, e outra também, é a garantia que recebi da própria May, registada noutro lugar; e vindo como vem confirmar conhecimento semelhante em carácter, o qual recebi através de uma médium de transe controlada por Hipácia, parece que, com esse conhecimento possuído por ela, e o conhecimento também de que ela

partiu na crença de que seria capaz de encontrar meios e formas de regressar para aquele de quem houve uma separação forçada, tornou o desejo de regressar ainda mais forte.

Voltando agora à sessão, a seguinte a saudar-me foi a inteligência Hipácia, que nos capítulos precedentes estabeleceu as suas capacidades, a sua inteligência, a sua lealdade à verdade e à promessa. Nesta ocasião, como em muitas outras, desejou-me "Bom dia" e em seguida repetiu dois belos poemas de sua própria composição, um dirigido aos Lírios do Vale sobre a mesa ao meu lado, e o outro como um brinde. Além deste deleite, ela voltou a insinuar que eu teria uma grande surpresa em Toledo.

Recebi em seguida uma agradável surpresa ao ouvir a voz do meu alegado amigo de longa data MacRoberts, em cuja residência em London, em 1894, tive a minha primeira série de fenómenos de materialização, associados à mediunidade da falecida Sra. Effie Moss, onde uma inteligência afirmando ser Egyptia se apresentou a mim como uma Princesa Egípcia, que também afirmou então ser o meu espírito guardião, e que figurou de forma muito proeminente em ligação com as minhas investigações na casa de MacRoberts, conforme detalhado nos capítulos iniciais deste livro, e continuamente desde então, abrangendo o tempo presente.

No sábado à noite anterior, uma assembleia de catorze pessoas reunira-se na sala de sessões; mas devido à ausência de condições favoráveis, ou devido a causas que desconheço, não houve comunicações ou fenómenos. Fui solicitado pela Sra. Wriedt a dirigir-me aos presentes, o que fiz. A inteligência MacRoberts por acaso estava presente enquanto eu falava, pelo que subsequentemente fez esta chamada e disse-me que ficara satisfeito com o que eu dissera.

O Dr. Sharp, uma personalidade maravilhosa e o guia por muitos anos da Sra. Wriedt, interveio para fechar a sessão e repetiu a sua promessa de estar em casa de Jonson e de se materializar.

CAPÍTULO XV

DEIXEI Detroit na segunda-feira à tarde, 13 de novembro de 1911, de trólei, chegando no mesmo dia a Toledo. Fui à residência dos Jonson pouco depois das sete horas da noite e conversei agradavelmente com o Sr. e a Sra. Jonson até à chegada da Sra. H—, das suas duas filhas e de um amigo cavalheiro, sendo que estes quatro teriam uma sessão privada com o Sr. Jonson. Fui convidado a juntar-me a eles e aceitei prontamente o convite.

INVESTIGAÇÃO DO GABINETE E DO MÉDIUM

Nesta ocasião, como em todas as outras anteriores em que visitei Jonson e participei nestas sessões de materialização, todos os presentes foram convidados a investigar ou examinar o chamado gabinete e as passagens que lhe davam acesso ou que lhe eram adjacentes, o que eu já fizera antes; e em duas ocasiões fê-lo em ligação com outro membro da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica, sendo estas duas sessões

especiais conduzidas sob condições de teste, numa casa que não a sua residência. Numa ocasião, um oficial da nossa sociedade relatou que se sentara no gabinete com Jonson parte do tempo durante a sessão, e que Jonson estava num estado de transe, de letargia ou sono profundo. Na presente ocasião, o gabinete consistia num canto da sala do andar de cima, de forma quadrada, com a altura do chão ao teto, sendo duas das paredes as paredes naturais da sala e as outras duas divisórias temporárias, completando o quarto ou gabinete, com duas cortinas de separação para a porta de entrada ou saída do quarto ou gabinete; e nenhuma outra abertura discernível ou lugar para uma pôde ser descoberta nas paredes, teto ou chão.

No interior havia uma poltrona comum, um pequeno suporte para flores, paredes com papel de parede, chão nu, teto contínuo, nenhuma janela exceto uma na parede à nossa esquerda, para a qual a parede frontal ou divisória do gabinete se estendia, dividindo a janela de cima a baixo, de modo que uma secção dela, com alguns centímetros de largura, ficaria no interior do gabinete e uma secção fora do gabinete visível para os assistentes, deixando um espaço demasiado estreito para permitir que uma pessoa fizesse passar o seu corpo, e tudo visível acima do chão, de modo que ninguém poderia entrar pela janela sem que os assistentes se apercebessem do facto; e para alcançar a janela pelo lado de fora uma pessoa necessitaria de uma escada suficientemente longa para chegar ao segundo andar. Nem havia uma porta para o gabinete, exceto aquela improvisada, formada por cortinas no lado próximo dos assistentes.

Conforme notado nas diferentes sessões, Jonson passa uma parte das sessões sentado com os assistentes no semicírculo ou fila curva de assentos; uma parte do tempo caminhando em frente aos assistentes; e uma parte do tempo dentro do gabinete. A Sra. Jonson sentava-se à minha direita, quando se sentava, mas estava em movimento a maior parte do tempo, quer dando corda ao mecanismo da caixa de música, quer cuidando do fogão, respondendo a perguntas dos assistentes ou recebendo as formas após estas saírem do gabinete; ou aquelas que se formavam fora do gabinete e se moviam pela sala.

Eu tinha, em mais de uma ocasião, visto os resultados mais maravilhosos após terem sido impostas condições de teste, para mim satisfatórias, e o corpo de Jonson ser encontrado coberto apenas por uma camisa de lã escura e um par de calças escuras. Não posso alegar ser um neófito, nem deveria ser assim classificado, pois sou um investigador de hipnotismo e espiritualismo há muitos anos; e posso justamente afirmar ter descoberto apenas uma ou duas tentativas audaciosas de trabalho fraudulento em qualquer uma das linhas em que estive envolvido.

Tinha, não obstante, tido ocasião mais frequente de lamentar o aparecimento prematuro em público de ávidos aspirantes psíquicos à aprovação, muito antes de um desenvolvimento maduro das suas qualidades psíquicas. Confio que não será considerado egoísta afirmar que me sinto, devido à longa e variada experiência, perfeitamente competente para distinguir entre o fraudulento e o genuíno; ou para

discernir o estatuto ou grau do instrumento psíquico individual, pois a minha simpatia está sempre com o estudante esforçado, mais do que com o graduado reconhecido.

Voltando mais uma vez ao gabinete, ao médium e aos desenvolvimentos nesta sessão, eu, com os outros, examinei a sala utilizada como gabinete; e observei o médium Jonson com roupa comum, enquanto ele se sentava com o resto das pessoas no círculo.

A Sra. H., as suas filhas e o amigo, e eu próprio, juntamente com a Sra. J. B. Jonson, constituíamos um círculo de seis pessoas. Depois de cada um deles ter tido um visitante do gabinete, o evento predito de May se materializar e conversar comigo — conforme tinha sido definitivamente anunciado, tão recentemente quanto esta mesma manhã em Detroit, através da trombeta na sessão da Sra. Wriedt — realmente teve lugar (cumprimento), e foi não só intensamente interessante e convincente para mim, como ainda mais do que tudo o que transpirara anteriormente nesta série.

May saiu do gabinete com um grau de confiança e saudou-me da maneira estipulada (cumprimento), acrescentando "Sou eu", "Sou a May", "Disse-te que estaria aqui", e com aquele olhar alegre de "bem-vindo a casa" no seu semblante que tantas vezes me saudou na casa dela e minha em dias passados, deu-me uma palmada no meu ombro esquerdo com a sua mão direita, pôs o seu braço direito à volta do meu pescoço, pressionou a sua face esquerda contra a minha e disse: "Virás aqui mais vezes do que costumavas agora, não virás? Oh, estou tão contente por poder falar contigo; e quero que venhas aqui mais vezes, para que eu me possa materializar e falar contigo. Estou tão feliz agora por me encontrar viva e capaz de falar contigo ainda. Hipácia e outros ajudam-me tanto, e fico mais forte de cada vez que venho. Não posso ficar mais tempo agora." (Cumprimento de promessa completo.)

Enquanto eu estava ali a olhar para ela, ela ficava cada vez mais baixa em estatura e, enquanto ainda me olhava de frente, foi descendo e descendo, à vista de todos os assistentes, até desaparecer no chão. A sua voz nesta, a sua primeira materialização, não foi tão forte como quando falava através da trombeta em casa da Sra. Wriedt.

Desejo dizer aqui que a forma física de May, tal como materializada, não era tão grande como a sua forma física em vida; por outras palavras, embora perfeitamente natural em aparência noutros aspetos, ainda assim não tinha a estatura natural completa. Esta falta ou deficiência poderá ser retificada nas suas futuras aparições, a primeira das quais será, de acordo com a promessa, na sessão de quarta-feira à noite, 15 de novembro. No seu tamanho natural em vida, ela media cerca de duas polegadas menos do que eu, e o seu peso médio era de cerca de cento e sessenta e cinco libras antes de ficar acamada.

Uma terceira materialização veio do gabinete até mim e afirmou ser David Williams King, o meu irmão, que passou para a vida espiritual enquanto bebé, com não mais de dezoito meses. Ele nasceu três anos após o meu nascimento, e três anos antes do nascimento do meu irmão vivo e, em tamanho, parecia ser uma média entre o meu irmão vivo e eu próprio. Ele disse que estava com muitíssimos parentes e amigos que

estavam presentes quando May entrou nos reinos espirituais. Ele logo se desvaneceu por falta de poder para manter a sua forma unida, mas voltou logo de seguida para me dizer que sabia que o meu guia espiritual, Hipácia, estaria na sessão de quarta-feira à noite.

Outra manifestação veio do gabinete na forma de uma jovem fêmea, bela e angélica, que se provou ser importante, porquanto era a forma de uma mulher jovem com cerca de vinte anos de idade e tamanho correspondente, que alegou ser minha filha pela minha esposa espiritual May, e que guardava semelhança com ambos; e tinha passado para os reinos espirituais no seu nascimento físico; e prometeu (predição) que seria capaz de falar de forma mais clara e distinta através da trombeta quando a oportunidade se apresentasse, altura em que, a menos que tivesse algum outro privilégio antes, me diria (predição) o nome que lhe foi dado no mundo espiritual. O facto é que, há cerca de vinte anos, uma criança do sexo feminino nossa morreu ao nascer.

Esta demonstração oculta na sessão apresenta à mente do leitor o problema do crescimento espiritual atingido, onde uma alma infantil passou para a outra vida e regressa como uma demonstração adulta. A pergunta tem-me sido submetida verbalmente mais do que uma vez: "Quer realmente dizer que bebés e crianças pequenas atingem a existência adulta na vida espiritual?". Em resposta, posso dizer que fui informado disso por inteligências comunicantes das esferas espirituais. Mas também penso, e sou guiado por essa razão que a Divindade implantou em mim, e assim compreendo o significado das palavras que Cristo usou quando disse: "Deixai vir a mim as criancinhas, pois delas é o Reino do Céu".

Não tomo o significado como literal quanto ao tamanho ou estatura, pois seria certamente impensável se, após todo o ensino e pregação durante os séculos passados, se descobrisse ser verdade que nenhumas almas de adultos tinham ido para o céu; ou que não houvesse almas adultas para salvar; mas antes pareceria, conforme é transmitido à minha mente, que todos são como criancinhas no seu conhecimento do seu estado futuro e têm de ser ensinados por aqueles que ganharam longa experiência "lá do outro lado".

Mesmo adultos, e aqueles privados de razão, ao entrarem no estado futuro, começam a adquirir conhecimento, ou começam, por assim dizer, no N.º 1, indefesos como bebés privados de mãe; e são cuidados e ensinados, pois a progressão é uma lei nas esferas espirituais. Se não fosse assim, haveria estagnação no desenvolvimento e as almas cessariam de aspirar. Todo o ser humano muda tanto na alma como no corpo do berço à sepultura. Todos são totalmente dependentes no início de uma mãe, real ou adotiva; e todos têm uma limitação de desenvolvimento físico na vida terrena por um tempo estipulado; e de acordo com o requisito da alma.

Cada criança bebé, e cada homem, tem uma alma que utiliza um corpo, o qual muda continuamente à medida que a alma se desenvolve até ao fim da vida mortal; e quando o corpo já não é de serventia, seja jovem ou velho, é descartado e a alma é libertada; e, tal como o seu corpo anterior, tem uma limitação a atingir e, portanto, desenvolve-se até à sua perfeição por graus lentos.

Como numa escola primária ou comum, há sempre crianças pequenas lá, mas as mesmas crianças pequenas não estão lá todo o tempo; pois conforme o desenvolvimento mental ocorre, elas passam cada uma através de outros graus de desenvolvimento mental e físico até atingirem o estado de homem na terra; enquanto na vida futura cada alma atinge o seu próprio crescimento aperfeiçoado e, quando adota a forma humana, essa forma seria simplesmente das dimensões que teria tido se se tivesse desenvolvido como a alma durante esses mesmos anos, ou vivido durante esses anos adicionais.

Do armazém de evidência adquirida, tiramos aquilo que sustenta a afirmação de que a vida humana como espírito é uma continuidade e, portanto, um espírito infantil que entra na esfera espiritual deve continuar a desenvolver-se até completar o seu crescimento espiritual e tornar-se uma alma aperfeiçoada. Isto será alcançado mais rapidamente do que quando agrilhoado ou confinado no ambiente da matéria física, a sua primeira e mais rudimentar morada.

Voltando novamente à sessão e aos fenómenos: até este ponto, senti que tivera uma grande parte do que se apresentou, mas estava destinado a ter mais, pois um homem com cabelo ruivo, um pequeno bigode e barba curta da mesma cor, um casaco escuro, colarinho branco virado para baixo, gravata preta, avançou até mim e curvou-se; e pôs o dedo na garganta e na boca para indicar que não podia falar, pois a pessoa que ele se representava a ser não conseguira falar antes da morte, por causa de tuberculose na garganta e nos pulmões. Ele impressionou-me como sendo o Sr. H—, que há alguns anos fora o almoxarife numa Instituição em Toronto, na qual eu era, e sou à data desta escrita, o oficial médico. Identifiquei-o como a parte mencionada acima. Estimaria o número de materializações nesta sessão em cerca de vinte.

FENÓMENOS INACREDITÁVEIS TORNAM-SE ACREDITÁVEIS PELA INVESTIGAÇÃO E EXPERIÊNCIA

Quão natural é para pessoas sem experiência julgar ou criticar a experiência de outros e apontar as suas falhas. Quão fácil é para alguém ignorante do conhecimento assumir que o conhecimento é carente de existência genuína. Piedade suprema é devida ao mortal ignorante que não consegue aceitar como verdadeiro algo de que não acontece ter conhecimento; e quão propensa é a humanidade individual a afirmar a impossibilidade de tais fenómenos como os mencionados por aqueles que têm conhecimento deles. Quão comum é o comentário que ouvimos: "Não acreditaria se não visse, e mesmo assim quereria ter a certeza de que não era uma fraude". Que minúscula fileira de humanidade haveria se fosse composta por pessoas que não acreditariam em algo a menos que pudessem vê-lo; e, de facto, é substancialmente verdade que o grande volume do nosso conhecimento provém do que outras pessoas nos contam, do que lemos em livros e na imprensa pública; e que mínimo de conhecimento adquirimos através da investigação e observação individual.

Lembro-me de ler algures sobre uma pessoa que não acreditaria no que outra tinha afirmado ser um facto, a menos que pudesse apreciá-lo com todos os seus sentidos, e tendo-lhe sido apresentada a oportunidade de ser testado dessa forma em relação à dor,

perguntaram-lhe se a conseguia ver, ouvir, saborear, cheirar. Não, mas conseguia senti-la. Em resumo, ele apenas a conseguia apreciar por um quinto dos seus sentidos normais, e certamente ficaria muito aquém de provar ser uma verdade pelos seus cinco sentidos, e no entanto aceitou essa dor como verdadeira apenas pelo sentido do tato. Estou preparado para admitir que muitos fenómenos são tão estranhos e incompreensíveis que parecem inacreditáveis até serem apreciados ou experienciados pelos sentidos físicos.

Menciono alguns desses fenómenos que ocorreram em sessões, e limitarei os exemplos às três sessões de Jonson a 13, 15 e 16 de novembro de 1911, as quais foram apreciadas e podem ser testemunhadas, naquelas ocasiões, por seis a quinze pessoas em cada sessão.

Como exemplos destas classes de fenómenos a que aludi, fui testemunha da forma de um homem idoso alto e completamente formado a caminhar pela sala, enquanto Jonson se sentava com os outros assistentes fora do gabinete à vista de todos os presentes; e essa forma falou com aqueles que afirmavam ser parentes e comigo próprio e, a pedido de um deles, pegou na sua pequena neta de sete anos de idade, segurou-a nos braços, beijou-a, depois colocou-a no chão, à vista de todos, e então derreteu-se, por assim dizer, no chão, e desapareceu da vista, a vários pés da entrada do gabinete.

Ora, se tivesse havido uma investida audaz para agarrar o corpo e esta tivesse tido sucesso, não teria sido, como tantas vezes nos asseguram, o médium disfarçado, pois o Sr. Jonson estava sentado numa poltrona à minha esquerda e não estava nem perto da abertura do gabinete, nem perto da forma. Mas nem mesmo uma rede mosquiteira — que tem sido tão frequentemente sugerida por alguns que nunca investigaram, como sendo muito necessária ou útil para apanhar as pessoas fraudulentas que fingiam ser espíritos — poderia ter apanhado ou detido este espírito, pois ele desceu para o chão como vapor e desapareceu.

Outra forma, com cabelo comprido, como uma rapariga índia, chegando ao joelho, e segurando Crisântemos na mão, desceu noutro ponto, primeiro os pés, braço estendido acima da cabeça, segurando as flores, descendo e descendo, até que nada restou senão a mão e as flores, e finalmente estas também desapareceram no chão, o qual não apresentava qualquer evidência de uma abertura artificial. Jonson continuava sentado à minha esquerda, e a Sra. Jonson afastada à minha direita, quando quase imediatamente as flores reapareceram no ponto do chão onde tinham desaparecido um minuto antes e começaram a subir, seguidas pela mão e braço materializantes, e cabeça, pescoço, corpo, membros e pés; e tudo isto à vista dos assistentes fora do gabinete, e ninguém em proximidade estreita com a forma; e os Jonsons em cada extremidade do círculo de assistentes. Onde aparece a fraude nestes fenómenos? E a forma fala depois de reaparecer. A existência destes e de fenómenos semelhantes já não pode ser negada, nem podem ser creditados à fraude. A sua causa pode ser legitimamente discutida, contudo.

A maioria das formas que vi nas três sessões em novembro materializou-se dentro do gabinete e, regressando para o gabinete, desaparecia ao chegar à abertura das cortinas, mas sem entrar no gabinete. Algumas materializaram-se fora do gabinete, e várias foram materializadas dentro do gabinete enquanto Jonson estava sentado numa extremidade do semicírculo de pessoas parte do tempo, e noutra parte do tempo ele caminhava em frente à linha de assistentes, extraindo magnetismo deles para construir as formas dentro do gabinete, conforme explicou Grey Feather, o seu guia espiritual índio, através dos órgãos vocais de Jonson; e, por fim, uma parte do tempo foi passada no interior do gabinete.

A presença de música, instrumental ou vocal, ou ambas, facilitava o aparecimento das formas. A ausência de música parece diminuir o número e a eficiência das formas. As inteligências de desenvolvimento superior parecem ter o poder de produzir muito mais luz, ou então requerem menos escuridão para se exibirem em forma materializada e detalhe perfeito. Tive oportunidades durante anos passados para investigar Jonson. Tenho ainda de descobrir o primeiro ato de fraude da sua parte, e não tenho hesitação em dizer que, após investigações completas e satisfatórias, expresso a minha crença e conhecimento bem estabelecido de que os fenómenos são genuínos, e nem os mais astutos ilusionistas, expositores profissionais de fraudes, detetives proeminentes dos Estados Unidos, nem qualquer um dos nossos Salomões modernos, foram até agora capazes de localizar e estabelecer como tal um único ato de fraude da parte de J. B. Jonson, tanto quanto aprendi.

PREDIÇÕES DE UMA SESSÃO IMPORTANTE PARA MIM

Após terminar o meu registo da sessão de segunda-feira à noite, 13 de novembro de 1911, compilei o seguinte para comparação com o registo de quarta-feira à noite, 15 de novembro de 1911. A minha alegada guia espiritual Hipácia notificou-me ela própria em diferentes ocasiões, e recentemente através de uma trombeta em Detroit, que estará numa sessão em casa de Jonson na quarta-feira à noite, 15 de novembro de 1911; que não só trará a minha esposa espiritual, "May", com ela, mas também terá uma surpresa reservada para mim; ao passo que a minha alegada esposa espiritual, May, me notificou através da minha alegada guia, Hipácia, e através do meu alegado sobrinho, Jesse, na vida espiritual, falando através de uma trombeta; e pela sua própria declaração através de uma trombeta na sala de sessões da Sra. Wriedt — e também enquanto na sua forma materializada nesta segunda-feira à noite, 13 de novembro de 1911 — que virá à sessão de quarta-feira à noite, 15 de novembro de 1911, e estará materializada, e falará comigo (predição), pelo que terei a oportunidade de a testar e de lhe pedir para provar ainda mais — se ela não o fizer voluntariamente — a sua personalidade humana; e como a minha alegada filha espiritual (predição) prometeu estar nessa mesma sessão; e que enquanto lá estiver me dirá o nome que lhe foi dado nos reinos espirituais (predição); e por fim, o Dr. Sharp, o alegado espírito guia e controlo da Sra. Wriedt, disse-me em Detroit que ele também estaria presente na sessão acima designada; e sairia do gabinete e colocaria a sua mão sobre a minha cabeça (predição).

Decidi, portanto, assegurar, se possível, um relatório estenográfico da sessão, e fazer com que o dito relatório, quando completo, seja ajuramentado como um relatório correto; para que, em vez de um relatório epilogativo feito por mim sobre as partes pessoalmente interessantes, eu tenha um relatório de tudo, do princípio ao fim da sessão, sem ter pessoalmente nada a ver com esse relatório. Todas as predições precedentes foram feitas a mim e recebidas por mim pessoalmente, das várias inteligências, em momentos diferentes e num lugar diferente, e através de um canal de comunicação diferente na sua totalidade, sem eu ser capaz de descobrir erro ou a existência de fraude quanto aos factos principais; e deixo para as pessoas de mente aberta e críticos honestos dizerem se, sob a hipótese de fraude ou de qualquer outra hipótese que não a natural, "a hipótese espiritual", tais factos, explicações, conversas sobre assuntos familiares; e conversas mútuas individuais sobre artigos que foram colocados num lugar de segurança; e algo ordenado para ser feito com um artigo especial, que nem sequer foi considerado como um pensamento por um único momento; ou conselhos dados contrariamente a uma conclusão alcançada na minha própria mente, tocando algum assunto particular — se o que agora noto e declaro como aqui precedente está dentro dos limites da possibilidade de realizar por meios fraudulentos. Tais exemplos encontram-se nas minhas comunicações anteriores por trombeta desta série de sete sessões.

CAPÍTULO XVI

A quarta sessão da série de sete, e a segunda sessão de J. B. Jonson, é a única de toda a série de novembro que abrange um registo de todas as materializações que se apresentaram durante a sessão; e é igualmente excecional por ser a única de qualquer série até à data na qual o registo completo é reproduzido na publicação; e todo o relatório estenográfico do que cada um e todos os que se apresentaram disseram; também a descrição do estenógrafo sobre a aparência e atos deles, bem como cada evento de interesse suficiente para ser descrito.

Tive várias razões para ter não só um relatório completo de tudo o que fosse de interesse, mas para garantir que fosse um relatório preciso em todos os pormenores. Fora-me assegurado por Hipácia em Detroit que uma grande surpresa me aguardaria nesta sessão (15 de novembro de 1911); e ocorreu-me que, se eu fizesse o registo, não seria um registo estenográfico, nem seria capaz de concentrar a minha atenção na surpresa que se apresentava; e nos incidentes individuais ligados a cada um e a todos os fenómenos psíquicos sob observação; e, ao mesmo tempo, tomar notas ou fazer um relatório completo, e fazer justiça quer a mim próprio, quer ao relatório. Além disso, desejava que o relatório fosse absoluta e verbalmente perfeito, como apenas um relatório de estenógrafo poderia ser; e o meu próprio não seria um relatório de estenógrafo. Por último, desejava colocar-me além da possibilidade de ser, em qualquer medida, acusado de motivos interessados por causa do que foi prometido, ou influenciado por razão egoísta, ou excitado pelo que se apresentava aos meus sentidos e mente; ou de ter o meu julgamento pessoal deturpado, de modo a influenciar a descrição

que eu pudesse subsequentemente dar a outros como matéria probatória; e tornar óbvio que não poderia possivelmente escrever o assunto para me agradar, ou para dar cor às possibilidades ou probabilidades que pudessem presumir-se harmonizar com as minhas opiniões, esperanças ou convicções.

De facto, os meus desejos não eram menos do que o anseio da minha alma de demonstrar uma verdade, pois de facto desejava de todo o coração e sinceramente que alguém, possivelmente um membro deste grupo selecionado de investigadores psíquicos, ou alguém empregado pela classe, fizesse para mim um relatório verdadeiro e completo da sessão como um todo, para eu ter e guardar como evidência do que ocorreu fora da minha própria descrição escrita ou falada. Não estava na sessão há muitos minutos quando descobri que o secretário do clube ou classe estava a fazer um relatório estenográfico para a classe.

Quando a oportunidade se apresentou, solicitei uma cópia do registo e assegurei a promessa da mesma, e mais tarde obtive a posse da mesma, e assim os meus desejos, o anseio da minha alma, a minha verdadeira oração por um relatório completo — e que o dito relatório ostentasse a declaração e os depoimentos ajuramentados do estenógrafo que o fez, quanto a toda a matéria, incluindo a que pertence ao meu guia e entes queridos, como registos probatórios — foi verdadeiramente respondida.

Os presentes nunca me tinham visto antes. Tinha sido, apenas alguns minutos antes, apresentado a eles como o representante oficial da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica e, como tal, fui admitido como o primeiro indivíduo não membro a quem foi permitido o privilégio de estar presente numa sessão com esta classe de investigadores, favor que por este meio é reconhecido. Anexo o registo como abrangendo todas as características principais e sendo absolutamente independente de até mesmo uma sugestão da minha parte.

O REGISTO AJURAMENTADO DO ESTENÓGRAFO OFICIAL

"A sétima reunião da Classe Sunflower foi notável, sendo honrada pela presença do Dr. John S. King de Toronto, Canadá, que é Presidente da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica, com uma licença do Governo. A longa experiência deste cavalheiro no trabalho e o seu elevado desenvolvimento foram uma fonte de grande benefício para a classe, e produtores de materializações maravilhosamente belas, muitíssimo apreciadas pelo Círculo. Desejamos agradecer ao Dr. King pelas suas palavras, atestando experiências pessoais tão convincentes que impressionaram mais profundamente os nossos corações e mentes as maravilhosas possibilidades deste grande trabalho, estimulando-nos a esforçarmo-nos juntos para a obtenção de resultados com seriedade cada vez maior e cooperação harmoniosa.

As materializações registadas para esta reunião são as seguintes:

1. JOHN. Filho da Sra. Moore, um rapaz de dezasseis anos que está na terra espiritual há um ano. Sendo esta a data do seu aniversário, a Sra. Moore providenciou belos crisântemos para serem dados a cada materialização em honra da ocasião. John

materializou-se da forma mais bela e forte, construindo-se à vista de todos, trajado com a sua vestimenta, tendo na terra sido membro do Coro da Trindade. Vendo que a sua mãe segurava um grande ramo para lhe dar, ele entrou no gabinete, desmaterializou o livro que segurava e regressou para receber as flores. Caminhando ao lado da Sra. Jonson, John foi de uma extremidade do círculo à outra, carregando as flores, agradecendo a todos e a cada um pelas suas palavras de saudação neste seu aniversário.

Regressando para a sua mãe, disse-lhe para ser paciente, que não passaria muito tempo até que ela fosse capaz de caminhar. Indo ao gabinete para obter mais força, John regressou, parando no caminho para tirar uma flor da jarra e entregando-a à Irmã Martha, a bela irmã branca que se materializou com ele. De pé ao lado da sua mãe, John disse: 'Agora não suspires, mãe querida, nem fiques triste. Seria muito pior se não me pudesses ver de todo, mas tivesses de sentir que eu estava deitado naquele chão frio.' Entretanto, a Irmã Martha estava a extrair força do médium para John com movimentos de mãos de uma graça indescritível. John continuou: 'Tenho de ir agora. Por favor, não te sintas mais sozinha, pois não? Porque eu estou contigo.' Beijando a sua mãe e o pequeno primo em despedida, John retirou-se para o gabinete, segurando na mão o grande ramo de crisântemos, e desmaterializou-se tanto a si próprio como às flores, fora do gabinete, em plena vista da classe.

2. FLORENCE. Irmã da Sra. Russell. Esta materialização é uma bela jovem que vem todas as semanas falar com a sua irmã, dando frequentemente conselhos importantes. No final da conversa, Florence desmaterializou-se com a sua flor do ramo de aniversário.

3. VIOLA. Esta é sempre uma materialização belamente forte, sendo a guia espiritual da Sra. Jonson. Como é habitual nela, Viola teve uma palavra brilhante para cada membro. Respondendo à saudação geral, disse alegremente: 'Estou mesmo aqui'. À Sra. Moore: 'Olá, Tia Moore'. 'Disse ao Sr. Robleto que ele estava demasiado sóbrio esta noite'. Aceitou a sua flor de aniversário dizendo: 'Lamento que a Tia Cleary não esteja aqui', uma observação faceta que raramente esquece, parecendo ignorar a presença invariável da referida integrante. Dirigindo-se à Sra. Cleary, Viola segurou o seu vestido em posição para apanhar os doces que a Sra. Cleary lhe trouxera.

Perguntou pelo Sr. Eyster como 'Secretário N.º 2' e instruiu o secretário a pôr uma linha longa para ele ao longo da página por estar ausente. De pé no meio do chão, Viola disse: 'Agora não posso ir até que todos se riam e falem ao mesmo tempo e me deem um pouco de brilho. Temos de ter condições, sabem.' Desmaterializando-se fora do gabinete, Viola acrescentou enquanto desaparecia: 'Agora não fiquem todos sóbrios no minuto em que eu parar de falar.' Grey Feather, que mantivera o seu médium fora do gabinete com a classe para mostrar que podia trazer a materialização dessa forma, estava a magnetizar alguns cartões para os membros, e as faíscas radiavam dos mesmos de uma maneira notável.

4. INEZ. Esta materialização é uma jovem belíssima de cerca de dezasseis anos, e é uma guia da Sra. Cleary. Traz sempre brilho ao círculo e tem uma palavra alegre para

todos. Recebendo a sua flor de aniversário e agradecendo gentilmente à Sra. Moore pela mesma, foi até Grey Feather e segurou a flor sob o nariz dele, para grande desgosto deste.

5. CELIA. Guia do Sr. Cleary. Esta é sempre uma bela materialização de uma jovem, e o Sr. Cleary recebeu muitas provas convincentes do poder dela para o auxiliar. Celia reconheceu graciosamente uma apresentação ao Dr. King e, caminhando para as flores, admirando-as evidentemente, observou que as flores davam belas condições. Após uma conversa privada com o Sr. e a Sra. Cleary no gabinete, Celia desmaterializou-se visivelmente para a classe.

6. INEZ. Inez reapareceu e levou Grey Feather para o gabinete. Regressando, Inez deixou cada membro cheirar a sua flor, observando: 'Elas não cheiram muito bem mas, oh, não são lindas?' Chegando ao Dr. King, Inez deixou-o sentir o seu belo cabelo. Dançando alegremente para o gabinete, Inez também desmaterializou-se visivelmente.

7. CLARA. Uma materialização de uma jovem que é guia da Sra. Russell. Diz que o seu nome é Clara Navarre e a sua casa na terra foi em Filadélfia. Também que está na quarta esfera e prestes a progredir para a quinta. Que dirá à Sra. Russell quando chegar o momento da sua progressão. Perguntada se usava um véu branco devido à esfera em que existia, respondeu: 'Não, vestimo-nos de branco porque é simbólico de pureza.'

8. DR. SHARP. Uma materialização maravilhosa de um espírito guia da Sra. Etta Wriedt de Detroit, e um homem cuja aparência venerável e marcante impunha o mais profundo respeito. Respondendo ao Dr. King, o Dr. Sharp disse: 'Sim, eu disse-te que viria. Disse-te em casa da Irmã Wriedt em Detroit que estaria aqui. Sim, podes dizer-lhes quem eu sou.' Tendo dito ao Dr. King em Detroit que colocaria a sua mão sobre a cabeça dele, Dr. King, quando este visitasse Toledo, ele também cumpriu essa promessa, dizendo: 'Sou um amigo de todos os que são amigos da Causa.' Com as palavras: 'Aqui está a sua surpresa', este espírito imponente desmaterializou-se. (Cumprimento completo.)

9. HIPÁCIA. A elevada guia espiritual do Dr. King, que afirma ser a filha de Theon, saiu em seguida do gabinete em plena vista de todos os presentes. As palavras dificilmente são adequadas para descrever de forma apropriada esta bela materialização. Alta e majestosa com joias brilhantes cintilando a cada movimento, Hipácia era gloriosa de contemplar. Disse ao Dr. King: 'Esta é a rosa que me deste há quase dois anos, lembras-te? E aqui está outra. Esta é a fita branca e esta é a azul. As condições aqui esta noite são gloriosas. Que belo que isto tenha sido tudo preparado com antecedência para todos vós. Vou-me embora agora mas tentarei regressar. Sentem-se apenas.' Solicitada pela Sra. Jonson para levar a flor de aniversário ao Dr. Sharp, Hipácia aceitou graciosamente a sua própria flor e a que era para o Dr. Sharp. Enquanto esperava que Hipácia regressasse, o Dr. King falou belissimamente das qualidades maravilhosas da sua majestosa guia, dizendo que a achara sempre a alma da lealdade e da verdade.

Que ela ajuda a sua esposa no outro lado, tornando possível a sua rápida progressão. Também disse à classe sobre a promessa de Hipácia de lhe trazer nesta ocasião a primeira filha da sua esposa, que partira ao nascer, e que crescera agora para ser uma bela jovem. Quando o Dr. King acabou de falar, Hipácia reapareceu e disse: 'Faria muito mais esta noite mas retira tanto poder do médium, e há tantos que ainda hão de vir, que não seria correto eu fazê-lo, portanto desejar-vos-ei boa noite.' Curvando-se graciosamente para todos, este espírito radiante desmaterializou-se fora do gabinete.

10. MAY DONNA. A promessa de Hipácia foi cumprida e o Dr. King viu diante de si a sua filha espiritual, que falou belissimamente da seguinte forma: 'Papá, oh Papá, eu amo-te. Eu vim na outra noite. Sim, vou dizer-te o meu nome. Quero estar perto de ti e da Mamã: por isso chamam-me May Donna. O May é pela Mamã e o Donna é por ti.' Solicitada a soletrar o nome, May Donna fê-lo distintamente. Continuou: 'Nunca deves sentir-te triste, querido papá, pois nunca estarás sozinho, por isso não te deves sentir tão solitário. Ficarás, oh, tão feliz quando a mamã e eu te levarmos connosco. Não te esqueças, papá, de dizer a todos os queridos que eu vim.' May Donna aceitou uma flor do seu pai, e também aceitou a flor de aniversário da Sra. Moore, dizendo: 'Não te esqueças de dizer à avó que eu vim. Boa noite, papá, querido, querido papá.' Com estas palavras amorosas, este espírito adorável desmaterializou-se à vista da classe.

11. MRS. JOHN S. KING (Conhecida nos Registos como May). Bela e forte, e tão convincentemente natural que superou o autocontrolo de um homem forte, a esposa do Dr. King esteve materializada diante dele, proferindo as seguintes palavras de conforto: 'Não chores, querido Johnnie. Meu querido, esta vida é bela, toda brilho e alegria. Oh, meu querido, amo-te tanto, e o amor que sentimos na terra apenas cresce mais forte e mais belo no nosso lado. Faz exatamente como eu disse sobre as minhas coisas. Não é necessário repetir isso. Sobre as minhas joias, quero que sejam deixadas onde estão no cofre de depósito de segurança no banco, não quero que sejam dadas durante muito tempo, depois instruir-te-ei sobre o que quero que seja feito com elas. O diamante único, quero que, assim que fores para casa, o mandes cravar num alfinete de gravata.

Tem cuidado e observa onde o levas, compreendes? E quando o usares, tornará mais fácil para mim aproximar-me de ti. Oh, meu querido Johnnie, desejava poder ficar aqui de pé e falar contigo, mas não posso, mas tantas vezes quantas eu vier, isso dar-me-á mais força. Oh, Johnnie querido, sinto a minha força a ir-se. Sabes que não conseguia falar quando parti. Quero materializar-me para ti mais vezes, querido Johnnie.' Sendo-lhe perguntado que nomes carinhosos chamava ao Dr. King além de 'Querido Johnnie', respondeu mencionando todos os termos de afeição que costumava usar com o seu marido. Retomando a conversa, a Sra. King disse: 'Não estavas comigo quando parti, Johnnie querido, mas eu não poderia ter-te falado se tivesses estado lá, mas agora, querido Johnnie, vamos compensar o tempo perdido. Sinto a minha força a deixar-me, e devo dizer boa noite, meu querido, querido Johnnie, amo-te muito.'

12. CONSTANCE EYSTER. Uma bela materialização de uma criança que partiu com a idade de oito anos e está no mundo espiritual há um ano e um mês. Perguntada

pela mãe como é que conseguia passar quando havia ali tantos espíritos grandes, respondeu: 'Bem, vês, mamã, eles cantaram uma cançãozinha de bebé e eu entrei logo nela.' Sendo-lhe dito porque é que o seu papá não estava presente, respondeu com simpatia: 'Oh, pobre papá. Diz ao papá que eu vou ajudá-lo e a Chrystal vai ajudá-lo, e vamos fazê-lo sentir-se bem outra vez. E não te sintas tão triste, mamã querida, porque eu sou, oh, tão feliz, e amo-te a ti e ao papá mais do que tu sabes que eu posso amar-te. A Chrystal vai falar contigo, mamã querida, e agora devo ir. Por favor, diz boa noite ao papá por mim, e boa noite, mamã querida. Amo-te muito.'

13. CHRYSTAL. A bela guia espiritual do Sr. Eyster, que se materializa sempre com força e poder. Dando uma mensagem para ser levada ao Sr. Eyster, disse: 'Diz ao querido para avançar com esse assunto. Ele deve agarrar-se a isso. Se tiver de trabalhar dia e noite, deve encontrar uma forma, pois nisso reside o fim de toda a preocupação para ambos. Vejo à frente grandes coisas para ambos.' Com mais algumas palavras de conselho, este espírito poderoso desmaterializou-se fora do gabinete, com a sua coroa de prata a descansar no chão por um instante antes de desaparecer."

14. SR. STACK. Esta é uma materialização do pai da Sra. Cleary, que é sempre convincentemente natural para todos os que o conheceram em vida, até no falar com um sotaque carregado (*rich brogue*). Quando alguém disse que era o Sr. Stack, ele respondeu: "Com certeza que sou, mas esperei demasiado tempo para vir. Com certeza que estou feliz." Sendo-lhe oferecida a flor de aniversário, aceitou-a com a observação satisfeita: "Claro que a aceito." O Sr. Stack também se desmaterializou visivelmente com a sua flor.

15. VIOLA. Uma bela materialização de uma jovem rapariga, que é uma guia da Sra. Jonson. Parecia encantada com a sua flor de aniversário e foi de um membro da classe para o outro a mostrá-la, desmaterializando-se com ela na mão.

16. O PAI DA SRA. MOORE. Este cavalheiro materializou-se muito distintamente e aceitou a sua flor da sua pequena neta, que estava presente, e beijando-a em despedida, tendo a menina observado depois que as barbas do Avô lhe faziam cócegas na boca.

17. MARY. A bela guia do Sr. Robleto que, ao referir-se a certos acontecimentos, lhe deu prova positiva de que está sempre com ele. Enviou uma mensagem de amor para a sua família e prometeu dar-lhe prova da sua presença num tempo futuro, tocando-lhe na cabeça. Tomando o Sr. Robleto pelas mãos, Mary conduziu-o com ela até ao gabinete onde, após uma curta conversa, se desmaterializou visivelmente.

18. ALBERT. Esta materialização é o filho jovem da Sra. Russell. É sempre um espírito belamente forte, e falou durante algum tempo com a sua mãe, caminhando também em direção ao Dr. King para uma apresentação, e expressando o seu prazer em conhecer o cavalheiro.

19. MINNIE. Uma bela materialização da irmã da Sra. Moore, que permaneceu de pé durante a materialização de Albert e admirou as flores, retirando da jarra a que foi

da sua escolha. Também disse à Sra. Moore para estar preparada para a partida (*passing out*) da sua irmã, que reside no futuro próximo. Dizendo adeus à sua pequena sobrinha, Minnie e Albert desmaterializaram-se quase simultaneamente.

Isto encerrou um dos Círculos mais belos e satisfatórios alguma vez realizados pela Classe Sunflower. 15 de Nov. de 1911. (Assinado) Katherine M. Eyster, SEC.

Estado de Ohio, Condado de Lucas, ss: Subscrito e ajuramentado perante mim, um Notário Público no e para o Condado de Lucas, Ohio, neste dia 18 de novembro de 1911. (Assinado) James W. Harbaugh, Notário Público. [Selo da Lei]

ADENDA

Os leitores encontrarão, na sessão precedente, o cumprimento de predições feitas nas sessões de trombeta em Detroit, com a adição de mais novas evidências.

O Dr. Sharp, guia de Etta Wriedt, esteve presente como prometido, materializou-se, colocou a sua mão na minha cabeça e contribuiu para a minha surpresa. Hipácia trouxe May e a nossa filha à sessão para que ambas pudessem materializar-se e falar comigo; entregou-me as duas rosas que May e eu lhe tínhamos dado quando May estava na vida terrena, quase dois anos antes disto, completando assim um teste da sua capacidade (de Hipácia), que ela tinha prometido. Refere-se isto longamente noutro lugar. Ela também cumpriu a sua promessa de trazer a minha filha anjo para se materializar e falar comigo.

May Donna cumpriu a sua promessa de me dizer o nome que os anjos lhe deram. May cumpriu cada promessa feita em Detroit. Ela também deu evidência de que estava comigo e sabia que artigos estavam no cofre de depósito de segurança, os quais eu apenas lá colocara na sexta-feira, pois saí de casa no dia seguinte, e nenhuma pessoa viva além de mim sabia o que eu lá tinha colocado, ou quando. Ela também deu, em resposta a um pedido de uma senhora presente, todos os nomes carinhosos pelos quais eu a chamava quando em nossa casa, e fê-lo corretamente. Ela fez igualmente um pedido para mim com o qual mais ninguém poderia cumprir, cujo resultado aparecerá como concluído e cumprido num capítulo futuro. J. S. K.

CAPÍTULO XVII

ESTA sessão realizou-se na quinta-feira à noite, 16 de novembro de 1911, seguindo-se à sessão especial da noite anterior. A sessão de quinta-feira à noite de cada semana é chamada a sessão pública, porquanto está aberta à admissão daqueles que não pertencem à Classe Sunflower, nem a qualquer círculo especial de amigos; e é o círculo no qual recém-chegados, estranhos e amigos pessoais de alguns daqueles que estão mais ou menos familiarizados com sessões são admitidos, ou conhecidos dos Jonsons. Como cada oportunidade contava para mim, aproveitei esta e encontrei-me presente à hora marcada para a abertura da sessão. Reconheci três ou quatro que tinha encontrado em ocasiões anteriores, mas o número total de presentes era menor do que na sessão

anterior. Das materializações que se apresentaram, cerca de vinte ao todo, várias tinham-se apresentado numa ou noutra das duas sessões precedentes.

As formas que vieram ter comigo nesta sessão, e mantiveram conversa, foram apenas quatro. A primeira forma a vir e falar comigo foi o homem que descrevi num capítulo anterior como aquele que apontou para a sua garganta e boca na sessão de segunda-feira à noite, mas que esteve nessa ocasião incapaz de falar comigo; mas ele agora caminhou direito a mim, de modo que eu podia ver cada feição sua, e cada movimento dos seus olhos e lábios, e ouvir as palavras distintamente, conforme passavam pelos seus lábios. Estava vestido como na ocasião anterior, e era uma reprodução perfeita do seu antigo eu; um homem que eu conhecera em vida como ligado a uma instituição pública, e como eu muitas vezes o vira vestido com as suas roupas de domingo na minha cidade. Desta vez o seu rosto estava radiante com sorrisos, e a alegria parecia brilhar nos seus olhos. Falou da seguinte forma:

"Doutor, quando regressar a Toronto quero que diga à Sra. O— que pensa que eu estou morto — que não estou morto, que me viu e falou comigo, e que lhe pedi para lhe dizer isto. Fá-lo-á?" E eu disse-lhe que o faria. (No meu regresso, fiz como prometido. J. S. K.).

May Donna, a minha alegada filha espiritual, materializou-se pela terceira vez e parecia ter ganho força de cada vez. Disse que tanto ela como a sua mamã estavam comigo a maior parte do tempo, e me acompanhariam de volta a casa da Sra. Wriedt em Detroit; e depois de volta à minha casa em Toronto, para me impedir de ficar triste; e que, dentro de pouco tempo, seria capaz de falar comigo e de me aparecer quando estivesse sozinho.

Antes de falar da próxima forma a aparecer, posso dizer que uma única luz na parede atrás dos assistentes lançava os seus raios diretos para o ponto onde as cortinas do gabinete eram separadas pelas formas conforme estas saíam e onde os rostos dos investigadores se voltavam da luz para o rosto e forma que recebia os raios de luz, enquanto a sala inteira estava tenuemente iluminada, mas suficientemente para que se pudessem distinguir os assistentes, homens ou mulheres, nas cadeiras, e notar facilmente a diferença em tamanho e feição dos que se apresentavam.

A forma seguinte a aparecer foi a de May, que demonstrou maior força e a aparência física desenvolvida mais natural do que na primeira ocasião, sendo normal em tamanho, voz e nos vários atributos já mencionados em capítulos anteriores. Nesta ocasião, enquanto falava afetuosamente, expressou o prazer que sentia na sua capacidade de se materializar e de ser capaz de falar neste corpo organizado mas transitório, embora pudesse falar melhor através da trombeta. Ela também reconheceu novamente o maravilhoso cuidado e assistência que recebera de Hipácia. Desejou que eu visitasse os Jonsons novamente dentro de pouco tempo. Prometeu estar comigo no meu regresso a casa da Sra. Wriedt, onde teria oportunidade de falar comigo através da trombeta. "Estaremos todos contigo", querendo dizer aqueles que tinham estado comigo quando eu lá estivera antes.

Veio ter comigo nesta sessão, em forma materializada, uma forma espiritual de aspeto muito antigo e de rosto peculiar, que alegou ser um guia espiritual meu, o mais antigo de todos os guias. Ele era, de facto, o humano de aspeto mais estranho que eu alguma vez vira, diferindo tanto em feições, e em tamanho e cor bem como vestuário, das raças conhecidas. Falou, dando um nome tão longo e tão peculiar que eu não consegui nem pronunciar, nem escrever, nem sequer lembrar-me dele; e descobri o pouco que descobri então a respeito dele através de outros; através dos meus próprios alegados guias, especialmente Otelleo, e da pequena trabalhadora espiritual do gabinete, que disse que ele, o guia, seria por enquanto designado como des-Asia. Ele veio originalmente do Tibete ou montanhas dos Himalaias, no primeiro dos quais foi em tempos um sacerdote numa religião que difere de tudo o que existe agora. A pequena de espírito do gabinete, que afirma ajudar a construir as formas no gabinete nestas sessões, falando após o espírito antigo se desmaterializar, disse que ele tinha milhares de anos de idade, e dissera que quatro ou seis mil anos não eram muito, pois havia uma cidade enterrada no México que está enterrada há uns bons quarenta mil anos, mas que seria descoberta em breve. Solicitei a Otelleo para descobrir mais a respeito desta materialização e para me informar, e mais tarde solicitei a Hipácia para me informar sobre o intuito da sua visita, e o seu carácter, e se ele deveria ser reconhecido. Embora não haja matéria probatória, salvo o que os sentidos físicos produzem, manterei o registo e aguardarei desenvolvimentos futuros.

O meu guia espiritual, Hipácia, foi reportado como estando presente, mas não se materializou nesta sessão.

AUTOBIOGRAFIA DE J. B. JONSON

[NOTA: — Em resposta ao meu pedido para um breve esboço autobiográfico da sua vida para publicação neste livro, o Sr. J. B. Jonson atendeu enviando-me o seguinte, com data de 28 de fevereiro de 1912. — O AUTOR.]

"Nasci em 1854 em Akron, Ohio. O meu pai era natural de Inglaterra e um descendente direto, pelo lado paterno, da casa do imortal Ben Jonson, o poeta e escritor britânico. A mãe do seu pai, minha bisavó, era uma Payne, uma descendente de Tom Payne, o notável infiel, assim chamado. Nos meus dias de infância lembro-me de assistir a uma celebração do aniversário de Payne, realizada em Toledo, no antigo Lyceum Hall, então usado por Espiritualistas e Livres Pensadores, quando falavam com muita unção do seu parentesco. Parece que o pai dele, que, diga-se de passagem, era um homem muito rico e um indivíduo intensamente religioso, nunca falava de Payne exceto em tons de desdém e deplorava o parentesco. O seu filho nunca concordou com ele, nem nas suas visões de religião nem sobre Payne.

O meu pai, sendo o filho mais novo, aquando do falecimento do pai dele, foi cortado com a porção usual concedida naqueles dias ao mais novo, a qual ele recusou aceitar, vindo para a América em 1851, entrando nos negócios em 1853, encontrando aquela que viria a ser minha mãe e, após um curto namoro, casaram-se. O nome de

solteira da minha mãe era Margaret J. Dolson, ela era também de ascendência inglesa. Na altura do meu nascimento, 16 de outubro de 1854, os meus pais estavam hospedados com uma família em Akron que eram espiritualistas. Na noite anterior ao meu nascimento realizaram uma sessão para manifestações físicas, portanto, tendo nascido entre tais ambientes, não será possível que as condições pré-natais tenham tido algo a ver com os desenvolvimentos de anos posteriores?

As minhas recordações mais antigas de algo de natureza psíquica datam do tempo em que eu tinha sete anos de idade — tendo uma irmã, Josephine, de cinco anos de idade. Brincando pela casa num dia de verão em jogo infantil, com ela a perseguir-me, saí a correr de casa e entrei e passei através de um homem grande, corpulento e de barbas pretas nos degraus da casa. Ao virar-me, não estava lá ninguém. A minha irmã também o viu. Corremos para a mãe com medo. Enquanto lhe contávamos, o pai chegou a casa da loja.

Lembro-me do pai dizer: 'Ora, ora! É tudo imaginação', mas isso não nos satisfez e, ao longo dos meus dias de infância, tivemos várias manifestações onde quer que vivêssemos: ruídos inexplicáveis, batidas (*rappings*), sons de passos à noite através de divisões onde ninguém era visível à nossa vista; de facto, tantas manifestações que não tenho tempo ou espaço para as mencionar.

A minha primeira investigação séria começou aos 18 anos quanto à causa destas manifestações. A minha irmã, que falecera pouco depois do primeiro incidente mencionado, foi a primeira a manifestar-se na minha primeira sessão regular em que me sentei. O meu progresso depois disso foi rápido, começando com o controlo por transe em 1876. Tendo-me mudado para Springfield, Ohio, travei conhecimento com amigos interessados no Espiritualismo, que formaram um círculo. Recebi instruções para construir um gabinete e logo obtive manifestações físicas sob estritas condições de teste, e algumas materializações desenvolveram-se. Ocorreram muitas coisas de natureza oculta durante a minha estada de quatro anos entre os amigos que encontrei em Springfield, e um decidido desenvolvimento da minha mediunidade.

Voltando para Toledo, Ohio, em 1880, o meu emprego interferindo com as nossas sessões, não dediquei tanto tempo ao assunto durante vários anos. No intervalo, descobri que possuía mediunidade na linha da trombeta, a qual tenho experienciado mais ou menos de tempos a tempos, até ao presente. Tínhamos várias manifestações no nosso círculo familiar de poder espiritual, até que fui forçado pelas circunstâncias a vir para a frente como um médium público, sendo o meu primeiro desenvolvimento como um médium de trombeta e para manifestações físicas, tendo materializações entretanto, as quais não assumiram as presentes estabilidades até eu casar com a minha presente esposa em 1901, o que atribuo ao facto de termos ambos nascido sob o mesmo planeta. Os nossos aniversários caem respetivamente a 9 e a 16 de outubro, perfazendo uma forte combinação psíquica, de acordo com a *Solar Biology* de Butler.

Quanto ao carácter das nossas manifestações ou antes descrição delas, deixo isso para outros; como o meu amigo, o autor deste livro, me solicitou para ser breve no

esboço da minha vida, deixá-lo-ei com o leitor, com a afirmação de que, se eu, na minha forma humilde, fui o instrumento através do qual os seus amigos que passaram para a vida superior foram capazes de entrar novamente em contacto com eles, com o conhecimento consolador de que, se um homem morre, ele de facto vive novamente, então o meu trabalho não foi em vão, nem a minha vida sem propósito.

Sou, caro leitor, seu sinceramente, (Assinado) J. B. JONSON."

J. B. JONSON,

MEDIUM DE MATERIALIZAÇÃO.

CAPÍTULO XVIII

Esta sessão realizou-se na noite de sábado, 18 de novembro de 1911, na sala de sessões da Sra. Wriedt, em Detroit. Os assistentes eram quatro mulheres, um homem e um rapaz pequeno que, juntamente comigo, formavam um círculo de sete. Não tomei notas copiosas como habitualmente fazia, mas escrevi o meu registo após o meu regresso ao hotel. Não registo, portanto, todos os factos, mas noto brevemente características interessantes que considero dignas de registo pelo seu carácter de evidência. O Dr. Sharp, o guia [control] da Sra. Wriedt, saudou-me e, ao fazê-lo, lembrou-me de que tinha cumprido a promessa que me fizera nesta mesma sala de sessões no domingo passado, 12 de novembro, de visitar a sessão de Jonson na noite em que eu teria a minha surpresa.

Ele prometera que se materializaria no gabinete, sairia e colocaria a sua mão sobre a minha cabeça, e eu saberia, por esse ato, que era ele (Dr. Sharp). Admiti perante a sua médium, a Sra. Wriedt, e perante todos os assistentes, que o Dr. Sharp tinha cumprido total e sucessivamente a sua promessa, exibindo muita força quando colocou a mão sobre a minha cabeça. Essa ocasião foi a segunda em que o Dr. Sharp apareceu materializado na minha presença. Nos meus registos de 7 de agosto de 1910, encontro esta entrada, que o menciona, a saber:

"Na sessão privada desta manhã de sábado, 7 de agosto de 1910, a Sra. Jonson sentou-se com a Sra. King (então na vida mortal) e eu próprio, estando nós os três na sala B, enquanto Jonson estava deitado num sofá na sala A, do outro lado da cortina que preenchia o espaço deixado para uma porta. Após várias formas se terem materializado, uma forma alegando ser a do Dr. Sharp, um homem idoso de constituição robusta, de barba farta e aspeto inteligente, interpelou-me e disse, enquanto permanecia na forma materializada: 'Como é um velho amigo da minha médium, a Sra. Etta Wriedt de Detroit, senti que gostaria de o visitar.' Nós (a minha esposa, então viva, e eu próprio) demos-lhe as boas-vindas e, após uma curta conversa, ele retirou-se."

A mesma sessão em que o Dr. Sharp esteve presente em forma materializada, acima registada, tornou-se memorável para mim por várias razões que merecem reconhecimento, e podem ter ligação com eventos de data anterior, bem como com outros de data posterior neste volume, que mesmo agora, ou provavelmente num futuro próximo, pela associação com outras datas, eventos, factos ou declarações, provarão ser evidência circunstancial ou testemunho corroborativo, pelo que serão notados na conexão precedente.

"Otelleo, outra inteligência que mantém comunicação comigo há anos, através de vários médiuns e de variadas fases, tendo-se materializado e conversado comigo primeiro através deste mesmo médium (J. B. Jonson) noutro local em 1907, quando estava prestes a retirar-se, prometeu voltar e trazer consigo uma personalidade distinta que eu teria prazer em conhecer. Retirou-se e pouco depois regressou com um alegado amigo e irmão; e apresentou um alegado Hiram Abiff."

"A minha guia, Hipácia, que sempre alegou ser filha de Théon e, consequentemente, como tal, seria conhecida como a filósofa neoplatónica, visitou-nos e depois retirou-se, mas antes de o fazer prometeu voltar e fê-lo em pouco tempo, reentrando com outra bela e angelical jovem, a quem apresentou à minha esposa como Saphrona. Esta mesma sessão de 7 de agosto de 1910 tornou-se memorável pelas condições impostas e aceites, aquando da nossa apresentação a Hipácia de rosas brancas, atadas no meu caso com um laço de fita de cetim branco estreita e, no caso da minha então esposa, May, atadas num laço com fita de cetim azul, e que é mais detalhadamente referido em dois outros capítulos que cobrem a presente série de sessões, a saber: em Detroit através da trombeta, e na noite de quarta-feira, 15 de novembro de 1911, em casa de Jonson, em ambas as ocasiões por Hipácia, que reteve as rosas um ano, três meses e oito dias antes de mas devolver, atadas como quando as recebeu, e parecendo tão frescas, estando a minha esposa presente como espírito quando ela o fez."

A inteligência seguinte a dirigir-se a mim na sessão da Sra. Wriedt de 18 de novembro de 1911 foi Grey Feather, o alegado guia índio de J. B. Jonson, em Toledo, que me deu duas razões para vir a esta sessão: a primeira, que me prometera vir e agora mantinha essa promessa; e a segunda, um assunto de interesse puramente pessoal e privado, do qual não serviria qualquer propósito útil fazer registo aqui.

May, a minha falecida esposa, seguiu Grey Feather e não só endossou o que Grey Feather disse, como entrou em mais detalhes. Hipácia falou sobre o mesmo assunto que Grey Feather e May, mas falou com mais seriedade e aconselhamento do que era habitual nela.

A atitude e a seriedade destes três testemunhos espirituais nas suas diversas comunicações para comigo, tocando num assunto de interesse pessoal, forneceram material probatório do tipo mais convincente, mas indisponível aqui.

Outra característica desta sessão foi o canto, por duas vozes diferentes separadamente, de melodias escocesas e algumas estrofes de hinos bem conhecidos.

Um dos assistentes recebeu muitos conselhos de um alegado espírito que falava através da trombeta, a respeito de um intrincado assunto de negócios, o qual se tornou muito interessante para ela, embora sem valor probatório para mim.

O nome da minha alegada filha espiritual (May Donna), tal como o recebi na sessão de Jonson, foi anunciado com a adição: "Apenas para que saibas que estou aqui, Papá."

Nesta sessão, veio o guia muito antigo com um nome muito longo, que eu não consegui escrever, nem pronunciar, nem recordar depois de ele se ter materializado na quinta sessão da série em casa de Jonson, mas que deveria ser por mim designado e conhecido, por agora, como des-Asia. Como ele falou sem anunciar o seu nome, a pergunta feita foi: "Quem é este?". Após uma breve pausa, veio em tons trovejantes a palavra ou nome "Asia". Ele tinha-se dado a conhecer há alguns anos como um antigo guia espiritual meu. Falou lentamente na língua inglesa e informou-me de que tinha vindo agora para iniciar o trabalho que tinha indicado na primeira e única ocasião, cerca de seis anos antes, através de outro médium, e que falaria comigo novamente quando eu estivesse sozinho.

O alegado espírito de uma pequena menina índia que disse chamar-se "Pansy", e que vinha ver o "Grande Chefe", animou os trabalhos durante uns bons quinze minutos, provocando muitas gargalhadas, que se tornaram mais ou menos contagiantes devido à sua própria risada. Ela também criou algum divertimento à minha custa e pôs-me a adivinhar. Disse que estava em minha casa, em Toronto, e que "a tua 'squaw' (referindo-se à fotografia da minha esposa) estava na mesa do teu escritório". A princípio, fiquei perplexo sobre o que ela queria dizer. Ela aparentemente desfrutou da minha estupidez momentânea, riu-se com vontade e disse: "A tua 'squaw' está ao teu lado agora". Então compreendi essa parte, quando me ocorreu que eu tinha deixado o retrato da minha falecida esposa na minha mesa juntamente com o de um amigo. Então eu disse: "Agora diz-me se ela está em mais algum lugar", e ela disse-me onde três dos seus retratos estavam pendurados nas paredes e uma fotografia sobre a cómoda. Ela descreveu a localização de cada um conforme os encontrei ao regressar a casa. Eles, juntamente com todos os adornos de parede, tinham sido mudados durante a minha ausência, e eu não tinha uma fixação absolutamente definitiva destes na minha mente; e embora

conhecesse a posição de alguns deles antes da mudança, não conseguia dar as suas posições relativas com quadros adjacentes após a mudança, o que ela tinha feito.

Creio que, dadas as circunstâncias, a hipótese de transmissão de pensamento ou leitura mental neste caso seria rebuscada. Após o meu regresso a casa, pude verificar a localização e situação absolutamente corretas dos retratos, tal como ela afirmara na sessão; e sou capaz, portanto, de incluir nesta conexão o meu reconhecimento da exatidão do que foi descrito na audição de todos os que participaram na sessão. De modo que o testemunho dado na sessão foi confirmado como correto a partir da minha comparação do testemunho com os factos existentes.

AS HIPÓTESES TELEPÁTICA E DE LEITURA MENTAL

Analisemos aqui as hipóteses mentais e provemos, se pudermos, que elas não podem explicar todos os fenómenos psíquicos, pois existem alguns produzidos pela alma encarnada e outros quando esta se torna desencarnada. O funcionamento da parte objetiva da mente, alega-se, tem a ver com os cinco sentidos, com a razão e com a aquisição de conhecimento; enquanto o funcionamento da parte subjetiva da mente controla as funções orgânicas em todo o corpo e é a sede de todas as emoções e o armazém da memória. Concederei até este ponto o que é alegado e admitirei ainda que é harmonioso com o espírito encarnado, em cada indivíduo; mas, embora possa ser impressionado para prestar serviço a um espírito desencarnado, não é ele próprio criador de forma física, voz ou outros fenómenos psíquicos fora do seu próprio ambiente físico ou corpo humano?

Não sou um perito mental, nem um psicólogo eminente, mas tenho um funcionamento saudável da mente e uma faculdade normal de raciocínio e, portanto, reivindico o direito de questionar o afirmador que diz que um certo funcionamento do eu subjetivo explicará os chamados mistérios psíquicos. Desejo dizer e tornar clara a minha declaração de que eu próprio não sou capaz, e não acredito que qualquer homem seja capaz, de definir ou demonstrar corretamente todas as variadas funções de qualquer mente; e objeto à assunção de uma hipótese sem que factos sejam apresentados para a sustentar e, portanto, com a definição deve haver demonstração por parte do defensor da hipótese mental. É papel do campeão sustentá-la. Eu não pretendo saber, ao discutir a hipótese em questão, mas simplesmente assumo ou suponho para fins de argumento, deixando o ónus da prova com aquele que usa a hipótese. Vejamos a aplicação das diferentes hipóteses mentais no caso do testemunho da alegada menina índia.

Pode ser explicado por qualquer hipótese mental? Ou foi a informação que ela transmitiu compilada a partir de factos e conhecimentos armazenados na minha mente subjetiva? Ou foi a voz um fenómeno físico naquela ocasião na sessão devido à leitura mental ou à transmissão telepática de pensamento? Reivindico que não foi nenhuma das duas coisas. Devo ter deitado o olho a cada um daqueles quadros antes de terem mudado das suas localizações anteriores e, se assim foi, estou disposto a admitir que a sua localização anterior estava fixada na minha mente subjetiva e ali retida para todo o sempre, pelo menos na vida terrena.

Provei, para minha própria satisfação, dezenas de vezes, que a mente subjetiva é um armazém de todo o nosso conhecimento, independentemente de como foi obtido, da infância à velhice, embora na sua maioria esquecido pela mente normal ou objetiva; e como eu não tinha absolutamente nenhum conhecimento objetivo, na altura em que a informação foi telepaticamente libertada de mim, sobre a localização dos quadros, ela deve ter sido fornecida, se essa hipótese for a correta, pela minha mente subconsciente ou subjetiva, se veio de mim de todo, e se essa possibilidade for admitida (e admiti-la-ei apenas para fins de argumento), então a impressão do pensamento, ou associação de pensamentos, tendo a sua existência ou autoevolução no transmissor humano (minha mente subjetiva) para o recetor humano (mente subjetiva da Sra. Etta Wriedt), estava assim na posse dela.

Mantendo em vista o facto de que a impressão do pensamento que atinge o recetor humano deve ser absolutamente o próprio pensamento, ou duplicado perfeito ou ondulação como a da pedra atirada ao charco, do pensamento que deixa o transmissor humano — o meu eu subconsciente, que não se supõe ser ativo dessa forma; e é praticamente bem ilustrado pelos atos bem conhecidos de transmitir mensagens tanto telefónicas como telegráficas, que seguem uma linha, direta ou de rota tortuosa, do funcionário ou pessoa que transmite, ou instrumento, para o ouvido do recetor ou o instrumento recetor; e se assim for, a origem é humana, e se o conhecimento não for enviado voluntariamente pelo assistente (na Sra. Wriedt, eu próprio), então a médium, para o obter, deve entrevistar com a sua mente subjetiva, ou espreitar para o meu armazém de memória (minha mente subjetiva), e procurar e encontrar ali a própria coisa que deseja pelo processo de leitura mental; e tendo-a encontrado, pôr-se ao trabalho para a vestir (em palavras ou forma) e fazê-la passar por original dela, e pelo seu eu consciente transmiti-la de volta à minha mente objetiva, mas não por telepatia, mas de uma forma diferente, colocando-a numa trombeta, uma realidade física, e dando-lhe uma voz para a falar — pois todos os presentes ouviram a voz e o que ela disse — de modo que o pensamento é vestido em físico e, por ondas de som, atinge o tímpano do meu ouvido e, através deste canal físico, ganha entrada da forma normal na minha mente consciente e entendimento; e para ser coerente em tal afirmação, naturalmente a informação seria primeiro roubada, ou pelo menos retirada da minha mente subjetiva, pelo chamado plano de leitura mental, pois não foi transmitida, como mostrarei mais adiante, e não era original da médium, e assim, do princípio ao fim, mesmo que fosse possível — o que não era, sob a minha supervigilância — não seria nada mais que hipocrisia, e agora vou prender o crítico. Não há nada enviado de volta pela rota telepática, nem pelo caminho natural, que não tenha sido roubado da minha mente subconsciente por furto de leitura mental, e note-se este facto: que se não estivesse lá no início, não poderia ser roubado, utilizado, recebido ou enviado e, portanto, como obtive informação através de "Pansy" e conhecimento de alguns eventos novos para mim, que nunca estiveram em stock no armazém do meu eu subconsciente, mas vieram de outra fonte para mim naquela ocasião, isso derruba inteiramente a hipótese que o crítico adotou, em vez da minha, pela qual alegava que a médium (Sra. Wriedt) me tinha enganado (como assistente).

Vejamos isto de outra forma, como, por exemplo, eu, como assistente, não penso nisso e, portanto, não o transmito, o que é bastante razoável; e, portanto, não é a minha telepatia, nem a minha transmissão de pensamento, mas, por outro lado, o crítico alega que ela (a médium) lê os meus pensamentos na mente e, portanto, "é feito por leitura mental", e a ação emana dela; e ela sabe, ao copiá-lo do que está no meu armazém, ou retira-o da minha mente subjetiva por visão ou por furto de mim, o que seria furto por leitura mental, com intenção, e envia-o de volta pela rota da trombeta, em ondas de éter ou ar comum, para a minha mente objetiva, através do sentido da audição, tudo o qual é físico, e mais uma vez a cópia vai, ou então o original, para a prateleira do meu armazém subjetivo; mas nem isso servirá, pois não é verdade, pois uma vez na prateleira da mente subjetiva, não pode ser roubado nem perdido, mas está sempre lá, e apenas copiado ou repetido, de modo que a médium obtém uma imagem fotográfica do meu pensamento ou pensamentos, ou os meus pensamentos refletidos, na sua mente subconsciente ou subjetiva, e lá ficarão, e não subirão à mente superior ou objetiva para serem imediatamente enviados de volta para mim, como ela poderia desejar para me impressionar que era espírito em vez dela, portanto, aqui novamente a hipótese mental não se ajusta, porque o conhecimento, ou os factos, não estão na mente para serem fotografados, copiados, refletidos ou repetidos.

E ainda posso expressar isto por outras palavras e realçar os factos através do raciocínio, e dizer que o recetor dos pensamentos (a mente subjetiva da médium) torna-se possuidor deles, ou melhor, do seu reflexo, ou das ondas de harmonia produzidas por vibrações moleculares, ou de alguma outra forma, que têm origem na criação ou evolução do pensamento, e reorganiza-os do que eram e envia-os de volta com a ajuda do físico para a minha mente objetiva, com o propósito expresso de me enganar, fazendo-me acreditar ser aquilo que é representado. Mas aqui novamente recorre-se ao que é físico, ou seja, uma trombeta e uma voz, que não são criadas pela mente, e essa hipótese não as explicará, pois isso pressupõe a existência prévia destes pensamentos.

Mas, para levar a cabo o seu motivo, a médium atribui ou designa o dever ao seu eu subjetivo de adquirir pensamentos do armazém da minha mente subjetiva, o que posso conceder no argumento como possível, se tais pensamentos lá estiverem, e fazê-los passar para o designado, a mente objetiva da médium (mas mesmo isto é excecionalmente difícil), e então arranjar com eles uma história provável para me ser enviada de volta a partir da sua mente objetiva, mas teria de ser, se de todo possível, por telepatia, pois não poderia ser por transmissão através de uma trombeta; e através do meu órgão de audição para a minha mente objetiva, o que é suposto, ou assim argumentado pelo defensor da hipótese mental, ter sido obtido do meu armazém subjetivo, o qual, se isso fosse verdade, pertencia a mim, o que não pertencia, sob o falso pretexto de ter sido obtido de uma menina índia, que de facto — pelo menos assim se argumenta nesta altura e lugar — não tinha existência real. Eu designaria isto como uma desculpa muito coxa para uma hipótese mental muito fraca. Mas se os pensamentos e o conhecimento tivessem estado lá alguma vez a respeito de Pansy, poderiam possivelmente ter sido transmitidos telepaticamente ou lidos, refletidos ou conhecidos, para que pudessem ser utilizados, reconstruídos, revestidos de palavras e enviados de

volta, de forma natural e humana, mas não por trombeta e linguagem falada, com o propósito de me enganar.

Para mim parece ridículo o argumento e a razão de que a médium obtém tudo de mim, mesmo que os pensamentos estivessem na prateleira da minha mente subconsciente, e assim pergunto: quem poderia conceber a parte enganosa disso? Ou que motivo poderia impeli-lo? Que vantagem ou benefício poderia ser para alguém? A possibilidade e a realidade da leitura mental ou da telepatia nunca foram ainda aceites como bem estabelecidas para comunicação ou para utilidade prática. Mas os pensamentos nunca foram meus e, portanto, não poderiam ser obtidos de mim, e assim não houve pensamento ou conhecimento de Pansy, de quem nunca ouvi falar nem vi nem identifiquei, e nunca soube que tinha uma existência até então; e, consequentemente, nunca tive na mente para ser transmitido, lido ou refletido para a mente subjetiva da médium e, portanto, era mentalmente inexistente, e nenhuma tentativa poderia ser feita, quer mentalmente quer de forma natural, para realizar um engano fraudulento por meio da mente e, portanto, nenhuma hipótese mental poderia ajustar-se à situação.

Como autor, dirijo-me agora a um júri inteligente e muito numeroso de homens e mulheres pensadores. Talvez pensem que o meu estilo de expressão, ou modo de ilustração e igualmente demonstração, é novo e peculiar, e a minha linguagem não exatamente clara na definição; mas quero que todos e cada um saibam e compreendam plenamente que procuro resolver e demonstrar como resolveria um problema de geometria, e assim defender a hipótese espiritual e tornar passável, para críticos honestos e verdadeiros investigadores, a *pons asinorum* [ponte dos asnos] do caluniador desta filosofia, e argumentar sobre a premissa de que a verdadeira hipótese que explica e de facto dá conta dos fenómenos que registei e da filosofia que adotei não é mental, mas sim espiritual.

Se tiverem grande confiança de que estou errado e o crítico correto na sua seleção da hipótese da transmissão telepática de pensamento, ou por outro lado na da leitura mental, então devem defendê-la e prová-la, se puderem, através de demonstração, de que ela pode resistir a toda a crítica, mas mais do que isso, devem também demonstrar como tal hipótese funciona. Eu fi-lo com a espiritual, demonstrando-a de diferentes formas, tempos e lugares, como todos devem admitir os que ouviram a minha palestra anterior. Ainda não vi e compreendi plenamente como operam as hipóteses de operação mental. Até agora não tive a oportunidade de ver, ou o privilégio até agora de aprender a operação, e desejo que me seja mostrada pelo crítico a solução.

Chamarei o campeão das hipóteses mentais e examiná-lo-ei. As minhas críticas anteriores neste mesmo capítulo não afetam a sua reivindicação, afirma o senhor, pois não é a operação adequada que indiquei, nem adivinhei o seu plano. Pois bem, então pode novamente tilintar os seus símbolos ou argumentos de sonoridade doce das hipóteses mentais, pois farei um novo ataque. Peço a sua estreita atenção aos meus argumentos. Os pensamentos da mente subjetiva do assistente (eu próprio) não precisam, voluntariamente ou de outra forma, de se mover do seu local no armazém

subjetivo da mente, mas refletem-se de onde estão sobre a mente da médium, tal como o rosto do assistente se reflete perfeitamente no espelho do quarto de vestir, e isto de facto parece verdade, como provei (ver caso 3 de fenómenos psíquicos-hipnóticos no Capítulo IX).

Como May e os meus guias espirituais me disseram, e como provei pela sintonia de pensamento com eles e com outros nos reinos espirituais, e descobri por experiência real repetida vezes sem conta, o meu pensamento enviado por mim como desejo da alma para o ego ou espírito de um ente querido, ou amigo, ou alguém desejado, incide pouco depois na sua mente, e o meu desejo traz de volta deles, através de um psíquico escrevente ou outro instrumento, embora ausente de mim, uma mensagem que é uma resposta ao meu verdadeiro desejo. Mas repare, os meus pensamentos são reconhecidos, isto é, são vistos pela visão espiritual, ou o seu reflexo é tornado manifesto, ou através de vibrações criam ondas em harmonia, tal como uma certa nota na vibração de um diapasão gera a mesma numa corda de arame de piano no outro lado da sala; e também por um sentido de presciência ou sentido espiritual de intuição. Estes dois últimos estão ativos com o ego espiritual desencarnado, enquanto passivos com o encarnado, e portanto, não são patentes ao ego encarnado, ou pelo menos à sua mente objetiva, especialmente a uma mente comum. Mas admitir que estes sentidos existem na mente subjetiva para propósitos de vida desencarnada não explica de forma alguma o que não existe no pensamento ou pensamentos da minha mente subjetiva, como assistente, na sessão de trombeta, nem foi nem pode ser mostrado que a visão espiritual, nem a intuição, nem qualquer poder da mente tenha poder criativo para fazer ou encontrar o que não estava lá na minha mente subjetiva; e se não estava lá na minha mente, não poderia mostrar reflexo na mente da médium, nem como aparição para ela, nem poderia a mente de qualquer um deles, ou estas duas faculdades do ego, criar som, ou voz, ou linguagem no ar, nem mostrar a coisa como física, além do eu normal da médium; e assim encontramo-nos novamente no beco sem saída, e esta hipótese, juntamente com várias outras, conta como nada.

"Pansy", a pequena menina índia, não foi, portanto, criada a partir de um pensamento meu, como assistente ouvinte, juntamente com outros seis, nem de um reflexo de tal pensamento afirmado, nem foi uma criação pelo pensamento da médium, nem foi um reflexo de uma forma ou visão, nem uma simples aparição na mente da médium. "Pansy" era um espírito, e o que ouvi foram simplesmente ondas sonoras vibratórias de harmonia incidindo no tímpano do meu ouvido, e no dos outros assistentes, produzidas por órgãos vocais espirituais, operados por uma entidade inteligente viva, que ali mesmo afirmou ser "Pansy", outrora uma menina índia.

Eu não tive qualquer pensamento no meu armazém mental, em qualquer momento de toda a minha vida, de tal personalidade como "Pansy"; e portanto, não poderia estar no meu armazém subconsciente de conhecimento na altura em questão. E aqui está um obstáculo insuperável à adoção, neste caso pelo menos, da hipótese de leitura mental para explicar as falas de uma inteligência de qualquer tipo, seja pela médium ou pela menina índia, não importa qual. Soube subsequentemente que ela ou alguma outra

inteligência, representando-se como "Pansy", era uma guia nas sessões da falecida Maggie Gaul, médium. Apontei noutro lugar em conexão com o desejo expresso de May — onde a minha decisão quanto à proposta de oferta de um certo artigo a um certo parente — se transmitida à médium, não estava de acordo com o desejo de May; e isso foi reconhecido e falado por ela; e ela apresentou as suas razões para uma disposição diferente do artigo, na sessão de trombeta da Sra. Wriedt, em Detroit.

Novamente, não foi o meu pensamento para ela ou para a médium reter certos artigos que eu decidira colocar numa certa firma para venda (pela mesma razão que na instância anterior), mas aceitei e decidi agir de acordo com o conselho expresso recebido um dia ou dois depois dela, na sessão de materialização em casa de Jonson, em Toledo, onde ela apareceu no seu corpo transitório e falou através dos seus órgãos vocais. Este é outro obstáculo insuperável para o reclamante de que a hipótese de leitura mental explicará tudo, ou pelo menos tal parte disso.

Os inúmeros leitores, que constituem o meu júri de homens e mulheres pensadores, queiram desculpar-me se eu disser que, se a hipótese telepática, ou a da leitura mental, ou qualquer outra hipótese mental for aduzida por um oponente da hipótese espiritual como a verdadeira causa dos fenómenos de "Pansy", por exemplo, eu devo ter evidências; pois, tal como está, não passa de uma afirmação e parece-me, no mínimo, ridícula e muito intrincada em teoria; e sustento que não pode ser consubstanciado, nem sustentado por prova, que o meu próprio pensamento devesse ser transmitido por qualquer plano desse tipo a outrem, para permitir que essa outra pessoa (a médium) praticasse o engano comigo, pois não poderia ser obtido como sendo o meu pensamento se não fosse o meu pensamento e se não estivesse lá; e, portanto, quem usa tal argumento é demasiado presuntivo ao tentar usá-lo como arma contra o outro argumento de que se trata de uma verdade psíquica.

Há outro ponto que pode ser considerado aqui. Os factos, tal como me foram transmitidos na linguagem da suposta menina índia, eu não os pude verificar até regressar a casa e, então, por comparação com as minhas notas após a sessão, satisfiz-me com as afirmações absolutamente corretas do alegado espírito da menina índia. Há outra característica que merecerá a melhor reflexão daqueles que tão prontamente desacreditam a hipótese espiritual e, com a mesma prontidão, afirmam a sua crença na transmissão telepática de pensamento — a qual nunca foi aceite como bem estabelecida — e na outra, a leitura mental, também. Essa característica é que, para serem coerentes até ao fim, os defensores destas hipóteses deveriam dar-nos alguma descrição ou indicação de como um pensamento invisível, inaudível e intangível é transportado do "transmissor" de uma personalidade humana para o "recetor" de outra personalidade humana, através de longas ou curtas distâncias; e alguma razão deveria ser atribuída à necessidade de uma médium usar a referida, ou qualquer outra hipótese mental, para justificar o facto de a obter, e depois adotar uma diferente para justificar o facto de a usar — tal como a necessidade de encadear o pensamento em palavras e criar som para a sua expressão ao transmiti-las de volta à fonte original de onde vieram.

Mas, por agora, e apenas por amor ao argumento, admite-se que a linguagem usada é o resultado do pensamento transmitido; então, como poderia isso explicar, por um lado, as variedades de som que emanam das entidades inteligentes assim reivindicadas; ou, por outro, as manifestações psíquicas chamadas eterealizações e materializações? Mas percebe-se onde vamos parar se adotarmos uma hipótese mental, a saber: a mente cria sons físicos e pode, portanto, criar formas físicas.

Percebe-se que o espírito encarnado atua através da mente subconsciente ou subjetiva, sendo esta um ocupante indestrutível do ego ou alma, ou mais corretamente, um atributo da alma? Agora, um passo mais além, e o espírito encarnado, tendo uma mente e vivendo no seu corpo de alma ou astral dentro do corpo físico comum, esteve assim associado durante a infância, meninice, juventude e idade adulta até que a idade avançada, doença ou acidente torne esta habitação física não mais sustentável, e uma lei natural deixe o espírito encarnado sair para a esfera espiritual e, por esta transição, ele torna-se desencarnado, e doravante um ser espiritual em contradistinção ao homem físico.

Ocorre-lhe que, como desencarnada, a personalidade não está mais sobrecarregada com um corpo físico, que a mantinha refreada enquanto encarnada; e não se segue também que os fenómenos que, na melhor das hipóteses, seriam realizados apenas de forma canhestra e imperfeita com um invólucro ou ambiente físico, podem agora, se de todo possível, ser produzidos com maior facilidade e eficácia pelo espírito liberto, que se aperfeiçoou mais ou menos no conhecimento espiritual; e não superam as evidências a favor deste último grandemente as do primeiro? Embora acreditando na probabilidade da comunicação telepática entre espíritos encarnados através das suas mentes subconscientes, ainda de maior importância são os testemunhos de muitos espíritos desencarnados que comunicam comigo, através do auxílio do espírito encarnado, como apresentado nos capítulos finais do livro.

A partir de testes e observações pessoais nos estados normal, de transe e hipnótico, ainda não descobri uma reprodução clara, inequívoca e perfeita do pensamento de uma pessoa a ser recebido pela mente de outra, por telepatia ou leitura mental, numa extensão que possa ser considerada praticável entre dezenas de ensaios que fiz durante o longo período das minhas investigações psíquicas, hipnóticas e outras. Posso ter sido muito menos bem-sucedido nos meus testes telepáticos do que a maioria dos investigadores; não obstante, descobri que, como regra, onde houve quaisquer resultados probatórios, eles podem ser descritos como "uma impressão geral", "uma aproximação", "uma aproximação ao real", ou a impressão de que se tratava de "uma coincidência", em vez de uma duplicação absolutamente perfeita no "recetor" do pensamento que emanou do "transmissor".

Eu, por exemplo, escrevi numa tira de papel, dobrei-a, entreguei-a a uma senhora sentada passivamente, dando-lhe a sugestão de se sentar por um minuto ou dois, com a mente não concentrada em nada, até que um pensamento claro lhe viesse à mente, e então agisse de acordo com esse pensamento. Eu tinha escrito esta nota: "Levantar-se-á, caminhará até mim e puxar-me-á o nariz, como uma brincadeira." Ela fê-lo, rindo desde

o momento em que se levantou da cadeira até regressar a ela. Perguntei-lhe então que lesse a nota perante os outros presentes. Ela disse que o pensamento lhe viera distintamente, mas não com todos os detalhes das palavras.

A seguir, entreguei ao irmão da senhora uma tira na qual escrevi: "Esfregará o topo da cabeça com a mão, enquanto estiver sentado, porque não sabe o que mais fazer." Ele sentou-se na cadeira e, rindo, começou a esfregar o topo da cabeça, e comentou: "Não sei o que queres que eu faça." Aquela senhora era a minha esposa que, juntamente com o irmão, está agora na vida espiritual.

O meu paquete, um rapaz de dezasseis anos, com quem realizei muitas experiências hipnóticas, conseguia, enquanto hipnotizado, colocar-se a uma distância de mim, no lado oposto da sala, e dizer-me para que figura ou letra do alfabeto eu estava a olhar. Não o conseguia fazer invariavelmente, mas fê-lo consecutivamente algumas vezes, com erros ocasionais, mas fê-lo enquanto em estado hipnótico. Com a minha própria experiência, da qual os exemplos anteriores são modelos, e com tal conhecimento que adquiri da experiência de outros homens, não posso declarar a minha convicção ou crença na adequação da hipótese telepática, nem na da leitura mental, no estado normal; e quando se encontra em condição de transe ou estado hipnótico, é provável que tenha a sua origem na sugestão, que pode então ser palavra, ou ato, ou pensamento concentrado.

Eu não esperaria que a mente explicasse a produção, por exemplo, de respostas a perguntas mentais da natureza de um interrogatório ou de um contraditório; de outra forma, não esperaria respostas a perguntas mentais que necessitassem de um conhecimento profundo e exato quanto a cada detalhe, nem poderia transmitir um pensamento que fosse para mim a solução de um problema, ou algo fora da latitude e longitude da esfera de conhecimento do recetor, pois não creio que tal mente seja capaz, de forma natural, de se apropriar do que lhe foi oferecido.

Nas sessões de trombeta com a Sra. Wriedt, eu não esperaria a oportunidade de colher evidências da variedade subconsciente, pela razão de que ela não entra em transe nas suas sessões. Obviamente, não poderia haver tentativa de usar a hipótese telepática para explicar as várias fases de fenómenos psíquicos do tipo físico, tais como a materialização de um corpo transitório, que usa os seus próprios órgãos vocais para comunicar; ou a exteriorização de poder psíquico, quando corpos pesados são movidos sem contacto visível com qualquer pessoa, força ou objeto.

Observei cuidadosa e pacientemente por evidências que pudessem parecer sustentar uma ou outra das hipóteses mentais mas, até ao presente momento, observei em vão; e para a minha mente, essas hipóteses falham totalmente em explicar os fenómenos descritos nas páginas anteriores e entre outros registos.

Pode-se teorizar, inventar e planear sobre como o pensamento se origina, e o que ele é, e o que é a mente na qual ele está. Talvez seja uma coisa ou corpo físico, pois dizem-nos que os pensamentos são coisas. Alguém pode alegar que é poder, tal como manifestado na agregação molecular que pode causar ondas de movimento, e depois

noutros momentos um estado latente; mas ainda assim, se for poder, quieto ou em movimento, então, pelo menos nessa medida, tem existência e deve ser físico, e patente à visão espiritual e também capaz de reflexo. Mas, sob toda e qualquer circunstância, o pensamento ou pensamentos devem, por esta hipótese, ter existência na mente do assistente antes de serem vistos, refletidos, lidos, percebidos ou sentidos. Como o pensamento ou conhecimento de uma inteligência chamada "Pansy" nunca teve habitação na minha mente (o assistente), segue-se claramente que uma hipótese mental não se aplicará.

Nesta conexão, sinto-me à vontade para dizer que não há ninguém que possa descrever verdadeiramente a mente ou designar corretamente os seus vários poderes, capacidades e funcionamentos. Quanto mais tateio e penso, reflito e medito, mais convencido estou de que a mente é um mistério tão profundo quanto tudo o mais que pertence ao maravilhoso universo de cada homem individual que, por sua vez, não passa de uma molécula de personalidade espiritual no Universo maior. No seu funcionamento, pareceria ser um atributo da alma.

CAPÍTULO XIX

A sétima e última sessão da série de novembro de 1911 realizou-se durante a manhã de 19 de novembro, na casa da Sra. Etta Wriedt, e foi absolutamente privada, salvo e exceto pela presença desta médium [psychic] muito excecional. Esta sessão provou ser, para mim, uma das mais importantes, se não absolutamente a mais importante em termos relativos, de todas as sessões em que já assisti na minha vida até ao presente momento; e, ao mesmo tempo, profundamente interessante e convincente em termos de evidências; não deixando sequer uma dúvida remanescente na minha mente quanto ao facto de May ter mantido a sua promessa e resgatado o seu compromisso. Levando em consideração as muitas questões probatórias apresentadas, a partir da intercomunhão entre vários membros das minhas ligações familiares e eu próprio; e as várias atitudes de familiares individuais uns para com os outros; para todos os efeitos, a conversa familiar privada, com a atitude assumida por uns e outros em relação a esta ou àquela circunstância, tudo tão realista e fiel ao conhecimento que eu possuía, até aos pormenores; e a condição aparentemente harmoniosa e a relação feliz experimentada por todos e cada um; bem como as confirmações de material probatório, factos e mensagens anteriores; juntamente com a apresentação de novo material probatório e o esclarecimento de quaisquer fragmentos de ignorância, e o meu esclarecimento quanto a muitos assuntos — embora tão satisfatório e convincente para mim, não pode, pela própria natureza das coisas, ser reproduzido nesta publicação em detalhe, mas apenas aludido no esboço mais breve.

Uma razão para não reproduzir assuntos familiares nesta publicação é o facto de que, para a maioria das pessoas, bem como para mim próprio, pareceria uma exposição desnecessária de conhecimento confidencial; e outra razão, como foi mencionado noutro lugar, é que May, a minha falecida esposa — cuja personalidade humana ela

estabeleceu para minha inteira satisfação e, como já disse, resgatou o seu compromisso — expressou o seu desejo de que eu não usasse assuntos de família quando tivesse outro material suficiente para o meu livro. Este pedido respeitarei através de um cumprimento fiel em questões de detalhe, ou onde se provasse desaconselhável repetir uma mensagem de um para outro, ou usar linguagem que pudesse ser interpretada como pessoal.

A minha alegada filha espiritual, que não só se materializou como uma jovem de cerca de vinte anos, mas também falou comigo na ocasião especial em Toledo, quando soube pela primeira vez o seu nome, tal como conhecido na vida espiritual — ocasião essa que está registada noutro lugar como sendo a sessão de 15 de novembro de 1911, em casa de Jonson — e que prometeu então, e na última das sessões de Jonson, vir com a sua mamã e eu para Detroit; e sem dúvida ela cumpriu essa promessa; e foi uma das primeiras das numerosas inteligências a falar comigo através da trombeta em casa da Sra. Wriedt. Deu-me mensagens para serem entregues ao seu irmão e à sua irmã (meio-irmão e meia-irmã); também me disse que a mãe deles, Martha, estava presente na sessão com a sua mamã, May.

A seguinte a conversar comigo foi Martha E. King, a minha primeira esposa, que passou para os reinos espirituais há cerca de 37 anos, e que, nesta ocasião, falou comigo sobre os nossos filhos e também sobre outros assuntos.

Depois May juntou-se à conversa com Martha e comigo, e ambas estavam de acordo e harmoniosas; e com um só acordo e propósito único, aconselharam-me quanto ao meu curso futuro.

Hipácia, a minha guia sempre presente, juntou-se agora, antes de os entes queridos se retirarem, e as suas primeiras palavras foram: "Escreveu-o corretamente, 'tia' está certo." Para tornar clara a relação desta frase interjetada, devo dizer que o estenógrafo que fez o relatório da segunda sessão em casa de Jonson para mim tinha, no relatório, escrito o nome da minha guia como "Hypacia", o qual corrigi com a minha caneta mudando a quinta letra para "t", formando assim a palavra "Hipácia". Poucos minutos antes de subir para a sala de sessões e enquanto esperava para ser chamado, escrevi o seguinte numa página do meu livro de notas e mantive-o exposto à visão dela até começar a subir, quando o guardei no bolso:

"Hipácia, o estenógrafo escreveu o seu nome com a última sílaba 'cia', enquanto eu escrevo 'tia'. Qual é o correto?". A primeira exclamação foi a resposta de Hipácia à minha pergunta, e foi a primeira expressão que ela deu vocalmente perante mim. Isto foi seguido por conselhos e instruções em relação a certos assuntos de negócios. Uma breve discussão de uma situação particular foi mantida por Hipácia, May e o Dr. Sharp, o guia da própria médium, e chegou-se à conclusão de que tudo correria bem se eu mantivesse a atitude que assumira.

O restante da sessão acabou por ser uma reunião de guias espirituais e muitos deles deram-me as suas instruções. Houve também alguma previsão e cautela que me foram dispensadas, bem como informação para mim e instrução sobre o que fazer. A

minha vida passaria a ser nova e eu ainda estaria ativo; pois um trabalho especial, nas esferas espirituais, estava a ser planeado para mim. Dos registos que agora possuo, devo selecionar e reunir mais, e imprimir um livro. Depois, outros livros se seguirão a este; e haverá outro trabalho para eu fazer, sobre o qual devo ser reservado, e muito seria feito por mim. Não posso dar mais do que um esboço, como fiz acima. Este capítulo concluirá agora uma série; mas ainda recolherei mais evidências e proclamarei mais verdade.

TESTEMUNHO CORROBORATIVO

"Relatórios de Herbert G. Paull, Secretário, e do Reverendo Cónego William Walsh, membro da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica. Uma falecida membro, a Sra. May E. King, esposa do Presidente, visita um círculo de trombeta em Toronto, realizado pela Sra. Etta Wriedt, médium de trombeta, e fala a esses dois membros.

DR. JOHN S. KING, Presidente da C.S.P.R., Caro Senhor: Entrego-lhe aqui um relatório parcial de uma sessão de trombeta realizada na casa do Sr. e Sra. W——, Toronto, na noite de segunda-feira, 27 de novembro de 1911. A sessão realizou-se num sótão, com vinte e cinco assistentes e a médium, Sra. Etta Wriedt. Entre os presentes estavam os seguintes membros da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica, a saber: Dr. John S. King, Presidente; Rev. Cónego Wm. Walsh, Professor E. B. Shuttleworth, Sra. Coleman e o Secretário, Herbert G. Paull (o autor deste relatório).

O círculo foi aberto com a repetição da Oração do Senhor em uníssono, seguida do canto de "Mais perto, meu Deus, de Ti", reforçado por uma poderosa voz espiritual através da trombeta. Após uma cordial introdução pelo guia, o Dr. Sharp, que evidentemente era capaz de dar os nomes e idiossincrasias de cada assistente presente, vozes ocasionais em sussurro foram ouvidas e reconhecidas por amigos presentes. Presentemente, uma voz forte e clara falou perto do Cónego Walsh.

VOZ: Cónego Walsh.

CÓNIGO WALSH: Sim, quem fala?

VOZ: É a May.

CÓNIGO WALSH: Qual é o seu nome?

VOZ: May E. King. Quero agradecer-lhe pelas palavras amáveis e belas que proferiu sobre o meu corpo enquanto jazia no caixão.

A voz, pretendendo ser a da Sra. King, continuou então num tom longo e comovente, expressando o seu agradecimento e apreço pelo tributo do Rev. Cónego William Walsh à sua memória, tendo ela sido membro da Sociedade de Pesquisa, da qual o Rev. Cónego Walsh também é membro. Novamente, a mesma voz mudou de localização para onde eu estava sentado e dirigiu-se a mim.

MAY E. KING: E o senhor, Sr. Paull, estou tão satisfeita por vê-lo aqui.

SR. PAULL: Estou deveras encantado por ouvi-la. MAY E. KING: Estou satisfeita por estar aqui esta noite. Tudo é belo e brilhante por aqui. Não há morte.

O autor não consegue recordar as palavras exatas do que se seguiu, mas a Sra. King continuou a falar alegremente da vida espiritual, e chamou pelo menos uma vez o Dr. King de "Johnnie". Várias outras vozes individuais continuaram a falar através da trombeta e, em seguida, uma voz sussurrante disse, enquanto a trombeta era dirigida ao Dr. King:

VOZ: Papá. DR. KING: Para quem é?

VOZ: Para si, papá. DR. KING: És tu, minha querida?

SR. PAULL: Diga-nos o seu nome.

VOZ: May Donna. MAY DONNA: Papá! A Hipácia está aqui.

DR. KING: Irá ela cantar para nós esta noite?

SR. PAULL: Não recordo a resposta exata.

MAY DONNA: Adeus, papá. DR. KING: Adeus, querida, fala connosco novamente.

O autor não pode registar com exatidão o que mais foi falado, mas subscreve o acima exposto como um relato fiel conforme o recorda após a sessão, e as conversas e comunicações entre as vozes que pretendiam ser (e evidentemente eram) as vozes da Sra. May E. King e da sua filha, May Donna, ambas na vida espiritual.

(Assinado) HERBERT G. PAULL, Secretário da C.S.P.R."

DR. JOHN S. KING, Presidente da C.S.P.R., Caro Senhor: Envio-lhe o meu relatório da sessão da Sra. Etta Wriedt, realizada a 27 de novembro de 1911, como se segue (testemunho corroborativo):

[NOTA DO AUTOR: Segue-se o relatório de outro membro individual da mesma secção da sessão de trombeta relatada pelo Secretário, Sr. Herbert G. Paull e, embora o relatório como um todo tenha sido dado de forma muito mais extensa, a citação do mesmo tem uma construção ligeiramente diferente, embora seja valiosa por haver harmonia de factos nos relatórios de ambos, embora nenhum seja estenógrafo.]

O Cónego no seu relatório diz: "Eu tinha um pequeno bloco de notas e, pelo tato, guiava-me na escrita, pois estava em escuridão absoluta na sala, forçando os meus olhos e ouvidos; quase inconscientemente inclinava-me para a frente, tentando captar alguma visão ténue ou som revelador, quando este episódio para mim novo, inesperado e surpreendente teve lugar. Fui subitamente sobressaltado por apenas um toque percetível da trombeta na minha sobrancelha esquerda. No instante, foi sugerido à minha mente que tal fora feito carinhosamente. Da trombeta, aparentemente no centro do círculo e

apontando para mim, veio um sussurro forte repetindo o meu nome. Então eu disse: "Quem é?".

VOZ: May.

Então uma voz, cheia, culta e clara, e que imediatamente me recordou a voz da Sra. King, disse: "Cónego, quero agradecer-lhe pela sua gentileza em vir e oferecer uma oração antes de o caixão ser fechado naquele dia."

"A trombeta pareceu então mover-se na direção do Dr. King e do Sr. Paull, que estavam sentados comparativamente perto um do outro, e dirigiu-se a eles em tons semelhantes, como eles, pelas suas respostas, pareceram reconhecer. As palavras dirigidas a eles não consigo recordar, pois estava tão interessado, excitado e emocionado pelo reconhecimento da voz familiar e amável da Sra. Dr. King, que não consegui concentrar a minha atenção neles e nas suas respetivas conversas com ela.

Para mim, foi tudo ainda mais surpreendentemente marcante em vista do facto de que, pouco antes de deixar a residência do Dr. John S. King (o Presidente da nossa Sociedade) acompanhado por ele, ele escreveu no seu escritório numa tira de papel e mostrou-ma, como um pedido seu dirigido à Sra. King, usando o seu nome de batismo; e quando a voz da trombeta falou comigo, foi uma resposta direta e um cumprimento ao pedido escrito que naquele momento permanecia estendido sobre a mesa na sala que tínhamos acabado de deixar para vir à sessão, e algumas das palavras e frases da voz da trombeta eram idênticas às contidas no pedido. Certamente, a linha de menor resistência é seguir o exercício das nossas faculdades de raciocínio e aceitar o facto alegado de que o espírito da Sra. Dr. King falou através da trombeta consciente e inteligentemente, tocando naquele episódio tão importante — a passagem do tempo para o mundo espiritual e o levar do corpo sagrado para ser depositado no último lugar de repouso.

(Assinado) WILLIAM WALSH."

Mais Evidência Corroborativa. O Sr. e a Sra. John G. Bain, de Toronto, conversam com a Sra. May E. King, enquanto no seu corpo transitório, numa sessão de Jonson em Toledo.

"Caro Dr. King: TORONTO, 27 de janeiro de 1912. Por volta de meados de dezembro passado, deixámos Toronto num domingo de manhã e, na noite de Natal, liguei para a Sra. Jonson e marquei um encontro para a manhã seguinte, às dez horas. Ao encontrar o Sr. Jonson, ele informou-me de que as noites de terça-feira pertenciam ao Sun Flower Club, mas que iria organizar as coisas para que eu e a minha esposa pudéssemos comparecer. Estivemos presentes às oito horas, no dia 26 de dezembro, e conhecemos os membros do referido clube, que naquela noite consistia em dezassete pessoas. A sala onde a sessão foi realizada era uma sala grande no andar de cima; o gabinete, uma pequena divisão que partia da sala grande..."

"Como estranhos, fomos levados para a pequena sala para a inspecionarmos. Não havia outra saída desta sala, chamada gabinete, exceto para a sala grande. Foi deixada luz abundante na sala para que pudéssemos ver claramente tudo o que pudesse vir do gabinete. A ata da reunião mostrou que houve vinte e uma formas materializadas que saíram do gabinete. Apertei a mão de duas ou três delas, uma delas uma rapariga índia, que saiu e nos brindou com uma dança animada a menos de dois pés de onde eu estava sentado, e sem o mais pequeno som ou vibração. Veio uma que tinha o cabelo com cerca de quatro pés de comprimento. Também lhe apertei a mão e, a pedido da Sra. Jonson, examinei o seu cabelo e deixei que cerca de dois pés dele deslizassem pela minha mão, quando ela se virou para passar para o outro lado do círculo.

Outra forma, a de uma senhora forte e de aparência belíssima, veio à porta do gabinete. Ao princípio, não se conseguia apurar quem era pretendido, mas por fim a forma falou, dizendo: 'Desejo falar com o Sr. e a Sra. Bain.' Fomos à porta do gabinete e, para nossa surpresa e deleite, ali estava a Sra. John S. King, a sua esposa, que ambos tínhamos conhecido bem em vida; e que falecera cerca de três meses antes. Disse-nos que tinha sido atraída ali pelo canto da Sra. Bain, que já ouvira antes enquanto estava em sua casa em Toronto. Deu-nos então esta mensagem para lhe entregar, a saber: 'Diz ao Johnnie que me viste e falaste comigo. A Hipácia está aqui; e o meu Bebé também.' Ela era uma mulher um pouco acima da estatura média e desmaterializou-se aos nossos pés, o que pareceu tão interessante e maravilhoso como o seu aparecimento.

Depois de terem aparecido mais alguns, um cavalheiro veio à porta. Parecia algo fraco e passou-se talvez quase um minuto antes de a Sra. Jonson conseguir obter dele qualquer informação que o identificasse. Por fim, ele disse: 'Desejo falar com o John.' A Sra. Jonson virou-se e disse: 'Quem é o John?'. Eu disse que talvez fosse eu. Fui à porta do gabinete e, para minha surpresa, ali estava o meu irmão, que falecera há cerca de quatro anos. Parecia bastante fraco e desmaterializou-se parcialmente duas ou três vezes; e após algumas palavras de boas-vindas, disse: 'Desejo falar com a Katie.'

(Ninguém na sala sabia o nome da minha esposa.) Chamei-a e ele falou com ela. Nunca o vi tão claramente em minha vida; e a sua voz era, se possível, mais convincente do que as suas feições. Nos últimos anos de vida, ele usava barba; mas enquanto esteve no hospital, esta foi rapada. Ele apareceu com esta barba e com o último fato de roupa que vestira antes da sua doença. • • • • • • • Apresentei um relato verdadeiro das características desta sessão em casa do Sr. Jonson, da minha forma simples, tal como ocorreu. De V. Exa. atentamente, (Assinado) JOHN G. BAIN, (por si e por sua esposa)."

CAPÍTULO XX

Este capítulo é dedicado às várias sessões de trombeta e de materialização, terminando com a série de novembro de 1911, onde houve comunicação com a personalidade que se alega ser a minha esposa; e, nessa conexão, apresento o meu argumento sobre as evidências que me levaram à minha convicção final e firme de que

atingi um conhecimento positivo da verdade do retorno e da comunhão espiritual. A forma que se apresentou para mim certamente não era uma criação fraudulenta, provável ou possível, para enganar.

Diria a cada leitor: faça a si próprio a pergunta: como identifico e conheço os meus entes queridos, amigos e conhecidos do tempo presente quando os encontro em qualquer lugar? Não seria a sua resposta mental uma resposta rápida: "Vendo-os, ouvindo-os e conversando com eles, como todos fazemos constantemente nas nossas vidas diárias, quando nos encontramos?". Se perdeu a visão, utiliza o seu sentido de audição e, assim, julga-os e reconhece-os pelo som da sua voz, tom de fala, modo de expressão e pela natureza da conversa que desenvolve o conhecimento probatório.

O leitor pode testar melhor estas questões em sua própria casa, ou entre os seus amigos ou familiares; pois não existem dois seres humanos exatamente iguais, nem mesmo os chamados gémeos. Não há duas vozes com o som precisamente igual, embora na mesma clave, pois a natureza ama a variedade e produz alguma peculiaridade que diferencia um de todos os outros. Há na constituição de cada indivíduo uma combinação de variações a que chamamos personalidade humana, que é a característica distintiva de cada um e de todos os indivíduos.

A menos que um homem esteja privado de razão, ele pode identificar um familiar ou amigo, ou qualquer pessoa que tenha conhecido anteriormente, com o auxílio de um ou outro dos seus sentidos, e geralmente por dois deles, tais como a visão e a observação, ouvindo a voz e a conversa, notando a sua entoação e modo de inflexão; e conhecendo os seus hábitos anteriores e qualquer peculiaridade; ou a partir do conhecimento da sua história pessoal ou por inquirição — em suma, embora mudando fisicamente à medida que os anos passam, ele nunca perde a sua identidade pessoal e a sua personalidade, quer aqui quer no além, e constantemente através da obtenção de evidências de tópicos de conversa pessoais, familiares, de negócios ou outros. As mesmas faculdades e procedimento semelhante ao dos mortais permitir-lhe-ão identificar as formas, vozes e individualidades que se lhe apresentam para o seu reconhecimento, quando existem condições favoráveis para demonstrações ocultas.

Pessoalmente, não posso afirmar ser facilmente enganado, nem posso ser acusado de ignorância em relação a assuntos psíquicos, pois dediquei muitos anos a investigar fenómenos hipnóticos e psíquicos; e descobri muita condição hipnotizada e autoengano, bem como desígnio e prática fraudulenta. Além disso, como se verá no Capítulo XII deste livro, aquela que foi o "meu outro eu", o meu verdadeiro amor, a minha parceira de vida, a minha companheira constante por mais de vinte e cinco anos, concordara comigo, e eu com ela em vida, como cada um deveria provar ao outro a sua personalidade humana, não importando qual passasse primeiro do corpo e fosse permitido regressar dos reinos espirituais para saudar o outro no reino terrestre; e sou capaz de apresentar instâncias de cumprimento do compromisso.

Para provar que não era outra senão a minha própria "May" quem agora se apresentava, frequentemente na série de sessões ocultas, ela exibia aquele sorriso no

rosto que significava a alegria exteriorizada que sentia pela sua capacidade de resgatar integralmente o compromisso; e a impressão pareceu-me tão distinta em detalhe como o rosto refletido num espelho ou numa placa fotográfica. Para mim, ela veio tão tangível, tão fiel à vida, como sempre fora; o seu toque de mão no meu ombro, o braço em volta do meu pescoço, a face contra a minha, estavam todos à vista para aqueles que observavam comigo, e eles também acharam grandioso e verdadeiro, e devido ao seu pensamento jubiloso por poder voltar para mim.

"E falou ela consigo?", pergunta você, "e a voz soava natural?". Ela falou, conversou, apareceu e era natural em todos os aspetos. A sua voz era tão natural como soava quando me falava anteriormente em casa, ou através do telefone: e o leitor já teve a experiência de ouvir a voz do seu conhecido, amigo ou familiar que conversou consigo pelo telefone no outro dia. Os meus amigos "Tomés descrentes" continuam a perguntar-me com toda a seriedade: "Poderia ter a certeza absoluta de que era ela?". Tão certo quanto o leitor poderia ter, quer em sua casa, quer na sua própria conversa telefónica com um ente querido.

"Não acha que a reunião onde estas manifestações ocorreram foi o resultado de influência maligna ou de espíritos malignos?". Não! Para mim, foi corroborado em grau muito acentuado pela evidência das Escrituras — uma sessão física, realizada numa sala fechada, onde estavam reunidos os próprios discípulos de Cristo, na qual o seu falecido Senhor e Mestre, em forma materializada, se lhes mostrou e lhes provou a Sua personalidade a fim de os convencer, exibindo a um discípulo duvidoso as feridas no Seu lado. Um confirma o outro, seja o que for, pois há uma semelhança exata.

E ainda pergunta: "Por que precisa de um médium?". A isto a minha resposta é: pela mesma razão que precisa de uma central telefónica, bem como do seu telefone doméstico. May, que noutro lugar, através do auxílio de outro médium, num momento anterior (na Sra. Wriedt, a médium de trombeta, 12 e 13 de novembro de 1911, ver Capítulos XIII e XIV), me prometera estar nas sessões de Jonson para fazer precisamente o que fez, e que eu registei (ver Capítulos XV, XVI e XVII); e que o leitor está agora a considerar; e que, agindo sob a sugestão que eu lhe dera numa sessão anterior (ver Capítulo XV), de que ela não era tão grande como em vida, veio a mim desde então no seu desenvolvimento natural plenamente formado, fiel à vida em forma, feições, voz, maneirismos, ação e tangibilidade; com poder, zelo e outras características, e expressão normal, e saindo e aproximando-se para me ver, com a saudação de nome acordada de "Johnnie", deu-me palmadinhas na face e na cabeça com a sua mão, pôs a sua face contra a minha, bateu-me várias vezes no meu ombro esquerdo; e continuando disse: "Sim, meu querido, querido Johnnie" (que seria o seu nome de teste de prova para mim depois de ela falecer), "Eu sou a May. Sou o teu 'Babe'" — o que eu concordara em chamar-lhe, como um teste da minha personalidade humana, se eu passasse para os reinos espirituais e regressasse, e "Johnnie" seria o nome de teste de prova dela, depois de ela ter falecido e voltado para mim. De modo que, em qualquer dos casos, não importando quem falecesse primeiro, o meu nome seria "Johnnie", e assim designado

por ela como um teste, se ela pudesse regressar; e o dela seria "Babe", se eu pudesse regressar.

Portanto, aqui veio a prova impondo-se a mim, a saber: "Oh! meu querido 'Johnnie', sinto tanto a tua falta, mas sou capaz de estar perto de ti, e cada vez que me materializo posso estar mais forte; e gosto de me materializar para que me possas ver, e quanto mais vezes o fizer, mais fácil será para mim fazê-lo." Disse também: "É mais fácil para mim falar-te através da trombeta do que desta maneira, e posso falar mais alto também", o que verifiquei ser correto. O seu estilo de falar, a linguagem usada, o modo de expressão, feições, tamanho, constituição, o seu próprio eu composto, com todos os seus maneirismos, estabeleceram com toda a certeza na minha mente a sua individualidade e personalidade em cada uma das sessões, mas particularmente na última das sessões de novembro realizadas com Jonson.

Independentemente de tudo o que precede, existe adicionalmente evidência absolutamente forte e irrefutável relacionada com assuntos familiares, posses pessoais deixadas por ela e as suas instruções quanto à sua disposição; e assuntos de negócios familiares e pessoais, nos quais as suas instruções, em vários casos, estavam em conflito direto com a decisão que eu tomara na minha mente, destruindo assim inteiramente a hipótese de transferência de pensamento ou telepatia no caso dela; e o seu desejo expresso de ter o seu relógio de ouro, joias, diamantes e outros valores mantidos no cofre de segurança de um banco que nenhuma pessoa além do funcionário do banco e eu próprio conhecia; e o referido funcionário não viu nem conheceu um único dos vários artigos; e ali deveriam permanecer até que ela me desse, em algum momento futuro, instruções sobre os seus desejos quanto à sua disposição; e, a este respeito, provando que não havia, nem poderia haver, qualquer telepatia mental de outros para o médium, ao passo que, se houvesse comunicação telepática de mim para o médium, fosse a Sra. Wriedt, médium de trombeta de Detroit, ou J. B. Jonson, médium de materialização de Toledo, Ohio; teria certamente de ser, para ser genuína, o meu pensamento ou decisão mental, e não precisamente o contrário.

De modo que a única hipótese que tem qualquer aparência de probabilidade, ou mesmo possibilidade, fora da hipótese espiritualista, a saber: telepatia mental ou transferência de pensamento, já se mostrou noutros capítulos, bem como agora, ser um absurdo, bem como insustentável, insuficiente e inútil como hipótese para explicar a produção. Posso aqui acrescentar que muitas das comunicações relativas a ligações familiares, assuntos domésticos, posses pessoais e assuntos de negócios, por razões óbvias, não podem ser tornadas públicas; e, por conseguinte, algumas das melhores evidências, para mim pessoalmente, não podem ser utilizadas no registo aqui contido, que se destina à publicidade.

Em vida terrena, May E. King usava certas expressões pertinentes e, como eu pensava, sensatas; em ocasiões em que pudessem beneficiar aqueles que as ouviam, embora não destinadas a esse fim. Os seus muitos amigos reconhecê-las-ão quando as lerem. "Não acredito em contar assuntos de família ou de negócios a ninguém." "Nunca

coscuvito sobre os outros." "Tenho que chegue que fazer tratando da minha própria vida," etc.

Enquanto falava comigo a sós através da trombeta em casa da Sra. Wriedt e dava conselhos sobre certas posses e as opiniões que fora capaz de ouvir de certas partes interessadas, disse na sua linguagem característica: "Não quero que tornes públicos assuntos de família ou de negócios." Isto é certamente característico da personalidade, se não for do carácter que o admitirá como evidência circunstancial a favor da personalidade.

Novamente na sessão de Jonson, onde outros estavam presentes comigo, ela, em forma materializada, não só confirmou a sua previsão em Detroit de que se materializaria na sessão de Jonson e falaria comigo ali, mas confirmou igualmente e continuou aquela conversa, e evitou com a maior cautela nomear o Banco, o que fizera quando eu estava com ela a sós na primeira ocasião; e também evitou cautelosamente nomear qualquer um dos artigos a serem distribuídos, ou as pessoas que estavam a ser consideradas nessa conexão; ou o nome de qualquer firma comercial que na ocasião anterior fora mencionada. Nem aludiu à minha remoção das suas joias de casa para o banco na sexta-feira, 10 de novembro de 1911, quando parti para Detroit na manhã seguinte. (Sábado de manhã, 11 de novembro.)

Adicionalmente ao que precede, a mesma inteligência falou; e os registos contêm evidência adicional estabelecendo a personalidade humana de May E. King. (Ver materialização n.º 11, no Capítulo XVI, na sessão de Jonson em 15 de novembro de 1911.) Submeto que a evidência apresentada prova que a inteligência é extremamente cautelosa, uma característica da alegada personalidade. A evidência também prova que a inteligência que falou através da trombeta a 12 de novembro e a que falou em forma materializada a 15 de novembro, noutro tempo e lugar, eram uma e a mesma inteligência e personalidade.

A evidência também prova que, como a inteligência desaprovou algumas coisas que eu decidira fazer, tal não poderia ser explicado por comunicação telepática; e não poderia possivelmente ser explicado por uma coincidência; nem por fraude; nem, de facto, por qualquer outra hipótese conhecida; deve, portanto, por necessidade, ser, como se representou ser, a personalidade declarada. Depois há a evidência circunstancial de tanto Hipácia como o Dr. Sharp me prometerem em casa da Sra. Wriedt que eles também visitariam a sessão de quarta-feira à noite em casa de Jonson; e ambos cumpriram essa promessa; e não só a cumpriram, mas a materialização dos seus corpos foi prometida; e esta promessa também foi cumprida. Não só o seu aparecimento em casa de Jonson em forma materializada estabelece o cumprimento da sua previsão de que o fariam; mas torna-se evidência corroborativa de que a materialização tanto da esposa como da filha ocorreu como previsto em Detroit; e estabelecido como um facto ou verdade pela apresentação, por Hipácia, da esposa e da filha, o que é evidência de cada uma destas personalidades de que a previsão feita em Detroit por May foi, bem como as promessas de Hipácia e do Dr. Sharp, cumpridas em casa de Jonson em

Toledo, à vista e audição de todos os membros da classe Sunflower presentes na sessão de 15 de novembro de 1911. (Ver Capítulo XVI.)

Tenho a certeza absoluta, de facto tão certo como estou de qualquer coisa que presumo saber, tais como os meus amigos, familiares, conhecidos, ocupação e responsabilidades, que o melhor delineador profissional ou ator que o mundo pudesse produzir falharia ignominiosamente em apresentar-se, ou em produzir alguém que se apresentasse, por exemplo numa sessão de Jonson, como uma forma duplicada perfeita da minha parceira de vida e companheira diária constante do último quarto de século; e com desenvolvimento natural, forma, feição, voz e maneirismos semelhantes, juntamente com ação, tangibilidade, poder, zelo e outras indicações normais e expressões de pensamento semelhantes, de modo a enganar-me quanto a cada uma e a todas as características precedentes.

E, novamente, mesmo numa das sessões de trombeta da Sra. Wriedt conduzidas no escuro, para comunicação por voz, como seria possível para a médium, ou um cúmplice, conduzir uma conversa, ou responder às minhas numerosas interrogações, ou fazer-me o pedido de não alienar cada um de vários dos seus pertences pessoais como eu projetara na minha mente fazer; e dar as suas razões para tal, quanto à sua disposição; fazer uso, por um lado, do nome pessoal e, nestes casos, dar igualmente as suas razões? E mais, dois dias depois noutro Estado, numa sessão de Jonson com o corpo materializado (e para ser coerente teria de ser a mesma personalidade, mesmo que fosse um cúmplice) vem, como mostrarei, à vista e audição de todos os assistentes; e a conversa iniciada em Detroit é continuada em Toledo, e não só isso, mas confirma o que foi dito e feito no local anterior, como atesta a citação do relatório do estenógrafo, que foi ajuramentado: "Faz exatamente como eu disse sobre as minhas coisas." "Não é necessário repetir isso. Sobre as minhas joias, quero que sejam deixadas onde estão, no cofre de segurança do banco. Não quero que sejam dadas a ninguém durante muito tempo. Depois dar-te-ei instruções sobre o que quero que seja feito com elas. O meu diamante único, quero que, assim que fores para casa, o faças montar como um alfinete de gravata. Tem cuidado e vigia onde o levas, compreendes? E quando o usares, tornar-se-á mais fácil para mim aproximar-me de ti."

Peço ao leitor que note os factos: que coloquei o relógio, os diamantes e as joias acima referidos no banco na sexta-feira ao meio-dia, deixei a minha casa no sábado de manhã e tive a minha primeira comunicação da minha esposa no domingo através da trombeta em casa da Sra. Wriedt, pouco mais de quarenta e oito horas após o depósito ter sido feito.

Ao falar comigo logo na primeira da série de novembro de 1911, na sala de sessões da Sra. Wriedt, May ou "Babe" empregou o nome de teste "Johnnie", sendo essa a primeira oportunidade que teve para o fazer; e aludiu ao facto de eu ter colocado as coisas dela no cofre de segurança do banco. Perguntei-lhe imediatamente qual banco e ela respondeu dando o nome. Já mencionei por duas vezes o nosso acordo no verão de 1911; mas desejo gravar a sua importância na mente do leitor e permitir que cada um reconheça os esforços constantes iniciais feitos por May, não só para provar através de

nomes de teste a sua personalidade, mas por testes da sua própria conceção, para provar a sua personalidade de muitas formas, algumas das quais já foram apresentadas, e ela garantiu-me que, se for impedida numa porta, tentará outra; e se um plano falhar, conceberá outro.

Fora mutuamente acordado entre nós no verão de 1911 que, após a separação pela morte do corpo, se continuássemos vivos e nos fosse permitido regressar, se eu falecesse primeiro e regressasse, eu deveria provar parcialmente a minha personalidade dizendo o nome de teste dela, "Babe", e parcialmente por assuntos privados ou pessoais desconhecidos por quem estivesse fora de nós. Se ela falecesse primeiro e regressasse, deveria provar parcialmente a sua personalidade dizendo o meu nome de teste "Johnnie", e parcialmente por assuntos privados ou pessoais desconhecidos por quem estivesse fora de nós. Estes nomes não eram conhecidos como nossos por outras pessoas. Como ela passou do seu corpo físico a 29 de setembro de 1911, foi no quadragésimo quarto dia seguinte que começou a provar a sua personalidade, como delineado no capítulo que trata da primeira sessão a 12 de novembro de 1911.

Cito agora mais da declaração jurada de registo, como se segue: "Não estavas comigo quando eu faleci (um facto), mas eu não poderia ter falado contigo se estivesses lá, mas agora, querido 'Johnnie', vamos compensar o tempo perdido."

Para apreciar correta e compreensivamente as minhas conclusões, o leitor apenas tem de assumir uma posição relativa semelhante à minha. Se é um homem, pretende realmente dizer que é possível enganá-lo, seja de noite ou de dia, pela apresentação de uma forma de mulher para representar a sua esposa, com quem viveu muito feliz durante muitos anos de vida, e cujos hábitos e conversas, atos e maneirismos, bem como o conhecimento de assuntos pessoais, o induzem a aceitar a apresentação como sendo a sua esposa, se fosse outra mulher?

E pergunto-lhe ainda, seja marido ou esposa, se realmente acreditasse e aceitasse isso como um facto, quanto tempo duraria a sua aceitação? Agora também lhe perguntarei se não tem consciência de que a variedade em toda a criação é tão grande que o homem não consegue encontrar duas maçãs num pomar, ou duas lâminas de erva, dois seres humanos, nem mesmo gémeos, nem duas unidades de qualquer coisa natural que sejam em todos e cada um dos aspetos um duplicado perfeito um do outro.

Sinto-me justificado em dizer que, tendo durante muitos anos realizado dezenas de investigações privadas individuais, conduzidas com paciência, perseverança e cuidado, os resultados em grande número delas provaram ser inúteis e dececionantes; e, portanto, a assunção por qualquer pessoa de que eu poderia ser assim enganado, seja por um médium ou pelo seu cúmplice, ou de qualquer outra maneira, com a experiência que adquiri, despertaria a minha simpatia por eles no seu autoengano.

Submeto o grupo anterior de evidência associada, que afirmo que nenhuma hipótese isolada ou combinação de hipóteses explicará, além da hipótese espiritual, que, mesmo que não fosse apoiada por qualquer outra evidência, estabelece claramente as verdades defendidas.

Pedirei ao homem sem preconceitos e com a mente aberta que considere a possibilidade de uma interjeição fraudulenta na cena, em cada uma das três sessões de materialização em casa de Jonson, de alguém, e da mesma pessoa em cada ocasião, afirmando ser a minha esposa espiritual; onde a referida forma seria visível não apenas para mim, mas para todos os presentes; e cuja conversa teria de ser mantida de forma coerente ao longo das três ocasiões em casa de Jonson, bem como nas duas primeiras ocasiões antes de eu ir para Jonson, juntamente com duas que lhe foram posteriores, ou um total de quatro sessões de trombeta em casa da Sra. Wriedt e um grande total de sete.

Três das quatro sessões realizadas foram com ela a sós, com a porta trancada, e a voz era forte e mais clara do que a de Jonson, e também mais fácil com a trombeta ali do que com a boca em casa de Jonson, conforme a forma alegou. O leitor perceberá ainda que estas várias conversas sobre assuntos pessoais ou privados, ou no lar, tal como mantidas ao longo da série de sete sessões de novembro — as primeiras duas em Detroit, depois três em Toledo e, por fim e novamente, duas em Detroit — devem todas harmonizar-se absolutamente com as verdades discutidas, ou percebidas, ou que se sabia terem existência; e em estreita ligação com assuntos familiares, gerais e de negócios.

Pergunto-lhe agora: poderia eu ser enganado ao acreditar, ou poderia alguém, por qualquer sistema de fraude, por mais habilmente concebido ou inventado, ter sucesso tanto pela trombeta como pela forma apresentada — em qualquer um ou em ambos os casos perante a área da minha conceção mental — de modo a ser percebido pelos meus sentidos físicos e aceite por convicção como sendo a minha esposa; o que foi igualmente confirmado por outros, conforme nota o relatório estenográfico jurado como correto e que me foi fornecido, se não fosse ela?

E aqui note-se ainda que a referida forma abrangia um detalhe de conhecimento suficiente para conversar inteligentemente sobre assuntos pessoais, privados, familiares e de negócios e, ao mesmo tempo, se fraudulenta, aparecia no duplicado da forma física da genuína, com o propósito presumivelmente expresso de me enganar, e comigo a todos os outros na sessão. Além disso, haverá algum leitor do que precede, ou poderá haver alguém em seu juízo normal em qualquer lugar, pronto a admitir a probabilidade, quanto mais a possibilidade, de eu ser ludibriado ao aceitar o substituto fraudulento pelo genuíno? Tal presunção não pode sustentar-se. Não é evidente por si mesmo que nunca poderia haver um substituto fraudulento que fosse o duplicado exato da forma física e personalidade genuínas; e igualmente evidente por si mesmo que nenhum esforço fraudulento tentado poderia ter sido feito que harmonizasse o fraudulento e o genuíno em voz natural, expressão facial, modo de falar, linguagem usada e características pessoais, para não falar do íntimo conhecimento pessoal possuído de eventos familiares, posses pessoais, conhecimento casual de carácter local ou informação adquirida.

Onde iria parar, ou qual seria o destino de uma pessoa fraudulenta que procurasse duplicar a genuína, sob o meu interrogatório cruzado e diferença de visão ou opinião, tal como mantidos pela genuína e por mim anteriormente; e entre outrem e eu próprio

desde que a genuína passou para a vida espiritual? Sempre e em todo o momento, lembrando que os eventos nesta ocasião, bem como na primeira, foram o cumprimento em Detroit de uma promessa ou acordo feito em vida terrena, pela genuína e por mim; e, em segundo lugar, a consumação de previsões feitas a mim em Detroit, pela minha alegada parceira de vida, ou uma existência fraudulenta, de que ela ou isso se materializaria e falaria comigo em Toledo, uma continuação ali do que fora falado em Detroit.

Nenhum outro plano ou forma, parece-me, serviria tão bem para intercetar uma fraude que se apresentasse. As instruções detalhadas ou pedidos para eu não fazer o que me propusera fazer com certas coisas entre as posses da minha esposa, das quais nenhuma pessoa além de mim e dela tinha qualquer conhecimento, juntamente com instruções sobre o que ela (esta forma, a minha esposa "May" ou "Babe") desejava que eu fizesse em vez disso com os mesmos artigos, resolvem não apenas a questão da fraude, pelo menos nesta instância; mas igualmente, de forma mais eficaz, resolvem a leitura mental, ou transferência de pensamento, e qualquer outra hipótese mental falha; e não precisam, portanto, de ser mais entretidas para sequer uma breve consideração.

Ao longo destes capítulos, o investigador cuidadoso encontrará, do princípio ao fim, uma ligação em teia de aranha de matéria probatória circunstancial, corroborativa e direta, em apoio à afirmação de que a personalidade humana foi estabelecida como sendo a da materialização individualizada, afirmando ser a minha esposa espiritual, May. Tão conclusivamente convincente é a evidência para mim que estou certo de que a inteligência que se formou na minha presença, nas três ocasiões em casa de Jonson, falou e caminhou comigo como o fizera durante quase um quarto de século em vida, pediu-me para fazer certas coisas quando regressasse a casa e despediu-se de mim com um "Adeus", e depois dissolveu-se lentamente ou derreteu-se como neve, passando para o chão, enquanto eu me inclinava para ela, o meu rosto e os meus olhos encontrando os dela enquanto o sorriso e tudo o resto se fundiam em vapor fino, desaparecendo aos meus pés, não era outra inteligência ou personalidade senão o que professava ser, a saber: a minha esposa espiritual, com corpo manifesto e tangível, May E. King. O que ela e eu tínhamos acordado fervorosa, sinceramente e, eu diria, quase sagradamente em vida fazer, se a nossa existência continuasse nos reinos espirituais e fosse possível para qualquer um de nós, e nos fosse permitido realizar o nosso acordo, era que qualquer um contribuiria com os seus melhores esforços para oferecer as provas da verdade tal como a encontrássemos.

A menos que as mentes dos leitores estejam firmemente estabelecidas como parciais, de modo que não aceitem qualquer evidência a ser aduzida para provar uma verdade, mas se oponham obstinadamente a reconhecê-la, então tais devem ser considerados irracionais. Mantenho, portanto, que o caso tal como aqui submetido, juntamente com a evidência, é sustentado.

Permita-me, crítico honesto com mente imparcial, perguntar-lhe agora: foi tudo o que precede como descrito, e ainda muito mais em grande variedade que virá, simplesmente uma coincidência, ou uma estranha mas singular combinação de hipóteses

a trabalharem juntas como um plano complicado; e, se não, então o que foi, se não for a vida espiritual manifestada ao homem? Se resposta não me pode dar, e tem uma mente desperta, apelarei à razão e responderei por si. Os meus sentidos físicos, as minhas impressões mentais, o meu reconhecimento da alma manifestando-se no meu sentido espiritual de intuição, que há muito dormitava mas agora desperta para encontrar a prova resultante de testes mutuamente acordados enquanto ela ainda vivia comigo na terra; e que são ainda endossados ou apoiados por numerosas evidências ao longo do livro, confirmam agora, juntos, a verdade de que a nossa vida espiritual ou espírito encarnado continua após o invólucro ou corpo morrer, e pode e consegue, quando se torna desencarnado, comunicar com os mortais.

Afirmo francamente que já não duvido, nem mantenho uma reserva mental; mas afirmo que May e eu resolvemos juntos o problema no qual passei os anos mais maduros da minha vida; e ela, como coinvestigadora, passou vários anos posteriores (quatro); e concluímos com planos cuidadosamente estudados e forte desejo, e com uma demonstração operativa verídica e determinada, estando satisfeitos por sermos, com o auxílio de médiuns e guias espirituais e ajudantes, capazes de apresentar conjuntamente nos capítulos e registos deste livro factos, circunstâncias e evidências que podem ser consubstanciados na maioria dos casos sob juramento por testemunhas e ouvintes responsáveis e respeitáveis de tal evidência. Acreditamos que as evidências apresentadas podem resistir às tempestades de toda e qualquer crítica adversa — não importa onde nem qual o ponto de origem, nem a medida da força ou influência empregada; e esta e evidência semelhante, que se acumula à medida que o trabalho de compilação prossegue, estabelece e estabelecerá a existência de (1) A continuidade da vida; (2) O retorno espiritual; e (3) A comunhão espiritual com os mortais da terra.

CAPÍTULO XXI

Já proporcionei ao leitor a oportunidade de considerar duas fases distintas de mediunidade psíquica, a saber: a das vozes de trombeta e a da produção física de corpos físicos materializados mas transitórios. Introduzirei agora uma terceira fase distinta, vulgarmente designada por escrita automática — mas como um caso excecional dessa fase, diferindo de todos os outros da mesma fase que encontrei, na medida em que é complicada com outras características de carácter psíquico. As inteligências que escreveram através da mão dela utilizaram uma ou outra, ou ambas as outras duas fases, para provarem ser as personalidades idênticas que alegavam ser.

A Menina Maud Venice Gates, "O Telefone Psíquico Humano", é natural do Estado de Nova Iorque e foi educada, treinada e graduada como enfermeira; e foi também professora, gestora, genealogista e escritora. É mentalmente brilhante e inteligente; de porte estatuário, constituição robusta e é solteira. A fotografia para a gravura, a última possuída, foi tirada há alguns anos, quando se registou como enfermeira graduada em Albany, no Estado de Nova Iorque. O seu objetivo de vida

anteriormente fora tornar-se médica, mas mudanças familiares e doenças impediram a sua concretização.

Em resposta à minha pergunta "Como descobriu o seu dom de escrita automática e quando?", ela respondeu: "Em 1892, enquanto experimentava um tabuleiro ouija (um tipo de prancheta), logo aprendi que não só podia escrever com o tabuleiro, mas podia escrever se colocasse um lápis nos meus dedos e me sentasse passivamente. Fazia perguntas à minha mão quando desejava saber coisas sobre o futuro e sobre outras coisas, com tanto interesse quanto as raparigas ordinariamente têm em ler a sua sorte pelas cartas. A capacidade de escrever automaticamente permaneceu comigo desde então, mas não tão aperfeiçoada como agora está."

"A fala automática é em obediência à minha vontade ou comandos voluntários. Isto só me veio em 1905, quando eu estava a tocar diferentes discos num grafofone. Os meus órgãos vocais proferiram um discurso eloquente que eu nunca ouvira. Sem causa aparente para mim, este discurso parou a meio de uma frase e recusou-se a continuar em resposta ao meu desejo mentalmente expresso."

"Em agosto de 1892, adoeci, abandonei um caso que estava a tratar como enfermeira e fui para casa. Tinha o que acreditava ser uma ligeira ilusão, que naturalmente atribuí aos efeitos do veneno mercurial que inalara enquanto o tinha sublimado no decurso do dever. Logo vozes começaram a falar comigo e disseram-me que eu haveria de ser médium. A isto, em qualquer forma, eu opunha-me fortemente. No entanto, a 21 de agosto de 1892, um toque constante de rima começou a passar pela minha cabeça; e diferentes inteligências falaram comigo sobre um assunto ou outro."

A melodia de frases rimadas naquilo que a médium escreve não é mais estranha e excecional do que são as exclamações faladas de médiuns de transe a falarem para as suas audiências. A linguagem usada em qualquer dos casos não é a linguagem exata da inteligência que comunica em todos os casos ou, se assim for, é moldada pelo instrumento através do qual vem, não importa de que fonte o pensamento emana; o pensamento em si é realmente transmitido. Rimar, neste caso, é um modo de expressão não convencional, parte do qual pode soar como um jogo de palavras frívolo ou sem sentido, mas que, no entanto, transmite, tanto de forma oculta como clara, certos pensamentos e factos absolutos, totalmente desconhecidos para a mente objetiva da escritora psíquica, que existiam em alguns casos antes de ela nascer; e em fontes que ela nunca poderia ter alcançado, e cujos pensamentos não lhe poderiam ser transmitidos de qualquer forma comum.

Esta mulher, que estudara durante três anos e se graduara como enfermeira, e estudara para ser médica durante pelo menos um ano inteiro, tinha algum conhecimento da anatomia humana, pois disse-me: "A certa altura, o meu eu consciente parecia estar comprimido para baixo na região do meu bolbo raquidiano; e o poder de fala involuntária parecia ocupar toda a região superior do meu cérebro. A música parecia ressoar através dos meus ossos e músculos, bem como na minha cabeça. Esta porção

passiva independente do meu ego parecia passar por muitas experiências, demasiado numerosas para mencionar agora.

Este estranho poder estava agarrado a mim. Eu não conseguia escapar-lhe e, portanto, tinha de aceitar a sua posse. Para ser, como me pediu para ser, perfeitamente cândida, eu via isto tal como o senhor veria um terceiro braço útil e perfeito. Resolvi nunca casar, para que um marido não fosse o meu guardião, de acordo com as nossas leis; e no caso que lhe mencionei em todos os detalhes, ele poderia considerar, e conseguir provar, que eu era insana e colocar-me num asilo. Assim, decidi tratar este dom como um terceiro braço e mantê-lo fora da vista."

Ela tem sido vista como sendo uma curiosidade mental não resolvida. Como instrumento psíquico, obtive através dela resultados maravilhosos. Deu-me o seu pleno consentimento para dar a minha definição do nome e das funções do instrumento, o que faço agora neste mês de abril de 1912.

A Menina Maud Venice Gates, do Estado de Nova Iorque, definida como sendo "O Telefone Psíquico Humano", com ação automática, incluindo movimento, escrita e fala; cujas mentes consciente e subconsciente agem de forma independente uma da outra, sem conflito ou confusão; e com força e ação psíquica tanto encarnada como desencarnada. (Embora esta definição tenha sido feita posteriormente a muitos dos meus registos, antecipei-a e coloquei-a aqui.)

As rimas, a gramática, as palavras e as frases são moldadas pelo instrumento psíquico, mas não pelo eu normal, mais como a aiveca do arado que molda cada sulco, não importa quem seja o lavrador. Tal como a uniformidade dos sulcos é harmoniosa para o olho, assim o ritmo pelo instrumento torna as palavras sonoras e eufónicas para o ouvido. Através deste peculiar instrumento automático vêm expressões coloridas, sombreadas, matizadas ou modificadas pela sua própria personalidade, mas misteriosas como um todo, por conta da sua harmonia de som e do seu carácter rimado quando lido em voz alta; igualmente, é diretamente confirmatório ou de carácter circunstancial e probatório; e é certamente um problema digno da consideração do psicólogo mais experiente. A minha experiência e o estudo dela estenderam-se, a intervalos longos e curtos, por um período de cerca de sete ou oito anos.

Apresento, de forma mais ou mais ou menos desconexa, uma série de apontamentos meus sobre as operações da mente dela, juntamente com as suas respostas a uma parte das minhas interrogações aqui incluídas. Ela é, aparentemente, uma pessoa de mente aberta, não ligada a nada, e percebe que é diferente, mental e psiquicamente, de todos os outros que conheceu; admite que nunca foi nada senão uma estudante psíquica involuntária e não estudou profundamente nenhum caso além do seu próprio. Diz ser tão fácil para ela escrever cartas como é falar, e consegue fazer ambas as coisas ao mesmo tempo, o que é evidente para mim.

A sua consciência permaneceu com ela através de todos os processos peculiares e, muitas vezes, desagradáveis e alarmantes do seu desenvolvimento, ou da sintonização das condições necessárias para o poder de ser uma espécie de instrumento telefónico,

como ela alega, entre os vivos e os seus amigos falecidos. Mas como a sua história completa seria demasiado longa para incluir aqui, apresento-a de forma breve, tal como colhida de forma mais ou menos consecutiva, e combino-a com as minhas próprias observações.

Conforme ela se recordava, o seu início foi uma sensação estranha para ela, quando descobriu que, se se deixasse entrar num certo estado passivo, os seus lábios falariam por si mesmos, as suas mãos mover-se-iam acompanhando as palavras; e muitas outras peculiaridades facilmente percetíveis se apresentariam; e para a sua própria perceção, coisas curiosas e interessantes aconteciam-lhe. Experimentou e aprendeu que o seu corpo e fala agiriam independentemente da sua vontade. Tudo o que tinha de fazer era pedir que ele atuasse e ele falaria, ou gesticularia, ou cantaria, ou dançaria para o seu próprio entretenimento, durante horas se ela assim o desejasse; e não se sentiria cansada como consequência. Em vez de estar cansada, era mais provável que se sentisse descansada ou revitalizada quando estivesse pronta para lhe ordenar que parasse.

Ela afirma que o seu pai em espírito não permanece com ela, mas vem ter com ela logo que ela começa a escrever, com a ideia de que ela deseja a sua presença e ditado. A fala automática veio como uma forma adicional da ação automática. Disse-me que nunca gostou do nome médium, pois na sua mente estava associado a controlo ou ditado, o que não era exatamente verdade no seu caso. Fora chamada de "portadora de mensagens automáticas", mas mesmo isso poderia indicar que o poder de agir não estava sob a sua própria vontade, o que seria falso. Pensou que talvez o nome que eu lhe dei, "Telefone Psíquico Humano" com ação automática, seria o melhor e, após devida consideração, aceitou-o como uma designação abrangente.

Ela realmente nunca pensara seriamente nisso antes, mas passará a reconhecê-lo doravante como o seu direito exclusivo; e será doravante, portanto, melhor conhecida e designada. Ela alega que consegue ouvir clariaudientemente, como se a mensagem estivesse escrita num fio fino e assim descesse através do seu cérebro. Este poder é permutável com a escrita automática, mas ela nunca os tem a ambos ao mesmo tempo. Se está a escrever, ou se tem pressa, por vezes ouvirá o resto ou o saldo da mensagem. Se ouve a mensagem, a sua mão não a escreve e, se então a desejar no papel, deve escrevê-la voluntariamente. Se está a proferir um discurso automático e é perturbada, de modo que ela própria fale sobre assuntos comuns, o discurso espera onde ela o deixou, como água num tubo; e ela pode engatar o seu poder para deixar que ele governe a sua fala: e ele continuará de onde parou, sem qualquer interrupção ou incómodo evidente.

Os discursos que assim faz estão muito acima do seu poder normal de composição ou expressão; e como regra têm tendência a rimar. Por vezes, a sua mão escreve poemas e ela consegue falar enquanto a mão faz a escrita, sem interferir no mais pequeno detalhe com a sua ação. Continuará, fácil e firmemente, como um grafofone a tocar uma melodia após ser posto em movimento, e assim continuará a fazer até terminar. O primeiro conhecimento consciente que ela tem do que foi escrito é quando ele para e ela o lê por completo.

Tem boa saúde e exercer este poder não a cansa. Alega que por vezes tem o poder de curar nesta mesma moda automática. Consegue falar em várias línguas que lhe são desconhecidas. Diz-me que estas línguas parecem ser antigas e não línguas modernas. Não consegue compreender o que diz, a menos que o traduza automaticamente, o que parece ter o poder de fazer. Diz isto nas suas próprias palavras: "Estas línguas não são um jargão sem sentido, pois experimentei e descobri que este poder iria, sob minha sugestão, conversar através dos meus poderes de fala com inteligências que falavam línguas peculiares, quer através de médiuns em transe, quer através de trombetas em sessões." Todas as suas diferentes fases são para ela agora tão habituais que tê-las lhe parece ser normal, e ficaria tão surpreendida se tentasse falar automaticamente e nenhuma fala saísse, como ficaria se tentasse mover o braço e descobrisse que ele recusava agir.

MISS MAUD VENICE GATES,
"O TELEFONE PSÍQUICO HUMANO."

Ela escreve, afirma ela, para o seu pai todas as manhãs e noites. Assevera, com palavras e sentimentos expressos de forma muito cândida, que "o procedimento toma o lugar do antigo, ou é agora, o nosso culto familiar modernizado". Relativamente à questão das condições aplicáveis aos seus fenómenos, explicou que, habitual e facilmente, como quem move as mãos, concentra a sua atenção consciente até cerca da condição de um ligeiro devaneio; mas está, no momento, perfeitamente consciente e pode parar de escrever ou começar a qualquer altura; e se parar a meio de uma mensagem, quando regressa a ela (à mensagem), esta continuará perfeitamente de onde parou anteriormente. Todas as mensagens automáticas são escritas com a sua própria caligrafia e não parecem ser impressas na sua consciência até que ela as leia. Se ouve qualquer parte da mensagem clariaudientemente, a sua mão não a escreve; e deve então escrever voluntariamente o que ouviu.

A sua mente, na condição adequada para a escrita automática, está suficientemente preocupada de modo que, quando está sozinha, soletra voluntariamente as palavras escritas em voz alta, de forma a atrair a sua aprovação consciente. Frequentemente escreve páginas inteiras de forma puramente automática, não recebendo qualquer impressão mental, exceto pela leitura das palavras após estas estarem escritas. As mensagens surgem de forma contínua, sem capitalização, sendo necessário que ela adicione estas e também "repare quando os indivíduos mudam".

Creio já ter mencionado que as mensagens, por norma, são rimas faladas ou escritas. Posso acrescentar que, embora rimem, as que vi raramente estão, se é que alguma vez estão, em métrica regular, como é usual na poesia padrão. As frases rimadas, contudo, soam eufónicas. Um ponto mencionado por ela, que noto ter falecido de registar, é que, quando estava sozinha, costumava experimentar de várias formas e, entre outras coisas, aprendeu que podia permanecer passivamente e os seus "pés caminhariam por si mesmos". Enquanto escreve, por vezes, as mensagens fundem-se umas nas outras e surgem duas ao mesmo tempo, uma de forma semicolariaudiente, utilizando parte da frase, ou antes, sendo a frase escrita pela sua mão como uma parte do pensamento que estão a exprimir. Por vezes, dobram-se sobre uma frase. Então, ela normalmente copia-as para as tornar claras.

Basta dizer que a maioria das mensagens escritas automaticamente para mim foram escritas pela mão da Menina Gates enquanto segurava a minha própria caneta de tinta permanente — designada por Stead e alguns outros dos escritores como a minha caneta psíquica — e em páginas de livros em branco, que eu invariavelmente levava para o local com esse propósito e trazia comigo quando a escrita terminava em cada ocasião. Tais escritos, conforme os selecionei para publicação, foram reproduzidos para cópia tipográfica com a redação exata tal como recebida por mim. Ter eliminado o ritmo através da substituição por palavras minhas — como foi sugerido por um distinto amigo terreno, bem como por um valoroso instrutor e auxiliar espiritual — seria certamente, no meu entender, uma adulteração da evidência. Hipácia, que atestou a genuinidade de cada escritor que fez uso da minha caneta nas sessões de escrita automática, endossa a minha decisão nesta matéria.

AS CONCLUSÕES DO AUTOR RELATIVAMENTE A ESTE INSTRUMENTO PSÍQUICO.

Eu pediria ao leitor, antes de prosseguir, que se despojasse do erro de supor que a mensagem escrita, tal como surge à vista, é um fac-símile do que a inteligência desencarnada costumava escrever enquanto encarnada como mortal, pois tal não é o caso; assume, sim, a forma que a mão normal do instrumento escreve, pelo que a inteligência utiliza o que já lá está e se adequa aos seus propósitos. O leitor irá então, provavelmente, indagar em pensamento: "Como posso então ter a certeza de que o pensamento que sugere as palavras assim escritas numa espécie de miscelânea e de carácter rimado não tem a sua origem na mente do instrumento?".

Regra geral, não é sequer difícil encontrar evidência corroborativa, ou mesmo direta nalguns casos, que não só o desmente, mas que estabelece facilmente a visão de que a psíquica não poderia ter na sua própria mente a capacidade e o conhecimento que através dela são transmitidos à mão que escreve, enquanto a sua própria mente objetiva está ocupada a conversar com outros que estão presentes.

Novamente, são escritas mensagens pela mão dela, ostentando as assinaturas de antigos mortais de quem ela nunca ouvira falar, com factos, datas, nomes e relações sobre os quais ela não poderia, por qualquer possibilidade, ter o mais pequeno conhecimento, até que o seu próprio espírito encarnado o obteve da mente subjetiva de um mortal, ou de um espírito desencarnado que já o possuía. A psíquica foi desde o início, como deu a entender, um instrumento involuntário, e foi levada a sofrer punição mental pelos seus guias [controladores], que ainda a compelem a transmitir mensagens espirituais de forma rimada, o que constitui um veto à independência absoluta ou total da mente subjetiva e, ao mesmo tempo, alivia a porção objetiva da mente e, desse modo, protege a faculdade de raciocínio. Esta faculdade de escrever desta forma peculiar não é mais maravilhosa do que a da sua capacidade de fala automática, sem controlo aparente da sua mente objetiva; pois muitas mensagens curtas ou ensaios são promulgados pelos seus órgãos vocais, em diferentes línguas, conforme notado por pessoas de várias nacionalidades, embora ela, em estado normal, não consiga falar em mais do que uma língua. Em qualquer dos casos, não importa como o pensamento possa ser expresso, ele é transmitido de forma a estabelecer a sua identidade.

Ao início, a maioria dos espíritos não consegue escrever de todo através da mão dela, exceto com o auxílio de guias, mas com experiência acrescida conseguem fazê-lo, e escrevem livremente através de qualquer mão automática; e também independentemente em ardósias, ou com uma ponta de lápis de chumbo em papel. Verifiquei que isto era verdade a tal ponto que a primeiríssima mensagem escrita da minha esposa e de Wm. T. Stead causou certamente uma dúvida séria na minha própria mente e na de outros, mas após experiência continuada, a referência desses dois escritores a tal facto tornou-se divertida.

Um crítico erudito, e antigo amigo londrino de Stead, procurou lançar ridículo sobre o facto de tal ser feito por Stead — tal como no caso de um certo médium de renome que afirmava que "Stead apenas viria através da minha mediunidade". Enquanto Stead me informa que virá através de qualquer porta aberta (e Julia confirma-o) — e veio através de pelo menos catorze portas ou médiuns diferentes até mim, até agora. Pergunte ao próprio Stead quando tiver oportunidade e ele confirmará o que aqui escrevi como sendo verdade.

O estilo rimado das comunicações escritas não é invariavelmente empregue, e apresento um exemplo notável nas páginas posteriores destes registos, onde uma inteligência alegou ser o espírito do falecido Clegg Wright, um antigo médium de ampla reputação que me escreveu através desta psíquica, à sua maneira natural, descrevendo a diferença entre o estado de transe e quando o espírito está em transição; e foi seguido

pelo seu guia, que me deu a razão e explicou como tal foi realizado. (Ver Capítulo XXXIV.)

Ofereceрei aqui alguma evidência que sustenta a credibilidade da psíquica. Três inteligências distintas falaram comigo através da trombeta na casa da Sra. Wriedt em Detroit, Mich. (Ver Capítulo XIV), e disseram-me que se materializariam para mim na casa de Jonson em Toledo, Ohio; e falariam comigo ali, e assim o fizeram. (Ver Capítulo XVI.) Depois de eu chegar à casa da Menina Gates em Lily Dale, Nova Iorque, algumas semanas mais tarde, estas mesmas três inteligências, a saber: a minha esposa May, a minha guia Hipácia, o Dr. Sharp, o guia da Sra. Wriedt; escreveram também através da mão desta psíquica, como o fizeram muitíssimas vezes sozinhas e na companhia de outros. Tal evidência não pode ser descartada pelo crítico e deve certamente ser explicada de alguma forma racional.

Mais uma vez, uma inteligência falou audivelmente através de uma trombeta comigo, no Estado de Nova Iorque, um dia; e depois, mais tarde, escreveu através da escritora automática, o "Telefone Psíquico Humano", também no Estado de Nova Iorque, mas noutro local, que "Cumpri a minha promessa para contigo falando através da trombeta esta manhã, e também te dei o meu nome, não dei?".

Outra prova algo semelhante foi quando uma inteligência comunicando através da psíquica de escrita prometeu encontrar-se comigo na casa de um médium de transe, com quem nunca me sentara antes; e enquanto ali estava provou a sua identidade, também dando o seu nome completo através dos órgãos vocais desse médium.

Estes exemplos, de entre muitos que submeto, são para mim as provas mais convincentes de que a psíquica de escrita não está a personificar nem é culpada de fraude, pois alguns dos médiuns através dos quais realizei estes testes estavam a centenas de milhas de distância dela.

A evidência acima citada é amplamente circunstancial e corroborativa, e contudo estabelece a genuinidade da psíquica automática; mas há ainda que considerar o tipo de evidência mais forte e convincente que se pode encontrar, a saber: evidência direta que é voluntariamente apresentada em muitas das comunicações; enquanto, por interrogatório cruzado como pergunta e resposta direta, a inteligência estabelece a sua identidade e frequentemente prova a sua personalidade humana.

Eu pediria aqui a cada leitor escolástico, ou mesmo ao crítico improvisado e convencido — que desdenha considerar o assunto com seriedade suficiente para investigar e não hesita em pronunciar tudo como absurdo, ridículo e incrível, ou simplesmente em pronunciar fraude — que pare e pense se um estudante poderia abrir o terceiro ou quarto livro de Euclides e demonstrar qualquer problema ali corretamente sem primeiro estar possuído de todo o conhecimento contido nas páginas que o precedem; e se não, não será igualmente irracional que um crítico abra este livro numa página posterior e comece a criticar sem conhecimento do conteúdo de todas as páginas anteriores, sob pena de construir a sua estrutura de oposição sobre uma premissa falsa?

Outro pensamento que incluo para consideração do leitor sobre esta característica é que nenhum ser humano é tão sábio que possa porventura saber tudo, ou possuir pelo menos todo o conhecimento, nomes, datas e circunstâncias que estão contidos em cada uma e em todas as mensagens escritas de início ao fim, das muitas centenas recebidas através da mão desta psíquica, bem como as personalidades de todos os escritores dessas mensagens, pois a hipótese de fraude pressupõe que o médium deve possuir todo o conhecimento que transmite através das várias mensagens que escreve; e isto um leitor imparcial não admitirá, nem sequer acreditará, pois tal conhecimento variado e prolífico nunca poderia ser abrangido por uma única mente, a partir de fontes tão diversificadas e limitado por anos que excedem a duração da vida mortal do instrumento.

Em conclusão, dou a minha opinião imparcial de que "O Telefone Psíquico Humano" é o instrumento psíquico mais complicado que alguma vez encontrei. Ela foi submetida por mim a muitíssimos e exigentes testes da sua capacidade mental, bem como psíquica, e forneceu, sem um momento de hesitação, respostas automáticas por escrito que acredito provarem, pela sua natureza e pelo conhecimento transmitido, que apenas poderiam ter tido a sua fonte nas inteligências que foram creditadas com a sua escrita, muitas das quais aparecem em diferentes capítulos.

Estas inteligências que escrevem, muitas delas apareceram perante mim, em uma ou mais sessões realizadas por cada um de quatro médiuns de materialização diferentes; seis médiuns de trombeta, quer antes quer depois das suas mensagens escritas, ou da sua própria parte das conversas mantidas comigo; e desta maneira assegurei ampla evidência de carácter corroborativo para estabelecer a sua identidade para além de qualquer dúvida. Este facto por si só deve estabelecer a genuinidade da sua faculdade automática, bem como explicar a maravilhosa diversidade de pensamento e conhecimento que me foi transmitida. O leitor encontrará nos capítulos a seguir muito do que prometi, a saber: evidência em teia de aranha ou de ligação, e de interesse suficiente para obrigar à investigação mais cuidadosa.

Na escrita de mensagens, característica com a qual estou a lidar, Eberling, o guia ou espírito protetor do "Telefone Psíquico Humano", é assistido por espíritos elementais, com o resultado de que a rima é introduzida para um propósito que não tentarei explicar, embora possa possivelmente ser simples e, se retamente compreendido, pudesse ser bastante aceitável. Uma pessoa sábia e prudente nunca negará a possibilidade de nada, a menos que esteja preparada para o desmentir.

Poderá ser de interesse para os leitores conhecer a visão de algumas das inteligências que fizeram uso desta psíquica rimadora. De cada comunicação extraio excertos, pois eles escrevem com maior extensão noutro local. (Ver Capítulo XXXI.)

HIPÁCIA: "Não é difícil fazer este sujeito escrever, isto é, se ela estiver ativa na chave automática; mas como ela, do seu eu consciente, nem ouve nem vê, a menos que pense em escrever, a porta está fechada para mim: e como a sua mente subconsciente é o nosso instrumento exclusivo, a sua mente auxilia a nossa sugestão. Se ela lê as

palavras que são tuas, isso fá-la escutar e conceder-me o tempo adequado, e então escrevo para responder conforme te é escrito."

DR. RICHARD HODGSON, em detalhe (no Capítulo XXXI) com maior extensão do que outros, explica quão difícil considera transmitir plena e adequadamente em linguagem apropriada a expressão exata dos seus pensamentos através desta psíquica para mim. Escreve claramente: "Gostaria de me poder aproximar de ti e falar sem esta rima." Afirma ainda que o seu guardião está com ele; e que Eberling, o guia dela, está com a psíquica. Eles auxiliam com mudanças que parecem ligeiras, mas de modo que não soe como se fosse eu a fazê-lo. Noutra frase diz: "Falhas de controlo completo dão-nos silêncio aqui e ali, pelo que os nossos melhores esforços não passam de razoáveis, e não devem ser comparados com os esforços que fizemos quando aqui em vida."

FREDERICK MYERS, numa das suas mensagens escritas para mim, diz: "Comunico esta mensagem. É uma coisa peculiar de se fazer. Eu não governo esta mão. Eu falo para ela e a mão escreve as minhas palavras. É governada pelas minhas palavras, como a mão da Sra. Piper o era há muito tempo. Já ouviste — ou talvez não saibas — que falávamos com os espíritos desencarnados segurando a mão dela junto aos nossos lábios. Agora, neste caso, eu permaneço ao lado e falo o que desejo dizer; a mortal não me sente, embora me digam que ela está consciente. Ela apenas vê, como eu vejo, o que a mão escreve. Vejo que não é a minha caligrafia, mas a dela." De outra mensagem de Myers cito o que se segue: "Há outras mentalidades que nos auxiliam como servos numa casa bem organizada. De facto, a tendência para rimar é, em algum grau, falha de um destes que se encontram perto dela (a psíquica) e auxiliam ao nosso mais pequeno comando. Como um megafone, eles são para o meu pensamento completo para ti. Eles confinam e dirigem-no para o seu melhor serviço, mas não sugerem."

PROF. THOMPSON J. HUDSON diz: "Eu, tal como o senhor, estudei este instrumento deste lado da vida. . . . . Ela tem dupla ação mental; ou a ação da outra porção da sua mentalidade é semelhante à ação mental normal. . • • • Este caso é o mais peculiar de todos, porque as duas mentes são permutáveis e nenhuma perturba a outra."

MAY (a esposa do autor). Numa das suas comunicações através desta psíquica diz: "Ela não é impressionada pelos meus pensamentos, mas a sua mão é governada por uma mente que é suficientemente inteligente para transcrever o que eu dito por palavras. Parece-me, ou à minha mente consciente, muito como se pudesses dirigir-te a um telefone e falar com um amigo; e conforme proferias a mensagem, visses uma mão a escrevê-la como se regida pelas palavras faladas." Noutra ocasião perguntei a May esta questão, a saber: Por que rimas tu como tantos outros que escrevem através da Menina Gates? A sua resposta foi: "Rimo porque é mais fácil fazê-lo assim. . Se eu deixar rimar, corre por si só como uma pianola ou um piano automático; mas no caso do Sr. Wright, John Shaw e Rushton (guias de Wright) serviram em vez dela, guias rimadores."

CLEGG WRIGHT. Deste antigo e bem conhecido médium recebi uma comunicação muito interessante que se encontrará no Capítulo XXXIV. Cito o que

escreveu através da psíquica rimadora, tanto quanto se refere a ele ser um caso excecional e a razão para tal. Diz: "Sou tão real, e estou tão vivo, como quando era anteriormente um visitante em Lily Dale. Vejo-te também. Também vejo por que fui deslocado. Estou mais perto e para além da necessidade rimadora. Eberling, o guia do instrumento, de acordo com o desejo expresso dos meus guias, permitiu que eu fosse deslocado para além da zona rimadora."

Com a informação precedente em mente relativamente a este instrumento psíquico único, o leitor estará preparado para compreender melhor a sua excecional capacidade para atividade psíquica repetida e prolongada, notando criticamente os resultados obtidos através dela enquanto percorre os Capítulos XXII, XXIII, XXIV, XXIX, XXX, XXXI, XXXIV e XXXV.

CAPÍTULO XXII

HIPÁCIA, A FILÓSOFA NEOPLATÓNICA — FILHA DE THÉON — ALEGADA GUIA ESPIRITUAL DO AUTOR — PROVOU SER UMA GRANDE INSTRUTORA — ESTE LIVRO FOI SUGESTÃO DELA — ELA AUXILIOU NA OBTENÇÃO DE EVIDÊNCIA PARA O MESMO — TROUXE FAMILIARES, AMIGOS, ESTRANHOS, VIDENTES, FILÓSOFOS E INVESTIGADORES PARA COMUNGAREM COM O ESCRITOR — PASSOU HORAS SEGUIDAS A RESPONDER ÀS SUAS QUESTÕES — CUMPRIU A SUA PROMESSA DE O AUXILIAR A OBTER O SEU RETRATO ESPIRITUAL — ESCREVEU ATRAVÉS DO "TELEFONE PSÍQUICO HUMANO" E DE OUTROS ESCRITORES AUTOMÁTICOS — TAMBÉM FALOU ATRAVÉS DE TROMBETAS — MANTEVE CONVERSA COM O AUTOR E COM OUTRAS PESSOAS ENQUANTO PRESENTE NO SEU CORPO TRANSITÓRIO.

O retrato espiritual de Hipácia, em cores naturais, com cerca de três quartos do tamanho real, feito por artistas espirituais na presença das Irmãs Bangs na cidade de Chicago, a 27 de abril de 1912, enquanto sob inspeção do autor, numa base selecionada por ele; e foi concluído em dez minutos, imediatamente após o de William T. Stead. Foi posteriormente fotografado por um fotógrafo local em Toronto, a partir do qual foi produzida uma placa de fotogravura, que por sua vez foi utilizada pelo tipógrafo para produzir a sua imagem aqui, trajada conforme apareceu na sessão de Jonson na mesma noite que William T. Stead na sua primeira materialização, a saber: 22:00, 18 de abril de 1912.

Hipácia foi designada a "mais sábia entre as mulheres" na era em que viveu. No auge da vida terrena era universalmente admirada pela sua grande aprendizagem, talentos, eloquência, beleza e modéstia. Exercia uma influência maravilhosa sobre todos os que ouviam as suas declarações públicas. A sua vida foi distinta, mas teve um final trágico como mártir. Sobre ela, o Professor Draper escreve: "Cada dia, perante a sua academia, perfilava-se um longo comboio de carruagens; a sua sala de aulas estava repleta com a riqueza e a moda de Alexandria. Vinham para escutar os seus discursos

sobre aquelas grandes questões que o homem em todas as eras tem feito, mas que nunca foram respondidas: O que sou eu? Onde estou? O que posso fazer?

Um dia, enquanto se dirigia à sua academia, foi assaltada pela turba de Cirilo — uma turba de monges sedentos de sangue. Despojada de roupas na rua, foi arrastada para uma igreja e ali morta com um cacete. O cadáver foi cortado em pedaços, a carne foi raspada dos ossos com conchas e os restos lançados ao fogo. Por este crime pavoroso, Cirilo (um Arcebispo) nunca foi chamado a prestar contas. Parecia admitir-se que o fim santificava os meios."

Um registo de fenómenos psíquicos do qual tenha sido eliminado um importante elemento contribuinte deve revelar-se sem valor, se for para formar a base ou fundação sobre a qual formular uma hipótese permanente; ou para construir uma declaração de uma verdade importante; ou para definir uma lei natural nova ou não bem compreendida.

Em todo o importante trabalho de investigação com o qual tenho estado estreitamente associado nos últimos anos, posso dizer que sempre, em todas as circunstâncias, em todos os locais e com cada verdadeiro psíquico, esteve presente uma inteligência e influência dominante ou controladora que impressionou a minha mentalidade, tendo invariavelmente a sua identidade distinta, dando a conhecer por afirmação a sua antiga identidade humana, estabelecendo a veracidade da mesma através de conhecimento exato fornecido quando sob exame quanto à história da vida e eventos contemporâneos, juntamente com nomes, localizações e datas e outra informação confirmatória.

HIPÁCIA, A FILÓSOFA NEPLATÓNICA

(Nascida em 370 d.C.; Assassinada em 415 d.C.)

De Impressões feitas por Artistas Espirituais para o Autor.

Os vários canais através dos quais esta inteligência comunicou têm sido, de certa forma, ilimitados, isto é, não confinados a qualquer sistema, fase ou psíquico individual. Manifestou-se, durante anos, por voz através de trombetas em vários locais, na presença de diferentes psíquicos; também por voz independente no ar, estivesse ou não uma trombeta presente; através dos órgãos vocais de médiuns em transe; apareceu à vista numa formação semitransparente ou eterealizada; e, enquanto materializada e trajada como uma senhora, manteve comigo uma conversa refinada, ou cantou canções de sua própria autoria, utilizando os órgãos vocais desse corpo transitório; e muitas vezes, utilizando a mão e a caneta de um psíquico em transe, comunicou informações e instruções — algumas de carácter geral, outras de natureza pessoal e confidencial específica; e, por último, utilizando o novo instrumento que descrevi no capítulo anterior como o "Telefone Psíquico Humano", com ação automática e tendência rimadora.

A linguagem por ela utilizada, os maneirismos adotados e o nome alegado, anunciado ou assinado; bem como as previsões ou confirmações num local e momento harmonizando-se com as de outro local e momento, e com outras aparições em diversas ocasiões, confirmando assim a individualidade da inteligência sob condições separadas, diferentes ou mesmo opostas; ela demonstrou tão plena e satisfatoriamente a sua individualidade que conquistou a minha confiança, aprovação e apoio, devido às suas muitas capacidades, promessas, profecias e ao cumprimento das mesmas, demonstrando ser de uma qualidade e carácter que não podem senão comandar o meu respeito e o daqueles que também as conhecem; e que não só foram, como continuam a ser exibidas; e a isto acrescenta-se a sua demonstração definitiva e completa não só de uma mente maravilhosa e julgamento correto, mas do poder admirável que ela comanda; e para mim tão absolutamente consistente em promessa e cumprimento a ponto de ganhar a minha inteira confiança e fé, estabelecendo-a na veracidade e fiabilidade.

Esta inteligência alega ser Hipácia, a filósofa neoplatónica, filha de Théon (Ver as suas próprias declarações perto do fim do Capítulo XXIII).

Vários cidadãos inteligentes e vivos do Canadá e dos Estados Unidos encontraram Hipácia no seu corpo físico transitório numa sessão de Jonson quando eu estava presente; enquanto um número muito menor a encontrou e conversou com ela ali, em resposta ao meu pedido feito a ela para se materializar, encontrar e falar com certos amigos especificados, embora eu estivesse ausente. Este pedido foi cumprido várias vezes, enquanto em três ocasiões diferentes, no caso de três amigos pessoais próximos — que não se conheciam entre si — e que visitaram a sessão sozinhos, ou pelo menos não acompanhados uns pelos outros, ela ditou uma mensagem destinada a mim e solicitou em cada ocasião a sua entrega em mãos. Em cada instância, recebi a mensagem.

Com um instrumento em transe, e com os escritores automáticos, bem como outros tipos e fases de mediunidade, através do auxílio dela, sou capaz de mostrar uma ligação de elos necessários formando uma cadeia de evidência forte, demasiado convincente para ser desconcertada ou emaranhada por qualquer hipótese de fraude, prestidigitação, leitura mental, telepatia, alucinação ou estado hipnótico que possa ser construída e aplicada por qualquer crítico que procure por evidências que não deseja encontrar. Desta inteligência, alegada por si mesma como sendo Hipácia, darei tão concisamente quanto possível dentro dos limites deste capítulo, alguns incidentes escolhidos entre os muitíssimos da sua associação comigo e com os meus esforços de investigação desde 1905, visto que ela desempenha um papel fundamental nos vários fenómenos que parecem recorrer com frequência, interesse crescente e importância. Será apenas necessário doravante que o leitor atento note os eventos relacionados com ela; e a frequência de evidência confirmatória ou direta em quase todos os capítulos.

Hipácia, a visitante angelical, foi o meio, ao materializar o seu corpo transitório e usar a fala, de convencer a minha falecida esposa de que ela, Hipácia, é a minha guia espiritual; e a sua maneira persuasiva e capacidades tornaram-na uma convertida e, por conseguinte, uma colaboradora em vez de uma oponente da minha atitude em assuntos psíquicos. Com referência a esta circunstância, incluirei aqui parte de um memorando feito na altura, a saber:

"No mês de junho de 1907, Hipácia, falando através de uma médium em transe, a Sra. Ripley, disse que 'May' (a minha esposa) — que nunca mostrara inclinação para a crença no retorno e comunhão espiritual — seria influenciada por ela a desejar ir comigo a Lily Dale, e ver e ouvir e julgar se era verdade ou não. Basta dizer que decidi não lhe pedir para ir, nem sequer sugerir que me acompanhasse na viagem; mas esperei pacientemente durante um tempo para ver se ela seria influenciada pelo poder espiritual da sugestão. Ela logo começou a planear, o que resultou na decisão de ir comigo, o que satisfez o meu desejo e expressei-me agradado. Chegámos lá no sábado, quatro de agosto de 1907, e nessa mesma noite assistimos a uma sessão de materialização de Jonson; e, para seu próprio espanto, Hipácia, numa bela personificação angelical, veio e tornou-se amiga de 'May' durante a nossa estada ali."

Estas sessões foram conduzidas sob condições de teste que visavam excluir absolutamente qualquer auxílio ao médium de qualquer parte. Dos dezasseis adultos presentes, oito eram membros da nossa Sociedade de Pesquisa, enquanto os restantes oito eram amigos selecionados por nós (o que incluía a minha esposa). Houve três sessões ao todo, e dez a quinze apresentações em cada uma. Numa destas, Otelleo — outro alegado guia meu, de nacionalidade egípcia, de 8.000 anos a.C., e associado a Hipácia num grupo de sete espíritos avançados, designados para agir em uníssono — fez uma breve visita, indicando quem era a pessoa que ele viera especialmente ver, pela primeira vez. Em cada sessão, Hipácia apresentou-se e centrou o seu interesse principalmente em May. Na primeira ocasião, entrou em vestes de branco creme, com a cabeça, pescoço, peito e braços ostentando joias e ornamentos aparentemente cravejados de diamantes, uma pulseira dourada no pulso, enquanto nos pés trazia sandálias; e

moveu-se graciosamente pela sala até onde a minha esposa e eu estávamos sentados no círculo e, colocando a mão no meu ombro, falou comigo — ela cumpriu a promessa de que viria; eu levantei-me e ela conduziu-me ao centro da sala, onde May foi convidada a juntar-se a nós; e enquanto May estava envolvida por Hipácia em conversa, ela foi, ao início, agudamente crítica em questões de detalhe, tais como sentir os músculos e avaliar a sua solidez, e a das suas joias e ornamentos, e notar de perto a cor do cabelo e olhos e os movimentos da boca enquanto falava, bem como apreciar a realidade das mãos e dedos quando estes foram colocados um em cada bochecha, e escutou as palavras persuasivas que ela proferiu: "Estou feliz por estares aqui, querida May; eu sou a guia do teu marido, e serei guia para ti."

Mas May não conseguia compreender como as vestes de Hipácia tinham mudado de textura e padrão durante a conversa, nem percebia bem o desaparecimento gradual de perto de nós por uma dissolução de tudo com que tínhamos estado em contacto. A sua curiosidade tornou-se um poder impulsionador, e May assistiu à segunda e terceira sessões, numa das quais Hipácia apareceu, falou com May e desapareceu novamente, devagar, por dissolução no chão. Mas, no fim, May começou a compreender e finalmente reconheceu que tinha visto e estado a falar com uma visitante angelical.

Durante os restantes quatro anos da vida terrena de May, após a sua experiência convincente com Hipácia nas sessões de Lily Dale, ela juntou-se livremente a mim em investigações psíquicas e tornou-se conhecida de Hipácia. Também se tornou voluntariamente parceira comigo no acordo que aparece no Capítulo XII, o qual, desde a sua transição, foi posto à prova (ver Capítulo XIII e seguintes), e sustenta fortemente a verdade tanto da continuidade como da comunhão entre aqueles nos dois estados de existência; ou entre aqueles agora no mundo espiritual e aqueles na terra.

Designarei nesta fase alguns de entre muitos testes da capacidade de Hipácia, em cada um dos quais ela anuiu e realizou com sucesso. Dois destes podem ser encontrados no Capítulo VIII, e cada um foi verificado desde então — um como um teste de fala por trombeta, na casa do falecido Wm. T. Stead; e o outro ao materializar o seu corpo e manter uma entrevista numa sessão especificada em casa de Jonson a partir de, ou em cumprimento de, um pedido escrito, como no caso precedente, que jazia na minha secretária durante a noite e foi lido por Hipácia, para encontrar o Coronel N——, um amigo canadiano meu, que estava então em Toledo com o propósito de assistir a uma sessão de materialização, e dizer-lhe por que razão ela se lhe apresentava.

Um terceiro e invulgar teste, com uma condição especial a ele ligada, designarei como "o teste da rosa". Este foi inaugurado por Hipácia, dando o seu consentimento assim que lho propus numa sessão de materialização realizada na casa dos Jonson, pela minha esposa e por mim, estando também presente a Sra. Jonson, esposa do médium. A data foi 10 de agosto de 1910. Como outros assuntos probatórios tiveram alguma associação com esta sessão, farei breve menção dela, pois voltará a ser objeto de observação. Este teste foi concluído com sucesso a 15 de novembro de 1911 (Ver Capítulo XVI, apresentações 8, 9, 10 e 11). Segue-se apenas uma porção do registo desta sessão conforme feito na altura da inauguração do "teste da rosa".

"Três anos, quase precisamente até ao dia, tinham passado desde a primeira evidência convincente de May, que a tornara uma convertida a esta nova verdade; e ela tinha, desde então, aproveitado as suas oportunidades para colher mais experiências e tornar-se melhor conhecida de Hipácia. Assim, quando nos sentámos, sentimo-nos satisfeitos por as condições harmoniosas provavelmente trazerem resultados satisfatórios; e, como se verá, não ficámos minimamente dececionados. Os nossos visitantes foram limitados em número, e a primeira foi Hipácia, que parecia tão natural nas suas vestes criadas pelo pensamento como qualquer senhora numa sala bem iluminada num 'dia de visitas', toda a sua presença brilhante e clara em detalhes de observação natural, de modo que podíamos prontamente distinguir as feições, e a cor do cabelo e olhos, e observar cada ornamentação. Ela aproximou-se de nós graciosa e dignamente e deu-nos as boas-vindas amorosas, o que encheu as nossas almas de alegria e nos proporcionou as garantias reconfortantes da vida futura e os prazeres que realizaríamos quando fôssemos recebidos e acolhidos por aqueles que nos precederam. Virando-se para mim, respondeu a uma pergunta mental que eu tinha em mente; e, em seguida, virando-se para a minha esposa, disse: 'Estou feliz por te encontrar novamente, querida May, e embora me vá agora, voltarei daqui a pouco com um espírito amável que será um auxílio para ti'. Após uma breve ausência, Hipácia regressou, trazendo consigo outro espírito assemelhando-se algo a si mesma em figura geral, feições e vestes. Este espírito caminhou até uma jarra contendo flores e colheu uma, e regressou para o lado de Hipácia, que então falou e disse: 'May, trago-te alguém que será uma guia e auxiliar para ti — esta é Saphrona'. Saphrona saudou May e entregou-lhe a flor que colhera da jarra, e depois falou com a minha esposa.

Após nos ser dada uma oportunidade para um exame atento das vestes, formas e adornos destes dois espíritos que estavam connosco ao mesmo tempo, foi oferecida a cada um uma bela rosa branca, num caule longo e folhoso. A Hipácia apresentei a minha. Disse: 'Ao apresentar esta rosa como um sinal do meu apreço por si, desejo que seja ao mesmo tempo um teste; e perguntar-lhe-ei se a protegerá e, algures e nalgum momento no futuro, ma devolverá, tal como a recebe agora?'. Hipácia respondeu: 'Cuidarei dela e devolvê-la-ei como desejas, como prova da minha capacidade de cumprir a minha promessa'. O caule e a rosa teriam cerca de doze polegadas de comprimento, e o caule estava coberto de folhas e espinhos, e atado com um laço duplo de fita de cetim branco estreita.

Agradeci a Hipácia, que então a colocou contra o ponto central do peito, retirou a mão e ali ela permaneceu como se estivesse presa; mas não havia evidência de fixação, pois foi colocada e, num segundo, a mão retirou-se. A minha esposa também presenteou a sua convidada, Saphrona, com um presente semelhante; mas, no caso dela, o caule estava atado com fita de cetim azul. Ambos estes anjos desmaterializaram-se perante a nossa presença, à entrada da pequena sala — que servia de gabinete — corpos, rosas e tudo."

"Entre os vários visitantes nesta sessão interessantíssima estavam dois amigos fraternos, que alegavam ter vivido há muitíssimo tempo no Oriente, e que vieram,

permaneceram e partiram juntos, após trocarem saudações connosco. Um destes, Otelleo, será recordado como estando associado a Hipácia num grupo de espíritos exaltados. O outro espírito foi-me apresentado de forma significativa por Otelleo como Hiram Abiff."

"Um dos restantes visitantes foi o Dr. Sharp, que frequentemente me visitara antes, e será reconhecido por bastante gente interessada como o guia e controlo de trombeta da Sra. Etta Wriedt, médium de trombeta. Este guia espiritual idoso, de cabelos grisalhos e barba longa, entreteve-nos a ambos com algumas das suas reminiscências, pois ambos tínhamos conhecimento dele anteriormente. Um facto em especial, que ele desejava gravar nas nossas mentes, era que ele afirmava ter sido o primeiro a introduzir fenómenos físicos em Ontário."

May passou da vida terrena para os reinos espirituais a 29 de setembro de 1911 e, após ela ter partido, os meus pensamentos revertiam constantemente para o nosso acordo *ante-mortem* encontrado no Capítulo XII; e embora esperando e acreditando que seria realizado com sucesso, estas perguntas continuavam a surgir na minha mente: Quando? onde? e como? "Oh, que possa em breve ser provado como um facto consumado", era o desejo constante da minha alma.

Não tive de esperar muito, pois Hipácia impressionou-me de tal forma que fui à mesma senhora psíquica (Sra. Ripley) visitada no início do mês de maio, no caso do meu primeiro teste, quando Hipácia concordou em transmitir o meu desejo a Wm. T. Stead. "Se me der o seu consentimento para permitir que os guias a utilizem", disse-lhe eu, "sinto-me satisfeito por algum espírito incitar este pedido, e aguardarei algum novo desenvolvimento". A psíquica deu consentimento imediato e harmonioso, e tornou-se evidente que algum espírito estava a tomar o controlo dela. Provou ser o mesmo espírito — Mary Blackburn — que tomou o controlo dela quando me sentei com ela anteriormente.

O espírito controlador saudou-me, embora as suas palavras tenham sido poucas — "Dou agora lugar à sua guia, que deseja falar consigo", foi tudo o que disse. A psíquica começou imediatamente a entrar num estado de transe mais profundo e, após talvez dois minutos de espera, Hipácia começou a usar os seus órgãos vocais e disse-me que desejava que eu fosse, a 11 de novembro, ter com Etta Wriedt, a médium de trombeta, em Detroit, e que ela, Hipácia, iria durante a minha presença ali trazer May para conversar comigo. Cumpri esta direção e, com efeito, a previsão foi realizada de forma muito gratificante (Ver Capítulo XIII). O leitor sem dúvida perceberá, em alguma medida, que o meu interesse, face a todos os factos mencionados, estava agora profundamente aumentado e a minha confiança em Hipácia tornava-se firmemente estabelecida.

O leitor queira notar que "o teste da rosa" começou a 10 de agosto de 1910, estando May então na vida terrena e Hipácia e Saphrona ambas presentes com ela; e foi concluído em novembro de 1911, estando May então nos reinos espirituais, mas tendo regressado com Hipácia, e estando presente na sessão na conclusão bem-sucedida do

teste (Ver Capítulo XVI, apresentações 8, 9, 10 e 11). O Dr. Sharp esteve presente em todas estas ocasiões.

Neste mesmo mês de novembro, tal como o incidente precedente, enquanto numa sessão de trombeta realizada em Toronto, com mais de duas dezenas dos seus cidadãos inteligentes presentes, o Dr. Sharp aproveitou a oportunidade e a minha presença para dizer através da trombeta: "Dr. King, desejo agradecer-lhe por me ter reconhecido quando apareci no meu corpo materializado na sessão de Jonson em agosto do ano passado." (A sessão aludida, quando o teste da rosa teve a sua origem.)

Pouco depois de essas palavras terem sido proferidas, uma voz dirigiu-se ao Rev. Cónego William Walsh, que estava presente. Foi logo reconhecida por ele e por outros como sendo a de May, que passara para a outra vida no passado dia 29 de setembro, e fora recebida e cuidada por Hipácia e Saphrona; e agora regressava como espírito. Veio nesta ocasião, especialmente para agradecer ao seu amigo pessoal, o Cónego Walsh, pela sua amável referência a ela nas palavras que ele tão recentemente proferira ao dirigir-se àqueles que estavam presentes perante os seus restos terrenos — então visíveis no caixão — antes de serem levados para o seu último lugar de repouso (Ver testemunho corroborativo na conclusão do Capítulo XIX).

O carácter exaltado e o trabalho de Hipácia estão agora a ser manifestados ao trazer auxílio e evidência para estabelecer a verdade da continuidade da vida e da comunhão direta, além de qualquer dúvida, entre aqueles que ainda estão na terra e outros entes queridos e amigos nos reinos espirituais. Ela propiciou a comunhão entre mim e a minha esposa, também com a nossa filha, o meu irmão, pais e outros familiares, bem como amigos, estranhos, videntes, filósofos e antigos investigadores psíquicos; e a maioria destes através de psíquicos de diferentes fases, alguns através de três ou quatro fases. A evidência é apresentada em capítulos deste livro, os quais o autor acredita que sustentarão com sucesso a afirmação contra ataques de qualquer cético, cientista, sacerdote ou homem.

"A aurora chegou para um grande despertar. Hipácia."

O que precede foi a primeira comunicação escrita reconhecida de Hipácia para mim, feita em letras vermelhas numa ardósia, e assinada por ela às 17:00 de 10 de agosto de 1905. Ela escreveu a sua segunda mensagem em letras vermelhas no dia seguinte, noutra ardósia. As precauções tomadas e os resultados obtidos, incluindo a sua reprodução neste livro, encontram-se no fim deste capítulo e darão ao leitor uma compreensão mais clara desta demonstração psíquica.

Ser-me-ia impossível provar da forma comum a sua personalidade humana e terrena; embora sinta que possuo a da sua identidade espiritual, pois tal tem sido possível, uma vez que ela tem sido a minha instrutora, guia e auxiliar constante desde a data acima mencionada. Ao espírito Hipácia estou em dívida por muito do que aprendi sobre a vida espiritual; e também a entes queridos e antigos amigos da terra, bem como

a alguns homens notáveis de experiência agora em esferas espirituais, cujas mentes continuam ativas e, com conhecimento acrescido, auxiliam no fornecimento, a partir do mundo espiritual, de muita evidência para provar a sua continuidade e capacidade de regressar ao plano terrestre e comungar com os mortais.

E agora, para mostrar que a associação estreita de Hipácia não é apenas comigo, mas também continua com a minha esposa espiritual, "May", cito alguns excertos dos registos que assegurei enquanto em busca de mais conhecimento psíquico. Antes de o fazer, no entanto, tentarei tornar claro ao leitor aquilo que ele não compreende, ou questiona em sua mente: o facto de um espírito escrever através de uma mão psíquica humana. Explicarei aqui brevemente, como o faço mais plenamente noutro lugar, como isto é feito.

Para ilustrar: — Um hipnotizador seleciona um sujeito estranho provável e desvia a sua mente objetiva da concentração, ou atrai-a pela antecipação, e no momento psicológico sugere à mente subjetiva daquele que procura controlar que ele (o sujeito) vai escrever uma carta a um amigo, cantar uma canção, proferir um curto discurso ou, como uma ama, cuidará de um bebé a chorar; e em qualquer dos casos, o sujeito cumpre a sugestão geral feita à sua mente subjetiva, que se tornou ativa sem direção detalhada, e a parte objetiva da mente torna-se imediatamente passiva ou dormente. No caso do psíquico de escrita, o espírito Hipácia ou May, ou quem quer que controle, por consentimento da mente objetiva (e o não consentimento significa trancar a porta), fala no ouvido recetor telefónico da sua mente subjetiva as próprias palavras e frases ditadas a serem escritas, e imediatamente o seu eu subjetivo escreve-as, com a sua própria mão física, de forma tão natural como quando a mente objetiva controla a mão.

Caminhar ou falar durante o sono são exemplos comuns resultantes de sugestões — sem direção detalhada e sem exercício da razão — à mente subjetiva por ruídos, vozes, movimento, contacto físico, indigestão e outras causas. Tal sugestão não dirigida à mente subjetiva do indivíduo em questão causa assim uma ação, mental ou física, ou ambas, tais como, por um lado, sonhos de impossibilidades ou, por outro, atividades físicas sem propósito definido, devido à ausência de direção detalhada na sugestão que atua sobre a mente subjetiva.

Sou instruído de fonte espiritual que, quando qualquer inteligência espiritual deseja proferir as palavras de uma mensagem a ser escrita, tal espírito obtém consentimento para as proferir à mente subjetiva do psíquico; e então Eberling, o guia dela, toma o controlo e é auxiliado por espíritos elementais; e que ele considera a rima, no caso dela, uma necessidade constante para um propósito definido. Com esta explicação, seguirei agora nesta relação com citações da própria comunicação espiritual de May de 13 de março de 1912, tal como registada pela mão do telefone-psíquico-humano; bem como no caso de Hipácia, a saber:

MAY: "Saphrona é como Hipácia; ela é tão capaz que cuida de mim com muito amor."

Eu tinha-lhe perguntado se Saphrona — que Hipácia lhe trouxera como auxiliar e protetora quando em Toledo em 1910 — fora vista ou encontrada por ela na vida espiritual, e a citação foi a sua resposta, através do instrumento psíquico.

J. S. K.: "Quando e onde e como despertaste para a existência espiritual consciente?"

MAY: "Caí num sono inquieto e flutuei para fora da vida. Não o percebi até estar com aquela que cuida de ti. Hipácia foi a primeira a dizer: o teu espírito está liberto, querida May, não te sintas triste pois é o destino de toda a humanidade morrer; e nós somos amigas para ti, e para o teu amoroso Johnnie também; e vamos fundir-vos num só agora que o teu viver aqui terminou. Eu também choro. . . . . e desejava poder aqui ficar; mas leis da mente que não conhecemos trouxeram-me aqui e assim o quiseram. Farei cada pequena coisa que possa até aprender o caminho exato para vir ter contigo. • • • • • O Céu é um estado e não um lugar, ou poderia dizer de forma mais exata, é uma sintonia. Se a luz do sol for confinada, permitirá que um homem veja mesmo numa caverna.

Assim com a nossa necessidade celestial, ela pode ser confinada ou mantida perto de nós, de modo que estejamos à vontade mesmo aqui na terra. Se eu não estivesse sob proteção artificial, não poderia permanecer como permaneço contigo muitas vezes de noite e de dia. O meu corpo espiritual é de desenvolvimento superior devido a Hipácia e ao teu grupo que são avançados, por isso recebo vitalidade como um duche de poder; mas nos estados mentais inferiores, as mentes humanas desencarnadas de grau ligado à terra desejam regressar e ouvir e ver e comer e beber porque não aprenderam a pensar."

J. S. K.: "Diz-me, May, se puderes, onde estavas."

MAY: "Parecia estar na minha cama. Pensei: agora que dormi tanto tempo, levantar-me-ei bastante bem. Senti um ligeiro choque como o de um fio a partir-se; e então pareceu que flutuava para longe; e eu pensei: ouvi o Johnnie dizer que ele assim fazia (em voos astrais) e pergunto-me para onde irei; e mais tarde voltei para ver que estava tudo acabado, e eu estava verdadeiramente livre, e por isso chorei como tu também choraste. Estou agora à vontade e amo estudar também, e mais tarde estarei frequentemente contigo. Muitos estavam comigo, querido, mas como eu disse, não estava preparada para a verdade. Fui assistida por Hipácia, que era a principal. Vi o meu bebé; ao início ela veio como uma visão e eu pensei que era uma visão ou um sonho; e depois pensei quão reais parecem, e quão ténue a minha visão terrena. Tudo vem gradualmente para mim, e parece muito sabiamente feito dessa forma."

J. S. K.: "Agradeço-te, 'babe', por tudo o que disseste; e Hipácia, querida, que tanto cuidas da May, desejo saber como comunicas com ela e com outros na vida espiritual."

HIPÁCIA (respondendo através do mesmo instrumento): "Comunicamos de acordo com o nosso desenvolvimento e capacidade de usar vantagens avançadas. Com a May, a tua querida da vida terrena, falo em linguagem semelhante à da terra. É a fala

inglesa que utilizo. O sentido dela é exatamente como o poder clariaudiente nos humanos — e um poder de ouvir sem um ouvido. Com Electra, ou des-Asia, ou Otelleo e outros como eu, falo com um pensamento dirigido e focado, como se, através da fotografia terrena, eu transmitisse a imagem e o pensamento completo, sem a necessidade de palavras como as usadas pelos homens. A intuição nos humanos é este poder de forma rudimentar, 'eu sei', é tudo o que conseguem dizer."

Noutras ocasiões — tanto anteriores como posteriores às perguntas precedentes a May e à guia — interroguei, e continuo a interrogar Hipácia de tempos a tempos para obter conhecimento, e recebo-o em medida generosa. No máximo, apresento apenas alguns exemplos neste capítulo, enquanto o que se segue é inteiramente dedicado às respostas de Hipácia às minhas perguntas relativas à mente e à alma ou espírito, e a outros assuntos de interesse para mim.

J. S. K.: "Consegues perceber as minhas necessidades ou desejos; e lês os meus pensamentos?"

HIPÁCIA: "Recebo primeiro um chamamento teu, como se fosse um sino para ti; e para o meu eu consciente isso transmitir-me-ia o pensamento — ele chama-me ou deseja-me. Então dou-lhe atenção, como tu abririas uma janela por um ato voluntário e, se o fizer, vejo-te então, e vejo também a coisa que resultaria daquilo que os teus pensamentos me expressam, isto é, se perguntasses 'é isto sensato?', eu não só ouviria a tua pergunta direta, mas veria imagens, por assim dizer, da terra do 'seguro que será', a forma como será, e o que é bom ou mau para ti, pois eu sou finita também, numa comparação de grau aumentado; e sou ensinada e guiada e usada, não como são as necessidades dos homens, mas conforme eu necessito, como uma criança em crescimento da Divindade."

J. S. K.: "Quando escrevo no papel e deixo o que escrevi na secretária para ti, como no caso das minhas comunicações a Wm. T. Stead, de Londres, e ao meu amigo do Quebeque (ver Capítulo VIII), lês o que está escrito ou lês a partir da minha mente?"

HIPÁCIA: "Se o escreves, leio-o da escrita e, por uma repetição sem fios, assim o transmito. Se for dactilografado, confunde-me, e apenas leio os teus pensamentos então, e transmito-o apenas em pensamento, e não em fala inglesa exata."

J. S. K.: "Pensas que consegues entregar ao Sr. Stead a mensagem única ou, melhor ainda, a composta, tal como contida na minha segunda comunicação para ele antes de o meu livro aparecer? Caso contrário, o teste posterior não seria tão convincente."

HIPÁCIA: "A minha intenção é fazê-lo. Tenho muitos auxiliares comigo, entre eles muitos mestres, tais como des-Asia, teu conhecido; e mantemos uma linha juntos, e assim transmitimos os pensamentos, e tentaremos fazê-lo melhor se pudermos, ou da mesma forma. Stead é ele próprio um psíquico, portanto podemos dizer-lhe 'faz assim', ou 'faz desta maneira', e ele obedecerá ao nosso desejo. (A partida da Sra. Wriedt e o subsequente falecimento do Sr. Stead impediram a sua realização). Tu és dotado com o

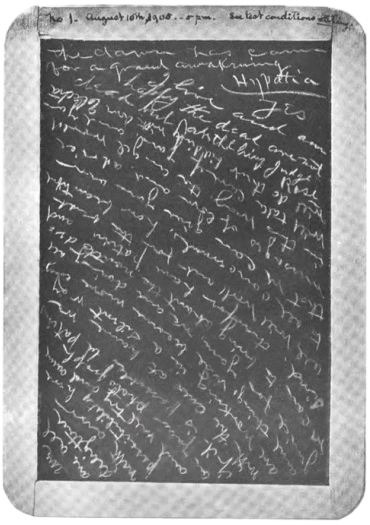
dom celestial, meu amado aqui; e estás a crescer firmemente mais do que te parece; e um pouco mais tarde, querido, fenderemos o ar exterior, e ver-nos-ás face a face, e sentir-nos-ás em todo o lado."

Foi Hipácia quem primeiro sugeriu a compilação deste livro e, igualmente, escreveu as suas frases finais. Voluntariou-se para me ajudar e tornou-se a principal colaboradora na obtenção das muitas novas revelações relativas à próxima etapa da existência; e reuniu e apresentou-me as muitas testemunhas das esferas espirituais para confirmar as evidências acumuladas.

Os registos de vários capítulos mostrarão a sua presença, inteligência, julgamento, habilidade e trabalho, que exigirão o apreço por ela.

Expressou igualmente o seu desejo de que eu obtivesse o que Wm. T. Stead me prometeu por escrito através do Telefone Psíquico Humano, a saber: o seu retrato espiritual para este livro; e quando escrevi às Irmãs Bangs, de Chicago, para marcar uma sessão com elas para um retrato espiritual, a resposta imediata delas chegou até mim dizendo que a minha guia, nomeando Hipácia, tinha lá estado e o obtivera para mim; e ela própria o corroborou enquanto materializada em casa de Jonson, em Toledo, e também nomeou o dia em que eu deveria lá ir buscá-lo; e quando o fiz, embora nenhum nome de espírito tenha sido mencionado em ligação com a sessão por ou para as irmãs, quando me sentei obtive o retrato de Stead; e, inesperadamente, obtive também o retrato de Hipácia; e cada um apareceu conforme estavam vestidos quando ambos se apresentaram, na mesma noite (18 de abril), na sessão de Jonson.

Posso aqui afirmar novamente o que é declarado noutro lugar: que quando a May me fala através de qualquer trombeta, reconheço-a instantaneamente, a voz como sendo a de May, pois soa ao meu ouvido de forma tão familiar como na vida terrena, quer ela falasse na minha presença imediata, ou numa sala contígua, ou à distância, através de um telefone. O mesmo se aplica ao caso de Hipácia, na medida das suas oportunidades psíquicas e da comparação dos seus esforços de fala, pois a sua voz familiar é imediatamente reconhecível, além de qualquer sugestão de dúvida, conforme vem da trombeta, ou através dos órgãos vocais do seu corpo transitório, não importa onde ou quando a ouça.



A PRIMEIRA MENSAGEM DE HIPÁCIA AO AUTOR

Mais uma vez, quando qualquer uma das duas está materializada, ou no corpo transitório e falando ou movendo-se, tal pessoa aparece tão cheia de vida e real para mim e para os meus amigos como qualquer pessoa na sessão, e cada voz é tão familiar e natural como a de outros amigos meus que possam estar presentes comigo.

Posso também mencionar que as comunicações de May e de Hipácia têm sido tão frequentes por linguagem falada como pela escrita psíquica. A maneira de falar é característica, embora a dicção e o tom sejam modificados em algum grau nos casos em que utilizam os órgãos vocais de diferentes psíquicos em transe.

Por vezes, utilizei estenógrafos para fazer o registo da linguagem falada exata; mas, no caso de psíquicos de escrita, tal auxílio não é requisito, pois a precisão é encontrada em tais registos, não apenas no caso das duas aqui mencionadas, mas também com outros das esferas e, portanto, não existe necessidade de repetição.

A tendência rimadora já foi explicada. Não obstante a rima e o tom, os escritores espirituais afirmam que os seus pensamentos são transmitidos inalterados.

Passei horas seguidas, em mais do que uma ocasião, a questionar Hipácia para obter conhecimento, e as suas respostas foram imediatamente dadas através do escritor automático. Algumas seleções das muitas estão incorporadas no Capítulo XXIII, que se segue, as quais afirmo demonstrarem o seu maravilhoso conhecimento e a sua grande capacidade de o transmitir. Mas não preciso de especificar mais pois, em toda a parte ao longo deste livro — o qual ela própria nomeou — ela mostrou uma capacidade ilimitada em ajudar-me a obter evidência forte concebida para o benefício da humanidade. Ao longo de toda a sua associação comigo, ela invariavelmente proferiu com cortesia sugestões sábias; e evitou a aparência de esforço para destronar a majestade da vontade

ou escolha individual. Ela afirmou não apenas a mim, mas a outros, que é a minha guia espiritual ("The Voices", pelo Almirante Moore). Concluirei esta descrição com a minha estimativa em relação a ela, a saber:

O seu poder parece ser quase ilimitado; a sua sabedoria é também reconhecida; e ela estará à altura de qualquer mente que questione a sua habilidade. Aceito-a em plena confiança como instrutora, auxiliar e guia para mim; e não tenho dúvidas de que ela é quem afirma ser, aquela que morreu mártir de um princípio, em Alexandria, no ano 415 d.C.

As primeiras mensagens escritas de Hipácia para mim surgiram como uma surpresa. Foram tomadas precauções para precaver contra fraude ou prestidigitação. Foram reproduzidas para introdução com este capítulo, com o auxílio de fotografia isocromática; e, por conseguinte, aparecem como um branco acinzentado comum, como outra escrita em ardósia.

Conheci primeiro um psíquico desconhecido no Estado de Nova Iorque e tive a minha primeira experiência com inteligências de escrita em ardósia. Como precaução, adquiri ardósias novas, isentas de defeito. Depois de as lavar e secar, coloquei duas delas de dimensões iguais em aposição e atei-as firmemente uma à outra. A mão do psíquico tocou nelas primeiro e eu, em seguida, cobri-as com uma textura de veludo escuro, conforme jaziam diretamente à minha frente sobre a mesa. Quase imediatamente ouvi o som de escrita, que concluiu com um toque, significando que terminara. Ao remover o pano com que as cobrira, desatei e separei as duas ardósias e descobri que a superfície de cada uma, que estava oculta à vista quando estavam atadas, estava agora coberta com escrita, que diferia de uma porção para outra.

A primeira mensagem na Ardósia N.º 1 (ver gravura N.º 1) apareceu em cor vermelho-escuro e foi a primeira mensagem assinada por "Hipácia", e anteriormente referida noutro local.

A segunda mensagem apareceu em cor amarelo-suave e estava assinada "Juiz Rose". O juiz, até data recente, fora um conhecido e concidadão meu.

A SEGUNDA MENSAGEM DE HIPÁCIA DIRIGIDA AO AUTOR

A terceira mensagem, na cor branca, estava assinada por "Electra", outra alegada guia e membro do grupo dos sete. Esta escrita começou no canto inferior esquerdo da ardósia, bem como cobriu em sucessivas linhas ligeiramente curvas todo o resto da superfície da ardósia e, como se verá, está na posição invertida em relação à escrita que a precede.

Examinando em seguida a outra ardósia, encontrei uma única mensagem, na cor branco-acinzentada comum da escrita em ardósia habitual, e assinada "John King", um homónimo, que foi visto e ouvido por outros escritores e investigadores, e pormenorizado como a aparição com uma farta barba preta.

À mesma hora no dia seguinte, durante a minha segunda sessão, Hipácia escreveu outra mensagem em cor vermelha e assinou-a (ver fotogravura n.º 2). A escrita começa no canto superior direito e continua a estender-se em linhas muito ligeiramente curvas numa direção diagonal em relação às arestas da ardósia, cobrindo cerca de três quintos da superfície. O outro escritor, um alegado colega de faculdade, utilizou o restante da superfície, começando no canto inferior direito. Posso aqui declarar brevemente que, quando o visitei pela última vez durante a sua vida terrena, ele estava bem e vivia na Rua York, em Hamilton, Ontário. Eu não sabia, até receber a mensagem nesta ocasião, que ele se mudara de onde lhe falara pela última vez para onde a mensagem diz que ele estava a viver, nem sabia até aquele momento que ele passara para o mundo espiritual. Em consulta posterior de uma fonte fidedigna, recebi a corroboração da verdade incorporada nestas simples afirmações transmitidas na mensagem escrita.

A segunda ardósia ostentava na sua superfície interna apenas uma mensagem que foi igualmente a primeira do escritor numa ardósia, e estava assinada "Egyptia", que sempre afirmou ter sido o meu anjo da guarda desde o momento do meu nascimento; e materializou-se e conversou comigo muitas vezes através dos órgãos vocais do seu corpo transitório, em sessões de pelo menos três médiuns de materialização diferentes durante o período iniciado com o ano de 1894 (refira-se ao Capítulo IV, apresentação n.º 6, e também à parte final do Capítulo VI).

Egyptia, Hipácia e outros guias do grupo espiritual de sete caminharam e falaram comigo, enquanto nos seus corpos transitórios; e também cantaram canções da sua própria autoria, bem como utilizaram trombetas quando a ocasião se apresentava para comunicarem comigo; e estas evidências continuaram até ao presente.

Todas as mensagens em ardósia precedentes foram escritas muito rapidamente, consumindo apenas uma fração do tempo que leva a lê-las. A escrita tornou-se subsequentemente esbatida, de forma natural, pelo manuseio descuidado das ardósias durante um período de anos anterior ao processo de as transferir das ardósias para as gravuras.

CAPÍTULO XXIII

O presente capítulo será inteiramente dedicado às visões de Hipácia sobre a mente, o pensamento e a alma ou espírito, e a sua relação com a Divindade, juntamente com um esboço da sua filosofia e princípios do seu credo. Ela apresenta brevemente a sua autobiografia e refere-se simplesmente ao seu martírio em Alexandria.

As minhas perguntas foram preparadas na minha casa em Toronto e colocadas no meu bolso; e nenhum olho humano as viu além do meu, nem um único mortal, além de mim, conheceu o seu conteúdo; e, no entanto, ela deu as suas respostas e exposições em resposta aos meus desejos, nelas contidos, por mais conhecimento, como alguém que provou ter sido insuperável como instrutora na era em que viveu. Esta sessão com a psíquica em Lily Dale, no Estado de Nova Iorque, foi de facto importante e memorável, visto ter sido a ocasião de um teste muito exigente da genuinidade tanto da inteligência comunicante como do instrumento ou médium.

Posso prefaciar, para informação do leitor, que a Hipácia, mais do que a tudo o resto, devo o auxílio que recebi na compilação deste livro intitulado "A Aurora da Mente Desperta", nome que, agora mais do que nunca, percebo designar melhor a verdadeira condição do desenvolvimento mental dos dias de hoje e apresentar à vista uma nova verdade estabelecida; e embora reconheça a sua parceria de esforço, a sua sabedoria como minha guia e instrutora, o seu poder e influência como líder tanto na vida espiritual como aqui, desejo que ela registe o que deve figurar como evidência clara e nítida da sua capacidade de sustentar a minha afirmação de que a vida é uma continuidade; de que os espíritos voltam de facto aos homens; e, para além de toda e

qualquer dúvida, comungam com eles; e, por fim, que o trabalho em que me envolvi é endossado pelo mundo angélico e, assim, é afirmado à humanidade como verdade.

Como a hora da nossa sessão chegara e a presença de Hipácia se fizera notar, dirigi-me a ela da seguinte forma: "Hipácia, estabeleceste bem a tua identidade de muitíssimas formas, tais como por carta ou escrita de mensagens; falando com os órgãos vocais de um médium em transe; bem como falando através de trombetas; e, menos frequentemente, a tua voz foi ouvida em canção; enquanto dezenas de assistentes, em sessões de materialização, te viram repetidas vezes em mais do que um local e ouviram as tuas conversas ao encontrar-me ali; e muito especialmente quando um grande círculo de investigadores interessados te viu trazer pela primeira vez a minha esposa e filha espirituais até mim, numa sessão de Jonson em novembro de 1911."

"Nenhum crítico pedante precisa de tentar creditar-me com a visão de uma criatura da imaginação, nem com uma apresentação fraudulenta, pois estabeleceste demasiadas vezes a tua identidade perante mim, para além de qualquer dúvida, bem como perante outros que te viram mais do que uma vez e que comigo puderam ter frequentemente a oportunidade de observar e reconhecer as tuas feições e a tua forma, a tua tangibilidade e movimento, os teus maneirismos e a tua fala, e de muitas outras formas; como qualquer homem poderia reconhecer a sua mãe ou a sua esposa, e poderia jurar que ela o era, sem uma única dúvida ou questionamento."

"Agora que a Menina Gates, o instrumento, está pronta e à espera, poderias, por favor, utilizar os serviços dela e responder a estas várias perguntas para mim, para que eu as possa registar e levar comigo para casa?"

Quase instantaneamente, a mão da psíquica começou a escrever, e "Hipácia" foi a única palavra que escreveu, como indicação de que estava, pelo menos, pronta. Para abrir caminho, pedi primeiro orientação.

J. S. K.: "Devo ler todas as perguntas na ordem em que as tenho aqui escritas; ou submetê-las uma a uma e receber as tuas respostas?"

Resposta de HIPÁCIA: "Prefiro recebê-las da última forma e depois proceder a respondê-las."

A resposta seguiu-se a cada pergunta imediatamente, e continuou a surgir assim até que este capítulo foi concluído.

Pergunta 1, por J. S. K.: "Quando o espírito deixa o corpo, no chamado momento da morte, de que consiste ele, o espírito?"

Resposta de HIPÁCIA: "É o mesmo espírito que ocupava o corpo, intangível ao sentido humano normal, mas tangível para nós como espírito. Na verdade, nós não percebemos a anatomia de todo. Ela é para nós como é a matéria, uma máquina de ordem estática, que gera para a alma em crescimento a radiação de saúde adequada. Após o espírito estar livre, ele é para nós cognoscível, ao passo que quando está no corpo é inexpressivo ou mudo.

O corpo não existe e o espírito é tudo. O teu corpo é feito de matéria ou partículas em movimento de espírito inerte, e Deus é espírito ou aquilo de onde todas as coisas provêm. Se queres que o descreva do teu ponto de vista, direi que consiste na mente, a parte pensante da alma, a parte viva ou amorosa, e de um corpo produzido por hábitos de pensamento adicionados ao que era ao princípio, um espírito produzido pelo processo de nascimento. As palavras podem ser confusas ou permutáveis. O teu ideal está correto quanto à dualidade da mente: a mente que pensa e a mente que produz harmonia para o ego pensante, fundidas, formam um todo ou espírito. Se preferes a palavra alma, usa-a. O nome é limitado para expressar o que deve ser uma quantidade desconhecida para uma mente mortal ou limitada."

Pergunta 2, J. S. K.: "É a mente imortal, existe para todo o sempre?"

Resposta de HIPÁCIA: "A mente é uma porção da Divindade, ou para a descrever numa imagem, é uma porção da Divindade ao nascimento, mas como uma placa sem marcações. Uma vida humana grava nela certos erros de julgamento que lhe dão um matiz opalescente e fazem com que seja preciosíssima para todos os que a veem e servem. Era eterna ao nascimento e, após uma vida humana, não é apenas eterna, mas preciosíssima para aqueles que veem o seu trabalho de crescimento e conquista. O que desejo especialmente transmitir aqui é que a mente ou ego não é apenas preservada, mas a personalidade é também retida e continuada."

Pergunta 3, J. S. K.: "Antes de prosseguirmos, desejo saber se erro? Ou, estou a fazer o que não devia ao fazer estas perguntas que, por necessidade, estão à frente do conhecimento normal da humanidade?"

Resposta de HIPÁCIA: "Não é pecaminoso procurar descobrir o que está além da tua compreensão. Se perguntas de que consiste o sol, não fazes mal. Portanto, do meu ponto de vista, não é pecaminoso perguntar sobre aquilo que não sabes, relativamente a coisas intangíveis, mas para ti tornadas reais por experiências e observação."

Pergunta 4, J. S. K.: "É a totalidade da mente uma unidade, e de que consiste ela?"

Resposta de HIPÁCIA: "A totalidade da mente é como uma bola de mercúrio. É toda de uma substância, mas pode ser facilmente separada em bolas completas mais pequenas ou porções da primeira divisão; na infância imatura estas porções não estão gravadas e voltam facilmente ao grau elevado, mas após a vida humana tornam-se individualizadas de modo que a sua vida é posta em registo, como um livro, e como uma flor bela ou anã permanece para sempre no jardim do seu Deus. Quando, por mais perfeição do seu crescimento, se torna completa no seu amor e perde a ganância egoísta de lucro, vai por fim para um reservatório de poder que, tal como corpúsculos de sangue vivo, se move sempre em frente numa harmonia de poder para ajudar e poder para crescer, e cada um ajuda o outro para que não haja conflito em parte alguma, mas diferentes poderes de agir como acontece com os homens sábios na vida humana."

Pergunta 5, J. S. K.: "É a mente composta ou tem partes objetiva e subjetiva?"

Resposta de HIPÁCIA: "É composta, como poderias ver, mas para nós perfeita como uma árvore; o subconsciente é a mente aperfeiçoada do animal. O seu instinto é perfeito. Não raciocina e não erra. A outra porção desenvolvida no homem é como a flor do fruto. Raciocina e erra e, no entanto, é por nós acreditada como sendo mais perfeita assim, com um poder de crescimento infindável."

Pergunta 6, J. S. K.: "Tem a mente, na morte, de ser dividida, e alguma parte deixar de ser usada?"

Resposta de HIPÁCIA: "É por vezes cortada da memória desta vida passada. Ela, refiro-me à mente, como um todo, é por vezes privada da memória e, nesse estado, é colocada em circunstâncias semelhantes a uma segunda vida humana, e assim cresce em estado uniforme até estar liberta da sua tendência viciosa; depois é mostrada e ensinada que circunstâncias a causaram, pois o homem é governado pela circunstância em grande grau. Talvez uma falha no crescimento do cérebro, talvez uma tendência moral maligna herdada de certa falha ou erro dos seus antepassados."

Pergunta 7, J. S. K.: "Manifesta-se algum elemento novo da mente quando o corpo morre?"

Resposta de HIPÁCIA: "Novos sentidos abrem-se à visão espiritual. É como se tu, durante toda a tua vida, estivesses privado da visão ou do olfato. Tu simplesmente usas aquilo de que não tinhas necessidade enquanto o teu cérebro, um órgão frágil, estava a ser usado por ti."

Pergunta 8, J. S. K.: "Por que parte da mente é a razão exercida na vida espiritual?"

Resposta de HIPÁCIA: "É a porção de raciocínio da mente completa. A mente é dual como uma árvore seria acima e abaixo do solo, mas cada uma dependente da outra para a harmonia perfeita; mas se qualquer uma fosse privada, como na árvore, o subconsciente ou a raiz é a parte mais substancial. A porção de raciocínio é a porção que se desenvolve como um todo e glorifica a alma aperfeiçoada."

Pergunta 9, J. S. K.: "Que diferença, se houver alguma, existe entre espíritos encarnados e desencarnados?"

Resposta de HIPÁCIA: "Referi-me a isso antes. Poderia dar à tua mente uma imagem disso dizendo que o espírito humano vivo ou encarnado é como uma criança comparada ao homem. Uma criança pode ter melhores olhos do que o pai, mas não conseguiria usar mentalmente os objetos impressos na sua visão; assim, o espírito encarnado, mesmo quando desperto em poder espiritual para perceber, não é grandemente beneficiado por isso, mas quando libertado, a necessidade de sentidos espirituais passa a existir e eles são de facto apreciados."

Pergunta 10, J. S. K.: "Por que autoridade é a mente desencarnada controlada?"

Resposta de HIPÁCIA: "A mente desencarnada é controlada por um princípio semelhante à encarnada. É guiada para caminhos para o seu maior bem. Se prossegue com bem e graça, é-lhe permitido permanecer e avançar rapidamente pelo caminho. Se é lenta ou não deseja ir, outro toma o seu lugar e ela é deixada para ser ensinada privadamente. Semelhante a uma escola é a vida posterior: se todos estão numa classe e fazem o seu melhor, mantêm-se juntos num caminho progressivo, tal como uma vida humana normal crescerá em grau semelhante à sua perfeição ou conclusão; mas se ele, o espírito desencarnado, não consegue ser como os comuns, é-lhe dada tutoria privada ao longo do caminho e atingirá o seu crescimento em dia posterior, como uma criança atrasada na escola, mas todos são forçados a certa regra.

Como o nascimento e a morte para o homem são certezas, assim para o espírito certas leis devem ser. Se te pergunto o que faz um cometa regressar a um certo ponto profetizado, após um lapso de anos, responderás: a lei, que foi descoberta pela observação. Assim no espírito, leis de exatidão existem, mas Deus ou a Divindade é toda vida, e todo amor, e toda sabedoria. Como a perfeição não pode errar, também não pode mudar. É modificada em algum grau por outros espíritos, mas o bem de cada indivíduo é o fim último."

Pergunta 11, J. S. K.: "Como é a mente do espírito infantil desenvolvida até ao estado adulto?"

Resposta de HIPÁCIA: "Tendência herdada, ou as impressões feitas nas mentes dos seus antepassados, são impressas na sua mente ao nascimento, num princípio semelhante à fotografia; após o seu início, o seu alimento e crescimento corporal, e também o seu ambiente social, têm muito a ver com o seu desenvolvimento para tendências boas ou más. Mas o bem é melhor quando é compreendido, e corações sábios e amorosos são sempre bons."

Pergunta 12, J. S. K.: "Está o poder governante no espírito, ou encontra-se na mente?"

Resposta de HIPÁCIA: "O poder governante é o espírito, que é perfeito e aperfeiçoa todas as coisas de acordo com o melhor da lei perfeita. O espírito é mais perfeito do que a mente. O espírito é o poder de produzir todas as coisas e pode ser completo até ao estado final eterealizado, mais fino do que qualquer coisa material. Uma mente é uma expressão deste espírito. A mente tem limitações, o espírito não tem nenhuma. A substância mente é uma criação do espírito. Não é fácil para um ser finito compreender a capacidade absoluta de agir; pensar e raciocinar são atributos da mente. O espírito não tem esta necessidade; ele sabe sem esforço ou necessidade de alcançar. O Poder Governante do Universo, o Espírito, fez uma lei absolutamente perfeita. Esta lei ou estas leis são sempre para o bem dos governados.

Estas leis são o resultado do crescimento e desenvolvem-se conforme as necessidades de desenvolvimento exigem leis. As leis são uma necessidade para mentes finitas, mas para o Espírito Infinito não há necessidade de limitação ou lei. A lei por si só sugere consequência. Se desobedeces a uma lei, deves sofrer de alguma forma.

Portanto, creio que me expresso melhor quando te digo que o espírito é absoluto e permeia toda a matéria e mente. Sem Deus ou a Divindade nenhuma vida existiria. Assim, os seres finitos são apenas expressões individuais deste espírito geral e omnipresente, necessário à vida em todas as formas.

A morte não é possível ao espírito. A morte é apenas um portal de mudança. O poder governante é, tanto quanto a nossa capacidade de compreender, a lei perfeita modificada por mentes unidas amorosas, que ensinam e ajudam todos os menores. Sabes que o fogão quente te queimará, mas se uma criança ou um idiota se aproximasse, tu retirarias a sua mão por força, se fosse necessário para o salvar. Sabes que a dor existiria e, no entanto, o fogo é um amigo dos homens. Assim, leis de força existem, e leis de consequência, mas todas são para o melhor crescimento de todos os envolvidos."

Pergunta 13, J. S. K.: "Desejo compreender plenamente o verdadeiro significado de mente, e dos termos leitura mental, telepatia e transferência de pensamento, e como o pensamento é reconhecido por mim na mente de outrem, ou como o pensamento pode ser propelido ou atraído de uma mente para outra. É a telepatia possível apenas entre duas mentes em sintonia harmoniosa por um processo de vibração semelhante em princípio ao necessário na transmissão de Marconigramas de uma torre ou estação para outra ou, por outro lado, negas a sua existência real?

Nesta mesma conexão, perguntaria se tens conhecimento de que um pensamento que originalmente pertencia à mente de uma pessoa pode incidir sobre ou ligar-se de alguma forma à mente de outra pessoa em sintonia harmoniosa consigo mesma, como a nota causada pelo arco de um violino, passado na corda, causando resposta num fio que produz uma nota semelhante no piano na outra extremidade da sala?"

Resposta de HIPÁCIA: "Posso dizer primeiro que acredito e sei que é verdade; se eu tivesse um instrumento como tu, nesta extremidade, poderia fazer com que ela aqui percebesse e soubesse, mas ela, esta (o Telefone Psíquico Humano), não o fará. Ela diz: cortem todo o poder deles e deixem-me silenciosa e livre; e como uma pessoa numa sala, a sua porta mental está trancada para mim; mas se vejo a sua pequena criada (um espírito elemental), digo: chamem a 'Maudie' em nosso auxílio, e se parece a Lata Lee (a criada) desejável, ela menciona-me, e então esta (o instrumento) pode escutar se desejar, mas ela é oposta a ti em todos os sentidos, e não deseja saber, nem sequer se importa se assim é."

"É algo difícil descrever a seres finitos coisas intangíveis aos seus sentidos, como Mente, Alma, Espírito, etc. A Mente é substância real para mim mesma, real para ti próprio, mas os teus sentidos estão associados ao conhecimento e crença na gravidade e, para os sentidos humanos, as coisas não governadas pela gravidade não são reais. A mente não é governada pela gravidade dos planetas, ou pela lei da gravitação. As forças centrífuga e centrípeta não a afetam, mas ela tem comprimento, largura e espessura, e tem necessidade. Pode ter conforto ou desconforto, pode estar relaxada ou em tensão. É por si só sem forma necessária e ao nascimento estaria vazia ou sem gravações. A mente de cada humano ao nascimento é igual no que diz respeito a variações sérias. Se eu

quisesse ser exatíssima, deveria dizer que Deus é mente, e cada indivíduo de qualquer ordem que seja, é um pedaço de Deus em maior ou menor capacidade de tamanho. Poderia descrever a criação dos universos universais como tendo sido feita nos princípios do desenvolvimento da vida animal rudimentar, no plano da fissão ou divisão automática de uma célula, ou de um organismo independente; isto é, cada glóbulo ou filamento após se alongar divide-se em dois segmentos, cada um dos quais aumenta por sua vez, para se dividir novamente em partes e assim por diante.

Os Universos são assim produzidos pelo crescimento a partir da unidade original da Divindade; estas mentes grandes ou astronómicas estão em desejo de produzir e proteger vidas, e são ensinadas como proceder para a sua perfeição pela capacidade de comunicar diretamente com a Divindade. Estas mentes ou indivíduos originais são governados por leis exatas, e a matéria, que é tudo o que é cognoscível aos humanos, é o resultado destas leis. Eu, do meu ponto de vista, chamaria a toda a matéria mente em diferentes graus de tensão ou potencial. Portanto, sob vínculos, uma mente de ordem avançada para o propósito de esclarecer ou ensinar homens investigadores, pode em pequeno grau materializar ou desmaterializar objetos familiares aos homens, num princípio semelhante ao usado por um cientista humano quando faz com que ondas de calor sejam mudadas em ondas sonoras."

"Poderia talvez fazer-te compreender as condições do universo se dissesse que estás a viver no universo completo, ou no que está em crescimento, mas existem miríades de universos completos ou maduros ou mentes individuais grandes, como as Ilhas de Coral produzidas pelos pequenos animais vivos; em cada um destes está exatamente registado tudo da sua experiência. Ou talvez compreenderias melhor se dissesse que um espírito após o nascimento se completa de acordo com o seu melhor desenvolvimento e depois torna-se um 'Eu sou' aperfeiçoado como a Divindade no seu desejo de fazer o bem a todos, e após mais desenvolvimento torna-se um 'Eu não sou', ou uma força positivamente negativa, da qual a matéria é feita. Esta mente torna-se então como a mãe terra vibrante com vida, mas não age exceto de forma benéfica para as miríades de formas ou indivíduos de vida sobre a sua superfície. Os espíritos dos homens e os espíritos dos elementais são em verdade os únicos indivíduos verdadeiramente irresponsáveis da ordem mental. Estas duas ordens pertencem, como poderia descrever a vós homens, à porção consciente ou inventiva da mente de Deus, e os elementais à porção subconsciente ativa da mente de Deus.

Um elemental, se não lhe for sugerido por um espírito humano, nunca cometerá um erro ou errará na execução de um comando. Eles são da ordem de registo e imitação e, o que quer que façam ou onde quer que vão, seguem a sugestão de uma mente quer encarnada quer desencarnada. Eles não inventam. O corpo dos humanos em vida é uma máquina estática que gera, através do processo vital, a radiação e as vibrações necessárias para o melhor desenvolvimento de um homem."

Pergunta 14, J. S. K.: "Queres por favor explicar-me o que é o pensamento, onde se origina, como é criado, como dirigido e controlado?"

Resposta de HIPÁCIA: "O pensamento é mais do que uma vibração, é uma invenção ou sucessão mental de imagens que, como perguntas na questão anterior, podem ser transmitidas a outra mente em sintonia consigo mesma, quer por estado natural quer produzido. A telepatia tem existência real, porque é a transferência de pensamento quer pelo método da imagem quer pelo da palavra. Pode ser captada por uma mente desinteressada se essa mente estiver na linha da sua transmissão ou estiver em sintonia harmoniosa consigo mesma. Os elementais podem ser usados para gerar qualquer vibração que eu poderia descrever-te como cores.

O azul e o amarelo produzirão o verde. Supõe que uma mente 'azul' se esforçava por comunicar por telepatia com uma mente 'verde'; não o conseguiria fazer até que um guia fizesse com que o 'amarelo' fosse adicionado ao azul, até serem do mesmo matiz. Isto poderia ser feito por adições deste lado, mas o seu sucesso dependeria da sua exatidão. O repouso e a fadiga do corpo têm muito a ver com a condição de uma mente viva, e estas condições dependem de circunstâncias não totalmente espirituais.

O pensamento é um poder de razão, um poder de inventar, de pegar em coisas conhecidas ou observadas e fazer novas imagens combinando-as em diferentes formas caleidoscópicas. Conheço a tua felicidade ou infelicidade por intuição, se entro em sintonia contigo. Este é um poder da alma. O poder de sentir ou saber. Isto é feito por intuição e poder que me é conhecido, mas com a May ela não consegue, por si mesma e sem ajuda, entrar em sintonia contigo. Ela é uma bebé não devidamente vestida, e eu, por adições, visto-a para as ocasiões, conforme é melhor para ela e para ti."

Pergunta 15, J. S. K.: "Se os meus pensamentos são agora conhecidos pela May e por ti, é pelo sentido da visão, ou do tato, ou é pelo sentido espiritual de intuição ou preensão?"

Resposta de HIPÁCIA: "Tu és para mim um ser radiante e, assim, a tua radiação corporal é para mim como luz. O que pensas ou escreves é registado e, sob condições adequadas, posso lê-lo como tu lerias um livro. Nem sempre consigo produzir ou fazer com que sejam produzidas estas condições, portanto nem sempre consigo ler os teus pensamentos ou palavras escritas. Estas pequenas necessidades para mim são como a caneta ou lápis e papel para esta escritora se ela quisesse comunicar contigo. Se estivesses desenvolvido em mediunidade, o teu corpo seria como uma casa equipada com um telefone. Eu poderia usá-lo, assim como um espírito estranho também, exceto que um estranho seria provavelmente impedido de entrar na tua casa."

Resposta de HIPÁCIA: Os pensamentos, uma vez formados, têm existência contínua porque são registados. O Reino da vida, tanto animal como vegetal, encontra-se sobre ou por cima de uma "folha de carbono" que o reproduz exatamente. Isto ocorre no Reino chamado atualmente — ou melhor, de onde provêm os espíritos de Levitação e os Elementais. Eu posso, através de formas adequadas de vibração e espera, bater a qualquer porta de registo de qualquer tipo ou época e encontrar o que nela está guardado ou tesourado. Ou posso, como faria de forma comum, empregar um elemental para ir a

esse ponto, receber a impressão do que desejo saber e depois vir ter comigo e repeti-lo, tal como um grafofone repete um disco.

O elemental irá em linha reta e o registo será exato, se não houver interferência na transmissão. O pensamento, por norma, segue em frente como num tubo e não incide numa mente a menos que essa mente entre no seu raio por acidente ou desígnio. O pensamento é completo como uma imagem criada ou pintada. Pode ser recuado, copiado ou obtido novamente para a galeria de registos, mas não continua a vibrar segundo o princípio das ondas num lago após uma pedra nele ser lançada. Se assim fosse, um conjunto de imagens incidiria sobre outro conjunto de imagens e tenderiam a apagar-se mutuamente. Um belo pensamento, como uma bela canção, pode ser retido em memórias próximas e repetido de forma modificada, seja com adições ou subtrações.

Pergunta 17, J. S. K.: Se os pensamentos são definidos em forma, não são eles físicos?

Resposta de HIPÁCIA: Em resposta, diria que os pensamentos são físicos do ponto de vista espiritual, mas não do humano. Isto é, não têm peso e não são governados pela gravidade. Não podem ser perturbados ou atrasados por substância física. Outros pensamentos não podem modificar ou alterar a sua origem, continuidade ou fim. Outros pensamentos não podem apressar ou atrasar a sua execução. Podem impressionar a mente e causar a invenção de novos pensamentos, mas cada pensamento permanece em si intacto ou inalterado.

Pergunta 18, J. S. K.: Estou correto ao assumir que estou em sintonia com os reinos espirituais quando, em estado passivo, envio o desejo da minha alma para receber uma mensagem tua, da May ou de outro ente querido ou amigo, e esse mesmo alguém vai ao Telefone Psíquico Humano e comunica os seus pensamentos através desse instrumento para mim, por escrito?

Resposta de HIPÁCIA: Todos os homens estão em sintonia com os reinos espirituais em todos os momentos, mas quando envias uma prece verdadeira ou um desejo da alma, chamas em teu auxílio muitos espíritos exaltados que, tal como a imagem da "Escada de Jacob", tornam o caminho entre ti e o teu desejo mais suave. O maior bem para o maior número deve ser sempre considerado e, embora desejemos fervorosamente, muitas vezes falhamos em vencer. Mas quem pode dizer que não somos beneficiados pelo desejar?

Pergunta 19, J. S. K.: Hipácia, queres por favor explicar-me por que razão alguns antigos conhecidos, alguns parentes distantes e a maioria dos estranhos que me enviaram mensagens através do instrumento de escrita, o Telefone Psíquico Humano, o fizeram sem o meu pedido, e alguns nos quais eu nem sequer pensara? Foi uma onda de pensamento minha para alguém que eles sentiram (ou por telepatia), ou por que razão foi assim?

Resposta de HIPÁCIA: Miríades de espíritos desejam comunicar com os homens. Por vezes, eles servem-nos no nosso trabalho para ti e, assim, ganham o direito

de ter o seu desejo de comunicar concedido. Muitos observam todas as experiências mediúnicas e são como espectadores na mudança de um edifício, à mão e prontos a ajudar, sendo depois merecedores de recompensa através da concessão dos seus desejos no que respeita a comunicações pessoais, etc.

Pergunta 20, J. S. K.: Se o pensamento é uma criação da mente, e a mente como um todo é uma unidade — embora tendo partes quanto a qualidades ou funcionamentos — e possui para vantagem futura sentidos espirituais dormentes, então devo entender que o que ainda resta é a alma ou espírito, a fonte de onde emanam o amor, a emoção e outros atributos? E esta combinação forma o todo individual completo de cada personalidade espiritual, com a sua origem e futuro destino final no Espírito Universal e Infinito, Divindade ou Deus? Pensei e raciocinei que as várias partes, tendo origem espiritual, pela sua união constituem cada personalidade individual, encarnada e desencarnada, um espírito imortal. Como estudante fervoroso e honesto, quero aprender nestas linhas o que podes e queres ensinar-me.

O espírito, através da sua alma, governa as operações da mente e, se assim for, não é a entidade espiritual o governante de todas as suas partes e uma porção do Espírito Infinito ou Divindade, mas com uma limitação e adaptabilidade ao corpo físico na vida humana; contudo, após a morte, sem um corpo organizado, exceto quando um é assumido por algum motivo, como por exemplo o reconhecimento, embora sendo físico e visível do ponto de vista espiritual?

Resposta de HIPÁCIA: Darei resposta à tua pergunta, bem como farei resposta a várias outras na tua mente. A mente é uma bola que pode centralizar-se ou centraliza-se até que um pensamento seja inventado; então foca-se e envia esse pensamento para fora, catapulta-o, por assim dizer. Esse pensamento deve ser, de certa forma, uma imagem completa, expressa em palavras ou símbolos. Eu diria que o pensamento é uma criação da mente. Esta, a mente, pode estar ativa ou passiva. Quando passiva, é facilmente impressionada por pensamentos ao seu redor e deve entrar em contacto com eles através de algum sentido, físico ou espiritual. O olho, como órgão, é um instrumento como uma câmara que produz efeitos agradáveis na mente. Existem sentidos espirituais no corpo espiritual que continuam com a mente e a alma do homem após a morte. A mente de um homem é como a mente de Deus, no mesmo princípio em que a árvore na semente é tão perfeita como a árvore crescida.

Os cientistas defendem que até a futura flor está neste seu estado primário. Mas no estado primário, é perfeita. Na vida real da árvore, ou desenvolvimento, algumas flores serão murchas pela geada e pela circunstância, e algumas darão fruto. A mente de Deus seria como a mente de cada indivíduo ao nascimento, mas sem as personalidades, que são atingidas pela circunstância e pelo crescimento. A chave para cada condição e esfera está no corpo e na alma de cada homem.

- **A Mente de Deus** é um Reino ou esfera de totalidade, como papel branco não gravado com personalidade.

- **A Alma de Deus** é um Reino ou esfera de totalidade. O Amor é o seu princípio.

- **O Corpo de Deus** é o Universo como um todo, tanto espiritual como físico.

Esta é a "três em um", incompreensível para muitos, mas evidente em todos os homens; a matéria é uma expressão desta parte (o corpo). A severidade da Justiça sem misericórdia, que não se desvia no corpo ou na matéria, na exatidão de todas as leis naturais — como as do fogo, da eletricidade e de forças ainda não conhecidas pelos homens — é modificada pela alma em todo o caminho até à perfeição, tanto no corpo como no espírito.

A mente de cada indivíduo está sempre com esse indivíduo. A sua capacidade de pensar e, portanto, desenvolver-se e crescer na vida humana, depende da saúde e desenvolvimento do seu cérebro (circunstância). Se é um idiota, as células cerebrais estão perturbadas e não podem ser usadas; a mente permanece na incapacidade de pensar até que a morte a liberte para a liberdade do seu estado espiritual. Na insanidade, a doença cerebral coloca o espírito em liberdade parcial do corpo, de modo que ele flutua, como um balão de brincar, entre o seu corpo e o seu lar espiritual. Não sendo capaz de crescer ou usar o seu cérebro, sofre a ação de mentes desencarnadas e também impulsos ou impressões incorretos causados pelo cérebro doente. Quando é espírito livre, é cortado da memória desta experiência e começa no seu estado são, ou de criança, e cresce novamente completo.

A alma é uma porção do homem. Tem o poder de sentir, de amar, de estar em sintonia com o melhor em nós mesmos e no Infinito. É a flor ou o fruto de toda a vida completa do homem. Dois homens podem ser iguais em poder mental, mas um pode estar quase totalmente desprovido de sentido moral. A moralidade é também um atributo da alma, tal como a mentalidade o é da mente; ambos, auxiliados pelo instrumento corpo, tornam-se o homem completo. A moralidade é o traço distintivo do homem. Pode reverter-se e tornar-se imoralidade. Estes atributos são da alma, que não existe nos animais. Uma besta moral ou imoral seria incompreensível.

Todos os espíritos são parte da Divindade, tal como os corpúsculos sanguíneos são parte de um corpo humano; os vermelhos descreveria como pensadores, ou forças ativas, e os brancos como a parte passiva, ou elemental, contudo todos circulam em frente para o grau aperfeiçoado.

Cada indivíduo é colocado no seu ambiente adequado para o melhor crescimento e desenvolvimento. Eu tenho um corpo, ou uma combinação de alma, mente e atributos em harmonia completa, para produzir um espírito que é um indivíduo diferindo de todos os outros. Eu sou avançada de acordo com a minha capacidade de agir, e este avanço é uma parte de mim mesma e irradia de mim, tal como a inteligência irradia de um homem sábio e o distingue de um tolo; tal como a bondade se mostra num homem para o distinguir de um que é vicioso.

Tenho coisas que gosto de fazer. Tenho coisas que desejo fazer. Tenho limitações, sou ensinada e, por minha vez, ensino outros. Não estou cortada de indivíduos de qualquer outra ordem, mas tenho os meus interesses e eles têm os seus, tal como homens de igual inteligência passando numa rua da cidade. Carrego comigo as gravações do meu alcance. Vou para o que admiro e sou atraída por aqueles que estão interessados na mesma linha. A vida espiritual não é tão diferente da vida humana, exceto que, conforme avançamos, deixamos cair as limitações. Tornamo-nos mais intangíveis, por assim dizer.

Um espírito da primeira esfera ou ordem de existência humana, após a morte, é intangível para um humano vivo. Um espírito da segunda esfera é intangível para os da primeira ordem, exceto se assumir as condições ou limitações da primeira esfera, e assim por diante até à perfeição final do grau exaltado onde, embora mantenham a sua identidade, são dissolvidos no corpo do espírito de Deus, como foi dito, ou tornam-se tão divinos que os Seus desejos são os desejos deles em todos os graus. Não têm limitações de ação, mas não têm desejo de agir exceto em conformidade com a lei, que é e deve ser perfeita. Auxiliam espíritos menos capazes a alcançar, auxiliam pessoas como eu a ajudar mortais vivos e espíritos desencarnados para a sua própria harmonia, etc.

As maravilhas do grande Universo de Deus estão de facto além de qualquer descoberta exaustiva. Temos um meio de sermos ensinados que eu poderia descrever como imagens projetadas da terra do "seguro que será". Eu faço qualquer pergunta e vejo a resposta imediatamente lançada no ecrã da minha consciência, em Simbologia. Esta é uma língua universal. O nosso poder de profetizar ou conhecer o futuro depende da nossa capacidade de ler estes símbolos corretamente. Humanos clarividentes têm poder, por vezes, de perceber estes símbolos.

Em algumas das tuas cartas passadas de inquérito, perguntaste-me em relação a espíritos malignos, etc. Os espíritos enganadores são, por norma, poderes espirituais mal colocados, como o fogo, que é de facto uma bênção para o homem em ambientes artificiais de clima nórdico, mas destrutivo sem a nossa responsabilidade se for libertado. É governado por leis exatas que devem ser seguidas ou obedecidas com cuidado. O teu candeeiro e o teu fogão são de facto demónios, esperando apenas uma oportunidade para destruir a tua casa e a ti, poder-se-ia dizer; mas se geridos corretamente são de facto bênçãos para todos os homens.

Nas experiências mediúnicas estas forças nem sempre são equilibradas corretamente; se o fossem, revitalizariam o médium, como fazem no caso deste instrumento (O Telefone Psíquico Humano). No caso de J. B. Jonson, elas estão a exaurir as suas forças vitais; e se ele continuar a dar sessões, morrerá. Talvez um repouso prolongado pudesse permitir aos seus guias aprender como providenciar a sua melhor proteção, não sei. Não sei muito mais do que sabia quando vivia, mas adicionei capacidade de perceber e, ao meu pedido em qualquer linha, sou gentil e cuidadosamente ensinada como proceder. Por vezes procedo como uma criança tocaria uma melodia que lhe fora ensinada. Outras vezes procedo repetindo um registo que me

foi dado, como se tocaria uma pianola. Em qualquer dos casos é o meu ato, mas governado pela minha capacidade de agir.

Existem grupos de espíritos, como os grupos em volta dos médiuns. Por vezes estes grupos de espíritos desencarnados, auxiliados por elementais, invadem pessoas de mente fraca e produzem atos peculiares ou malignos. Assim, na mania suicida, certa astronomia ou grandes espíritos acreditam que é triste que uma alma ou espírito humano deva ser mantido nas limitações da vida. Acreditam ser desejável libertá-los, para que possam desfrutar da vida mais ampla e do conhecimento concedido aos espíritos desencarnados. Se por acidente ou desígnio um destes entra em sintonia com uma mentalidade fraca ou doente, pode sugerir o suicídio, mas o espírito que o faz não é um demónio; em vez disso, é um espírito que ama demais os homens vivos, etc.

Por vezes, os elementais e os homens tornam-se fraternos e trocam de trabalho, por assim dizer. Um poder severo do reino da levitação, habituado à execução exata de um servo elemental, fica desagradado quando um homem é substituído no serviço e falha na exatidão da execução pelo seu desejo de saber qual seria o resultado de assim fazer, etc. Nestes casos, os elementais, nos seus esforços para proteger o seu amigo, o raciocinador, colocam-no no corpo de um homem doente e, ao tentarem ensiná-lo ou ao desviarem a atenção do poder severo dele, por vezes causam obsessão e outros danos aos humanos; mas isto não é resultado de uma intenção maligna, mas de uma intenção boa mal colocada.

Uma criança enviada por um fio poderia remover um fio de um piano e assim causar grande dano ou prejuízo, mas não seria culpada se o seu julgamento não pudesse compreender o mal feito. Assim, a tutela estende-se ao longo de toda a linha. Se um espírito de vibração pesada, por ajuda artificial, é colocado e deixado num ambiente errado, produzimos o seu conforto e devolvemo-lo ao seu elemento. Tal como um peixe em terra, poderia ser mantido em conforto numa pequena quantidade de água até poder ser transportado para o mar, o seu lar. Um homem poderia ser transportado pelo ar, mas não poderia por si mesmo voar como um pássaro, etc.

Os elementais e os homens combinados produzem efeitos malignos, por vezes. A lei do elemental é que deve obedecer aos comandos dos homens. Fica feliz em servir os homens nos seus corpos e depois de estarem libertos pela morte. A sua recompensa está no serviço e no facto de lhe ser permitido imitar os pensamentos e atos do seu encargo escolhido. Atração e repulsa não são leis de toda a vida; e toda a matéria é vida num grau positivamente negativo, ou num estado ou sintonia adequada para o crescimento e desenvolvimento de indivíduos, de formas animais e vegetais, que aperfeiçoam a geografia de cada esfera.

Como acreditas ou pensas, eu poderia dizer que os elementais pertencem à porção subconsciente da mente de Deus e têm em si apenas o poder subconsciente de pensar e agir. Tenta ensinar a uma criança de três anos os princípios da Geometria e perceberás em algum grau as limitações que sinto ao tentar dar a ti mesmo, um médium apenas ligeiramente desenvolvido, uma ideia daquilo que está realmente fora da tua

compreensão. Supõe que eu descrevia as primeiras três esferas como o oceano, a terra e o ar.

Um peixe para viver na terra deve ter água à sua volta artificialmente para o seu conforto. Um homem pode descer até ao peixe, mas deve ter ar à sua volta para o seu conforto. Um pássaro pode vir à terra para ficar com o homem, mas voar no ar é-lhe possível, enquanto ao homem não o é, etc. Um pássaro grande imaginário poderia carregar um homem de um ponto para outro, mas deve certificar-se de depositar o homem no solo, ou no seu elemento nativo, ou o homem ficaria, se deixado numa árvore alta, indefeso e em apuros.

No caso da mediunidade de Jonson, ele não é revitalizado pelos seus guias e o seu espírito não pode por si mesmo ir até ou ganhar esta força vital. Eu posso tornar-me como a tua esposa, May, ou como tu próprio, mas nenhum de vocês pode tornar-se como eu. O poder para o fazer está em cada um de vós, mas ainda não está desenvolvido ou crescido para o vosso poder de usar.

Deus é bom. Todas as maravilhas da natureza e do espírito são boas e maravilhosas em último grau, em utilidade e economia. Somos todos partes do todo de Deus, como as plantas são partes da paisagem, mas cada um mantém a sua própria identidade e somos protegidos e ajudados nos nossos crescimentos e desenvolvimento. Morrer não é uma calamidade, mas ser cortado pela lei da morte de rostos amados e da comunhão da alma é de facto uma calamidade; mas vós que sentis o definhamento deste grande pesar sois, de certa forma, assistidos ao longo do caminho estéril destes vossos anos posteriores pela crença e esperança na continuidade da vida além da sepultura. Acredito que esta tribulação é para ti como a fornalha na fabricação do aço. Moldou-te num instrumento adequado para cumprir o grande propósito de Deus e ajudar muitos a verem, mesmo em grau ligeiro, o sorriso da esperança através da escuridão do seu pesar. Gosto do nome "Aurora da Mente Desperta" e dizem-me que o bem seguirá no rasto que este teu livro deixará. Amo-te e ao teu trabalho e, em todo o lado onde possa, ajudar-te-ei a ajudar o teu semelhante.

Creio que o nome Telefone Psíquico Humano é bom. Ela é na verdade um instrumento desse tipo. É peculiar a si mesma na sua linha de poder de agir. Uso o seu poder para escrever e assim comunicar contigo. Ela é para mim um instrumento, tal como a caneta é para ela um instrumento. Não posso passar sem a ajuda dela; se pudesse, verdadeiramente o faria, pois sabia que estavas ciente deste poder dela de escrever. Usei em diferentes momentos e em diferentes locais tais instrumentos que estavam à mão. Continuarei a fazê-lo. Estarei também contigo ao longo da tua vida e, depois de a morte te ter libertado, continuarei a ser a tua guardiã para te ajudar na tua harmonia e no teu futuro poder de agir na vida futura que te está destinada.

Pergunta 21, J. S. K.: Aprecio muitíssimo esta oportunidade que me concedeste e agradeço-te cordialmente por tudo o que tu, como guia e auxiliar espiritual, fizeste por mim durante os muitos anos da tua relação comigo, mas agora e mais especialmente agradeço-te como instrutora, pelo conhecimento que transmitiste relativamente à mente,

ao pensamento, à alma e ao espírito e seus atributos, bem como pelas tuas promessas especiais ainda a serem cumpridas; e pela tua permissão para reproduzir as tuas visões, tal como aqui e agora expressas, bem como outras de profundo interesse que se seguirão para completar este capítulo especial. Aceito, portanto, o privilégio que me proporcionas de mais questionamento e pedir-te-ei que me esclareças relativamente a alguns fenómenos psíquicos. É um corpo transitório que é visto quando apareces numa sessão; e é ele constituído para essa ocasião apenas com o propósito de reconhecimento?

Resposta de HIPÁCIA: É assim feito por auxiliares espirituais que vêm ao meu desejo. Vêm do Reino da Levitação, ou da galeria de registos aqui. Veem a imagem que desejamos mostrar e ajudam-nos a fazê-lo. No Jonson eles retiram força de ti, mas com esta (o instrumento automático) a vitalidade é trazida diretamente de baixo e, no fim, ela está geralmente descansada, em vez de sentir cansaço e pesar. Há de facto muito, meu amado, que ainda não sabes e, quando tento ensinar-te, sinto-me de facto perdida, pois devo ver a visão de ti e a minha resposta verdadeira deve ser limitada.

Pergunta 22, J. S. K.: Tu e os outros guias, bem como a May, a May Donna e cada um dos entes queridos que se materializam e falam comigo, têm alguma parte na produção das formas transitórias individuais?

Resposta de HIPÁCIA: Temos uma parte em grande grau. É como se uma bola de argila viva estivesse lá, e ela pudesse perceber-nos como espíritos livres e instantaneamente moldar-se como um carro vivo que propelimos com facilidade, tal como usaríamos um médium. Não tem personalidade expressa. Simplesmente torna-se para nós uma parte útil, e não precisamos de fazer nada com a arte de fazer ou reter o corpo. Simplesmente entramos nele, tão facilmente como entrarias num elevador ou num carro em movimento, e instantaneamente vemos e tocamos, e somos nós próprios novamente; mas quando desaparecemos, outro espírito vem para que a mesma argila sirva o seu propósito à sua maneira.

Pergunta 23, J. S. K.: De que material é formado o corpo transitório?

Resposta de HIPÁCIA: É produzido a partir de várias substâncias à mão, que não consigo descrever ou fazer-te compreender. Tal como o rádio, é coexistente em substâncias comuns e, no entanto, quando livre é poderoso em grande grau. Assim, em toda a matéria existe força equilibrada em estado silencioso; esta é desequilibrada de forma adequada para criar uma imagem que permanecerá na consciência de qualquer humano presente. É a tua radiação que nós pegamos e, tal como um poço artesiano, tu és na vida comum; mas nós com a bomba exaurimos o teu reservatório de poder, que mais tarde é desenvolvido para teu uso. Não te faz nenhum mal especial, mas ajuda-nos grandemente no trabalho que fazemos.

Pergunta 24, J. S. K.: Presumo pensar que os átomos do corpo transitório são todos físicos, mas separados e invisíveis. Se isso estiver correto, como são convocados para a regularidade e distribuídos cada um no seu lugar apropriado?

Resposta de HIPÁCIA: No caso dos átomos erras, pois os átomos não são físicos, mas são, em vez disso, espírito ou mente que, por escolha, é negativa ou não se move no mais pequeno grau, tal como tu em pequeno grau dirias: não me moverei de todo, mas deixarei que outro me governe por inteiro. Esta força negativa não é negativa; em vez disso, é positiva para além de todo o grau positivo; com isso quero dizer que é uma força positivamente negativa, que tem por início mentes completadas por crescimento aperfeiçoado. Se elas são governadas, devem ser governadas por homens vivos, não por espíritos desencarnados. Assim, no caso da materialização e desmaterialização. E

stes indivíduos da terra da levitação são obedientes a algum indivíduo em vida como o Jonson; por alguma decisão ou decreto dizem: nós obedeceremos a este indivíduo e permitiremos que ocorra uma ligeira digressão de uma lei natural; assim eles registam-no e concordam e, se assim for o melhor, tu conheces o resto e, da matéria, a matéria vem como o fumo num dia de inverno. Não é como pareces pensar. Este poder negativo para servir é capaz de se transformar num tubo ou parede de modo que as vibrações não possam passar de todo, ou possam prosseguir em paz ao longo do caminho. As mentes a que me refiro são poderes astronómicos, ou mentalidades desenvolvidas aperfeiçoadas por eras de ensino e experiência; elas servem o melhor desenvolvimento do homem, mas pensam lentamente.

Se um médium entra em transe, é uma destas que o exige. É um estudo complicado, mas o bem último para o todo, e para cada indivíduo também, é a visão e intenção delas. Se o fogão, as cadeiras e o piano persistissem em desmaterializar-se ou mover-se ao teu toque, o estado caótico seria o resultado em grande grau; mas a lei transgredida apenas permite que tais coisas ocorram, e quando é permitido, um fiador forte está com tal ação em toda a parte, para a observar em pequeno detalhe e manter todo o dano afastado se for possível. Agora, no caso do Jonson, ser capaz de fazer com que formas apareçam é o poder dele, mas ele fica exausto e depauperado por isso, pelo que o equilíbrio de poder aconselha e sugere que ele cesse de usar este dom peculiar, mas não necessário para o seu melhor desenvolvimento. O que ele fará mais tarde não posso dizer, mas ele deve por agora cessar se quiser depois viver em paz.

Pergunta 25, J. S. K.: Tenho outras perguntas que se referem a vários assuntos de interesse para mim, que poderei fazer-te num momento futuro, mas na data presente farei apenas algumas, às quais gostaria de ter resposta da tua parte. O que foi que ensinaste ou disseste que criou inimizade e incitou a turba a tirar-te a vida em Alexandria?

Resposta de HIPÁCIA: Ao olhar para trás, para a minha vida, iluminada pelo conhecimento aqui atingido, maravilho-me com o zelo que sentia ao ensinar aqueles ao meu redor a acreditar em coisas que os homens, agora cristãos, dizem ser verdadeiras, mas que então eram totalmente novas para aqueles que não olhavam do meu ponto de vista. Mas deve-se julgar cada mortal a partir da sua educação e ambientes, bem como

da sua própria visão mortal do que é correto. Nasci e fui criada em Alexandria, na atmosfera de Arte e Cultura do tipo mais elevado atingível no meu tempo. No museu ou universidade presidida pelo meu pai Théon, fui ensinada a acreditar nas maravilhas e belezas da natureza, tal como reveladas aos homens através da astronomia, auxiliada pela matemática.

Depois, quando fui para Atenas, tornei-me proficiente na filosofia platónica ou, antes, na filosofia conforme ensinada por Plotino e outros. Os ensinamentos platónicos eram para mim aceitáveis apenas em algum grau, pelo que me tornei uma das novas platónicas, ou instrutores neoplatónicos, semelhantes às crenças dos homens modernos. Cada grande mestre, inculcando no seu trabalho pensamentos novos ou pessoais, tornava-se um instrutor praticamente novo de um pensamento novo. Eu acreditava que os espíritos podiam regressar. Não tinha medo de afirmar ousadamente que os espíritos podiam prover-se de corpos e até misturar-se com a frágil mortalidade. Esta era a minha crença e vinha de eu ser dotada em grande grau com poder mediúnico para ver e ouvir e, portanto, saber que esta filosofia era assim. Li as obras de todos os pensadores daquela era cristã primitiva.

Desejava desencorajar a crença num Deus pessoal e noutras formas tal como então ensinadas pelos primeiros Arcebispos. Cirilo, um Arcebispo da Igreja Cristã em Alexandria, no seu zelo para levar a cabo o trabalho iniciado pelo seu tio Teófilo — que devido às suas crueldades se dizia estar num pacto com o diabo — não deixou pedra sobre pedra nos seus esforços para remover todos os mestres ou líderes de outros credos. A minha popularidade entre os estudantes e o povo despertou o seu ciúme e, por isso, ele perseguiu-me e assassinou-me. Foi uma era severa e cruel, mas foi o mesmo espírito que fez com que pessoas mais modernas perseguissem e executassem as bruxas, ou aqueles dotados de poderes peculiares ou psíquicos. Ser severo e cruel era o costume da era em que vivi.

Pergunta 26, J. S. K.: Ensinaste um credo novo?

Resposta de HIPÁCIA: Não ensinei um credo novo, mas sim uma modificação ou fusão daqueles ensinamentos que tinham sido dados pelos pensadores que me precederam.

Pergunta 27, J. S. K.: Conseguiste discípulos entre as pessoas que se te tinham oposto?

Resposta de HIPÁCIA: Tive grande influência sobre os estudantes do Museu ou Universidade de Alexandria, onde o meu pai Théon era mestre de matemática, e mais tarde fui instrutora de ciências e filosofia. Tinha ganho muitas ideias novas enquanto estive em Atenas.

Pergunta 28, J. S. K.: Conhecias o conteúdo do livro de Kingsley nomeado em tua honra?

Resposta de HIPÁCIA: Conheço a obra de ficção a que te referes como o livro de Kingsley. Não conheço o seu conteúdo exato, mas disseram-me que é bom e tem feito bem à raça humana.

Pergunta 29, J. S. K.: Queres por favor definir para mim as pedras fundamentais da tua filosofia?

Resposta de HIPÁCIA: As pedras fundamentais da minha filosofia eram que Deus era incognoscível e inacessível, e que dele procediam por emanações ou crescimento indivíduos ou personalidades subordinadas.

Pergunta 30, J. S. K.: O trabalho especial em que estou empenhado foi concebido por ti, e é endossado pelo mundo espiritual como um bem a ser para toda a humanidade, e por que razão sou selecionado para ser o teu médium?

Resposta de HIPÁCIA: O trabalho especial em que estás empenhado é do meu agrado; eu sozinha não o concebi mas, desde a minha vida terrena, enviei uma prece contínua da alma ou espírito para que me fossem dados meios de ser útil aos humanos vivos. Tu és aquele que selecionei nesta era porque os velhos preconceitos de credo, para muitos pensadores avançados, são inadequados para as necessidades da sua alma; e até ti cheguei agora do meu plano espiritual avançado e estou a esforçar-me por usar-te como um instrumento para me ajudares a suprir esta necessidade da alma terrena. Planeei usar-te como um instrumento para me ajudares e a outros como eu na nossa tentativa presente de suprir esta fome da alma, ou sede de conhecimento, que possa em verdade ser demonstrada à sua perceção pessoal.

O teu trabalho é endossado por mim e pelo mundo espiritual ao meu redor como um degrau no caminho para um pensamento e conhecimento mais avançados. É, creio eu, necessário nesta era. Foste selecionado porque és capaz ou estás adaptado ao trabalho de compilar, recolher e apresentar a verdade conforme ganha por ti ao longo do caminho das tuas experiências. Tens a educação pessoal adequada e a posição para comandar o respeito daqueles que possam diferir dos teus julgamentos e conclusões. Mesmo os espinhos da crítica florescerão belos de facto nesta vida em que estás e na tua vida futura e, como uma coroa, elevar-te-ão, não te abaterão.

CAPÍTULO XXIV

[**NOTA:** — Desejo fazer aqui uma explicação que possa evitar equívocos por parte do leitor na interpretação de certas afirmações encontradas nas páginas do presente capítulo, a saber: O capítulo não foi aqui incluído até que muito do que se lhe segue estivesse concluído; pois era minha intenção destiná-lo a outra publicação; a razão da mudança é que desejei que a minha entrevista com os filósofos seguisse imediatamente a minha entrevista com Hipácia — ela própria uma filósofa daquela era — sobre os mesmos assuntos; e porque se deveu à intercessão dela, em resposta ao meu desejo, o eu ter sido suficientemente afortunado para assegurar tão valiosa oportunidade. J. S. K.]

Para esta sessão psicológica, trouxe comigo várias perguntas previamente escritas, suficientes para assegurar da parte dos alegados filósofos a sua visão atual sobre as

questões da mente e da alma, caso Hipácia tivesse sucesso em assegurar a presença espiritual deles. Com as perguntas no bolso, e com graves dúvidas na minha mente quanto a se poderia ou teria tão grande privilégio de obter as suas visões, expressas de acordo com o seu conhecimento atual; e como os primeiros dois dias da minha estada deveriam ser ocupados conforme eu já tinha arranjado, perguntei a Hipácia se o meu desejo poderia ser satisfeito no terceiro dia, dedicando-o principalmente ao propósito mencionado.

Hipácia, naquela maneira graciosa característica de todos os seus esforços para satisfazer o meu desejo, escreveu em resposta à minha pergunta, através da mão automática: "Espero tê-los aqui, e farei o meu melhor para o conseguir."

Quando o dia e a hora selecionados chegaram, com a psíquica sentada à mesa, fiz a pergunta que tinha então em mente.

J. S. K.: Hipácia, sabem os filósofos algo a respeito do que está contido nos meus escritos quanto à mente, alma e espírito; ou as outras características do livro que estou a compilar?

HIPÁCIA: Aristóteles está em interesse próximo de mim, e bem informado sobre a natureza do teu trabalho; e ele sem dúvida comunicou com os outros, uma vez que lhes solicitei que estivessem aqui presentes.

J. S. K.: Hipácia, se Sócrates, Platão e Aristóteles estão todos aqui, estou-lhes de facto muitíssimo grato; e espero que me perdoem se fizer perguntas a cada um deles durante esta sessão alargada, pois tenho uma forte fome mental, ou "desejo de saber". As perguntas lerei em voz alta.

HIPÁCIA: Todos os três estão aqui. É melhor proceder como sugeres, e escreveremos para ti.

Antes que eu tivesse mais tempo para observações ou para a pergunta, a psíquica começou a escrever automaticamente com rapidez e sem parar a seguinte resposta de Platão, a saber:

PLATÃO: Vemos como tu agora vês e, no que diz respeito à alma, também nós acreditamos que ela é o todo, e o corpo apenas maquinaria, que é resultado do grau da alma. Um homem pode ser alto ou baixo, ou magro ou forte em algum grau, não importa quais sejam os seus pensamentos. Eu, Platão, fui um homem de poder, e nomeado como de ombros largos, mas fui estreito nos meus pensamentos conforme agora vejo e sei; e conforme me pedes, assim farei. Não creio estar ciente de todo o teu livro; mas estamos aqui presentes hoje para ouvir e ver, e também dizer-te uma resposta, se nos pedires para o fazer. Eu idealizei a vida humana e fiz da alma do homem algo superior, ou de qualidade duradoura; mas o que ela era, e para onde ia, eu não conseguia dizer tão bem como tu: e por isso escuto aqui hoje, e muito aprovo o que para ti é claro. O funcionamento do cérebro inferior não me era aparente, por isso não podia ensinar o que não tinha o poder de saber. Não conhecíamos o poder de uma mente viva sobre outra no meu tempo (hipnótico). Esse estudo é modernamente novo e está aí bem

descrito por ti. Eu tinha em mente um desejo de saber, e segui com o meu mestre Sócrates ao longo de cada linha de conhecimento ou suposição; e o que ganhámos com isso foi auxiliado pelas almas exaltadas próximas, mas eu não sabia que assim era. Quando Sócrates foi levantado do seu barro, olhei e chorei junto ao seu esquife; e rezei como tu, para que lhe fosse permitido seguir comigo através da minha vida.

Por vezes via-o num sono semelhante a um sonho; mas ele partira, e eu ficara sozinho a chorar. Tem sido assim por anos — dois mil agora — e tu és quem o torna claro por argumentos, não apenas por fé e esperança. Pensei e desejei que fosse verdade, mas não o pude provar como tu. Se eu pudesse ter provado sequer um passo, sentir-me-ia deveras orgulhoso. Tive um aluno, Aristóteles, ele foi mestre de um rei chamado o Grande. Eu ensinei o Rei de Siracusa, mas ele recompensou-me com a escravatura; e contudo liderei o pensamento dos homens, de modo que eles, por resgate, me libertaram para fundar uma Universidade.

Assim, tu podes despertar argumentos e, se assim for, isso levará à glória, e não a um pesar futuro. Tudo o que fazes é trazido a mim por aqueles que me amam honestamente; e aprovo tudo o que fazes para provar o que agora sei ser verdade. Não vim diretamente a ti, mas aprendi com Aristóteles o que alguém visitado por ele tinha feito pelos homens, para provar que os espíritos voltam. Se falhei antes, não o farei mais; mas estarei sempre pronto aqui para te ajudar, até que estejas no esquife. Responderei às perguntas que fizeres.

J. S. K.: Qual seria a sua definição atual de alma? De que é composta? Tem conhecimento da Reencarnação?

PLATÃO: A minha definição atual de alma é aquilo que ocupa o corpo como um todo em vida e, na morte, parte para ser um todo, do que o mortal é e foi, e há de ser, um "ele próprio" vivo em capacidade de usar o que as leis de Deus trazem à mão, para os seus melhores poderes comandarem. Na vida terrena, ou vida do corpo físico, cinco sentidos parecem ser suficientes para a sua necessidade; e da matéria são retiradas células vivas para substituir o desgaste da anatomia, que, tal como uma maquinaria, gera forças necessárias para trazer harmonia à alma até que ele, pela morte, esteja livre do corpo; então sentidos adicionais vêm ao estado desperto, e o que ele precisa em forças aguarda pelo seu comando; e pensadores superiores ensinam-no a compreender corretamente, ou a usar o que é seu, tal como na vida terrena também é verdade, como foi o meu trabalho, ou o teu. Existe a fome da alma, que é dupla como eu poderia dizer: fome de amor ou companheirismo; e fome de entretenimento e conhecimento.

Os apetites, os normais, são a voz de Deus, ou espírito que é parte de Deus, mas o Ego tornado completo em individualidade, após um nascimento mortal conforme agora vejo.

Passar pela reencarnação não é verdade do ponto de vista literal ou mortal; mas mentes privadas de crescimento adequado no estado mortal serão autorizadas, ou forçadas, a passar por um segundo viver semelhante à vida humana, para que possam crescer em alma até ao estado adequado. Todos nós assistimos no trabalho de amor

pelas mentes do plano mortal, tal como tu trabalhas triste e sozinho para ajudar os teus semelhantes, que sentem o teu pesar, mas não conhecem a consolação. As ideias são expressas e provadas neste novo trabalho chamado "A Aurora da Mente Desperta", e ele será útil aos homens, onde a simples idealidade é inteiramente inútil.

[A mãe da psíquica aqui deu a entender que "o almoço estará pronto quando for da sua conveniência."]

Platão aqui interjetou, através da mão da psíquica, esta observação: "Eu estarei aqui; se tiveres de ir, não me perturbarás assim."

[À psíquica — no momento objetivamente normal — o autor sugeriu mais alguns minutos, e então seria 13:00, o que poderia ser seguido por um intervalo para os nossos amigos espirituais e para nós próprios de uma hora, o que foi adotado.]

J. S. K.: Tem crença atual na imortalidade, ou tem conhecimento de que um ego humano tem vida imortal?

PLATÃO: Não temos conhecimento da Divindade. Como indivíduo, foi-me permitido encontrar homens de estado exaltado, que me dizem que ainda são crianças e nunca precisam de esperar por algo novo, por isso acredito na imortalidade como parte de Deus ou da Divindade iniciada. Serei assim, não importa para onde ou como eu vá; e a ferida apenas me atrasa, como o relâmpago abala o tronco da árvore, mas torna a raiz mais forte para ser, para crescimento futuro. Assim observo e acredito que quando um ser faz o seu melhor, um espírito belo e bom planeará e guiará o resto.

J. S. K.: Pode definir ou demonstrar a sua personalidade humana a um psicólogo crítico dos dias de hoje?

PLATÃO: Eu a descreveria como uma coisa que tem o poder de reter o conhecimento passado; e tem o poder de ganhar e crescer por saber adicionado, ganho de fontes novas, não importa por que formas passe.

[A escrita parou às 13:00, fomos almoçar e estávamos de volta aos nossos lugares às 14:00, quando a mão da psíquica começou novamente a escrever. J. S. K.]

PLATÃO (continuando): Adicionarei ainda que é de forma ou características uniformes ou típicas da sua própria individualidade, através de todos estes seus poderes de agir; e todas as mudanças por que passa tendem a, e de facto fazem com que cresça, e melhore, e se torne divino, ou mais próximo da sua idealidade do que o homem aperfeiçoado deve ser. Sob uma vara de beleza, de comparação, nós, espíritos livres, somos autorizados aqui a crescer e ser e, conforme melhoramos, tornamo-nos radiantes; e conforme retrocedemos, tornamo-nos obscurecidos em grau.

J. S. K.: São as minhas visões, conforme registadas no meu livro, tais que o senhor possa endossar como verdadeiras?

PLATÃO: Posso endossá-las a todas como verdadeiras, e maravilho-me com o teu poder de o fazeres tão bem, em relação ao que é difícil de contar; ou ao que é para a

linguagem de todos os homens difícil de abranger fielmente, para que o leitor pense como tu pensas.

J. S. K.: Teve em vida humana conhecimento de, ou o poder de controlar a mente de um semelhante por sugestão à mente subjetiva, o que é agora conhecido como poder hipnótico de sugestão; por meio do qual o senhor agora me transmite os seus pensamentos através da mente subjetiva da psíquica, que se conforma ao seu ditado à mente subjetiva dela, para transcrever por escrito o que deseja que eu saiba?

PLATÃO: Tive conhecimento disso de uma forma superficial; mas não conhecia a sua fonte ou limitações; ou se era natural ou mórbido. Ninguém do meu tempo que eu conhecesse tinha pensado nisso como falso ou verdadeiro.

J. S. K.: Queria ter a bondade de explicar, para benefício dos leitores que desejem saber, como é possível para mim ter sintonia consigo próprio, ou com outros na vida espiritual, tal como o exemplo que dei noutro lugar relativo ao meu amigo correspondente Wm. T. Stead, então na vida espiritual, chamando a minha atenção para o facto interessante de que ele percebeu os meus pensamentos em relação a ele num momento particular que foi mencionado?

PLATÃO: Uma sintonia é um rasto invisível, sobre o qual pensamentos e respostas podem fluir, semelhante à comunicação de ida e volta; e se nenhum sentido espiritual em ti estiver desperto, usamos a tua chave de intuição; ou aquilo que leva um cavalo a beber, um poder mais sábio do que é o pensar. Sábio neste sentido significa mais perfeito ou exato; ou menos a ser questionado do que é o julgamento nascido da razão, que parte das premissas limitadas do poder humano de perceber.

[Ocorre aqui uma quebra ou interrupção na escrita de Platão, e o seu lugar é tomado pelo que se segue em explicação: "É o desejo dos espíritos desencarnados mencionados na tua página de notas, especialmente fazer as próprias coisas que lhes pedes; e por isso, quando solicitaste que assim fosse, ele, Wm. T. Stead, pôs em ação o seu desejo de agir; e outros guias auxiliaram-no para ser capaz de assim te apresentar o facto de que te percebeu; e ele conhecia o teu desejo de ser capaz de assim lhe expressar esta verdade" — A sintonia entre o autor e Wm. T. Stead.]

J. S. K.: A evidência apresentada no meu livro, no seu julgamento, sustenta a afirmação que faço relativa a: 1.º, Continuidade da Vida; 2.º, Retorno Espiritual; e 3.º, Comunhão Espiritual?

PLATÃO: É minha opinião que a evidência compilada para o teu livro, "A Aurora da Mente Desperta", é muito conclusiva, porque aborda a mentalidade normal a partir da tua visão de estudante desenvolvido; e diz distintamente onde terminam os seus poderes; e assim produz a necessidade de crença de que sugestão adicionada deve ser dada para produzir os efeitos observados por ti e, quase sempre, por outros presentes contigo. Na tua crença és cândido e honesto, e homens como tu seguirão os teus raciocínios com interesse em cada passo; e o modo como chegas às tuas conclusões está tão bem explicado que eles desejarão ser capazes de fazer como tu, na escrita, dizes que

tiveste o poder de fazer. "Tomés descrentes" sempre haverá, ou aqueles que não desejam saber; mas pensadores honestos perdidos no nevoeiro de factos, misturados com teoria, serão auxiliados pelos passos que dás; e o que ensinas ajudá-los-á a seguir em frente, e proceder com cuidado, e aprender muito do "Lá Além".

J. S. K.: Não eram os vários dogmas, teorias e planos de todos os filósofos especulativos e idealistas?

PLATÃO: No nosso tempo tínhamos superstições de tipos peculiares para combater, e o idealismo era a base de quase toda a minha filosofia. Deuses, heróis e homens com poderes mitológicos eram para a generalidade dos homens como que realidades então.

J. S. K.: Não é a alma o núcleo da origem de cada atividade humana de qualquer sorte que seja?

PLATÃO: Oh, sim, uma alma ou ego, tal como uma célula de um corpo humano, seleciona o seu alimento daquilo que chega ao seu alcance; e alimento mórbido ou insalubre pode ser tomado quando ela é privada daquilo que é saudável para o seu estado de melhor desenvolvimento.

J. S. K.: Se o senhor sabe quais são as minhas visões e pensamentos em relação à mente, alma e espírito, tem também conhecimento dos outros conteúdos consecutivos do livro conforme ele está preparado para os leitores em geral?

PLATÃO: Fui informado do conteúdo do teu livro por Aristóteles, como já disse antes. O interesse de Hipácia nos meus ensinamentos, e nos ensinamentos do meu aluno Aristóteles, fez com que todos estivéssemos em contacto com a capacidade dela de ir e vir, e de nos manter informados.

J. S. K.: Tento tornar claro ao leitor que a mente dual funciona tanto para a alma como para o corpo no estado encarnado no humano; e na partida chamada morte, a mente ainda funciona para o ego da alma; e novos sentidos, atributos e poderes manifestam-se. Pode o senhor, amigo Platão, confirmar isto a partir das suas próprias experiências, como uma solução deste problema psíquico especial?

PLATÃO: É difícil definir e retratar coisas intangíveis, mas as funções de cada porção da mente observáveis pelo homem estão no teu livro bem definidas, parece-me. A mente e a alma são como a árvore que cresce, o corpo mais como o vaso em que ela cresce, mas isso não combate nem altera necessariamente a tua definição. É o mesmo em aparência que o corpo seria se fosse perfeito. Cicatrizes, doença e destino maligno para o corpo não alteram a aparência da alma. A alma é copiada pela matéria no crescimento do corpo.

J. S. K.: Tem conhecimento e experiência relativos ao voo do Ego encarnado? O meu Ego visitou familiares e amigos a distâncias variadas, e em várias direções, e foi visto e ouvido por eles; mas eu não desejo que assim seja, a menos que pelo meu

próprio desejo, exceto se for para algum propósito sábio ou importante, e conduzido por espíritos exaltados ligados ao meu grupo.

PLATÃO: O teu corpo é permeado por uma coisa etérea, e de certo hábito, e de certo tamanho — chama-lhe o que quiseres — é a habitação do homem quando a morte do corpo chega. Este corpo pode sair, como tu fizeste, por outro ego em sintonia — semelhante a ti — estar no espaço que ele ocupava na tua anatomia. Esta coisa de que falo não é divisível, não pode ser abreviada ou alterada na sua aparência ou capacidade, mas pode ser limitada na sua liberdade. Tu próprio com o corpo estiveste, e falaste ao amigo como agora falas a ela (a psíquica), e enquanto condições semelhantes às de Marconi existiram entre ti próprio e a tua anatomia estiveste à vontade embora livre, e mãos espirituais amorosas como faixas produziram este poder de agir em ti, e auxiliaram o amigo a ser capaz de ouvir e capaz de ver. Apraz-me, o que quer que tenhas desejo de fazer; eu, Platão, estou com os outros dois, e todos nós desejamos servir-te. (Ver explicação de Hipácia noutro lugar.)

[**NOTA:** — As comunicações de Aristóteles seguem-se às de Platão. São as primeiras de extensão alargada que recebi dele.]

Há vários anos, um guia falando através dos órgãos vocais de um psíquico enquanto em transe afirmou ser Aristóteles; mas apenas uma frase ou duas foram proferidas na altura e, na verdade, nenhuma conversa foi iniciada para confirmar uma opinião e, por conseguinte, nenhuma evidência, no meu entender, foi apresentada que estabelecesse qualquer visão.

Novamente, através de outro psíquico de transe, um ano ou dois mais tarde, em Hamilton, Canadá, enquanto em transe, alguma inteligência utilizou os órgãos vocais para dar expressão a pensamentos que eram de carácter filosófico e afirmou ser Aristóteles, e proferiu uma frase ou duas, como na instância anterior. Uma terceira vez, foi-me feita uma visita na sessão de trombeta realizada no Estado de Nova Iorque, há pouco tempo. O médium que realizou a sessão a que me refiro estava sob o controlo de Gray Feather, o forte guia e controlo índio de J. B. Jonson, do Ohio, que tomou o lugar em duas ocasiões do próprio guia do psíquico.

Então, pela primeira vez, Aristóteles, como ele próprio alegou ser, conversou comigo com o auxílio de uma trombeta, sendo a data o quatro de agosto de 1912, e a sua fala transmitiu a impressão de que as suas palavras eram as de um homem sábio; e um de muita experiência; e eram de um carácter que as tornava semelhantes àquelas que encontraram expressão através de outros dois psíquicos, que estavam no estado de transe. Como me senti profundamente interessado nesta personalidade, convidei-o a encontrar-se comigo na casa do Telefone Psíquico Humano nessa mesma tarde, o que ele fez; e ali escreveu para mim começando à hora das 16:15, e o que se segue é o que ele escreveu através da mão automática, a saber:

ARISTÓTELES: Eu, um filósofo de há muito tempo, trabalhei no problema do poder do pensamento, e em como a mente divina e a mente do homem poderiam ser colocadas em uníssono por certas leis de comportamento e fala, e por isso a tua "Aurora

da Mente Desperta" apela para mim. Tive de moldar cada dardo de pensamento, conforme do meu coração ele voava, e estou interessado neste trabalho cuidadoso que fazes. Este esculpir de degraus por falésias de grau conhecido, que levam a voos acima das estrelas, apela-me muito; e por isso, como filósofo, vim e falei contigo na sessão de trombeta (uma confirmação); e ajudar-te-ei em tudo o que puder neste trabalho que fazes.

A presente entrevista fará mais do que confirmar o que a tinha precedido, e vai longe para estabelecer a reputação e a identidade deste famoso filósofo. Posso acrescentar ao que precede que as minhas perguntas foram todas lidas em voz alta por mim próprio, enquanto as respostas vinham imediatamente, e eram ali mesmo registadas, no meu caderno de notas, pela mão da minha psíquica, usando a minha caneta de tinta permanente; e quando escritas e terminadas, eram-me entregues sem cópia, alteração ou adições enquanto sob a minha vista do princípio ao fim. Embora as perguntas tenham sido preparadas por mim, foram oferecidas *viva voce* ou lidas da página em que estavam escritas, e as respostas vinham sem hesitação ou demora, e eram conforme escritas pela minha própria caneta de tinta permanente, na mão da psíquica; caneta essa que passou a ser quase uma caneta psíquica, pois teve a orientação de centenas de forças diferentes, ou inteligências separadas.

Mas regressando às comunicações. Após a garantia de que Aristóteles estava presente e pronto a escrever, procedi ao meu questionamento.

J. S. K.: Aristóteles, desejo saber as suas visões sobre os assuntos que incluí nos capítulos sobre a mente e a alma, no seu estado presente e futuro. Como o senhor demonstrou um interesse nas minhas investigações e nas minhas publicações propostas, como mostrado pelas suas comunicações, audivelmente e também através desta psíquica de escrita, sinto um forte desejo de me sintonizar consigo nesta altura e solicitar-lhe a sua visão atual relativa a estes mesmos assuntos. Com muitas das suas visões antigas sem dúvida alteradas, como as minhas próprias, desejo aprender do senhor se o que o meu livro apresenta à visão mortal relativa à mente e à alma ou espírito é a verdade, conforme agora a conhece.

ARISTÓTELES: Concordo contigo que o que és ao nascimento, és em cada estado futuro, com grau modificado de destino. Uma violeta na natureza nunca se torna um lírio ou uma rosa; e os homens são variados como as flores, mas cada um um só por si, ou branco, ou cor-de-rosa, ou azul, conforme era da semente, quer forte quer frágil, por circunstância do destino. Planta uma rosa, e rosa ela ficará, e quando a alma de um homem floresce na luz de Deus, o seu espírito embelezado por privilégios adicionados é ainda o seu espírito apenas e por si só.

J. S. K.: Concorda com o que afirmo, que o espírito desencarnado ou alma de cada humano apresenta a mesma personalidade que anteriormente existia no estado encarnado?

ARISTÓTELES: A minha visão atual é semelhante à tua. O vestuário corpo como homem é posto de lado na morte; e semelhante à borboleta, a alma liberta apenas

usa o que tinha no estado de crisálida do corpo, mas para o seu crescimento não teve espera.

J. S. K.: Qual seria a sua definição atual de alma?

ARISTÓTELES: A minha definição de alma, se bem expressa, significaria o todo. O corpo, se se pudesse falar verdade, não é senão o seu cortiço de barro, no qual aprisionada por um dia, ela se mantém a si mesma por si só completa, até ser chamada ou levada pelo sopro para o trono de Deus; ela entra naquilo que é seu, ou entra no seu poder de ser completa em poderes que os homens não podem ver nem perceber, não importa quanto tentem. Tu próprio és levado para o céu, e o que resta não é nada para ti. Quanto ao teu corpo aos três anos, ele agora desapareceu inteiramente, e nada senão a tua memória retém a sua forma ou semelhança. Assim é com a vida aqui através da qual passas. Os teus atos estão todos registados onde podem ser encontrados por ti; mas entraste num estado que é inteiramente novo, e o corpo não tem parte contigo.

J. S. K.: Tenha a bondade de tornar claro à minha perceção de que é composto, na sua visão, o espírito desencarnado ou alma.

ARISTÓTELES: É composto de substâncias apenas tangíveis para os espíritos; para o homem material não é senão o nada. Se fosses capaz de comunicar comigo pela tua faculdade espiritual latente, eu não o teria feito assim, nem precisaria; mas como era material tive de ser, para vir à terra e falar contigo; e para o fazer tomo um corpo transitório semelhante a ti, feito de substâncias de pequeno grau que, para o propósito de se moverem rapidamente, impressionam o homem como uma realidade. A matéria não existe, a propósito; mas é, conforme os cientistas acreditam e sabem, composta de Eões positivo e negativo, assim parecem ser para o homem como uma realidade.

J. S. K.: Tem crença atual na Imortalidade ou conhecimento real da mesma?

ARISTÓTELES: Tenho conhecimento atual de que é verdade que sou parte de Deus completa, e posso usar a matéria como um meio para ser capaz de assim comunicar contigo e ajudar-te no trabalho que fazes, que é ensinar a era presente a perceber que atingiu um estágio de maré cheia de experiência; e tu mostras esta maré ou corrente para onde ela deve ir, para atingir o seu desejo de perceber ou saber que pode encontrar os seus mortos vivos, depois de os seus poderes de terra terem fugido.

J. S. K.: É a reencarnação do espírito um facto reconhecido pelo senhor, ou é a palavra mal aplicada, ou mal compreendida?

ARISTÓTELES: A reencarnação é um facto reconhecido por mim do meu ponto de vista. Espíritos desencarnados não desenvolvidos são recolocados em experiências de vida terrena de saúde e bem, até crescerem para aprender e saber. Mas para bebés nascidos na terra eles nunca vão, e não se pretendia que fosse assim entendido; mas mentes literais assim acreditaram a partir de ensino verdadeiro dado por psíquicos antigos aos homens que escutavam perto. A reencarnação não é permitida de facto, mas almas desencarnadas são autorizadas a agir como ajudas ou auxílios aos homens, que

podem nem vir a ser informados de que isto é verdade, que os espíritos podem voltar a vós.

J. S. K.: Como pode demonstrar ou definir a sua personalidade humana a mim, ou a qualquer psicólogo crítico dos dias de hoje?

ARISTÓTELES: A minha personalidade é composta pelos meus traços herdados, adicionados aos resultados de impressões feitas sobre o meu poder de perceber pelos meus cinco sentidos enquanto no corpo, e outros adicionados aqui; por exemplo, como bebé descobri a luz e aprendi a conhecê-la através do meu órgão olho, mas o que vi em cor ou grau não seria exatamente o que qualquer outro olho veria. Cada figuração do meu imaginar é muito minha, pois é feita do que vi ou ouvi, ou percebi; e como esta premissa foi diferente de todas as outras na vida, cada imagem assim criada seria apenas minha. Estas são retidas em registo e, para mim, elas são a minha geografia gasta, na qual traço o caminho em que aprendi a conhecer a face do meu Mestre.

J. S. K.: Compreendo, através de Hipácia, que o senhor está ciente de muito, se não de tudo o que escrevi para o livro que estou agora a compilar. São as minhas visões ali registadas tais que o senhor possa endossar como verdadeiras?

ARISTÓTELES: Posso endossar como verdade que os espíritos podem voltar a ti, pois sou um daqueles que o fazem. Também endosso a tua maneira de aparentemente concordar com um possível argumento e depois mostrar a sua fraqueza mais tarde no que dizes ou provas. "A Aurora da Mente Desperta" é boa de muitos pontos de vista. É impessoal. Trata de factos que experimentaste; de deceções pelas quais passaste; e de consequente alegria em revelações novas, e por observadores adicionados certificadas como verdadeiras.

J. S. K.: A evidência no meu livro, no seu julgamento, sustenta a afirmação que faço relativa a: 1.º, Continuidade; 2.º, Retorno Espiritual; e 3.º, Comunhão Espiritual?

ARISTÓTELES: A evidência da rapariga índia (espírito de Pansy) que, como dizes, descreveu a localização de quadros em tua casa de que não estavas ciente, mas que mais tarde compreendeste e confirmaste como verdade. A tua simbologia é boa, iniciando a prova; depois o cumprimento de promessas através de diferentes psíquicos sem conhecimento ou possível conluio entre si é para mim uma prova muito positiva. A deceção do homem Stead em não ser capaz de usar aqueles que esperavas que ele usasse, e contudo usou outros estranhos para ti. A mudança de coração ou mente na rapariga depois de as mensagens serem corroboradas. A experiência da rosa, interessante e convincente, devido ao sucesso após longo lapso de tempo. O cumprimento do acordo *ante-mortem* da tua esposa é também marcantemente convincente.

J. S. K.: Não eram os vários dogmas, teorias e planos de todos os filósofos especulativos?

ARISTÓTELES: Todos os dogmas eram especulativos, mas muitos tinham origem nalguma forma de suposta revelação, fosse real ou imaginária. Mitos eram meios de figurar resultados desejáveis de atos bons para um povo selvagem primitivo.

J. S. K.: Na minha vida humana experimentei grande mudança de visão da juventude para a vida adulta avançada; e por isso presumo que os seus séculos de experiência em esferas espirituais lhe permitem discernir não poucas mudanças de carácter e número na sua crença de então, na sua vida humana, e no que agora sabe.

ARISTÓTELES: Não pomos de lado os rudimentos da nossa aritmética; assim com os meus ensinamentos, eu apenas atingi os rudimentos daquilo que para ti em totalidade ou completude provou ser verdade. Cresci com conhecimento adicionado para ver os erros ou incompletude da minha teoria humana; e contudo para os homens no meu tempo era novo e grandioso, e difícil para eles compreenderem.

J. S. K.: Não é a mente uma necessidade para o funcionamento da alma e, semelhante a um artesão altamente qualificado, qualificada para resolver problemas difíceis de construção ou desempenho; quer, por um lado, seja raciocinar ou desenvolver atributos humanos; ou, por outro, classificar os registos de memória e a cultura e desenvolvimento dos atributos Divinos, ou daqueles sintonizados com a "Alma Superior" [*Over-soul*]?

ARISTÓTELES: A mente e a razão são necessidades para a alma, mas a mente é como um órgão, e a razão o que ele faz. A razão é uma função da mente, ou mentalidade. O instinto e o impulso moral vêm da alma. Eu alimentei teorias fundadas sobre conhecimento muito limitado. Conforme o meu conhecimento aumentou, a minha crença foi alterada, de modo que agora acredito como tu, que o que é homem é Deus, e por isso é indestrutível; mas pode, conforme avança, tornar-se acima ou sem a necessidade de forma aparente fixa.

Um corpo é um meio de conter e reter e, conforme o espírito se torna divino, perde a necessidade de restrição e proteção. É verdade nesta medida: permaneço eu próprio e em registo na minha memória, e registados de facto estão as feições e a forma que tive na vida humana, e no estado espiritual posterior. Se me materializar em qualquer esfera, serei como era quando era nativo ali; mas quando a necessidade de agir termina, deixo o meu corpo e procedo a ser, como para ela agora, uma alma liberta.

[**NOTA:** — Às 17:00 terminou a entrevista com Aristóteles; e em vista de todos os assuntos tratados e do tempo consumido, considero sensato deixar o campo a Sócrates, para que fale sobre os assuntos que a sua sabedoria e os meus requisitos lhe sugerirem como sendo de maior vantagem para o objetivo procurado por esta sessão especial. J. S. K.]

Segue-se a declaração de Sócrates.

SÓCRATES: Como desejas fazer, assim faço. Sócrates sou, e também aqui estou, e se quando estiveres fora um novo pensamento te ocorrer para fazeres uma pergunta a respeito, escreve-a, e nós responderemos automaticamente. Todos nós

permaneceremos com o teu grupo, para te ajudar no trabalho que planeaste, e chá de cicuta não te será dado como recompensa pelo que fazes em sacrifício pelos homens. Eu também sei que os espíritos voltam, e Platão é para mim discípulo querido, e o que ele te escreveu, e o que tu leste para ele, eu ouvi, pois estava perto dele e também perto de ti. Tentarei ajudar o teu desejo de ser um orador eloquente, pois para mim era como uma necessidade. Caminhei na margem com seixos na boca, para serem um meio de ensinar a minha língua delinquente a compreender que deve obedecer ao meu mais pequeno comando.

Contudo, quando venci, o chá de cicuta foi tudo o que o destino me concedeu. Sim, ainda vivo, e aqui hoje tenho a minha influência; e as palavras que digo mostram pensamento e poder. Não era para mim um facto conhecido que uma alma pudesse vir e, como um irmão, ajudar-me a atravessar; mas tive fé e esperança, e amor por toda a humanidade, e fui ajudado a carregar o fardo e a ajudar a humanidade a sair da rotina da crença fixa na idolatria e no medo da superstição, para um caminho onde se vê de forma mais clara; e mais tarde os alunos assim o ensinaram e, como um rio no seu fluxo, lavou em grande grau os seguidores ou crenças na idolatria do período de então; e abriu um caminho para as almas dos homens crescerem, embora o que ensinei eu não soubesse.

OTELLEO (um egípcio de há muito tempo e membro do meu grupo espiritual): Peneirar o ouro alguns homens fariam, mas não é o teu caso. Tu peneiras a escória do que escreveste, e tudo é ouro, aquilo que permites que fique. Semelhante a uma coroa de ouro enterrada por eras nos corredores do tempo, o pó acumulado agarra-se a ela, e tu tornaste as suas maravilhas belas e verdadeiras, e ela provar-se-á uma coroa para ti. Preciosa de facto ela é, e nós guiamos-te cuidadosamente até este seu estado quase concluído; e quando tempo suficiente tiver passado, não esperes mais, mas leva-a avante, pois nós em pensamentos estamos a guiar-te, e a iluminar o teu véu de preocupação, até que possas ver que aquela está ali. Selecionaste bem e fielmente, e bom será o completar da tarefa para ti. Eu sou Otelleo, como tu acreditas.

CAPÍTULO XXV

Apenas cinco curtos meses se passaram desde a série de novembro de 1911; e regresso com crescente seriedade e zelo para prosseguir o estudo dos maravilhosos problemas ocultos numa sessão de Jonson em Toledo. Verdadeiramente impressionantes e importantes são as demonstrações de tal sessão. Marcam as

possibilidades e desenvolvem as certezas do encontro real de representantes de dois reinos de existência — o terreno e o espiritual.

Quando me lembro que há mais de vinte anos uma bebé nasceu da minha então esposa viva e de mim, mas faleceu ao nascer para os reinos espirituais, para estar livre de cuidados e problemas — e poucos haveria que não concordariam que ela fora para o céu. Eu não sabia então que nos encontraríamos novamente na terra, mas sei-o agora.

A mãe, May, sempre teve o desejo e a forte crença de que encontraria um dia, quando tivesse passado para a vida espiritual, a sua filha anjo. Nos últimos anos, ela juntara-se a mim neste importante trabalho e estudo sério e, comigo, visitou durante os anos que passaram este maravilhoso médium Jonson, vez após vez; e frequentemente esperou, conforme os anos passavam, ver a sua bebé anjo. A 29 de setembro de 1911, May partiu da vida terrena para os reinos espirituais. Quarenta e cinco dias após esta mudança, ela regressou em forma e trouxe consigo a nossa filha anjo, a 13, 15 e 16 de novembro de 1911; e foi nesta mesma casa, onde ela e eu tínhamos investigado antes, conforme se encontrará registado em capítulos anteriores.

A primeira sessão desta presente série de abril de 1912, a que tive o privilégio de assistir, abriu como uma sessão pública, na noite de quinta-feira, 11 de abril. Frequentemente ali, e durante muito tempo, prossegui a atividade de um investigador psíquico crítico; e não sozinho, mas ajudado pela minha então esposa mortal, e por um oficial da minha Sociedade, e também por outros membros, tentei e tentei em vão explicar por cada hipótese conhecida formas e feições semelhantes às humanas, vestuário, voz e conversa; e com muitas outras condições naturais, entrando assim em estreita comunhão como familiares e amigos; e perante a audição e presença plena de todos os assistentes por um breve tempo, despedindo-se depois de todos com um boa-noite, desapareceram como físicos através da sua dissolução anatómica no chão, para reaparecerem noutro momento. A única hipótese satisfatória que pode explicar todas as demonstrações aqui é aquela que eu, após vinte anos de exame crítico sério e honesto e estudo cuidadoso, adotei plenamente, a saber: a Hipótese Espiritual. Descobri, quando vim pela primeira vez a este psíquico Jonson, que não era um investigador solitário; mas que dezenas de outros de longe e de perto, não só no continente americano, mas indivíduos de outros países também, o tinham procurado e trabalhado incessantemente para resolver o problema; e tinham professado acreditar que conseguiam, cada um à sua maneira, e de acordo com a sua hipótese ideal. Assim, cada um, ao chegar, procedia a abrir o mistério com a sua própria chave mágica.

Alguns muito zelosos procediam a selar a janela, e trancar e selar a porta; e estarem preparados para todos os desígnios de alçapões e painéis, e armados com rede mosquiteira; e prontos estavam para todos os cúmplices. O gabinete era numa sala do andar de cima, dentro dele nada mais que uma única cadeira; e para surpresa do crítico, o médium não estava lá, mas sentado com os assistentes na sala fora do gabinete, em plena vista durante a sessão; ou enquanto uma parte dela se realizava.

O todo assemelhava-se muito a um círculo familiar amigável, pronto para receber os visitantes da terra espiritual; e assim o tempo era concedido aos críticos para examinarem a seu bel-prazer o gabinete ou sala, e tudo o mais. Quando terminavam e se sentavam, algumas formas vinham pelo chão, mesmo à frente dos seus pés, enquanto algumas vinham pelo gabinete; e outras do ar e da sala; a qual estava tão bem iluminada que cada um podia distinguir os seus próprios amigos.

Precisamente aqui desejo tornar clara a minha afirmação de que, dos cavalheiros peritos acima aludidos, um era um funcionário do Governo Nacional de crédito e renome, possuidor de perícia bem conhecida e alta integridade. Ele fora incumbido por aqueles em autoridade de fazer a descoberta de uma suposta fraude; mas foi logo convencido da realidade da existência, a partir da observação e investigação mais críticas, de um facto e verdade que não se deixaria abater, por este entre muitos dos seus planos, a saber: tirando uma fotografia com *flash* de uma aparição que estava perto, descobriu que era um familiar espiritual, que ali mesmo conversou com ele e provou que era o seu irmão espiritual; e tinha um corpo transitório vestido, e conversou e respondeu a perguntas, e provou a sua personalidade ao seu irmão vivo; e deu testemunho inteiramente em conformidade com o que eu também dei em capítulos anteriores; e por isso doravante não haverá necessidade de mais referência em qualquer sentido a precauções tomadas por investigadores peritos de diferentes classes no trabalho de investigação de J. B. Jonson; e dos fenómenos de carácter físico, sempre que presentes na sessão. Isto e mais é recomendado a autoridades que em anos passados expressaram a sua convicção de que os fenómenos de Jonson não eram de origem psíquica e que, numa capacidade oficial e com tom autoritário, o convidaram a partir.

Após muitos anos de observação atenta e investigações repetidas, obtive muita evidência — apenas uma porção da qual apresento na série psíquica das minhas publicações — que, estou confiante, sustentará a hipótese que adotei; e que acredito ser suficientemente forte para confundir e resistir com sucesso à crítica mais capaz que possa ser exercida contra ela, pelo detetive, prestidigitador, cientista, investigador psíquico, sacerdote ou homem mais qualificado.

UMA SESSÃO PÚBLICA DE JONSON, 11 DE ABRIL DE 1912.

O médium sentou-se numa cadeira num círculo em semicírculo ou em forma de ferradura, juntamente com todos os assistentes, durante a maior parte da sessão. Após a oração do Senhor ter sido proferida em uníssono, e a música instrumental ter iniciado a sintonização, viu-se Jonson em estado de transe sentado. Quase todos os assistentes tiveram um ou dois visitantes, e havia dois guias espirituais aparentemente avançados, um dos quais era Hipácia. Quando guias espirituais avançados aparecem, a sala é habitualmente iluminada por eles, ou durante a sua presença. Havia doze assistentes na sala além do médium Jonson e, sem contagem real, estimaria que se apresentaram cerca de vinte formas.

A personalidade que frequentemente comunicou comigo em inglês quebrado, através de trombetas e através do Telefone Psíquico Humano no Estado de Nova Iorque,

como aparecerá em capítulos do livro noutro lugar, provou então, e dessa forma, ter um interesse na minha esposa espiritual, bem como em mim próprio, e mostrou pela linguagem usada que era a mesmíssima personalidade índia, tão bem e amplamente conhecida como guia principal de J. B. Jonson, e manteve-o assim durante toda a sessão, numa condição de transe; e não respondeu à sugestão da Sra. Jonson: "Não seria melhor ires para dentro, Gray Feather?", à qual ele respondeu rapidamente: "Não", e esperou até depois de trazer a minha esposa May, que trazia consigo a sua filha anjo, duas formas de uma só vez; enquanto Jonson ainda estava sentado fora do gabinete como parte do círculo. Após eu manter a minha conversa com as duas, elas dissolveram-se num estado invisível (o que é relatado pela estenógrafa), e conforme regressei à minha cadeira no círculo, ele, Gray Feather, disse: "Eu agora ir; eu ficar até eu trazer elas duas juntas para ti, Big Chief."

Uma circunstância fora do comum que notei, e na qual também participei, foi esta. Eu estava sentado na ponta do círculo em ferradura, ou forma de assento perante as cortinas da sala chamada gabinete, e num ponto a uns bons dez pés delas, e eu, bem como todos os outros, tivemos alguns doces colocados na boca pelos dedos ágeis do que tinha a aparência de uma bela forma angelical — mas sem asas. (As asas são simbólicas, mas não estão presas aos corpos, nem são usadas de qualquer outra forma, assim informa a minha guia espiritual Hipácia.)

Esta forma angelical recorreu a uma maneira humorística e provocadora com um ou dois que procuraram que ela lhes colocasse o doce na mão, de modo a pegarem na mão dela também. Esta visita foi perto do encerramento; mas ela apareceu primeiro quando a sessão abriu e foi interpelada por muitos assistentes familiarizados com a sua aparência como sendo "Viola", a guia da Sra. Jonson, que é uma médium de trombeta.

RELATÓRIO DA ESTENÓGRAFA.

Toledo, 11 de abril (noite), 1912. *(Relatório de conversas mantidas, ou de palavras proferidas, em casos indicados, na Sessão de Jonson.)*

GRAY FEATHER: (Que alegadamente fala através dos órgãos vocais do Sr. J. B. Jonson) .... "Boa noite."

MEMBROS DO CÍRCULO TODOS: "Boa noite, Gray Feather."

GRAY FEATHER: "Eu contente ver grande homem da medicina aqui. Eu vir para ajudar todos vocês como eu poder. Eu não dizer nada agora mesmo. Eu apenas a começar."

DR. JOHN S. KING: "Está tudo bem, Gray Feather, e eu agradeço-te."

A forma que aparece agora é a da alegada guia espiritual do Dr. King. Era bonita e estava vestida com vestes brancas fluidas, com fitas brilhantes em volta da cabeça, e joias cintilantes em volta dos braços e pescoço. Dirigiu-se ao Dr. King.

DR. KING: "Hipácia, tens a May contigo esta noite?"

HIPÁCIA: "Sim, ela está aqui."

DR. KING: "Irás trazê-la para falar comigo?"

HIPÁCIA: "Sim." . . . . "Quero que te esforces e termines o teu livro enquanto tens forças. Há muitos outros escritos ainda por vir." (Ela desapareceu então da vista.)

DR. KING: "Vem outra vez, Hipácia."

(Duas outras formas aparecem agora, que são anunciadas como a Sra. King, esposa do Doutor, e a sua filha May Donna.)

SRA. KING (dando palmadinhas no ombro esquerdo do Doutor): "Johnnie querido, eu amo-te; amo-te tanto."

DR. KING: "Sim, sim, eu sei que amas, e estou tão contente por termos oportunidade de falar outra vez."

SRA. KING: "Embora eu tenha partido da vida terrena, contudo estou contigo todo o tempo, e estarei enquanto viveres."

DR. KING: "Sim, sim, amada."

SRA. KING: "Quero que termines o teu livro, e eu dar-te-ei toda a informação que quiseres. Eu quero muito que termines o teu livro."

(MAY DONNA NÃO ESTÁ À VISTA.)

DR. KING: "A May Donna está contigo agora?"

SRA. KING: "Sim." (E então aparece May Donna.)

MAY DONNA: "Sim, eu venho com a mamã. Ficamos contigo tudo o que pudermos."

DR. KING: "Irás cantar para nós esta noite, May Donna?"

MAY DONNA: "Não sei se poderei ou não, mas cantarei para ti antes de deixares Toledo."

SRA. KING: "Amo-te, meu querido. Voltarei outra vez. A May Donna cantará para ti antes de deixares Toledo."

DR. KING: "Vês alguma vez a Mabel, e a tua irmã, ela está contigo?"

SRA. KING: "Sim, vejo a Mabel frequentemente. Estão ambas comigo."

DR. KING: "Tentarás obter uma mensagem para mim da Mabel para o pai dela, ou enviá-la para ele?" **SRA. KING** (novamente dando palmadinhas no ombro do Doutor) diz: "Eu amo-te, querido."

DR. KING: "Sim, eu sei que amas."

SRA. KING: "Adeus."

DOUTOR: "Adeus, querida."

[**NOTA:** — May Donna estava um pouco abaixo da altura média — tinha cabelos dourados e caracóis — fitas douradas em volta da cabeça e pescoço, e braços nus, e usava roupagens fluidas.]

(Aparece agora uma forma de um homem idoso com uma longa e farta barba branca, que parecia ser familiar a todos os assistentes, e foi saudado por eles como Dr. Sharp, que é o alegado guia da Sra. Wriedt.)

DR. KING: "Boa noite, Dr. Sharp, folgo em encontrar-vos outra vez."

DR. SHARP: "Folgo em ver-vos aqui." **DR. KING:** "Sempre folgo em ver-vos e encontrar-vos."

DR. SHARP: "Eu sou o guia da Sra. Wriedt, que em breve cruzará o oceano por algum tempo, e não terei tão cedo a oportunidade de vos encontrar outra vez. Queria passar para dizer que aqueles que partiram estão todos em simpatia com o vosso trabalho; e eles ajudar-vos-ão todo o tempo."

DR. KING: "Agradeço-vos muito."

DR. SHARP: "A Sra. King é um membro do meu grupo, e todos nós trabalhamos para vós."

DR. KING: "Compreendo."

DR. SHARP: "Há muitos outros que desejam aparecer, por isso devo ir agora", e desapareceu então da vista.

GRAY FEATHER: "Eu faço como disse: eu trago elas como eu disse que faria."

DR. KING: "Sim, Gray Feather, e eu agradeço-te."

Estado de Ohio, Condado de Lucas, E.U. (Assinado) MINNIE NOBLE, Estenógrafa. Assinado e jurado perante mim, um notário público no e para o Condado de Lucas, Ohio, em Toledo, neste 20.º dia de abril de 1912. (Assinado) A. H. PEITER, Notário Público.

[**NOTA:** — O aparecimento anterior do Dr. Sharp é um de vários referidos no artigo anexo, que apareceu na "Light", de Londres, Inglaterra, mais de três anos depois. J. S. K.]

"A VOZ DIRETA. UMA CORRELAÇÃO."

PELO VICE-ALMIRANTE USBORNE MOORE. *(Da "Light", de 10 de julho de 1915.)*

"A melhor evidência que pode ser apresentada da existência e identidade de um espírito é fornecida por correlações, i. e., quando um espírito é capaz de se manifestar num lugar e depois dizer a alguém noutro lugar, através de outro médium, onde esteve e o que disse ou quem estava presente. Quando isto ocorre em dois países diferentes com diferentes assistentes é mais satisfatório do que quando ocorre apenas em duas cidades do mesmo país ou para o mesmo assistente. Experimentei estas correlações muito frequentemente nos Estados Unidos e três ou quatro vezes entre os Estados Unidos e a Inglaterra. Não consigo, porém, lembrar-me de ter tido alguma vez um exemplo tão nítido ou convincente como aquele que vou agora relatar.

Em dezembro de 1914, o Editor da *Light* recebeu uma carta do Dr. John S. King, o bem conhecido médico e investigador psíquico em Toronto, Canadá, dizendo-lhe que o 'Dr. Sharp', o guia espiritual, ou 'controlo', da Sra. Wriedt, falara com ele e outros em certas reuniões em Toronto em novembro. Ninguém conhece melhor do que o Dr. King as regras do jogo. Ele não revela detalhes; apenas menciona um item da conversa de 'Sharp' — que este o visitara primeiro numa noite em que ele (Dr. King) proferira uma palestra, quando ele 'veio de Dover'.

Anexo à carta estava alguma evidência corroborativa de um dos presentes nas sessões de Toronto e uma narrativa, também testemunhada, de uma sessão com J. B. Jonson em Toledo, Ohio, na qual o 'Dr. Sharp' se materializara e falara com ele. As senhoras da sociedade em Toronto (não nomeadas) estavam muito interessadas e tinham pedido ao Dr. King para escrever para Inglaterra e apurar se o 'Dr. Sharp' corroboraria o facto de ter visitado o círculo delas; era sabido por alguns que a Sra. Wriedt estava em Inglaterra.

O Editor esperou algumas semanas por uma oportunidade de ver a Sra. Wriedt. Não tendo ocorrido nenhuma, escreveu-me a 13 de fevereiro, perguntando se eu investigaria o assunto. Recebi esta nota, anexando a carta do Dr. King, ao pequeno-almoço de domingo, 14 de fevereiro, no meu clube, percorri-a, coloquei-a no bolso e, imediatamente após o pequeno-almoço, fui ter com a Sra. Wriedt, com quem tinha um encontro às 10:15. Não mencionei as cartas à Sra. Wriedt.

Em poucos minutos fomos para a sala de sessões.

O 'Dr. Sharp' logo deu a conhecer a sua presença e o seguinte colóquio teve lugar: —

PERGUNTA: 'Esteve no Canadá nos últimos três meses?'

RESPOSTA: 'Quer dizer ao "Paul"?' ('Paul' é o pseudónimo de um cavalheiro canadiano que contribuiu com esse nome para a *Light* e que é conhecido por mim e pelo 'Dr. Sharp'.)

P.: 'Não, a outra pessoa.'

R.: 'Fui ter com o Dr. John King numa sessão onde havia um médium-homem para a voz. Desejo que escreva ao Dr. King e lhe diga da minha parte que esse médium

é perfeitamente genuíno. Várias pessoas estavam lá; entre elas a Sra. Calvert e a Sra. Sales — (soletrando)

CALVERT.' **P.:** 'Como soletra "Sales"?'

R.: 'Esqueci-me. Atravessámos uma ponte para chegar à sala de sessões. Foi em Toronto, Canadá. As pessoas perguntaram pela Sra. Wriedt e perguntaram por si. Estavam ansiosas por saber se era eu a falar e queriam que isto fosse confirmado em Inglaterra. Diga ao Dr. King que a mulher dele falou com ele, e a filhinha dele estava sentada no colo dele.'

P.: 'Pode dar a data?'

R.: 'Não; não me consigo lembrar de datas.'

P.: 'Manifestou-se ao Dr. King através de J. B. Jonson em Toledo?'

R.: 'Certamente que sim, e através de outros médiuns. Estou muito satisfeito por encontrar o Dr. King, pois ele fez tanto pela causa. Desejo que diga ao Dr. King que eu fui a primeira pessoa a introduzir mediunidade fenomenal no Canadá.'

(O 'Dr. Sharp' não ofereceu nada voluntariamente sobre uma lição ou uma palestra.)

Na manhã seguinte tive oportunidade de falar com o 'Dr. Sharp' outra vez. Disse: 'O papel de Toronto dizia que disse às pessoas que tinha vindo de Dover. Qual é o significado disto? É um erro?'

'Erro nenhum', respondeu ele, enfaticamente. 'Eu estava em Dover, ou perto de Dover, num navio-hospital, a cuidar dos feridos. Eu andava a pairar entre Southampton, Folkestone e Dover nos navios-hospital, e estava mais perto de Dover na altura em que parti para visitar o Canadá.'

Tudo isto foi enviado ao Dr. King em Toronto e, com o tempo, ele enviou-me um relato das suas sessões. Uma delas foi a 18 de novembro, quando o 'Dr. Sharp' o informou de que viera pela primeira vez de Dover na noite da palestra do Dr. King, 14 de novembro. O Dr. King prossegue dizendo:

'A 19 de novembro de 1914, realizou-se uma sessão na casa do Sr. e Sra. Julian Sales em Rosedale, uma parte residencial da cidade, pelo mesmo médium, e vinte e seis assistentes estavam presentes, incluindo a Sra. Calvert. A fim de irmos para esta sessão tivemos de atravessar uma ravina, com uma estrada por baixo à distância de 120 pés. Eu perguntei pela Sra. Wriedt, e perguntaram por si pela Sra. Calvert e, creio, por um outro.' (Os itálicos são meus.)

A falta de espaço impede-me de citar a totalidade da interessante carta do Dr. King para mim, mas ele menciona que a sua falecida esposa de facto falou com ele nesta e em todas as suas outras sessões, que a presença da sua filha foi sentida por ele, e que o médium era um médium-homem para a voz direta, um Sr. Burroughs, que foi colocado sob as mais estritas condições de teste.

Nunca estive em Toronto. Embora tenha ouvido falar dele por W. T. Stead e outros, ainda não tive o prazer de conhecer o Dr. King e não me recordo de alguma vez ter ouvido ou visto o nome de Calvert, em ligação com assuntos canadianos, antes deste incidente. A Sra. Wriedt conhece Toronto e conhece o Dr. King e a Sra. Calvert, mas não soube das sessões de novembro até à minha conversa com o 'Dr. Sharp' a 14 de fevereiro; e, mesmo que soubesse, isso não explicaria a enunciação alta e clara do 'Dr. Sharp' nesse dia num apartamento em Londres. Nada é mais certo do que o facto de o 'Dr. Sharp', embora trabalhando com e assistindo a Sra. Wriedt, ser uma personalidade independente."

CAPÍTULO XXVI

Para mim, esta sessão foi mais realista do que a anterior, pois pareci ver e ouvir com muito mais clareza do que na primeira sessão pública, embora não tão bem como na série de novembro. Quando a minha esposa espiritual se colocou na abertura das cortinas, na porta da sala chamada gabinete, tomei a minha posição à sua esquerda, e ela perto do meu ombro direito; e vi-a trazer a nossa filha espiritual para perto do seu lado direito. Eu estando assim, e a minha estenógrafa oposta a mim, permitiu que ela escrevesse pela luz na parede oposta, e ainda assim não impediu que os seus raios ligeiramente sombreados ou diminuídos caíssem diretamente sobre as formas que se apresentavam.

Conforme a nossa conversa prosseguia, e parecia tão fiel à vida, os meus pensamentos reverteram para os torrões de terra a cair sobre o caixão no túmulo, contendo o corpo corruptível; enquanto eu estava na presença viva da minha amada, que assumira o corpo transitório e exibia o seu duplicado vivo, com semelhança espelhada de feições e voz familiar, para esta ocasião; e depois conversava comigo, como em casa, para provar a sua personalidade humana. A sua forma todos podiam ver, e a sua voz todos podiam ouvir; e tendo vivido a vida mortal, ela entrara na espiritual e contudo estava aqui presente comigo. E assim descubro que a experiência da vida, conforme amadurecida pela idade, não faz senão verificar as primeiras intuições dos meus dias de infância. (Ver Capítulo I.)

O pensamento apresenta-se agora com muita força de que a vida mortal é curta, e apenas um tempo de preparação para a aperfeiçoadora, conhecida como a imortal. Como lidei tão recentemente com a sua apresentação aos meus sentidos normais, conforme se encontra no Capítulo XX, concluirei esta introdução ao relatório da Estenógrafa, dirigindo especial atenção a uma matéria probatória muito forte de momento mais do que passageiro. Enquanto eu estava a ouvir a sua linguagem, e a ver o seu sorriso plácido de satisfação, e também a falar com a minha filha, senti os dedos de May a puxarem o meu alfinete de gravata; e os olhos dela dirigidos para ele. Parecia como se ela estivesse a tentar testá-lo, se estava preso com segurança ou não, pois no passado dia 12 de novembro, na primeira sessão com a Sra. Wriedt, a médium de trombeta, ela pediu-me decididamente para transformar o seu anel de diamante único

num alfinete de gravata; mas para ter a certeza de usar um alfinete de "segurança" para não o perder.

Novamente, na quarta sessão da série, realizada em casa de Jonson a 15 de novembro de 1911, a estenógrafa relatou o que aqui se segue, a saber: "O diamante quero que, assim que fores para casa, o faças montar como um alfinete de gravata. Tem cuidado e vigia onde o levas, compreendes? e quando o usares, tornar-se-á mais fácil para mim aproximar-me de ti." (Ver Capítulo XVI, n.º 11.) Estes factos ela retivera na memória (ela e ninguém mais) e agora procurava satisfazer-se pela razão, e pelo exame, da segurança ou proteção da fixação do alfinete. Quando viu que estava tudo seguro, e usado conforme ela pedira, olhou-me nos olhos e disse: "Tu costumavas ter tanto orgulho em mim, quando eu o usava, e por isso estou muito contente por saber que o usas agora."

RELATÓRIO DA ESTENÓGRAFA.

Toledo, 15 de abril, 1912. *(Relatório de conversas mantidas, ou de palavras proferidas em casos indicados na Sessão de Jonson.)*

GRAY FEATHER (que alegadamente fala através dos órgãos vocais do Sr. Jonson), após saudar outros membros do círculo, diz: "Eu contente ver grande Homem da Medicina aqui."

DR. KING: "Obrigado, Gray Feather, eu folgo em estar aqui também."

Aparecem agora duas formas que se afirma serem a esposa e a filha espirituais do autor.

SRA. KING: "Estou tão contente por te ver esta noite, Johnnie querido."

DR. KING: "Ora, tu pareces estar tão bem; e May Donna, tu estás aqui também!"

MAY DONNA: "Sim, papá."

SRA. KING: "Parece que—"

DR. KING: "Sim."

SRA. KING: "Parece que o meu amor cresce cada vez mais terno desde que nos partimos, meu querido Johnnie. Quão felizes seremos quando chegar a altura, quando vieres comigo."

DR. KING: "Tenho sentido a tua falta."

SRA. KING: "E, meu querido Johnnie, quero que tenhas tudo pronto, para que estejas preparado quando eu vier por ti." **DR. KING:** "Sim, mas tenho mais trabalho a fazer ainda?"

SRA. KING: "Sim, é isso que eu quero que faças. Eu amo-te tanto. Foste tão bom para mim durante a minha doença."

DR. KING: "Não mais do que devia ter sido."

SRA. KING: "Se não tivesses sido tu a agarrar-te a mim, eu nunca teria vivido tanto tempo como vivi."

DR. KING: "Eu sei, minha querida."

SRA. KING: "Não importa, meu querido Johnnie, haverá uma altura em que nos encontraremos, para nunca mais partirmos."

DR. KING: "Sim."

SRA. KING: "Estou tão contente por teres vindo, Doutor."

DR. KING: "Minha amada! Estou tão encantado que sejas capaz de vir tão cedo e fazer tão bem."

SRA. KING: "Sim, quero que me dês força."

DR. KING: "Tira toda a força que puderes de mim. Diz-me como te posso ajudar."

(Aqui ela notou o alfinete usado pelo Dr. King feito a partir do anel da Sra. King.) "Costumavas ter tanto orgulho em mim quando eu o usava."

DR. KING: "É verdade, tinha. Virás outra vez antes de eu deixar Toledo, não virás?"

MRS. KING (virando-se para a estenógrafa): "E quero agradecer-te, e quero que tu (olhando para o Doutor) sejas bom para ela. Faz tudo o que puderes por toda a gente. Ganharás uma estrela na tua coroa por isso, meu caro Johnnie."

[NOTA: — Antes de deixar o Doutor, mostrou o seu afeto caloroso dando-lhe leves palmadas no ombro, alisando-lhe o cabelo com os dedos e beijando-o audivelmente, duas vezes na bochecha direita; despediu-se e desapareceu da vista.]

A forma seguinte que apareceu para o Doutor afirmou ser a do seu pai.

DR. KING: "Fico tão contente por te ver, pai."

STEPHEN KING: "Tentei tanto falar contigo."

DR. KING: "Estás a sair-te bem pela primeira vez." (Primeira vez com Jonson.)

STEPHEN KING: "Esta não é a primeira vez que tentei; é a primeira vez que consegui, na sessão de Jonson."

DR. KING: "Estou tão orgulhoso disso."

STEPHEN KING: "Isso dá-me mais confiança."

DR. KING: "Voltarás."

STEPHEN KING: "Tentarei."

DR. KING: “Adeus, adeus.”

Estado de Ohio, Condado de Lucas, EUA.
(Ass.) MINNIE NOBLE,
Estenógrafa.

Subscrito e jurado perante mim, notário público no e para o Condado de Lucas, Ohio, em Toledo, neste dia 20 de abril de 1912.

(Ass.) A. H. PEITER,
Notário Público.

CAPÍTULO XXVII

Fui novamente honrado, como em novembro passado, com um convite da “Sunflower Class”, e assim a terceira sessão da série de abril realizou-se em excelentes condições. A razão desta cortesia, como expliquei da última vez, deveu-se ao facto de eu ser um oficial da Sociedade Canadiana de Pesquisa Psíquica; e as condições certamente me favoreceram espeeialmente desta vez, pois além da minha própria guia Hipácia, da minha esposa espiritual May e da minha filha, estavam também presentes a minha mãe espiritual Margaret P., que veio em companhia do meu pai Stephen King, que anteriormente viveu comigo em Toronto. Além destes estavam outros três: um Sr. Hill, o rapaz silencioso, e um terceiro que se chamou MacDonald, e dois não reeonheeidos.

A sala iluminada foi alterada mais frequentemente, no grau de luz, do que anteriormente, e observou-se espeeialmente que quando espíritos mais avançados vinham, quanto mais avançados eram mais brilhante era a luz, enquanto alguns necessitavam do estágio mais esuro para formar o seu corpo e mover-se. Todos pareciam sentir uma boa condição de harmonia; e foi talvez singular que as formas aparecessem por um tempo mais longo.

Os assuntos evidenciais mais importantes aqui anotados referem-se às promessas que foram feitas por Hipácia e pela minha esposa em várias ocasiões a respeito da sua aparição comigo, e com outras formas espirituais, nas placas fotográficas que são prometidas num futuro não distante. Isto foi novamente mencionado nesta aparição, e foi expressado um forte desejo de fazer disto um grande sucesso para fins evidenciais.

RELATÓRIO DA ESTENÓGRAFA

Toledo, 16 de abril de 1912.

(Relatório de conversas mantidas ou de palavras pronunciadas nos casos indicados na sessão de Jonson.)

GRAY FEATHER: Saúda a reunião.

PARTICIPANTES: “Como está, Gray Feather?”

GRAY FEATHER: “Eu estou bem. Eu falo com o grande Homem da Medicina. Eu fico triste porque o grande barco (Titanic) afundou. Eu falei com ele (Stead) muitas vezes. Eu estive muitas vezes na cabana dele.”

(Refere-se ao desastre do Titanic, e à morte de Stead; e a falar através do trompete na casa de Stead.)

DR. KING: “Sim, Gray Feather, é verdade.”

GRAY FEATHER: “Ele vem para onde eu estou. Isso não é triste. Há muito trabalho para fazer. Ele não terminou o trabalho. Isso é que é triste. É mau quando não se termina aquilo que se faz.”

A forma seguinte que aparece anuncia-se como a Sra. King, esposa do Doutor. Ela passa a mão pelo cabelo do Doutor e beija-o. Ele dá-lhe uma rosa e pergunta-lhe se gostaria de algum perfume que ele havia comprado anteriormente para ela, mas que ela nunca recebeu por ter falecido nessa altura.

MRS. KING: “Como costumavas dar-me?”

DR. KING: “Sim. Devo trazê-lo comigo? Tenho-o aqui no hotel.”

MRS. KING: “Sim… Quero que tenhas uma fotografia minha como eu estou, em Chicago.”

DR. KING: “Sim.”

MRS. KING: “Tentarei vir com alguns dos guias.”

O Dr. King pergunta então à Sra. King se ele enviará uma rosa para May Donna, e ela responde: “Deixa-a vir buscá-la. Isso ensina-a a crescer mais. Cada vez que vens parece dar nova força.”

Aparecem agora duas formas que afirmam ser o pai e a mãe do Dr. King. O Doutor não reconhece de início o seu pai, que continua a puxar-lhe a manga do casaco para atrair a sua atenção. Não há muita conversa, mas a forma que afirma ser o pai do Doutor indica que aprova o trabalho em que o Doutor está agora envolvido, e o Doutor agradece-lhe. Depois de a Sra. King (mãe do Doutor) receber uma rosa cor-de-rosa do Doutor, desaparecem da vista.

Aqui aparece uma forma afirmando ser May Donna, filha do Doutor. Ela saúda o Doutor como “Papá”.

DR. KING: “E vieste sem a tua mãe esta noite?”

MAY DONNA: “Sim.”

O Dr. King oferece-lhe uma rosa, que depois de receber estende para a estenógrafa cheirar.

DR. KING: “Cantarás para nós esta noite?”

MAY DONNA: “Não creio que consiga esta noite, papá. Tentarei outra vez, mas não esta noite. Estou tão feliz… E esta menina está a ajudar-te tanto” (virando-se para a estenógrafa).

DR. KING: “Ia pedir à tua mamã que enviasse uma mensagem para Minnie, a governanta que cuida de mim.”

MAY DONNA: “Sim… O teu guia Hipácia está aqui. Adeus.”

E ela desaparece. Também beijou o Dr. King.

Aparece agora a forma que afirma ser o guia do Dr. King. Está vestida com roupas brancas, decote baixo e mangas curtas (traje grego). Caminha até ao meio da sala, faz uma reverência a todos e retira-se atrás das cortinas, onde mantém conversa com o Doutor. É acompanhada por uma forma algo semelhante, que também afirma ser um guia.

HIPÁCIA: “Quero que dês à tua querida esposa toda a força que puderes.”

O Dr. King oferece a Hipácia uma rosa, que ela leva consigo.

HIPÁCIA: “Com as tuas fotografias terás sucesso.”

DR. KING: “Sim, sim.”

HIPÁCIA: “E nós apareceremos.”

Ela desaparece então da vista.

Aparece agora uma forma que diz chamar-se MacDonald.

MACDONALD: “O bom livro que estás a escrever interessa-me. Tenho grande interesse em tudo o que é bom. Ajudar-te-ei em tudo o que puder. Creio que podemos ser de grande ajuda.”

Aparece agora uma forma que, quando o Doutor pergunta se é Hill, uma pessoa conhecida do Doutor em assuntos de negócio, diz que sim.

DR. KING: “Então tenho uma mensagem para si. Pode levá-la e lê-la e dar-me a sua resposta antes de eu deixar Toledo?” (Entrega-lhe um papel.)

MR. HILL: “Tentarei, se for possível.”

Ao todo houve oito formas que apareceram para o Doutor, uma das quais era um rapazinho que ele não reconheceu.
(Veja-se Capítulos XII, XIV e XXXI.)

Estado de Ohio, Condado de Lucas, EUA.
(Ass.) MINNIE NOBLE,
Estenógrafa.

Subscrito e jurado perante mim, notário público no e para o Condado de Lucas, Ohio, em Toledo, neste dia 20 de abril de 1912.

(Ass.) A. H. PEITER,
Notário Público.

CAPÍTULO XXVIII

As condições nesta, a quarta e última sessão da série de abril, foram muito harmoniosas e mais interessantes e importantes do que quaisquer das anteriores da série. Estavam presentes vários guias dos participantes e bastantes manifestações; e todos os doze participantes pareceram ter provas que lhes foram satisfatórias.

O canto da minha filha foi previsto em 20 de fevereiro de 1912 pela sua mãe, May, numa mensagem escrita através da escrita automática de um médium: "A nossa filha tem o poder do canto; e disseram-me que mais tarde virá a ti… e a sua voz tornar-se-á audível para ti." A própria May Donna prometeu igualmente na primeira sessão da presente série, realizada na noite de 11 de abril, assim como a sua mãe May, que cantaria para mim antes de eu deixar Toledo.

Durante a presente sessão, relatada estenograficamente, tive a alegria e satisfação do cumprimento da previsão de May e da promessa de May Donna, quando esta saiu sozinha do gabinete para o círculo e cantou muito docemente a conhecida peça que é relatada pela estenógrafa.

O meu irmão, David Williams King, escreveu também através do médium de Nova Iorque no dia 10 de abril de 1912 para dizer: "Quando estiveres lá na casa de Jonson, por favor procura-me, e também o pai Stephen", e quando segui a sugestão encontrei novamente o cumprimento da previsão, e foi isto que o meu irmão, de pé no seu corpo transitório, me disse:

"É com grande prazer que volto a ti. A morte não termina tudo."

Embora o pai estivesse presente com o meu irmão — como este havia previsto anteriormente — não gastou tempo a falar, evidentemente porque a força era necessária para o canto da minha filha, a primeira tentativa de materialização de William T. Stead e outras manifestações para outros participantes.

Quanto a May, ela está sempre em evidência, como qualquer pessoa que siga o seu percurso nos vários registos recentes pode verificar.

Mais uma vez afirmo, e não temo contradição bem-sucedida, que tudo o que precede é mais prova apresentada para sustentar a minha tese de que a continuidade é um facto e que o regresso dos espíritos já não pode ser contestado; e que aqueles que podem ver e ouvir podem fazer como eu fiz e convencer-se por si próprios, tal como eu me convenci.

Como de costume, conservei para publicação apenas os meus próprios casos de matéria evidencial satisfatória e contínua, todos culminando numa demonstração extraordinária do poder espiritual, que, embora pertença a este capítulo, será apresentada como continuação da sessão, mas integrada no Capítulo XXX, em ligação com as comunicações associadas alegadamente assinadas e enviadas por W. T. Stead. (Veja-se Capítulo XXX, inteiramente dedicado a ele. Veja-se também Capítulo XXXI e os restantes.)

Esta sessão, realizada em 18 de abril de 1912, terminou com esta manifestação súbita e a sua dissolução.

RELATÓRIO DA ESTENÓGRAFA

Toledo, 18 de abril de 1912.

(Relatório das conversas mantidas ou palavras pronunciadas nos casos indicados na sessão de Jonson.)

GRAY FEATHER (que alegadamente fala através dos órgãos vocais de Jonson) saúda a reunião.

CÍRCULO: "Como está, Gray Feather!"

A forma reaparece afirmando ser a esposa do Dr. King. Ele pergunta-lhe se enviará uma mensagem para Minnie, a governanta na sua casa em Toronto. Ela responde:

"Dá-lhe o meu amor e diz-lhe como eu vim e como falei, querido Johnnie. Diz-lhe para não se preocupar comigo, que estou feliz, e que só me atrasa quando se preocupam comigo."

Aqui o Dr. King pergunta à forma presente se ela pode levar o seu anel e devolvê-lo num futuro próximo, ao que ela responde:

"Vou tentar."

DR. KING: "Isto é para 'Babe'", e coloca o anel no dedo.

MRS. KING: "Sim, querido Johnnie."

DR. KING: "Não trouxe o perfume. Era tão incómodo; pensei que te deixaria levar o meu anel. Leva-o e devolve-mo noutra altura."

DR. KING: "May Donna vai cantar para nós esta noite?"

MRS. KING: “Sim. (Virando-se para a estenógrafa) Agora quero que registres cada palavra. Ela canta lindamente.”

MRS. KING (para o Dr. King): “Não quero que fiques tanto tempo afastado. Quero que venhas para que possamos falar. Quando terminares o teu livro, quero que venhas para me dares uma oportunidade de me desenvolver. Quero que vás a médiuns em qualquer lugar para que eu possa falar contigo.”

(Aqui diz que voltará novamente e com um “Adeus” desaparece.)

Aqui aparece a forma que afirma ser Hipácia, o guia do Doutor. Caminha para o círculo, faz uma reverência e retira-se parcialmente atrás da cortina, onde mantém a seguinte conversa:

“Temos agora uma certa porção de força que é necessária para as fotografias, e penso que agora, com a vibração como está, este seria o melhor momento para ires tirar as fotografias — penso por volta de sábado, pois a força está muito forte no presente, e temo que se participares em muitos mais círculos não consigas obter os resultados que agora poderias obter.”

DR. KING: “Percebo. Quero fazer-lhe uma pergunta. O Sr. Stead poderá vir esta noite e falar?”

Hipácia dá a entender que não o pode dizer com certeza.

O Dr. King pergunta então se deverá tornar públicas as mensagens que recebeu do Sr. Stead e ela responde: “Não diga nada até que tudo apareça no livro.”

DR. KING: “Muito bem.”

HIPÁCIA: “E quero que dês à tua esposa toda a força que puderes, pois sabes como ela e tu gostavam de estar juntos.”

DR. KING: “Bem, e como poderei?”

HIPÁCIA: “Quero que lhe dês toda a oportunidade de voltar, pois sabes que isso é tudo o que lhe importa.”

DR. KING: “E devo partir no sábado e ir para Chicago?”

HIPÁCIA: “Sim, sim, e todos os outros estarão lá. Tudo será satisfatório para ti quando lá chegares.”

DR. KING: “Isso é bom.”

HIPÁCIA: “Pois tenho as coisas assim dispostas… Não poderei fazer e explicar as coisas como o farei quando chegar a Chicago contigo. Lá mostrar-te-ei tudo claramente, para que possas compreendê-lo e pô-lo logo por escrito.”

DR. KING: “Sim, mostrar-te-ás aos outros mais uma vez?”

HIPÁCIA: “Falarei contigo ou escrever-te-ei, e não quero que te mantenhas afastado de algum médium de quem ouvirás falar; penso que ela (a Sra. King) voltará esta noite, visto que não estarás aqui outra vez. Boa noite.”

Aqui aparece uma forma que afirma ser May Donna, filha do Doutor, e saúda o Doutor como “Papá”, avançando para o círculo.

MAY DONNA: “A mamã está aqui esta noite.”

DR. KING: “Mãe e filha.”

May Donna, tendo avançado até ao interior do círculo, canta agora:

“Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Todo-Poderoso,
Todas as Tuas obras louvarão o Teu nome
Na terra, no céu e no mar,” etc. (Todo o hino.)

MAY DONNA: “Não é isto grandioso esta noite?”

O Dr. King apresenta aqui a Sra. King a um conhecido, que diz: “Fico satisfeito por a conhecer.”

May Donna e a Sra. King beijam ambas o Doutor King.

MAY DONNA: “A mamã e eu estaremos mesmo contigo quando fores embora”, e as duas formas desaparecem.

Aparece agora uma forma que afirma ser David (David Williams King), irmão do Dr. King. O Dr. King saúda-o e diz:

“Direi ao Sam que estiveste aqui e que falámos.”

IRMÃO: “Sim, sou o teu querido irmão.”

DR. KING: “Irás aparecer na fotografia?”

IRMÃO: “Tentarei.”

DR. KING: “Sim.”

IRMÃO: “É com grande prazer que volto a ti. A morte não termina tudo.” (Aqui a forma desaparece da vista.)

Mesmo antes do encerramento da sessão, apareceu uma forma que avançou até ao meio da sala com os braços estendidos. Vários dos participantes alegaram que era a forma do Sr. W. T. Stead, que recentemente se afogara. Depois de chegar ao centro da sala na direção do Dr. King, recuou lentamente para as cortinas e desapareceu.

(Durante a sessão apareceu uma forma que não foi reconhecida pelo Doutor, sendo a de um homem.) Veja-se o Capítulo XXXI, 19 de junho de 1912.

Estado de Ohio, Condado de Lucas, EUA.
(Ass.) MINNIE NOBLE,
Estenógrafa.

Subscrito e jurado perante mim, notário público no e para o Condado de Lucas, Ohio, em Toledo, neste dia 20 de abril de 1912.

(Ass.) A. H. PEITER,
Notário Público.

TESTEMUNHO CORROBORANTE A RESPEITO DA MÃE DO AUTOR, TAL COMO RECEBIDO DE UMA AMIGA.

"TORONTO, 24 de julho de 1912.

"CARO DOUTOR KING:

O que lhe escrevo já lho comuniquei antes, e a isso me referi muitas vezes, e falei disso com outras pessoas, mas como me pediu a minha declaração escrita dos factos, dou-lha tal como me impressionou profundamente há anos e tal como ficou na memória. Espero que desculpe a minha redação, e como o que quer são os factos, vou apresentá-los corretamente.

Enquanto passava duas semanas de férias, no mês de agosto de 1901, no encontro espiritualista realizado em Lily Dale, Estado de Nova Iorque, numa noite assisti a uma das sessões de materialização da Sra. Effie Moss. Depois de várias formas materializadas terem aparecido e sido reconhecidas pelos seus amigos, fui chamada ao gabinete e fui, perguntando-me quem poderia ser que me queria. Esperei talvez um minuto, quando as cortinas se abriram, e ali estava uma senhora imponente que eu não reconheci.

Ficou a olhar para mim durante vários segundos, passando primeiro a mão por uma das mãos e depois pela outra, como qualquer pessoa faria ao calçar luvas de pelica. Observei os seus movimentos e perguntei-me por que razão não falava. Pensei talvez que não pudesse falar antes de eu lhe falar. Então disse: há algum problema com as suas mãos?, pois só conseguia ver as pontas dos dedos, já que trazia mitenes de renda branca. Ela disse que não, estendeu a mão para me cumprimentar e disse:

'Como está, Sr.ª Donaldson? Sou a Mãe King, mãe do Dr. John S. King, de Toronto, Canadá.'

Então eu disse: 'Oh, certamente, tenho muito prazer em conhecê-la e dar-lhe as boas-vindas aqui.' Ela voltou a falar e disse: 'Sim, estou muito satisfeita por conhecê-la, e quero que me observe bem, para que possa dizer ao meu rapaz, e ele saberá que era eu.'

Passou a mão por um lado da cabeça várias vezes, o que me chamou a atenção, e vi uma mancha escura ao lado da testa, perto da têmpora.

Fez-me então esta pergunta: ‘Levará uma mensagem ao meu rapaz? Ele tem fome deste conhecimento a meu respeito.’

Disse-lhe que teria muito prazer em levar-lhe qualquer mensagem que ela me desse. Ela disse: ‘Diga-lhe que ontem, depois de saber que estava em Lily Dale, ele entrou no seu gabinete, sentou-se na sua cadeira e disse: “Mãe, se estás aqui agora, queres fazer o favor de ir a Lily Dale, encontrar a Sr.ª Donaldson e enviar-me uma mensagem por intermédio dela?” Diga ao meu rapaz, quando regressar a casa, que eu estava lá, ao lado dele, quando falou, e diga-lhe que parti imediatamente para Lily Dale e tive bastante dificuldade em encontrá-la; mas como ouvi dizer que ia assistir a este círculo esta noite, vim, e aqui estou.’

Ela deu-me outras mensagens para lhe transmitir quando regressasse a casa.

Quando cheguei a casa, mandei-lhe dizer que viesse ver-me, o que fez, como certamente se recorda. Foi isto que me disse quando veio: ‘Esteve em Lily Dale. Pergunto-me se me trouxe alguma mensagem.’ Eu disse-lhe que tinha algumas mensagens para si da sua mãe. Primeiro fiz-lhe a pergunta: ‘Num certo dia, enviou um pensamento, ou pediu à sua mãe que fosse a Lily Dale, me encontrasse e me enviasse uma mensagem por meu intermédio?’ O senhor disse: ‘Pedi.’ Então contei-lhe como a sua mãe se tinha materializado e me dera uma mensagem para si, e que me pedira que lha entregasse.

Perguntei-lhe se sabia por que motivo a sua mãe usava aqueles mitenes de renda nas mãos. O senhor exclamou então: ‘Era certamente a Mãe, pois ela tinha reumatismo nas mãos, as articulações estavam inchadas; usava sempre mitenes ou luvas nas mãos quando recebia visitas, por causa das articulações deformadas.’

Perguntei-lhe ainda o que queria dizer o gesto de passar a mão pelo lado da cabeça, e a nódoa negra ali, e o senhor disse-me que ela tinha caído pelas escadas da adega, batendo com a cabeça contra a parede de pedra, o que causou a sua morte antes da manhã seguinte; tudo isso era novidade para mim, pois nunca ouvira a causa da sua morte.

Com sinceridade,

(Ass.) M. A. DONALDSON.”

MATÉRIA EVIDENCIAL RELATIVA À HISTÓRIA DA FAMÍLIA, E TODOS OS NOMES E GRAUS DE PARENTESCO CORRETAMENTE INDICADOS.

No *The Progressive Thinker*, publicado em 20 de julho de 1912, em Chicago, e do qual sou assinante, encontrei a seguinte mensagem destinada a mim, nas colunas dedicadas a mensagens que chegam através da médium Maggie Waite e são publicadas semanalmente, a saber:

“PARA O DR. JOHN S. KING, de Toronto, Canadá. — Sou o Avô Hess, e trago comigo a sua avó Alice Taylor King e o marido dela, James. Ele diz que ela está muitas

vezes com Stephen e Margaret — isto é, o seu pai e a sua mãe. Visitamo-los a todos na terra, tal como nos visitávamos uns aos outros na vida terrena. Fico satisfeito por John estar empenhado no bom trabalho que está a fazer. Ele conhecia a verdade há muitos dias, mas teve de esconder a sua luz durante muito tempo debaixo do alqueire, mas agora tudo está harmonioso, e eu entro muitas vezes em tua casa com o resto dos amigos que aqui estão.

Pensei simplesmente em passar por este lugar e enviar-vos a todos umas poucas palavras. Não pensem que estou ocioso nesta vida. Estou mais ocupado do que estava na vida terrena, e o Papá Hess foi sempre considerado uma pessoa ativa e ocupada. Pois bem, Toronto despertou nestes últimos quinze anos. A verdade insinuar-se-á em toda a parte sem pedir licença a ninguém. O resto da família está aqui comigo, mas nesta ocasião sou eu o porta-voz, e os outros poderão vir noutra altura e falar por si próprios. Adeus por agora, mas continuem a trabalhar pela verdade."

[NOTA: — Já reconheci perante o *The Progressive Thinker*, e agora faço-o perante os leitores do meu livro, a exatidão dos nomes e dos graus de parentesco de todos os que são mencionados na mensagem. O trabalho a que ele alude é evidentemente a preparação para publicação deste livro. Também fala verdade quando diz que eu conhecia a verdade há muitos dias, mas tive de esconder a minha luz durante muito tempo debaixo do alqueire.

Também é verdade que toda a gente lhe chamava Papá Hess há mais de sessenta anos. Ele e as ligações da sua família eram amplamente conhecidos como Lealistas do Império Unido. Devem passar quase sessenta anos desde que transitou para as esferas espirituais, depois de uma vida mortal de 97 anos. Que hipótese poderá melhor explicar todos os factos tal como são apresentados? A mim parece-me que é a hipótese espiritual, pois não vejo como se possa ajustar outra aos factos neste caso. J. S. K.]

CAPÍTULO XXIX

[NOTA: — Para apreciar o seu pleno alcance, o leitor deverá parar e ler consecutivamente os Capítulos XII e XXIX. O primeiro é do autor; e o segundo, a resposta, é da sua esposa espiritual. A rima, a gramática, as palavras e as frases são moldadas pelo instrumento (a médium), mas não pelo seu eu normal. Não importa que personalidade se sirva dela, ao ser lido rima e é eufónico:]

Meu amado 'Johnnie'. — É para mim um deleite poder escrever a minha resposta como a Chave que destrancou o mistério.

Quanto às Condições do Acordo Ante Mortem que favoreceram os resultados psíquicos, tenho isto a dizer: recordo-me de tudo, tal como me recordo do dia do nosso casamento; e de toda a felicidade da harmonia humana que tu, meu esposo vivo, me deste.

Ninguém pode transformar-se num tom de pensamento até o desenvolver à sua maneira; e eu nasci com preconceitos fortes, que eram como parte de mim; e como a curvatura de uma árvore, tive de os mudar gradualmente. Pensei em ti como mudado, no amor por mim, e seguindo um mito, e trazendo ao chão os belos trajes da realização erudita e da boa reputação que tinhas conquistado ao longo de muitos anos na tua cidade. Era para mim uma mágoa, uma terrível mágoa, que estivesses inclinado a ir para onde havia enganadores, em toda a tonalidade, tal como os outros falavam e me diziam. Quis arrancar-te ao incêndio; por isso pensei que o melhor era desejar que não fosses, pois acreditava que o amor que tinhas por mim te impediria permanentemente da tua queda. E quando deixaste de ir, senti-me tranquila; e ainda assim perguntava-me se fazia o que era certo, ou se fazia mal, e se era isso o melhor; e se era certo, caso fosse verdade, reter de ti aquilo de que gostavas. Perguntei acerca do assunto em toda a parte, e as sementes que tinhas plantado cresceram em mim, até que, por vontade própria, comecei também a querer saber se vivemos depois da morte.

Pensei que, se isso fosse verdade, o meu rapaz Johnnie e eu poderíamos ambos desfrutar desta verdade; e foi por isso que te pedi que fosses ao centro do pensamento espiritualista; e que fosses capaz, comigo, de ouvir e ver, e em tudo isso te sentires inteiramente livre para dizer: é assim, ou não é; ou não o consigo ver assim, ou esta coisa assim me aparece. Tive o desejo de saber se do céu a minha irmã Gertie e a nossa querida filha poderiam realmente vir e aparecer-nos. Colhi contigo ao longo desta planície aberta e esperei contigo poder também alcançar o próprio conhecimento que seria capaz de nos unir eternamente aos dois.

À medida que a doença veio, agarrei-me com mais força às tábuas da verdade que iam surgindo ao meu alcance para lhes tocar; e assim fui reunindo conhecimento aqui e ali; e, pensando séria e honestamente, disse: se alguma vez eu for levada, farei as coisas que te prometi — voltarei e escreverei, falarei e estarei tanto quanto possível em contacto contigo.

A minha morte foi como um sono repousante; jazia na minha cama e mal compreendi que o destino cortara o fio que me separava do meu único amor, livre da tua bondosa presença, sempre querida, fiel e doce, e sempre perto de mim. Senti-me sozinha, desamparada, sobre uma montanha nua. Não conseguia encontrar contentamento em parte alguma. Amo apenas o meu ‘Johnnie’, diria eu. Não amo as belezas deste modo de viver aqui.

A tua guardiã Electra fica comigo, Saphrona e outra também aqui, Hipácia; a tua mãe, ajudada por muitos que te são conhecidos, passam de mim, querido, agora, para ti; assim tenho deste conhecimento alguns bons confortos, e ganhei em crescimento espiritual, a partir das sementes plantadas por ti. Se eu não tivesse este ‘bendito poder’, não sei o que faria, por estar sozinha deste lado e não voltar para ti. Mas, como é, sou feliz e espero pacientemente até que chegue o teu tempo de te juntares a mim neste segundo estado de vida.

A luz é o meu caminho, a senda é luminosa, e muitas belezas se aglomeram diante da minha vista, e tenho muito que desejo fazer, mas o maior prazer é ir até ti.

Quando soube que estava realmente morta, que aquele corpo querido para mim jazia para sempre silencioso, que toda a porta mortal me estava fechada, e que espírito eu seria para sempre, quão grata fiquei então, meu amado, ao saber que tu, tão honesto no teu amor e tão verdadeiro, eras crente nesta verdade agora luminosa. O que à minha vista parecera um estigma era agora para mim a porta entreaberta; e cânticos angelicais ao longe poderiam ser, se eu pudesse voltar de novo para ti.

"Ele está preparado", disse eu aos anjos próximos, "e ficará jubiloso por ouvir e ver. Dizei-me, pois, como."

Os guardiões ouviram a minha prece e disseram-me que tu também estavas a rezar; e pouco depois foi-me então permitido ir, querido coração, até ti. Eu cresço, apoio-me neste bastão da verdade; para mim ele torna-se mais estável e forte à medida que o tempo passa; e sempre que me é permitido, faço, tanto quanto possível, aquilo que te prometi. Chamo-te "Johnnie Boy", estendo a mão amorosamente para cada flor desta verdade que vais alcançando; e serei alguém que se alegrará com cada mente mortal viva que caminhe pelo trilho espinhoso da crítica e do ódio amargo do preconceito, até que por fim atinjam esta altura que Deus me concedeu; e aprendam a saber que isto é verdade: os seus amigos podem vir a ser capazes de voltar até eles outra vez, e tornar verdadeira a sua personalidade e as suas formas amadas de expressão, para estarem com eles.

Quando esta verdade lhes for conhecida, e as suas leis forem devidamente obedecidas — embora não possamos vir sem ajuda humana — varremos a margem dourada do céu de cada grão de areia da esperança, e entesouramo-lo para iluminar aqueles que ainda permanecem nisto.

O meu marido é-me tão querido como o era na vida terrena. Vivi em dor e aflição. Tudo o que faço lhe é querido, e uso instrumentos sempre que posso, e procuro trazer-lhe ânimo. Tento abrir-lhe o olho e o ouvido espirituais, para que ele, embora ainda na vida, seja um espírito livre, capaz de me sentir, tal como eu, vivendo, posso ser, através do abismo da morte insondado e desconhecido, para muitos homens um terror como um mar poderoso, que lhes tira os amigos para que fiquem escondidos para sempre no seu mistério. Perdidos no túmulo, no sono final, em silêncio para sempre, quantos vivos amorosamente mortos toariam no portal fechado daqueles que horam; e ergueriam o sudário como uma cortina para a margem do céu, e provariam que podem voltar mais uma vez, se os amigos aprendessem a abrir a porta.

Mas quando as hostes de mãos angelicais ajudam a mente iluminada a ver que somos apenas flores transplantadas que crescem em grau mais perfeito; quando os pensamentos, como coisas completas, se tornam; e voltamos para ver os nossos amigos. Quando os homens acreditarem que isto é verdade, quão grande será o benefício, quão novo o bem para todos. Quão superficial então parecerá o sudário que, do corpo, tudo obre. Ergo a cortina da temida sepultura e, olhando para trás através da minha vida, vejo

que tudo foi planeado do melhor modo, e sou feliz aqui, e estou em harmonia e alegria, porque posso comunicar com o meu querido "Johnnie boy".

Pode alguém esforçar-se de todas as maneiras, e obter apenas a mais pequena migalha de esperança; mas sobe, como eu subi em vida, até que os anjos te mostrem o caminho. Ajoelho-me e rezo à Divindade Suprema para que me ajude nos meus poderes para fazer, até que eu possa vir ao nosso próprio lar e mostrar, "Johnnie Boy", a ti; seja o que for que for melhor para mim, tomo-o como remédio. Tenho consciência de que estou aqui, de que sou amada por rostos doces, de que sou ajudada em toda a parte para tornar completos os meus desejos aqui; e embora o sinta quando não o posso fazer, sou grata por me ter sido ensinado, antes de adormecer, que a vida continua para sempre; e que posso tornar doces os teus últimos anos, e ajudar-te nos teus esforços para abençoar outros homens, tal como esta verdade te abençoa a ti e a mim também.

Tal como na fotografia, ada demonstração assim é; e se um pequeno erro, ou uma pequena alteração, for feita na luz ou no químico sobre a placa, nada entrará na vista humana. O que quer que seja está certo, e o que é certo vencerá no fim, e depois de ter vencido, a verdade triunfante há de permanecer, com varinhas de paz em toda a parte; e tu hás de fazê-la ecoar desde toda a terra, porque, por causa desta verdadeira história, os homens destrancaram o maior mistério.

MAY E. KING."

O que precede foi escrito em 4 de maio de 1912.

A isto foi o meu agradecimento a ela.

"À 'BABE': —

Minha amada agora no reino espiritual. Ao mesmo tempo que te agradeço pelas muitas palavras de ânimo, em muitas mensagens, através do trompete e através da mão automática, assim como enquanto no teu corpo transitório, em muitas vezes e datas na casa de Jonhson, alivio-te agora verdadeiramente, pois cumpriste a tua promessa, e assim resgataste o teu Compromisso.

'A Joia da Verdade', pela qual procurámos juntos, foi agora encontrada; e podemos seguramente afirmar de facto, bem como de nome, ter demonstrado à humanidade que há continuidade da vida, bem como intercomunicação terrestre e celeste.

JOHN S. KING."

[NOTA: — Leia-se as séries de novembro de 1911 e abril de 1912, e o Capítulo XX.]

CAPÍTULO XXX

[O retrato de Stead, feito por artistas espirituais em coloração natural, com cerca de três quartos do tamanho natural, imediatamente antes do de Hipácia, em 27 de abril de 1912, na presença das irmãs Bangs, na idade de Chigago; e também na presença do autor, numa base por ele escolhida, foi completado em pouco menos de quinze minutos. A figura estava vestida como apareceu pela primeira vez na sessão de Jonhson, pouco depois da de Hipácia, em 18 de abril de 1912. A seleção da base, e os desenvolvimentos subsequentes, foram semelhantes aos do aso de Hipácia. J. S. K.]

Pode aqui mencionar-se que, nas primeiras mensagens por mim recebidas após o desastre do Titanic — seleções das quais se encontrarão registadas neste capítulo — Hipácia, uma inteligência avançada, me fez saber que ela, juntamente com Julia Ames e o filho de Stead, Otelleo, e outros guias, escortaram o espírito de Stead desde o mar até ao instrumento psíquico, no Estado de Nova Iorque, onde lhe foi permitido comunicar comigo, e ele próprio (Stead) assim mo declara também.

Ao espírito do leitor o pensamento ocorrerá naturalmente: estando Julia Ames, a guia de Stead, naturalmente presente na ocasião, por que razão estava ali também Hipácia?

Lembre-se, pela leitura do Capítulo VIII, que Hipácia já anteriormente, na própria asa de Stead, comunicara com ele, em resposta ao meu pedido. Lembre-se também que Hipácia comungava constantemente comigo através do "Telefone Humano-Psíquico" (a médium de Nova Iorque); e que mais natural, então, do que Hipácia ajudar Stead a atingir um estado satisfatório de existência continuada, e uma oportunidade de o provar; e demonstrar a sua capacidade de comunicar com o autor, seu amigo epistolar, pois em vida prometera-me ajudar a provar estas mesmas condições? Seja qual for o ponto de vista que alguém adote, espero provar claramente, pela sua própria evidência, que me foi possível acumular, que o próprio Stead, no meu juízo, estabeleceu bem a continuidade, o regresso e a comunhão.

Nunca conheci William T. Stead em vida, nem jamais o vi ou ouvi falar. Contudo, há alguns anos interessei-me pela sua atitude perante a filosofia espiritual; e ele, tendo tomado conhecimento do trabalho de pesquisa psíquica, escreveu-me pedindo que tentasse obter o consentimento de um famoso médium americano (Jonson) para visitar a Inglaterra, a fim de lhe proporcionar a si e a outros oportunidade semelhante àquela de que eu havia desfrutado, de estudar os maravilhosos fenómenos de caráter físico e psíquico. No meu esforço falhei, mas isso deu origem a uma amizade epistolar cordial, que existiu até ao momento do desastre do Titanic.

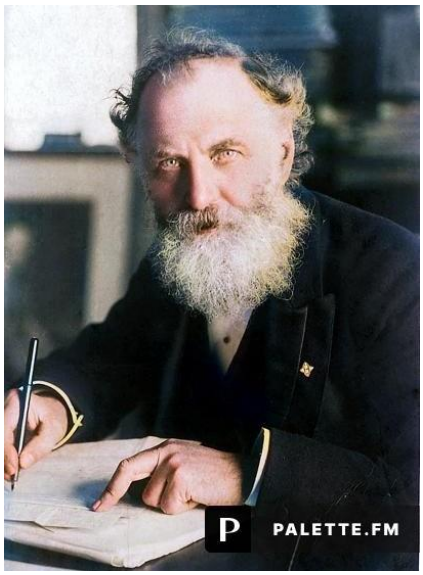
Grande parte da evidência é demasiado volumosa para caber neste capítulo; mas posso referi-la brevemente, e posso produzi-la tal como a recebi, quando por escrito. Indicarei brevemente a evidência de vários tipos. Recebi ao todo mais de setenta mensagens escritas assinadas por Stead. Vieram de diferentes fontes e são modificadas na expressão pelo psíquico através do qual são produzidas. Tal como a aiveca de um arado molda ada sulo, não importando o homem que guia o arado; assim também, não importando quem seja o escritor que use um determinado psíquico, manifesta-se um

certo caraterístico. Isto, contudo, não anula os pensamentos transmitidos. Sabemos muito pouco das condições, quer aqui quer lá, necessárias para realizar demonstrações físicas. Sabemos, porém, que os homens usam palavras diferentes em tempos diferentes para exprimir o mesmo pensamento. Os sinos da igreja fazem soar o Hino Nacional, e todos os que o ouvem sabem que é a prece "Deus salve o Rei". Assim também o mesmo hino pode ser executado por um órgão, trompete, piano, corneta, flauta, acordeão ou violino, até pelo mesmo intérprete musical; ainda assim os sons ou o tom em ada e em todos os casos são diferentes, embora ada um possa ser harmonioso e transmitir o verdadeiro pensamento ao ouvido que escuta.

O ouvinte não só reconhece o hino, como pode facilmente distingui-lo e nomear o instrumento por que é produzido. As mensagens rimadas através do psíquico de escrita levantam dúvidas quanto à verdadeira origem, devido à sua estranheza; mas o Hino Nacional executado em gaita-de-foles é igualmente pouco familiar a muitos homens, embora não prejudiquem o pensamento que transmitem ao ouvido que a ele está habituado. As mensagens monográficas entre setores dos Aliados na zona de guerra estão cheias de informação, e tanto a origem como o destino são bem compreendidos. Por outro lado, se uma dessas mesmas mensagens monográficas chegar ao inimigo, a sua origem e o pensamento transmitido não são compreendidos, e para tal inimigo essa mensagem monográfica é simplesmente um jargão sem sentido. Porque um espírito adquiriu um novo modo de falar, devido à sua nova necessidade; ou porque não há dois instrumentos ou psíquicos usados iguais, através dos quais ele fale, com auxílio do trompete, ou escreva com auxílio da mão do psíquico, isso não é razão suficiente para negar a fonte da voz, ou o pensamento transmitido, como sendo o de um determinado espírito individual.

É facto bem conhecido que nenhuma inteligência espiritual pode escrever do mesmo modo através de um psíquico de escrita e através de outro; nem falar com a mesma entoação através de ada trompete; e ainda apresenta um aspeto diferente através de diferentes médiuns de materialização, embora em pequeno grau; nem qualquer fotografia de um ser humano, tirada por um fotógrafo, se assemelha exatamente à de todos, ou de qualquer outro.

Será ainda compreendido que o espírito não pode escrever em todos os momentos do mesmo modo através de qualquer psíquico; não pode sempre falar da mesma maneira através do mesmo trompete; não pode sempre materializar-se da mesma maneira na presença do mesmo médium de materialização, estando tudo tão absolutamente dependente das condições então existentes. Mais: é verdade que espíritos especificados, falando através de diferentes médiuns em transe, ujos órgãos voais diferem, não falam de ada vez na mesma tonalidade ou tom; nem um cantor ou pianista anta ou toa sempre uma peça selecionada na mesma tonalidade ou tom; nem os oradores públicos na tribuna usam sempre as mesmas palavras ou linguagem ao exprimir os seus pensamentos, os quais, esses sim, são os únicos verdadeiramente convincentes para os ouvintes a quem se destinam.



William T. Stead

Quando uma previsão ou promessa é feita através de um psíquico ou médium, e cumprida através de outro, de fase diferente, a grande distância e em datas muito diferentes; e isto repetido de várias maneiras, ou através de várias fases diferentes de instrumentos psíquicos, que não se conhecem entre si, e em datas não fixadas, isso certamente não pode ser classificado como fraudulento; e, em acontecimentos humanos comuns, seria aceite como corroboração.

Dois dias depois da sua data, recebi a seguinte mensagem do "Telefone Humano-Psíquico", no Estado de Nova Iorque, estando eu em Toledo; mas voltarei a lembrar ao leitor que, quer eu esteja presente, como nas entrevistas com Hipácia, com os filósofos e com outros, tal como registado nos capítulos anteriores — bem como naqueles que se seguem —, quer ausente da sua presença, todas as mensagens que dela recebi têm, em maior ou menor grau, um caráter rimado. Os pormenores relativos a este instrumento psíquico são dados num capítulo à parte inteiramente dedicado a ela (Capítulo XXI), e aos seus dons peculiares e maravilhosos.

4 h 45 m da tarde, 16 de abril de 1912. De William T. Stead. (N.º 1.)

"Todos nós tentamos, mas quando falhamos, como alguém que em saúde tentou navegar
até ti, meu amigo para sempre querido, não aportei, agora estou aqui."

Pelo que recolhi da imprensa na altura, o grande navio "Titanic" mergulhou sob as águas às 2 h 20 m da manhã de 15 de abril, e Stead, om auxílio espiritual, escreveu a sua primeira mensagem para mim desde a esfera espiritual 38 horas e 25 minutos depois desse acontecimento.

Seguem-se extratos de outras mensagens.

5 h da tarde, 16 de abril de 1912. De William T. Stead. (N.º 2.)

"Sou Stead, e é verdade que estou agora separado de ti, meu amigo do passado" (um facto) (…) "A minha letra é-te conhecida" (uma verdade) "e verei o que posso fazer para tornar provado, para além de qualquer dúvida, que eu, espírito, volto de novo deste lado" (previsão).

8 h 15 m da manhã, 17 de abril de 1912. De William T. Stead. (N.º 3.)

"Sou dos que estão na vida mais elevada. Espero poder escrever para ti, e para Hipácia, tua guia, que está comigo neste meu desejo de fazer com que esta mão o escreva para ti" (previsão) (…) "Parti por um aminho agradável, e não veio tormenta, mas um abalo súbito, e depois o raspar e o esmagar do icebergue e do mar. Tudo aconteceu subitamente."

4 h 35 m da tarde, 17 de abril de 1912. De William T. Stead.

"Não me apercebi de que a morte era a causa da minha súbita harmonia. (…) Espero ser capaz de provar a identidade" (previsão) "de várias maneiras, não conhecidas da mão que uso para te escrever."

9 h 45 m da noite, 17 de abril de 1912. De William T. Stead.

"O meu nome é mundialmente famoso (…) e, no entanto, com toda a minha fé e poder psíquico, não previ uma única vez o meu destino. (…) Foi uma sepultura oceânica para mim, e o meu corpo jaz agora sob o mar."

4 h 30 m da tarde, 18 de abril de 1912. De Wm. T. Stead.

"Hipácia" (guia do autor) "parece estar ausente; mas ela há de estar aqui." (Esteve presente mais tarde.) (…) "Muito devagar e com muita dificuldade, aprendo a deixar os meus amigos. (…) Ainda estou muito preso à terra. (…) Vejo junto de mim a tua esposa amada. Vou agora, tenho de aprender o aminho, se é verdadeiramente aqui que devo ficar. (…) Farei de modo que me vejas e me reconheças com toda a certeza, se puder." (Uma forte previsão depois cumprida.)

Nessa mesma noite, enquanto me encontrava numa sessão de materialização na casa de Jonson, em Toledo, no oeste de Ohio, Hipácia e a minha esposa espiritual "May" materializaram-se e falaram comigo; e, enquanto o faziam, fiz a Hipácia esta pergunta: "O amigo Stead poderá vir esta noite?" Ela respondeu-me nestas palavras: "Não o posso dizer com certeza. Receio que ele ainda não tenha força para vir e falar."

May, a minha esposa espiritual, teve a bondade de me dizer: "May Donna (a nossa filha) antará para ti esta noite." — Coloquei o meu anel no dedo de May, e ela usou-o durante a sessão, devolvendo-mo antes de desaparecer pela noite. A nossa filha, enquanto materializada, disse: "A mamã está aqui esta noite", e eu respondi: "Mãe e filha."

May Donna avançou então para o meio dos assistentes no círculo; e, tal como tanto a mãe como ela própria me haviam anteriormente prometido, antou agora para mim antes de eu deixar Toledo. A sua escolha foi o hino:

Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Todo-Poderoso,
Todas as Tuas obras louvarão o Teu nome
Na terra, no céu e no mar. Etc.

O seu anto foi recebido com surpresa e admiração por aqueles que ali estavam reunidos; e, depois de se inclinar em agradecimento pela apreciação do seu esforço, juntamente com a sua mamã beijou-me em despedida, e dissolveu-se da vista.

À medida que nos aproximávamos da hora do fecho, 10 horas da noite — enquanto todos no círculo estavam sentados à vontade e conversavam tranquilamente — , as cortinas do gabinete abriram-se subitamente; e dali saiu, com os braços estendidos, e com um ar determinado mas esperançoso, um homem que caminhou diretamente até perto de mim e foi proclamado por aqueles que o conheciam como sendo William T. Stead. Não falou, mas refez os seus passos até perto da cortina do gabinete e derreteu-se — por assim dizer — da vista de todos os assistentes.

As suas previsões, tal como expressas na mensagem escrita através do Telefone Humano-Psíquico às 4 h 30 m dessa mesma tarde, perto de Buffalo, Nova Iorque, cumpriram-se aqui cerca de cinco horas e trinta minutos depois de terem sido feitas.

Esta aparição foi pouco depois seguida por outra comunicação, mais longa, assinada por Wm. T. Stead, como vinda através da mesma escritora automática; e dela cito alguns breves extratos, a saber:

"Desejo dizer que me mostrarei muitas vezes a ti doravante, e ajudar-te-ei em tudo o que puder para provar a continuidade da vida" (previsão). (…) "Estou por fim convencido de que estou livre do meu corpo, e vou-me tornando mais conformado por assim ser. Subo os degraus do grande trono exterior de Deus, que todo o homem, seja qual for o seu destino, deve subir sozinho. (…) Mostrei-me a ti na casa de Jonson" (promessa cumprida), "isso resolve todas as questões na minha mente esta noite. Visitar-te-ei em Chicago" (previsão). (…) "Farei tudo o que me for possível fazer para ajudar que os planos do teu oração se realizem" (previsão). "Depois de me ter mostrado a ti, e de me aperceber de que me reconheceste, vibrei com o poder do pensamento e do desejo de fazer; e estou deveras muito satisfeito por me teres dado oportunidade de me mostrar. (…) Tenho comigo esta noite a tua mãe Margaret P. King." (O P está certo, embora na assinatura habitual raramente, ou talvez nunca, o usasse em vida.) "E o teu pai Stephen King. (…) Aliar-me-ei a ti" (previsão), "pois Julia ama Hipácia, e eu, espírito livre, sem alianças de necessidade ou obrigação (…) avanço flutuando para ser teu ajudante, no teu desejo ardente de libertar os homens. (…) Esperarei poder, se possível, mostrar-me a ti" (previsão) "e também na página ilustrada do teu livro, se assim o desejares, querido amigo" (previsão).

Seguiu depois pela rota espiritual e encontrou-me em Chicago, Illinois, em 27 de abril de 1912, nove dias após a sua aparição em Toledo. Encontrou-me à janela das irmãs médiuns, e ali foi produzido o seu retrato, tal como ele aparecera na roupa que usava quando viera a mim em Toledo (previsão cumprida).

O PROCESSO DA PINTURA ESPIRITUAL

O dia estava belo e luminoso, isto é, o sol brilhava intensamente; a hora entre a uma e as duas da tarde, em 27 de abril de 1912. As asas gémeas das irmãs Bangs tinham sido objeto de renovação artística; e papel, tinta e verniz de escolha humana tinham sido empregados por hábeis renovadores e decoradores. O quarto, voltado a sul, tinha apenas uma janela, mas estava despojado de estores e cortinas, sem quadros na parede, sem bibelôs, sem adeira, assento ou qualquer mobiliário; a sala continha apenas odor, luz e ar, quando entrámos; e, enquanto as irmãs trabalhavam a reabastecê-la, observei, para aprender exatamente o que era necessário, antes de nos instalarmos.

Uma mesa leve e vazia foi primeiro trazida e colocada perto da única janela, no lado sul da sala; e em seguida foram colocadas três adeiras comuns, em três lados da mesa, a de leste e a de oeste para elas, e a do norte para mim. Os pastéis, cartolinas ou telas, ou qualquer que fosse o seu nome, que estavam preparadas, ou esticadas ou montadas num aro ou estrutura de madeira, foram depois trazidos, umas seis ou oito, e colocados no lado oeste e na extremidade norte da sala. Não havia espíritos à vista, nem sorridentes “formas angélicas”, e nenhum outro objeto visível, salvo uma cortina de cor escura, cujo propósito será em breve explicado.

Assim, o trabalho de preparação estava agora quase concluído; e como não havia escuridão, e portanto a visão era nítida, foi-me permitido fazer a minha própria escolha das duas telas necessárias, de entre o grupo já referido; e trouxe aquelas que escolhi; e a luz viva do dia incidia sobre elas e também através delas, pois não eram opacas. A posição em que foram colocadas pode ser assim especificada.

As duas telas em branco, limpas e de um branco puro, que eu tinha escolhido de entre todas as que estavam no grupo já referido, foram então colocadas sobre a mesa, costas com costas, com as duas molduras juntas em toda a sua circunferência; assim, com as telas completando as paredes de uma cavidade, tal como com as duas ardósias para a escrita espiritual se produz um pequeno gabinete, no mesmo princípio do gabinete maior da asa de Johnson, no qual atuam as forças espirituais; e assim, com auxílio deste gabinete singular, Hermes é capaz, como regente do poder da levitação, de utilizar os elementos, que podem legitimamente ser chamados os pigmentos, ou orantes da argila, de acordo com o desígnio do artista espiritual do retrato, arquiteto ou desenhador Rembrandt.

As telas, tal como as descrevi acima, foram colocadas entre a janela e eu próprio, aproximadamente no entro da pequena mesa. Os cantos superiores, leste e oeste, eram mantidos em estreita justaposição, depois de as margens inferiores terem sido assim dispostas pelas irmãs. O anto superior das telas à minha direita, no extremo oeste, primeiro colocado em íntimo contacto, era assim segurado pelo polegar e dedo da mão direita de uma das irmãs; enquanto a outra usava a esquerda e fazia o mesmo no anto mais próximo dela, enquanto se sentava no extremo leste; de tal modo que ada uma delas tinha uma mão livre, mas ambas estavam de modo quase constante à minha vista.

Surge no espírito a pergunta de por que motivo isto é feito. Posso responder brevemente que apenas três razões me ocorreram: uma, como já expliquei, era manter as duas molduras em contacto, criando assim uma cavidade ou gabinete; outra, mantê-las ambas erguidas, pois era evidente que não se sustentariam sozinhas; e quanto à segunda mão de ada uma, estava constantemente dentro do ângulo da minha visão. Por alguns é afirmado haver uma terceira razão, tida por importante, e que se diz não ser menos do que uma corrente de força psíquica, que passa dos médiuns vivos para a base inorgânica sobre a qual aparece o retrato.

Quanto à cortina a que me referi, tenho a dizer isto: a janela não precisava dela, e com ela fez-se uma espécie de moldura no topo e nos lados, para ajudar a concentrar a luz e a força sobre a base ajustada às molduras; de modo que as várias ores dos pigmentos, à medida que subiam em ondas desde a parte inferior para a superior, se tornavam, por contraste, muito mais nítidas ou visíveis. Espero que o leitor compreenda a verdadeira situação dos médiuns sentados em relação ao pequeno gabinete improvisado; e desejo que ele tenha a certeza de que a minha descrição é uma delineação fiel, tanto quanto me diz respeito.

Soube por uma das irmãs que o artista espiritual alegadamente autor era nada menos do que o célebre Rembrandt, pelo menos na maioria dos casos; embora, em raros intervalos, se dissesse que algumas pinturas especiais eram obra de Rafael.

Eu estava e estou convencido de que teria sido inteiramente impossível a um hábil conjurador, ou a um artista de prestidigitação, arquitetar um ardil para enganar o meu olhar experiente nesta ocasião, pois posso esclarecer os leitores dizendo-lhes que fui hóspede confidencial, no próprio palco com os melhores deles, para testemunhar os atos de ilusionismo por eles imaginados, e não sou, portanto, um "ingénuo". Mas, retomando o assunto: como parecia não haver mais nada a fazer, tomámos os nossos lugares nas posições que especifiquei. A sala estava iluminada, como disse, e a minha visão era nítida, e acreditem que fui sempre um crítico dos mais céticos, e nunca crédulo, e alimentei a dúvida até já não poder sustentá-la, pois tinha espírito próprio e de grande atividade; e agora tinha eu a minha oportunidade suprema de detetar uma fraude, se ela existisse.

"Tenho em mente aquele que desejo", disse eu, "pois tais entidades podem ler os meus pensamentos; e se o trabalho for verdadeiramente feito por espírito, virá exatamente como agora desejo"; e assim olhei para estas duas irmãs e sentei-me tranquilamente, com relógio na mão para tomar nota da hora, que era a meio entre a uma e as duas; e dei a minha estrita atenção alternadamente às mãos e braços de ambas as irmãs, e à tela diante do meu rosto; e a tudo o que se encontrava dentro da área do ângulo da minha visão central fixa; enquanto sentia um ardor de conhecimento subconsciente a elevar-se, que parecia indicar, como por intuição, que ele, o meu amigo Stead, se aproximava agora; e fitei de modo muito crítico a pura tela branca, com plena luz do dia sobre a frente e o verso dela, observando da minha posição privilegiada ada mudança, por mínima que fosse, no movimento ou posição das irmãs médiuns; e permaneci também extremamente quieto, imóvel e à escuta, e poderia quase ter ouvido

o bater de asas de uma borboleta no ar, ou a respiração de um colibri, de tão constantemente atento que estava, na maior expetativa; e assim espreitava ansiosamente o mais leve início do trabalho do artista espiritual, não importando em que instante, nem em que posição pudesse surgir.

Muito em breve, apenas a dois pés diante de mim, notei o início de uma mudança, da luz branca límpida na superfície da tela para uma luz menos nítida, e depois desta para uma sombra ténue, leve evidência de ondas de por, misturando-se com a sombra, e tudo em movimento, como pequenas ondulações, ou enrugamentos sobre um lago quase plácido; e subindo, ou antes rolando para ima, uma após outra, em sucessão ordeira, como se se esforçassem lentamente por atingir o topo; e então uma parte, num ponto, aprofundar-se-ia na sombra, tomando forma; e isto, com outros traços, surgia à vista, e ia-se lentamente preenchendo com luz, ou escuridão aqui ou ali, e as ores tornavam-se ada vez mais evidentes, juntamente com movimento aparente, e formando-se os olhos, como se estivessem fechados em sono; e, quando a pintura se concluiu, os olhos estavam amplamente abertos, como em despertar do sono, ou para acentuar o "Alvorecer da (sua) Mente Desperta"; e diante de mim, tão natural como ele poderia ser, vi e reconheci o rosto de William T. Stead, que escrevera através do Telefone Humano-Psíquico, perto de Buffalo, às 4 h 30 m da tarde de 18 de abril, que tentaria mostrar-se-me; e que nessa mesma noite, às 10 horas, viera do gabinete na asa de Jonson, em Toledo, no lado oeste do Estado de Ohio, em corpo transitório, vestido como está neste retrato espiritual dele, e atravessara a sala até mim, para provar, como uma vez mais o fez, que ele, meu amigo e cooperador na vida humana, ainda vive e volta, e assim prova a continuidade.

Ele certamente cumpriu a sua promessa de se encontrar comigo em Chicago. No dia seguinte, veio outra mensagem da mesma fonte, a centenas de milhas de distância, e dela também cito:

"Bem, irmão King, tem a certeza de que lhe trarei todas as provas que puder" (previsão). • • • . "Folgo em saber que o artista das irmãs Bangs me retratou" (previsão cumprida) .... "e todos nós, em conjunto, decidimos que o meu retrato seria útil para o seu livro, pois serviria para mostrar que é verdade que eu, um espírito desencarnado, conhecido pela imprensa de muitos homens, posso assim voltar; entrar em contacto com a vida e mostrar-lhes o meu rosto. Mais terrível do que a vaga que me ceifou a vida com o golpe final, é esse grande ódio a esta verdade, que nós, querido irmão King, estamos a esforçar-nos por fazer os vivos ver • . . . mas os sorrisos do filho aprovador de Deus estarão connosco, que mais sofremos; e somos ambos sustentados como que por uma hoste de anjos, e nada nos pode vencer, a nós que somos sustentados pela grande majestade da verdade. Em toda a tua obra, estou contigo."

Hipácia, cuja forma, voz e personalidade foram observadas por muitas centenas de pessoas na América, bem como por um conhecido autor em Inglaterra, deu-me as suas opiniões relativas ao retrato espiritual do Sr. Stead, utilizando o Telefone-Psíquico-Humano, e essas opiniões estão aqui registadas.

"Amado, tentarei contar como foi feito. Rembrandt, em espírito, pinta aqui o quadro, que é mantido no alto por um raio psíquico, e na tela é repetido, para que as cores venham para ficar. Hermes, o regente da levitação das potências terrestres para agir, repete exatamente na tela o que Rembrandt lhe diz. É feito por uma repetição de tom claro a pesado. As ondas curtas tornam-se ondas longas ..... Hermes, como um relógio de torre, mantém o tempo exato em sintonia com Rembrandt, como um relógio suíço seguro, para que este se lhe mostre. Hermes, como uma imagem fixa de fogo de artifício, sintoniza-se de tal modo que pode ser o repetidor daquilo que vê no quadro de Rembrandt. É como um moldador de barro, copiando um quadro que lhe é mostrado. Rembrandt, o compositor, e a chave de levitação regida por este ser, Hermes, responde-lhe de imediato. É um processo muito belo, e por mim muito admirado, e encorajo-o a dizer que foi isento de fraude em todos os aspetos. Deixem os críticos falar, eu observo com orgulho e ajudo-o a provar aos homens que era verdade."

De Hermes (um espírito de levitação).

"Eu sou Hermes, as irmãs Bangs não o fizeram. O artista não o poderia fazer, por mais sábio que fosse. Eu, Hermes, ajudo no trabalho, faço-o com um tom de oitava mais pesada do que o do próprio Rembrandt. A luz é uma onda de substância, e eu, a partir do grande reino da natureza dos tipos de argila, fabrico os meus próprios pigmentos. Faço-o, transformando-me numa torre de Marconi, e ao que Rembrandt sugere como sendo o melhor, eu respondo-lhe de forma real, ou no tom de pintura que por ti é preservado."

Às 14:15 de 10 de junho de 1912, uma inteligência espiritual que assinou o seu nome como Rev. Theodore Parker escreveu: "Desejo dar-lhe esta palavra: creio ser verdade tudo o que disse; e, se puder, ajudarei a iluminar o homem de tal modo que os homens no estrangeiro, em todas as terras, olharão para isto e compreenderão que o que antes era como névoa se tornará claro e nítido; e o senhor terá sucesso ao tentar explicar. As irmãs Bangs não são fraudulentas, eu estava onde podia ver, e aprovo o que fez em todos os graus. Por toda a eternidade, os homens de pensamento iluminado falarão orgulhosamente de si; e como sinto um grande amor por si, receba de mim esta palavra."

UMA CRÍTICA AO RETRATO ESPIRITUAL DE WILLIAM T. STEAD POR E. J. B. DUNCAN, UM SEU PARENTE.

"Toronto, 23 de fevereiro de 1913. Ao Dr. John S. King. Elliott House, Toronto. CARO SENHOR: - Está autorizado a utilizar a minha carta de 18 de dezembro de 1912, dirigida a si, no seu próximo livro, em ligação com o retrato de William T. Stead, apresentando-o, ou antes, uma cópia fiel do mesmo, e sem fazer qualquer alteração no seu texto. Dr. John S. King, Toronto. Sinceramente seu, E. J. B. DUNCAN."

"Toronto, 18 de dezembro de 1912. MEU CARO SENHOR: - Tenho agora diante de mim um quadro de grandes dimensões, que se pretende ser do meu primo, o falecido W. T. Stead; e uma fotografia, que se diz ter sido tirada do mesmo. Não considero nem o quadro nem a fotografia como sendo uma semelhança fiel do meu falecido primo,

embora haja uma sugestão muito forte do seu rosto em ambos, particularmente na expressão dos olhos e no traço firme da boca. Posso ainda dizer que, no momento em que vi o quadro grande, soube imediatamente que era, ou pelo menos pretendia ser, do meu falecido primo. Passaram cinco anos desde a última vez que o vi; e compreendo ainda que o quadro referido é alegadamente um retrato espiritual, e não de um humano vivo. Sinceramente seu, E. J. B. DUNCAN."

[NOTA: — Por ocasião da visualização da pintura espiritual de Stead por parte do Sr. Duncan, este exibiu uma fotografia de Stead obtida cerca de cinco anos antes, a qual lhe serviu para a sua crítica. Quando Stead veio ter comigo acompanhado por Julia Ames, a sua guia, na sessão realizada pela Sra. Wells, apareceu com traços que se assemelhavam mais à fotografia do que à pintura espiritual; enquanto noutra parte do livro ele (Stead) chama especialmente a minha atenção para o facto de ter aparecido assim para ilustrar que as suas feições naquela altura estavam corretas na fotografia, tal como na altura presente as suas feições são igualmente fiéis à pintura espiritual completa. J.S.K.]

JULIA AMES, A ALEGADA GUIA DE STEAD

Não muito depois da carta anterior e da nossa conversa, a alegada guia de Stead, Julia Ames, fez-se ouvir da seguinte forma:

14:00, 21 de fev. de 1913. De Julia Ames. "Eu sou Julia Ames. Escrevo hoje ao Dr. King. Não é um trabalho muito desejável ser autor. É como um soldado expondo o peito à lança do seu inimigo. Ele deve fazer o seu melhor e esperar pelo sorriso ou pela carranca de um público volúvel. Aprovo as observações que fez relativamente ao retrato espiritual do Sr. Stead. É fiel à sua aparência, tal como ele é. Eu estava lá quando foi pintado. Há muitos mortais vivos com dons psíquicos, por isso é tolice qualquer sensitivo dizer 'sou o único através do qual este indivíduo comunica'. Seria como uma caneta a dizer 'sou o único instrumento assim utilizado'. Os psíquicos são para nós instrumentos, e usamo-los de acordo com a sua capacidade de nos servir, sejam eles pretos ou brancos, ignorantes ou sábios.

A sabedoria num psíquico, especialmente num consciente, é muitas vezes uma desvantagem, porque os seus desejos interferem com o que os espíritos possam querer fazer. Eu não usaria de todo um psíquico se tivesse escolha. Em vez disso, comunicaria diretamente com o indivíduo interpelado por mim, mas estamos limitados na nossa capacidade, e tudo o que fazemos é auxiliado ou retido pelos atos dos homens, quando fazemos deles instrumentos. Fará muito para ajudar a humanidade a apreender e compreender esta verdade: que nós, as almas partidas, voltamos a ser, com o auxílio de sensitivos em contacto contigo. Saúde e bom poder mental lhe serão concedidos, e anjos próximos guiá-lo-ão através do que realmente deseja fazer. O desagrado pode ser despertado em pequeno grau, mas a maior parte dele virá do ciúme. Teria escrito quando o Sr. Stead o fez, mas a médium estava demasiado doente e cansada para escrever mais naquele dia. Que a paz e a alegria o acompanhem em todo o caminho, se for o desejo de Mim, guia do seu amigo, estranha para si."

[Algumas seleções de mensagens, das mais de setenta recebidas de Stead, encontrar-se-ão no Capítulo XXXI; enquanto algumas comunicações diretas se encontram registadas no Capítulo XXXIV.]

Relativamente ao retrato do Sr. Stead, cada leitor formará a sua própria opinião, e terá o direito de conhecer a minha. Se ele, em vida mortal, tivesse selecionado os dois melhores artistas da Europa ou da América para pintar o seu retrato e busto, penso que se admitirá que, mesmo com a mesma pose para cada um deles, e trabalhando do mesmo ponto de vista, nenhum deles seria um duplicado exato do homem, nem um duplicado perfeito um do outro.

Penso que também se concederá que nenhum artista, quem quer que fosse, poderia produzir o seu segundo quadro, quer do tema mortal, quer da pintura original dele, fazendo-o inteiramente de memória. Assim também se admitirá prontamente que não há dois fotógrafos que possam produzir, em circunstâncias semelhantes, uma imagem que duplique a outra fotografia em todos os pormenores. Mas a semelhança do retrato e do seu original sofre constantemente alterações, de modo que, se fizéssemos a comparação um ano ou dois mais tarde, essa diferença seria mais aparente, mesmo surpreendentemente, com o original em constante mudança à medida que os anos passam; de tal modo que, na experiência comum, muda frequentemente de forma tão vincada que faz surgir a dúvida no espírito do observador sobre se dois retratos representam o mesmo original.

Na ausência de dois desses retratos do falecido Sr. Stead, enquanto mortal, ilustrei esta afirmação apresentando uma fotografia minha aos 65 anos de idade, que se encontrará no final deste capítulo; e outra aos 70 anos de idade, no início do livro. Mas supondo que o retrato espiritual em todo o seu colorido natural — do qual é feita esta fotogravura em meio-tom — seja uma cópia de outra pintura, ou um original, então desafio a sua produção e que se prove que as minhas afirmações estão erradas. Até que isso seja feito, confio na declaração de Stead de que tal quadro não existe.

Os retratos reconhecidos em todo o lado como sendo de Stead eram retratos dele em vida mortal, em diferentes épocas. Nem tenho conhecimento de que os artistas espirituais alguma vez façam retratos de homens na vida terrena; ou, se o fazem, não tenho conhecimento disso como um facto. O retrato de Stead não tinha existência prévia; mas foi produzido em conformidade com uma promessa que me foi feita por ele próprio como espírito, e a sua produção ficou concluída na minha presença quinze dias depois de ele ter passado para a vida espiritual, de uma forma já por mim descrita. Ele confirmou isto como facto através da trombeta e perante o ouvido de outros.

UMA BREVE SINOPSE DAS VÁRIAS EXPERIÊNCIAS DO AUTOR COM A PERSONALIDADE ESPIRITUAL DE WM. T. STEAD, ATÉ AO FINAL DO ANO DE 1912.

1. Stead começou a dar-me mensagens, através do Telefone-Psíquico-Humano, a 16 de abril de 1912, no Estado de Nova Iorque, e até ao

final do ano de 1912, eu tinha recebido muitas mensagens dele; e testemunho corroborativo, de Julia Ames, a sua guia e controlo espiritual, e de outros.

2. Stead enviou-me uma mensagem às 16:30 de 18 de abril de 1912, dizendo que tentaria mostrar-se-me. Ele materializou-se para mim nessa mesma noite às 22:00 na sessão de Jonson em Toledo, no oeste do Estado de Ohio, como me tinha prometido a partir do Estado de Nova Iorque, entre cinco e seis horas antes, embora eu só tenha recebido a promessa no dia seguinte através do correio.

3. Sentei-me para retratos espirituais em Chicago, Illinois, e Stead encontrou-se comigo ali como prometido, na casa das irmãs psíquicas, na tarde de 27 de abril de 1912; e o seu retrato surgiu na tela de forma clara, e foi terminado enquanto eu estive sentado pouco menos de quinze minutos.

4. No dia 2 de agosto de 1912, através da mão da psíquica, no Estado de Nova Iorque, Stead escreveu e assinou o seu nome na declaração: "Tentarei comunicar consigo através de uma trombeta amanhã de manhã."

5. No dia 3 de agosto de 1912, através de uma trombeta, também no Estado de Nova Iorque, como prometido no dia anterior, mas numa nova casa, e na presença de um psíquico de trombeta, que estava sob o controlo de Gray Feather, o forte controlo índio de Jonson, que me tinha convidado também por carta para lá ir (Lily Dale), e ser testemunha do que ele (Gray Feather) podia fazer. Das dezasseis vozes espirituais que vieram falar comigo, Stead foi uma; e ali lembrou-me da promessa anterior que tinha feito no dia anterior, relativa a este seu esforço.

6. Quando terminei a sessão acima referida, regressei imediatamente à casa da psíquica de escrita; e Stead estava novamente presente comigo ali, e controlou a mão dela para escrever: "Dei-lhe o meu nome através da trombeta com sucesso, não dei?" Eu, ali mesmo, reconheci que assim fora.

7. Em Los Angeles, Califórnia, a 20 de dezembro de 1912, uma comunicação foi-me escrita pelo Rev. B. F. Austin, A.M., B.A., D.D., e enviada e recebida por mim através do correio, dizendo: "Caro Irmão King: Vou dar-lhe em pormenor as circunstâncias da minha sessão de hoje com a Sra. Inez Wagner da People's Church, para obter uma resposta à sua carta." (Sem qualquer indicação contida.) "A Sra. Wagner foi devidamente vendada por mim, antes de a sessão começar. Almofadas de couro sobre os olhos e uma ligadura sobre estas, e à volta da cabeça. Ela leu primeiro uma carta de um advogado de Syracuse, Nova Iorque, e foi feito de uma forma muito notável. Depois, a sua carta foi pegada e extraída do envelope" (dirigida a ele em Rochester). "Tinha sido aberta em Rochester, mas não tinha sido aberta desde a sua chegada aqui; pois eu queria precaver-me contra a influência telepática na mente da médium, e foi colocada entre as palmas das mãos da médium." (A família dele vivia em Rochester.) "'Ora,' exclamou ela de imediato, 'Stead está aqui, e Julia também.

Stead diz que deseja responder a esta carta. Ele próprio escreveu muitas mensagens ao Dr. John S. King. Ele diz: no passado dia 18 de abril escrevi uma mensagem e apresentei-me ao Dr. King'." (Os meus registos provam que ambas as afirmações são verdadeiras.) "No Bureau de Julia, em Inglaterra, foram dadas questões pertencentes ao Dr. King." A carta continua a relatar: "King teve comunicação com Stead a partir do Bureau em Inglaterra, e" (para cópia da ata do que ocorreu, ver Capítulo VIII), "Stead diz agora: 'Desejo corroborar. Voltarei e darei mais mensagens, e estas eu as corroborarei'. No final, a Sra. Wagner, ainda em transe, disse: 'Ora, aqui vem outro John King, mas sem parentesco com o Sr. King que está a receber a mensagem'. Pode julgar quão surpreendido e encantado fiquei ao ler a sua carta, após o término da sessão; e ao encontrar muitos, se não todos os pontos tocados e respondidos. Sem dúvida, poderá haver alguns pequenos erros na escrita a partir de memorandos; mas creio que encontrará os pontos principais respondidos satisfatoriamente. A médium leu a palavra como vinda dos lábios de Stead, 'corroborar', que também encontro na sua carta. Com os melhores votos. Fraternalmente, B. F. AUSTIN."

8. A 24 de dezembro de 1912, passei uma hora de primeira experiência com uma senhora-psíquica em Ohio, que é uma médium não profissional, e enquanto lá estive cerca de vinte formas apareceram à vista e também falaram, algumas das quais eu conhecera na vida terrena, e outras por reputação. Mas a fase da médium era para mim bastante nova, ainda assim os primeiros convidados que vieram foram — e disso não podia haver dúvida na mente — a minha própria esposa e filha espirituais, e William Stead e Julia. O que era mais peculiar: a psíquica não estava em transe e conversava comigo, enquanto os convidados chegavam e partiam. Os amigos espirituais vinham até mim naquilo que pareciam ser os seus corpos transitórios, embora eu não tenha examinado nenhum deles. O seu modo de vir também variava. Alguns saíam do gabinete, alguns erguiam-se do chão, alguns das paredes e do teto, mas todos conversavam comigo; e partiam como uma lufada de fumo ou vapor, numa manhã de geada. Um dos que veio foi William Stead, que simplesmente anunciou: "Stead está aqui." Estava acompanhado por Julia Ames, a sua guia; e quando o vi, ele estava no alto, à minha esquerda, onde a parede e o teto se encontram. Parecia ter o seu tamanho natural, e o seu rosto e busto eram como a sua fotografia de há cinco ou seis anos; e falou comigo, mas quando cessou de falar, atravessou o espaço da sala com um rodopio perto de mim; e passou através da parede do lado direito.

9. No dia 26 de dezembro de 1912, visitei um médico em Toledo, Ohio, em cujo consultório nunca estivera antes; e enquanto conversávamos, o meu amigo, o médico, disse: "Tenho o dom da clariaudiência"; e escreveu o que se segue com o seu lápis e entregou-mo: "Bem, eu sou William Stead, e dir-lhe-ei, Dr. King, que está enganado; o Professor James não carecia de confiança, ele estava demasiado fraco. Myers também estava demasiado fraco. Tentarei escrever para si na primeira oportunidade que tiver." [Os esforços acima

referidos foram feitos numa sessão de Jonson a 23 de dezembro de 1912. À falha na escrita chamei falta de confiança no seu poder. A intenção era escrever no meu bloco de notas de escritório, com a minha caneta de tinta permanente.]

10. Nos dias 27, 28 e 29 de dezembro de 1912, enquanto estava na casa, no Estado de Nova Iorque, do Telefone-Psíquico-Humano, Stead escreveu-me várias mensagens; e conversou com o auxílio da mão da psíquica; e a sua guia espiritual, Julia Ames, também me escreveu para corroborar a evidência relativa ao retrato de Stead e às suas muitas mensagens para mim. Não tenho dúvidas de que o meu amigo correspondente, Wm. T. Stead, que me enviou muitas mensagens, também se materializou para mim, bem como falou distintamente com voz natural, e agora me visita; e assim escreve, fala e mostra-se em diferentes partes do país e através de diferentes psíquicos, de acordo com os seus desejos expressos numa mensagem escrita, que é uma das muitas incluídas nas páginas deste livro:

"É bom que os parentes e amigos, e médiuns de todas as fases, saibam e percebam que todos os espíritos são livres de vir, e que o fazem também através de mais do que uma porta; pois não conhecem egoísmo nem ciúme, como os humanos podem conhecer, mas têm em vista o bem de todos."

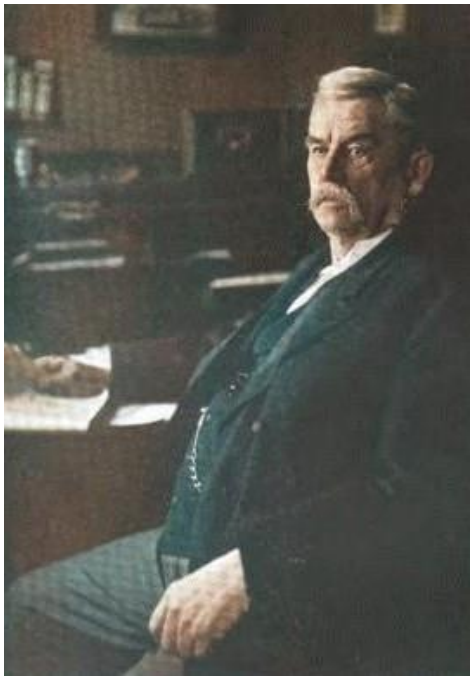
Na minha revisão final deste livro, antes da sua publicação; e ao concluir este capítulo, senti que havia muita evidência adicional, que poderia agora acrescentar, conforme obtida desde que o capítulo foi escrito. Tal evidência corrobora aquela que recebi através de várias comunicações e demonstrações; e foram proferidas através das trombetas de dois médiuns, estranhos um ao outro; bem como algumas que eram inteiramente novas, através de um escritor automático que ainda não conheci. As minhas sessões privadas foram cerca de uma vintena, nas quais Stead falou comigo; e pelo menos metade desse número em que ele falou com outros também presentes, além de mim próprio.

Comunicações que pretendem ser de Stead encontrar-se-ão nos restantes capítulos, juntamente com a sua caligrafia de três comunicações em ardósias, que segurei nas minhas mãos, senti as vibrações e ouvi os sons enquanto ele as escrevia; e que estão num grupo de fotogravuras no "Adenda de Escrita Independente em Ardósia", que abrange mais de uma vintena de tais escritos, imediatamente a seguir ao Capítulo XXXV.

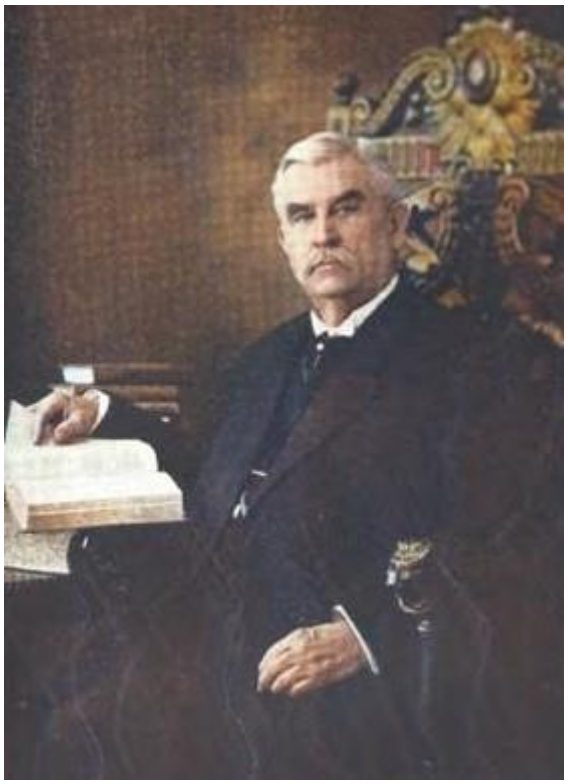
Em alguns casos, entre as muitas mensagens assinadas por W. T. Stead, encontrei afirmações que continham na sua construção o que me impressionou como sendo provavelmente matéria probatória; mas devido à falta de corroboração de qualquer fonte, não as incluí no livro. Como exemplos destas, cito brevemente. De uma longa comunicação (N.º 17) datada de 15 de maio de 1912: "Creio ser verdade o que diz sobre a minha escrita através da mão da Sra. Joslin; e também sobre a minha aparição na sessão em Rothesay, pois lancei a minha condição sobre o médium ali." Novamente na mesma comunicação encontro esta frase: "Não disse à banda para tocar 'Mais perto de

Ti, meu Deus', mas eles tocaram-na; e essa melodia está sempre presente comigo ainda." Outra frase citada diz: "Não tive qualquer premonição de qualquer espécie, relativamente à morte ou calamidade."

Na noite do dia especificado no que precede, procurei contactar o meu amigo Stead, tal como há muito contacto o meu guia principal; e num espaço de 48 horas recebi pelo correio esta mensagem escrita: "Levada até mim como um zéfiro está agora este pensamento, Irmão King, 20:15 (15 de maio) 1912. Sinto a sua presença aqui. W. T. Stead." Imediatamente a seguir li a sua visão ou advertência expressa, que é a seguinte: "Relativamente à sua capacidade de enviar o seu subconsciente para fora do seu corpo, é interessante, mas creio ser imprudente praticá-lo." [Isto era, naturalmente, conhecido por mim, mas não era publicamente conhecido na altura. O meu guia principal e membros da minha falange espiritual estavam cientes disso desde o início, e consentiram que eu o demonstrasse como uma verdade, na presença de um círculo de investigadores de Toronto, todos os quais me conheciam; e como está exposto com mais detalhe no Capítulo XXXV.]



O autor J. S. King aos sessenta e cinco anos de idade



O autor aos 60 anos de idade

CAPÍTULO XXXI

UM CAPÍTULO PROBATÓRIO, DE FORTE TESTEMUNHO.

UMA LONGA LISTA DE TESTEMUNHAS VOLUNTÁRIAS. EVIDÊNCIA PARA A VERDADE DA CONTINUIDADE DA VIDA, REGRESSO E COMUNICAÇÃO, EM PERPETUIDADE.

NÃO SÃO OS MEUS ENTES QUERIDOS, QUE SE ME PROVARAM; E OS MEUS GUIAS ESPIRITUAIS, E OUTROS PRÓXIMOS, INCLUINDO OS NOTÁVEIS, QUE JÁ NÃO TEMEM, TRAZENDO À HUMANIDADE BOA ALEGRIA? NÃO SÃO O TRABALHO E O LIVRO ENDOSSADOS POR ELES, COMO VINDO DA ESFERA ESPIRITUAL? A EVIDÊNCIA PRESSAGIA FORTEMENTE A MUDANÇA QUE SE APROXIMA, DO DESEJO VIL E DAS GANÂNCIAS SÓRDIDAS, DAS NECESSIDADES EGOÍSTAS E DOS CREDOS BELIGERANTES, PARA MENTES DESPERTAS, PARA A VERDADE E AS NECESSIDADES HUMANAS. DA GUERRA, DA DESCONFIANÇA, DA INJUSTIÇA, PARA A PAZ, COM CONHECIMENTO E PURA FELICIDADE, PARA A CONFIANÇA NA PRÓPRIA PATERNIDADE DE DEUS, PARA A FÉ NA

VERDADEIRA IRMANDADE DO HOMEM; QUANDO TODA A HUMANIDADE SABERÁ E PERCEBERÁ, QUE A VIDA IMORTAL OS AGUARDA NOS CÉUS.

QUAL a origem de todo o pensamento que, daqui em diante, se encontrará, trajado numa grande variedade de linguagem expressiva? Ele corre através da mão de escrita automática do "Telefone-Psíquico-Humano", tal como a teia de pano, reunida a partir dos fios dispersos, emerge do tear do tecelão. Cada fio pareceria ter uma origem diferente, quer numa mente encarnada, quer numa desencarnada.

A cada leitor é deixada a solução dos problemas de onde e porquê. Das centenas de mensagens recebidas, destinadas a mim, seja na minha presença voluntariamente, seja em rápida resposta ao meu questionamento; ou na minha ausência junto da psíquica, e por ela enviadas através do correio, contendo conhecimento específico que ela não poderia possuir; mas todas alegadamente provenientes de inteligências desencarnadas, cujas assinaturas lhes estão anexadas; e reproduzo aqui apenas algumas, deixando outras para as páginas de outros livros, ou guardadas por mim pessoalmente.

Basta dizer que, quando qualquer alegada inteligência está a escrever através da psíquica, responderá prontamente às minhas perguntas previamente preparadas, escrevendo imediatamente as respostas; e estas são frequentemente um teste de personalidade; mas necessitando de um alcance ou extensão infinita de conhecimento pessoal, supremamente maior do que a posse de qualquer mente humana individual singular. Isto mantém-se quer eu esteja presente para as receber, quer ausente, e elas me sejam enviadas; e isto aplica-se igualmente àqueles que passaram da vida terrena antes de a psíquica ter nascido. O conhecimento universal não é, certamente, posse de qualquer humano individual.

As mensagens, tal como aqui coligidas, abrangem, como verdadeiramente creio, uma grande variedade de fontes; e são alegadamente provenientes daqueles cujos lares terrenos em vida se encontravam em países amplamente separados, tanto no tempo como no lugar. Alguns eram de tempos recentes, e alguns eram de há muito tempo; alguns eram-me próximos e queridos, tais como pais, esposa e filho, e outros parentes, bem como antigos amigos e homens públicos do meu tempo; enquanto alguns eram de datas antigas e de longa permanência no reino espiritual.

Mais uma vez, algumas das alegadas personalidades que falaram através dos órgãos vocais da Sra. Piper nos anos passados, a investigadores daquela época, desejam agora comunicar comigo; tal como esses mesmos investigadores, partidos para a esfera espiritual, desejam eles próprios fazê-lo agora comigo; e a solução do problema conforme apresentado por esse meio pode ocupar o melhor pensamento e julgamento dos defensores das duas hipóteses. A alegação de alguns é que o pensamento e as expressões das alegadas personalidades têm a sua verdadeira origem na mente encarnada da própria psíquica instrumento; enquanto a de outros é que as alegadas mensagens têm, na verdade, origem desencarnada; e são sugeridas pelo espírito desencarnado à mente subjetiva da psíquica, e são transmitidas da mesma forma que aquelas que têm origem na mente da psíquica encarnada.

Tal como no caso de uma estenógrafa descuidada, o que lhe pode ser dito pode não ser corretamente interpretado, ou totalmente compreendido, e assim resulta um erro de registo, ou mudança de visão em relação àquela que se pretendia transmitir — assim, na transmissão pela operação da psíquica, as mensagens são por vezes modificadas ou alteradas por acidente ou má interpretação do pensamento sugerido pela mente subjetiva da psíquica, tal como no caso da mente objetiva da estenógrafa; ou as instâncias constantemente recorrentes através do recetor do seu telefone, onde o órgão do ouvido muitas vezes transmite um pensamento sugerido erróneo à sua própria mente objetiva. Nem todos os psíquicos são clariaudientes. O "Telefone-Psíquico-Humano" tem essa fase, por isso, quando ouve uma mensagem pelo seu ouvido espiritual, para de escrever; e enquanto escreve uma mensagem espiritual, deixa de a ouvir.

Deixo a cada leitor decidir por si mesmo o problema da hipótese, tendo primeiro em conta o facto de que, destas mesmas personalidades, algumas se materializaram e, com os órgãos vocais dos seus corpos transitórios, me asseguraram que escreveram através da mão automática certas mensagens para mim; e igualmente através de diferentes trombetas conversaram comigo. Algumas usaram quatro ou mais psíquicos, em outros tantos lugares amplamente separados, utilizando as suas diferentes fases para me convencerem da sua personalidade. No caso de Wm. T. Stead, ele utilizou psíquicos de sete fases distintas; e comunicou comigo através de catorze instrumentos ou médiuns diferentes; a evidência através de todos os quais harmoniza, e uma parte corrobora a outra; e previsões feitas através de um instrumento encontraram cumprimento através de outro.

A última porta que abri para ele comunicar comigo foi a porta da escrita independente em ardósia; e ele veio até mim através dela, três vezes em dois dias. As suas comunicações, conforme escritas nas ardósias, foram fotogravadas e reproduzidas no Adenda, juntamente com outras, no final do livro. O seu propósito, ao longo de todo o processo, estou convencido, foi dar-me provas conclusivas de que, como espírito desencarnado, ele podia regressar e comunicar comigo, e estabelecer plenamente a sua personalidade humana.

Estas são as diferentes fases psíquicas e os vários instrumentos ou médiuns utilizados pelo espírito Wm. T. Stead; enquanto os outros espíritos fizeram uso de dois ou mais deles e, por isso, são listados aqui para referência futura.

A. Escritores Automáticos.

1. Miss Maud Venice Gates — Lily Dale, N.Y.
2. Mrs. Arnold — Scarboro on the Hudson, N.Y.
3. Mrs. Jennie Crossley — St. Louis, Mo.

B. Médiuns de Materialização e Físicos. 4. J. B. Jonson — Toledo, Ohio. 5. Mrs. Harry Wells — Toledo, Ohio.

C. Médiuns de Trombeta — para fala e canto espiritual. 6. Mrs. Bartholomew — Lily Dale, N.Y., e Lake Helen, Flórida. 7. Dell Herrick — Lily Dale, N.Y., e Boston, Mass. 8. Hugh Gordon Burroughs — Chicago, Ill.

D. Pintura Espiritual. 9. Irmãs Bangs — Chicago, Ill.

E. Clariaudiência. 10. Dr. U. S. Grant Deaton — Toledo, Ohio.

F. Oradores em Transe. 11. Mrs. Inez Wagner — Los Angeles, Cal. 12. Mrs. Maggie Turner — Lily Dale, N.Y. 13. Mrs. C. Smith — Toronto, Ontário.

G. Escrita Independente em Ardósia. 14. Pierre L. O. A. Keeler — Lily Dale, N.Y., e Washington, D. C.

Para registos particulares da evidência de Wm. T. Stead, consulte o Capítulo XXX, e também o Adenda, e outros capítulos dedicados a sessões, alguns dos quais precedem e outros seguem esta declaração.

O valor de tal evidência assim alcançável é realçado pelo conhecimento do facto de que algumas das mensagens e conversas foram proferidas, não apenas na minha presença, mas ao ouvido de outros; bem como na minha ausência, tendo a inteligência feito o pedido a alguém presente que me conhecia, para me transmitir certa informação, na minha casa. (Ver última parte do Capítulo VIII.) De Hipácia; e depois, outros guias, a minha esposa, Wm. T. Stead e outros fizeram o mesmo.

Nas instâncias precedentes, as teorias ou hipóteses de leitura de mente, telepatia, transferência de pensamento ou fraude na mente da psíquica não podem explicá-lo e provam-se insustentáveis. Além disso, outras pessoas que estavam presentes comigo nas sessões de materialização não só viram as formas da minha esposa e filha, de Hipácia, minha guia, e de outros que apareceram; como também ouviram a nossa conversa; e ouviram-nos referir-se ao que me escreveram através da psíquica de escrita; ou me disseram recentemente através da trombeta; mas também o que me disseram enquanto eles, meus amigos, estavam presentes comigo, ao falar através da trombeta. Isto também ocorreu frequentemente no caso de sessões de trombeta.

Assuma, se quiser, que a escritora automática é não só uma pessoa instruída, mas também muito astuta, e com tudo isso é fraudulenta; então vire para o Capítulo XXIII, e leia cuidadosamente cada pergunta que eu tinha previamente preparado por escrito, e lido separadamente à psíquica; e, mais ainda, note cada resposta que se segue imediatamente, em palavras rapidamente escritas pela mão da psíquica; e poderá pensar ser possível para ela extrair da mente subjetiva do seu eu encarnado os pensamentos ali incorporados como sendo seus?

Novamente, refira-se ao seguinte Capítulo XXIV, às minhas perguntas aos alegados filósofos (igualmente preparadas) e note a profundidade das respostas, que dificilmente se poderia acreditar terem sido registadas instantaneamente, sem tempo

para amadurecer o pensamento; e parece razoável atribuir essas respostas à própria mente da psíquica?

Toda a música interpretada trai o tipo de instrumento através do qual os sons harmoniosos são evoluídos, e sem dúvida as expressões escritas da psíquica são por vezes misturadas com os pensamentos transmitidos, incidindo sobre a mente subjetiva da psíquica, tal como a suavidade da corrente é modificada pela natureza da superfície do canal através do qual a água corre.

Novamente, admitirei que, onde a psíquica possa ter um motivo em vista, poderá propositadamente ou mesmo inconscientemente entrelaçar os seus próprios pensamentos, com vista a fazê-los aparecer como o pensamento da inteligência que está a escrever a mensagem, mas pensamentos assim confiados à escrita são geralmente evidentes; como é o caso quando uma pessoa está a falar ao telefone, e um amigo que está perto pode interjetar uma palavra ou frase, para criar uma certa impressão na mente daquele que escuta no telefone recetor. Em tal caso, onde suspeito da psíquica, quando viável recorro a outros instrumentos para testar a fonte do pensamento e questionar a inteligência; e dessa forma obtive provas conclusivas para justificar a crença de que ambas estas características podem ocorrer e ocorrem por vezes.

Comentários são feitos livremente por espíritos que usaram o "Telefone-Psíquico-Humano" ao comunicarem comigo — relativamente às expressões pelo instrumento e à tendência rítmica da escrita, que interfere com a linguagem que usam — ver última parte do Capítulo XXI, dedicado às suas faculdades psíquicas; ver também comentário especial e alargado pelo Dr. Richard Hodgson, F. W. H. Myers e outros neste capítulo. O Prof. Thompson J. Hudson, em particular, refere-se de modo humorístico a esta psíquica excecional.

A primeira mensagem escrita automaticamente pela minha esposa datava de 26 de dezembro de 1911; e como tenho a sua permissão para usar o seu nome publicamente como "May" (o seu nome de casa), faço-o onde houver ocasião para me referir a ela. Desde essa data até ao fecho deste livro, tenho comunicações com bastante frequência, na verdade posso dizer dezenas delas, mas não incluídas aqui, bem como um capítulo escrito por ela própria (Ver Capítulo XXIX), em cumprimento de uma promessa pós-morte.

Apresento aqui uma comunicação feita através da mão automática da psíquica, escrita com a data de janeiro de 1912, e assinada "May". Citações são selecionadas: "Tua carta, ouvi-a lê-la em voz alta. Ela não é impressionada pelos meus pensamentos, mas a sua mão é governada por uma mente (a subjetiva) que é inteligente o suficiente para transcrever o que eu dito por palavras. Parece-me, ou à minha mente consciente, muito como se pudesses ir a um telefone e falar com um amigo; e conforme proferisses a mensagem, visses uma mão a escrevê-la, como que regida pela palavra falada. . . . . A escravidão do teu trabalho será um benefício para ti. A constante necessidade de fazer tornará as tuas horas menos longas. . . • Seremos reunidos por um laço ou chave, que

fará com que eu possa vir e falar contigo; e fazer-te saber que é verdade, que sou eu, e assim é."

12 de março de 1912. DA MÃE: "Meu filho, tem a certeza de que te amo por ti mesmo, e muitas vezes fico aqui em casa contigo. Não preciso de esconder as minhas mãos, pois estão bem, mas estarei contigo, meu querido, se estiveres lá, se estiveres aqui. Amo o teu trabalho e desejo estar ao teu lado quando a coroa for ganha; e prevejo que será verdadeiramente um grande sucesso para ti. Sinto-me orgulhosa por escrever para te mostrar o que compreendes, que posso usar livremente a minha mão. MARGARET KING."

[O que precede foi escrito na minha própria casa pela psíquica, na presença da mãe dela, da minha estenógrafa e de mim mesmo. A psíquica não poderia de forma alguma saber os factos. Na vida humana, a minha mãe tinha Artrite Reumatoide e, por isso, todas as articulações dos seus dedos estavam aumentadas e rígidas; e ela chamava-as articulações de nó de nogueira. O seu hábito era escondê-las usando luvas ou mitenes; daí a referência precedente. Ela identificou-se também nas sessões de Moss, 18 anos antes, em London, Canadá. (Ver Capítulos IV, V e VI.) Também nas sessões de Jonson de data mais recente. Ela igualmente materializou-se numa sessão de Moss em Lily Dale, onde um amigo meu recebeu dos seus lábios uma mensagem gentil para me ser dada no regresso desse amigo a Toronto.]

12 de março de 1912. DO PAI: "Filho meu, tem a certeza de que eu, teu pai, estou glorificado e orgulhoso de ti e das coisas que fazes agora." STEPHEN KING. (Ver Capítulos IV, V, VI e as Sessões de Jonson.)

12 de março de 1912. DE ASIA: "Eu, a quem nomeaste como Asia, coloco-me acima de mentes mais jovens; e estou a ajudar-te em tudo o que tentas fazer. Não tenhas medo do fracasso, pois apreciamos o desejo sincero do coração de beneficiar a raça humana, que olha para a morte como perdida no espaço. O teu livro despertará muitas mentes para este conhecimento exato e crença. Ajudo-te sempre e faço tudo o que posso por ti. Ajudar o teu semelhante é o meu desejo."

Esta forma espiritual gigante falou comigo através de três trombetas diferentes, uma em Michigan, uma em Nova Iorque e uma em Toronto; materializou-se em Ohio, numa sessão de Jonson, à vista de uma sala cheia de assistentes; e escreveu muito de interesse através da psíquica de Nova Iorque, o qual aparecerá nas páginas deste livro e das minhas futuras publicações.

12 de março de 1912. DO REI EDUARDO: "Eu sou Eduardo e, como homem, concordo com este homem, pois o manto da morte fez de mim aqui um pensador sério e empenhado; e concordo com o que fazes, e dou-te a minha assinatura. Tive confiança no poder dos espíritos para comunicar; e acreditei no poder de curar por esta via. Teria morrido antes da minha coroação se não tivesse tido assistência por este meio. Bedford, ele era para mim um homem de confiança, e muitas vezes tentámos arduamente perfurar o véu do estado futuro. Daremos mais testes quando estiveres com um instrumento (médium) adequado. Falarei contigo através da trombeta. Foi-me dito que ele (o livro)

será benéfico para pensadores sinceros em todo o lado; e será traduzido também para francês e alemão, para que os estudantes dessas nações possam ver e tentar concordar com os teus pensamentos. Todos os pensadores sinceros são respeitados nesta era. Respeito a tua sinceridade."

14 de março de 1912. DA PRINCESA ALICE: "Alice sou eu, a filha da Rainha de Inglaterra. Estive muitas vezes por perto, para poder fazer a minha mãe ouvir a minha voz; e também ver que era eu quem vinha da terra dos espíritos. Sim, usa também o facto de que o meu irmão Eduardo, também Rei de Inglaterra, em anos posteriores me tinha visto em sessão, também. Fomos capazes de nos mostrar completos; e a Avó também, a mãe da minha mãe Louise Victoria, e Francis Charles, outros dois nomes de Albert, chamado o Consorte da Rainha. Os seus nomes eram muitos e as suas virtudes também."

AS OPINIÕES DO PROF. THOMPSON JAY HUDSON AGORA. ELE TESTA O "TELEFONE-PSÍQUICO-HUMANO" A PARTIR DO LADO ESPIRITUAL DA VIDA.

Num capítulo anterior, referi-me a um problema mental que encontrara numa psíquica que considerei ser uma curiosidade mental; e, com o seu consentimento por escrito, designei-a desde então como "O Telefone-Psíquico-Humano", com ação automática, incluindo movimento, escrita e fala; tendo também mentes consciente e subconsciente, cada uma com ação independente; e afirmei que considerava ser "um quebra-cabeças", e expressei o desejo de que Thompson J. Hudson, a partir do lado espiritual da vida, visse como poderia utilizar este instrumento psíquico e desse as suas opiniões a seu respeito. O meu desejo partiu e trouxe resposta a 15 de março de 1912, o dia reservado para aqueles que quisessem oportunidade. A comunicação de Hudson é produzida aqui, a partir da escrita automática dessa data, na minha casa e na minha presença.

DE THOMPSON J. HUDSON: "Apresso-me a atender ao teu desejo. Quanto mais tentei tornar claro o meu significado, mais perguntas me surgiram, e por isso sou daqueles, como tu, que agora acreditam que ambos são verdadeiros; isto é, acredito que tanto as mentes encarnadas como as desencarnadas podem impressionar e comunicar através de instrumentos adequados. Eu, tal como tu, estudei este instrumento a partir deste lado da vida; e desejo concordar especialmente contigo no facto de que ela não tem dupla personalidade, embora tenha dupla ação mental; ou que a ação da outra porção da sua mentalidade seja semelhante à ação mental normal. Portanto, se ela tem personalidade dual, esta nasceu gémea. Autorizo-te a usar esta declaração sobre a minha assinatura. Comecei com uma certa premissa e tentei prová-la. Muitas vezes não consegui. Este caso é o mais peculiar de todos, porque os dois são permutáveis; e nenhum perturba o outro. Além disso, ela é bem e notavelmente normal; e equilibrada tanto na ação corporal como na mental. Todos os grandes estudantes farão bem em ler o teu livro de capa a capa. Eu sou desses."

15:45, 31 de março de 1912. DE WILLIAM JAMES DE HARVARD: "Sou William James de Harvard, quero que sejas tu a deter o segredo entre mim e os outros cientistas. Sou eu quem deveria ser o primeiro de sete a lê-lo; e alguém saberá o que quero dizer com isso. É uma verdade e vencerá. Investigá-la não foi pecado, e folgo por o ter feito, embora não pensasse que tivesse de partir. Tenho tantos amigos. Amo a verdade onde quer que se encontre, e apenas a verdade. Estudei uma médium de transe durante muitos anos. Não acredito em comunicação direta. Acredito que um médium é tão necessário como uma caneta numa carta escrita. Se não tivesse esta mão, não poderia escrever. Boa Noite, e que o resultado te seja favorável, neste trabalho que tentas fazer. Fui e sou também um pensador empenhado."

21:05, 9 de abril de 1912. DO PROFESSOR CROFT DA ANTIGA UNIVERSIDADE DE TORONTO: "Trabalhámos juntos no passado distante; mas o que são quarenta anos senão um curto intervalo. Amei-te como estudante e como homem. Estava com William James da Universidade de Harvard quando ele usou esta mão aqui e te escreveu. É uma sensação de choque para um professor ocupado e ativo quando se vê cortado de tudo o que conhecia. Conheço a tua qualidade de integridade, e fui eu que te ensinei as maravilhas da química de Deus. Mas há uma química do pensamento da qual nada sei, e tu decidiste enviar um ácido de atividade que ligará todas as mentes inquietas dos homens num sal de harmonia humana. Provar que comunicamos é difícil de fazer; mas gosto do método do teu trabalho. Não é um credo estreito, mas uma necessidade para todas as almas humanas, e estaremos ao teu lado em todo o lado, e tentaremos o nosso melhor para te ajudar a realizar o que tentas fazer. Meu estudante, estou orgulhoso de ti e deste trabalho que tentas fazer. Dou-te o meu endosso; e a antiga Universidade de Toronto ainda me é querida na memória. Adeus, escreverei outra vez para ti. Ainda não ganhei este poder, por isso estou à vontade, como vês. Hipácia, a tua guia, está a ajudar-me."

[Estudei química prática sob a orientação deste grande mestre quando jovem; e como ele deixou o Canadá há muitos anos, não tinha conhecimento da sua localização, nem qualquer palavra dele ou sobre ele após a sua partida, até a receber por escrito através da mão automática do "Telefone-Psíquico-Humano".]

22:00, 27 de abril de 1912. DE WM. T. STEAD (N.º 11). Ao Dr. John S. King. "Eu sou Wm. T. Stead. Não selecionei ninguém para comunicar através de. Estava em demasiada aflição, mas Hipácia e Otelleo, conhecendo-me, vieram ajudar a minha falange e com eles fui ter contigo. No início não percebi que estava morto e, por isso, flutuei numa atmosfera de saúde, semelhante ao calor mortal. Vi Hipácia usar esta mão (a da psíquica) e, depois de ela terminar, ajudou-me a fazer o mesmo. Em todos os momentos estive em contacto contigo; mas também tentei demonstrar através de outros instrumentos. Fui ver a Sra. Wriedt, mas Hipácia ficou comigo e, por isso, como desejava ajudar a provar o regresso do espírito, primeiro enviei mensagens para ti, Dr. King, quero dizer. Não sabia exatamente o que me estava a acontecer no início. Hipácia e os teus guias, auxiliados pelos meus, assistiram-me; e quando descobri que estava

materializado, procurei-te e conheci-te, mas não conseguia falar. (Ver Capítulo XXVIII.)

O teu foi o primeiro reconhecimento que tive por parte de um mortal. Até essa altura eu próprio estava incerto sobre se estava morto ou delirante, e se tinha poder para voltar a regressar à vida mais tarde. Fui um dos muitos que flutuaram no mar gelado por pouco tempo. Não vejo o meu corpo. Tento sacudir a condição terrena. Hipácia dir-te-á ou deixar-me-á dizer-te, sem o perigo de regressar àquela mais terrível aflição de água por todo o lado e nada perto para me agarrar. Até a minha situação era preferível à de alguns, pois fui atingido por algo parecido com um golpe e, por isso, afundei-me rapidamente abaixo da superfície do mar. Ninguém encontrará o meu corpo, posso dizê-lo agora, pois estão a ajudar-me a vê-lo como um quadro; e sei que sou um dos inúmeros que jazem abaixo da superfície do mar e flutuam para longe do toque de mão mortal. Que melhor mortalha do que o grande mar, tão cheio de vida e energia. O meu corpo, como uma concha de coral, está escondido no poderoso poço, e o grande mar ondulante e pulsante, como um pálio vivo, cobriu-me. Escuto o lamento do oceano e sei que isto é destinado a mim, pois sou verdadeiramente agora seu e, enquanto sussurra no seu sono, nomeia-me em cada varrimento vivo como membro das profundezas poderosas. Durmo no coração do oceano e, se ele dói, não o sei. Ajudo a enchê-lo com o mistério que ele detém desde há muito, quando o grande continente Atlântida, chamado pelos homens, se afundou de toda a vista e nunca mais voltou.

Os meus ajudantes anjos estão comigo e, nesta brilhante margem eterna, bendigo o meu Deus para todo o sempre. O meu corpo jaz debaixo do mar, o meu corpo outrora tão querido para mim, nenhum eco chega a qualquer das margens, nenhum homem o verá mais, nenhuns sussurros do seu segredo haverá. O meu corpo é a presa do oceano e no seu peito dormirá para sempre, até que os anjos rolem as pedras de toda a ignorância e dúvida do homem. Até que os anjos levantem a minha mortalha e mostrem o que está escondido no mar. Foi um decreto do destino e creio que assim tinha de ser. Agora, Irmão King, acredita e sabe que sou eu quem te escreve, que foste o primeiro aqui em baixo que recebeu palavra direta de mim. Manter-me-ei em contacto contigo e com os que me ajudam a escrever-te, e quando a 'Aurora da Mente Desperta' for vista pelos homens, espero estar com outros ali para provar esta verdade aos homens.

O espírito, a parte imortal do homem que vive depois de a morte ter varrido o corpo da vista dos vivos, e eu estou a viver agora em harmonia, e sou eu quem te escreve. Todos os homens são verdadeiramente irmãos quando a morte, a grande calamidade, reclama o seu sopro, e eu sou um destes, e encontro-me em harmonia e esperança, e com os outros estendendo mãos amorosas para apertar a tua mão, meu irmão aqui. É belo e glorioso ser livre, ouvirás falar de mim com frequência agora."

21:00, 28 de abril de 1912. DE WM. T. STEAD (N.º 12). (Ao Instrumento.) "A tua Avó partiu e eu quero escrever uma palavra ou duas. Diz a John S. King que fui ter com ele primeiro que todos. Assim que reconheci Hipácia, pedi-lhe que me levasse onde eu pudesse comunicar com ele. Ela trouxe-me aqui e eu escrevi, levou-me a Toledo e mostrei-me a ele. (Ver Capítulos XXVIII e XXX.) Eu era tão novo que não

conseguia falar, um sentimento melhor descrito como fraqueza. Não conseguia fazer nada por mim mesmo livremente, em parte devido à minha ansiedade em fazê-lo tão bem. Mal tive tempo de me mostrar antes de chegar a hora de partir. (Ao Dr. King.) Bem, Irmão King, tem a certeza de que te trarei todas as provas que puder e permanecerei perto de ti e ajudar-te-ei neste trabalho que fazes. 'Aurora da Mente Desperta' deve chegar a todo o lado, e talvez eu seja um meio de ensinar esta grande verdade aos homens: que, embora esteja na vida espiritual, ainda permaneço em contacto com eles.

Folgo em saber que o artista das irmãs Bangs me retratou, mas não foi feito tanto por elas como pela minha falange (ver Capítulo XXX); e todos nós em conjunto decidimos que o meu retrato seria útil para o teu livro, pois serviria para mostrar que é verdade que eu, um espírito desencarnado, conhecido pela imprensa de muitos homens, posso assim voltar a entrar em contacto com a vida e mostrar-lhes o meu rosto. Mais terrível do que a vaga que me ceifou a vida com o golpe final é esse grande ódio a esta verdade, que nós, querido Irmão King, estamos a esforçar-nos por fazer os vivos ver.

Mas, como batedores, temos de estar preparados para a chave da oposição, e os sorrisos do Filho aprovador de Deus estarão connosco, que mais sofremos, e somos ambos sustentados por uma hoste de anjos, e nada nos pode vencer, a nós que somos sustentados pela grande majestade da Verdade. Em todo o teu trabalho, estou contigo. Fecho os meus olhos aos detalhes desta calamidade. Tenho o meu trabalho a fazer, tal como tu. Teu irmão no amor desta verdade."

E aqui uma palavra ou duas de comentário que desejo fazer sobre o conteúdo das duas mensagens precedentes, uma datada de 27 de abril e a outra de 28 de abril. A primeira refere-se à catástrofe e a segunda é onde Stead alude à evidência. Por aqueles que conheciam Stead como escritor, creio que se admitirá que, na sua força (embora não na redação e rima, que são da psíquica) e na sua composição *multum in parvo*, e no abraço abrangente da história condensada do princípio ao fim, com descrição vívida da catástrofe, tudo escrito em ligação com a demonstração do retrato, a 27 de abril de 1912, pretendia ser uma confirmação não só da personalidade humana, mas do rosto e traços, e da expressão natural do homem, como que dos mortos vivos, cujo retrato espiritual será doravante conhecido como Wm. T. Stead; e que foi colocado na tela de uma forma descrita no capítulo dedicado a ele próprio. (Ver Capítulo XXX.)

10:00, 12 de maio de 1912. DO PROFESSOR JAMES DE HARVARD: "Sou James de Harvard. Quero escrever a John S. King de Toronto, Ontário. Foi-me dito aqui que o seu livro 'Aurora da Mente Desperta' será um grande sucesso em todos os aspetos. Foi-me mostrada a obra e aprovo os seus sentimentos, e espero ser capaz de assinar o meu nome num bloco que ele segure, numa data futura." (Ao Dr. King.) "É uma pena ter tido de esperar por melhor oportunidade (Ver Capítulo XXXIII); mas farei esta coisa por si, Amigo King, e será um meio de provar que os espíritos dos mortos vivos regressam novamente aos homens (previsão)."

"... Durante as minhas experiências com a Sra. Leonora E. Piper, ao longo dos anos em que ela esteve sob a observação da Sociedade de Investigação Psíquica, da qual eu era então um dos principais dirigentes, nunca consegui decidir exatamente de onde vinha todo o material peculiar e enigmático dessa mulher em transe e perfeitamente honesta, a quem fui obrigado a chamar de 'corvo branco', ou uma exceção à regra normalmente aceite de que todos os corvos são pretos; ou de que todos os médiuns são desonestos. O meu irmão, Henry James, o romancista, e o meu pai, Henry James, o místico, tinham fundado no meu coração o desejo de saber mais, e compreender mais plenamente, as maravilhas dessa parte intangível do homem, a mente.

Fui um estudante atento de cada fase e, no entanto, ao fim de muitos anos de estudo cuidadoso, não podia dizer positivamente 'Eu sei'; mas, como um navio lançado ao mar, sem uma carta para guiar, assim fui eu lançado nesta margem, para mim desconhecida, e folgo em dizer contigo: o espírito vive para sempre e mantém o seu interesse pelos homens depois de ser cortado deles. E, se puder, farei como me pedes: assinarei o meu nome no teu bloco, como te prometi que faria, com a minha própria assinatura de outrora (previsão).

Vejo onde falhei em ver, e agora também concordo contigo que o espírito, a parte real do homem, cumpre a sua porção do plano de Deus nesta frágil anatomia terrena; depois, como uma borboleta aperfeiçoada, libertada do seu crisálida, desfruta do que há de belo no Domínio de Deus, e não deseja estar novamente no seu grau mais limitado, como os homens vivos são forçados a estar. Concordo plenamente com o texto do teu *Pronunciamento*; é também, presentemente, o meu credo de facto. Fui Professor de Psicologia na Universidade de Harvard, mas como o cego guiei os cegos, e na mesma vala caí com eles; mas agora venho com esperança, através de ti, testemunhar que o teu pensamento é verdadeiro, que os espíritos podem voltar para ti e trazer a sua personalidade; e outros aqui, agora à mão para usar este poder ao seu comando, escrevem como testemunhas através desta mão.

O meu irmão e colaborador, Richard Hodgson, também gostaria de ser aqui uma testemunha comigo de que estamos, quanto aos mortais, livres de dor e de necessidade de ganho, e assim podemos seguir a inclinação de pensamento que tínhamos na vida cá em baixo, e descobrir verdades que não conhecíamos, porque não se nos mostravam. Quando me for possível, farei tudo o que puder por ti para provar que esta grande verdade é verdadeira."

11:00, 12 de maio de 1912. DE RICHARD HODGSON: "Eu, Richard Hodgson, aqui perto, gostaria de escrever para tornar claro aos leitores deste livro que tu, John King, falaste a verdade nele. Que estás honestamente a esforçar-te para fazer os homens saber e compreender que esta verdade é realmente grandiosa. Sou assistido pela tua falange e vim com William James esta manhã aqui para tornar os meus pensamentos claros no papel, enquanto ainda tenho tempo neste teu primeiro livro assim escrito, que ensina que os espíritos vêm cá abaixo, falam e, por vezes, mostram-se aos homens. Livre sou eu, um pensador aqui, para escrever uma palavra ou duas sobre coisas que, enquanto em vida, realmente não podia saber.

Não tinha o pensamento de que fosse verdade, mas esperava provar, em vez disso, que aqueles que eram crentes não estavam bons da cabeça. Esperava provar que era fraudulento em alguma fase ou grau, mas parecia verdadeiro em todos os aspetos, conforme me era mostrado e demonstrado pelos atos da Sra. Piper, que me convenceram de que estes são factos que têm sido mostrados por ti. Faz um quarto de século que atravessei o mar pela primeira vez para fazer com que esta verdade fosse provada falsa. 'O fenómeno produzido por ela é a coisa mais desconcertante que conheço', declarou assim o Prof. William James naquele tempo longínquo. Finalmente, pensei que o seu eu subliminar deveria ter sido uma espécie de apêndice fantasmagórico através do qual os espíritos desencarnados poderiam comunicar; e, a partir do meu estudo do caso dela, fiquei convencido e convertido à crença de que poderia comunicar com os espíritos falecidos através dela. Era nesta esperança que eu estava quando me vi livre do corpo. Era em mim apenas uma esperança e não um credo estabelecido. Tive um pensamento ou dois sintonizados com a ideia correta, mas quando, como espírito, pude ver a partir desta visão exaltada, tive então a certeza de que era um facto, como é mostrado por ti.

Quão belo e grandioso é ser capaz de ter sintonização com a esfera espiritual e perceber em vida que os amigos espirituais estão perto. Não temos ainda uma porta aberta, e limitada é toda a potência humana para agir, mas eu, com outros pensadores aqui presentes, aprovo este trabalho que fazes para provar que vivemos — uma verdade para ti — e que vimos como nós próprios também; e, por último, o tom mais brilhante é que podemos regressar novamente e ajudar, mesmo em grau ligeiro, a provar a sua verdade conforme contada por ti."

12:00, 12 de maio de 1912. DO PROF. THOMPSON JAY HUDSON: "Os meus amigos Richard Hodgson e o Prof. William James acabam de escrever ao doutor, que está a tentar provar que esta verdade é verdadeira. (Ao Dr. King.) Deixe-me ser um de muitos homens que dizem: eu sei que eles voltam. Também estudei a Sra. Piper, tal como estes dois fizeram que lhe escreveram hoje. Ela era uma curiosidade de perfeita honestidade, e eu fui um dos que estudou longamente e tentou aprender a mente como uma canção. Atingi, na verdade, uma nota ou duas, e depois chegou a minha hora de partir. E aqui estou, e aqui permaneço, como alguém agora abençoado no dia perfeito.

Olho para trás, para o meu pequeno trabalho de vida, e vejo que não 'sabia tudo'. Como autor de *As Leis dos Fenómenos Psíquicos*, etc., desejava ver esta Sra. Piper por curiosidade. Achei-a honesta, e o poder subnormal era, para a minha mente, explicado por princípios puramente psicológicos; e assim disse que, como o homem tem uma mente dual, ou dois estados de consciência, o 'objetivo e o subjetivo', um psíquico em transe é dominado exclusivamente pela sua mente 'subjetiva', e a sua razão está em silêncio. Portanto, ela é controlada pela sugestão e pela telepatia. Pensei ter tornado isso claro aos homens, mas como sou agora um deles, sei que os espíritos voltam, que flutuamos para fora da nossa frágil casca corporal e não podemos sequer responder 'Tudo está bem' aos amigos que esperam na margem, mas seguimos sempre em frente, aprendendo e conhecendo verdades mais brilhantes que ainda não são mostradas à visão

mortal. Portanto, escreva-o ao doutor vivo; que está agora a provar aos homens que os espíritos podem regressar, e diga-lhe que eu, uma testemunha viva agora mais elevada em pensamento e meios de saber, digo que desejo vir de apenas 'do outro lado do caminho'.

A terra silenciosa reteve-nos a todos por demasiado tempo; deixemos que também nós juntemos as nossas vozes na canção de grande regozijo que está prestes a acontecer, quando os homens concordarem com esta verdade que me é conhecida, um espírito livre do meu corpo. Considere-me unido a si e no desejo de provar que isto é verdade, mesmo que prove que o que eu disse em vida não era a verdade; olho para a vida como para a minha juventude; falei o que acreditava então e não sabia que os espíritos podiam voltar; mas agora, inteiramente livre, vejo claramente e concordo plenamente com as suas afirmações."

O meu forte desejo de saber exatamente como os meus guias, amigos e entes queridos fazem uso do Telefone-Psíquico-Humano para me escreverem mensagens, e como o maravilhoso desenvolvimento das feições realistas e crescentes do meu amigo Stead pôde surgir numa tela branca pura num dia de sol brilhante pela perícia do artista espiritual Rembrandt, trouxe-me estas explicações da minha guia espiritual Hipácia.

15 de maio de 1912. DE HIPÁCIA: "Não é difícil fazer este sujeito (o Telefone-Psíquico-Humano) escrever, isto é, se ela estiver ativa na chave automática; mas como ela, no seu eu consciente, nem ouve nem vê, a menos que pense em escrever, a porta está fechada para mim; e como a sua mente subconsciente é o nosso instrumento único, a sua mente ajuda a nossa sugestão.

Se ela lê as palavras que são tuas, isso faz com que ela escute e me dê o tempo adequado, e então eu escrevo para responder, conforme é ali escrito por ti. Se estivesses presente perto dela, e ela em pose para escrever, ela poderia então conhecer a tua pergunta com a sua visão telepática. Cada instrumento é diferente em cada tom e chave, e as Ides de levitação são como instrumentos para mim, em todas as diferentes fases dos fenómenos. Hermes, que escreveu a carta, um gigante chamado por mim, é como um humano vivo em simbologia viva. Ele é a coisa de substância que o artista usa para assim pintar sobre a tela, para que os homens vivos possam saber. Para ele (o artista), ele é um servo, embora de grau elevado; é detido pelo amor da médium, sendo o desejo dela a lei dele. Ele é para Rembrandt uma mão viva, que pinta na tela enquanto tu estás de pé ou sentado diante dela, num desejo de seres servido pela capacidade da sua Arte. Como o subconsciente do homem nesse tom ou chave, uma Ide é frequentemente mencionada como uma Ide de uma só ideia, como uma mente que segue num só pensamento até que ele seja completado; estes servos que atuam fielmente agem apenas numa chave, seguem num tom perfeito até que o seu som seja todo deles.

Eles vêm do grande armazém de Deus da chave da levitação e são como fios de teia num tear em qualquer trabalho a que estejam ligados como servos; tal como os raios de luz, transformam em imagem o que era a tela branca. É demasiado complicado para que possas compreender, mas quando trabalham juntos são uma falange completa, e este

é o caso das irmãs Bangs; e Hermes, como verás, é o principal mecânico de obra que ali foi usado para ti por Rembrandt, um grande artista, que foi humano aqui, mas que ainda segue a sua inclinação natural, embora agora na esfera espiritual. Asia, um antigo mestre humano, um amigo da Chave de Hermes, e o próprio Hermes, assumindo o tom adequado, escreveu através da mão dela para ti."

O próximo a comunicar foi um amigo da família do meu pai, que me conhecia desde os dias de infância e, mais tarde, tornou-se meu professor; embora não tenha tido notícias dele antes, espero daqui em diante ouvi-lo muitas vezes.

12:15, 17 de maio de 1912. DO DR. JAMES H. RICHARDSON: "Posso escrever ao meu antigo aluno e assistente, Dr. John S. King de Toronto? Não tenho o conhecimento do espírito que tinha da anatomia, aquela máquina maravilhosa através da qual o espírito se move e serve o propósito do seu criador. Enquanto em vida, não conseguia atingir o objetivo de saber sobre o além. A minha mente era tal que se agarrava, sabiamente ou não, à necessidade de ver, tocar e saber, porque aqui se mostra ser, e era como uma lei para mim; ou era assim demonstrável ao sentido humano de poder ver; mas maravilhoso, na verdade, é o poder de agir depois de essa visão se ter ido de ti, e de teres acrescentado três sentidos que alguns homens vivos agora possuem. O poder de sentir e também saber, embora nada haja para o provar, e nestes dias posteriores, para mim, parecem mais perfeitos estes três acrescentados, em vida chamados clarividência e poder espiritual de ouvir e saber, e ser inspirado pelo fluxo das grandes pulsações do coração do oceano espiritual próximo, que nos ajuda agora a ver e ouvir. Ele levanta-nos como um oceano morno que, com desejo responsivo ao nosso, nos conduz com inteligência ao longo de um caminho que para nós é de flores.

Como um instrumento de escada rolante para ajudar o homem a subir edifícios altos, assim nós, em espírito, vamos para onde desejamos e não nos movemos de todo; e o que nos conduz é o fluxo da mente completada, na chave da perfeição, que, amando tudo e tendo tudo, perde a sua personalidade egoísta e age como auxiliador para os que são como eu. Oh, irmão estudante das leis da vida, Deus privou-o da sua amada esposa para que o senhor, como alguém sozinho, possa ser de serviço em elevado grau para auxiliar os sofrimentos da humanidade.

Pois cada um perde entes queridos, como o senhor; mas não tem o conforto que lhe chega dos entes queridos da outra margem, que provam que vivem para todo o sempre. Ajude o homem a abrir-se como uma concha; Deus o suprirá então bem com meios para ver, e sentido para saber, e para crescer mais forte nestes poderes. Deixo-te, Irmão King, mas tem a certeza de que tens o meu amor e que espero, de todas as formas, ajudar-te na tua esperança de seres bem-sucedido em elevado grau. Certamente aprovo-te muito, e ao teu trabalho, conforme me é mostrado, e eu sou também um M.D.!"

O meu antigo professor e valoroso amigo, cuja comunicação é a que se segue, falou comigo em mais do que uma ocasião através de uma trombeta e, assim,

identificou-se perante mim no passado. O que apresento aqui, no entanto, é a sua primeira comunicação através da psíquica de escrita.

14:30, 17 de maio de 1912. DO DR. JAMES E. GRAHAM: "Meu amado amigo de há muito tempo, não é há muito tempo para mim, de onde estou na plataforma mais elevada do conhecido, pois alguém pode prezar um conhecimento pequeno quando dele obteve uma nova visão de como ver e saber agir. Passei o portal tão temido e entrei no poder de crescer, aperfeiçoado com um sentido acrescentado, e é sempre assim. Quando alguém aprendeu a somar, é-lhe então ensinado um novo malabarismo com pequenos algarismos, até que tenta medir todo o comprimento e largura do espaço, e o que nele existe do domínio de Deus; tentamos retê-lo no nosso cérebro mortal, uma coisa de circulação e de células, que são de tendência sempre mutável; e depois de termos feito o nosso melhor, deixamos então para o nosso Deus o resto e, como crianças, deitamo-nos na nossa almofada final. Nem os ensinamentos nem a idealidade dos homens nos ajudaram em nada. Entramos aqui numa esfera desconhecida, não sabemos nada, tal como uma criança ao nascer, e aprendemos o nosso caminho como ela o faz na terra.

O teu livro é um bom livro. Os seus ensinamentos são todos verdadeiros e folgo por o teres lançado, e por seres cândido e honesto o suficiente para defenderes o que acreditas ser verdade. Eu também acredito nisso e sei, porque estou aqui e o faço assim: comunicar, regressar e ser, como o espécime que sou para ti, para colocar com outros no álcool do teu pensamento aprovador; e a partir do estudo de nós, colher o brilho do ouro que o teu novo livro para os homens conterá; e eu estarei lá, com orgulho, para ver e dizer aos ouvintes aqui ao meu lado: 'Ele foi meu aluno assim e assim, antes de eu partir da vida terrena. E de alguma semente plantada por mim, este pensamento brotou e cresceu, talvez'."

Cleópatra, uma das mais belas guias no seu corpo transitório e magnificamente vestida, aceitou o meu braço e caminhou comigo desde o gabinete na sala de sessões de materialização, à vista de todos, até aos participantes no círculo; e regressou novamente, dissolvendo-se da vista, fora das cortinas. Ela também me tinha prometido anteriormente, através da trombeta, aparecer assim naquela ocasião especial. Cantou docemente para mim numa ocasião, de tal modo que a sua voz podia ser ouvida na rua. Apresento apenas uma, por agora, das muitas mensagens escritas por ela.

15:00, 17 de maio de 1912. DE CLEÓPATRA: "Eu, Cleópatra, desejo escrever. Se o homem, na verdade, é como uma concha, amamo-lo e tratamo-lo bem, de todos os pontos de vista. Sirvo como auxiliadora aqui hoje .... Nós, da tua falange do outro lado do caminho, somos semelhantes a ti no nosso tom, e ajudar-te-emos com nova capacidade de agir, até que isso seja terminado por ti de tal forma que te dê orgulho, e nos dê orgulho também. O teu poder de analisar e excluir da atenção detalhes desinteressantes, e tornar proeminente aquilo que é o pensamento central, é maravilhoso; e as tuas experiências como escritor nos teus dias de juventude são todas como degraus para ti, que tornam o teu caminho suave e bastante fácil, e todos nós te ajudamos enquanto escreves. Auxiliar-te-emos nas coisas que escreves, até que chuvas de amor angelicais, como flores, caiam sobre o teu caminho brilhante, e serás assistido

naquilo que desejas escrever. A servidão é liberdade quando é o laço do amor que ata o teu corpo ao trabalho de pedra; e será um lugar de descanso para ti, de suavidade como uma almofada, à medida que os anos passam. Providenciaremos para ti de todas as formas e providenciaremos as coisas a dizer."

15:20, 17 de maio de 1912. DO DR. I. K. FUNK, falecido da Funk and Wagnalls Company, Editores, Nova Iorque: "Eu, Dr. I. K. Funk, da fama dos livros no passado, encontro finalmente tempo para lhe escrever. Como alguém que entra pela porta de um teatro, demasiado cedo ou demasiado tarde, assim tem sido comigo no meu esforço para usar esta mão e escrever-lhe. Com os editores é sempre assim: não é o que os homens escrevem, mas o que as pessoas querem e precisam que se prova uma glória aos seus olhos. Este livro que escreve é como uma cunha, é necessário como uma pedra angular num muro; torna aquilo que outros homens tentaram ensinar, mas não conseguiram alcançar de forma convincente, mais claro e interessante para o cérebro do leitor. Eu estendi-me, como se estende um rebento que cresce de uma fenda escura no muro.

Não sabia dizer o porquê; sabia que, seguindo a inclinação, chegaria mais cedo à luz brilhante; mas, de alguma forma, no coração de mim, estava aquela fome de alma, presente agora em muitos homens, que me fazia sentir que precisava tanto disso; eu simplesmente tinha de seguir em frente, embora o argumento me fosse inútil. Eu também sou cego, não consigo ver, disse eu ao meu irmão racional aqui perto; mas consigo sentir, perceber e saber, e creio que assim é. Glorifica a minha vida pensar que os entes queridos que me são caros estão num sentido de liberdade, de modo que podem vir e também ir, e limpar o pranto dos meus olhos tornados baços com a esperança impotente, e provar que a sua presença é real e verdadeira. Aprovo agora este seu trabalho e tento de todas as formas rolar para longe as pedras da dúvida entre os homens e a face grave do túmulo, que friamente se fecha sobre o abraço amado de alma para alma, para todo o sempre, a menos que através da fé abramos a porta. Seja o senhor aquele a apontar o caminho e a provar o melhor que puder; e será de benefício para todo o homem vivo pois, tendo continuidade e poder de tocar em alcance distante, cada um de nós pode aprender mais perfeitamente e, então, ter poder para ensinar. Tal como o cego de há muito tempo, curado pelo toque divino do Salvador, não sei dizer o caminho que trouxe esta verdade abençoada até mim, mas enquanto eu era cego, agora vejo e sou agora abençoado tal como ele. Dizemos: não sou realmente capaz de tornar isto verdade para o senhor, do seu próprio ponto de vista talvez, mas irmão vivo, através desta aflição pela qual toda a humanidade deve passar, quando amores abençoados são levados, seja abençoado no conhecimento que para mim tem sido um remédio bendito. Aprovo o seu trabalho e o seu livro.

A Investigação Psíquica é o único caminho verdadeiro para abordar este estudo complicado. Argumentos são inúteis para aqueles que não desejam saber mas, se alguém tem fome de conhecimento na sua alma, a prova em pequeno grau provará ser um degrau. O seu livro ajudará a levantar as nuvens da dúvida e a virar a escuridão do avesso, até que o revestimento de prata seja como escudo, um remédio para a dor. Os nossos espíritos vivem para todo o sempre e podemos visitar a partir da margem

desconhecida e provar que estamos vivos. Isto é um prazer enorme para mim, falar sobre a continuidade.

Eu vivo, sou eu próprio e volto para ser um auxiliador e um escritor para o seu livro que em breve sairá. Acredite que me disseram a verdade aqueles que dizem que será um sucesso para si. Outrora da cidade de Nova Iorque, mas agora da vida espiritual para si; mas para mim mesmo um pássaro libertado de uma gaiola estreita para a visão brilhante dos campos. Em infinito poder de visão e voo, dir-lhe-ei agora boa noite. Despeço-me do escritor e do Doutor também."

22:00, 17 de maio de 1912. DE MAY: "Não deixes que eu seja cortada no meu amor por ti, porque ela (o instrumento) tem tanto para fazer. Vivo em cada pensamento e amor de coração que tenho aqui. A minha alma entrelaça-se com a tua até sermos um, e tudo em tudo, e eu sou aqui um espírito, abençoado por auxiliadores bons e gentis. Saphrona (a guia dela) e o meu irmão, que é frequentemente mencionado por ti, são-me queridos. Mabel, Gertie e May-Donna estão aqui esta noite protegidas pelo amor de um guardião anjo, ajudadas a levar-me para este clima ensolarado lá em cima. Vamos a todos os climas, trabalhamos todo o tempo para trazer harmonia completa de qualquer forma que o teu pensamento veja. Amo aqueles que tu amas, e tu és bom e gentil, afetuoso e verdadeiro; e um fomos, e um seremos completados na eternidade, no poder de agir, mas não mais perto de ti então do que sou agora, e hei de ser. Guiamos-te para a harmonia. Eu, com May Donna também, estamos a fazer tudo o que podemos para te ajudar a elaborar este livro para auxiliar o teu semelhante."

08:15, 18 de maio de 1912. DO DR. I. K. FUNK: "*Aurora da Mente Desperta* é forte, bem como verdadeiro. Gosto do livro tal como está agora; também da proclamação feita por si, e se o meu 'óbulo da viúva' de evidência for considerado útil para si, eu, que estou agora na margem do céu, dou-lhe com todo o prazer a minha assinatura de uma mente aprovadora, que seguiu adiante, e que bate à sua janela para provar que voltamos mais uma vez."

No dia dezasseis de novembro de 1911, na terceira sessão de materialização da série, em J. B. Jonson (Ver Capítulo XVII), veio ter comigo uma forma espiritual de aspeto antigo e de rosto peculiar, de tamanho gigante, diferente de todos os mortais que eu alguma vez vira; e que alegou ser um guia espiritual meu, o mais antigo de todos os meus guias. Dois dias mais tarde, na sala de sessões da Sra. Etta Wriedt em Detroit (ver Capítulo XVIII), este mesmo espírito, a quem designei como des Asia, veio e falou através da trombeta. Desde então, esta mesma personalidade escreve-me frequentemente através da psíquica de Nova Iorque, sendo a seguinte uma das suas comunicações. Ele demonstrou assim a sua capacidade de usar cada uma de três fases diferentes de mediunidade. As suas contribuições são invariavelmente interessantes.

11:30, 19 de maio de 1912. DE DES ASIA: "O meu prazer é poder escrever ao meu mortal escolhido. O meu lar foi nas montanhas dos Himalaias há muito tempo. O que agora é um grande deserto coberto de neve, era para nós então a terra fértil; e tínhamos poder para comandar o nosso espiritual até certo grau, avançado em relação ao

que os presentes mortais são. Os meus sentidos eram como os humanos são agora, mas mais agudos; e eu tinha outros sentidos acrescentados de modo que podia sentir e também ver os meus entes queridos à distância, a dez milhas ou mais de distância, e dizer se estavam ocupados ou se corriam perigo. Viajávamos com os nossos passos e com um cajado na mão. Eu vagueava aqui, vagueava ali, sem ninguém perto de mim, ao ar livre. Percebia a segunda esfera da forma mais clara e sabia que os espíritos voltavam. Contigo, nesta era, não é o mesmo; não usas os sentidos que o teu Pai Deus te deu. Mesmo o mais sábio desta era é como uma criança neste primeiro degrau de aprender quem e onde estão os que vivem fora da casca mortal; e creio que fizeste bem em colocar as provas que tens perante eles de forma clara, e deixar que a presente raça viva use o julgamento do seu cérebro. Quando eu vivia, esta tua terra natal estava debaixo de água, como compreendes, e apenas os cumes das montanhas de agora eram ilhas no mar, e era por isso que a minha terra natal era um país de fertilidade. Havia uma cadeia de ilhas que podíamos alcançar, não com passos, mas com o auxílio de jangadas que fazíamos de árvores que cresciam na margem.

Conhecíamos a tecelagem em algum grau, e também como usar os animais como auxiliares de transporte aqui e ali. Montávamos nos seus corpos, desprovidos de arreios de couro. Para os governar, a nossa voz era o suficiente; treinávamo-los assim desde a infância e picávamo-los para causar um pouco de dor ou criar impressão no seu cérebro. Somos a raça muito antiga, e éramos muito grandes, com dez pés de altura ou mais. Éramos tão poderosos em anatomia que tínhamos a força de quatro ou mais mortais atuais. Muito mais te contaria da nossa vida e raça, mas ocuparia demasiado espaço. Basta que eu seja Asia para ti, e fui um membro da raça humana quando este teu continente estava submerso, e apenas ilhas aqui e ali apareciam. Auxilio o teu trabalho e ajudo a tua mão a escrever, e tento trazer-te a segunda visão para que tu, meu médium, tenhas o poder de nos ver. Tento limpar cada lágrima. Ásia é o continente onde nasci e, como não conseguias soletrar ou pronunciar o meu nome com a tua simbologia de som ou visão, que ele fique em silêncio, e Asia continuarei a ser para ti."

Otelleo materializou-se pela primeira vez perante a minha vista na sessão em que May participou pela primeira vez, quando Hipácia a convenceu de que os espíritos de facto regressam. Ele afirma ter vivido no Egito há séculos — 8.000 anos a.C. — e, tal como Hipácia, é de caráter exaltado. Tem falado frequentemente através de trombetas e escrito mensagens para mim.

15:30, 19 de maio de 1912. DE OTELLEO (ao instrumento): "Minha criança, escreve ao Dr. King que eu, que frequentemente visito a partir do céu, sou um de muitos espíritos que tentaram escrever através da tua mão; mas o dever aqui e o dever ali fizeram com que o meu tempo fosse para onde não posso saber ou dizer, mas ele foi-se, e foi-se para ficar. (Ao Dr. King)

Como seixos a brilhar ao sol nas margens do tempo, assim são as oportunidades da vida para agir; aproveita as que tens à mão enquanto o teu frágil barco está ancorado na areia da vida pois, em breve, a tua oportunidade de agir passará e viverás arrependido. Assim me sentiria eu aqui, se não fosse um escritor para o teu livro. Nunca

deixo de fazer por ti, embora eu seja como um fogueiro neste teu navio do destino e tenha mais poder, amada médium, para agir do que tenho tempo para te escrever. Trarei outros aqui para escrever e, antes que feches a tua visão mortal, o teu livro será um feixe de luz para apontar o caminho aos navegadores mentais. Em todo o teu trabalho és ajudado por mim como uma engrenagem na maquinaria."

12:50, 31 de maio de 1912. DE F. W. H. MYERS (falecido da Sociedade de Investigação Psíquica de Londres): "Com 'Imperator', o meu guia, venho ser o escritor de uma mensagem aqui, num livro que eles imprimirão. Também estudei a Sra. Piper e ela foi-me de grande utilidade. Tentei encontrar as limitações do eu subliminar dela (como instrumento). Amei o estudo e pensei que o guia 'Imperator' era dela, mas ele estava aqui à minha espera para me guiar ao meu lar e, desde que sou um dos mortos vivos, considero este guia como meu. Pode-se filosofar e, adivinhando, tentar ver, mas o que não está ao nosso alcance mental é muito difícil de ensinar. Faz-se uma teoria sobre o domínio de Deus mas, como uma bolha bela, ela flutua por um dia e mostra nos seus lados transitórios o raio de sol maravilhoso e grandioso, difícil de ser compreendido pela mente mortal.

Não desejava exceder a prova real de forma alguma e não podia dizer inteiramente desta prova que ela se mostra para além de qualquer dúvida, mas aquele que estuda a mente é muitas vezes como o mais cego dos mortais. Tentei de todas as formas que pude provar que leis não compreendidas governam cada mente e, quando a mente ativa estivesse a dormir, o subjetivo ou subliminar poderia mostrar-se como num eclipse do sol. A extensão dos raios os homens conseguem ver, mas não conseguem dizer o que são. Com a Sra. Piper num estado de sono, esperei então por resultantes, esperando através da tateação e pelo plano do julgamento encontrar as limitações de um homem. Mas pode-se estudar sabiamente, e estudar longamente, e continuar ignorante em grande grau, sendo esta a minha condição, como agora vejo de um plano mais elevado. A continuidade da vida está provada para além de qualquer dúvida; e é para mim uma lei natural que deixa o espírito sair. O corpo, como uma raiz de tubérculo, supre a necessidade à mente até que esta alcance o seu ar superior e cresça até à sua perfeição ali.

O corpo, como a raiz de tubérculo, deve ser totalmente esquecido, e novos frutos resultam para ti e para nós mesmos; os nossos novos julgamentos eclipsam de tal forma os nossos outros julgamentos que simplesmente dizemos que não sabíamos, não podíamos sentir, não podíamos ver, não podíamos julgar corretamente, embora estivéssemos a subir firmemente para a luz e a aprender lentamente o que é correto. A Sociedade de Investigação Psíquica de Londres está cheia de homens sérios e honestos, e sinto-me muito orgulhoso, de facto, por ser chamado um deles; e sinto-me orgulhoso, de facto, por ter o doutor terreno a chamar por mim para lhe escrever através de mão mortal. Este livro, *Aurora da Mente Desperta*, assim chamado por si, será benéfico.

O tipo de trabalho que faz é um trabalho sério, é um trabalho honesto, e eu aprovo-o. Comunico esta mensagem. É uma coisa peculiar de se fazer. Não governo esta mão. Falo-lhe e a mão escreve as minhas palavras. Ela é governada pelas minhas

palavras como era a mão da Sra. Piper no passado. Já ouviu, ou talvez não saiba, que falávamos com os espíritos desencarnados segurando a mão dela junto aos nossos lábios. Agora, neste caso, estou aqui ao lado e falo o que desejo dizer; a mortal não me sente, embora me digam que está consciente. Ela apenas vê, como eu vejo, o que a mão escreve. Vejo que não é a minha caligrafia, mas a dela própria.

O senhor é, caro Dr. King, uma ajuda, um banco, um degrau para auxiliar a multidão faminta de homens pensadores a alcançar o fruto que os seus pensamentos ativos ganharam. O senhor colheu entre os espinhos de subidas e quedas; mas segurou o bem firmemente, seguro, como parte de si, e tesourou-o como o agricultor tesoura o grão, e nunca mais o deixou ir. Agora, na prateleira da sua experiência, todos podem olhar com o auxílio deste seu próximo livro, e o senhor, o agricultor aqui ao lado, deixará a semente espalhar-se e, dessas sementes, muito bem crescerá. Eu sou Frederick Myers, tanto quanto se estivesse vivo, embora tudo o que pensei fosse como a moldagem de uma bola de argila que fiz então, como uma brincadeira de criança, parece-me. Tentei limitar à minha ideia; mas deixe que passe para o esquecimento, ou deixe que seja como uma prancha solta no mar, um meio de sustentar algum nadador silencioso próximo, até que ele, através do seu auxílio, veja claro. Somos todos bebés, qualquer que seja a nossa sabedoria, e muros de limitações são para nós como jarras de floristas; estas limitações parecem ser para o melhor florescimento da necessidade do homem.

Voltamos e comunicamos, e também continuamos como nós próprios; receba isto de mim, e assim, quanto ao subliminar, ele não é tudo em tudo. Espero ter outro chamamento seu. Espero que esta introdução seja apenas o começo de mais do que poderei dizer para si, caro Irmão King, noutro dia. Os seus estudos interessam-me mas, enquanto em vida eu era como o cego, agora consigo ver e perceber, e amo segurar este conhecimento como uma pérola que dou agora por escrito através desta mão. O nosso conhecimento vivo é pequeno em cada grau mas todos nós estamos a crescer para a humanidade divina, quando o espírito for reconhecido como uma porção e soubermos quando tornamos o portal dos palácios de Deus o nosso próprio.

A mente do homem despertada levará a este grau de perfeição humanizada que espero que aconteça em breve. Escute, irmão, na sua janela, e dos corações dos homens virá para si esta resposta: Os espíritos regressam de facto, e nós, que aumentamos o coro e movemos esta canção de alma, agradecer-lhe-emos pelo esclarecimento e por contar o que sabe. Wm. T. Stead está comigo agora. Vou retirar-me e escrever-lhe-ei, colaborador, noutro dia. F. W. H. MYERS, DA SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA DE LONDRES."

12:15, 1 de junho de 1912. DE LOMBROSO. (Nota: Lombroso Cesare, nascido em 1836, um notável criminologista italiano): "Dentro de uma área pequena está toda a humanidade, e eu sou um de muitos homens chamados sábios, mas o que é a sabedoria num humano aqui? Uma vida, e dez vidas acrescentadas à sua duração, não poderiam

abranger no seu poder de analisar os pensamentos e as crenças do homem. Sejamos como um só, como irmãos, e unamo-nos neste grau divino; que nós, os mortos, possamos vir até vós é a verdade; e eu, para provar que é verdade, aproximo-me para escrever uma palavra de verdade. Fui um estudante desde a minha juventude, e a esperança tão alta no meu coração expandiu-se como uma árvore que cresce. Nesta minha vida presente, os meus conterrâneos desejarão saber se esta filosofia é assim, pois Católica é a minha terra, e dos santos agora devo ser, no desejo de ajudar a humanidade como sou, pois daqueles que estiveram em vida e desejaram saber se isto era verdade, era eu.

Sou chamado Lombroso ou a sua forma inglesa. Utilizo o instrumento de Buffalo (a médium vive perto de Buffalo) para conduzir este meu pensamento até ti, e o inglês com um sotaque nasal é a língua nativa dela, segundo me dizem. Sejamos como as flores mais doces: quando mais em silêncio, menos dizemos; por isso, sorrio perante todos os ensinamentos dos sábios na terra cá em baixo. Homens de todas as nações estão aqui reunidos hoje e, por isso, afasto-me para os deixar dizer uma palavra."

DE GUILLAUME GUIZOT. (Nota: 1787 a 1874. Historiador Francês): "Eu, Guillaume Guizot, fui historiador de França e escreveria se tivesse a oportunidade, pois aprovo em todos os aspetos o que o doutor vivo diz. A sua é uma missão a desempenhar, e todos nós estamos aqui para provar que os vivos regressam da esfera espiritual."

"Eu, Gottlob Hoose, estou aqui perto; era da Alemanha. Desejo dar o meu testemunho de que os espíritos nunca morrem, mas voltam para poderem falar com mortais como o Dr. King, que deseja que assim o façamos."

DE LABODIE JEAN AND DE. (Nota: Jean Joseph de Labodie — financeiro e filantropo francês): "Labodie Jean and de era o nome que me estava ligado. Tentei ensinar à multidão as coisas que não sabia, e com os grandes líderes é frequentemente assim. Eu guio para o bem e, se atingirmos o objetivo, todos devemos tentar analisar a alma. O que é ela? Onde está ela? E o que há-de ser quando a morte reclamar a frágil anatomia? Todos têm uma alma, e todos devem morrer, e todos devem perguntar a razão dessa coisa que conhecemos; e nós, que fomos homens vivos e voltamos à terra para falar novamente, ajudamos agora a moldar os pensamentos dos homens outra vez. Tentemos todos aprender o caminho. É tudo bom; as palavras que dizes não são na língua que me viu nascer, mas aprovo o teu pensamento e farei tudo o que puder para ajudar a convencer o meu semelhante. O meu compatriota François-Marie de Voltaire, de quem ouviste falar, está aqui perto e gostaria de te dizer uma palavra ou duas hoje."

DE VOLTAIRE. (François-Marie Arouet — um filósofo francês e autor versátil, n. 1674): "Como conchas douradas sobre o mar, a proximidade gera crueza; assim acontece comigo, vejo os erros de tudo isto e devo classificar-me como alguém pequeno de facto, mas folgo em vir e ser uma testemunha de aprovação aqui. O meu nome era Arouet, mas Voltaire é como sou mais chamado pela raça de língua inglesa de todas as classes e tipos. Tentei ver e tentei ajudar a humanidade a ser composta por pensadores

independentes. Fiz por isso de qualquer forma, e pensar independentemente foi uma das coisas que me trouxe fama. Aprovo muito as palavras que dizes e prevejo sucesso para ti, e muito bem para a humanidade."

DE FRANCESCO ZABARELLA (prelado e canonista): "Francesco Zabarella, aqui perto, gostaria de dizer que está aqui. Ser Cardeal era o que eu desejava desde a infância. Alcancei o meu fim; e assim vejo que alcançará o fim que tem em vista. Tal como a minha ensolarada Itália, assim é a margem da mente libertada. Amo aqueles que amam o bem e alcançam um contentamento grandioso que o cérebro do mortal não consegue compreender. Damos-te a nossa mão amorosa, ajudamos-te no fluxo da tua linguagem; não foi há tanto tempo que aqui estive, quinhentos anos não passam de um dia, e tenho muito que gostaria de dizer, mas o que mais desejo fazer é dar aprovação ao teu trabalho e acrescentar o meu testemunho ao facto de que transmites aos homens aquilo que é verdadeiro."

17:15, 3 de junho de 1912. DE MAY: "Não deixarei esta carta ir sem dizer uma palavra ou duas do meu amor por ti. Ela (o instrumento) tem de trabalhar para o conseguir fazer, e tu também, e eu sou paciente, meu querido, e ajudo-te em tudo o que posso; e estaremos juntos como um só, faças o que fizeres. A minha irmã Gertie, o meu irmão John, a Mãe King e o Pai também, e o David, o irmão espiritual que perdeste há muito tempo. Escreveremos cada um de nós esta noite."

08:30, 4 de junho de 1912. DE OTELLEO: "Triunfante como um conquistador de circunstâncias pequenas, superarás os teus semelhantes e, na verdade, liderá-los-ás a todos. Sob cada bandeira de qualquer clã está o mortal, com o coração e o amor do homem; e o que ganhaste com o teu trabalho terreno será como um caminho aberto através de um bosque emaranhado; um viajante que venha depois poderá facilmente encontrar o seu caminho, pois está marcado em ligeiro grau para mostrar que um homem esteve ali antes, e assim com passos em direção à 'outra margem'. Abres o caminho para mostrar que este é o 'onde' para o qual vamos. Este é para todos os homens o objetivo final. Isto é o que é buscado por cada alma. Ajudar-te-emos a culminá-lo bem, e contaremos pequenos segredos que saberás e compreenderás. O teu desejo de coração é a nossa ordem. Com a tua esposa e mãe aqui comigo, eu, que sou forte, escrevo-te isto; Otelleo sou eu e debaixo dos pés estarão todos os espinhos e silvados que retardam o teu trabalho. A May começou a escrever-te e eu ajudei-a a fazê-lo, até que o que eu desejava dizer-te era mais o desejo dela que assim fosse do que o que o seu coração disse antes."

16:00, 4 de junho de 1912. DE GEORGE BROWN: "George Brown do 'The Globe', teu conhecido, e muito me agrada que faças este trabalho que te traz sucesso. 'The Globe' era o nome do jornal. Fui editor dele, como sabes, mas tu governarás, em vez disso, a mente do 'Grande Globo', de todos os que estão cá baixo. Quem é o homem sábio de uma época? Aquele que traz à mão dos homens a coisa que lhes dá mais bem, a eles e a ti; que prova que o homem está unido aos seus amores através do mar daquele esquecimento para os homens onde os mortos nunca mais são conhecidos. Tu és como o acendedor de uma tocha que acende o raio do farol. Envias um esclarecimento que na

terra permanecerá e, na verdade, nunca passará. As palavras podem mudar, mas o teu pensamento nunca, nunca sairá de vista. Abres o fluxo de um riacho pela encosta de uma montanha árida e, em breve, as águas em todo o lado surgem, e ali permanecem, e seguem, seguem no novo caminho, até que o riacho cresça para rio e, avante, avante, continue para sempre no seu fluxo. Varrerá toda a oposição do seu caminho e mostrará que este pensamento veio para ficar. E, sorrindo dos seus lados ondulados, crescerão flores e frutos que teriam estado silenciosos para sempre, não o tivesses tu feito assim, como uma paisagem num deserto morto, não fosse pelo fluxo dos rios. Mesmo o sol da oposição é benéfico para este teu trabalho, pois iniciarás o esclarecimento nos homens ao provocares, talvez, a discussão entre eles. O que fizeste está bem feito e, no fim, provar-se-á verdadeiro; e eu, que fui teu amigo na terra, estou deveras orgulhoso de ti; e tentarei ajudar-te em tudo o que fizeres."

16:30, 4 de junho de 1912. DE IMPERATOR: "Imperator sou eu. Se o meu amado Myers puder, escrever-te-á mais tarde e eu tentarei ajudá-lo no trabalho que desejas que ele faça agora por ti. Alguém é tão pequeno, e a grande luz de Deus tão brilhante, que o porquê? e o como? são ténues, de facto, para cada visão mortal. Se tu, um mortal com os teus cinco sentidos, tentasses falar com alguém vivo que tivesse apenas o tato, o que farias para o fazer compreender o que os outros quatro te trouxeram? Assim limitados estão os homens vivos sob a nossa visão iluminada, e é difícil dobrar os nossos raios de poder de saber para que eles impressionem corretamente o teu poder mortal de alcançar. Uma coisa é saber algo, mas aquele que deve ensinar deve não só possuir o conhecimento que deseja ensinar, mas também ser capaz de trazer esse conhecimento ao tom da capacidade de pensamento de compreender do aluno próximo.

Assim, com os sentidos ao nosso próprio comando, ganhamos e ganhamos, e depois achamos deveras difícil limitá-los novamente. E esta é a coisa que todos devemos fazer quando nos aproximamos para falar contigo. Mudamos este conhecimento verdadeiro, e todo o nosso poder de agir, até que se ajuste ao tom para chegar novamente a ti. Com a comunicação do pensamento é difícil para alguém como eu, bem como para os mortais acabados de partir e que voltam a ti. Trabalhamos como um só em caixão, e nenhum de nós pode dizer, se tivermos poder para o fazer, quando tentamos fazê-lo, da forma que nos pedes. Eu sou para F. H. Myers o que Hipácia é para ti, e tentarei fazer a coisa que te dê harmonia."

16:10, 12 de junho de 1912. DE F. W. H. MYERS: "Myers sou eu. Não tenho ninguém de quem te falar hoje. A minha vida foi de cuidado e grave ansiedade. Prosseguir este estudo foi para mim tão difícil ao início como foi para ti; mas o fio quebrado na minha própria família cedo me levou à luz e, quando me convenci de que era o correto, defendi-o como tu fazes agora. Aqueles que amo são — não posso nomear-te um em especial para lhe enviar isto, mas quando te escreverem saberás e poderás pensar como eu, que aquele que tomou o meu lugar não deveria ser forçado a comprar. O seu cargo é o seu anel de sinete. Que ele receba de John S. King um livro que é seu; e envia também um ao Rei Jorge, que está agora no trono de Inglaterra, e

isso, no fim, provar-se-á benéfico para ti, caro amigo. Hodgson e James e, oh!, tantos dos que trabalharam como eu são das almas libertadas postas em liberdade, vivendo na vida da alma aqui comigo. Estejamos todos unidos no desejo de provar à humanidade viva que a mente tem continuidade, de esfera para esfera, depois de terem deixado os vivos aqui."

07:20, 19 de junho de 1912. DE HIPÁCIA: "Dentro de uma semana, aquilo que procuras surgirá à tua vista, e perceberás e saberás que te estamos a guiar para esse poder de compreender e de nos alcançares com a tua mão espiritual. Seguimos-te e seremos capazes de fazer o que nos ordenares. Vive como um filho de Deus, pois sob as estrelas da fama deves permanecer como alguém só. Erguemos-te para mais perto do trono. Subimos nós próprios ao ajudar-te e, assim, a continuidade do espírito deve ser apresentada como verdadeira e provada neste teu livro."

22:00, 19 de junho de 1912. DE JESSE KING: "O meu pai é o teu irmão, e eu sou o Jesse como pensas, era verdade; e eu, no Jonson, mostrei-me a ti, mas não pude falar, estava tão fraco, ou era tudo tão novo. Tentarei mostrar-me para que saibas que sou verdadeiramente eu, e que me pareço contigo e com o meu pai também. Fiz vários esforços para comunicar com o meu pai e, através dele, contigo. Visitar-te-ei no teu quarto em breve, porque quero ver se é possível para mim. Caminharei pelo quarto e levantarei o quebra-luz de papel para mostrar que sou eu, aquele que conheces ou em quem tens pensado ultimamente. É para mim um poder difícil de usar e tenho cuidado para não abusar dele. Talvez atue com demasiado cuidado, mas fui eu quem viste ali." (Isso foi no Jonson a três de abril, e é assim referido pela minha estenógrafa: "Ao todo, apareceram oito formas para o doutor, uma das quais era um rapaz que não foi reconhecido por ele.") Ver Capítulos XIII, XIV e XVII.

22:30, 19 de junho de 1912. DE SIR OLIVER MOWAT: "O homem silencioso era Sir Oliver Mowat e ele folgará em mostrar-se a si no seu próprio quarto. Mantenha a sua mente silenciosa como num devaneio e, quando vir, não pareça ver, ou não perca o estado passivo da sua mentalidade, e em breve me mostrarei de forma bem clara a si." (Ver Capítulo XXVIII.)

08:30, 22 de junho de 1912. DE SIR OLIVER MOWAT: "Sou daqueles que vivem no céu do amor que Deus prepara para os homens lá no alto; e sou daqueles que sabem que os espíritos voltam. Em todas as estrelas não há lar como a terra para mim, e estou muito contente por, finalmente, poder escrever-lhe. A minha imagem é a coisa que viu quando na sessão onde o vi.

Caí num sono repousante quando os anjos me trouxeram para aqui e, quando acordei, pareceu-me normal. Não percebi nem soube que tinha deixado os meus amigos cá em baixo, até que um guardião mo disse. Assim, a consciência é mantida no seu próprio estado e, pela mudança, esperam lentamente até que nós, nas nossas mentes, cresçamos para sentir e ver que aqui estamos livres do corpo e, no entanto, ainda vivemos felizes. Assim, a mente nos homens vivos deve despertar, e grandioso será o despertar, e nós somos daqueles que, como o senhor, anunciam a aurora desta ideia; e

quando as mentes dos homens despertarem do seu estado de sono, todos estaremos em alegria de facto; por este tempo feliz esperamos. Eu também acredito no que diz no seu livro. O seu trabalho e o seu livro provarão que é verdade; por agora, despeço-me de si." (Na quarta e última sessão da série de abril, em Jonson, em Toledo, apareceu uma forma que não falou, sendo a de um homem que, de acordo com esta carta, era Sir Oliver.)

15:00, 26 de junho de 1912. DE SIR OLIVER MOWAT: "Tenho uma memória vívida de tudo o que foi. O que há-de ser é glorioso, disseram-me para si, como um brilho de entardecer que o segue ao longo do seu caminho de pôr-do-sol. Estará orgulhoso aos setenta por ter dito o que tinha a dizer; e a fama que seguirá o seu bom nome virá para ficar. Largo é o caminho à sua frente e, embora leve ao bem, é o 'caminho estreito' de outrora, ainda não compreendido: mas quando, em grau glorificado, os amigos dos homens puderem vir para com eles estar, e a morte não for uma quantidade desconhecida; quando nós, que ouvimos aqui em cima, pudermos voltar para aqueles que amamos, quão glorioso o dia, quão largo e perfeito então o caminho do céu. O 'caminho estreito' tornado largo pelo pensamento moderno, tornado largo e suave em todos os sentidos, com sussurros de anjos nos ouvidos do homem. Quão glorioso o dia que o senhor abrirá ao homem, quando 'Aurora da Mente Desperta' cumprir o seu plano; e eu, de muitos que aqui estão perto, espero que este tempo surja em breve, quando a estreiteza e a ganância deixarem de existir em cada credo; e uma vida mais larga e um âmbito mais largo cheguem a cada alma numa esperança mais ampla. Os espíritos amorosos deste lado vêm à sua casa e ali permanecem. Sob nenhuma bandeira, sob nenhum credo, o seu livro satisfaz uma necessidade humana."

ESTUDO PSICOLÓGICO PRÁTICO PROFUNDO EM CARÁTER.

RECOMPENSA PLENA POR MUITOS ANOS DE DEVOÇÃO AO ASSUNTO. CONHECIMENTO SATISFATÓRIO ADQUIRIDO PARA ALÉM DE QUALQUER DÚVIDA.

Na presença da psíquica, os resultados para mim revelam-se geralmente muito satisfatórios. Assim, para os primeiros dias de agosto de 1912, organizei uma série de sessões; e igualmente consegui duas sessões inesperadas de trombeta, com outra psíquica, onde guias espirituais familiares e auxiliadores meus estiveram presentes; e onde "Gray Feather", o forte guia e controlo índio de Jonson, para minha satisfação e benefício, assumiu o controlo da psíquica, em vez daquele reivindicado como dela. Isto deveu-se ao seu longo conhecimento comigo nas sessões de Jonson e ao seu desejo de me servir, e à causa que eu abraçara, o que por si só foi gratificante; e também me foi possível envolver-me, como anteriormente fizera, numa entrevista psicológica com Hipácia (ver Capítulo XXIII) e com os filósofos (ver Capítulo XXIV) no estudo da psicologia. Não fui estudante nem discípulo dos cultos que a têm ensinado; segui as minhas intuições e exercitei a minha razão; e sinto que, com a ajuda de inteligências espirituais, construí o meu alicerce firme e sobre ele ergo agora uma fortaleza cimentada inteiramente pela verdade.

Antes da sessão com o Telefone-Psíquico-Humano, estive a conversar com uma amiga que também ali estava, relativamente às várias hipóteses da mente que tinham sido adotadas por outros para explicar as demonstrações psíquicas; e li-lhe a minha análise e crítica das mesmas. O que se segue agora será mais variado do que simples mensagens voluntárias, e abrangerá pergunta e resposta, data, hora e lugar; e explicação, bem como confirmação em matéria de evidência.

O instrumento a utilizar (o Telefone-Psíquico-Humano) encontra-se na sua própria casa, no Estado de Nova Iorque, e numa sala sem interrupções; e ali, com ela, tomo o meu lugar. Devo ser honesto na minha atitude mental para com ela, bem como comigo mesmo; e tentar, na medida do possível, tornar as condições favoráveis; e excluir cada ato ou pensamento ou coisa que possa tender para uma condição de perturbação da harmonia, tal como crítica ou disputa. Não devo ser demasiado positivo ou ansioso, mas antes bastante normal ou razoavelmente passivo; lembrando-me de que tenho dentro do meu corpo, eu próprio, um espírito, que sintonizei com o reino espiritual; e ele atua como motor que opera a mente, e através desta última, no meu eu subjetivo, a mente desencarnada de um espírito desencarnado pode ler os meus pensamentos e responder-lhes usando, como agente, a mente subjetiva e a maquinaria física da minha psíquica para me escrever os seus pensamentos desencarnados e, desta forma, substanciar a minha afirmação da possibilidade de comunicação psíquica.

Tinha acabado de me sentar quando a mão da psíquica começou a escrever, antes de eu ter oportunidade de perguntar ou fazer uma observação, e foi isto que ela escreveu:

09:45, 2 de agosto de 1912. DE MAY: "Sou a primeira por direito a vir, e fiquei dececionada também porque não pude falar contigo (isso foi ontem à noite numa sessão de trombeta). Amanhã de manhã tentarei dar-te através de uma trombeta algum teste completo, para que saibas que sou eu quem te visita vinda do céu. O meu nome é propriedade pública, e esse dar-to-ei, claro, mas tentarei também proceder de tal forma que fiques convencido de que eu, May, falo contigo."

J. S. K.: "Terei prazer em falar contigo ali." (Nota: Outro médium de trombeta, e não aquele onde estive ontem à noite.)

09:55, 2 de agosto de 1912. DA MÃE: "Sou a Sra. King; sou a mãe dele e desejo dizer uma palavra de alegria ao meu querido filho, antes de Hipácia vir ser serva do seu desejo. MARGARET P. KING."

J. S. K.: "Ao instrumento falo e digo: antes de perguntar por alguém ou fazer uma observação, quero saber se Hipácia, a minha guia espiritual, está aqui?"

Imediatamente a mão da psíquica começa a escrever no meu próprio livro, que lhe entreguei, e eis o que a comunicação dizia:

10:00, 2 de agosto de 1912. DE HIPÁCIA: "Eu oiço igualmente, observarás, se ela, a psíquica, tiver a sua mente bem desviada, pois estamos a usar o seu subliminar inteiramente. Usamo-lo com o consentimento harmonioso da sua consciência desperta e

presente, tal como tu, um convidado, usarias um quarto que é propriedade dela. Assim, assumimos o poder de governar a sua consciência subliminar. Ela, como anfitriã no seu estado consciente, observa que temos harmonia, mas deixa-nos inteiramente à vontade."

J. S. K.: "Hipácia, desejo muito ter presentes aqui certas pessoas para que possa comunicar com elas relativamente ao instrumento psíquico e às minhas conclusões quanto ao processo de transmissão de mensagens, prova de personalidade e minha análise das hipóteses da mente. As pessoas especiais que mais desejo são Frederick W. H. Myers, falecido da Sociedade de Investigação Psíquica de Londres, o Dr. Richard Hodgson, da mesma, ou da sua filial Americana; o Prof. William James de Harvard e o Prof. Thompson J. Hudson, todos nos reinos espirituais."

HIPÁCIA (através da psíquica): "Tratarei que eles escrevam para ti para publicação devidamente. Os que nomeaste estão agora aqui. Vieram para aqui contigo, como estavam contigo antes. O seu interesse detém-nos aqui. Ouviram a tua conversa e o que leste. Permanecerão até que te vás."

J. S. K.: "Amigos e Colaboradores: Como investigadores psíquicos na vida terrena, foram mais ou menos colaboradores uns dos outros e tidos em alta reputação por aqueles que conheciam os vossos importantes trabalhos; bem como por alguém (eu próprio) que trabalhou silenciosamente e quase sozinho, mas ainda assim com confiança de que, com o tempo e com ajuda espiritual, revelaria ainda o meu trabalho e provaria a verdade.

O que cada um de vós fez na vida humana encorajou-me a procurar convosco na esfera espiritual a sintonização, e a vossa rápida vibração de resposta em mensagens provou que eu tinha atingido a chave. Só por isso estou grato e sinto-me devedor das vossas mensagens; mas desejo ainda agradecer-vos a todos e a cada um pela ajuda que me ofereceram, e desejo agora dizer: a compilação do meu livro, 'Aurora da Mente Desperta', está quase concluída, contudo desejo de cada um ou de todos vós o vosso julgamento sobre o artigo das Hipóteses da Mente, com a minha análise das mesmas, que constitui a maior parte do Capítulo XVIII; e igualmente o vosso julgamento e o vosso testemunho da verdade relativamente ao nome que dei ao instrumento, juntamente com a forma de transmitir mensagens espirituais através dela para mim; e também que critiquem ou endossem as minhas conclusões, ou deem o vosso julgamento sobre o que achei por bem dizer, o qual raciocinei cuidadosamente a partir do que sei do estudo da mente em estado normal, e também com a ajuda da hipnose, auxiliado igualmente, parece-me, por um sentido ténue, talvez, de intuição. Se estiver correto, gostaria de ser assegurado disso por vós, e prezarei o vosso endosso; ou, se estiver incorreto, desejo o vosso julgamento e instrução quanto ao funcionamento pelo qual a mensagem chega de vós até mim, seja por que via for; sinto que isso seria grandemente prezado por homens pensadores em todo o mundo, e faria muito para fortalecer o trabalho em que estou empenhado, bem como o de outros; e auxiliaria o esclarecimento da mente e abriria o caminho para provar outras verdades de valor para a humanidade . .

Meus amigos, esta é a minha explicação do *modus operandi* do envio destas várias mensagens do remetente para mim; esta é a descrição conforme a interpreto, ou como agora a faço, não absoluta, mas como me parece ser. O remetente pronuncia a palavra no ouvido mental do eu subjetivo (não subjetivo para ela) da psíquica viva, tal como se fala no recetor de um telefone. O espírito desencarnado não é visto nem ouvido pelo eu objetivo da psíquica, e não é anunciado pelo seu eu subjetivo (não subjetivo para ela) ao seu companheiro de ocupação, o eu objetivo, porque, como já notei noutra parte, ele atua de forma independente; e neste aspeto é diferente de todos os outros indivíduos, tanto quanto é do meu conhecimento; e, portanto, isto pode explicar o que parece ser a ignorância da psíquica quanto ao que estava a ser limitado ou retido (conhecimento para o eu objetivo); e não estando sujeito ao seu antigo mestre, nem atuando em consonância com o parceiro objetivo, ele atua, por conseguinte, por iniciativa própria ou, melhor, quando este eu não subjetivo (para ela), ou eu independente, ouve a sugestão das palavras e frases que o espírito desencarnado lhe profere, em forma de mensagem, e o nome anunciado como que em assinatura por tal espírito desencarnado, ele adota então, naturalmente, a sugestão e põe em funcionamento o seu próprio funcionamento de energia nervosa, e põe em movimento a maquinaria de movimentos musculares com a qual está bastante familiarizado; e cria a simbologia com a caneta para representar as palavras da mensagem, o que não é de forma alguma estranho, mas bastante familiar, tal como o desencarnado, agora desprovido do físico, costumava fazer ele próprio quando tinha maquinaria semelhante para operar (o corpo humano).

Sinto que a minha solução para este problema psíquico está correta e pode ser sustentada. Tudo isto pode bem ser ilustrado pelo facto de que, por influência hipnótica, o eu objetivo do meu sujeito pode ser adormecido e, assim, ser privado do seu poder normal de governar ou controlar, por enquanto, o eu subjetivo; e assim ganhamos a liberdade ou estado de independência do eu subjetivo por meios artificiais, ao passo que, com o nosso instrumento psíquico, o seu subjetivo é constantemente independente, ou não subjetivo ao seu próprio, e já não pode ser considerado anormal como tal para ela, embora seja uma exceção maravilhosa à regra ou estado normal, pois tornou-se finalmente, pela longa existência, para ela (o instrumento) perfeitamente normal.

Neste ponto a que trouxe o meu sujeito hipnótico por meios artificiais, posso proceder a fazer-lhe sugestões seguindo linhas semelhantes às do espírito desencarnado que sugere à psíquica, e pedir-lhe que fale ou escreva, e deixá-lo agir como ele próprio escolher; mas se desejar obter conhecimento exato, ou transmitir outro, devo dar uma advertência de que deve ser verdadeiro e correto, e ele não se desviará disso, e poderá seguir-me na repetição do que digo, durante uma hora inteira, e recordar no seu eu subjetivo cada palavra de tudo o que proferi. Quando a verdade é dita no seu ouvido, e lhe é dito para a repetir, por palavra ou mensagem feita por escrito, ele fá-lo-á no momento que eu fixar para ele; e assim com a direção sugestiva do desencarnado para o eu subjetivo independente (para ela) desta psíquica, com resultados iguais; e assim o meu argumento, como podem compreender, é que a maquinaria da operação do eu subjetivo da psíquica atua de acordo ou em harmonia com o desejo do operador

desencarnado, que deseja enviar a sua mensagem através do eu subjetivo desta psíquica para mim."

Por vezes, o instrumento conversará comigo enquanto com a mão escreve, e afirma não saber o que está escrito, a menos que o leia; mas agora a mão dela começa a escrever, em resposta ao que li e, à medida que escreve, lê em voz alta, de modo que o seu interesse é despertado e eu sou entretido. Este curso continua até que o assunto esteja concluído. A escrita encontra-se nas páginas de um caderno que lhe entreguei, e a data e hora de cada mensagem são registadas com todas as mensagens, e aqui estão algumas que se seguem, a saber:

RESPOSTAS CHEGAM DAQUELES INTERPELADOS.

10:30, 2 de agosto de 1912. DO DR. RICHARD HODGSON: "Aprovamos o nome (Telefone-Psíquico-Humano), pois podemos ver o subliminar estendido no caso dela. É para nós, como disse, um meio de comunicar diretamente consigo sem a formalidade da materialização. Eu, Richard Hodgson, e os outros (Myers, James e Hudson), ouvimos a sua leitura, Irmão King, pois somos irmãos verdadeiros neste trabalho que faz, e eu fui um dos que muitas vezes tentou provar que a mentalidade do homem, por si só, poderia sentir e saber pelos pensamentos dos homens vivos ou mortos; mas não tinha os objetos à mão para estudar a partir da visão hipnótica, e estas vantagens para si deram um conhecimento que eu também conheço, nesta altura; e prova que é assim, que o subliminar deve ser sugestionado, quer pelo seu colaborador, a mente consciente, quer pela mente consciente de outro, vivo ou morto.

Desencarnado é uma palavra melhor, pois um homem morto dificilmente falaria. Mas sendo um destes desencarnados agora, estou ao lado do seu instrumento e falo com a minha mentalidade. Penso as palavras exatas como o senhor as pensaria se lesse um discurso. A mão dela responde imediatamente e escreve-as nas palavras que ela aprendeu na infância, ou o subconsciente, como um pianista, repete imediatamente o registo dos meus pensamentos, embora o instrumento esteja perfeitamente completo se nenhum registo for usado. Maduro é o fruto na árvore do conhecimento, e o senhor tem a vantagem de uma educação universitária e de muito pensamento em cada linha da psicologia, e por isso todos nós o saudamos. Devo admitir que é verdade, tal como afirmado nas páginas por si lidas. — RICHARD HODGSON."

10:35, 2 de agosto de 1912. DE FREDERICK MYERS: "Sou Frederick Myers. Estava tão interessado nisto que esqueci a formalidade e entrei à força, como pode ver. O que o Dr. Hodgson disse era também o meu sentimento. De facto, deste lado, todos concordamos inteiramente com o que é agora a sua crença. Para declarar em palavras simples, eu diria que o subconsciente é como a mentalidade exaltada de animais, como a de um bom cavalo: obedecerá a um mestre, e preferencialmente ao seu próprio mestre; mas nunca raciocinará porquê. Neste caso, o mestre cavalga consciente ao lado de cada condutor; e, se necessário, profere a palavra de comando. Caso eu não pudesse usar a rédea, a mão do proprietário puxa-a com firmeza. Funciona em tão completa harmonia

que sou deixado em prazer e alegria após cada condução, em vez de sentir que sou incapaz de lhe expressar pensamentos completos. Há outras mentalidades que nos auxiliam como servos numa casa bem organizada: de facto, a tendência para rimar é falta, em algum grau, de um destes que perto dela (a psíquica) se encontram e nos ajudam na nossa menor ordem. Como um megafone, eles servem ao meu pensamento completo para si. Confirmam-no e direcionam-no para o seu melhor serviço, mas não sugerem.

Fui presidente da Sociedade de Investigação Psíquica de Londres. Estudei cada instrumento que pude e tentei, como o senhor, saber, e vivo glorificado porque o senhor o fez assim. Tem um bom conhecimento das funções normais da mentalidade humana e, por isso, pode reconhecer quando um fio está cruzado ou um instrumento é imperfeito. Os argumentos que apresenta em relação a Pansy, uma donzela índia (Ver Capítulo XVIII), são para mim muito convincentes. Gosto de termos de expressão simples e distintos, pois a mente, mesmo para pensadores científicos, é um problema muito ilusório.

Se pudesse pegar numa mente, como pode pegar num relógio, e colocá-la à sua frente para observação, descobriria que as suas necessidades e complicações peculiares são muito mais intrincadas de compreender; e assim o senhor, como um joalheiro, foi treinado pela educação e pelo longo estudo para compreender cada peça funcional, e eu endosso o seu trabalho de todo o coração. Escutarei as suas palavras e escreverei, pois é abençoado à minha vista ver tudo preparado para impressão pelo senhor. Aprovo muito o que faz. — FREDERICK W. H. MYERS."

10:45, 2 de agosto de 1912. DO PROFESSOR WILLIAM JAMES: "Sou William James, fui Professor de Psicologia, e como estudante empenhado passei anos na observação de diferentes psíquicos. Elogiei o Professor Myers quando ele morreu, pois eu vivia então, mas agora sou como ele é, e voltamos para si novamente. Eu queria obter provas que ninguém pudesse refutar. Não pensei que as tivesse, por isso não assinaria o meu nome entre os convencidos. Um homem pode acreditar num inferno, mas é difícil produzi-lo numa plataforma de conferências. Hodgson, ele estava convencido antes de deixar a terra, mas eu ainda procurava por mais luz quando as janelas do céu se abriram e me levaram para a visão mais ampla, e estou agora convencido como o senhor. A teoria de Hudson era como a dos antigos que, acreditando que o mundo era plano, navegaram para o provar e descobriram um globo. Colombo acreditava que era redondo, mas pensava que era muito menor do que é. Assim acontece connosco, que estudamos os problemas psicológicos. Todos aprendemos alguma verdade que é nova, a partir dos nossos pontos de vista persistentemente diferentes e, tal como o globo, a verdade é clara; e quando for conhecida por muitos homens, todos concordarão, como eu concordo consigo, que os espíritos voltam; que eles comunicam, e eu, como um destes, folgo por ser verdade, e aprovo o presente trabalho do senhor. — WILLIAM JAMES DA UNIVERSIDADE DE HARVARD."

10:50, 2 de agosto de 1912. DE THOMPSON J. HUDSON: "Eu, Thompson J. Hudson, estou aqui para comunicar com o Dr. John S. King, o autor de 'Aurora da

Mente Desperta'. Eu era como o senhor, crente nos atos de duas partes da mente, mas não conseguia traçar uma fronteira definitiva para nenhuma delas. Escrevi as minhas 'Leis dos Fenómenos Psíquicos' com a crença e a esperança de pôr uma pedra a rolar, para que estudantes posteriores, com vantagens que não me foram dadas, pudessem ver claramente. O 'óbulo da viúva' foi o meu presente para os homens, e era tudo o que eu tinha para eles; e eu era como I. K. Funk, incapaz de dizer a lei que faz inclinar a mesa. Não era explicado por nenhuma teoria que eu pudesse apresentar. A sua análise da mente (ver Capítulo XVIII) é boa. O seu pensamento é um livro aberto para Hipácia e outros perto de si; e eles registam para nós, como num boletim, as coisas que o senhor faz, especialmente uma teoria que apelaria a alguém como eu.

Os factos eu conhecia-os tão bem como o senhor, mas o que dizer para os fazer rimar com a minha filosofia, eu não sabia e, assim, como um genealogista, não podia anexá-los à minha árvore genealógica, e por isso mencionei-os em ligeiro grau. O que disse (no Capítulo XVIII) em relação à comunicação de Pansy, uma donzela índia desconhecida para si, comunicando através de um instrumento não familiarizado com factos que não estavam na sua própria mente; e contando a verdade que o senhor confirmou mais tarde, tenderia certamente a provar que ela, o espírito desencarnado, conhecia e comunicou de facto consigo, tal como um mortal vivo poderia ter feito sob condições terrenas semelhantes. Penso que deu um golpe de misericórdia em muitas das minhas teorias favoritas ao fazê-lo. Confirmo que eu, um espírito desencarnado, comunico agora consigo sobre coisas que o senhor não sabia que eu sabia. Isso refutaria a teoria telepática atualmente. O homem é uma criatura de hábitos, tanto mentais como físicos. A teoria telepática não explicará o incidente que relata. Nem a teoria da leitura de mentes. — THOMPSON J. HUDSON."

11:00, 2 de agosto de 1912. Dos quatro precedentes conjuntamente: escreveremos todos novamente para si e declararemos conforme nos solicitar.

11:02, 2 de agosto de 1912. DE I. K. FUNK: "Eu, do 'Óbulo da Viúva', quero que saiba que aqui comigo estão muitas mentes como a sua, que desejam ser capazes de ensinar a humanidade. A água corre encosta abaixo. Isso é uma lei, dirá o senhor, mas nunca o fará sem um dia de chuva. A condição de seca nos corações dos homens passou em grande grau; e o senhor é um dos poucos pensadores que têm conhecimento da mente sob a visão de um médico, e por isso o crítico comum não pode rir e não dizer mais nada; em vez disso, ele fica encurralado, e a solidez da fundação dos argumentos, os reforços aqui e ali, farão os pensadores maravilhar-se e dizer 'eu declaro'.

Eu, Funk, também era desta crença, tal como o senhor. Uma coisa é saber e outra é ensinar. O 'Óbulo da Viúva' de minha parte foi bom à sua maneira. Os pensamentos de cada homem são como pranchas, e cada uma é de uma madeira diferente, mas cada uma é útil para auxiliar os pensadores na construção da sua própria teoria especial. A força do seu sentimento de carvalho é tal que a fundação da sua teoria, conforme expressa nesta obra concluída do senhor, combaterá todas as outras visões. Ratos podem roer buracos em pranchas de madeira de grau macio, de modo que estas logo se afundem no mar e percam o seu interesse na popularidade; mas os críticos não podem roer através

dos princípios definidos por si, é o julgamento do seu amigo e colaborador para a elevação do homem. Se eu estivesse vivo, teria prazer em publicar a sua obra e impulsioná-la para um grande sucesso em todas as terras, compreende. — I. K. FUNK."

Quando Funk assinou a sua mensagem, a mão da psíquica parou de escrever, e eu exibi-lhe uma fotogravura dela própria, para uso no meu livro; e também outra feita a partir do retrato espiritual que obtive de Wm. Stead, ao sentar-me com as irmãs psíquicas. Quando ela terminou de os ver, devolveu-mos e começou novamente a escrever, e isto foi o que ficou registado.

11:52, 2 de agosto de 1912. DE WM. T. STEAD (N.º 24): "Fiquei contente por ela ver o meu retrato preparado por si. Gosto dele muitíssimo. Tentarei comunicar consigo através da trombeta amanhã de manhã. — WM. T. STEAD."

16:40, 2 de agosto de 1912. DO REV. THEODORE PARKER: "Penso que o fez melhor do que todos os escritores que tentaram demonstrar os factos que o senhor e todos nós acreditamos serem verdadeiros. Tornei os meus ensinamentos demasiado confessionais, penso agora. O regresso do espírito e o poder de comunicar após a morte aplicam-se a todos os mortais de qualquer nação ou crença. Que se prove como verdadeiro e, então, as outras conclusões seguir-se-ão como consequência. É uma visão alta e nobre a tomar, e os grandes e bons das eras passadas estão reunidos perto para ver e ouvir, e ajudar sempre que puderem, para que o senhor possa ser de serviço para ajudar o seu semelhante."

20:00, 2 de agosto de 1912. DA RAINHA VITÓRIA: "Estou aqui, querido súbdito meu. As maravilhas desta verdade eram-me conhecidas em vida, e o senhor — através da perda da sua esposa — apenas passa pela aflição constante pela qual eu passei quando perdi o meu amado consorte, e a Alice também. A crença no regresso do espírito foi fortalecida em mim e, à medida que o meu reinado se alongava até ao seu fim, e o pôr-do-sol dos céus começava a estar tão perto de mim, não tive aflição nem mágoa, mas senti, em vez disso, alívio; e acredito que o que eu disse foi como uma semente a crescer em muitos corações, que encontrarão neste conhecimento um alívio para a mágoa, semelhante ao que ambos tivemos de suportar.

A menção do facto de que eu acreditava, e o desejo de coração do senhor, permanecem triunfantes como o líder deste pensamento em todas as terras; e eu, a sua Rainha, concordo consigo que isso, como verdade, me era conhecido; antes de tocar nesta margem desconhecida, senti os meus entes queridos por perto e fiquei encantada quando passei a vê-los claramente. O meu consorte foi o primeiro daqueles que me abraçaram como sua, e estamos ambos juntos agora no nosso brilhante lar espiritual. O meu desejo está com o seu neste assunto. O fim trágico de Stead e o facto de ele defender esta verdade serão um meio de despertar curiosidade primeiro e, depois, um interesse semelhante ao seu, a partir de argumentos que provam que é verdade. Proclamá-lo sem medo era para mim, nos anos de preconceito, uma aflição, mas eu acreditava que era verdade e, por isso, fiz sacrifícios, como o senhor muitas vezes teve de fazer em anos passados. A crença fingida em qualquer coisa não é exigida nesta era

de candura moderna. Cada homem respeita o seu compatriota que é honesto nas suas convicções, quaisquer que estas convicções possam ser. Eu, Vitória, escrever-lhe-ei antes de o senhor se ir, e muitas vezes. Ela (a psíquica) não precisa de esperar. Estamos todos perto em estado privado, e é repouso, tanto para nós como para o senhor, saber que esta crença é verdadeira. — VITÓRIA."

SEGUNDO DIA DA SÉRIE DE AGOSTO, 1912. MINHA SEGUNDA SESSÃO DE TROMBETA E PSÍQUICA DIFERENTE.

Tirei uma hora do início da manhã do meu segundo dia, 3 de agosto, e passei-a numa sessão de um médium de trombeta, conforme a mesma foi organizada para mim por Gray Feather, o controlo ou guia de Jonson, e pelos meus guias e auxiliadores; não pela psíquica nem pelo seu controlo habitual. A sala foi escurecida às 9:00 e consumiram-se quarenta e cinco minutos nas minhas conversas com dezasseis visitantes espirituais, dos quais um era Stead, ou afirmava sê-lo.

Diz-se por alguns que a raça índia é a que está mais próxima da natureza e que possui um grande poder magnético para harmonizar as condições numa sessão; e que têm também conhecimento, antes de o corpo morrer, de que, como espíritos, podem voltar novamente. Que isto é assim parece-me verdade pois, quando em Jonson, em Toledo, Gray Feather saúda-me através dos órgãos vocais de Jonson, enquanto este está em transe. Na noite de quinta-feira, 1 de agosto, sentei-me numa sessão de trombeta onde não era esperado, e a psíquica era uma estranha que nunca tinha conhecido, e o primeiro a falar-me em tons familiares foi o controlo de Jonson, Gray Feather. Ele disse que me tinha enviado uma carta para vir — a qual recebi e assim admiti — e disse que queria levar-me ali (no Estado de Nova Iorque) com um propósito. Ele traria outros consigo para tornar as condições boas, para que eu pudesse ter May e outros a falar comigo através da trombeta de outra psíquica.

Com efeito, ele assumiu o controlo da sessão de trombeta na manhã de sábado, 3 de agosto de 1912, do princípio ao fim, como foi manifesto pela sua voz nativa, e esta é a ordem pela qual cada visitante espiritual falou comigo, a saber:

1. Gray Feather, 2. May, 3. May Donna, 4. Hipácia, 5. Electra, 6. Irmão David, 7. Pai, 8. Rev. Dr. Parker, 9. Wm. T. Stead, 10. Um sobrinho, Jesse, 11. Prof. James de Harvard, 12. Dr. Richard Hodgson, 13. Gottlieb Hoose, 14. Imperador Guilherme da Alemanha, 15. Sir John A. Macdonald e 16. Bismarck, e recebi-os a todos sozinho.

NOVAMENTE COM O TELEFONE-PSÍQUICO-HUMANO.

Desta sessão de trombeta fui diretamente encontrar o Telefone-Psíquico-Humano numa sessão privada às 10:30 de 3 de agosto. Hoje, novamente, a evidência parece corroborar pois alguns que já tinham escrito falaram comigo através da trombeta hoje; e outros disseram que tentariam escrever quando a oportunidade se apresentasse. Mal nos

sentámos, a mão automática começou a escrever e as mensagens chegaram sem interrupção.

10:30, 3 de agosto de 1912. DE MAY: "Meu querido marido, chamo-te assim hoje. Gray Feather ajudou-me tanto hoje que me foi possível falar contigo através da trombeta; e dá-me alegria ter-te aqui e ter-te perto de mim, a possibilidade de o fazer. — MAY."

A seguinte conversa ou comunicação *viva voce* por mim, e por escrito através da mão psíquica do instrumento por Stead, é realmente de caráter pessoal e, ainda assim, revelar-se-á de interesse para todos os leitores, e especialmente para aqueles que conheceram o meu amigo e colaborador Wm. T. Stead em vida. É também de caráter probatório, pois corrobora ou endossa a sua conversa através da trombeta esta mesma manhã (3 de agosto). Assim, como testemunha, ele fez todos os esforços para provar a sua identidade; e certamente exibiu a sua personalidade a todos pelas suas várias demonstrações para mim; e nos seus vários esforços realizou com sucesso o que procurava fazer.

Ele escreveu-me várias mensagens no início dos seus esforços, a primeira através do Telefone-Psíquico-Humano, no primeiro dia após o navio "Titanic" se ter afundado, a qual datava das 16:45 de 16 de abril, ou seja, 38 horas e 25 minutos após o seu corpo se ter afundado, e estas mensagens foram-me enviadas para Toledo. Mas a sétima datava das 16:30 de 18 de abril, prevendo a sua aparição para mim, e foi, segundo fui informado, enviada pelo correio no comboio às 18:00. Não me tinha chegado a Toledo até à manhã seguinte a Stead ter-se mostrado a mim no Jonson às 22:00, no fecho da sessão, quando vários outros o reconheceram.

Esta foi uma prova física da sua identidade, e algo da sua personalidade; enquanto no dia 27 do mês, ele encontrou-se comigo em Chicago, por marcação, nas irmãs psíquicas, enquanto eu me sentava com uma tela branca ou placa de retrato à minha frente, e as irmãs psíquicas à direita e à esquerda da mesma, junto a uma janela sem cortina, onde observei com algum ceticismo a sua aparição prometida para mim, como um quadro — cujos pormenores são dados noutra parte (Capítulo XXX) — até que ele entrou na minha visão crítica em pouco menos de quinze minutos, vestido de forma semelhante a como estava na sessão de Jonson, oferecendo assim prova física e permanente da sua personalidade humana e identidade pessoal; e, por fim, esta mesma manhã conversou comigo através de uma trombeta, dando o seu nome e conversando depois sobre um assunto a respeito do qual tinha escrito antes, do qual, contudo, o médium de trombeta não poderia ter tido qualquer conhecimento.

Sinto vontade de dizer aqui ao cientista, ao investigador psíquico ou ao crítico, grande ou pequeno, que, se estivessem comigo e tivessem visto e ouvido e experimentado o que eu experimentei, ficariam estupefactos para produzir uma razão ou uma hipótese que explicasse tudo, na sua variedade, que não fosse a que eu, após cuidadosa investigação e pensamento maduro, adotei.

10:50, 3 de agosto de 1912. DE WM. T. STEAD (N.º 27): "Dei-te o meu nome através da trombeta com sucesso. Não dei?"

J. S. K.: "Está correto, deste."

WM. T. STEAD: "Ainda sou um investigador e escutei com interesse o que disse relativamente à idoneidade moral do instrumento usado. Estou-lhe grato por me proporcionar esta oportunidade, pois assim me será possível decidir por mim mesmo quando agi bem, e não depender tanto do julgamento de um guardião.

A minha presença aqui é com o meu filho, ou tenho-o comigo, e Julia Ames e outros aqui estão a tentar aparecer-lhe, ou a dar-lhe o conhecimento verdadeiro que somos capazes de transmitir através do mar, a verdade do que em pensamento o senhor disse e expôs impresso (datilografado) na sua cama. A coisa que eu, como homem como o senhor, estou a tentar seriamente fazer é obter a prova exata de que sou eu próprio, embora tenha tido de morrer.

Dir-te-ei a alguém, para que chegue e tu saibas. — WM. T. STEAD."

11:20, 3 de agosto de 1912. DE SIR JOHN A. MACDONALD: "Como alguém mergulhado na noite, muitas vezes estive aqui e desejei poder estar em contacto com o instrumento adequado para poder falar contigo. É um orgulho para mim este trabalho que tens em vista; e folgo por a Rainha de Inglaterra ter acreditado que era verdade. Desejo dar a minha assinatura de fé e esperança, para ser uma ajuda a provar as questões que marcaste como três. Especialmente a terceira, que é a alegria para mim, ou é o gigante final no caminho daqueles que tentam combater todas as teorias e alcançar a verdade mais alta."

11:30, 3 de agosto de 1912. DE BISMARCK: "A tua correspondência servirá para levar a um poder muito melhor de distribuir e alcançar a humanidade como um todo, do que seria o resultado para ti se o teu primeiro plano tivesse funcionado verdadeiramente. Horácio na ponte, ali estás tu; e nós, como soldados, estamos à mão em armadura bem completa e forte; e ajudar-te-emos em breve a atingir o alvo adequado, para que o mundo conheça esta grande verdade. Eu, Bismarck, também fui um lutador, e combater era para mim alegria se eu tivesse o que acreditava ser o direito a guiar-me para a frente. Sejamos todos auxiliadores e sigamos no teu rasto, e o teu livro realizará tudo o que empreenderes. Aquilo que empreendes provar é deveras difícil de fazer; e folgo por o teu padrão elevado ser bem sustentado ao longo de todo o processo."

20:35, 3 de agosto de 1912. DE SAMUEL HESS: "O que disseste a meu respeito eu oiço, e que fui bem-sucedido mesmo em pequeno grau em trazer um teste verdadeiro é um orgulho para mim, e eu, o teu 'Papá' chamado por ti, e ainda respeitado na tua visão. Ou eu, embora velho, estou agora em espírito livre, e jovem sou comparado contigo. (Ele falou na terceira sessão de trombeta.) Tu próprio serás velho antes de bateres à nossa porta do céu, e disseram-me que, embora eu tenha vivido até os cem entrarem em vista, não vivi tanto tempo como tu viverás. Manterás a vitalidade e ser-te-á dado poder espiritual adicional até eu ser um homem jovem na tua visão; ou eu ser

jovem comparado contigo. Não consigo agora ver exatamente quanto tempo viverás após o meu dia de morte, mas disseram-me que deves ficar um pouco mais no caminho da vida."

A mensagem precedente foi escrita através da mão do "Telefone-Psíquico-Humano" pelo alegado pai da minha mãe, Samuel Hess, um do pequeno grupo de Lealistas do Império Unido que se estabeleceram na secção agora conhecida como a cidade de Hamilton e o município de Barton, onde era conhecido por todos durante muitos longos anos como "Avô Hess", e que partiu da vida terrena aos 97 anos, quando eu era um jovem, há cerca de sessenta anos. Em julho de 1912, foi impressa no *The Progressive Thinker* de Chicago uma mensagem do "Papá Hess", que chegou através da bem conhecida médium Maggie Waite e dirigida a mim, na qual cada nome, parentesco ou outra afirmação estava absolutamente correta. (Ver Capítulo XXIX.)

17:45, 3 de agosto de 1912. DO IMPERADOR GUILHERME: "Eu, o Imperador Guilherme, pai do atual governante ali, venho na sessão para me aconselhar consigo; e concordo plenamente com a Rainha de Inglaterra que é verdade o que o senhor mostra. Alguns dos meus conterrâneos acreditam que é verdade e, por isso, venho escrever para o senhor, para confirmar o que diz e faz. Ajudarei neste seu desejo. Que os meus compatriotas leiam atentamente o livro é o meu desejo, pois eles são tão avançados em pensamento como os ingleses o são agora. Aprendi que esta é a verdade e venho assim proclamá-lo aos homens, pois sou um espírito daqueles que verdadeiramente voltam. Falei hoje através da trombeta, escrevo-o agora. A trombeta foi usada pela minha voz para si; e agora escrevo para tornar claro que não pode haver erro. (Ele falou através da trombeta, como um dos dezasseis na sessão da madrugada de hoje.) — GUILHERME, Falecido Imperador da Alemanha."

TERCEIRO DIA DA SÉRIE DE AGOSTO 1912. TERCEIRA SESSÃO DE TROMBETA, SEGUNDA NO MESMO TEMPO E LUGAR; E MESMO CONTROLO E PSÍQUICA DE ONTEM.

Por acordo com a psíquica de trombeta ontem, ficou decidido que a sessão seria realizada no mesmo horário e local hoje, e por isso estive presente às 9:00, o horário especificado. O próprio controlo da psíquica não se manifestou em lado algum, mas em seu lugar o nobre HOMEM VERMELHO Gray Feather deteve novamente o comando com os seus auxiliadores e trouxe uma quantidade real de convidados para meu benefício.

E o primeiro a vir foi o Gestor Gray Feather, que ontem me tinha prometido que faria o seu melhor para me proporcionar toda a satisfação, com a promessa acrescentada de que eu obteria informações de importância e ficaria muito satisfeito. Outra foi Egyptia, o meu espírito guardião, que me apareceu pela primeira vez na casa de MacRoberts em London, Canadá, há cerca de 18 anos, e muitas vezes depois na sua forma transitória, e sempre falou comigo, pelo que a sua voz era normal e familiar. May Donna foi a seguinte a usar a trombeta, com a qual estava familiarizada, pois aprendeu o

seu uso em novembro de 1911 numa sessão de Etta Wriedt. A minha própria esposa espiritual, May, seguiu a filha, e a sua conversa foi tão realista como quando na sua forma terrena, e ela estava tão satisfeita quanto poderia estar por as provas e testes que dera a outros, bem como a mim, serem inteiramente satisfatórios, e ela ainda daria outros.

A irmã de May, Gertie, deu-me em conversa a melhor evidência da sua personalidade. Depois disso, Hipácia, a minha guia espiritual, falou comigo e, como tinha provado tantas vezes em grande variedade de formas, dedicou o seu tempo a encorajar-me e a ajudar os meus entes queridos. Depois dela houve outros que alegaram ser Asia o Antigo, assim nomeado por mim; I. K. Funk da Funk & Wagnall; a nossa amada Rainha Vitória, que frequentemente me escreveu; Guilherme, falecido Imperador da Alemanha; Swedenborg, que alcançou a fama; Aristóteles e outros.

Concluída a sessão de trombeta, fui diretamente, como no dia anterior, à psíquica de escrita, e a minha primeira saudação veio de May.

10:40, 4 de agosto de 1912. DE MAY: "Estou reunida por este credo que foi por tanto tempo uma aflição para mim. Sinto a alegria da simpatia neste poder acrescentado que ele, o Eberling da psíquica, e os teus guias, me prometeram que fariam. A mudança na tua capacidade de sentir para que ouças de mim, no céu agora para ficar, mas na realidade apenas do outro lado do caminho. Hei de unir-me a ti em todo este conflito de pensamento e, o que quer que faças ou digas, estou contigo como aqui hoje. A tua conversa ontem à noite foi ouvida por mim e folguei por poderes saber que era verdade; entro na tua atmosfera e sinto-me em casa; e por isso fico encantada quando posso fazer-te saber que, com a minha filha e outros, estou de modo a poder ouvir e perceber contigo as coisas que são tão verdadeiras. Como teste digo: Maud Gates, tu és a que esteve connosco onde nos sentámos naquela varanda, há dois anos. Sou eu mesma aqui, Sra. King, e o John está sentado aqui. (Um de dezenas de pequenos testes que me foram dados periodicamente por May e corretos.) Não me irei embora, mas ficarei aqui ao teu lado, e escutarei e darei simpatia de pensamento em tudo o que os outros escritores disserem através desta escrita dela e hoje. A tua esposa espiritual, vivendo agora na outra vida, MAY KING."

10:50, 4 de agosto de 1912. DA MÃE: "Sou a tua mãe e quero que saibas que estive lá na sessão de trombeta, embora não tenha falado. May e May Donna e Gertie foram três das amadas; e depois os exaltados aconselharam que te fossem dadas informações sobre assuntos novos para ti. — MARGARET P. KING."

10:55, 4 de agosto de 1912. DA FILHA, MAY DONNA: "Papá, não penses que alguma vez te negligenciarei ou deixarei sozinho. Estamos a tentar ajudar-te quando estás em casa, e quando puderes escutar e saber que estamos perto, será uma grande bênção; mas mais tarde ouvirás, e então cantarei canções que são doces, e aquelas que admiras, eu depois repetirei, por isso serei uma verdadeira filhinha em casa, embora os anjos logo me tenham levado e carregado para casa." (Ela morreu no nascimento há mais de vinte anos. J. S. K.)

11:00, 4 de agosto de 1912. DE YAMA: "O destino aponta para o senhor como alguém que, seguindo em frente no seu último período, pode ser usado pelas forças espirituais próximas para trazer esta bênção a cada homem vivo. Seja o senhor um alto porta-estandarte e, naquilo que tentar fazer, nós o assistiremos de todas as formas e lhe traremos sucesso. Como alguém que cava uma pequena vala numa encosta de montanha para ensinar uma doce fonte por onde ir, a gota acrescentada ao lado, acrescentada ao que o senhor próprio sabe, formará um rio na sua inundação para aquele grande oceano do poder de agir, que é sentido por si. E Deus na matéria deve ser aproximado da humanidade; e aquilo que alguns temeriam ou recearíam será tornado glorificado por si e abençoará toda a humanidade. O sentido psíquico, o poder psíquico que toca o homem mortal a cada hora, será como amigo para muitos homens; e a prova de que os espíritos voltam será tornada clara por este tratado, mas o senhor escreverá um livro novamente e nele tornará claras algumas matérias que neste não aparecem. Sou também um vidente de Atlântida, de nome Yama, venho até si para fazer a oração da sua esposa tornar-se realidade e sou como aquele que lhe deu o seu nome (Yerma). (Na sessão de trombeta.) O poder de vir aos homens é-me possível; mas se nenhum deles apelar para mim, fico no que é o meu lar. Mas o que o senhor fez, e agora faz, atraiu-me para o ajudar."

11:20, 4 de agosto de 1912. DE YERMA (de Atlântida, há 16.000 anos): "O que são as eras que passaram para alguém que através das épocas caminha com facilidade! (Aqui segue uma longa comunicação pessoal e de muito interesse para mim.) Lembra-te que não usurpo nenhum caminho, simplesmente ajudo e fico sempre. — YERMA." (Ele conversou anteriormente comigo através da trombeta. J. S. K.)

11:30, 4 de agosto de 1912. DE HIPÁCIA: "Eu também me regozijo por o grande mestre ter encontrado voz e acrescentar o seu interesse a mim, em glorificada fraternidade. — HIPÁCIA."

12:00, 4 de agosto de 1912. DE DES ASIA: "Hipácia é mantida por mim como flor em vaso; e eu, um poderoso Mestre Antigo, assisti-lo-ei enquanto tenta cumprir o seu próprio destino. Eu, Asia, permanecerei consigo. Esta tarde trarei os outros que estarão preparados para escrever para o senhor. Também ajudo Egyptia, Electra, Cleópatra, Omar e Otelleo; ou nós, Hipácia, eu próprio e estes cinco, a sua falange de sete, somos como uma corda completada daquilo que deve ser tornado completado por novas forças acrescentadas, atraídas pela vida e trabalho do senhor.

APÓS UM INTERVALO DE DUAS HORAS E MEIA.

14:35, 4 de agosto de 1912. DO JUIZ ROSE DE TORONTO: "Eu, Juiz Rose, venci no desejo do meu coração de falar consigo naquela primeira noite. (Noite de quinta-feira, 1 de agosto.) Continuei a dizer 'Rose' e, depois de o senhor falar, ganhei poder para que eu também pudesse falar. Teria falado desde então, mas os outros tinham tanto para fazer que não interferi. Vi os mestres exaltados reunidos perto naquela primeira noite e disse: espíritos exaltados assisti-lo-ão no segundo grande livro que o senhor vai escrever. Eu, Juiz Rose de Toronto, não conhecido pelo escritor nem pelo médium de trombeta, assistido por Gray Feather, demonstrei. Não demonstrei?"

J. S. K.: "Certamente demonstrou, e ouvi-o distintamente, cada palavra que proferiu."

JUIZ ROSE: "Não foi isso, por si só, um teste?"

J. S. K.: "O seu nome e ocupação, e a sua conversa, conforme dada através de uma trombeta de um médium que eu nunca tinha conhecido, juntamente com a sua presente escrita através deste Telefone-Psíquico-Humano, tudo combinado, satisfaz-me quanto à sua identidade."

JUIZ ROSE: "O meu nome indicava apenas uma flor para os outros, e eu não estava nos seus pensamentos até mencionar o meu nome. Demonstrarei para si novamente numa futura sessão próxima. Algo que o senhor não compreende está a tomar forma de realidade, e provará ser útil para si e para nós no nosso poder de agir, assim me disseram e eu digo-lhe. Juiz Rose de Toronto eu sou. Quero que o faça. Tive medo de que considerasse demasiado trivial para comentário.

Quis chamar a sua atenção para o facto de que realmente acrescentei a minha demonstração em prova do regresso do espírito. Eu era uma pessoa respeitada, os meus julgamentos eram respeitados; e acredito e sei que o que diz é verdade a meu respeito em todos os sentidos. Continuo como eu próprio, volto como eu próprio entre estranhos para mim, comunico e provo a minha identidade, tanto quanto possível, na minha oportunidade limitada. — JUIZ ROSE."

J. S. K.: "Tive uma conversa com o eu normal deste Telefone-Psíquico-Humano relativa às muitas dificuldades de um investigador psíquico em obter testes verdadeiros ou provas de personalidade humana ou identidade pessoal; e os grandes gastos de tempo e dinheiro para a pouca prova. Eu tinha-me saído melhor do que muitos homens, pois estava absolutamente satisfeito de que a minha esposa tinha mantido a sua promessa e, de muitas formas, tinha provado a sua capacidade de voltar para mim e comunicar comigo; e identificar-se para além de qualquer dúvida, e provar a sua personalidade humana falando e conversando através da trombeta; usando os seus órgãos vocais enquanto presente no seu corpo transitório e escrevendo através da mão automática de si, como psíquica.

Sobre este mesmo ponto gostaria de obter alguma evidência dos investigadores psíquicos e psicólogos na esfera espiritual, especialmente os quatro que nomeei há dias. Mesmo que isso não se provasse conclusivo para mim, poderia ser aceite como tal pelos associados próximos de cada um deles, em vida terrena; e ainda espero recebê-la a tempo de ser apresentada no meu livro como sendo de caráter probatório."

15:20, 4 de agosto de 1912. DO PROFESSOR JAMES DE HARVARD: "Eu, William James, estou perto e oiço, mas eu tinha um ouvido de 'Tomé incrédulo' e, durante a vida, nem a minha esposa, nem qualquer pessoa falecida, conseguiu fazer a coisa exata para me provar a verdade da continuidade da vida. Eu tinha uma esposa no céu, portanto isto é algo que o senhor não sabe."

J. S. K.: "A minha esposa era membro da nossa Sociedade de Investigação Psíquica e combinei com ela em vida que voltaria como espírito, se pudesse, e como me provaria a sua personalidade humana, e assim o fez, conforme está registado no meu livro." (Capítulo XII.)

PROFESSOR JAMES DE HARVARD: "Sim, ouvi o que disse e, como diz, eu apenas o poderia provar por leitura de mente. Mas isso não esclareceria a personalidade, ou o interesse cuidadoso nos detalhes de cuidado por ela dispensados na conversa."

J. S. K.: "Não pensa, Professor James, que a minha esposa me deu boas provas da sua personalidade humana?"

PROFESSOR JAMES: "Penso que ela, a sua esposa, lhe deu provas boas e suficientes em cada detalhe. A seriedade e a candura do seu discurso, a educação da experiência e a observação, somadas à sua educação como médico, dão-lhe uma grande força de poder para agir e, por isso, eu, como um irmão vivo aqui perto, estou muito orgulhoso disso, deste seu trabalho. 'Aurora da Mente Desperta' é um bom título, e a forma como trata cada parte é forte e verdadeira. Eu, como alguém que sabe, defendo firmemente a forma como o senhor conduz de forma clara e pausada, de um pensamento para outro; e eu, como irmão pensador empenhado, apoio-o no seu esforço para provar esta verdade aos homens. Estava para além da minha própria capacidade e, por isso, eu não diria que acredito, embora estivesse aberto a receber. Acreditei em muito do que não pude provar e, quando estava em vida, recebi muita informação que classifiquei como problemática, porque não tinha fundamento além da minha própria sensação e crenças. Esta é a caneta de tinta permanente, disseram-me?" (A minha própria caneta, agora usada pela psíquica.)

J. S. K.: "Sim, levei-a e ao bloco de notas comigo ao Jonson, para que o senhor tentasse escrever a sua assinatura quando lá estive em abril passado."

PROFESSOR JAMES: "Não o consegui fazer. Ainda o farei."

16:05, 4 de agosto de 1912. DE WILLIAM STEAD (N.º 28): "Sim, irmão, eu, William Stead, também o farei se tiver poder, este ato para si. Penso que as coisas que não conseguimos fazer provam-se muitas vezes mais benéficas no fim. As somas que o senhor não conseguiu fazer permanecem na sua memória, enquanto outras são logo esquecidas, e assim acontece com James e comigo, que estou a escrever agora. Sinto-o como um voto solene e cumpri-lo-ei, se possível. Certifique-se de levar esta caneta, e um bloco também, e eu farei o meu melhor para o conseguir."

16:10, 4 de agosto de 1912. DE HIPÁCIA: "Eu, Hipácia, creio ter usado este instrumento (o Telefone-Psíquico-Humano) e ter-lhe dado um teste auxiliar quando fiz com que ela, o instrumento, lhe falasse em público perante os outros membros de um círculo, antes daquela sessão de trombeta, quando a Sra. King estava aqui consigo. Falei através dos poderes vocais dela e disse, como o senhor e ela agora recordam: 'Voltarei novamente para si e trarei também a rosa e a fita'. Mais tarde (no segundo ano seguinte),

no Jonson, vim e cumpri o que tinha prometido, através de uma pessoa então estranha para mim e para si, que eu faria no futuro."

J. S. K.: "O que disse, confirmo-o agora como verdadeiro e faço o registo disso como uma das muitíssimas provas da sua identidade espiritual."

16:15, 4 de agosto de 1912. DE ARISTÓTELES: "Eu, um filósofo de há muito tempo, trabalhei no problema do poder do pensamento, e em como a mente Divina e a mente do homem poderiam ser colocadas em uníssono por certas leis de comportamento e fala; e assim a sua 'Aurora da Mente Desperta' apela-me. Tive de moldar cada dardo de pensamento conforme voava do meu coração, e estou interessado neste trabalho cuidadoso que o senhor faz. Este esculpir de degraus em penhascos de grau conhecido, que levam a voos acima das estrelas, apela-me muito e, por isso, como filósofo, vim e falei consigo (na sessão de trombeta); e ajudá-lo-ei em tudo o que puder neste trabalho que faz."

08:20, 5 de agosto de 1912. DE EMANUEL SWEDENBORG: "Como um expositor da filosofia, fui um homem notável. Fui respeitado no meu tempo e fui também auxiliado pela intuição; e, em grande grau, esta intuição guiou-me em tudo o que disse. A minha seriedade de propósito foi o que fez com que os meus irmãos, homens vivos à minha volta em todo o lado, dissessem: 'Se ele o diz, é verdade!'. E assim será com o senhor. Tantas mentes são como um relógio que não está acertado de forma alguma, e precisam sempre de um líder para apontar a hora do dia; e depois de serem iniciadas, seguem nesse único caminho. A sua 'Aurora da Mente Desperta' apela-me muito e ficarei e escreverei para si sempre que possa e, quando não puder ajudar ou escrever, estarei à disposição, pronto para aprender e ouvir e compreender melhor as maravilhas do ensinamento destes mestres que são novos e me dizem que estão a moldar o seu caminho à sua frente."

08:30, 5 de agosto de 1912. DE HIPÁCIA: "Aquele que o senhor chamou como acima veio, e deixei-o escrever para que a sua atenção não se desviasse e o deixasse dececionado. (Ele tinha conversado comigo através da trombeta no domingo de manhã. J. S. K.) O interesse dele nos homens vivos não está sintonizado com todos eles e, por isso, ele segue com propósito elevado para seguir mestres do céu, ou melhor, da esfera desconhecida, pois para cima e para baixo são iguais aqui. Não temos corpos que para os homens sejam uma necessidade real; isto é, não somos de todo regidos por leis da gravidade. Posso subir, posso descer e posso ir aqui ou ali, e da lei da gravidade não preciso de estar ciente.

Um corpo ponderável, dessa visão, a mente não o é, mas o que para si são os cinco sentidos, muitas vezes acrescentados no homem vivo, são acrescentados em grande grau após o homem entrar na chave espiritual. O que eu explicaria agora como as nossas necessidades não são as mesmas e, quando tento ensinar, devo usar pensamentos ao seu alcance. Para dar uma ligeira impressão clara, como diria a um cego aqui perto as maravilhas que a sua visão lhe dá a capacidade de fazer? Com dedos rudes ele tocaria cada flor e nada saberia nelas, senão as maravilhas da sua forma, e o colorido

estaria além da sua compreensão em todos os graus; e no entanto o seu brilho acrescentado é tudo para si. Assim acontece com os sentidos espirituais; são para nós tão novos, tão além dos outros que Deus lhe deu, que quando tento dizer-lhe, sinto-me perdida, como vê, para encontrar na sua mente o poder de captar um meio de lhe ensinar."

J. S. K.: "Desejo fazer outra pergunta à May antes de partir: Devo colocar o teu retrato à frente do Capítulo XII, onde descrevo a chave que abriu o mistério? Ou deverá ser antes do Capítulo XXIX, aquele que tu, como espírito, escreveste para o meu livro, para mim?"

08:40, 5 de agosto de 1912. DE MAY: "Creio que é melhor colocá-lo antes do primeiro, pela razão de que ele introduz as minhas feições à mente do leitor; e a partir daí, eles serão capazes de me imaginar quando eu for mencionada por ti."

MENSAGENS VOLUNTÁRIAS INTERESSANTES

Deixei a casa da psíquica na manhã de cinco de agosto e, por conseguinte, as mensagens de data posterior que chegaram pela mão da psíquica vieram depois por correio para mim, na devida ordem, e fazem parte do registo.

15:15, 23 de agosto de 1912. DA RAINHA VITÓRIA: "Sob a bandeira do Rei de Inglaterra nasceu súbdito fiel e, por isso, os antigos governantes estão agora atraídos para perto de si; e é por isso que se reúnem; disseram-lhes que o senhor será o mestre deste pensamento para os homens, e era meu desejo, quando era a Rainha Vitória, ajudar alguém a ensinar e a trazer esta verdade tão abençoada ao alcance do público. A continuidade da vida aplica-se a todos e será uma ajuda, dizem-me, para muitos homens vivos. A forma dos argumentos que usa apela a todos e o senhor será um orgulho para mim, como digno filho de Inglaterra.

Pois embora seja de uma colónia, os seus interesses, no meu coração, são de facto muito próximos e o senhor tem razão no que faz ao deixar de lado cada credo. A continuidade da vida aplica-se a todos os homens e todos nós podemos fazer a nossa parte no plano aperfeiçoado de Deus; e se podemos continuar e viver além do túmulo, e até voltar aos homens, é um conhecimento que todos ansiamos. Eu amei quando a minha Alice e o meu consorte Albert também foram levados pelo destino temido que lhe levou a sua esposa. Sofri e tive fome de alcançar a chave espiritual deles, e encontrei descanso e algum contentamento quando eles voltaram para mim, através de instrumentos imperfeitos e, no entanto, com provas fortíssimas. O senhor porá uma pedra a rolar que impulsionará esta verdade. 'Aurora da Mente Desperta' é o que faz falta a muitos tipos de homens pensadores, nesta margem e na de Inglaterra. Os seus anos de educação e observação trarão condições que ajudarão a provar que isto é verdade. Observo-o no seu trabalho e sinto esta esperança acrescentada de que os espíritos exaltados o ajudarão a lidar com cada tipo de dificuldade e cada forma de mágoa, para que o senhor o pode podar adequadamente antes de ir para o público. Os

leitores são tão descuidados e poucos pensarão como o senhor e, por isso, com aprovação de coração, observamos as coisas que faz. Albert e Vitória, pois tenho-o aqui comigo, embora eu sozinha dite as palavras que ela agora lhe escreve."

13:10, 26 de agosto de 1912. DO DR. I. K. FUNK: "Fui daqueles que escutaram a leitura da sua Análise das Hipóteses da Mente e apreciei-a grandemente. Era para mim algo incompreensível de analisar, tal como o universo. Apenas era capaz de dizer a mim mesmo ou a outro sobre esta verdade: isto é, ou isto parece-me ser. Mas não podia mostrar a sua substância ou dar as provas que me faziam saber. Eu era como aquele que podia ver, depois de a sua cegueira ser removida por milagre. Não podia contar os processos pelos quais atingi a mudança de visão e, por isso, segui o que foi dito pelo senhor, com vista a ver como na minha vida me tinha aparecido, e creio que o senhor torna claro, tanto quanto possível aos homens saberem.

O senhor não se satisfaz em dizer simplesmente que esta coisa é verdadeira, ou que lhe aparece assim, mas avança por um processo lento e conta o 'como' ganhou cada ponto de vista e, assim, ajuda cada seguidor cândido a chegar a uma conclusão semelhante à sua. A telepatia não o explica inteiramente, nem o poder da segunda visão, ou leitura de mente, ou de qualquer forma; mas sim que o espírito que partiu pode vir àqueles que obedecem a certas leis e, por sintonização de algum tipo ou tom, aprender a tornar-se capaz de fazer como os que foram descritos pelo senhor.

Escrevi o 'Óbulo da Viúva' como tudo o que podia dar e assim esperava que alguém fosse mais tarde capaz de fazer como o senhor faz agora, explicar em detalhe minucioso o 'como' fez, o 'porquê' sabe, pois é mais convincente assim. 'Aurora da Mente Desperta' é o mais conclusivo do seu género e estamos orgulhosos de si, e do trabalho que vai fazer para melhorar todos os seus semelhantes; e ajudá-lo-ei neste plano, e estarei com outros que já foram antes, tentando ajudá-lo desta margem mais distante. Fui um conhecido trabalhador pela Causa da Verdade e espero ser restaurado ao poder de agir através de si, assistido por guias exaltados. Estou perto dos seus guias e aproveito as palavras que lê e os mestres também."

21:00, 26 de agosto de 1912. DO PROF. JAMES DE HARVARD: "Sou William James de Harvard e ouvi o que foi lido. Não consigo imaginar como poderia fazer melhor do que fez, explicar os dois e depois avançar mais um passo, de modo a provar que os espíritos vêm e vão. As maravilhas da mente completa são estudadas apenas por poucos, e ter este grande privilégio os fados concederam-lhe; e depois de os homens normais serem mostrados como tendo tais funções, somos provados como vivos por si através de funções adicionais que acrescentamos aos psíquicos vivos e lhe demonstramos.

Eu, William James, pretendo fazer como solicita, escrever no seu bloco impresso enquanto ali estiver assim completo na sessão do Jonson (Previsão): então será impresso, vejo. 'Aurora da Mente Desperta' é deveras maravilhoso e folgamos por avançar com cuidado sobre cada ato e feito; e será uma joia rara da qual todos os homens devem ser informados. Trabalho futuro o espera, pois disseram-me que um

homem é velho apenas enquanto é frágil e fraco, e o senhor é forte. Estamos todos aqui para o ajudar de todas as formas que pudermos e o meu principal arrependimento presente é que não seja 'um homem de Harvard', a faculdade outrora tão querida para mim, mas tenho esperança de ir ter consigo na sessão do Janson de qualquer forma, como disse que faria antes, mas não consegui. Presentemente estou 'depois de si', como dizem os brindes, mas não estou há tanto tempo longe do plano agora mortal e gostaria de ver provado que os espíritos voltam de facto."

Quão frequentemente ouvimos os desinformados dizerem: por que razão os espíritos precisam de um médium? Por que não podem os espíritos vir até nós aqui e agora, se podem realmente vir de todo? Por que precisam de condições se não há fraude? Antecipei estas perguntas e tratei delas no meu capítulo sobre a "Relação Entre Condições e Resultados"; mas o leitor deve perceber plenamente que seria loucura assumir que as condições feitas por humanos se adaptarão aos requisitos espirituais. A razão é simples: a ausência do que é requisito para o propósito espiritual de demonstração está além do conhecimento do mortal. Uma melhor evidência disto não pode ser tida do que a que se encontrará na seguinte mensagem ou comunicação, como a experiência de um espírito encarnado que outrora foi um notável investigador nas linhas da investigação psíquica e que, por conseguinte, possui um conhecimento adquirido pela dupla experiência, terrestre e celestial, em psicologia prática: o bem e amplamente conhecido Dr. Richard Hodgson.

Ele aborda a dificuldade de comunicar comigo através de uma terceira parte e demonstra que essa dificuldade aumenta quando estou totalmente ausente, tornando assim claras certas verdades: primeiro, que condições adequadas são necessárias para a produção de demonstrações psíquicas; segundo, que as condições variam de acordo com os resultados pretendidos; e, ainda, uma terceira, que mesmo espíritos avançados não conseguem, por si só, comandar ou produzir as condições de que necessitam, em todos ou em qualquer caso individual.

2 de Setembro de 1912, 17:30.

DO DR. RICHARD HODGSON:

"Desejo escrever que os espíritos, quando desencarnados, se encontram numa mentalidade perturbada; foi o que pensei que melhor explicaria o facto de eles, por vezes, permanecerem e dizerem que são aqueles chamados mortos, e no entanto as palavras que disseram não serem distintas ou sequer verdadeiras. Isto é observado por si, caro amigo. Se estou aqui, porque não posso fazer o que tento fazer?, seria perguntado pela sua mente — porque sou assistido pelos seus guias espirituais, e aquilo que por vezes falho em lhe dar a conhecer, deixo que ela (Hipácia) ajude a fazê-lo, de modo que o que é feito, quando concluído, é mais como uma mistura do que um trabalho meu, ou como falar num estado de sonho; algumas coisas são claras, e outras devem ser repetidas num grau de pensamento até que muitas vezes deixariam de estar na minha própria personalidade; mas o que penso, e o que faço, é levado no pensamento até si, através do auxílio de outros pensadores, até atingir a mão mortal, e ali é escrito

como o meu comando de desejo, embora no processo possa ser distorcido ou alterado inteiramente. Conheço o seu argumento de transferência de pensamento. É bom; a mensagem, neste caso, não é alterada materialmente. Para comunicarmos, é mais como a telepatia de mentes vivas pode vir a ser; o que eu digo é repetido, para que entre em imagens, e dessas imagens volte para o poder da chave da linguagem mortal. Portanto, se vier sem interrupção, conquisto o que empreendo, mas se, como notas, algumas notas tiverem a tecla silenciosa, falho no que desejo fazer, expressar o meu pensamento para si. Poderia perguntar aqui: por que deve primeiro entrar nas imagens? Respondo que assim é registado, e deve passar por esse destino do censor, e por essa mudança eu aguardo.

Quem me dera poder aproximar-me de si e falar sem esta rima; mas devemos esperar no estado próprio, para assim aguardarmos o nosso tempo. Eu não conseguia, em vida, acreditar que, se um amigo estivesse perto, ele não pudesse falar diretamente comigo, mas agora vejo mais claramente. Escrevo esta mensagem conforme digo, mas sou ajudado de todas as formas, e por isso pode não parecer eu, de acordo com o seu desejo; mas espero que seja um meio de o ajudar a saber o como e o porquê do que assim é. A minha mente é clara, e eu estou perto, e contudo não o consigo fazer; e o que escrevo é o meu pensamento brilhante, aqui repetido para si. Um é o meu guardião, o outro é aquele que está junto dela que escreve para ti.

Eles transmitem com mudanças aparentemente ligeiras, mas de tal modo que não soa como se eu o fizesse, embora faça o melhor que posso por si. Myers, Hudson e eu ouvimos o papel ser lido. Penso que é um pensador preciso e que se saiu de facto bem na sua análise de cada uma das diferentes teorias. Torna a mente uma coisa mais tangível do que os outros que fizeram no passado um trabalho como o seu.

Concordamos com as suas explicações, embora não concordemos uns com os outros, mesmo aqui. Eu penso uma coisa, e continuo a pensá-la até ser convencido do meu erro pela prova, não pelo argumento. Acredito que cada alma humana, encarnada ou desencarnada, deve trabalhar para a sua própria e melhor iluminação. Resolvi o problema da desinformação do lado espiritual. Disse que a mentalidade espiritual está perturbada ou instável. Estava certo no efeito, mas não quanto à causa. Um espírito desencarnado é tão incapaz de comunicar como um humano vivo com uma pancada na cabeça. Se não pode usar o seu cérebro, não pode deixar que a sua família amorosa e assistentes saibam os seus pensamentos. O corpo é para a mentalidade o que uma caneta é para a mão de um escritor. A menos que tenhamos algum instrumento sintonizado para o nosso uso, não podemos comunicar, por mais brilhantes que sejam os nossos pensamentos. Embora todas as teclas de um piano estejam afinadas, se outro mecanismo do instrumento estiver em falta, ele não tocará; assim sucede com os instrumentos humanos chamados médiuns, as nossas mentes podem tocar nas suas cordas mentais, embora sejam meras coisas humanas.

Falhas de controlo completo dão-nos silêncio aqui e ali, por isso os nossos melhores esforços são apenas razoáveis, e não comparáveis aos esforços que fazíamos quando aqui em vida. Estou aqui há algum tempo, sabe, e agora deixo de escrever e

vou-me embora. Viverei consigo e tentarei ser de utilidade futura, de algum modo, para si. O seu livro será algo novo e conduzirá os homens a uma visão mais ampla. Será de facto uma 'aurora mental' para aqueles que o lerem até ao fim. Por agora, adeus. — RICHARD HODGSON."

UMA INVOCAÇÃO E DISCURSO PELO ESPÍRITO EXALTADO YERMA.

No registo de quatro de Agosto de 1912, que inclui a sessão de trombeta da manhã, encontrar-se-á uma breve referência a dois espíritos de há muito tempo como humanos, que alegaram que o seu lar terrestre fora no continente perdido da Atlântida. Um destes sábios videntes de tempos remotos deu o seu nome como Yerma e, como um, se não o mais exaltado naquela sessão, ofereceu uma Invocação à Divindade e falou em nome de uma hoste angélica, como que por autoridade para mim, numa voz que era alta, profunda e forte, e depois falou e escreveu muito que era pessoal para mim e indisponível para publicação. O meu interesse era aguçado por mais conhecimento da esfera espiritual e senti uma inspiração crescente; mas, subsequentemente, ansiei por ter repetida, através da psíquica, a Invocação à Divindade e tanto do discurso quanto pudesse ser dado a publicidade nas páginas deste livro. Esperei em silêncio, após o meu regresso a casa, pela consumação da resposta à minha prece, e ela finalmente chegou até mim através da mão automática da psíquica, e pelo correio, com a data de:

13 de Setembro de 1912, 21:30.

INVOCAÇÃO DE YERMA: "Oh, Tu Exaltado Governante de todo o Bem, chamado pelo nome de Deus pelos homens cristãos, permite-me, como um infante ainda em poder de compreensão comparado a Ti, estender os meus braços mentais indefesos em direção à Tua mão protetora. Até uma criança pode precisar, pode estender a mão em vão por aquilo que pode não ser para o seu bem, e eu assim estendo com o cérebro. Ajuda-me a alcançar antes de eu ensinar esse poder Divino a mim, onde eu possa sentir e compreender, e agir como auxílio para Ti. Abençoo este pensador aqui e tento fazer com que seja para ele, conforme possível, o que é o meu desejo.

Dá-me, peço, o direito de estar em contacto com ele eternamente, para auxiliar o seu presente trabalho humano até ao plano concluído. Abençoa-o, peço, no seu caminho, até que seja elevado ao poder de agir por mim próprio, auxiliado por Ti. Bem Eterno, brilha no meu caminho e ilumina o meu desejo de ser, até que eu ganhe um conhecimento mais amplo de como ajudar e ser útil neste grande trabalho que ele, o mortal, tenta fazer pelos homens. Ajuda-me a ajudar, para provar esta verdade de que os espíritos podem regressar novamente. Desperta, grande aurora de pensamento mais brilhante, e ajuda-nos até que isto seja realizado. — YERMA."

17 de Setembro de 1912, 20:30.

DE YERMA: "Eu, com os exaltados governantes por perto, tento frequentemente sussurrar ao ouvido de John S. King. Soprei a invocação do meu coração e posso dar-lhe apenas em parte as coisas que disse; mas agora digo: que os anjos removam as

pedras entre si e a cúpula da fama. Que receba dos homens vivos um nome mais exaltado. Que eu seja daqueles que partiram antes, que o ajudam em todo o lado e o guiam, mesmo sem saber, para o grande e perfeito poder de dar expressão aos pensamentos que agora sente e sabe serem realmente verdadeiros. Rogo à parte pai de mim que me ajude no meu poder, na terra, a fazer a própria coisa que é exigida de si.

Oh, Mais Exaltado Poder Desconhecido, a quem os homens chamam Divindade, ajuda-me, peço, a remover as pedras e a fazer os cegos verem tudo o que é verdadeiro em relação à — para a maioria dos homens — quantidade desconhecida. Não nos deixes, qualquer que seja o nosso destino, mas ajuda-nos aqui e ajuda-os ali, até que a mente do homem iluminada, como uma flor de lótus, se abra em pensamento amoroso, em esperança fervorosa, e se mostre capaz de atingir esta nova capacidade. Todos nós guardamos este trabalho como uma flor e tentamos ajudá-lo a cada hora até ao seu estado concluído. Que tudo se apresse para que ninguém espere. Cruzo as minhas mãos em prece constante, para ajudar os vivos ali, a juntarem-se a si, os vivos aqui, e fazer com que as suas dúvidas desapareçam. 'Aurora da Mente Despertada' é lógico e claro, e fará com que muita dúvida e aflição se elevem como uma nuvem e depois se vão."

NOVAMENTE COM O TELEFONE-PSÍQUICO-HUMANO.

Da tarde de 21 até à manhã de 24 de Setembro de 1912, passei novamente o tempo na casa do Telefone-Psíquico-Humano, onde continuei as minhas investigações desta psíquica excecional, e prossegui o estudo profundo da psicologia prática, e assegurei mais evidências em apoio daquilo que defendo; e posso agora, com confiança e satisfação, afirmar que sei o que anteriormente me foi ensinado com confiança pelos mestres como sendo incognoscível, de acordo com a crença deles.

Estes registos são principalmente pessoais e instrutivos, embora variados de outra forma; mas a maior parte deles não será incluída no presente livro.

Sendo o meu desejo de pensamento, a 23 de Setembro, ter a presença de Hipácia, ela respondeu escrevendo o seu nome através da mão do instrumento psíquico. Eu tinha anotado de forma geral, por escrito, os vários assuntos para uma conversa com Hipácia, os meus entes queridos e outros, pedindo informação ou conselho, tudo o que foi tratado de forma regular; e cada pedido ou desejo foi respondido de acordo com a sua necessidade. Estes tinham a ver com a evidência, e também com a questão da publicação do livro, bem como assuntos pessoais para mim e não adequados para publicação.

23 de Setembro de 1912, 13:00. DE FREDERICK W. H. MYERS:

"A recusa educada é melhor do que uma promessa não cumprida. O que diz no seu livro em relação às hipóteses da mente interessa-me de duas formas: primeiro, como pensador ou filósofo, esforcei-me por resolver a questão colocada por pensadores céticos, tal como faz no seu livro. Imperator, através da Sra. Piper, a psíquica em transe, deu-me muita informação sobre a vida da alma e o desenvolvimento do poder de agir. Sou agora um espírito livre e, no meu regresso a ti, descubro onde falhei em ensinar; ou

quais os pontos que não alcancei; ou como as verdades expressas a mim por Imperator e Rector falharam em atingir o alvo da impressão na minha então mente humana. Até um cientista é frequentemente cego, ou enviesado na sua opinião, pelo 'passatempo' especial que selecionou para seguir. Assim foi com Hudson; e, em algum grau, descubro agora que assim foi comigo. Eu não conseguia compreender ou entender o que era então escrito através daquela mão. As enguias não são mais escorregadias do que são os fios de pensamento nos reinos desconhecidos; e assim consigo, na sua própria casa, alcança e alcança, e tenta e tenta, e parece-lhe vir devagar, embora seja bom o que faz. Irmão King, aprovo muito esta forma de tratar as hipóteses da mente. É para mim a melhor de várias tentativas por outros. Gosto do seu pensamento.

Aqui e ali trabalhamos e traçamos algo de importância para a raça humana; e quando subimos a reinos desconhecidos, descobrimos que não estamos aqui sozinhos; mas pelas escadas do pensamento subimos, auxiliados e auxiliados o tempo todo, até vermos com clareza e toda a obscuridade anterior desaparecer. 'Aurora da Mente Despertada' marcará de facto a aurora do esforço liberal de tentar lidar com a verdade; e estou contente por em nada disso ter atacado qualquer credo; pois torna-se mais clássico assim e seguirá para sempre na sua capacidade de agir. Nós, cientistas, aprovamos o seu trabalho, e eu, F. W. H. Myers, — por último, mas não menos importante em poder de saber, pois na vida terrena estudei muito e tive vantagens e também capacidade de agir — venho aqui e escrevo que o aprovo a si e também ao trabalho que faz.

A minha assinatura, também tentarei dar-lha, no seu bloco de notas em data posterior, quando Jonson estiver no estado adequado (previsão). Sou um ouvinte no buraco da fechadura da consciência dela (a psíquica). Serei capaz de ouvir o que possa dizer-me hoje. Não me afastarei nem uma vez. Expresso-o por escrito, pois vejo que ela ouviu o meu pensamento expresso. Foi este: sinto que é um privilégio ser daqueles que têm permissão para ouvir e também estar em contacto consigo, amado pensador. Segui-lo-ei até sua casa e estarei em contacto com a sua guia espiritual Hipácia. Imperator é da ordem dela. Quando, no fim, o livro estiver completo, ser-lhe-á como uma coroa de louros, e o poder posterior de agir trará o seu desejo secreto até si. Sobe esta escada sem ajuda e parece estar sozinho; mas muitos anjos, sem que saiba, estão ali consigo."

UMA PÁGINA DE PLACA.

PARA HONRAR AQUELES QUE PARTIRAM ANTES — EMBORA NOUTRA ESFERA, SÃO AQUI CO-TRABALHADORES, NO ESTABELECIMENTO DA CONTINUIDADE, REGRESSO E COMUNHÃO.

Como um humilde mortal nesta minha primeira tentativa de publicar alguns dos meus registos psíquicos, desejo agradecer aos muitos homens de nota e proeminência, enquanto a vida e o trabalho mortal eram o seu privilégio, pelas suas contribuições para o meu livro a partir do reino espiritual; o qual é tornado de grande valor pela sabedoria das palavras que escreveram; e, mais especialmente, desejo destacar aqueles que foram co-trabalhadores e estudantes de assuntos psíquicos durante a vida e que, desde que se

tornaram espíritos desencarnados, entraram no meu trabalho e comigo se envolveram na discussão dos problemas da mente, auxiliando-me na demonstração do estudo da psicologia prática — eles sob a visão espiritual e eu sob a humana.

Peço ainda a sua cooperação no futuro e, como investigador psíquico, contribuirei para a sua memória com o meu quinhão de apreço pessoal, e confio, através das páginas deste livro, em assistir de alguma forma na perpetuação dos nomes de Myers, James, Hodgson, Hudson, Stead e Funk; devido ao meu conhecimento pessoal do trabalho concorrente deles; e porque me pareceu sentir a presença de cada um deles por vezes, enquanto estava ocupado com os problemas da mente e da alma.

CAPÍTULO XXXII

Após vinte anos de estudo honesto, fervoroso e cuidadoso de temas psíquicos, que investiguei plenamente, sem medo ou favor de qualquer homem; e determinado, tanto quanto fui capaz, a expor a verdade da continuidade à visão mortal, sinto que estou justificado em pedir a qualquer leitor do meu livro que seja honesto, imparcial e suficientemente judicial para não selecionar uma única afirmação, facto ou fenómeno e basear apenas nele um argumento em apoio de qualquer hipótese, ou para fortalecer um ataque crítico; mas espere até ter examinado criticamente cada parte dele e peneirado a evidência como um todo, sobre a qual basear as suas conclusões; ou, se pudesse ter seguido os meus passos até onde os vários psíquicos estão e participado nas várias investigações dos fenómenos descritos, as suas conclusões, estou certo, estariam em harmonia com as minhas.

Não seria o ato de um homem sábio afirmar que as suas conclusões estão corretas, a menos que as suas investigações tenham sido conduzidas de forma mais exigente, e com um grau de frequência, bem como sob condições muito diferentes de existência, ambiente e variação, quanto ao tempo, lugar e método de observação.

Se, após dezenas de investigações estendendo-se, em cada caso, por anos de tempo e ao longo de linhas particulares, com um único objetivo em vista, obtenho os mesmos resultados, não importa qual seja a fase da mediunidade; não importa quem seja o psíquico individual; não importa quando ou onde eu esteja a investigar; quer eu seja conhecido ou desconhecido como homem para o psíquico; não importa se as materializações vêm da porta de um gabinete improvisado, ou do teto, paredes ou chão; ou levitadas entre o teto e o chão; e, quando terminam de falar, como um turbilhão de vapor de uma locomotiva numa manhã gelada de inverno, passam através das paredes para o ar exterior; ou se for o tom familiar da voz de um ente querido, ou de um antigo amigo, que fala com uma voz independente na atmosfera ao meu redor; ou se for através da ajuda de um psíquico com o dom clariaudiente, ou um que pode ver clarividentemente; e mais ainda com aquela outra condição conhecida como transe, onde os órgãos vocais de um instrumento psíquico são usados por um poder espiritual que não o do próprio psíquico para falar numa linguagem que transmite evidência de alguma outra personalidade humana, a qual usualmente se anuncia pelo nome à pessoa

interpelada; e, por último, suponhamos que seja o psíquico escritor, a quem chamei o Telefone-Psíquico-Humano, que parece ser bastante diferente de todos os outros escritores automáticos ou psíquicos — eu sustento ou afirmo que, se através de todos estes canais chegam mensagens das mesmas personalidades; e se identificadas como tal, devem necessariamente ser aceites como evidenciais.

A característica para a qual chamo agora a atenção do leitor é que, através de todos os vários psíquicos de diferentes tipos e fases, em tempos diferentes e lugares amplamente separados, mantenho conversas e recebo mensagens das mesmas inteligências ou personalidades, factos ou evidências que podem ser apoiados sob juramento por muitas testemunhas e não podem ser contestados; — e provêm, como estou profundamente convencido, da minha esposa espiritual e outros parentes, da minha guia espiritual Hipácia e outros do meu bando, e de antigos amigos da terra, bem como de outros homens interessados comigo como espíritos desejosos de provar a continuidade da vida e o regresso espiritual — não há menção de credo.

Há então, afirmo, boas razões para aceitar o que selecionei como evidencial do poder espiritual e da continuidade; e posso acrescentar ainda que, se desejar avançar com um ataque ou crítica à situação psíquica, fará bem em não destruir nem remover as pontes sobre as quais avançou, para que não venha a ter mais necessidade delas ao retirar-se. Tentarei abreviar e assim incluir nos poucos capítulos restantes a minha experiência de investigação dos últimos dez dias, no final do ano de 1912.

PRIMEIRA SESSÃO DE TROMBETA DA SÉRIE DE DEZEMBRO DE 1912.

Cheguei a Detroit na tarde de sexta-feira, 20 de Dezembro de 1912. Telefonei à Sra. Wriedt e consegui uma sessão para as 20:00. A casa dela era a que visitei anteriormente, mas tive de lá chegar por uma nova rota de elétrico. Enquanto estava no elétrico, deu-se uma coincidência. Enquanto estava de pé no corredor, porque os assentos estavam ocupados, perguntei a um passageiro que estava sentado perto de mim e com quem cruzei o olhar: "Pode dizer-me onde este elétrico cruza com a Avenida Baldwin?" Ele respondeu perguntando-me primeiro: "Que número quer encontrar na Avenida Baldwin?" e, quando lhe disse, ele respondeu: "É para lá que eu próprio vou agora, e mostrar-lhe-ei se sair do elétrico quando eu sair."

Assim o fez, e descobrimos que ele e outro homem que nos acompanhava tinham lugar marcado para a sessão. Aquele que entrou na casa comigo tinha cerca de um ano de experiência em sessões intervaladas; enquanto o terceiro homem que ali encontrámos, e que ajudou a formar o nosso semicírculo na sala da sessão, tinha-se sentado apenas uma ou duas vezes antes; e quem, embora corpulento, grande e forte, estava nervoso, o que preferia chamar ansiedade. Nesta sessão recebi apenas algumas demonstrações estritamente destinadas a mim, mas tive algumas conversas amigáveis com entes queridos e um guia ou dois; e os meus interesses foram divididos entre os esforços de espíritos inexperientes e a "ansiedade" do homem inexperiente.

SEGUNDA SESSÃO DE TROMBETA DA SÉRIE DE DEZEMBRO DE 1912.

Esta sessão, por marcação, realizou-se apenas para mim, na manhã de sábado, 21 de Dezembro. Foi uma sessão longa e, para mim, satisfatória, como as minhas sessões a sós costumam ser. Assim que a luz elétrica foi desligada na sala, as luzes espirituais apareceram à vista; e as demonstrações na sala foram belas. Luzes apareceram em todas as partes da sala; e então um espírito trouxe-me a trombeta e pediu-me que a examinasse; e, ao olhar para ela, pela extremidade larga, pude ver tudo até onde estava o bocal, e todo o interior iluminado, enquanto a segurava de modo a ver todo o interior de uma ponta à outra, resplandecente de luz. Hipácia, a minha guia espiritual, foi a primeira a vir; e disse-me que o meu bando de guias e vários dos meus entes queridos estavam presentes comigo; e que, enquanto May e alguns dos meus entes queridos falariam comigo, os guias ou falariam ou cantariam para mim. Hipácia foi a primeira a cantar, e deu uma estrofe ou duas de uma canção, tão alto que podia ser ouvida lá fora na rua, enquanto a Sra. Wriedt, a médium, comentava: "Oh, não é maravilhoso?"

Depois veio o guia antigo des Asia, como o nomeei. Ele esteve na terra, segundo alega, quase vinte mil anos antes da Era Cristã, altura em que afirma que a América do Norte estava debaixo de água. Electra, irmã da minha guardiã Egyptia, e alegada membro do meu bando, veio e falou e cantou. Cantou alto e distintamente, tal como Cleopatra também. Todas estas três alegaram ser membros do meu bando espiritual. Depois veio também Otelleo, e assim havia ao todo seis dos sete alegados membros do meu bando espiritual, cada um dos quais falava tão alto quanto eu quando falo com outras pessoas. Todos estes alegados guias materializaram-se para mim nos Jonsons em várias ocasiões, e dois ou três com outros médiuns; e conversaram comigo enquanto se apresentavam nos seus corpos transitórios.

Cada um deles também escreveu mensagens para mim, através do Telefone-Psíquico-Humano. Tanto Egyptia como Electra apareceram-me materializadas, nas sessões realizadas por Effie Moss em Londres, há mais de vinte anos; e cerca de catorze anos depois, apareceram novamente em forma, quando a Sra. Moss estava a realizar sessões em Lily Dale. Ambos estes espíritos também vieram juntos e caminharam ao redor do círculo de parentes e amigos, aos quais os apresentei. Isto foi numa sessão realizada por Nichols em Lily Dale, há alguns anos (em 1908); quando alguns membros da Sociedade Canadiana de Investigação Psíquica, e alguns outros amigos selecionados, realizaram uma sessão sob condições de teste; uma das quais era que o médium jazia de costas, no chão dentro do gabinete, enquanto o robusto vice-presidente estava de pé sobre ele, à medida que as várias formas se materializavam, incluindo Egyptia e Electra, que afirmam ter sido as minhas guardiãs desde o momento em que nasci, e eram familiares à visão de May, a minha esposa espiritual, enquanto ainda na sua vida mortal; e desde então atendem agora às necessidades dela, como ela própria me conta nas suas mensagens através da psíquica escritora, embora na primeira ocasião em que Electra se

materializou, tenha sido trazida para a sessão nos Jonson por Hipácia na presença da companhia selecionada.

Gray Feather, o forte controlo índio de J. B. Jonson, médium de materialização de Toledo, veio e falou comigo nesta sessão de trombeta para me dizer que Jonson estava a chegar a casa; e queria que eu fosse lá na tarde de segunda-feira. Este mesmo controlo índio, Gray Feather, na minha presença numa sessão anterior de Jonson em Abril passado, anunciou a chegada de Stead à terra espiritual; e disse aos ouvintes que estavam ali comigo que tinha visitado e falado com Stead em vida no Julia's Bureau, em Inglaterra. Gray Feather também, por iniciativa própria, escreveu através da mão de uma psíquica escritora e instou-me a encontrá-lo num certo dia e num certo lugar, no Estado de Nova Iorque, de que aparece registo noutra parte; e quando o fiz, trouxe o falecido Juiz Rose de Toronto para falar comigo, o que foi a primeira e única vez que o Juiz Rose assim falou comigo, embora tenha escrito uma mensagem numa ardósia para mim e a tenha assinado. Tenho também registado num capítulo anterior que ele, Gray Feather, controlou, em dois dias separados, outra médium de trombeta em vez do seu próprio controlo reconhecido. Ele não só falou através dessa trombeta, mas trouxe nessas ocasiões trinta e uma personalidades espirituais para falar comigo. May reconheceu, ao enviar mensagens para mim, que este nobre espírito índio tem sido frequentemente um forte ajudante para ela.

TERCEIRA SESSÃO DE TROMBETA DA SÉRIE DE DEZEMBRO DE 1912.

Permaneci no meu quarto no hotel até perto do meio-dia do dia 22 de Dezembro, depois fui por convite à casa de um amigo para jantar; e finalmente cheguei à Sra. Wriedt às 15:30, a hora marcada para a minha sessão. Tive a minha sessão não sozinho, mas com um cavalheiro que nunca encontrara antes.

MacRoberts, em cuja casa em Londres as sessões de Moss foram realizadas há mais de vinte anos, veio nesta sessão e falou sobre vários assuntos comigo. A comunicação foi interessante e, entre outras coisas, ele disse-me: "Doutor, você sobreviveu à maioria dos rapazes."

Notar-se-á que esta e outras duas das quatro sessões foram o que se conhece como círculos mistos, onde tanto o tempo como o interesse são divididos entre os participantes; e a parte que cabe a cada um é diminuída, embora surjam a todo o momento oportunidades para investigar e considerar as condições; e estimar a relação entre as condições apresentadas e os resultados obtidos; bem como observar o efeito de condições harmoniosas.

Um visitante inesperado do reino espiritual foi um homem bem conhecido na minha cidade, e igualmente um homem de riqueza, que perdeu dinheiro, casta e influência, devido a hábitos adquiridos de caráter indesejável; e a sua linguagem e tom de voz eram tristes quando falou comigo, pois ele estava ciente de que eu conhecia os

seus hábitos. Entre outros que vieram e falaram comigo, sobre assuntos de interesse pessoal ou benefício, mas não especialmente de interesse público, estava des Asia, o meu alegado guia antigo de há muito tempo, que veio e falou em língua inglesa, e contou-me muito do que tive prazer em saber. E assim foi com outros dos meus guias, especialmente a minha guia espiritual principal Hipácia, e também outra, Cleopatra.

May Donna, a minha filha, que passou para a vida espiritual ao nascer, há mais de vinte anos, também fez notar a sua presença e disse-me agora que, quando eu chegasse a Toledo, ela se materializaria novamente e falaria comigo lá. May veio ter comigo como de costume, pois fá-lo sempre que estou com um psíquico, e prova-se chamando-me, de acordo com o nosso acordo pré-morte, pelo nome de teste "Johnnie". Tive uma boa conversa com May sobre os seus bens pessoais e o que ela sugeria que eu fizesse com tudo, e ela deu-me as suas instruções explicitamente. May falou comigo desta vez, creio eu, sem trombeta, e disse que não sofria agora, e que eu devia tentar ser alegre e divertir-me; e que lhe tinham dito que eu teria uma saúde e força esplêndidas e viveria até ser muito velho, e tinha um trabalho muito importante pela frente para realizar. Ela também me desejou um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo. Antes de se despedir de mim, disse-me que ia para casa esta noite ver a mãe, mas que estaria aqui novamente comigo na sessão da manhã às 8 horas.

Posso aqui acrescentar que, quando os espíritos assumem os corpos transitórios formados para eles, parecem tão naturais como em vida, embora as vestes que trazem possam ou não assemelhar-se às usadas pelos humanos; e afirmam que são criações dos seus próprios desejos.

A QUARTA SESSÃO DE TROMBETA DA SÉRIE DE DEZEMBRO DE 1912.

Na madrugada de 23 de Dezembro de 1912, tive a minha sessão com outro cavalheiro na última sessão de trombeta da temporada, que será também a última a ser registada no livro, que sairá para o mundo como um expositor da verdade e defensor da filosofia espiritual.

O leitor lembrar-se-á de que, conforme relatado na sessão que precedeu esta, May disse-me através da trombeta que ia para casa da mãe após a sessão, mas que estaria de volta a tempo de me encontrar na sessão desta manhã. Entrei na sala da sessão sentindo um pouco de frio, e a Sra. Wriedt trouxe-me uma chávena de café quente, comentando:

"O senhor é o homem que bebeu a primeira chávena de café na minha sala de sessões." Quando a chávena de café ficou vazia e a luz foi desligada, uma voz de homem, alta e natural, disse "Bom dia", e eu perguntei:

"Quem fala?", ao que May me respondeu:

"Ora, é o Pa."

Notei então: "A sua vinda é uma grande surpresa, pois esta é a primeira vez que tenho notícias suas desde que deixou o seu corpo há muitos anos", após o que ele deu, através da trombeta, o seu nome completo, como que para corroborar o que May dissera, e parecia estar radiante com este seu novo modo de conversar. May também estava muito satisfeita devido à minha surpresa, pois eu não sabia por que razão ela ia para casa, e algo me impediu de lhe perguntar. Ela provavelmente sabia que as inclinações dele o levariam muito provavelmente para lá. Tudo isto pareceu muito natural, e tive uma boa conversa com ambos (pai e filha). May, enquanto falava comigo ali, chorou um choro muito real e disse: "Oh, faz-me sentir tão triste ver-te tão sozinho, e ninguém por perto para cuidar de ti, quando foste sempre tão bom e gentil para mim, e fizeste tudo o que podias para meu benefício. Estou perto de ti quase todo o tempo, embora pareça não conseguir impressionar-te por mim própria."

Asia e Hipácia, dois dos meus guias, vieram novamente, e o Dr. Sharp, controlo da Sra. Wriedt, disse-me que Gray Feather, o forte controlo índio de J. B. Jonson, estava ocupado a reunir bandos e forças espirituais, para que eu pudesse ter os melhores resultados possíveis nas linhas que tinha em mente, especialmente porque Jonson não estava forte em vitalidade.

May Donna, a minha filha, observou-me humoristicamente: "Alguma vez, enquanto comeres nos Jonson, sairei do gabinete e dar-te-ei um beijo."

Cleopatra, como se alega ser, e também afirma ser guia e auxiliadora, disse-me durante a sessão que tentaria encontrar uma oportunidade para se materializar enquanto estivesse nos Jonson.

Stainton Moses, como alegou ser, e cujo nome e fama são conhecidos dos ingleses, também fez uma visita nesta sessão da manhã e falou-me de forma bastante aberta. Disse-lhe que teria prazer em ouvi-lo novamente e em comunicar qualquer mensagem que ele pudesse ter para os seus compatriotas.

A Sra. Effie Moss, a médium física que conheci primeiro em London, Canadá, na casa dos MacRoberts, teve o prazer de vir mais uma vez da esfera espiritual e falar comigo, agradecendo-me por tudo o que disse e fiz por ela, e pelo seu empresário, na altura em que tiveram os seus problemas ali, há cerca de vinte anos.

Cynthia, a alegada guia de MacRoberts, também veio e falou comigo.

O Dr. Sharp, controlo da Sra. Wriedt, disse então uma ou duas palavras antes de encerrar a sessão e, ao fazê-lo, disse: "Antes de deixar Toledo, descerei para me mostrar, pois sempre o admiro e gosto de o honrar."

Uma característica desta sessão, bem como de algumas outras, desenvolveu uma circunstância de importância, na medida em que ajudou a desvendar um segredo que fora mantido por muitos anos, e estabelece, para além de qualquer dúvida, todas as três teses defendidas por mim, a saber: 1.ª, Continuidade da Vida; 2.ª, Regresso Espiritual; e 3.ª, Comunhão Espiritual; e a isto pode agora ser acrescentada a Profecia. As personalidades envolvidas não serão de forma alguma reveladas, mas relatarei agora as

circunstâncias em apoio da minha repetida tese apresentada na forma tripartida acima referida. Há muitos anos, residia na minha cidade um homem, a sua esposa e família, juntamente com uma irmã da esposa.

Os seus meios eram amplos, e tanto a ocupação como a reputação eram boas. A esposa e a família foram enviadas para a residência de verão, enquanto o marido e pai permaneceu, tal como a irmã da sua esposa. Aproximava-se rapidamente o tempo em que um evento de importância e de ansiedade deveria certamente transcorrer. Aconteceu, e eu também, como médico, e estive, portanto, presente no nascimento de um filho do pai, este cidadão bem conhecido, e da mãe, que era irmã da sua esposa. Em resumo, o rapaz era ilegítimo e viera para ficar; e, fosse o que fosse dito ou feito, deveria ser mantido em segredo pelo médico e pelos dois interessados. Uma mãe adotiva foi logo encontrada e o rapaz foi bem cuidado. Tudo correu muito calmamente e o segredo não foi divulgado. Passaram-se alguns anos e então o pai deste rapaz em crescimento adoeceu e passou do corpo para o reino espiritual.

Em duas ou três ocasiões anteriores à presente sessão, o espírito desse pai veio e conversou comigo através de uma trombeta sobre a sua ansiedade de espírito em relação ao passado e ao futuro deste filho ilegítimo. Disse-me que tinha feito provisões para a educação e progresso do rapaz, e que as tinha entregue à mãe do rapaz para serem administradas; mas ela não demonstrava um interesse de caráter de mãe terrena, preferindo que ele fosse para o céu. Ele não foi, contudo, para esse lugar, de acordo com o desejo dela, como se perceberá pela leitura posterior. Na presente sessão, o espírito do pai veio novamente e falou comigo, e disse-me exatamente onde eu poderia encontrar o seu rapaz, e como e onde ele estava empregado, e que tinha crescido até se tornar um homem. Pediu-me para divulgar ao rapaz o segredo da sua verdadeira paternidade, e deixá-lo saber o que fora entregue à mãe para seu benefício, antes de ele, o pai, ter partido do plano físico. Disse também que tentaria reunir-nos, ao rapaz e a mim, e que me daria o endereço da mãe. A última parte desta estranha comunicação anterior foi-me feita na sala de sessões da Sra. Wriedt, em Detroit, na manhã de 23 de Dezembro de 1912. Prometem-se desenvolvimentos, que atingirão o clímax muito em breve e, se forem apresentados a tempo, serão acrescentados a este capítulo.

CUMPRIMENTO DE UMA PROFECIA ESPIRITUAL.

Enquanto estava no meu consultório esta tarde, entre as 14:00 e as 16:00, um jovem alto, com mais de um metro e oitenta, foi anunciado e solicitado a sentar-se; e, assim que os meus olhos se puseram nele, fiquei tão fortemente impressionado que o chamei pelo seu nome, como quando o conhecia como uma criança de cinco anos, mas que era agora um homem com mais de 24 anos de idade. Tal como o seu pai espiritual me dissera, ele era residente de uma cidade do oeste dos Estados Unidos; e questionei-o sobre a sua visita a Toronto e esta visita a mim. Ele procedeu sem demora a responder, e disse-me também que, há cerca de um ano, enquanto estava numa sessão de trombeta, o seu pai veio e falou com ele, dizendo: "Quero que vás, quando puderes, falar com o Dr.

John S. King, em Toronto, que corroborará tudo o que te contei e mais; e o que fiz por ti; e revelará o segredo da tua vida e dar-te-á o conselho necessário."

O tempo, o lugar e a privacidade foram todos oportunos para eu contar a este homem o que o seu pai me solicitara que lhe desse a conhecer. Por sua parte, ele também me assegurou que o seu pai o instruíra a vir ter comigo para saber exatamente o que eu tinha a dizer. Baste afirmar brevemente que, embora este homem não tenha visto a sua mãe, nem possa ter recordação dela; nem a mãe saiba nada dele, nem guarde lembrança do seu rosto desde os dias de bebé, e mais tarde não tenha rasto dele, ainda assim este jovem conhece agora o seu nome, e quem ela é, e o que faz, e onde vive, e irá em breve ter com ela, e apresentar-se-á, e deixá-la-á saber que ainda não foi para o céu, e está agora preparado para receber o que lhe foi deixado em confiança com ela; e espera, pelo menos durante algum tempo, ser um residente da terra, à semelhança dela própria. Este registo é, naturalmente, abreviado; divulguei apenas o que tinha autoridade para divulgar, mas preservei a identidade de cada um. Se eu não tivesse outra prova, sinto que o que está contido nos detalhes deste caso basta para estabelecer a minha tese.

CAPÍTULO XXXIII

Quatro sessões em Detroit, Michigan, com a trombeta, nos dias 20, 21, 22 e 23 de Dezembro de 1912, juntamente com quatro sessões em Toledo, Ohio, nas noites de 23 e 26, com materializações nos Jonson; uma tarde com uma psíquica particular, com materializações e características novas; e também uma com um médico bem conhecido, que afirma ouvir clariaudientemente e que confia à escrita o que alega ouvir, nesta viagem ocuparam até agora todo o meu tempo durante uma semana inteira; e seguiu-se a isto três dias dedicados à psicologia prática e mensagens que me foram enviadas através do telefone-psíquico-humano enquanto eu estava na casa dela, no Estado de Nova Iorque, a descansar. Sou assim capaz de completar o meu livro até ao fecho do ano; mas, ao fazê-lo, tive de recorrer à abreviação dos casos e dos capítulos à medida que me aproximava das páginas finais.

Quando cheguei a Toledo na tarde de 23 de Dezembro de 1912 e me instalei num quarto confortável, telefonei para a casa dos Jonson e consegui lugar para uma sessão naquela noite. Quando lá cheguei e me sentei na sessão, descobri que comigo estavam outros cinco; e percebi também que Jonson e a sua esposa eram um par de doentes, candidatos adequados a um hospital. Não havia dúvida de que ambos estavam doentes, tendo chegado a casa apenas no domingo após uma ausência — ele de quatro meses e ela de dois.

Mas, com generosa consideração e com sacrifício pessoal de descanso e conforto, preferindo não dececionar os seus clientes após as distâncias percorridas e a despesa correspondente incorrida, juntamente com a dúvida persistente sobre se haveria muitas ou até alguma sessão mais, devido ao estado exausto de ambos, marido e mulher, mas especialmente do primeiro, que, agindo sob o conselho do autor, determinou, pelo

menos para este tempo de inverno, abandonar as suas sessões e tentar melhorar a sua saúde. Este compromisso entraria em vigor após o término da presente semana.

Era então para todos os presentes, médium e assistentes, uma questão de saber se seria possível ter uma sessão bem-sucedida, mas concordou-se em tentar; ocupámos os nossos lugares e a Sra. Jonson pôs a música a funcionar; e, apesar da falta das melhores condições, vimos e percebemos muito que era interessante e muito convincente, nas linhas dos fenómenos espirituais. Noto que, numa sessão de Jonson, quer os assistentes sejam poucos ou muitos, há usualmente uma distribuição bastante equitativa para todos, embora alguns pareçam ser favorecidos com mais do que a média dos restantes, enquanto de vez em quando noto que alguns não têm convidado nenhum.

A minha estenógrafa, por exemplo, foi paga para vir comigo trabalhar, e eu também paguei a sua entrada, e no entanto ela esteve presente em cada sessão, e foram quatro, mas nenhum convidado veio para ela, enquanto para mim houve nada menos que oito numa única sessão das quatro a que assistimos, na ocasião a que me refiro; e usualmente de quatro a seis de cada vez, se outros estivessem sentados comigo. O facto supracitado não afetou a média geral de cada um no círculo.

Mas, retomando o meu registo nesta sessão, tive a minha terceira visita do falecido Sr. Hill, de Toronto, que simplesmente veio e se mostrou novamente, mas não foi capaz de falar desta vez. Os resultados como um todo nesta sessão, bem como na seguinte, não estiveram à altura do padrão de épocas passadas, nem de outras antes de o poder enfraquecer — evidentemente muito menos, e as condições não tão favoráveis pelas razões que são referidas noutras partes.

Cleopatra, que conversara comigo em casa da Sra. Wriedt através da trombeta, e me dera a sua promessa de se materializar quando eu estivesse numa sessão em casa de J. B. Jonson, manteve a sua promessa, como agora se verá, e falando comigo através dos órgãos vocais do seu corpo transitório, caminhou do gabinete para a sala. Disse-me, na presença e audição dos outros cinco, que estava a ajudar outros a criar tais condições que permitissem a May aparecer e falar comigo, quando estivesse em minha casa sozinho. A própria May veio novamente, e trouxe consigo May Donna, a nossa filha. Cada uma delas saiu do gabinete, ou sala onde formam corpos transitórios, e colocou-se à frente das cortinas, e enquanto ali estavam, ambas me beijaram (a minha filha, através da trombeta em casa da Sra. Wriedt, dissera-me que o faria), de modo que todos os presentes as puderam ver e ouvir, ali mesmo. May falou tão claramente como sempre antes, enquanto em sessão, através dos órgãos vocais do corpo transitório em que apareceu. May Donna, que se assemelha em alguns aspetos tanto a May como a mim, tinha caracóis pendendo de cada lado da cabeça e exibia um sorriso agradável. Pegou no braço esquerdo da mãe, e a mãe pegou no meu, e demos um passo em frente, e ficámos em linha em frente de onde as cortinas se separam; e os assistentes aproximaram-se e observaram os seus rostos e vestes, enquanto a Sra. Jonson era interpelada por May, que a conhecera em vida.

Tendo recuado até à abertura, beijaram-me novamente e disseram "Boa noite" tão naturalmente como quaisquer humanos poderiam fazer. As minhas descrições limitam-se aos meus próprios convidados, pois seria necessário muito espaço se descrevesse todos os que lá estavam, pois uma sessão média trará de dezoito a vinte e cinco convidados, ou até mais, se não for consumido demasiado tempo a falar e a caminhar aqui e ali.

Pedirei agora aos meus leitores que tentem recordar as profecias ou promessas nos capítulos precedentes do Professor James, F. W. H. Myers e outros dois ou três, de tentarem escrever a sua assinatura no meu bloco de notas com cabeçalho impresso, usando a minha caneta de tinta permanente, numa sessão de Jonson, a tempo de ser incluída no meu livro, se possível fosse e houvesse boas condições. Se assim for, perceberão que com as condições agora prejudicadas — não apenas pela doença e esgotamento da vitalidade de Jonson, mas por várias razões além da causa referida, a qual é para mim mais ou menos alarmante, tendo referência tanto à saúde quanto à mediunidade — os resultados dificilmente poderiam ser bem-sucedidos, mas dou-vos os que houve.

O Professor James de Harvard, como se alegou ser, e que tem vindo a comunicar mensagens para mim por escrito, com o seu nome anexado, através da mão do Telefone-Psíquico-Humano no Estado de Nova Iorque, desejava estabelecer a sua personalidade humana e, numa ocasião, escreveu para dizer que tentaria escrever a sua assinatura habitual como em vida, e encontrar-se-ia comigo para esse propósito numa sessão de Jonson, quando eu visitasse Toledo. Cumpriu a sua promessa, ou pelo menos tentou fazê-lo. A sessão que estou agora a registar, e possivelmente outra, seria a sua última oportunidade para a sua assinatura ser produzida e incorporada no meu livro, bem como a sua promessa.

O próprio facto de eu estar a antecipar isto, juntamente com a doença do médium e também com a da sua esposa; e o esgotamento da energia nervosa e do poder psíquico do médium; e a ausência da casa por vários meses, permitindo que as forças magnéticas, elétricas e psíquicas se dispersassem mais ou menos, depreciaria materialmente o valor das condições para demonstrações. Com o conhecimento destes vários factos, senti naturalmente uma ansiedade considerável, que de forma alguma poderia ajudar a criar condições harmoniosas, essenciais ao sucesso.

Eu não tinha qualquer imagem ou fotografia do Professor James; não tenho recordação de ter visto o seu rosto; e, portanto, nesta ocasião, esperei entre a esperança e a dúvida por alguma personalidade que, ao aparecer, provasse ser o homem que eu queria; e aquele que desejava provar ser o professor da Universidade de Harvard. Não tive de esperar muito até que uma forma se materializasse e, de algum modo que não registei, impressionasse a Sra. Jonson a chamar-me ao gabinete. Falei com a forma e disse: "É este espírito agora para mim?", e com uma suave inclinação ou vénia de cabeça, ele respondeu assim à pergunta. Novamente perguntei: "Se é para mim, por favor diga-me o seu nome." A sua resposta seguiu-se numa palavra: "James."

Embora não tivesse nada que me guiasse quanto à sua aparência ou traços, exceto que ele excedia a minha idade por pouco mais de um ano, senti um certo desapontamento quando lhe lancei um olhar geral, pois esperava ver um homem com aparência mais velha. Parecia ser um homem de estatura e constituição média; mas não tinha barba ou suíças, apenas um bigode farto; e estendendo-se sobre a sua cabeça, de trás para a frente e encontrando a linha da sua testa, usava o cabelo em madeixas paralelas com pontas onduladas que, na luz em que o via, pareciam ter a cor de um tom de ruivo, tal como o seu bigode, e as suas feições eram mais jovens do que os seus anos permitiriam que fossem.

Tinha um semblante imponente, uma testa elevada e larga e olhos escrutinadores. Não era nem corpulento nem muito magro, e parecia ter assumido a meia-idade ou mais jovem — como a maioria das formas que se apresentam parecem mais jovens do que em vida — mas olhou muito melancolicamente para mim, enquanto eu tirava do bolso o meu bloco de notas e exibia a minha caneta de tinta permanente. A forma falou então como que desapontada, enquanto eu lhe estendia a caneta, e estas são as palavras que captei: "Receio não o conseguir fazer agora." Nenhum esforço adicional foi feito, e o corpo transitório desvaneceu-se da vista. Esta foi a primeira vez que ele se materializou para mim. Tentei encorajá-lo a fazer outro esforço, se não agora, numa sessão futura.

Enquanto esta forma desaparecia, outra surgiu subindo do chão, onde as cortinas do gabinete se dividem, até à altura total em frente ao gabinete. Esta era também a forma de um homem que nunca vi em vida, nem conhecia as suas feições, mas o nome recebido da outra forma levou-me a suspeitar que este visitante agora diante de mim era F. W. H. Myers, falecido Presidente da Sociedade de Londres para a Investigação Psíquica, pois numa comunicação através de uma fonte fiável, ele prometera sob o seu próprio nome que também tentaria o seu melhor para me encontrar aqui e dar a sua assinatura. Embora nunca visto ou conhecido por mim em vida, ou em fotografia, ele nascera no mesmo ano que eu.

Descreverei a aparência desta forma, pelo menos em contorno, tal como se me apresentou. Tinha mais cabelo na cabeça do que o Professor William James, e este dividia-se no centro do topo da cabeça, e era de cor escura, misturado com cinzento; tinha barba completa e bigode, ambos cinzento-ferro e também encaracolados. A sua testa era alta e as feições indicavam inteligência, mas por alguma razão não consegui ver bem os seus olhos. Quando se anunciou como "Myers", perguntei-lhe, sem demora, se desejava escrever, e inclinando-se graciosamente em resposta afirmativa à minha pergunta, segurei, sem hesitação, o meu bloco com o topo dele apoiado a meio do meu peito esquerdo, enquanto o estabilizava com a mão esquerda.

De seguida, ofereci a minha caneta de tinta permanente, e a forma respondeu à minha expetativa e ao meu deleite; e com um esforço pronto e enfático, com a sua mão direita alcançou e tirou-me a caneta, e colocou a sua ponta sobre uma folha do bloco. Isso foi o mais longe que ele conseguiu demonstrar, pois quando fez um segundo esforço para segurar a caneta com mais força, os seus dedos relaxaram, e a caneta escorregou deles e rolou no bloco, não sendo recuperada por ele. Interpretei o evento

como uma evidência de sucesso parcial, suficiente, contudo, para encorajar a minha crença de que, com boas condições e renovação do seu esforço, ele ainda terá sucesso.

Quando ele falhou ao escrever a sua assinatura, senti que talvez fosse falta de confiança, pois ele recuou rapidamente para o gabinete e afundou-se da vista, na entrada onde aparecera pela primeira vez. Caminhei então de volta para o meu lugar e disse: "Acredito realmente que era Myers", quando três pancadas fortes foram ouvidas na sala do gabinete para o afirmar. Falei então e disse: "Fez um bom começo, e talvez se tentar novamente antes de a sessão encerrar, possa então ter sucesso." Uma pancada muito forte foi então ouvida, que interpretei como significando um "Não" muito enfático. Sugeri a seguir que tentasse novamente numa sessão futura, mas que a minha presença em Toledo nesta data seria a última oportunidade de garantir a sua assinatura para o meu presente livro. Como tenho outras sessões com outros médiuns em vista, tenho toda a esperança de que ainda virei a ter notícias tanto de James como de Myers relativamente ao seu esforço aqui, e saberei as probabilidades desta e de outras experiências no futuro.

Ver-se-á que tive assim seis apresentações nesta sessão, tendo as duas precedentes especial interesse para investigadores psíquicos. As outras quatro formas que vieram foram o Sr. Hill, que conheci em Toronto, May, a minha esposa espiritual, May Donna, a minha filha espiritual, e Cleopatra, uma das minhas guias espirituais, que falou de modo a que eu pudesse ouvir distintamente cada palavra; e estas últimas três caminharam todas comigo do gabinete para o círculo, a esposa e a filha caminhando lado a lado à minha esquerda, por uma distância de alguns pés, enquanto Cleopatra caminhou, mais tarde, comigo um pouco mais longe. Os dois investigadores psíquicos, James e Myers, tiveram dupla experiência quanto à dificuldade de comunicação, e podem ainda possivelmente explicar através de algum canal por que não foram bem-sucedidos em dar-me as suas assinaturas, ou retificar quaisquer erros que possam ter surgido em algumas das suas muitas comunicações.

EXPERIÊNCIAS MARAVILHOSAS, NOVAS FASES E ALGUNS RESULTADOS SURPREENDENTES COM UMA PSÍQUICA PRIVADA OU NÃO PROFISSIONAL.

Na tarde de terça-feira, 24 de Dezembro de 1912, garanti o valioso privilégio, através de uma carta de introdução, de aceder a uma senhora médium privada, ou não profissional, cuja localização — por razão que me foi expressa — não é indicada. Durante todos os muitos e longos anos das minhas interessantes aventuras e investigações, nunca me coube em sorte participar em desenvolvimentos mais maravilhosos de fenómenos invulgares. A nota que eu levava era breve, e simplesmente afirmava que eu era um amigo do autor e vindo do Canadá, e que a nota seria uma garantia suficiente da minha integridade de propósito. Ela não tinha qualquer outro conhecimento de mim e, embora muito ocupada a preparar-se para o Natal, sentou-se calmamente por um minuto e depois consentiu sem reservas em dar-me uma sessão. A sessão durou uma hora, começando às 15:00.

A sala da sessão tinha a aparência de uma sala de estar traseira, separada da frontal e maior por portas de correr. Nada de invulgar aparecia, ou que pudesse despertar suspeita de qualquer mecanismo ou dispositivo, ou sugerir uma ideia de truque ou prestidigitação, nem na sua atitude pessoal ou fala, que pudesse ser interpretada como sugerindo chicana aos sentidos ou compreensão de um investigador psíquico de longa experiência. Encontrei a estrutura e as cortinas do gabinete semelhantes a muitas outras que vira, e ocupava seis pés quadrados no canto sudeste da sala, enquanto a própria psíquica, durante a sessão, ocupava um assento à minha esquerda e estava envolvida comigo em conversa, ou com os convidados espirituais que nos visitaram durante a sessão, e nunca por um momento esteve em transe, e neste aspeto inteiramente em desacordo com outros médiuns de materialização que conheci. Outra característica marcante foi o facto de, quando a psíquica baixou os estores e obscureceu a sala de modo a excluir toda a luz, os visitantes espirituais começaram a vir cada um, e cada um, ao entrar, produzia a luz pela qual podia ser percebido.

Fui recebido como convidado por uma personalidade que alegava ser o controlo da médium. Não vi a sua forma, nem consegui designar o local de onde falava, mas soou-me como uma voz independente no ar. O gabinete não parecia ser o lugar exclusivo de origem das várias formas que se apresentavam; na verdade, parecia ser usado por apenas alguns, pois a minha atenção era atraída para uma luz acima de mim no ar, e ali eu via a forma transitória de um espírito vindo do teto, ou melhor, como eu estava na escuridão, tinha a aparência de vir do céu. Lugares e direções foram todos utilizados neste aspeto, pois as formas espirituais vinham e iam não apenas do gabinete, mas das paredes e do chão, e parecia que eu estava numa nuvem escura no ar, encontrando os vários espíritos nos seus corpos transitórios ali. Como estou pressionado tanto pelo tempo como pelo espaço, abreviarei e direi que nesta sessão nenhuma luz estava acesa, e cada espírito trouxe a sua própria consigo; e assim, estando no escuro, fazia com que cada um se destacasse como um quadro numa moldura mais clara, ou como uma imagem esculpida com um fundo escuro, embora as feições do rosto na sessão a que assisti não fossem tão distintas como de costume nas sessões de materialização a que estava habituado, sendo em todos os casos mais escuras do que o rosto natural, mas ao mesmo tempo a sua voz e linguagem eram mais claras e distintas, como sempre as consigo ouvir quando falam comigo numa sessão solitária, ou uma em que me sento sozinho.

O controlo que deu o seu nome, e alegou ter sido outrora médico, saudou-me e acolheu-me gentilmente. Cada espírito que se apresentava parecia estar feliz e contente, e trocou uma palavra ou duas comigo. Fiz uma lista das alegadas personalidades de todos os que me falaram, e isso por si só foi muito interessante em mais do que um aspeto.

A primeira e a segunda formas a apresentarem-se foram a minha esposa espiritual May e a minha filha espiritual May Donna, que pareceram vir ambas juntas, e saudaram-me como de costume, e na aparência, modo e voz, com que eu estava tão familiarizado, variaram muito pouco. Esse pouco era a escuridão ou sombra sobre as

feições e a cor das texturas que vestiam, e estas observações aplicavam-se a todos. Por isso, critiquei a cor e disse que preferia a mais clara, ao que os meus entes queridos voltaram para o gabinete e, muito pouco depois, regressaram com as feições e o vestuário mais brilhantes. Tenho então confirmação mais uma vez, sem qualquer dúvida, no caso da minha esposa e filha, como tive antes em diferentes sessões de materialização, com diferentes médiuns, em diferentes lugares e em diferentes datas; e de uma maneira e com condições semelhantes relativamente a sessões com trombetas e com escrita automática. As minhas duas queridas vieram do gabinete e a ele regressaram como costumavam fazer noutras sessões.

A forma espiritual número três, que veio com uma aparente pressa para mim, da região do teto, foi em vida a médium de materialização Sra. Effie Moss, que conheci pela primeira vez na casa dos MacRoberts em London, no ano de 1894. Agradeceu-me pela minha gentileza e simpatia em London quando precisaram de ajuda há muitos anos; e completou uma promessa feita em vida, que será novamente referida abaixo; e depois, como alguns dos outros, pareceu deixar-me num turbilhão, ou como uma lufada de vapor de uma locomotiva, ou do cachimbo de um fumador numa manhã gelada, e num segundo o corpo transitório que estivera diante de mim e conversara como uma mulher, partira como uma lufada de fumo, da sua posição à minha direita e através da parede.

O n.º 4 era uma rapariga cujo nome não consegui captar, mas disse-me que morrera de problemas na garganta.

O n.º 5 era um homem velho que não consegui reconhecer. Depois de ele ter igualmente desaparecido numa tangente através do chão, ouvi uma voz mencionar-me pelo nome sem ninguém estar perto de mim. Comecei a perscrutar ao redor e, ao olhar para onde o teto e a parede se encontravam, vi uma cabeça, um rosto e um busto bastante familiares para mim, sorrindo, e ele disse: "Stead está aqui." Não tive conversa nem ouvi mais nada dele, e como um clarão de luz pálida ele saiu da vista à minha frente, atravessando a parede norte.

O n.º 7 era uma forma feminina que apenas permaneceu o tempo suficiente para anunciar: "Vim com o Stead. Sou a Julia."

O n.º 8 era a minha guia espiritual, que se mostrou para me deixar saber que também ali estava, e proferiu apenas uma palavra: "Hipácia." O n.º 9 era um rapaz que deu o nome de Will, mas fui incapaz de o identificar na altura.

O n.º 10 era Gertie, a irmã de May, que veio e foi como a sua irmã, de e para o gabinete.

O n.º 11 alegou ser o Ex-Presidente McKinley, e o n.º 12, disse ele, era a sua esposa, que viajara muito com ele, acrescentando que durante anos fora inválida. Agradeci a ambos pela visita.

O n.º 13 era uma mulher que não consegui reconhecer.

O n.º 14 era o antigo e gigante guia espiritual Asia, que encheu a sala com vibrações sonoras de grande profundidade e poder, e cantou para nós uma estrofe ou duas na sua própria língua, como depois nos explicou em inglês.

O n.º 15 e o 16 foram o meu próprio pai, Stephen, e a minha mãe, Margaret P., que estão sempre, de uma forma ou de outra, perfeitamente aptos a identificar-se perante mim.

O n.º 17 era o espírito de um homem que alegou ser o Dr. Burroughs, falecido de Detroit, um antigo amigo, creio eu, de um atual amigo meu, ou possivelmente um colega de faculdade; mas cujo paradeiro nos últimos anos me era desconhecido.

O n.º 18 veio e com voz e modos doces disse: "Sou uma pequena índia, o meu nome é Silver Star (Estrela de Prata)", e a luz que produziu assemelhava-se a uma, mas apenas por um momento, e depois com um bruxuleio disparou para cima e para longe através do teto.

Nenhuma forma apareceu novamente durante um curto espaço de tempo e, na ausência delas, a senhora psíquica comentou que "por vezes espíritos de outros planetas visitam aqui, mostram-se e falam", e continuou a falar do seu tamanho e peculiaridades. Mencionou também que algumas das pessoas dos tempos bíblicos regressariam aqui e conversariam, e nomeou algumas, das quais uma era o Rei Salomão, ao que comentei que era um assunto de interesse para mim saber esse facto, pois um dos vários que ela mencionara, a saber: o Rei Salomão escrevera-me, ou pelo menos eu recebera algumas mensagens assinadas com esse nome e endereçadas a mim através de uma psíquica escritora, e eu perguntava-me se seria real e verdadeiramente um facto que o Rei Salomão de outrora tinha interesse aqui agora ou não.

O controlador do gabinete, respondendo ao meu pensamento e desejo de saber, anunciou que o Rei Salomão me escrevera algumas mensagens mas que me escreveria muitas mais, pois me estava a ajudar porque eu deveria ser o seu médium, embora o próprio Rei Salomão não tenha aparecido à minha visão aqui. Quando posteriormente perguntei a Hipácia, ela disse-me que ele não falara nem se mostrara hoje, mas que era verdadeiramente assim que o Rei Salomão escrevia as mensagens assinadas por ele e enviadas para mim.

O n.º 20, Lily, a pequena e inteligente controlo de gabinete da falecida Sra. Moss, médium de materialização, que foi vista e ouvida por milhares durante os muitos anos de mediunidade da Sra. Moss, e que nunca pareceu envelhecer nem crescer — pelo menos essa foi a minha experiência de cerca de dezoito anos —, anunciou-se inesperadamente, à sua maneira alegre e de boneca, através de uma risada do tipo guincho. Lily prometera-me em 1894, em London, Ontário, que, no caso da morte da Sra. Moss, ela, Lily, se ligaria ao meu bando. Inicialmente, quando Lily veio, não a vi, e nenhuma palavra sobre ela foi proferida, nem qualquer referência feita por outro; mas quando ela deu o guincho e se riu, eu falei e disse:

"É a Lily, tenho a certeza de que é a Lily", e assim se provou ser. À minha observação, Lily respondeu dizendo:

"Prometi-te há muito tempo em London, Ontário, que quando a Sra. Moss passasse para a vida espiritual, eu viria para ti, e hoje a Sra. Moss trouxe-me aqui para ficar com o teu bando."

E eu adicionei então palavras de boas-vindas. Assim foi confirmada hoje uma promessa feita há muitos anos. Assim também se criou mais evidência de caráter confirmatório em relação à esposa, filha, irmã da esposa, Hipácia, os meus pais e Wm. Stead. Depois de o controlo da psíquica ter encerrado a sessão e se ter despedido de mim, mas antes de a luz ser permitida, Lily voltou e, embora não estivesse visível, parecia ter poder e teve uma breve conversa com a psíquica e comigo. Num tempo futuro, ou noutro livro, poderei explicar o tipo de espírito que a Lily é, e assim também os espíritos de gabinete e de levitação em geral, que diferem materialmente como classe dos outros, tanto, de facto, como diferentes homens na raça humana.

UMA MENSAGEM CLARIAUDIENTE RECEBIDA E ESCRITA NA MINHA PRESENÇA POR UM MÉDICO.

Eu tinha encontrado o doutor apenas uma vez antes, e isso fora em Toledo; e após a nossa amizade se ter formado, ele deu-me uma carta de apresentação para uma senhora psíquica privada que não dava sessões públicas. A sessão realizada para mim por essa senhora eu já descrevi, e agora apenas me refiro a ela pois prometi ao doutor visitá-lo e deixá-lo saber a minha experiência na sessão; e o que pensava dela e da mesma. Fiz esta visita na tarde de quinta-feira e, enquanto estávamos sentados a conversar sobre a nova fase de materialização, ele ia-me falando de coisas que ouvia clariaudientemente e então parou de falar e começou a escrever o que alegava estar a ser-lhe dito para mim; e agarrou no lápis e papel e, conforme escrevia, entregava-mo, e como o tenho agora diante de mim, copiarei uma parte que diz:

26 de Dezembro de 1912, 17:00 (N.º 37). De Wm. Stead. "Vou dizer-lhe, Dr. King, o senhor está enganado, James não teve falta de confiança, ele estava demasiado fraco. Myers também estava demasiado fraco. Tentarei escrever para si na primeira oportunidade que tiver. Adeus. — W. T. STEAD."

O supracitado refere-se ao que eu pensei ou disse em relação à falha de James e Myers em escreverem as suas assinaturas no meu bloco de notas.

ÚLTIMA SESSÃO COM J. B. JONSON, 26 DE DEZEMBRO DE 1912. DEZASSETE ASSISTENTES NO CÍRCULO. O AUTOR TEM TRÊS VISITANTES.

J. B. Jonson e a sua esposa estiveram ambos fora durante uma temporada e, portanto, não realizaram sessões, mas voltaram a casa no domingo, 22 de Dezembro, e claro que realizaram uma sessão na segunda-feira à noite, embora tanto o marido como a mulher estivessem doentes, e o relatório da mesma é dado neste capítulo, mostrando

um certo grau de sucesso. Mas ambos sentiram o forte consumo no seu suprimento de energia e força psíquica, e sentiram a retirada ou exaustão de vitalidade.

Cancelaram os seus convites e não fariam marcações a menos que houvesse melhoria nas condições de ambos, e assim passaram-se três dias, terça, quarta e quinta-feira, e as noites de terça e quarta, e assim foram capazes de ganhar um pouco de força, e por volta da tarde de quinta-feira foram feitos preparativos para outra sessão naquela noite, que talvez venha a provar-se ser a sua última, pois ele mudou de ocupação e irá embora e libertar-se-á, pelo menos durante este inverno, e talvez por completo, de realizar sessões, que são sem dúvida um dreno muito pesado na sua vitalidade física e nervosa, e encurtarão sem dúvida a sua vida. Tive o privilégio de estar presente na sessão na noite de quinta-feira, 26 de Dezembro de 1912, que poderá vir a ser a minha última com ele.

As demonstrações foram verdadeiramente maravilhosas considerando as condições apresentadas. Os assistentes eram dezassete, velhos e novos, e todos tiveram um ou mais visitantes, pois houve cerca de vinte e cinco ao todo; mas as entrevistas foram curtas e era evidente que o poder necessário estava a enfraquecer. Noto, de passagem, que não houve nada a relatar de diferente de outras sessões, ou além do que foi registado anteriormente, e concluirei com uma referência ou duas à minha própria experiência.

May veio ter comigo novamente e pareceu inclinada a tentar novamente e caminhar melhor. Tocando no meu braço esquerdo, ela deu um passo para fora do gabinete de um metro e meio ou dois, para que todos a pudessem ver bem, e parecia ter ganho força, sendo agora capaz de caminhar e falar melhor do que em algumas ocasiões anteriores, embora ainda não tenha sido capaz de falar tão alto e claro como quando usava a trombeta.

Cleopatra, a bela, apresentou-se novamente à nossa vista e, a meu pedido, tocou no meu braço e caminhou comigo no círculo, onde os assistentes puderam aproximar-se o suficiente para obter uma excelente visão.

Desejo aqui concluir a minha referência ao Sr. e Sra. Jonson e às suas demonstrações psíquicas, reconhecendo o meu total apreço pela sua atitude uniformemente cortês e boa vontade estendida a mim continuamente, durante oito anos, bem como à minha esposa, quando ela comigo conduzia investigações críticas; e onde, desde que passou para os reinos espirituais, ela agora regressa para se encontrar comigo e corroborar de ambos os pontos de vista os factos que me esforço por demonstrar e provar como verdadeiros.

Espero e confio que Jonson e a sua esposa vivam para desfrutar de muitos anos de vida humana; e que cada ano seja bem preenchido com saúde, felicidade e prosperidade. Desejo também agradecer a Gray Feather, o forte índio, com um caráter tão nobre, que assume o controlo de Jonson na sessão, pela uniformidade da sua gentileza e amizade, não apenas na casa de Jonson, mas noutros lugares, e pelos seus repetidos atos de me trazer mensagens; mas igualmente por algumas vantagens que me

mostrou, pelo seu controlo de outros médiuns, um especialmente, onde ele próprio podia falar através de trombetas para mim, e também trazer entes queridos, amigos e outros para falarem comigo.

CAPÍTULO XXXIV

Novamente tive uma valiosa oportunidade enquanto descansava por um dia ou dois, durante a semana de encerramento de Dezembro de 1912; pois, de acordo com um entendimento entre Hipácia, a psíquica e eu próprio, na minha primeira chegada como convidado à casa do Telefone-Psíquico-Humano, foi acordado que o tempo para comunicação seria dividido em partes, de modo a permitir aos meus entes queridos, guias e ao grupo de amigos, cientistas e investigadores, a todos uma oportunidade justa de comunicarem comigo, e eu com eles. Os meus entes queridos vieram e as nossas comunhões foram uma alegria para todos; mas esta característica foi maioritariamente pessoal e não disponível para publicação, com uma ou duas exceções; mas para mim, bem como para eles, foi muito gratificante.

O mesmo aconteceu com os meus guias, que me encorajaram e me deram informação e instrução; mas aqui faço exceção e partilho com o leitor o prazer, conhecimento e as vantagens que obtive das comunicações mantidas com Hipácia; e uma parte disto já dei num capítulo à parte, dedicado a algumas questões de momento e de profundo interesse, que recomendo à ponderação atenta do leitor. (Ver Capítulo XXIII.)

Desejo agora, como anteriormente numa visita prévia, onde a minha presença a sós com a psíquica pareceu melhorar as condições, fazer perguntas de viva voz e ter os meus amigos espirituais a responder-me, bem como comungar ou conversar através da mão e caneta automáticas. Falo agora ao instrumento e desejo dizer que, como esta é a minha reunião final aqui para os meus amigos espirituais antes de fechar o meu livro, desejo especialmente permitir oportunidade antecipada a todos, e estarei eu próprio pronto quando estiveres à vontade.

O INSTRUMENTO. — Estou agora livre para estar continuamente ao teu serviço durante o resto do teu tempo aqui. Os teus entes queridos, e também Hipácia, estão aqui, bem como outros.

J. S. K. — Hipácia, desejaria entre os primeiros ouvir alguns daqueles com quem conversei antes. Espero ouvir o Professor James e F. W. H. Myers. E também espero

ouvir Wm. Stead, relativamente a alguns assuntos em qualquer dos lados do Atlântico que estão nas mentes de ambos.

HIPÁCIA. — Os três que nomeias estão agora aqui e permanecerão até te ires embora. E há outros também de quem terás prazer em ouvir.

28 de Dezembro de 1912, 11:00. (N.º 38). DE WM. T. STEAD. — Meu caro amigo, lembro-me de tudo em espírito, se não em detalhe. Estarei aqui e ouvirei. É claro para mim que o ciúme será causa de silêncio. . . . . Sinto-me assegurado de que tudo se endireitará eventualmente.

J. S. K. — Amigo Stead, o seu retrato espiritual não coincide totalmente com a sua fotografia tirada há alguns anos.

WM. STEAD. — É o meu retrato que tem, e como lhe disse é cópia de nenhum outro. Se não o pode imprimir, pode descrevê-lo e contar como foi obtido. A sua descrição do retrato a aparecer é notavelmente concisa e direta e, ao mesmo tempo, legível, ou apresentada de uma forma que desperte o interesse do leitor casual. . . . . É como eu até certo grau. Penso que o meu desejo de o ter diferente de todos os outros retratos meus pode ter levado os assistentes a alterá-lo demasiado materialmente. Permanecerei aqui a maior parte do dia e, enquanto dorme, eu irei embora.

J. S. K. — Lembrar-se-á do erro na sua mensagem, onde disse "O meu filho e esposa estão comigo aqui", e que alguém em casa condenara as mensagens como não sendo genuínas por esse motivo, e então escrevi uma explicação para o livro, mostrando como os erros se infiltram e como facilmente dei conta disso usando a palavra "sua" antes de esposa, como isso ocorrera frequentemente, pois tanto ela como você mo tinham dito; e agora sinto que quero saber se o que adicionei é para si bastante satisfatório?

WM. STEAD. — O que disse é verdade; acompanhado pela sua esposa estou sempre quando estou aqui, pois quando a mão está a escrever ela (a sua esposa) está perto; e se ela pensasse ser espaço adequado, o seu pensamento com o meu a caneta traçaria, como uma fotografia mista poderia ser sem intenção, mas descuidadamente. Uma pessoa a falar alto na mesma sala quando o telefone é usado pode ser ouvida à distância. Este é um instrumento mental de grau semelhante e, muitas vezes por acidente, uma mensagem mista pode ocorrer.

J. S. K. — Entendo que uma certa médium sua e minha conhecida foi a primeira a ouvir que tinha passado para a esfera espiritual, sendo o facto dado a conhecer a ela através do seu guia; e que eu fui o primeiro a receber palavra direta sua, através da mão deste presente instrumento, que datava de 16 de Abril; e que eu fui o primeiro humano que reconheceu e que o reconheceu quando apareceu pela primeira vez no seu corpo transitório, em J. B. Jonson, a 18 de Abril, às 22:00.

WM. STEAD. — Penso que ela se refere ao facto de eu lhe ter dito que esta mão foi a primeira através da qual escrevi, mas não foi um caso de favoritismo da minha parte de todo. A sua guia Hipácia, capaz e forte, veio ter comigo na minha necessidade e

aflição, e manteve-me na minha harmonia até eu crescer livre das aflições das condições terrenas em mim. O que ela diz é verdade nesta medida: que ela foi o primeiro instrumento de trombeta usado por mim, mas eu vim aqui com Hipácia e escrevi, assistido por ela e pela Julia. É de pequena importância de qualquer modo. Eu estava demasiado fraco para usar uma trombeta ao início e tive de ser assistido de todas as formas para escrever ou falar.

A sua explicação relativamente à interjeição de palavras por erro é para mim uma descrição maravilhosamente exata. Tal como o que acabei de escrever, uma pessoa a falar numa sala quando o telefone está a ser usado pode ter a sua voz transmitida ao ouvinte distante sem intenção ou desejo de interferir com o que está a ser feito pelo falante ao telefone. Estamos todos num estado de harmonia e nenhum pensador maligno enganador é permitido por perto. Disto cuidam os pequenos servos elementais dela (o instrumento) conhecidos por ti como "Mike" e "Lata Lee". Lá fora estão estranhos, lá dentro estão amigos em harmonia, como os teus guias, os guias dela e outros tais como James e Myers, e outros que trabalham pelo bem de toda a humanidade como tu estás agora a tentar fazer. Os espíritos servidores podem ser rudes em algum grau, mas todos amam e servem em harmonia. . . . . A descrição do meu retrato é notável e auxilia o teu esforço científico de provar o facto da continuidade da vida.

J. S. K. — Sabe a atitude assumida por um certo inexperiente, de que as mensagens sobre o seu nome não eram genuínas.

WM. STEAD. — As mensagens foram escritas pelo meu ditado. Isto é verdade, tal como é verdade que fui o modelo para o retrato. Gostaria de as ver publicadas no que a mim diz respeito, mas se souber de qualquer razão séria por que não devam ser, faça com elas o que achar melhor. Não vejo que mal haveria se se provasse ser verdade que comunico através de muitos homens. Não prova também que volto novamente? Se fosse um espírito livre, com toda a sua vida pensante e energia, não iria a cada porta aberta e usaria cada poder à mão, e depois se sentiria triste por ver quão pouco era o seu poder de agir! É esse o caso comigo. Eu penso e argumento também. Porque não pode o senhor ser abençoado com poder psíquico para tocar, ver e ouvir os espíritos amorosos por perto, quando outros que não fazem uso dele como o senhor faria são de facto abençoados? Eu também tentei de todas as formas ensinar a humanidade, mas muitas vezes achei-os muito perversos e cegos.

J. S. K. — Amigo Stead, se conhece a sua redação, aprova o meu Pronunciamento na primeira página do meu livro?

WM. STEAD. — Aprovo de facto; está redigido como um credo e uma semi-oração, ou bênção dedicatória.

J. S. K. — Gostaria de ter a sua opinião sobre se a lei ou o sentimento público se oporiam à publicação do conteúdo das mensagens de membros da Família Real, que não é de forma alguma desrespeitosa?

WM. STEAD. — Não me pareceria ser de forma alguma um dano à Realeza. É bem conhecido que a nossa boa Rainha era estudante deste pensamento, e os pensadores desta era tornaram-se liberais, permitindo que um homem pense de forma bastante livre, e todas as afirmações que fez chegaram-lhe através da ajuda de médiuns, e o que pensa é o que diz. Penso que é um livro de experiência e crença; e assim impressionará qualquer leitor.

O senhor não usa os nomes da Realeza senão de forma respeitosa; e acredito que nenhuma palavra dirão; eu digo, e acredito que se aplicaria pois nem um tribunal de lei poderia questionar que o recebeu assim, e que lhe pareceu aceitável e verdadeiro. Para mim parece uma descrição legível e interessante da mente em consciência normal e subnormal, e não vejo onde não seja correto ou livre de mancha. Escrever-lhe-ei hoje novamente. Afastar-me-ei e deixarei que Hipácia seja a escritora em vez de mim.

28 de Dezembro de 1912, 14:30. DE HIPÁCIA. — Desejo dizer que estive consigo durante toda a semana, e eu com o senhor acredito que será inquestionável pela lei ou credo, e sentir-se-á bastante contente no fim; e perceberá que a sua aflição foi amiga, pois armou-o para uma luta que está à frente, teme o senhor, mas conforme eu vejo, nenhuma luta haverá. O perigo passou. Perto do senhor está o bem de facto, e o senhor será tornado orgulhoso e forte, e o que roga chegar-lhe-á neste mesmo dia.

J. S. K. — Obrigado, Hipácia, pelo que dizes.

28 de Dezembro de 1912, 14:45. DE WILLIAM JAMES. — Somos ouvintes, interessados de facto. Sou William James quem escreve. Foi para mim uma mágoa e aflição não poder usar a sua caneta para escrever no seu bloco; e aqui desejo dizer que ainda farei esse ato para si.

J. S. K. — Nunca o conheci na vida humana e, quando se materializou para mim, senti-me um pouco desapontado, pois esperava ver um homem velho, com cabelo grisalho, e em vez disso, pareceu-me um tom de ruivo.

WILLIAM JAMES. — Depois de estarmos em espírito por algum tempo, voltamos à nossa juventude ou auge, e assim apareço, já que vivo aqui, como um homem de quarenta e cinco ou cinquenta, no máximo. Era eu próprio no meu melhor, e o senhor achará verdade que fui eu quem assim lhe apareceu. A minha ideia era de que a imagem de mim como grisalho seria comum à humanidade e poderia estar na sua memória, portanto mostrei-me ao senhor como eu próprio quem nunca conheceu. O meu cabelo era loiro avermelhado, e mais tarde misturou-se com grisalho e estava quase branco quando fiquei livre da minha própria anatomia frágil.

DE F. W. H. MYERS. — Dei ao Professor James a primeira oportunidade, conforme foi entendido por si; e quando ele falhou, pensei: agora vou esperar até ter força para tentar e certamente conseguir; e fiz isto à sua vista. Parece ter sido revelado ao senhor o facto da minha verdadeira aparência. Temos estado a falar aqui hoje e a perguntar-nos por que não podemos com esta mão dar a nossa personalidade. As leis do domínio de Deus são estranhas além de qualquer comparação, e fui eu próprio quem ali

esteve à sua vista. Peguei na caneta na mão e pensei que poderia comandá-la, mas após o segundo esforço, o poder de suporte partiu de mim e eu era apenas espírito sem poder para reger a caneta. Pretendo agora tentar novamente num dia futuro e espero ser bem-sucedido à sua vista, no seu bloco de notas, para assinar o meu nome, como fazia quando na terra. A minha aparência para si não foi assim tão clara, mas o que tentei fazer foi escrever-lhe.

J. S. K. — Amigo Myers, não pode escrever para mim algo de tal caráter que prove a sua própria personalidade?

MYERS. — Responderei à pergunta quando puder, talvez noutra altura hoje.

DE RAINHA VITÓRIA. — Meu amado súbdito, eu, Vitória, ouvi o seu pensamento e oração e aflição, e eu, por um lado, não vejo por que não deveria ser produzido em letra de forma o que escrevi assim através da mão psíquica. É a verdade e muitos homens vivos sabiam que eu acreditava que os espíritos voltam novamente, e se não ganhei o prémio ao falar as palavras que lhe prometi, não é minha culpa. Certamente pensei que o fizera de modo a que fizesse os mortais vivos saberem. Há uma tensão mental ali (no Julia's Bureau) que perturba a capacidade de agir; mas é para mim bastante enigmático, tal como tem sido para si. É como uma força repelente e perturba-nos no nosso plano e curso. O meu filho Edward e o meu consorte Albert acreditam ambos que não será causa de dano ou injúria para o senhor, mas podemos errar, por isso fale com um homem da lei, se considerar sensato.

Noutros livros fomos mencionados assim, pelo menos eu e o Albert, bom e verdadeiro, e amado por mim tal como a esposa para o senhor. Alice também me é muito querida e encontrei conforto de certa forma devido a palavras que acreditei virem dos entes queridos através dos diferentes instrumentos psíquicos que tive oportunidade de usar e ver. Sim, eu teria assinado no bloco para o senhor se tivesse havido poder suficiente. Teria dado a minha assinatura familiar à família e a outros também; e ainda espero fazer esta coisa. Hipácia está bem desperta e tenta de todas as formas cumprir as orações do senhor. A nova médium (senhora psíquica privada em Toledo) e o doutor psíquico também deram-lhe esperança de promessa futura em caso de silêncio ou morte de Jonson.

J. S. K. — Neste ponto, a mão da psíquica parou de escrever para Sua Majestade, mas fê-lo para outro, e por isso perguntei falando: a Rainha Vitória ainda está aqui? Se sim, desejo dizer que estou grato pelo seu encorajamento.

DE VITÓRIA. — Sim, eu, Vitória, permaneço, mas desejando um pequeno descanso, deixo um estranho para mim falar, até que eu esteja em prontidão para escrever. O senhor dormirá bem esta noite. É uma coisa sensata para si jejuar, pois não tem necessidade de comida. Eu era do seu temperamento em algum grau; e ficarei perto de si, e serei capaz de escrever em data futura num bloco que o senhor segure na sua própria mão. Cumprirei, se me for possível, o que lhe prometi que faria. Eterealizações aparecerão à sua visão mortal, reais mas transparentes. Digo-o porque permaneço, mas

é-me dado por outro. Ir-me-ei agora e deixarei o seu irmão espiritual David escrever-lhe, meu súbdito verdadeiro. Boa noite.

29 de Dezembro de 1912, 11:22. DE HIPÁCIA. — Estou preparada para escrever para si de qualquer forma que me peça. É tão fácil para mim escrever numa ordem como noutra. Tenho comigo presentemente a sua esposa e irmão espiritual, e o Jesse também, sobrinho do senhor; a sua filha também está com a May e escreverá mais tarde no dia.

29 de Dezembro de 1912. DE WM. T. STEAD. (N.º 39). — Sou um ouvinte do que o senhor me diz hoje. Estou também a estudar os traços desta gravura diante de mim. Acredito que eu, um espírito privado de argila terrena, pareço-me realmente mais com o retrato recebido pelo senhor nas irmãs Bangs. Quando apareço para si em sessões, não apareço em algum grau como no retrato aqui?

J. S. K. — O retrato que surgiu em Chicago a 27 de Abril era certamente um retrato verdadeiro da sua forma e aparência vestida, conforme veio do gabinete num corpo transitório para mim na sessão de Jonson a 18 de Abril, sendo a diferença de tempo de apenas nove dias.

WM. T. STEAD. — Eu disse-lhe a verdade: não era uma farsa ou fraudulento. É minha opinião, e esta opinião é baseada em experiência e observação, que o espírito, ou alma, se preferir essa palavra para designar o que parte do homem quando a vida se apaga, é pessoalmente gravado e impressionado, e é verdadeiramente o Homem, e eu próprio acredito que me pareço com este retrato aqui. Se o senhor fosse pontapeado ou espancado no rosto — para a visão humana a cicatriz apareceria; mas quando fosse um espírito livre, o rosto normal apareceria para si, ou para os que são como o senhor em espírito livre.

A velhice e as circunstâncias da minha vida mudariam o meu rosto e cabelo em algum grau, mas quando à vontade o meu espírito livre surge à vista, parecer-lhe-ia mais como esta gravura. Na sessão da senhora psíquica privada (a 24 de Dezembro) fiz um esforço especial para aparecer como era conhecido ou lembrado. Nas irmãs Bangs tive em vista que deveria dar um retrato verdadeiro de mim, como glorificado por ser espírito livre, e assim remover todo o pensamento de truque destas irmãs dotadas deste poder. Porque é que não pode ser publicado como o que recebeu nas irmãs Bangs, eu próprio não consigo ver? Foi recebido assim pelo senhor e, se se parece comigo mesmo que em grau ligeiro, faz tão bem como muito esforço humano nessa linha. Veja a fotografia desta aqui; é parecida com ela (a psíquica)? E se pode sair como trabalho de artista, não vejo razão por que o mesmo privilégio não possa ser concedido a mim. Se um parente meu (um primo) imparcial pelo ciúme da afeição pode ver nestes os meus traços, melhorados que sejam, por que não deveria sair para mostrar ao público em geral o que para si é interessante, como uma visão de um rosto espiritual conforme lhe foi mostrado?

J. S. K. — Penso que agirei de acordo com a sugestão de Hipácia, em relação a publicar dois retratos meus. O de perfil, aos 65 anos, aparecerá no final do Capítulo

XXX, dedicado a si própria, enquanto o de rosto completo, aos 70 anos, ficará defronte da minha declaração no início do livro; e embora sejam ambos retratos meus, que muitos poderiam desacreditar porque há tantos pontos de diferença, ainda assim ambos foram retratos fotográficos meus. Embora o anterior seja aos 65, parece mais velho que o de 70, e assim no seu caso, com uma amplitude maior para a diferença entre os retratos humano e espiritual; e portanto, qualquer que seja a dúvida de outros, ambos sabemos que o seu retrato e o meu retrato são cada um genuínos.

WM. STEAD. — Gosto também da ideia. O primeiro é apresentado (em perfil) numa visão que corta o seu aspeto natural. Se o fizer, diga que surge a questão: seremos nós, como espíritos livres, mudados no nosso aspeto em algum grau? E não foi a verdade que o Stead assim me escreveu por palavras escritas à distância, dizendo que o retrato assim apresentado era uma visão dele na altura e totalmente nova? É minha intenção assinar o meu nome no seu bloco também, quando este for segurado pela sua mão.

J. S. K. — Hipácia, aprovas que eu mande publicar o retrato do Stead?

HIPÁCIA. — Favoreço-o porque a minha opinião está na linha que o senhor apresenta. . . . . Também o favoreço porque, se não o tivesse favorecido, não teria permitido que o senhor mandasse fazer a gravura.

J. S. K. — Insinuaste a última vez que estive aqui que eu teria outra sessão com Jonson, mas que não seria tão bem-sucedida como algumas no passado, e descobri desde então que isso é verdade. Ainda assim sinto-me satisfeito por ter a evidência de James e Myers, mesmo que incompleta; foi parcialmente bem-sucedida, pois materializaram-se e fizeram a tentativa de escrever; e sinto-me encorajado a antecipar maior sucesso num dia futuro, com oportunidade favorável, e agradeço a ambos pelo esforço no cumprimento de uma promessa anterior feita a mim noutra altura e lugar, nomeadamente através desta psíquica aqui, outra que não aquela através da qual se materializaram para mim.

DE F. W. H. MYERS. — Senti a necessidade de um esforço forte, pois foi-me dito que era a minha última oportunidade de conseguir a minha assinatura, apresentada em vista pública no seu primeiro livro. A força vital dele (Jonson) está baixa. O seu trabalho de inverno terminou por completo e estou contente por o senhor apreciar o meu esforço forte para escrever. Apresentei-me como mais jovem do que as fotografias tiradas no final, mas como eu parecia conforme lhe foi mostrado está fixo na sua memória.

DE PROF. WILLIAM JAMES. — Eu, William James, ouço com seriedade o que diz; o porquê de esta aqui não lhe poder dizer como o Myers parece é porque os guias dela (a psíquica) não o permitem dizer. Ela não o vê e, se pudesse, poderia descrevê-lo. É verdade como diz, mas de certa forma os pequenos guias dependem do conhecimento consciente dela no assunto. Mantêm uma censura privada sobre isso. Na mensagem em que "Martha", a sua primeira esposa, foi mencionada, o instrumento nunca tinha ouvido esse nome associado ao senhor e ela não sabia se estava certo ou

não. Escapou e, como ela lhe enviou a mensagem conforme a sua mão a escreveu, o senhor recebeu-a assim; mas se ela a tivesse copiado, poderia tê-la deixado de fora por medo de erro.

Os seus pequenos guias não julgam senão pelo julgamento ou experiência passada dela. É uma coisa peculiar a que o senhor está a desenvolver, querido Irmão King, e se eu puder de alguma forma em qualquer tempo futuro completar ou competir no esforço de escrever o meu nome, fá-lo-ei. No que diz respeito à descrição de Myers, é como esta mão não ser autorizada a escrever em imitação da minha própria. Temos estado por aqui desde que chegou. Na verdade, acompanhámo-lo aqui e nas outras sessões (em Toledo) e eu tenho discutido com os antigos guias ao lado dela, ou gestores da capacidade dela de agir, e tenho argumentado: se é o desejo dela, e o seu desejo, e o desejo de Hipácia, por que não posso eu ser autorizado a usar estes músculos maleáveis para lhe dar a minha assinatura? Não produz efeito além da permissão deles para deixá-la saber que eu assim desejo fazer.

DE DR. SHARP (Guia de Etta Wriedt). — O seu livro é-me mostrado em símbolo de um livro sobre uma nuvem e, com a ajuda dele, o senhor levantará a mortalha da morte em grande grau para os leitores, ou para a humanidade. É minha opinião que o seu livro "Dawn of the Awakened Mind" será um padrão no seu género. A minha médium não está exausta e ela aprecia o trabalho, e sentir-se-á orgulhosa das palavras que o senhor diz relativamente ao trabalho dela. Sim, irá agradar-lhe. Ela não quer fotografias dela impressas. Eu, Dr. Sharp, quero que decida por si mesmo o que fazer relativamente ao retrato pintado pela mão espiritual. É minha opinião que é melhor deixá-lo de fora, mas a minha opinião não coincide com o que a Hipácia e o seu bando acreditam ser melhor. Eu também admiro como o senhor está vestido. Isso culmina a sua dignidade em grau muito acentuado.

À medida que as palavras eram proferidas e escritas, provocaram um ou dois comentários humorísticos por parte dos que se encontravam na sala, bem como um leve riso entre eles, ao qual o Dr. Sharpe respondeu prontamente como se segue:

"Oh, não ponho em causa a sua dignidade ou a sua respeitada posição. Estava simplesmente a comentar a sua escolha de 'plumagem'. Acredito que a seleção de capítulos ou imagens no seu livro seja verdadeiramente uma questão de escolha pessoal, tal como a sua seleção de vestuário; na verdade, não é assunto meu. Saudações da época para si, querido Doutor; estou também encantado por vê-lo aqui, em felicidade e descanso. É o melhor que pode fazer por si próprio. Quanto à grafia do meu nome, penso que deve ser assinado com um 'e' adicionado após o 'p', é assim que o tenho usado.

Darei os seus cumprimentos à Etta, Doutor King. É para mim, falando seriamente, uma alegria tê-lo conhecido e respeitado durante tantos anos desta sua vida mortal. As suas afirmações sobre o trabalho dela irão agradar e encantar a minha médium, Etta Wriedt. Ela gosta do senhor e respeita-o, tal como eu. O seu irmão profissional, DR.

SHARPE. [A forma como ele escrevia o seu próprio nome em vida humana; outros omitem o 'e' agora.]"

DE JULIA AMES: "Os ganhos são como grãos de areia dourados, e o que o seu livro representa aqui é como uma montanha feita de pedras preciosas. Cada afirmação tem uma beleza própria, mas todas juntas formam algo bom e forte. Desejo ajudar no progresso deste trabalho, e ajudar o meu médium William Stead a ser capaz, em data posterior, de provar que é verdade o que ele escreveu através desta mão para si. Também gosto da imagem."

DE CLEGG WRIGHT: "Ao Dr. King desejo dizer que, quando o meu espírito partiu para ficar, fui durante algum tempo clariaudiente, como que com poder para sentir a terra e a esfera espiritual. Fui transferido para a outra extremidade do tubo da minha consciência. Eu próprio estava completo onde a minha consciência costumava ser levada quando eu estava em transe. Depois de lá estar, por um processo semelhante, a minha consciência foi autorizada a regressar à vizinhança do meu corpo morto. Eu podia senti-lo num ponto distante e, no entanto, estar consciente do meu ambiente espiritual. Vi William Stead e Julia Ames — que, aliás, estão aqui agora — e muitos dos notáveis e avançados pensadores que conheci de tempos a tempos. Naturalmente, a minha esposa, de quem fui privado durante um ano ou pouco mais, estava ao meu lado, e comigo durante a minha transição do corpo para a consciência desta 'glória da vida eterna'. A mente liberta.

Eu era um pensador analítico e muitas vezes me perguntava também, tal como o senhor, e por isso crio uma imagem da forma como fui levado desta vida para ficar. Foi como entrar num estado de transe, exceto que esse estado, no meu caso, era inconsciente, salvo pelo meu próprio consentimento para que fosse feito. Mas na transição, eu estava bem desperto, e conheci os meus amigos, e senti a rutura que me libertou. Oh, a vida não é o prodígio ou o bem que os homens acreditam ser. Para mim, antes de morrer, sentia que desejava muito viver e recuperar a saúde, para que pudesse trabalhar; mas depois de estar livre, senti e percebi e conheci as maravilhas da visão espiritual, e admirei-me de como pudera sentir-me contente por viver e sofrer como tive de fazer, num corpo frágil, magro e pálido.

Os meus guias Rushton, John Shaw e outros estão aqui comigo e ajudam-me em tudo o que podem. É-me dito que este trabalho que o senhor faz beneficiará o seu semelhante. 'Aurora da Mente Despertada' é um nome adequado e forte, e o senhor sentirá os benefícios de anos de estudo dentro de não muito tempo. A sua tese é provada de muitas formas. Os espíritos vêm de facto à terra para ficar e para assistir os homens no seu caminho. Eu, Clegg Wright, estou aqui, e sou tão real e estou tão em vida como quando era um visitante em Lily Dale anteriormente. Vejo-o também, e vejo também por que fui 'deslocado'. Estou mais perto e além da necessidade da rima. Eberling, o guia do instrumento, de acordo com o desejo expresso dos meus guias, permitiu que eu fosse deslocado para além da zona da rima.

É de facto um grande privilégio ser um professor de professores, e dizem-me que o senhor causará muita discussão, mas será de um tipo amigável ou argumentativo. Que coisa frágil é o homem, de qualquer forma. É a minha condição que a médium capta, mas não é um conforto ser capaz de escrever como eu próprio e não rimar? Estou contente por ela estar protegida para não sentir a condição pela qual passei. Sofri mais do que as pessoas sabiam. Sim, quero ser daqueles que tentam dar-lhe assinaturas características. Vejo Myers aqui. Se eu apanhar o jeito de entrar nesta zona central, dar-lhe-ei a descrição dele, nalgum momento em que a censura esteja desprevenida."

J. S. K. — Esta descrição de Clegg Wright provou ser maravilhosamente interessante e traz à minha visão algo novo na operação deste maravilhoso instrumento.

DE JOHN SHAW, Guia de Clegg Wright: "Sim, é uma mediunidade muito peculiar, Dr. King. Eu, John Shaw, seu guia e orador, sou um estudante deste ponto de vista e afirmo este facto ao senhor. Rimando de novo, diz o senhor? Bem, isso é verdade; vou agora levar o Clegg Wright e ele voltará noutro dia."

J. S. K. — Hipácia, ouvi cada um daqueles que esperava, e por isso estou livre para dar atenção e receção a outros que tenham ou não aparecido, falado ou escrito para mim; e antes que pudesse dar expressão verbal a esta ideia, sou saudado por Clegg Wright, a quem não esperava, mas a quem sempre considerei genuíno como psíquico, embora não investigado ou estudado como outros foram. A sua presença aqui, e a sua descrição da sua anterior condição de transe, e a sua experiência ao partir do seu reduto mortal e passar por diferentes fases da condição da alma, com a sua experiência psíquica e a sua diferenciação maravilhosamente clara das condições existentes e ações do eu subjetivo, durante a inconsciência do estado de transe e a consciência da partida, uma vez que o cordão de ligação se partiu e o espírito ganhou a maior liberdade, sem arrependimentos quanto à sua separação do seu pobre corpo gasto ou casa de barro, foram todas e cada uma excessivamente interessantes e instrutivas, e foram dadas à sua maneira natural, através da psíquica, sem a habitual rima, o que por si só é excecional. Tanto aos seus guias como a ele próprio estou muito grato por este novo conhecimento adquirido, e por tudo o que ele teve o prazer de comunicar hoje.

Tendo sido concluída a ordem das comunicações, se houver alguém que tenha uma palavra a dizer, muito bem, aguardo o vosso prazer e saudar-vos-ei com boas-vindas sinceras.

Não posso imprimir todas as comunicações, tornaria o livro demasiado grande, mas seleciono aquelas que me parecem mais evidenciais; e deve ser lembrado que insinuei anteriormente que este livro será em breve seguido por outro de igual ou até maior interesse que este.

DE MAY: "Esperei muito tempo para que tivesses tempo de escrever, ou para que ela escrevesse de mim para ti. É um pouco descuidado o que fazes com esse alfinete de gravata (e invulgar também, pois sou cuidadosa com ele). Se o prendesses na gravata e pusesses a gravata na tua mala, em caso de necessidade apressada, talvez não houvesse perigo de o perder. Seria uma grande mágoa para ti perder esse alfinete. Vês e sabes que

estou a cuidar de ti. Pode ser que a mão dela (da psíquica) seja autorizada a escrever em assinaturas em data posterior. O Editor Brown está aqui; ele também te chama 'Filho'."

DE GEORGE BROWN. (Este homem honrado, com quem estive empregado já em 1870, era bondoso para mim e paternal, e chamava-me "Filho". — J. S. K.) — "Uma 'bebé' tua (o nome carinhoso da esposa) está aqui comigo, e ela é formosa também. Ficarei ao lado dela aqui, pois ela, como tua esposa, poderá ser minha parente. Editor fui eu, do 'Globe', e o que tinha em vista era apresentar-te um símbolo disso de alguma forma, mas os teus guias e espíritos exaltados do alto dizem-me para esperar e, cedo ou tarde, serei capaz de te dar este 'teste'."

DE MAY: "Mudaste a gramática, querido, onde falei contigo pela primeira vez? Sim, fá-lo. Não deixes passar.

DE DES ASIA (O Guia Antigo): "Eu, Asia, gigante forte, caminho um passo à tua frente. Um nome belo, uma causa digna, uma vida de experiência e investigação. Não temas; eu, Asia, vejo um sucesso glorioso para ti."

DE DR. SHARPE: "Vejo o ponto de vista do Stead em relação à publicação do seu retrato. Ele pensa que se deve deixar o público julgar, se esse for um caminho sensato. Irá despertar discussão, com certeza, mas ninguém pode negar que o recebeu por um preço."

DE MAY: "Não queria que fosses descuidado com quaisquer pequenos detalhes da proteção deste livro, um trabalho de anos pelo qual lutaste em esperança e lágrimas. Rimo porque é mais fácil fazê-lo. Se deixo rimar, a coisa corre por si mesma como uma 'pianola' ou um piano automático; mas no caso do Sr. Wright, John Shaw e Rushton serviram em vez de guias que rimam.

Tudo isto é bom; e quando se entender como obtiveste o retrato do Stead, e que visão tens dele, é sensato fazeres como pensaste ultimamente que farias. Que mal pode haver se o retrato do Stead for reproduzido no teu livro? Foi desejo dele, é tua propriedade; deixa que desperte discussão como despertar. Só servirá para vender mais exemplares. Despertará atenção nas terras de França e Alemanha; e Itália e Espanha em menor grau. Todos têm espíritos que serão libertados a seu tempo. MAY sou eu, e guias ajudam-me nesta minha última ditação para a mão, desta vez. O Sr. Stead está a tentar arduamente ganhar o poder de escrever o seu nome em assinatura para ti. A Mãe King é um grande conforto para mim aqui. Gertie, May Donna, John e o pai, e vários parentes e amigos além disso, estão frequentemente juntos perto de ti.

Mabel Kelly esteve aqui comigo hoje, e a Martha King também. Viúvo não és desta vez, mas comigo cada vez mais, até que os anjos te elevem desta vida para a margem do meu céu. Um caminho bem trilhado há de ser, e assim viajarás facilmente. Não chores, meu querido, pois é o melhor. Ser privado de mim é difícil, de facto, mas o que está feito nunca pode ser desfeito. Não há vacilação num decreto de morte. Nenhum poder me pode devolver a ti na vida doméstica, como eu costumava fazer; mas estou a tornar-me bela e, de certa forma, contente, e gostaria que descansasses e percebesses

que eu, com os braços enlaçados ao teu pescoço, te seguirei para todo o lado, não importa o que faças ou quem esteja lá. Quanto ao trabalho fotográfico da Sra. C——, seja bom ou mau, haverá outra oportunidade em que estarei ao teu lado numa imagem fotográfica, como te prometi que faria. E a médium nova fotografar-me-á para ti. Eu estava lá também (onde eu estava a participar numa discussão — J. S. K.). Gosto de ver que lhes dás o que merecem também. Gosto que se faça justiça. Não te esqueças de mudar. 'Irs ms' para 'It's I', um lapso gramatical de quando te falei pela primeira vez através da trombeta na casa da Sra. Wriedt (Ver Capítulo XIII)."

J. S. K. — Tratarei disso. Penso também que, como teste, isso é extraordinário, pois ocorreu em Novembro de 1911, e o capítulo é um registo dessa data, enquanto hoje é 29 de Dezembro de 1912.

DE REI SALOMÃO DE ISRAEL: — "Junta o feno em pilhas e armazena-o para o teu propósito. Eu, Rei Salomão, saúdo-te, irmão da Loja de Deus. Permite-me prosseguir dizendo que estou contigo neste trabalho e espero ser capaz de provar ser um mestre de grau elevadíssimo. 'Aurora da Mente Despertada' será um sucesso, apesar do que possa ter sido dito ou do que os futuros possam dizer. Uma estrela brilhante na tua coroa será o seu renome. Por que a imagem veio, ser-te-á aparente mais tarde. Quando se tem o suficiente para provar um ponto, deve-se estar satisfeito, e acredito que tens o suficiente e de sobra. Estás privado daquela que amas, mas tens anos e saúde; e a fama virá do livro para ti, e a orientação ser-te-á dada de tempos a tempos através de médiuns novos, e deste também. Em relação à rima, pode ser um pouco cansativa às vezes, mas é pelo menos pitoresca e peculiar, e penso que seria difícil falsificá-la.

Mostra um poder subnormal, e o que esse poder é, é o que tu, bem como o leitor, estais a tentar descobrir. É algo próprio dela ou voluntário, que observaste cuidadosamente. É também praticamente ilimitado, pois testaste-o bem. Não diminui. Não exaure. Muda materialmente de uma mensagem individual para outra. Gosto do teu método de a descrever como um arado moldando um sulco. Quando Clegg Wright escreveu, o arado foi endireitado. Como foi isso feito, perguntas tu? Clegg Wright desejou-o. Ele conseguiu-o. O que fez ele? E por que não seguimos todos o mesmo curso? São perguntas que surgem na tua mente. Bem, não é fácil responder a perguntas em relação a uma quantidade desconhecida. Mente é o quê?, para começar. Vem de onde?, etc. Unicidade de propósito todos temos no nosso esforço de te ajudar ao longo deste caminho para a fama. Fixa-o ao teu gosto. Tu és o doutor, e esta é a tua dose que preparaste para o paciente (o público). A parte palatável fixaste-a bem. O bem que fará é infinito, ou continuará através do século depois de estares morto. Alarga um ribeiro e segue o teu caminho. Outro nunca poderá colocar novamente o ribeiro dentro do curso que teria seguido sem a tua mão auxiliadora. Alarga o pensamento de muitos homens, e que miríade de pensadores ganha ao seguir o teu pensamento que colocaste à vista do público. Não sonho mais, espero, vejo que esse bem completado está para ser em breve. E os exaltados da margem mais alta ajudar-te-ão sempre mais, até que o teu tempo de vida termine e os anjos te elevem para o sono final. Não te preocupes, irmão Maçom fiel. Uma coroa de glória aguarda-te. Farei mais por ti na próxima oportunidade. Tenho

de o fazer. Otelleo diz-me para te fazer saber que ele também é Maçom de alto grau. O julgamento da médium não é necessário. Ela não se importa realmente se errarmos na mensagem. Oh, faremos tudo o que pudermos para te ajudar a auxiliar o teu semelhante. Otelleo e Asia e eu estamos frequentemente juntos."

CAPÍTULO XXXV

Já tratei de evidências anteriores no meu argumento apresentado no Capítulo XX, tendo referência à minha esposa na vida espiritual e à prova da sua personalidade humana; e tratarei de algumas evidências que se apresentaram desde então, incluindo a que pertence a Wm. T. Stead, e a alguns entre muitos outros; e pedirei ao leitor que reúna sinteticamente as evidências das variadas mensagens individuais e exercite a sua faculdade de razão enquanto procura a verdade.

Lembre-se primeiro que houve muitos guias e entes queridos, amigos e homens de nota, alguns dos quais nunca conheci, mas que, por interesse no trabalho e no livro, voluntariaram os seus serviços e ofereceram evidências para provar a vida posterior. Como disse noutro lugar, o livro está cheio de "evidências em teia de aranha", ou seja, a evidência liga-se de muitas formas, tão diferentes como com o tempo e o lugar, médium e fase, através dos quais uma personalidade espiritual pode demonstrar. Como exemplo, afirmarei que a minha guia Hipácia, enquanto ao meu lado em casa, me via escrever uma nota ou carta com a minha caneta e deixá-la na minha mesa durante a noite, para a enviar amanhã ao meu amigo e co-trabalhador Wm. T. Stead, do outro lado do mar, em Londres; e embora eu estivesse sozinho e nenhum humano a visse, ouvisse, lesse ou soubesse, ainda assim Hipácia, a meu pedido, podia levar o seu conteúdo e entregá-lo através da trombeta no Julia’s Bureau a Wm. T. Stead, para quem se destinava, antes de ele ler a minha carta (Ver Capítulo VIII). Um pouco mais tarde, a meu pedido, Hipácia encontrou um amigo meu do Quebeque em casa de Jonson, em Toledo, no Oeste de Ohio, enquanto no seu corpo transitório materializado, e conversou com ele; e enviou por ele uma mensagem para mim (Ver Capítulo VIII). Mais ainda, numa ocasião, um amigo cético que duvidava da sua personalidade, data e local de origem, tentou através de interrogatório descobrir e obteve toda a informação pedida, e algo mais, de natureza pessoal, vendo-se numa situação desagradável.

Fiz uma palestra pública em Toronto, durante a qual afirmei que conversava frequentemente com Hipácia enquanto esta estava no seu corpo transitório. Dois cavalheiros de Chicago estavam presentes e nenhum deles acreditou ser verdade. Pouco depois, esses mesmos dois homens assistiram a uma sessão de Jonson em Toledo, ocasião em que Hipácia se materializou, chamou-os a cada um pelo nome e perguntou-lhes se escreveriam ao Dr. King a dizer que Hipácia, a sua guia, se tinha materializado e se lhes tinha apresentado; e solicitou-lhes que escrevessem e assim o informassem, o que eles fizeram; e a carta foi atestada por todos os assistentes na sessão e enviada e recebida por mim.

Novamente, tomem as mensagens evidenciais em ligação com as suas várias aparições nos Jonson, e noutras datas e locais quando ela também falou; e pelo uso da trombeta em Detroit e outros lugares, os ouvintes podiam ouvir a sua voz e conversa; também usando órgãos vocais de médiuns de transe; igualmente controlando a mão de psíquicos para escrever. Assim, todo o tempo, do primeiro ao último, a sua personalidade espiritual mostra-se em evidência, como todos podem ver e apreciar.

Depois de ler o livro até ao fim, o leitor e investigador interessado pode pegar apenas no caso dela e segui-lo todo cuidadosamente; e assim, de forma semelhante, com cada um ou todos ou qualquer um em particular entre as muitas personalidades, em tudo o que fazem. As palavras e demonstrações de cada um são interessantes, mas o tempo e o espaço impedem-me de tratar da maioria delas em argumento, resumindo as evidências para estabelecer tanto a identidade espiritual como humana, bem como a personalidade de cada um; mas provará ser muito interessante, e também mais ou menos conclusivo, seguir consecutivamente o autor da mensagem ou o demonstrador, e ver o desfecho; e também rastrear a intercomunicação de uns com os outros, e desse com outro, por cooperação e ligação em teia de aranha, com o ato ou palavra ou visão ou som que produz a evidência.

Assim também houve muitos atos e referências por palavras e mensagens da minha esposa, que amigos e outros podem verificar em casa; e outros ainda que outras pessoas podem verificar como evidenciais em sessão; e preciso apenas mencionar alguns deles, que podem ser interessantes para os leitores e são conclusivos para mim; e de data posterior ao estabelecimento da sua personalidade humana em Novembro de 1911; e que também se ligam a ela, como por exemplo:

Em Novembro, ela solicitou-me que tirasse o seu anel de diamante único do cofre de segurança e o levasse a um joalheiro para que fosse transformado num alfinete de gravata "de segurança"; e eu cumpri isto no meu regresso a Toronto. Assim, quando visitei novamente uma sessão de Jonson em Toledo, em Abril de 1912, e estava a olhar e a falar com a minha filha espiritual e a mãe dela, a minha esposa espiritual May, esta última alcançou e retirou a minha gravata de dentro do colete, virou-a e procurou e encontrou, e depois testou o alfinete com os seus próprios dedos — o alfinete que eu tinha assim mandado fazer — para provar para sua própria satisfação que eu não só tinha cumprido o seu desejo, mas que o alfinete era positivamente "de segurança"; e depois voltou a colocá-lo onde pertencia e, sorrindo, disse: "Costumavas ter tanto orgulho em mim quando eu o usava, por isso estou muito contente por saber que o usas agora. Torna mais fácil para mim vir ter contigo." Esta é apenas uma evidência entre muitas, e esta é verdadeiramente do tipo mais convincente para mim.

Por alguns momentos, peço ao leitor que note alguns factos em adição aos já referidos, que me forçam à convicção de que ninguém além de May os poderia ter apresentado assim. Na sua comunicação através da psíquica escritora a 15 de Fevereiro de 1912, há a sugestão e aprovação da compilação das evidências e da sua publicação. Novamente, ela faz a sua seleção da fotografia do autor do livro, duas das quais estavam naquele mesmo momento na minha secretária; e expressou claramente a sua preferência

sobre qual deveria aparecer no livro. "Vejo a fotografia também aos sessenta e cinco anos, e tenho orgulho nela e em ti. Gosto da outra aos setenta, de longe a melhor, pois nela vejo-te como és; e mesmo que eu escreva, é para mim uma visão triste ver-te tão sozinho. . . . . A tua fotografia mais recente (aos 70) agrada-me mais."

E mais, o design para a capa do livro, e o outro simbólico, destinado ao livro e trazido a mim para minha seleção, atraíram a sua atenção e trouxeram esta comunicação de 8 de Abril de 1912 através da psíquica escritora, que é em parte: "Tenho observado as obras de arte conforme foram feitas para a tua visão, e somos daqueles próximos de ti, e ajudámos-te a uma seleção sábia em relação ao que te foi trazido para veres.

A beleza de tudo isto é como desejámos, querido. Enfatiza cuidadosamente o que eles verão e ouvirão no texto escrito espalhado diante deles sobre os vivos e os seus mortos vivos." [NOTA: A mensagem veio do Estado de Nova Iorque através do Telefone-Psíquico-Humano, e via rota postal, enquanto os esboços desenvolvidos foram feitos para mim a partir das minhas imagens sugeridas desenhadas a lápis, e todos estes jaziam na minha mesa de escritório na minha casa em Toronto.]

No Capítulo XII expliquei cuidadosamente o acordo ante-mortem entre nós. Expliquei também, a seguir à série de Novembro, como May redimiu a sua promessa; e agora, de modo a estabelecer nas mentes dos homens pensantes o que o nosso acordo alcançou, e como em pensamento e desejo ou oração da alma, May pudesse confirmar o que ela e eu dissemos e fizémos, conforme eu notara no Capítulo XII, ela, no dia 16 de Abril de 1912, através do bando do Telefone-Psíquico-Humano, enviou-me esta mensagem: "Estou contente por ser a que te é tão querida, e assim a chave que te abriu a verdade. Escreverei tudo conforme me solicitas (Ver Capítulo XXIX). Os corações não se dividem facilmente; e eu amar-te-ei cada vez mais, embora a morte tenha entrado pela porta."

E agora desejo dizer ao leitor: se ainda duvida, volte atrás e leia exatamente o que May escreveu, todo o Capítulo XXIX, e certamente ficará convencido, pois cada afirmação nele contida relativa à porção terrena é do meu conhecimento verdadeira; e eu agora assim a confirmo.

Das mensagens de May para mim, ou das suas conversas, não só as que estão incluídas no meu livro, mas as muitas privadas que tratam de assuntos da minha preocupação diária, que só poderiam ser conhecidos por ela pela sua presença espiritual constante comigo, são por si só de tal exatidão de detalhe que me são inteiramente convincentes. E depois, novamente, a voz e a conversa com o auxílio de uma trombeta são tão naturais à vida — e não há duas vozes exatamente iguais — que seria impossível duvidar delas ou estar enganado; e ela deu-se a conhecer e falou com um homem e uma mulher de Toronto, amigos dela, em casa de Jonson, e enviou uma mensagem para casa por eles para mim.

Peço a qualquer homem, seja cético ou crítico, que negue, se puder, a afirmação de que nenhum substituto em toda a criação poderia duplicar a voz e a conversa da sua esposa com sucesso, com ambas as quais esteve familiarizado diariamente durante um

quarto de século. Mas quando estas características são complementadas pela apresentação da sua forma transitória, juntamente com a sua operação como uma duplicação perfeita de si mesma na vida humana, em todas as suas variadas circunstâncias que o senhor possa recordar; e mais, que estas condições são apresentadas corretamente, não importa o tempo, nem o lugar, nem o instrumento por cuja presença é possível ocorrer — não irá tudo isto matar o preconceito, a hipótese de fraude ou substituição, juntamente com todas as outras hipóteses sugeridas, e apontar para a necessidade de uma mente despertada para compreender, como eu compreendo, uma verdade demonstrada?

Concluindo a minha referência à minha esposa, afirmo agora que a evidência acumulada, do princípio ao fim, é tão profundamente convincente para os meus sentidos, inteligência, intuição e razão, que declaro agora que estou tão seguro da sua continuidade, regresso, comunhão, identidade e personalidade humana como estou da minha própria existência, e isto, pelo menos até agora, tenho sido constantemente capaz de demonstrar.

Novamente, para um exemplo de evidência em prova da personalidade humana da minha mãe, remeto o leitor para a demonstração registada no Capítulo IV numa sessão de Moss, na residência de MacRoberts em London, Ontário, em 1894, e que ali está numerada como 7. A minha mãe tinha dedos deformados por artrite reumatoide, que ela designava como "juntas de noz de nogueira"; e cobria-os com luvas ou mitenes de seda solta, e estendia-os para que os assistentes na sessão os vissem, sentissem e examinassem, com o propósito de provar a mim e a eles a sua identidade pessoal e personalidade humana; e mais tarde, a 12 de Março de 1912, numa mensagem enviada através do Telefone-Psíquico-Humano para mim, enquanto ela estava na minha casa e enquanto eu observava a mão enquanto ela (a psíquica) escrevia, isto foi o que ela disse: "Meu filho, tem a certeza de que te amo por ti mesmo apenas, e fico frequentemente aqui em casa contigo. Não preciso agora de esconder as minhas mãos, pois estão bem e são belas de se ver, mas estarei contigo, meu querido, se estiveres lá, se estiveres aqui. . . . . Sinto orgulho em escrever, para te mostrar o que compreendes, que posso usar livremente as minhas mãos."

E depois novamente em Abril de 1912, quando ela veio ter comigo aos Jonson, uns dezoito anos após a sua primeira demonstração, ali permitiu que eu as visse e sentisse para provar que não tinha más condições agora. O que poderia ser mais natural e razoável para a minha mãe, com oportunidades restritas, do que utilizar três médiuns diferentes, com intervalos de anos e longas distâncias de permeio, para me satisfazer a mim, seu próprio filho, raciocinando, demonstrando e provando a sua personalidade para mim, daquela que seria, talvez, a melhor forma possível? Não hesito em dizer: é tudo verdade; e tão forte como qualquer evidência que possa oferecer, e convence-me. O que significa tudo isto, e muito mais ao longo dos anos que passam, produzido desta forma ligada, se não for a minha mãe a procurar comunicação comigo? Não seria, de outra forma, totalmente inútil e sem propósito servido?

E agora outro exemplo, mas não o último. A minha esposa espiritual May disse-me numa mensagem de 20 de Fevereiro de 1912 que, quando eu fosse aos Jonson, na altura em que Hipácia me aconselhasse a ir para lá, a nossa filha espiritual May Donna cantaria para mim. Assim, quando lá cheguei, vi-a e falei com ela na sua forma materializada, e perguntei-lhe se poderia agora cantar para mim. Ela respondeu: "Não esta noite, querido papá, mas antes de deixares Toledo"; e na minha última sessão dessa série ali, ela caminhou do gabinete para o círculo e cantou, como me tinha prometido, uma seleção doce e inspiradora que todos aplaudiram (Ver Capítulo XXVIII). Antes de partirmos, prometeu escrever-me muitas mensagens, o que tem feito desde então, através do "Telefone-Psíquico-Humano" no Estado de Nova Iorque; e também conversou muitas vezes através de trombetas.

Farei outra pergunta. Não é este caso ou confirmatório, circunstancial ou evidência direta; ou tudo de caráter evidencial? Pode o leitor explicar como e por que acontece assim, se não for o espírito desencarnado da minha filha trazido de volta à terra para ajudar a provar a minha tese de que a todos os humanos é concedido: 1.º, Continuidade de vida; 2.º, Regresso espiritual; e 3.º, Comunhão espiritual?

Tive um amigo de longa data quando estava na minha juventude, que era então o meu instrutor em química prática na antiga Universidade de Toronto, há mais de quarenta anos; refiro-me ao Professor Croft. Ele deve estar há muitos anos na outra vida, pois já era velho e grisalho naquela altura, mas ainda se lembra de mim; e ele também escreve através de psíquicos para identificar para mim a sua personalidade humana.

Lily, o espírito de gabinete da Sra. Moss, e que se materializou na minha primeira sessão em London em 1894, fê-lo novamente com os mesmos traços, maneirismos e nome, uns bons dezoito anos mais tarde; e tinha a mesma aparência e voz e conversou comigo e com a minha esposa, em Lily Dale, em 1907; e conversou novamente comigo em 1912; e esteve presente quando tanto a Sra. Moss como a minha esposa May se materializaram na sessão da Sra. Wells. Ela tinha prometido em London que se juntaria ao meu bando após a partida da Sra. Moss, e fê-lo nesta sessão.

Uma forma também se apresentou na mesma altura que a Lily, em Londres, a qual afirmava ser um irmão membro de uma sociedade secreta. Ele levou-me para dentro do gabinete com ele e ali, na nossa reclusão, provou-se para mim através de sinais, palavras e do aperto de mão; depois, com o gabinete iluminado e, mais tarde, no círculo, foi reconhecido, identificado e interpelado por vários que o conheciam bem em vida. O meu pai mostrou-se-me em 1894 na sessão de Moss, em Londres, conforme o registo n.º 8, em forma, traços e voz, e pronunciou de forma alta e clara o seu nome e parentesco comigo; também mostrou as suas mãos inchadas como prova da sua doença; e, perante a audição do círculo, disse — do que tomei nota —: "Ainda vivo e sou capaz de vos trazer a prova da minha existência continuada", e deu-me também esta mensagem para o seu neto favorito: "Diz ao Robbie que o avô ainda vive." Ali também me disse que algumas das visões que eu defendera sobre a vida futura, quando ele estava comigo, ele descobrira desde então estarem corretas; e, dezoito anos mais tarde, pela primeira vez

através de Jonson, veio novamente e mostrou-se-me, expressando o seu prazer e a sua aprovação pelo trabalho em que eu estava empenhado, a compilação de provas para este livro. O leitor poderá perguntar-me agora: como pode ter a certeza de que era o seu pai? E eu respondo: tal como poderia em vida, vendo-o, ouvindo-o e conversando com ele, como sempre fiz em vida, e pelo auxílio dos meus sentidos e da minha razão, bem como pela prova das mãos inchadas, da mensagem ao neto Robbie e da referência às minhas visões da vida post-mortem, as quais ele considerou estarem mais perto da verdade do que as visões ortodoxas que ele expunha no púlpito.

Tivesse o leitor estado em situação semelhante à minha, não poderia ele ou ela dizer se era, ou não, o seu pai, ou mãe, irmão, irmã ou filho com quem estava a conversar; e com quem vivera diariamente uma vida terrena de muitos anos; e, além disso, não se limitando a uma única entrevista, mas estendendo-se por um período de anos; e não apenas apresentando-se através de uma única fase, mas com o auxílio de diferentes instrumentos ou médiuns de cada uma de várias fases, eles tornam-se tão familiares como os amigos terrenos que encontramos de forma semelhante em intervalos de tempo sob condições variáveis.

FACTOS CONFORME ME FORAM COMUNICADOS POR MEMBROS DA MINHA PRÓPRIA FAMÍLIA, TODOS NA VIDA ESPIRITUAL.

A minha mãe passou para a vida espiritual em 1886, o meu pai em 1894, a minha esposa em 1911 e a minha filha aquando do seu nascimento. Tive uma sessão especial com a escritora automática — a médium que rima — em Lily Dale, N.Y., começando às 10:20 da manhã de 24 de Outubro de 1913. As minhas perguntas foram todas previamente preparadas na minha casa em Toronto e mantidas comigo durante todo o tempo em que ali estive. A resposta a cada pergunta foi escrita com a minha caneta de tinta permanente pela médium num livro em branco que levei comigo para o efeito à casa dela, livro esse que ela me devolveu no final da sessão. Também deixei claro no início que tanto as perguntas como as respostas seriam tornadas públicas pela sua inclusão no meu livro. Assim que cada pergunta era lida em voz alta por mim, a mão automática da psíquica registava a resposta à mesma.

J. S. K. 1. Agradeço-te, Hipácia, por toda a informação que me transmitiste e pelo teu encorajamento; e, como dizes que permanecerás enquanto eu aqui estiver, terei nova oportunidade de comungar contigo. Antes de mais, desejo manter comunhão com a minha esposa e filha espirituais por um curto período; seguindo-se depois outros parentes durante a nossa primeira sessão de hoje.

RESPOSTA DE "MAY", A MINHA ESPOSA ESPIRITUAL. É para mim uma alegria estar aqui contigo, e continuas a ser o meu "Johnnie Boy", embora eu esteja onde não me podes ver quando venho em túnica branca. Também segurarei a caneta e escreverei a minha assinatura. May Donna está agora presente comigo.

J. S. K. 2. Há muitas coisas sobre as quais desejo perguntar, e muito, sem dúvida, podes contar de interesse; mas só podemos ocupar uma parte do tempo durante a minha presente visita, pois quero reunir material importante para publicação no meu segundo

livro. Comunguei com Hipácia, como ouviste, e ouvirei novamente; e provavelmente também ouvirei outros guias e instrutores que possam ser selecionados para transmitir informações importantes. Sobre o que gostarias de falar agora?

RESPOSTA DE MAY. Não mudei para pior, posso dizer-te; e posso também dizer em verdade que estou a tentar tudo o que posso para te ajudar no teu segundo livro; e tentarei aparecer em fotografias espirituais, conforme te foi prometido que eu seria capaz de fazer.

J. S. K. 3. Referindo-me a uma sessão de trombeta na sala de sessões da Sra. Wriedt em Detroit, em Dezembro do ano passado, conforme relatado anteriormente no meu livro, disseste-me ali que ias para casa ver a tua mãe nessa noite, mas que estarias comigo novamente na minha sessão da manhã do dia seguinte. Não me disseste por que ias para casa, mas fizeste-me uma surpresa, trazendo contigo o teu pai, sendo a primeira ocasião desde que ele passou para a vida espiritual, há mais de vinte anos. Agora quero perguntar-te: que guia ou guias te acompanharam e encontraste o teu pai em casa?

RESPOSTA DE MAY. Foi-me concedido, e Otelleo e Oxnar do teu bando espiritual acompanharam-me na viagem até à mãe. O pai estava e está com ela, e aquando da morte dela, eles serão reunidos. Eu estava em comunhão tipo sem fios com Hipácia durante o processo, e espíritos mestres capazes, para mim desconhecidos, deslocaram as cenas e tornaram possível que eu trouxesse o meu pai ao teu alcance, conforme ele falou então contigo através da trombeta.

J. S. K. 4. O que pensou o teu pai dessa experiência, ou ficou ele surpreendido por considerá-la simultaneamente estranha e verdadeira? O John, o teu irmão espiritual, estava lá?

RESPOSTA DE MAY. O John foi quem ficou com a mãe durante a ausência do pai, para que o pai soubesse que poderia regressar para ela assim que tivesse falado contigo através da trombeta. O John e o pai escreverão para ti se puderem.

J. S. K. 5. Em que esfera se encontra o teu lar espiritual atualmente? E quem partilha esse lar contigo?

RESPOSTA DE MAY. O meu lar espiritual é como um caramanchão de vegetação em panejamentos de flores e trepadeiras. Não pareço estar fechada por paredes, mas panejamentos brancos, fechados por meu desejo, resguardam-me da publicidade. O meu pai e o meu irmão aproximam-se, mas a minha irmã Gertie e a minha filha May Donna estão frequentemente comigo, pelo que nunca estou sozinha. Um pode estar ausente, mas se ambos estiverem ausentes, Hipácia ou os meus instrutores, belos e novos, agora por mim conhecidos mas não por ti, guiam-me com cuidado e concedem-me cada prece.

J. S. K. 6. O guia que te foi apresentado em vida por Hipácia, quando estávamos juntos nos Jonson, conforme por mim registado, tem algum relacionamento contigo agora?

RESPOSTA DE MAY. Sim, Saphrona é a minha guia imediata ou assistente pessoal, como uma serva de atributos superiores ao meu desejo; tal como uma enfermeira qualificada é para um bebé, assim é ela para mim.

J. S. K. 7. Se a Hipácia estiver de acordo, e tu também, desejo fazer destas comunhões com a Hipácia, contigo e com outros parentes, uma partilha especial isolada, para que possa ser facilmente consultada.

RESPOSTA DE MAY. Sim, eu ajudar-te-ei, e escreverei também com cuidado um capítulo claro, distinto e novo, para ocupar uma parte do livro "Depois da Aurora, uma Visão mais Clara".

J. S. K. 8. Têm os membros da tua família, e da minha, na vida espiritual, cada um lares separados? E estão todos atribuídos a uma única esfera?

RESPOSTA DE MAY. Estamos todos num único plano ou vizinhança, mas cada um tem o poder de estar sozinho, retirado para descanso ou meditação. Posso também chamar qualquer pessoa e, com grande facilidade, eles vêm ter comigo, não por caminhada — o que ao início me pareceu estranho, nem governados pela lei da gravidade —, mas com uma facilidade de entrada deslizante, algo semelhante às materializações na sessão privada (com a senhora médium privada), mas sem demora ou esforço. Eu tenho coisas para fazer, e eles também. Se estiverem ocupados, a causa para a demora deles ser-me-ia dita por uma mensagem tipo telepática. Não preciso de nenhum ente querido comigo, por causa do conforto superior das conquistas angélicas.

J. S. K. 9. Quando eu passar para os reinos espirituais, terei um lar separado do teu, ou o lar será conjuntamente nosso? Todos os espíritos entram em cada esfera e passam por todas elas, avançando do plano terrestre como degraus de uma escada? Em que esfera paraste quando passaste para lá pela primeira vez, e em que esfera se encontra o teu lar agora?

RESPOSTA DE MAY. Quando morreres, estarei contigo no momento da tua morte e, a partir desse momento, estaremos num lar juntos; mas eu saberei coisas que tu não atingiste; e eu desejarei ir a lugares quando tu desejarás descansar, mas onde quer que eu esteja, poderás falar comigo, e como um só permaneceremos, não importa quais sejam as mudanças na tua vida ou na minha. Tenho a necessidade de acreditar em objetos necessários para a minha harmonia; e enquanto eu permanecer neste estado mental ligado à terra ou tipo terrestre, no desejo de ter aparência de vida terrena e objetos de vida terrena, etc., serei verdadeiramente da primeira esfera ou estado crescente da alma; e quando estiver pronta para deixar de precisar destas coisas, então e só então ocorrerá a mudança para o terceiro estado.

Não é uma necessidade mudar de todo. Amo demasiado o meu lar para o deixar agora, e pássaros e animais e objetos queridos e próximos tornam-no meu, e assim será até eu crescer, e espero por ti para que seja o nosso lar eventualmente. É possível estarmos juntos enquanto estivermos interessados nas mesmas coisas. A minha bebé (May Donna) está, em verdade, numa esfera avançada, pois para ela os objetos terrestres

não são uma necessidade. Ela foi adotada por uma mãe anjo e, por isso, pode prontamente agir e estar contente num estado avançado, ainda não possível para mim. Eles são avançados e, se a esfera for subdividida na proporção de sete, como foi feito para indicar o desenvolvimento, eu estaria, neste momento, no quarto patamar. A May Donna pode ficar comigo indefinidamente, mas pode também desmaterializar-se perante mim e desaparecer, como eu faria em sessões perante ti. A Gertie (irmã) nunca faz isto; na verdade, não o consegue fazer, pelo que é como eu no quarto grau, e não estará, como a May Donna, por muitos anos de vida aqui.

J. S. K. 10. Podes nomear aqueles que te receberam quando passaste pelo portal da morte e te acompanharam até à tua morada celestial?

RESPOSTA DE MAY. O pai e a Gertie (irmã) e o John (irmão), a May Donna (filha), a Hipácia e a Saphrona (guia) foram os principais; embora outros, como o David (irmão do autor) e o Jesse (sobrinho do autor), estivessem por perto. Não percebi tudo. O processo de mudança faz com que a mentalidade fique nublada na consciência dos detalhes. Eu queria-te a ti, e queria regressar, e por isso fui deixada em repouso até que me pudessem fazer saber que estava morta e que tinha de partir.

J. S. K. 11. Quão longe, nas nossas milhas, supões que estás da casa em que eu vivo; ou sabes quanto tempo levaste a ir do teu corpo para onde foste deixada a repousar?

RESPOSTA DE MAY. Não somos limitados pela distância e não te sei dizer. Como os Marconigramas, somos transportados, como através de tubos de sintonização magnética adequada. Disseram-me, enquanto estavas na Sra. Wriedt, que eu poderia trazer o meu pai e surpreender-te. Eu não fui, fui transportada, e foi feito por mim. Não percebo os detalhes de como foi feito. Para os meus sentidos, as cenas mudaram. Estive com a mãe, e o meu pai veio, descansei e depois estava contigo na sala de sessões.

J. S. K. 12. Trarás a tua avó para falar através da trombeta comigo? Ela ainda permanece em redor da velha casa, ignorante do facto de ter passado pela morte física?

RESPOSTA DE MAY. Sim, e acontece frequentemente com os espíritos, e assim permanecem até que os anjos removam as pedras entre eles e a visão mais clara, facto que já é do teu conhecimento. Um agricultor cultiva, um clérigo prega, e os seguidores ouvem as palavras, e falam e argumentam como faziam antes de atravessarem para a margem desconhecida.

J. S. K. 13. Quando, onde e como encontraste a nossa filha espiritual? Foi logo após teres chegado aos reinos espirituais?

RESPOSTA DE MAY. Senti o seu toque amoroso antes de deixar o meu corpo e, de forma silenciosa e carinhosa, ela disse-me que eu em breve estaria melhor, e que seria de modo a que eu te pudesse ver e regressar ao nosso lar; e por isso nunca me senti sozinha. Flutuei durante vários dias e, assim, o passo final da mudança não foi severo para mim. Simplesmente soube que tinha terminado e sofri por estar separada de ti.

J. S. K. 14. Consegues ver e ler o que escrevo aqui e também na minha casa? Consegues ouvir a minha voz humana tão bem quando leio as minhas perguntas em voz alta, como a conseguias ouvir quando falava contigo nos Jonson, enquanto estavas no teu corpo materializado e usavas o teu sentido de audição e os teus órgãos vocais ali para falares comigo? Qual dos dois métodos preferes?

RESPOSTA DE MAY. Por vezes pareço estar bastante perto e ouço o que dizes e lês. Outras vezes não sei tudo o que fazes, simplesmente sinto que és tu. Algumas coisas são necessárias para tornar claro e, quando não estão lá, tu desapareces; e eu, como uma pessoa cega, devo tatear na escuridão até encontrar. Ouço hoje as palavras que dizes, vejo também a sala e a ti, e isso presentemente. Estão cá dois, mas quem é o escritor eu não consigo ver. Estou apenas consciente de que uma mão que escreve está a registar o que eu agora digo. Nem sempre consigo ler a tua escrita, mas frequentemente ou às vezes; contudo, tal como o tempo limpo ou tempestuoso, estas mudanças são produzidas por condições externas à minha vontade. Gosto de ouvir a tua voz, percebo então que és tu próprio.

J. S. K. 15. Há algo de especial que gostarias de dizer que eu possa publicar como um capítulo no meu segundo livro?

RESPOSTA DE MAY. Escreverei um capítulo tipo ensaio para ti. Gostaria que escrevesses algo para eu responder.

J. S. K. 16. Quando quiseres falar ou escrever sobre qualquer assunto pessoal ou privado, seja através da trombeta, enquanto no teu corpo materializado, ou ao ditar para a mente subjetiva desta psíquica com a sua mão automática; ou qualquer escritor automático, diz: "isto é pessoal", e eu considerá-lo-ei como tal; embora o meu julgamento me tenha guiado habitualmente nesta matéria.

RESPOSTA DE MAY. Assim o farei, mas como dizes, o teu julgamento é suficiente para mim, não importa o que eu te diga. Estarei aqui durante toda a tua visita para ouvir ou escrever.

J. S. K. 17. Agora espero com a esperança de ouvir a minha filha espiritual, que deu uma surpresa aos assistentes numa sessão de materialização de Jonson em Toledo ao cantar no círculo o grande hino "Santo! Santo! Santo! Senhor Deus Todo-Poderoso" de uma forma que mereceu o grande aplauso que recebeu, apenas alguns minutos antes de Wm. T. Stead se materializar pela primeira vez e tentar atravessar uma sala grande em minha direção.

RESPOSTA DA MINHA FILHA. Meu querido pai, folgo em dizer que cantei para ti. Fá-lo-ei novamente em qualquer altura, conforme agora escrevo. Foi para nós uma alegria ouvir a música doce que aqui foi executada para ti; e tem a vantagem de a poderes repetir toda; mas com as sessões não é assim, mas se fosse estaríamos contigo como companhia durante toda a tua vida; e quando for assim, tu descobres ou sabes exatamente o que fazer, então podes depender de nós aqui, pelo menos da mamã e de mim.

J. S. K. 18. Irá a minha filha anjo, agora uma mulher jovem, dizer-me quem foi a mãe adotiva para ti enquanto eras apenas um bebé no céu; e quem é a tua guia atual?

RESPOSTA DA MINHA FILHA. A minha mamã aqui não é para mim o mesmo que a mamã humana é; mas como uma flor transplantada para um canteiro, com beleza fui vestida e alimentada, e mortais amorosos que não tinham bebés podem por vezes vir até nós, flores da alma, e colher uma com amor e cuidado e levá-la para aqui e para ali; mas depois somos devolvidos para estarmos à luz do sorriso de Deus; enquanto crescemos, e somos ensinados a saber quem somos por vezes. Vi o meu pai e a minha mãe por vezes, e senti-me como um pássaro em crescimento abrigado por ti; mas não fui cortada do amor de vocês por nada que fizesse. Em casos onde não há amor pela flor da alma tão pequena, a mulher sem filhos é autorizada a possuí-la por inteiro. Foi-me ensinada música numa classe e frequentemente um anjo doce conduzia-me por muitos salões, e muitas vezes repetia as lições que eu devia aprender para a mamã, e era uma ajuda em cada grau, mas ela não era apenas minha, e nunca me levou para o seu lar. Crescemos como crianças numa enfermaria ou hospital, até atingirmos um estágio de pensamento independente, e são-nos mostrados os nossos pais amorosos, para que quando eles morrerem nós vamos ter com eles como crianças de uma esfera superior, mas sempre mantidos pelo amor aqui.

J. S. K. Se o meu pai estiver presente agora, desejo comungar com ele.

HIPÁCIA. O teu pai está aqui.

J. S. K. 19. Desejo dizer-te, pai, que quando eu era um rapaz no início da adolescência, pregavas o evangelho na velha igreja de pedra presbiteriana no campo — a apenas alguns metros de onde os teus restos terrenos jazem agora — e falavas tão frequentemente sobre o diabo, o inferno e o castigo eterno com tormento que eu, que por outros era considerado um rapaz corajoso, tinha realmente medo de estar sozinho lá fora numa noite escura, com medo de que o diabo me apanhasse e me levasse para aquele temido lago ardente de fogo e enxofre, um lugar de tortura sem fim, se eu falhasse em ir à igreja todos os domingos de manhã e à noite, e à escola dominical à tarde, não importa o quanto eu precisasse de descanso ao domingo; ou se falhasse em memorizar uma certa lição definida na Bíblia ou no Testamento que me tinhas atribuído.

Todo esse ensinamento fazia-me temer em vez de amar a Deus. Como podes agora julgar-me sob uma luz diferente, eu defendo agora uma visão diferente daquela desses dias de infância, quando frequentemente me sentava a remoer sobre o meu destino presente e possível futuro, e muitas vezes desejei verdadeiramente nunca ter tido um começo, se houvesse a possibilidade de nunca ter um fim e, entretanto, sofrer castigo eterno com tortura, porque não conseguia viver uma vida perfeita se cada pequena falta minha fosse contada como um pecado.

Como tens agora visões totalmente diferentes e experiências inteiramente novas aí nos reinos espirituais, conforme me disseste em diferentes ocasiões ao encontrar-me em sessões, desde a primeira na série de Moss em Londres, Ontário, em 1894, deverias estar bem apto agora a fazer uma afirmação baseada na tua experiência, observação e

conhecimento, adquiridos no espírito durante muitos anos, quanto à realidade da qual presumias falar do púlpito na vida humana, sem conhecimento exato (tal como os críticos provavelmente farão, ao criticarem o que digo no meu livro). Sinto que deves agora ao teu filho, e a outros rapazes e raparigas do meu tempo, ainda nos seus redutos mortais, como um dever bem como um prazer, contar-nos o que aprendeste sobre recompensas e castigos, desde que resides no mundo espiritual e experimentas a vida post-mortem todos estes anos. Confio que farás a tua afirmação de forma tão clara no momento presente para publicação, como as fazias anteriormente do púlpito, quando eu era um filho muito crédulo nos anos de há muito tempo. Peço-te que me concedas o privilégio de publicar a tua afirmação numa porção atribuída do meu livro; conforme a podes escrever brevemente aqui e agora, ditando-a à mente subjetiva da psíquica cuja mão automática a reproduzirá com a minha caneta de tinta permanente, conforme lha ditares.

RESPOSTA DO PAI. Sou Stephen King. Diz ao meu filho John que estou aqui para fazer o que ele desejar que eu faça. Eu próprio fui assim ensinado, e ensinei-te o que o meu pai me ensinou sobre castigos futuros. Não aprendi que existam nenhuns — como aqueles de que te falei. Em certos reinos estão seres que ainda não aprenderam o caminho para agir, e por isso são retidos e ainda não estão livres; mas a bondade é a lei da vida espiritual; e na necessidade de tristeza e de dor algumas almas pareceriam estar, mas o sofrimento tipo terrestre é tudo o que qualquer alma é forçada a suportar: tal como a tristeza de um parceiro separado, ou de um ato injusto, mas nunca o castigo do ódio.

Nenhuma fornalha ardente está preparada para rapazes que erram; e lamento agora ter-te ensinado assim, mas cresceste para ser um orgulho para mim apesar disso, e tudo o que tu e eu, teu pai, passámos, descobri que é totalmente diferente de todos os meus ideais ou pensamentos habituais. Eu era uma criança no desenvolvimento da alma quando cheguei aqui, e assim comecei de novo, não cortado da memória da terra, mas como uma criança num segundo nascimento ou como um homem numa língua nova, comecei aqui, e assim cresci para saber e desejar saber como tu.

A beleza rodeia-nos aqui, e o amor em brancura radiante vindo do alto ilumina o nosso caminho de todos os lados; e se não conseguirmos caminhar, todos podemos cavalgar, ou ser assistidos até ao fim por muitos anjos amigos que escutam. A mãe está comigo agora, e ela é ouvinte aqui do que para ti é esforço ou a tarefa a cumprir.

J. S. K. 20. Para a mãe a maioria dos rapazes olha em busca de proteção e simpatia quando o pai está descontente com a sua conduta ou expressão, e tal foi o caso comigo, pois à medida que envelhecia e pensava por mim próprio, mostrava por vezes a minha independência de mente e de fala, o que provocava o pai à severidade; mas o pai nunca conseguiu, nem poderia, fazer-me acreditar em tudo o que ensinava, e daí haver mais medo do que amor pelo meu pai, especialmente ao domingo; e por isso eu estava bastante inclinado a apreciar a simpatia da minha mãe, quando o pai criava regras rígidas e duras sobre as minhas crenças e práticas.

Agora, mãe, ninguém no mundo sabia melhor do que tu que a insistência do pai para que eu adotasse tanto a teoria como a prática, conforme ele ensinava aos seus rapazes, não provaria ser um grande sucesso, e naturalmente, mãe, tentaste temperar o meu espírito às brisas frias do pai, ou deverei dizer às brisas quentes do seu discurso? Agora gostaria de saber da minha mãe no céu se fui sempre, como rapaz, e sou como homem, tão perverso a ponto de merecer castigo eterno; e se estás convencida de que tal castigo foi pretendido por Deus para o teu filho, ou para o filho ou filha de qualquer outra mãe; e se tal tipo de castigo é alguma vez infligido, ou não. Por favor, faz a tua afirmação clara e límpida, para que eu possa, com o teu consentimento, publicá-la no meu livro como uma partilha num local adequado.

RESPOSTA DA MÃE. Semelhante a ti, meu filho, era o teu pai na sua seriedade de pensamento e de ato, e a severidade das suas regras afligia-me, tal como a ti; e por isso fiz o melhor que pude; e acredito que suavizei um pouco o instinto natural em ti de te rebelares por completo ou de seres libertado. Amo-te agora, e sempre amarei, foste tão bom para mim, e o inferno não é para ti, meu filho, por quaisquer atos que tenhas praticado. Os meus dedos estão bem, e a tendência reumática em ti será levantada de agora em diante; e ágil e flexível hás de crescer, e num ano ou dois estarás livre de toda a preocupação e necessidade.

Sou a tua mãe, Margaret P. King.

Introduzo aqui o que me parece estar de acordo com a visão de que a variedade da fonte de evidência num dado caso o fortalece. É uma citação da mensagem de Wm. T. Stead para mim (N.º 33) através da mão da escritora automática: "Compreendo que a prova da continuidade da vida depende em grande parte da apresentação da mesma personalidade através de instrumentos (médiuns) diferentes e amplamente separados." O leitor terá notado numa página anterior do Capítulo XXXI um registo tabulado das minhas experiências com a personalidade espiritual de William T. Stead, e será ali evidente que ele tem estado a esforçar-se por demonstrar precisamente da forma sugerida no extrato citado.

Esta visão, contudo, harmoniza-se com a minha própria, e apelou-me em muitíssimos casos, entre as dezenas que se encontram nestes registos. A maioria de todas as inteligências que comunicam fê-lo através de mais de um instrumento, algumas através de vários, e algumas usaram o mesmo tipo de instrumento várias vezes. Isto poderia, naturalmente, ser para tornar a sua personalidade mais conhecida. Variedade de instrumentos foram utilizados por mim em casos de teste. E, claro, os espíritos que comunicam, tal como os humanos, têm preferência no uso dos instrumentos.

Assim como cada instrumento musical tem uma entoação característica da sua constituição, e pela qual pode ser distinguido de todos os outros tipos de instrumentos musicais sem o ver, assim também cada médium ou instrumento psíquico difere de todos os outros, mesmo os da mesma fase, em alguma medida ou qualidade de força psíquica, combinada com a personalidade espiritual individual do psíquico conforme

evidenciada nos resultados produzidos, modificada talvez pelo controlo do psíquico, consciente ou inconscientemente.

Isto parece ser reconhecido como uma regra pelas inteligências espirituais comunicantes. Para fundamentar esta visão, que sempre me impressionou fortemente, cito novamente o seguinte de uma comunicação da minha guia principal Hipácia, e que aparece noutras partes várias vezes no livro: "Deves considerar que as mensagens que vêm do mundo espiritual são mais ou menos tingidas com a personalidade do médium através do qual são dadas. A clareza da mensagem depende do estado espiritual do instrumento. Um piano barato emitirá sons musicais, mas não pode dar o tom e a riqueza que provêm do instrumento mais acabado."

Outra característica usualmente — e no meu próprio caso quase sempre — encontrada nos escritores psíquicos automáticos é a da retenção de uma característica valiosa. Refiro-me agora especialmente aos meus esforços infrutíferos para garantir quer uma descrição evidencial da personalidade humana do escritor, quer a escrita, até agora, pelo espírito num fac-símile da sua caligrafia humana. No caso de Miss Gates, a psíquica de escrita automática, a minha guia Hipácia, os filósofos e outras inteligências espirituais avançadas não conseguiram superar totalmente a introdução de palavras rimadas. O Dr. Richard Hodgson, Frederick Myers, Wm. T. Stead, e a minha esposa espiritual e outros aludem a esta peculiaridade, alguns com pesar, mas sem lançar culpas ao instrumento; e conhecendo a razão para tal, atribuem a causa ao seu antigo controlo espiritual. Houve apenas uma exceção de não rimar na escrita que recebi através desta psíquica, e foi quando Clegg Wright, o outrora notável médium, escreveu para mim; e através dele aprendemos a razão pela qual ele não rimava na sua escrita.

A sua mensagem aparece extensamente no capítulo anterior; e dela cito a sua própria evidência sobre este ponto, a saber: "Eu, Clegg Wright, estou aqui; e sou tão real e estou tão em vida como quando era um visitante em Lily Dale anteriormente. Vejo-te também, e vejo também por que fui deslocado. Estou mais perto e além da necessidade da rima. Eberling, o guia do instrumento, de acordo com o desejo expresso dos meus guias, permitiu-me ser deslocado para além da zona da rima." Isso tenderia a exonerar o instrumento de culpa. Ele acrescenta também outra exceção, que está contida na frase: "É a minha condição que a médium capta, mas não é um conforto ser capaz de escrever como eu próprio e não rimar? Folgo por ela estar protegida para não sentir a condição pela qual passei."

Depois, quanto à dificuldade que Frederick Myers teve em tentar dar-me a sua personalidade, Clegg Wright escreve: "Se eu apanhar o jeito de entrar nesta zona central, dar-te-ei a descrição dele nalguma altura em que a censura esteja desprevenida." O guia de Clegg Wright considerou-a uma mediunidade muito peculiar; e posso acrescentar que é o único caso do seu género que alguma vez encontrei ou de que ouvi falar.

Durante muito tempo foi o meu forte desejo assegurar como prova a caligrafia, especialmente a assinatura, como em vida humana, como prova dos entes queridos e

amigos espirituais que comungavam comigo. Tendo falhado no quadrante onde poderia razoavelmente esperá-lo, sugeri que alguns dos muitos que desejavam consegui-lo pudessem tentar escrever uma pequena mensagem juntamente com a sua assinatura, enquanto na forma materializada da expressão terrena. Em breve tive na minha lista de espera daqueles que prometeram tentar, vários, que incluíam o Professor James de Harvard, Frederick Myers, Wm. T. Stead, a minha esposa e outros.

Com o fechar do ano a aproximar-se, e com a conclusão da recolha de evidências para este livro, restava tempo apenas para uma ou duas sessões com Jonson, como minha oportunidade final. A isto juntou-se a infelicidade de uma condição desfavorável de saúde e força, e um enfraquecimento do poder psíquico em Jonson. Ainda assim, apesar de tudo, compareci com o meu bloco de escritório ou de bolso com cabeçalho impresso e a minha caneta de tinta permanente, tudo conforme prometido, os escritores prontos a usar.

Tive primeiro o Professor James (ver Capítulo XXXIII) no seu corpo transitório (materializado) a aproximar-se de mim e, enquanto eu esperava pelo seu esforço bem-sucedido, ele disse: "Receio não o conseguir fazer agora." Depois dissolveu-se da vista. Myers apresentou-se a seguir, conforme descrito no mesmo capítulo; mas fez de facto um esforço, que elevou as minhas expetativas, ao aceitar a minha caneta e ao colocar a sua ponta no bloco, mas falhou ao escrever, pois perdeu o aperto e a caneta caiu-lhe da mão.

A minha sessão final com Jonson não se realizou senão após o lapso de três dias, e foi uma grande assembleia mista composta por dezanove assistentes; e, embora tenha tido cerca de cinco visitantes, James e Myers não voltaram a aparecer.

De Toledo fui para Lily Dale, onde tive outra valiosa oportunidade de ouvir familiares e amigos, através do Telefone-Psíquico-Humano. Entre os que escreveram, estavam o Professor James e Frederick Myers; e ambos se referiram à sua aparição em casa de Jonson; as suas declarações são de particular interesse. Myers deixou claro que ainda esperava, em alguma data futura, escrever e assinar o seu nome para mim; e, da mesma forma, expressou o pensamento de cumprir o meu pedido de evidência da sua identidade e personalidade humanas. Nas páginas do Capítulo XXXIV encontram-se declarações de James, Myers e Stead que o leitor fará bem em recordar, pois estou tão satisfeito de que todas as suas promessas serão cumpridas como estou de que outras promessas feitas foram — tais como a promessa de me encontrar em casa de Jonson e tentar escrever no meu bloco de escritório —, as quais foram mantidas e parcialmente cumpridas por eles. Embora este capítulo seja o de encerramento, conforme a minha guia Hipácia me informa que o tempo selecionado para publicar este livro se aproxima; se as previsões feitas forem cumpridas antes dessa data, aparecerão como Adenda.

Tenho plena confiança de que receberei as assinaturas humanas do Professor James, Frederick Myers, Wm. T. Stead, dos meus parentes próximos e talvez de outros; mas nem mesmo quando, ou através de que médium, nenhum dos escritores espirituais

se aventurará a dizer com certeza, pois tudo dependerá das condições existentes no momento.

D'Asia, assim nomeado por mim, por ser esse o seu local de nascimento, é, tanto quanto sei, o mais antigo de todos os meus guias que demonstraram grande interesse no meu trabalho de investigação. Também outros espíritos exaltados de esferas avançadas se manifestaram e falaram em tons inequívocos sobre o grande despertar mental e espiritual; e o início de uma Nova Era. Não pretendo afirmar nada que não esteja autorizado a dizer; mas tenho autoridade para tornar públicas as falas e escritos dos alegados oradores e escritores, e por eles sou assegurado de que tudo o que afirmam é verdade.

Os espíritos podem ler os nossos pensamentos e sentir os nossos desejos. Provei isto dezenas de vezes. A primeira vez que a minha esposa espiritual falou comigo através da trombeta, disse-me isto; e imediatamente coloquei-a à prova. Outro teste que lhe impus, bem como mais frequentemente a Hipácia, a minha guia, foi o de lerem as minhas perguntas ou os meus pedidos, tal como eu os tinha escrito, quer com caneta quer com lápis, e depois responderem-lhes através da fala por trombeta; através dos seus próprios órgãos vocais enquanto materializadas em casa de Jonson; e através da psíquica de escrita.

Folgo também em afirmar que existem testemunhas vivas em Toronto que podem verificar a afirmação que faço relativamente às primeira e segunda fases acima mencionadas. Sinto-me livre para afirmar, por autoridade espiritual, que, se um homem estiver fortalecido por princípios corretos e tiver desejos de alma adequados, não precisa de ter medo de espíritos malignos.

Gostaria que todos pudessem perceber que os espíritos sentem tanta dificuldade em encontrar caminhos abertos (médiuns devidamente desenvolvidos) para comunicarem com os habitantes da Terra, como estes últimos sentem ao tentarem comunicar com eles; alguns mortais chegam a trancar as suas portas mentais contra os seus amigos espirituais com a chave do preconceito.

Somos assegurados de que a vida nas esferas é tão natural e real para eles lá, como a vida terrena era enquanto aqui estavam; que, quando passam da habitação mortal, são recebidos e conduzidos por guias espirituais a um lugar de descanso que lhes é atribuído para um breve repouso, e depois para a esfera de atividade para a qual a sua vida humana os qualificou; que nos reinos espirituais tudo é atividade e progresso, conforme conquistado por desejos e esforços consistentes, e é alcançável algum dia até por aqueles que, à sua chegada como espíritos ligados à Terra, são "retidos", alguns em trevas mentais por longos anos, até terem expiado as más ações na vida terrena e se tornarem imbuídos de motivos adequados e desejos saudáveis de assegurar luz e conhecimento que os qualifiquem para a progressão e o serviço!

Os esforços são auxiliados quando em direção a um estado superior; as esferas são numerosas para aqueles de igual aproveitamento; infantários, escolas graduadas, faculdades, bibliotecas, salas de conferências, sociedades de fraternidade e locais de

diversão de caráter instrutivo são amplos; assim como o são as mães adotivas para bebés, amas para crianças pequenas, professores, conferencistas; existem caminhos para investigadores, autores, inventores, etc., para aqueles que têm ambições especiais de neles ingressar; muitos especialistas terrenos em várias vocações terrenas são auxiliados ou inspirados por espíritos.

O mundo espiritual é um segundo plano terrestre muitas vezes mais belo e grandioso, com a sua duplicata de água e terra, riachos, rios, lagos, florestas, colinas, campos e flores, tudo vastamente mais belo do que se pode conceber; a viagem é tão rápida quanto o pensamento da mente; a união e a harmonia existem em vez de credo e discórdia; jardins e parques de beleza insuperável, e árvores, pássaros e outros animais nas esferas primárias; nenhum lugar atribuído chamado Céu, nem o Inferno de tortura, sendo ambos descritos por eles como condições e não como lugares; nem um de centenas que comunicaram comigo alguma vez expressou o desejo de voltar a ser residente do plano terrestre. Um espírito expressou assim claramente a sua visão sobre este assunto: "Oh, a vida não é o prodígio ou o bem que os homens acreditam ser. Para mim, antes de morrer, sentia que desejava muito viver e recuperar a saúde, para que pudesse trabalhar; mas depois de estar livre, senti e percebi e conheci as maravilhas da visão espiritual; e admirei-me de como pudera sentir-me contente por viver e sofrer como tive de fazer num corpo frágil, magro e pálido." (Ver Capítulo XXXIV.)

Os espíritos, na minha experiência com eles, expressam o desejo de ajudar os mortais em tudo o que podem. Todos ficam muito satisfeitos por terem a oportunidade de comunicar com os mortais através de qualquer instrumento ou médium. Fui repetidamente assegurado de que isto é verdade. Se for verdade que o erro e a falsa crença levaram a divisões eternas no plano terrestre, então não poderá esta, a maior de todas as guerras mundiais, ser um meio de castigar e melhorar as condições das nações e dos povos?

Pois os comunicantes angélicos asseguram-nos que, no rasto da Guerra, haverá violentas comoções tanto de terra como de água, terramotos, inundações, pestilência, fome e grandes calamidades entre o povo da Terra, como uma purga antes de ser inaugurada a Nova Era de uma mente despertada; e condições de paz na Terra, e verdade e justiça prevalecerão com as nações e com os indivíduos.

Existe, naturalmente, um limite para toda a investigação humana e meios de provar a outros aquilo que para cada investigador é convincente. Nos meus últimos anos, o desejo da minha alma de aprender mais sobre os reinos espirituais foi e está a ser concedido. Como esta minha primeira publicação já é volumosa, e destinada às mentes de investigadores psíquicos neófitos, irei, após referir brevemente dois ou três assuntos, adiar para uma publicação futura algumas das revelações que me foram feitas por espíritos de homens de há longos séculos.

À medida que cada espírito se retira da sua habitação mundana — o corpo mortal, que é deixado para trás no plano terrestre, alterado, reduzido ou desfigurado por doença ou acidente —, é-lhe concedido um breve repouso, e acorda para perceber que tem um

corpo astral ou limite com as dimensões então presentes do corpo terreno, mas mais etéreo do que o anterior; e que é inteiramente desprovido das marcas do seu nascimento anterior, doença ou condições de acidente; e enquanto estiver na esfera para a qual foi designado, assim continua a ser; mas no momento da sua progressão para a esfera seguinte, o seu corpo ou limite sofre alteração na sua densidade, tornando-se ainda mais etéreo e espiritual antes de as suas novas atividades começarem na sua nova esfera. Cada promoção afeta, em algum grau, a limitação do espírito; embora a mente, consciência, individualidade e personalidade do espírito continuem de esfera em esfera; e novos sentidos adicionais são encontrados em funcionamento. A progressão dos probacionários nas esferas iniciais é desigual. Alguns são "retidos" por longos anos, ou até que tal probacionário tenha cumprido totalmente a provação e assegurado a sua recompensa de avanço merecido.

Os espíritos podem regressar de qualquer esfera que tenham atingido para qualquer esfera menos avançada, ou para a esfera terrestre, embora inicialmente apenas com a assistência de guias e de ajudantes que lhes são atribuídos, e são ensinados a tornarem-se aparentes ou ouvidos, fazendo uso das condições existentes na esfera em que entram. Isto é também requisito para permitir que aqueles de qualquer esfera mais avançada que procurem comunhão e desejem demonstrar a sua presença a espíritos menos avançados, ou a mortais do plano terrestre. Eles podem, quando as condições são favoráveis, manifestar-se num corpo físico transitório, que é uma duplicata daquele anteriormente possuído em qualquer estágio particular de existência, e que é utilizado quando ocupado por quem deseja demonstrar, podendo falar com os órgãos vocais de tal corpo; bem como entrando no corpo de um instrumento mortal vivo em transe e usando os órgãos vocais desse instrumento para operar.

Nesse caso, o espírito do médium cede o lugar, ou retira-se do corpo e permanece adjacente, ou, em alguns casos, pode afastar-se para uma certa distância. Uma alternativa a isto é o espírito que deseja falar através dos órgãos vocais do médium sugerir os pensamentos e palavras à parte subjetiva da mente do médium para fazer uso através da sua mente objetiva; embora, entretanto, o médium esteja inconsciente do que está a proferir, como no caso de uma pessoa hipnotizada a proferir um discurso em resposta à sugestão do hipnotizador para o fazer; e está sob o controlo ou influência do hipnotizador enquanto o faz; mas não tem memória consciente de uma palavra que foi dita após ser restaurada à condição normal, nem o tem um médium assim utilizado.

O espírito de alguns indivíduos que são perfeitamente normais entrega-se, durante o período de sono, a viagens astrais, ou à saída do espírito sem que o indivíduo saiba realmente, exceto em casos raros, mas depois relatam as suas maravilhosas experiências, que na altura pareciam reais, mas foram consideradas como um sonho notável. Nesses casos, nem sempre conseguem regressar e ter sucesso ao reentrar no seu corpo, o qual pode não ter sido protegido por guias avançados qualificados para os ajudar a reentrar; e essa é uma das causas de morte no caso de "encontrado morto na cama" de manhã — causa de morte desconhecida — mas supostamente "falha cardíaca". Fiz frequentemente tais viagens, mas mais vezes sem o meu conhecimento,

até depois, quando contado por Hipácia ou por Otelleo, um dos antigos guias egípcios e ajudantes. Ele afirma pertencer à Irmandade da Luz. A minha viagem astral é explicada noutras partes por aqueles que participaram no assunto, quanto à forma como foi realizada. Otelleo, com outros dois, escoltou-me a uma reunião ou assembleia para instrução e preparação para certo trabalho quando eu atravessar a fronteira permanentemente e me tornar um residente nos reinos espirituais; assim ele explicou o objetivo procurado.

Quer no corpo físico quer fora dele, como no corpo astral, tudo o que é visto, ouvido ou feito faz parte do "registo de vida", mantido na porção subjetiva da mente; e, portanto, o que é registado durante as viagens astrais, incluindo a instrução dada, é mantido e pode ou não ser reproduzido na porção objetiva da mente, antes de atingir os reinos espirituais.

Farei aqui uma breve digressão do assunto que agora ocupa a mente do leitor, enquanto me refiro a algumas das minhas descobertas durante a minha investigação primária sobre o hipnotismo; e apenas voltarei a alguns dos conhecimentos colhidos durante vários anos dessa investigação que me levaram a prosseguir o meu conhecimento psíquico, o qual pesará sempre mais do que a crença e é, de longe, mais valioso. Na minha prática como médico, cirurgião e obstetra, descobri que, como agente terapêutico satisfatório em muitos casos, não tinha rival. Em casos cirúrgicos, estancava o fluxo de sangue, a dor da lesão e substituía os anestésicos durante pequenas operações. Afastava as dores do parto e fazia partir o fantasma do medo. É maravilhoso como o sujeito pode diagnosticar as condições anormais existentes dentro dos limites da habitação humana.

Os seguintes factos são apenas alguns dos muitos que estabeleci como tal, a saber: A mente do homem é uma dualidade nas suas funções. A uma porção da mente, designo como "porção objetiva", enquanto a outra é a "porção subjetiva", e estão cada uma em harmonia com a outra. A porção objetiva adquire conhecimento através dos cinco sentidos que governa, quando acordada e em funcionamento. É o local da inteligência. Descobre, planeia e inventa e exerce a razão; e, tendo força de vontade, comanda a porção subjetiva num grau ou extensão limitada. A porção subjetiva da mente é o armazém da memória e, além disso, nunca dorme como o seu coparceiro; e está sempre ativa e alerta, como uma sentinela fiel de serviço; e às vezes atua de forma independente quando existe necessidade.

Os seus deveres constantes são a guarda e regulação das várias funções fisiológicas, continuando sem qualquer cessação; incluindo até a assunção das responsabilidades da mente objetiva, tornadas necessárias pelo repouso, desordem ou incapacidade desse parceiro; e ao mesmo tempo continua as suas próprias atividades pertencentes ao templo da alma ou espírito, o corpo humano, a ação do coração, circulação, digestão, assimilação, secreção, excreção, etc. Além disso, juntas servem como autoridade suprema na alma ou espírito que está entronizado dentro do corpo e em cada uma das suas partes; e desta personificação a mente é o executivo, enquanto a porção subjetiva é a guardiã do registo de vida humana da alma, que o espírito, quando

se retira da sua habitação humana, leva consigo, ao passar para os reinos espirituais; e ali torna-se o seu passaporte para ser visto e lido por personalidades espirituais, ao entrar na esfera para a qual está qualificado.

O Consentimento e a Sugestão são a fechadura e a chave para a mente na hipnose. Espero que o leitor consiga agora compreender melhor que, quando o meu sujeito hipnótico está pronto, eu, por meio de mente concentrada e força de vontade dirigida à porção objetiva da mente do meu sujeito, auxiliado pela sugestão, capturo esse forte mental, e a sua mente objetiva é prisioneira; e assim fica fora de ação e torna-se dormente; isto é, adormecida. Posso agora comungar ou falar com o seu espírito encarnado por meio da sua mente subjetiva; e o uso do sentido de audição do seu coparceiro (que enquanto dorme não lhe serve para nada); e o subjetivo, da mesma forma, em resposta à minha sugestão, faz uso dos órgãos vocais do meu sujeito (agora que o seu parceiro objetivo não os está a usar, por estar adormecido); e assim a mente subjetiva do espírito encarnado do meu sujeito pode responder às minhas perguntas, e não tem motivos a servir; é verdadeira no que fala; pode dizer-me qualquer coisa que tenha alguma vez registado no registo de vida, embora o sujeito em estado normal não se pudesse lembrar de tudo. Esta porção subjetiva aceita o que emana da minha mente objetiva, tal como aceitava da mente objetiva do seu coparceiro, e regista-o como parte do registo de vida continuado. Tudo isto é concluído antes de eu restaurar o sujeito à sua condição normal, caso contrário resultaria confusão de mente, seguida de ação desordenada.

A descrição detalhada acima pode ajudar o leitor a compreender como um espírito pode entrar em transe ou controlar, e fazer uso de um humano sensível, falando através dos seus órgãos vocais; e, no entanto, o sensível não ter recordação de qualquer palavra dita, simplesmente porque a porção objetiva da sua mente foi vencida pelo sono ou tornada inativa.

VIAGENS ASTRAIS

Também aprendi, entre outros assuntos de interesse psíquico para mim e possivelmente para outros, que, através de uma forte concentração da mente e exercício da força de vontade, posso retirar-me do meu corpo físico, num determinado tempo fixo, e então apresentar-me, no meu corpo astral, num lugar que desejo alcançar, e ser ali reconhecido; embora aparentemente impedido, ou pelo menos incapaz de exercer memória ligada e detalhada do que vi e ouvi durante a minha presença no meu corpo astral; e esta demonstração psíquica foi verificada verbalmente, por escrito e num livro impresso, após a sua realização. Antes de fazer uma viagem astral nos últimos anos, recebi garantias dos meus guias, que testei frequentemente e nos quais tenho confiança, de que o meu corpo seria protegido e a minha viagem auxiliada, bem como a minha reentrada no meu corpo físico ao regressar.

Afirmei-o assim na plataforma pública no St. George's Hall, em Toronto, na noite de domingo, 28 de novembro de 1915; e ali prometi que demonstraria ser um facto algum dia em Toronto. Três noites depois fi-lo, perante um círculo privado para vozes

por trombeta (todos os presentes me conheciam). Foi o meu primeiro esforço para essa fase particular. Na tarde que precedeu a sessão da noite, enviei uma breve indicação para o local do círculo, afirmando simplesmente: "Espero estar na sessão hoje à noite; mas não esperem por mim. Terão notícias minhas mais tarde."

Pormenores completos foram publicados por Herbert G. Paull, num livrete, "The Voice of the Spirit" (A Voz do Espírito). O Capítulo V ou a quinta sessão verificará a minha afirmação; e a minha demonstração através de uma trombeta, e que fui relatado pelo controlo espiritual do médium como presente no meu corpo astral. No entanto, o meu astral foi escoltado para e do local por guias espirituais que me tiveram em minha casa a tempo de responder ao porta-voz pelo telefone, que me interrogou e deu as minhas respostas a outros presentes com ele. A minha chegada à sessão foi uma surpresa súbita, e a minha demonstração produziu a convicção de "provado".

Conforme prometido pelo telefone, preparei uma explicação escrita das minhas experiências da noite, cuja cópia foi solicitada no dia seguinte, e aparece juntamente com os registos de pormenores, na sessão em questão, que é numerada como V no livrete. Incluo aqui tudo o que tinha então a dizer, a saber:

"Sentado no círculo oculto de sete, composto pelo Comité do 'Bureau' de Toronto, ouvindo vozes de espíritos desencarnados, numa sessão recente com Hugh Gordon Burroughs, psíquico de trombeta, fui interpelado e questionado pelo seu controlo."

"'Dr. King, por que está tão calado hoje à noite?' Respondi: 'Estou a pensar'."

"Isto era verdade, pois eu estava a matutar a tentativa de outra nova experiência que, se fosse bem-sucedida, poderia ser confirmada pelos meus colegas assistentes, e assim preparar mais evidência de valor para provar o que eu tinha anteriormente afirmado várias vezes em relação a viagens astrais."

"Duas características eu tinha listado como já provadas, a saber: a minha viagem ao Estado de Nova Iorque, onde o meu retrato espiritual apareceu numa fotografia juntamente com um retrato mortal da esposa do meu irmão."

"Novamente em outra fase psíquica eu tinha tido sucesso, fazendo uma viagem astral e aparecendo juntamente com outras personalidades numa sessão de materialização realizada pelo 'Círculo Intelectual' em Kansas City, na noite de 25 de janeiro de 1910. Naquela ocasião, o meu corpo astral era visível e a minha voz era audível para o Juiz Dill e os outros assistentes. Ali disse-lhes que eu era o Dr. John S. King de Toronto, e que faria outra visita e teria então força suficiente, pensei eu, para assinar o meu nome para eles. O que aqui afirmo foi verificado por escrito e pode ser corroborado pelo Juiz Dill e outros entre os assistentes de então."

Introduzo aqui outro exemplo semelhante ao anterior, por uma questão de conveniência e preservação de uma experiência mais recente, a saber: a 14 de maio de 1916, apareci numa sessão realizada em casa de J. B. Jonson, em Toledo, e notei a presença de um amigo cavalheiro de Toronto, James Poole, um conhecido homem de negócios a quem, devido às condições serem desfavoráveis (tinha estado a ocorrer uma

trovoada), não pude falar; mas como lhe tinha prometido antes de ele sair de casa que o encontraria ali no meu corpo astral, caminhando do gabinete durante a sessão como outros fazem. Fi-lo e dei-lhe uma pancadinha no polegar com um pequeno bastão que levava, apenas para o lembrar de que tinha cumprido a minha promessa para com ele.

Hipácia e d'Asia, dois dos meus guias, e a minha esposa May estavam lá também e materializaram-se. Eu estava presente no meu corpo astral. Os assistentes assinaram uma declaração escrita afirmando a minha presença e demonstração. Isto termina a nova demonstração adicionada, que não apareceu na promessa de registo escrito pelo telefone, e entregue no dia seguinte, e ocorreu quase quatro meses e meio depois. Retomo agora a declaração conforme entregue no dia seguinte à minha primeira experiência de falar através da trombeta: "O meu 'pensar', aludido no início, resultou na minha decisão de me ausentar de uma sessão e depois surpreender os meus colegas assistentes vindo no meu corpo astral e tentando falar com eles através da trombeta, se as condições o permitissem."

"Os meus preparativos consistiram em apagar todas as minhas luzes da frente às 20:00, depois retirei-me para o meu quarto e deitei-me na cama, quando me lembrei das instruções da minha guia espiritual de que o nosso grupo espiritual chegaria à sala da sessão algures perto das nove horas. Fiquei acordado a pensar, mas não conseguia dormir então, e quando faltava pouco para as 9:00, levantei-me e fechei a porta do meu quarto para isolar a luz do corredor adjacente e, voltando apressadamente, disse em voz alta: 'Esta é mesmo a altura de os meus amigos espirituais virem buscar-me'. Depois, com a cabeça no travesseiro, fechei os olhos, tendo ainda em mente muitas provas da minha personalidade para usar. Adormeci rapidamente. Acordei logo de repente e senti-me satisfeito por ter acabado de regressar, acendi a luz e vi que eram 21:35, e assim fui para o meu escritório e, com o meu telefone à mão, tive a certeza de que ele iria tocar. Momentos depois, tocou. 'Olá!' e reconheci a voz que esperava. 'O que está a fazer, doutor?' 'Estive a dormir e só estou aqui sentado há alguns minutos', respondi."

"O Sr. Paull disse-me então que eu tinha estado na sala da sessão no meu corpo astral, e que os assistentes tinham ficado muito surpreendidos. Acusou-me jocosamente de lhes ter pregado uma partida astuta. Queria que eu lhe contasse a minha experiência. Mencionei brevemente alguns incidentes, que pareciam estar corretos pelo seu reconhecimento (e concluí tratar do assunto mais detalhadamente no dia seguinte). Como estava a ficar tarde, ele disse que passaria a ver-me de manhã; e prometi escrever para ele uma descrição das minhas experiências, mas disse-lhe que não me era permitido contar-lhe tudo o que sabia."

"Quando ele passou no dia seguinte, pareceu-me como se uma cortina tivesse sido puxada à frente da minha memória; e não pude cumprir a minha promessa feita a ele de dar a minha experiência da experiência."

"Alguma vez teve uma experiência maravilhosa num sonho, e percebeu plenamente na altura que era apenas um sonho, mas que valia a pena contar à mesa do pequeno-almoço na manhã seguinte; mas quando tentou relatar os incidentes, a maioria

deles tinha desaparecido da sua memória? Esta é a situação em que me encontro, com uns raros incidentes excecionais."

"O *modus operandi* das minhas 'viagens astrais' conforme descrito no meu livro pelos meus guias será uma leitura interessante. Quer eu tenha ou não tido sucesso neste meu primeiro esforço para falar como um espírito encarnado através da trombeta, deixo a decisão para aqueles meus colegas presentes na sala da sessão na noite de quarta-feira, 1 de dezembro de 1915, pois foram propositadamente mantidos na ignorância da minha intenção para não perturbar as condições."

"Não obstante, sou informado de que estavam tão ansiosos por verificar algo dito, que a luz foi acesa (para ver a hora), as condições foram afetadas e fui infelizmente impedido de apresentar mais provas e, assim, não completar o que tinha fervorosa e honestamente contemplado realizar; mas espero ser mais bem-sucedido da próxima vez." Assim termina a declaração entregue e conhecida no livrete como a minha explicação.

Depois de concluída a conversa telefónica, todos regressaram aos lugares que tinham desocupado, as luzes foram apagadas e a sessão retomada. Quanto ao que se seguiu imediatamente, cito o registo do livrete:

"ESPÍRITO MURPHY (o controlo do médium): 'Ali, senhoras e senhores, fiz tudo o que pude para ajudar aquela manifestação'."

"ESPÍRITO BLACK HAWK (um índio que também pode controlar o médium): 'Digam lá, pessoal, não foi uma boa ideia do doutor — não é que ele é engraçado?'"

"ESPÍRITO HIPÁCIA: 'Saúdo-vos, amigos, hoje à noite. Folgo em estar aqui, meus queridos, especialmente para agradar ao meu amigo doutor e ajudar na sua interessante experiência. Fizemos isto com um propósito, e devo dizer que estou contente e gratificada com o resultado. Terá duas influências distintas, pois representa perante o mundo a distinção entre o lado físico e o lado espiritual da vida; e prova demonstravelmente que existe um corpo astral, que pode e de facto deixa por vezes o templo físico — parto e saúdo-vos a todos, queridos, com uma mensagem de ajuda e amor — boa noite'."

Tendo assim demonstrado um importante facto psíquico na minha cidade natal, bem como em quatro lugares diferentes nos Estados Unidos, concluí que, embora o tivesse feito e os meus guias estivessem de acordo que eu o fizesse, eles foram compelidos a impedir-me de ver, ouvir e recordar demasiado, no caso de eu poder não desejar regressar ao meu corpo; e eles encontrariam dificuldade em induzir-me a fazê-lo.

Como o facto psíquico tinha sido bem estabelecido na presença de suficientes testemunhas credíveis, e o meu objetivo atingido, abandonarei futuros esforços no futuro; mas estou plenamente convencido de que, após ter passado para os reinos espirituais e passado ali uma curta temporada como espírito livre, serei autorizado pelo Espírito Infinito — e auxiliado pelos seus espíritos ministradores, que atuam como

meus guias — a regressar e demonstrar através de alguns dos bons médiuns da Terra — como dezenas dos meus parentes, amigos e estranhos fizeram para me convencer. E se assim for que eu possa, o leitor pode ter a certeza de que o farei, sem qualquer dúvida; e continuarei a tentar provar aos céticos e descrentes no credo espiritualista que continuam em erro, como provo novamente pela minha presença, quando me reconhecerem num corpo transitório a falar, ou ouvirem a minha voz através de uma trombeta, ou me ouvirem como um espírito a escrever independentemente numa ardósia; ou através da mão de alguma pessoa automaticamente estas palavras: Eu, Dr. John S. King, cumpri a minha promessa feita em "Dawn of the Awakened Mind", pois provei, e agora provo, a Continuidade, o Regresso e a Comunhão, tudo verdadeiro.

REENCARNAÇÃO

Perguntam-me: "Acredita na reencarnação?" Respondo: não tenho crença em relação a nada de que não tenha conceção; e pela mesma razão não tenho conhecimento relativo à reencarnação. Conforme definido por alguns indivíduos, interpreto-o como significando a reentrada de um espírito individual desencarnado num bebé antes do nascimento, espírito esse que já passou pelo nascimento e experiências de vida física, talvez de um homem ou mulher adulto; e passou pelo portal da morte física, e posteriormente sofreu alteração através da evolução nas esferas espirituais por talvez séculos. E agora, quer por escolha própria, quer por ser assim dirigido, entra novamente num novo infante, antes do seu nascimento, não como entrou na sua (do espírito) primeira experiência como uma emanação do Infinito espiritual; enquanto agora, se o fizer, por um processo de retrocessão de tal esfera que ocupava por mérito de conquista, e com muito conhecimento atingido e as suas proporções de espírito adulto atingidas, deve, pela sua retrocessão, tornar-se reduzido à forma diminuta do infante recém-concebido, que será o seu lugar de habitação física, e o crescimento do seu corpo físico estar sempre sujeito aos requisitos do espírito que o ocupa durante uma segunda experiência de vida terrena.

Estará o primeiro registo de vida ainda preservado na mente subjetiva como sendo o de Wm. Smith, juntamente com o que foi adicionado nos anos passados nas esferas espirituais, e deverão estes agora ser futuramente adicionados pelo segundo registo de vida de Wm. Smith como sendo feito por John Brown, em cujo corpo Wm. Smith entrou de modo a ganhar uma segunda experiência de vida humana, com uma segunda experiência de vida espiritual a seguir, o que de facto é algo complexo para a mente comum compreender, para não dizer nada quanto ao motivo que impele à sua execução e aos resultados a serem alcançados?

Para mim, parece haver razão para a crença de que a retrocessão se revelará insatisfatória, não havendo prova alguma de que a segunda vida humana represente qualquer melhoria em relação à primeira vida humana.
Não descobri qualquer lei natural que preveja tal exceção; e, se fosse uma regra ou uma lei natural, seria evidente para todos.

Não possuindo provas tangíveis em apoio da reencarnação, questionei alguns dos alegados espíritos avançados a esse respeito. Entre outros interrogados estavam os alegados espíritos dos filósofos Socrates, Plato e Aristotle, que me foram trazidos por Hipácia.
Por referência ao Capítulo XXIV, o leitor ficará a saber o que cada um deles escreveu em resposta à minha pergunta, pelo menos Platão e Aristóteles assim o fizeram.

A essência das várias respostas ao meu pedido de algum conhecimento acerca da reencarnação está aqui resumidamente expressa. Foi declarada "quimérica". Todos afirmaram que não era verdadeira. Um dos filósofos disse: "Nem foi pretendido que fosse assim compreendida." Outro afirmou que tal conceção é inconsistente com a lei natural e com a evolução do espírito desencarnado; e que mentes literais interpretaram assim, por erro, os ditos dos antigos médiuns psíquicos.
Além disso, o Espírito Infinito, o Grande Arquiteto do Universo, não faz em parte alguma alusão a tal coisa em nenhum dos Seus planos.

CONCLUSÃO

O homem é uma emanação do Espírito Infinito e, após a experiência de construir o seu corpo físico terrestre, no qual vive, se move e tem a sua existência e experiência mortais durante um período de anos, retira-se finalmente com o seu corpo astral ou espiritual, sendo imediatamente encontrado e acompanhado por espíritos ministrantes até um lugar designado de repouso, onde obtém um breve período de descanso, podendo perceber que já não é um mortal, mas alguém que doravante será um viajante nos reinos do espírito — mas não na ociosidade; embora, como probacionário, trabalhe voluntariamente o seu caminho de esfera em esfera numa capacidade para a qual foi primordialmente qualificado pelos seus motivos, desejos e atos enquanto formava a sua personalidade humana. Em breve aprende que a crença por si só não salva, nem a dependência de qualquer pessoa.

Espíritos que me eram conhecidos na sua vida terrestre, depois de terem passado para os reinos espirituais, ao regressarem afirmam que cada um e todos devem operar a sua própria redenção nas esferas do espírito. Cada um daqueles que ali chegam tem de passar por uma instrução e trabalhar para alcançar a realização merecida.

CRISTO (o Nazareno). Ele exemplificou, na sua vida terrestre, a verdadeira personalidade da alma, que o homem, pelos seus motivos, desejos e atos, deve estabelecer. Ele, como todos os outros homens, emanou do Espírito Infinito; e ao reino do espírito regressou, após uma experiência física terrestre, sendo ainda visto por outros espíritos de diferentes esferas; e continua a sua boa obra enquanto passa de uma esfera para outra, exemplificando o dever e ensinando os outros. É conhecido por todos nas esferas celestiais, desde o espírito mais humilde até ao mais exaltado, pois a sua irradiação é por toda a parte evidente na sua tonalidade opalescente. Ele não voltará novamente, como homem, ao plano terrestre, onde os seus ensinamentos espirituais foram deturpados e o seu corpo crucificado; mas a certeza proveniente de fontes

espirituais afirma que o princípio de Cristo continuará para sempre, sendo assim aceite por todas as ordens de espíritos.

DEUS ou "DIVINDADE" é incognoscível, pois nenhum entre todos os espíritos que têm comunicado comigo reconhece a existência de um Deus pessoal; enquanto os mais exaltados definem Deus como Espírito Infinito, Omnífico, Omnipresente, Omnipotente e Omnisciente — Tudo, e em tudo — constituindo assim o universo como um todo.

Como humilde mortal, não posso deixar de admitir que, por vezes, na minha aplicação mental senti a inspiração de inteligências invisíveis que sugeriam ou impeliam o pensamento que foi consignado por escrito; mas, contudo, numa obra da magnitude deste assunto, com os anos necessários para a acumulação de factos e evidências, é inevitável que erros, em alguma medida, possam ter sido cometidos — mas não consciente nem voluntariamente; e, ao agora levá-la ao seu término e enviá-la aos pensadores do mundo, com, como me asseguram, a aprovação de um forte grupo de espíritos, faço-o com a esperança de que o desejo da minha alma — de que "seja um benefício para a humanidade" — venha a realizar-se.

Antes de apor a minha assinatura à página final deste grande volume de evidências, desejo expressar a plena medida da minha gratidão e apreço pelo trabalho e pelas inspirações de Hipácia, e por outras valiosas ajudas, incluindo a obtenção de testemunhas capazes de testemunhar ou trazer provas dignas de inclusão neste livro. Do princípio ao fim, Hipácia foi a minha sincera colaboradora na compilação desta obra. Sinto, portanto, que é apenas apropriado — recordando também que o livro foi sugestão sua, assim como o seu título — que ela apresente aos leitores as suas palavras finais quanto à sua visão acerca da missão desta obra.

Em conclusão:

Estas são as coisas que alcancei enquanto subi com cuidado, até atingir este conforto no ocaso dos meus anos. Deixei agora de sentir a dúvida e os temores que a acompanham, que atingem a maioria dos homens cá em baixo.
Sinto, percebo e penso que é verdadeiro tudo o que vos apresento como factos.

HIPÁCIA CONTRIBUI COM AS FRASES FINAIS

"Todo o mortal, aqui ou além, tem o sincero desejo de saber; e eu também, tendo vivido outrora no plano terrestre, sofri pela verdade tal como me foi revelada, mesmo até à morte; e, desde que fui libertada, procurei um instrumento através do qual pudesse entrar em melhor contacto com a humanidade e ensinar-lhes aquilo que aprendi acerca da verdade.

Cada alma humana deve, como um átomo do todo, avançar por si mesma, de acordo com a vontade do Pai Celestial, que providenciou para cada um, quer subam quer caiam; contudo, como as trepadeiras, acabamos por subir até à grande luz da Alma

Universal. Começamos como partes do grande todo; e alcançamos ao longo dos nossos caminhos, pelo esforço, as coisas pelas quais rezamos.

Tal como as trepadeiras se elevam ao longo de um muro, assim nós ascendemos pelo conhecimento no caminho da vida, superando obstáculos e alcançando assim aquela altitude de esperança onde sentimos a Alma Universal ou o Pai a conceder-nos verdades que podemos compreender.

As nossas almas, como trepadeiras, estendem gavinhas que se entrelaçam com a verdade que encontramos ao longo do caminho, e assim acrescentam ao nosso poder de atingir um plano mais elevado. Os nossos anseios por conhecimento, o nosso desejo de saber, são passos através dos quais recebemos apoio dos Guias.

Este livro destina-se a ser um guia para a mente que procura. "Dawn of the Awakened Mind" é um muro de factos; e como tal é enviado aos pensadores desta época. Ao percorrer cada página, ela dir-vos-á como encontrar o caminho para o conhecimento que Deus ou o Espírito Infinito concedeu a toda a humanidade, para aprender como a vossa própria alma pode estender-se em busca da verdade que vos ensina este grande facto: que o homem não está contido no seu cérebro. A alma, a flor, o fruto da vida, cresce dentro do corpo humano até que a sua jornada na Terra esteja concluída e esteja pronta para atravessar aquilo a que se chama morte, entrando nessa vida mais ampla onde possui maior poder para fazer o bem a todos.

Escrevi esta verdade através de ti, meu querido instrumento; e manifestei a minha presença através de muitos médiuns de diferentes fases e em muitos lugares distintos, a fim de demonstrar esta verdade.

Rogo aos grandes e exaltados seres da vida espiritual que me ajudem a estar com os grandes pensadores, para que eu possa, juntamente com esses grandes pensadores — cujos escritos aparecem nestas páginas — ser útil aos homens da Terra, provando que os espíritos regressam à Terra.

Rogo para que a escuridão da dúvida se dissipe, enquanto "Dawn of the Awakened Mind" traz verdade e luz àqueles que nasceram cegos na sua mente perante esta grande verdade.

A continuidade da vida torna toda a vida completa e prova que os espíritos podem e de facto regressam e escrevem a toda a humanidade.

Eu, líder do grupo que rodeia este médico que escreveu este livro, envio-vos, por meio dele, a minha sincera prece de que toda a escuridão da ignorância desapareça eternamente."

HIPÁCIA.

ESCRITA INDEPENDENTE EM ARDÓSIA

ADENDA

Estes aditamentos tornam-se um elo de ligação entre este livro e novas revelações de algumas das exaltadas inteligências espirituais aqui mencionadas. Compreendem breves saudações e indicações de parentes, amigos e inteligências das esferas superiores. Estas escritas em ardósia da fase "Independente" foram obtidas através da amável cooperação e influência de Hipácia, minha principal guia e professora, conforme o meu pedido escrito deixado na minha secretária para que ela o lesse; e que — como se verá mais adiante — ela cumpriu na íntegra. Revelar-se-á de profundo interesse do princípio ao fim.

Concluí que estas escritas independentes em ardósia, pela primeira vez para mim, como um teste sem paralelo, tanto quanto sei, corroborariam ou fortaleceriam provas anteriores já registadas, especialmente aquelas que aqui poderiam ser apresentadas com o auxílio da foto-gravura das ardósias contendo a evidência escrita nelas, sob a própria assinatura de cada autor. Os meus próprios comentários seguem no final de cada sessão.

Quando o trabalho de compilação do meu livro terminou, decidi dar aos leitores, nestes aditamentos, os detalhes de três sessões, ou experiências individuais com escrita independente em ardósia. Para esse propósito escolhi o médium Pierre L. O. A. Keeler, com quem nunca antes tivera uma sessão; mas, sendo ele geralmente reconhecido como o melhor da América nessa fase ou classe, escolhi-o para um bom teste; e posteriormente revelou-se um teste invulgarmente bom e satisfatório; e, ao mesmo tempo, uma surpresa até para este médium experiente, como ele próprio me expressou no final da minha terceira sessão de meia hora, quando se apercebeu de quais tinham sido os resultados totais reais.

DETALHES DA PREPARAÇÃO ENQUANTO AINDA EM MINHA CASA

Primeiro escrevi uma lista daqueles de quem mais desejava ouvir e que provavelmente exigiriam o tempo de três sessões de meia hora cada, numerando-os por ordem de 1 a 20.
Escolhi esses vinte entre centenas de inteligências espirituais de diferentes esferas, com as quais mantive comunhão ao longo de anos passados, em diferentes ocasiões, em diferentes lugares e através de diferentes fases de mediunidade, cobrindo um período total de cerca de vinte e cinco anos.

Todos os da lista — exceto o meu filho — tinham utilizado mais de um médium, alguns até cinco ou seis diferentes, com outras tantas fases distintas; enquanto todos os meus entes queridos, os meus amigos da investigação psíquica e os meus guias — constituindo quinze dos vinte selecionados — encontraram-se comigo face a face na sua expressão terrena, alguns deles várias vezes, no corpo materializado mas transitório, e falaram com os órgãos vocais desse corpo.

Mas, de todos eles, a minha Guia Principal e Professora, Hipácia, deu-se a conhecer em Inglaterra, no Canadá e nos Estados Unidos da América. No lado ocidental do Atlântico foi vista e ouvida por dezenas de pessoas, incluindo vários parentes e

amigos da minha própria cidade e província, e de outros lugares, incluindo também o Coronel N— da província do Quebec; e ditou mensagens a alguns deles — incluindo o meu amigo do Quebec — pedindo-lhes, em cada caso, que levassem essa mensagem de volta até mim.

Tendo completado a minha lista de vinte, escrevi em seguida o meu pedido à minha Guia Principal, Professora e Colaboradora, como qualquer estudante na vida terrena naturalmente faria quando necessita da cooperação desse professor.

PEDIDO ESCRITO A HIPÁCIA

Toronto, terça-feira, p.m., 21 de Agosto de 1917.

A Hipácia,
Minha Guia Espiritual, Professora e Auxiliadora.

Na lista que acompanha encontram-se os meus entes queridos, amigos, guias espirituais, colaboradores e seres exaltados das esferas superiores, de quem espero receber saudações através de escrita em ardósias dirigidas a mim, independentemente da mão direta de um médium, quando eu estiver na casa de Pierre L. O. A. Keeler, em Lily Dale, enquanto me encontrar nesse local de veraneio espiritualista.

Quererá, por favor, convidá-los a encontrar-se comigo ali e a satisfazer o meu pedido? Poderá igualmente solicitar a George Christie (o Controlador de Keeler) que me conceda as sessões com Keeler suficientes para que eles o façam?

Compreendo plenamente o quanto estou sempre em dívida para consigo nas minhas investigações psíquicas e nas minhas experiências, pela sua valiosíssima cooperação. Ficarei grato a si e a George Christie se este privilégio me for concedido.

Um amigo pessoal meu nesta cidade (Prof. S.) expressou uma vez dúvidas quanto ao facto de ser verdadeiramente a mesma Hipácia, a filósofa neoplatónica da referência histórica grega e egípcia; e quanto a ter sofrido o martírio em Alexandria; e disse que, antes de se convencer, gostaria de ficar satisfeito de que poderia ler, escrever ou falar na língua grega daquele tempo. Assim, como a próxima ocasião será de escrita independente em ardósia, ficarei muito satisfeito se escrever algo que eu possa mostrar a ele e a outros, escrito na escrita grega da época em que viveu na Terra e esteve ativa como professora. Isso poderá talvez convencê-lo a ele e aos outros.

Tenho procurado — ao compilar o meu livro — provar que tudo o que nele afirmei acerca de assuntos psíquicos é correto e verdadeiro.

Saudações ou comunicações por escrita independente em ardósia são, portanto, por mim solicitadas a cada um dos vinte que estou a nomear; e todos eles, como sabe, escreveram (com exceção do meu filho) através da mão da Srta. Gates, a quem — com o seu consentimento — denominei ou designei como “O Telefone Psíquico Humano” e, além disso, como os leitores do meu livro terão observado, comunicaram através de

várias fases da mediunidade, principalmente materialização, fala por trombeta, escrita automática e estado de transe; em suma, vinham ter comigo sempre que qualquer porta psíquica lhes estava aberta. ..

Antevejo que o resultado de todos estes convidados escreverem as suas saudações nas ardósias e assinarem os seus nomes ao que escreverem será geralmente aceite pelos leitores como uma prova muito invulgar; e, ao mesmo tempo, como evidência muito convincente de que os espíritos podem e efetivamente comungam com aqueles que se encontram no plano terrestre; ao passo que, sem dúvida, isso se revelará uma surpresa excecional até para o próprio experiente Sr. Keeler, o psíquico.

Sinceramente e com confiança,
Seu protegido,
JoHN S. KING"

A LISTA DE CONVITES

Segue-se toda a lista de convites, embora eu aqui e agora estenda pessoalmente o primeiro deles, de imediato, a si, minha Guia Principal, Professora e Colaboradora, ao longo dos muitos anos passados das minhas investigações psíquicas.

N.º 1. Hipácia, Guia Principal e membro do Grupo de Espíritos.
N.º 2. Egyptia, Guia, Guardiã e membro do Grupo de Espíritos.
N.º 3. Asia, Guia, a mais antiga, e membro do Grupo de Espíritos.
N.º 4. "May", Esposa, passou para os Reinos do Espírito em 29 de Setembro de 1911.
N.º 5. G. H. S. King, Filho, passou para os Reinos do Espírito em 14 de Novembro de 1916.
N.º 6. "May Donna", passou para os Reinos do Espírito ainda criança, e assim nomeada pelos Anjos.
N.º 7. Stephen King, meu pai, passou para os Reinos do Espírito em 1894.
N.º 8. Margaret P. King, minha mãe, passou para os Reinos do Espírito em 1886.
N.º 9. Frederick Myers, investigador psíquico de Inglaterra.
N.º 10. Prof. James, da Universidade de Harvard.
N.º 11. Wm. T. Stead, amigo por correspondência em vida, agora Auxiliador.
N.º 12. Otelleo, Guia e Auxiliador do Grupo de Espíritos.
N.º 13. Omar, Guia e membro do Grupo de Espíritos.
N.º 14. Electra, Guia, Guardiã e membro do Grupo de Espíritos.
N.º 15. Cleopatra, Guia, Auxiliadora e membro do Grupo de Espíritos.
N.º 16. Eldemar, Espírito Avançado.
N.º 18. Edward, um Rei da Grã-Bretanha e Irlanda.
N.º 19. Victoria, uma Rainha da Grã-Bretanha e Irlanda.
N.º 20. Hon. George Brown, Editor e Proprietário de The Globe.
Chamava-me filho, enquanto eu fazia parte da sua equipa, 1869-70.

Sinceramente e com confiança
aguardo a resposta,
JoHN S. KING.

Em seguida, coloquei o meu pedido escrito e a lista de convites lado a lado sobre a secretária do meu escritório, diante de mim, para que Hipácia os lesse e tomasse conhecimento daquilo que eu desejava ainda estabelecer; e isso era, na verdade, tudo o que era necessário fazer.

ALGUMAS PREPARAÇÕES ADICIONAIS QUE FIZ

Tinha sabido, incidentalmente, ao longo do tempo, por alguns dos frequentadores deste médium, cada qual pela sua própria experiência numa sessão, quais as instruções que recebiam e o que lhes era exigido fazer; e verifiquei que o procedimento era muito simples. De posse dessa informação, utilizei um bloco de escritório com folhas em branco de igual tamanho. Em cada uma de vinte folhas escrevi um dos vinte nomes da lista de convites, de modo que cada folha fosse diferente de todas as outras. Além disso, em alguns casos, acrescentei abaixo do nome uma pergunta; em algumas das restantes escrevi simplesmente: “Escreve o que desejas que eu saiba”; ao passo que outras ficaram para que escrevessem o que quisessem sem qualquer sugestão da minha parte. A

ssim, quando terminei de escrever, dobrei separadamente cada uma das vinte folhas com uma única dobra; e coloquei-as pela ordem do seu número na lista, umas sobre as outras, atando as vinte com um pequeno cordel; e pus o maço num envelope, que coloquei num bolso interior fundo do meu colete, do lado direito do corpo. Noutro envelope coloquei o pedido escrito e a lista de convites, para Hipácia; e este, por sua vez, foi depositado num bolso semelhante do colete, do lado esquerdo, ambos os envelopes em lugar seguro, aí permanecendo até serem necessários, e entretanto ficando magnetizados pelo meu corpo, para assim estarem prontos para as ardósias magnetizadas do médium.

A CAMINHO DE LILY DALE

Na quinta-feira, 23 de Agosto, às 9h30 da manhã, o meu estimado e confidencial amigo — ele próprio um neófito — passou para me buscar com o seu automóvel para duas pessoas; e partimos a passo tranquilo na nossa viagem revigorante e aprazível de cerca de 170 milhas, chegando ao nosso destino — Lily Dale, a estância de Verão espiritualista — entre as colinas divisórias das águas do oeste do Estado de Nova Iorque, a uma altitude de cerca de 1.200 pés acima do Lago Erie, às 10h30 da manhã de 24 de Agosto de 1917.

ENTREVISTA COM PIERRE L. O. A. KEELER

Poucos minutos após a nossa chegada, encontrávamo-nos ambos na presença deste médium de escrita independente em ardósia, através de cuja constituição psíquica se obtêm experiências verdadeiramente maravilhosas. O nosso objetivo principal, naquele momento, era garantir a marcação das sessões desejadas para estes fenómenos, antes de obter alojamento aceitável e um local de abastecimento de comida. A conversa começou quando entreguei ao Sr. Keeler um pequeno embrulho, endereçado a ele por um dos seus frequentadores em Toronto, que me tinha sido confiado para lho entregar.

Tendo concluído esse ato, sugeri imediatamente que tanto o meu amigo como eu desejávamos a marcação de sessões. Disse eu: "Falando por mim, desejo que me sejam marcadas três sessões separadas, e o mais cedo possível, enquanto o meu amigo aqui está e pode falar por si próprio."

A resposta do Sr. Keeler foi: "Não posso dar a nenhum dos senhores uma sessão antes do próximo domingo à tarde, 26 de Agosto, às 2 horas. Um de vós pode seguir-se ao outro imediatamente depois de concluída a primeira."

Disse então eu: "Hoje é sexta-feira de manhã e eu pessoalmente quero três sessões ao todo, e desejo as três assim que me puder marcá-las."

A esta observação o Sr. Keeler respondeu: "A maior parte das pessoas não obtém mais de três ou quatro escritos numa sessão, embora algumas obtenham cinco, seis ou sete; mas não me lembro de alguém ter obtido tudo o que pediu ou esperava." Esse foi, para mim, o seu modo cortês de assinalar a minha presunção.

O Sr. Keeler lançou-me um olhar de surpresa perante a minha persistência em pedir que fossem marcadas três sessões; ao passo que eu, do meu ponto de vista, estudava a sua expressão facial, com o objetivo de determinar se o seu controlo lhe estaria a dizer por clariaudiência, ou a impressionar-lhe a mente, qual teria de ser o arranjo; ou se tal já teria sido decidido pelo seu próprio controlo (George Christie) e pela minha guia e professora Hipácia. Depois de recuperar do olhar de surpresa que o meu pedido aparentemente lhe provocara, disse: "Está à espera de mais do que provavelmente obterá", e aventurou-se a perguntar-me: "Já alguma vez teve antes uma sessão comigo para escrita em ardósia?"

"Nunca!", foi a minha pronta resposta.

A esta resposta seguiu-se, com a mesma prontidão, a sua indicação: "Pode não receber mensagem alguma, e eu não posso garantir nada."

Isto foi ainda reforçado com a sugestão de que "é bastante provável que aqueles que espera não escrevam; enquanto outros, inesperados, podem vir e escrever em seu lugar. Em todo o caso, é igualmente provável que uma só sessão se revele suficiente para todos os que escreverem para si."

Fiz então uma afirmação algo mais ousada no nosso amistoso diálogo, dizendo-lhe que "espero confiadamente aqueles que tenho em mente; e, mais ainda, sinto-me certo de que consumirão o tempo de três sessões."

O Sr. Keeler, o homem bem-disposto que realmente parece ser, endireitou-se então e perguntou-me, assumindo uma atitude de "São Tomé incrédulo": "Quantos escritores espera que escrevam nas ardósias para si?"

Modelei a minha resposta a esta pergunta da seguinte forma: "Tenho no bolso uma lista de vinte nomes de quem desejo ouvir; e espero com confiança que todos e cada um dos vinte escreverão para mim nas ardósias."

No seu semblante li o pensamento de que eu era um homem muito presunçoso, e deu voz ao que indicava a sua incredulidade na minha previsão. Mas ele mal sabia — com toda a sua experiência — que influência estava a atuar em meu favor; ao passo que a minha confiança em Hipácia e no seu grupo de espíritos é firme como uma rocha, pois eu sabia que ela e o seu grupo podiam e haveriam de levar a pleno cumprimento os propósitos expressos no meu pedido escrito feito três dias antes, porque há muito tempo já provara, para além de qualquer dúvida, a capacidade, o poder, a fiabilidade e a influência de Hipácia; e, portanto, já não alimento dúvidas quando ela coopera comigo nos meus esforços para provar à humanidade as verdades da vida e a intercomunhão dos que pertencem às esferas da Terra e do espírito.

Notei que o semblante do Sr. Keeler mudou após a minha resposta enfática à sua última pergunta e, com poucas palavras, comentou, enquanto folheava o seu livro de marcações: "Suponha que espera para ver o que obtém na sua primeira sessão, pois neste momento não lhe posso marcar senão uma sessão a cada um, para si e para o seu amigo. Vou inscrever o seu nome para as 2 horas da tarde de domingo, 26 de Agosto, e o seu amigo imediatamente após a conclusão da sua própria sessão."

Depois de lhe agradecermos a marcação, o meu amigo e eu saímos e não voltámos a vê-lo até ter chegado a hora marcada para a minha sessão.

ESCRITA INDEPENDENTE EM ARDÓSIA

A MINHA PRIMEIRA SESSÃO

Antes de ter chegado a hora da minha primeira sessão, ocorreu-me que havia outros que frequentemente tinham comunicado através da escritora automática, "O Telefone Psíquico Humano", e também através de trombetas, cujos nomes eram, em vida terrena, familiares de um e do outro lado do Atlântico; e que podiam, por acaso, estar presentes neste grande local de concentração, embora não constassem da minha lista de convidados — e não tivessem sido deliberadamente ignorados! Não pedi a Hipácia que os incluísse no convite; contudo, se o tempo e a oportunidade o permitissem, eles, juntamente com os outros, seriam igualmente bem-vindos.

Quando os nomes passaram do meu espírito subjetivo para o meu espírito objetivo, não hesitei, antes preparei mais três folhas, contendo cada uma um nome, e foram os três seguintes, a saber: Prof. Thompson J. Hudson, William Stainton Moses e Dr. Richard Hodgson. Estas foram então acrescentadas ao maço, perfazendo vinte e três nomes ao todo.

A SÓS COM O PSÍQUICO. PRIMEIRA SESSÃO

Apresentei-me pontualmente à hora que me fora marcada. A sala tinha, a julgar pela vista, 12 x 14 pés, aproximadamente. Havia duas portas e ambas estavam abertas; tal como duas janelas, a do lado oeste aberta, pela qual entrava bom ar puro, bem como os raios do sol, quando não interrompidos pela passagem de nuvens. A outra janela, ao sul, sendo de vidro colorido, apresentava toda a cor que descobri dentro das quatro paredes; e pode possivelmente ter fornecido a matéria colorante incorporada nas assinaturas de alguns dos Espíritos Avançados que escreveram para mim. (Isto é apenas uma conjetura, pois há outras fontes de onde os Espíritos do Reino da Levitação trazem matéria colorante dos tipos argilosos.)

Do lado sul da mesa sentava-se o médium, enquanto a mim foi concedida a cadeira vazia do lado norte; e assim ficámos frente a frente, com uma mesa comum entre nós, numa das extremidades da qual estava uma pilha de ardósias, que ele afirmava terem sido magnetizadas.

O tempo ocupado por uma sessão é geralmente de meia hora, mais ou menos, pela qual é exigida uma quantia de 2,00 dólares; e todas as ardósias em que se escreve são pagas à razão de dez cêntimos cada e levadas pelos consulentes.

As ardósias sobre a mesa eram todas do mesmo tamanho e aparentemente novas, sem qualquer escrita. O Sr. Keeler declarou voluntariamente que "todas as ardósias são semelhantes em tamanho em cada lote encomendado". A superfície destinada à escrita media 5 x 7 polegadas. Num pequeno prato junto às ardósias encontravam-se as pontas ou fragmentos de lápis de ardósia macios e de cor clara, cada um com cerca de um quarto de polegada de comprimento, e de uma qualidade mais macia do que as ardósias; e destinavam-se ao uso dos espíritos escritores.

Uma esponja macia e húmida estava igualmente junto das ardósias para ser usada na limpeza da sua superfície.

O Sr. Keeler instruiu-me a "limpar um par de ardósias e depois examiná-las"; e cumpri a sua instrução, pois esfreguei a superfície delas com a esponja húmida, para remover qualquer pó ou marca, mas não encontrei nada; embora incidentalmente, enquanto conversava, tenha continuado a operação até tratar seis ardósias; e fiquei satisfeito de que eram novas e desprovidas de quaisquer marcas ou outro dispositivo ou artifício, mesmo para ilusionismo, que pudesse produzir a espécie particular de prova que eu esperava receber. A esse respeito, posso aqui acrescentar que estou absolutamente convencido de que os prestidigitadores nunca podem competir com êxito com o poder espiritual.

O Sr. Keeler instruiu-me ainda a escrever cada nome daqueles que eu esperava em tiras de papel separadas, e depois dobrar uma vez cada um dos papéis escritos. Eu era um estudante recetivo, mas naquele momento, quando sugeri que já tinha aprendido essa parte do procedimento com um dos seus frequentadores na cidade de Toronto, e que assim os tinha preparado em conformidade antes de ter conseguido a presente sessão, perguntei: "Servem assim?"

A sua resposta — quando retirei o maço, contendo agora os vinte papéis originais e os três acrescentados — foi: “Sim, servem; mas retire o cordel do maço e espalhe os papéis frouxamente em grupo sobre a mesa entre nós” (o que fiz), “e alguns deles poderão vir e escrever.” Olhei para o meu relógio e, por esse momento, a meia hora estava rapidamente a esgotar-se; e, no entanto, não se ouvira um único som, nem se sentira qualquer vibração nas ardósias que indicasse a presença de um escritor.

O Sr. Keeler aventurou-se a dizer, olhando-me fixamente nos olhos: “Parece não estar aqui ninguém pronto para escrever para si nas ardósias”; mas, no exato momento em que colocava a forte banda de borracha em volta das duas ardósias entre nós, sobre a mesa, a escrita começou, e ele disse apressadamente: “Segure nas ardósias, como eu, com ambas as mãos, e aperte as molduras uma contra a outra para excluir a luz”, o que fiz. A escrita estava evidentemente a ser feita muito rapidamente na ardósia de baixo, e as vibrações eram sentidas pelos dedos sob a ardósia inferior; depois ouviu-se uma pancada distinta, como de um lápis, significando “ardósia cheia”.

As duas ardósias foram imediatamente invertidas, continuando a escrita na agora ardósia inferior, até nova pancada, significando “ardósia cheia”, e ambas as ardósias foram pousadas. Introduzindo rapidamente outra ponta de lápis entre um segundo par das seis ardósias que eu tinha limpo, sem acrescentar a banda de borracha, que continuava em volta do primeiro par e ali permaneceu; segurámos este segundo par como no primeiro caso, começando a escrita no momento em que agarrámos as ardósias, e em poucos segundos pancada, inversão, mais escrita na ardósia inferior; pancada, ardósias pousadas. Um terceiro par, um ou dois momentos depois, e a escrita mais rápida à medida que o tempo avançava, uma pancada, seguida de inversão, e depois silêncio — cinco ardósias escritas. Tempo de escrita: menos de cinco minutos.

Concluída a escrita, as cinco ardósias foram por mim arrumadas na devida ordem, tal como haviam sido escritas e assinadas por cada autor, dos quais eram dez, pois foi esse o número de assinaturas contadas. Quando li esses nomes e, com expressão contida, observei simplesmente: “Pois bem, Sr. Keeler, já aqui estão dez mensagens, cada uma assinada por aqueles que eram esperados até agora, e isso satisfaz-me.”

“É maravilhoso”, exclamou ele, ao lançar-lhes um olhar rápido, embora não as tivesse examinado.

Embora a escrita em ardósia estivesse, por ora, concluída, não fiz qualquer referência ao que Hipácia dissera ou fizera a esse respeito. Nem sequer insinuei que ela tivera a sua entrevista com o controlo do Sr. Keeler, nem dei a entender que este último instruíra o Sr. Keeler quanto às duas sessões restantes, embora fosse evidente, na sua própria escrita em língua inglesa, tal como feita na ardósia durante a sessão, que ela, Hipácia, estava a convocar os convidados para as 3 e as 5 horas da tarde de amanhã, segunda-feira.

Passei então a embrulhar as ardósias e, quando me preparava para sair, perguntei novamente ao Sr. Keeler se me poderia marcar as outras duas sessões que tanto desejava.

Sem hesitar, abriu o seu pequeno livro e imediatamente me marcou sessões para as 3 e as 5 horas do dia seguinte — segunda-feira.

Saí então e levei comigo as minhas cinco ardósias num embrulho envolto em papel. Também voltei a guardar os 23 papéis dobrados — cada um com o nome de um convidado escrito — no envelope e no bolso.

O meu amigo entrou e, depois de uma sessão de meia hora, saiu satisfeito com os resultados que obtivera.

Examine agora a prova fornecida pela escrita em ardósia em quatro das cinco ardósias, aqui reproduzidas por fotogravura, e veja se ela prova alguma coisa.

OS MEUS COMENTÁRIOS SOBRE OS ESCRITOS

A primeira convidada a responder foi a n.º 8 da lista para Hipácia ler — a minha mãe, que primeiro regressou a mim como espírito no seu corpo materializado em London, Ontário, em 1894, cerca de oito anos após "passar para o outro lado"; e então conversou comigo, e muitas vezes desde então, de modo semelhante; e também falou através de trombetas; e igualmente escreveu através de "O Telefone Psíquico Humano", como terá sido notado no livro. O mesmo se aplica à minha filha, que é a n.º 6 da lista de convites.

Cada uma delas escrevia ao mesmo tempo, ambas começando no centro da ardósia e escrevendo ao comprido sobre ela, e paralelamente aos seus lados, mas ambas terminando à medida que se aproximavam do seu próprio lado da ardósia. O que cada uma delas escreveu era de carácter afetuoso. A filha desenhou também uma flor em flor, que se relacionava com o que me dissera alguns meses antes através de uma trombeta, a saber: que eu faria uma viagem enquanto as flores estivessem em flor; e teria uma surpresa, o que se confirmou por ocasião do meu encontro, no chão do grande auditório, com uma médium com quem eu me sentara muitos anos antes, mas acerca da qual durante muito tempo eu acreditara que tinha "passado para o outro lado". A surpresa teve um carácter agradável e levou à renovação de experiências anteriores.

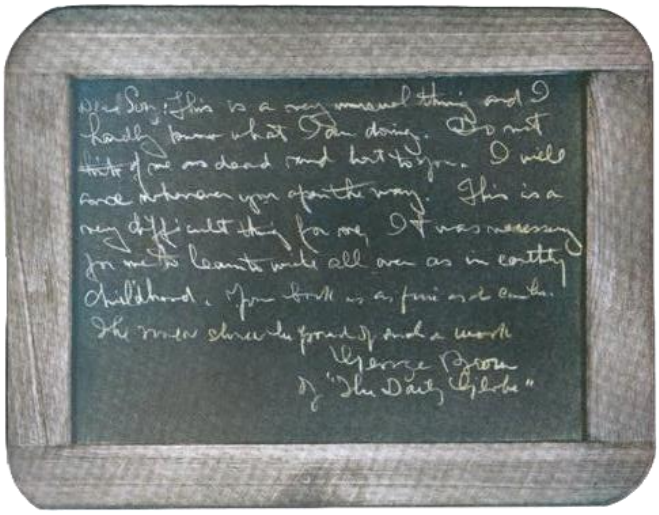
O terceiro convidado a responder na ardósia foi o n.º 20 da lista de convites; e, por fotogravura, a escrita é aqui reproduzida. O Exmo. George Brown, líder do Partido Reformista do Alto Canadá antes da confederação, e editor e proprietário do Daily Globe, que foi editor-chefe e me empregou na equipa em 1869 e 1870; e que me tratava por "filho"; e de quem recebi consideração paternal. Aqueles que ainda vivem e estão familiarizados com a sua escrita podem comparar a sua antiga assinatura com a que está na ardósia e encontrarão satisfação em fazê-lo. Foi o que eu fiz, e fiquei satisfeito. Ele já me escrevera antes através da mão de um escritor psíquico, enquanto na ardósia se trata de escrita independente, audível ao ouvido enquanto eu segurava a ardósia.

O meu quarto convidado foi o meu pai, que figura como n.º 7, e escreveu na terceira ardósia, ou na segunda aqui reproduzida; e, tal como no caso da minha mãe, deu-se a conhecer pela primeira vez na mesma ocasião, e de forma semelhante à dela — ver os primeiros capítulos do livro. Refere-se aos seus antigos esforços em vida para

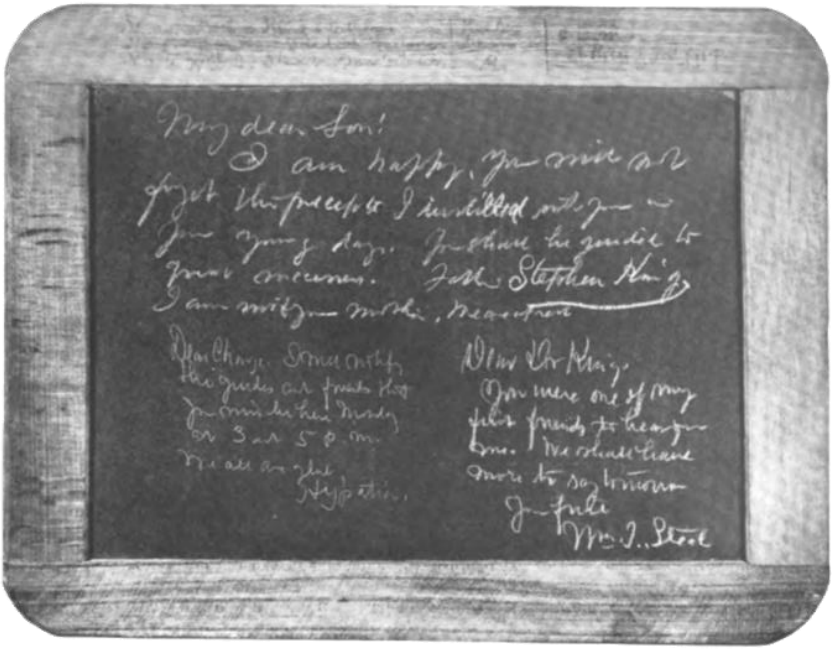
incutir na minha mente as opiniões ortodoxas, de que bem me lembro, pois ele era ministro reconhecido da denominação presbiteriana e frequentemente dialogava comigo acerca de credos e dogmas.

A minha quinta comunicação foi a n.º 1 da lista original, e é a indicação da minha Guia Hipácia, em língua inglesa, de que ela tinha tratado da marcação da minha segunda e terceira sessões com o controlo de Keeler, embora o Sr. Keeler, até ao fim da sessão, não me tivesse dito quando, se é que o faria, me seriam marcadas a segunda e a terceira sessões. Esta nota foi escrita para me dar a conhecer que ela estava a cumprir o que eu lhe pedira e para me tranquilizar, de modo a que eu não ficasse desapontado.

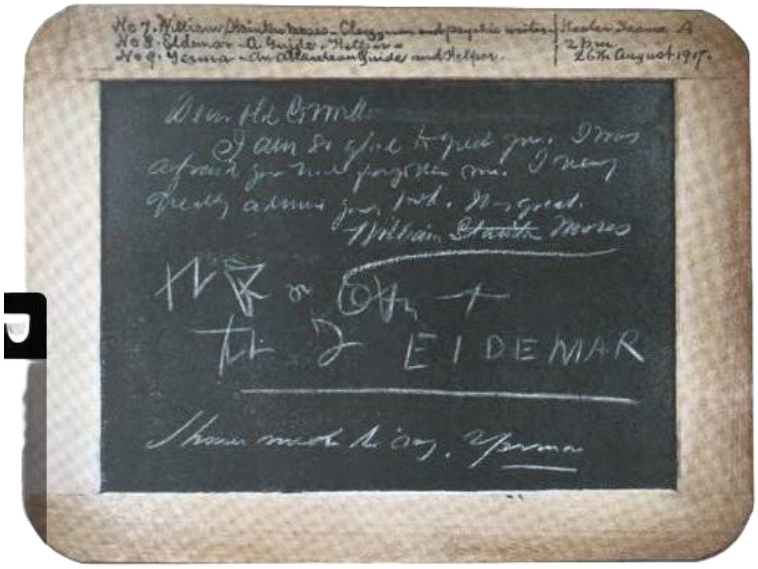
O meu sexto convidado foi o meu antigo amigo por correspondência e actual auxiliador, Wm. T. Stead, que era o n.º 11 da lista. A sua visita foi breve, mas prometeu que voltaria amanhã, de modo que Stead também devia saber do acordo entre Hipácia e George Christie, o guia de Keeler.



Primeira Sessão, segunda lousa
Nº 3 Hon. George Brown



Primeira Sessão, terceira lousa
Nº 4 Stephen King, pai do autor
Nº 5 Hipácia, guia espiritual do autor
Nº 6 William Stead



Primeira sessão – quarta Lousa
Nº 7 Wiliam Stainton Moses
Nº 8 Eldemar, Guia Avançado
Nº 9 Yerma, Espírito avançado

Primeira sessão
Nº 10 Frederick yers, Presidente da Sociedade de Pesquisa Psíquica

Aquele que veio em seguida como meu sétimo convidado não era um dos vinte originais, mas um dos três nomes acrescentados que pus no maço que espalhei sobre a mesa no início da sessão, e mostrava-se evidentemente satisfeito por saber que os seus amigos, na velha Inglaterra, teriam interesse em examinar uma carta sua, escrita como escritor independente, sem usar a mão de um psíquico. Isto deverá revestir-se de interesse para a sociedade que o fez um dos seus oficiais honorários, embora pertencendo às esferas do espírito. Apresentou-se-me pela primeira vez através de uma trombeta em 1911, e depois utilizou como instrumento "O Telefone Psíquico Humano" para nova comunicação comigo.

O oitavo visitante que me procurou foi o décimo sexto da lista de convites. É um guia, professor e auxiliar proveniente das esferas avançadas do espírito e membro da "Fraternidade da Luz". O seu interesse no meu trabalho há de continuar. O que escreveu estava em cor vermelha. Dou a tradução inglesa da sua mensagem.

O nono na ardósia é o n.º 17 da lista original; e a sua brevidade é, para mim, uma indicação do que tenciona fazer, pois tenho uma promessa anterior que me fez, relativa a comunicações importantes, que ainda estão por ser feitas. Já comunicou várias vezes através de trombeta e através de escritora automática.

Aquele que escreveu em seguida foi o n.º 10 na primeira sessão, embora n.º 9 na lista original; um nome honrado em Inglaterra como investigador psíquico; e tem estado muito comigo durante a compilação do meu livro, no qual por várias vezes manifestou o

seu profundo interesse. Alguém em Inglaterra deverá poder comparar a sua escrita na ardósia com a sua produção quando se encontrava na esfera mundana.

Convida-se o leitor a notar o facto de que, dos vinte convidados originais, nove deles vieram em resposta ao meu convite, na primeira sessão, ao passo que o décimo foi um dos três a quem posteriormente se proporcionou uma oportunidade; com o que me sinto extraordinariamente grato, e a todos agradeço de coração.

ESCRITA INDEPENDENTE EM ARDÓSIA.

A MINHA SEGUNDA SESSÃO.

Antes de tratar da sessão, o leitor desculpar-me-á se eu narrar uma experiência pessoal que vivi antes de ir cumprir o meu compromisso das 3 horas com o Sr. Keeler — pois a prova de um homem distinto, sob a sua própria assinatura, refere-se a ela na sessão que tive no decurso de duas horas após a sua ocorrência.

A viagem a Lily Dale, combinada com a atmosfera pura e outras condições salutares, foi conjuntamente responsável por me induzir um apetite vigoroso, que se desenvolvia rapidamente ao fim de três dias. Assim, quando tomei o meu almoço, que incluía um apetitoso pedaço de carne assada de porco fria, o qual não foi muito bem recebido pelo meu estômago pouco razoável, por não estar habituado a ela, comecei em breve a sentir que estavam presentes condições anormais e sugeri ao meu amigo que déssemos um passeio pela mata até ao que era conhecido como "o antigo recinto de reuniões campais dos espiritualistas de outrora", e víssemos e ouvíssemos o que ali se passava; e eu mostrar-lhe-ia o cepo de uma grande árvore da floresta, que constituía a plataforma para oradores vindos de todos os pontos cardeais, incluindo o canadiano que então lhe falava. A esta proposta ele anuiu de imediato, e partimos sem demora. Quando nos aproximávamos do lugar, eu sofria cada vez mais severamente do que geralmente se chama "indigestão aguda", e com alguma dificuldade consegui em breve alcançar um lugar sentado no círculo de pessoas que estavam interessadas num lavrador da Pensilvânia que, sob o controlo de um índio, curava os doentes. Este lavrador, e psíquico não profissional, aproximou-se do grupo onde o meu amigo e eu estávamos sentados; e, estando ele no seu estado normal, perguntei-lhe: "Pode um índio canadiano controlá-lo?" Respondeu: "Sim." Chamei então em meu auxílio o Chefe Tecumseh, que comandou as forças índias como aliado do exército britânico na guerra com os americanos, e que tombou numa ação perto de Chatham, Ontário, onde, em honra dos seus serviços, hoje se ergue um monumento nessa cidade. Já falei com o seu espírito, tendo ele usado uma trombeta mais de uma vez, ocasião em que me informou ser um de vários que compunham o meu grupo índio de auxiliares.

Chamei também Gray Feather, controlo de J. B. Jonson, de Toledo, que no passado conversara frequentemente comigo e controlara um médium de trombeta em duas ocasiões para mim. O primeiro a chegar e a controlar o psíquico lavrador foi Tecumseh, que primeiro me apertou a mão, e depois colocou as mãos sobre a minha

região epigástrica, e em breve senti melhoras. Apresentei-o ao meu amigo. Imediatamente depois chegou Gray Feather e controlou o psíquico lavrador. Dirigiu-se logo ao meu amigo, a quem apertou calorosamente as mãos, pois já o conhecia. Depois disse, à sua maneira própria de falar inglês: "Eu tão contente ver aqui você com meu amigo o doutor", e veio então diretamente a mim e fez o que Tecumseh fizera. Ambos mereceram e receberam os meus agradecimentos, pois o mal-estar desaparecera e eu estava apto a comparecer ao meu encontro com o Sr. Keeler às 3 da tarde.

O escritor na ardósia, o Prof. James de Harvard, referiu-se à causa do meu sofrimento quando escreveu na ardósia. Tudo isto vem estabelecer o facto de que os espíritos daqueles que outrora foram como nós somos, se encontram agora à nossa volta como espíritos ministrantes, e sabem tudo acerca de tudo aquilo em que estamos envolvidos.

Esta narrativa poderá revelar-se um bom condimento no rico alimento psíquico destinado às mentes dos que buscam a verdade, fornecido a partir do vasto reino do conhecimento espiritual.

Sentei-me pontualmente para a minha segunda sessão às 3 da tarde, em 27 de Agosto, de acordo com a marcação que me fora feita após a indicação que recebi da nota de Hipácia na ardósia da primeira sessão.

Coloquei primeiro, uma vez mais, os meus papéis preparados sobre a mesa, um pouco à esquerda da minha frente, mas sem aqueles que tinham trazido as respostas na primeira sessão. Seguiu-se o mesmo procedimento, salvo que a forte banda de borracha foi posta de parte como impedimento, pois, com as ardósias mais convenientemente colocadas aos pares, e com as pontas de lápis no seu lugar, eu estava pronto, quando o sinal da escrita começasse, para ser plenamente responsável por que a minha preensão de uma metade das molduras das ardósias fosse muito mais forte do que a de uma banda de borracha; e mais apta a manter as molduras num estado firme e inalterado de aposição, e a continuar assim até, e mesmo durante, a inversão de cada par delas; e a impedir toda a entrada de luz entre elas. A meia hora estava quase esgotada antes de esta operação ser empreendida.

Não houve troca de opiniões ou pontos de vista entre o médium e mim, pois eu compreendia perfeitamente que, como instrumento, ele não era a fonte primária do conhecimento que eu procurava, e tinha igualmente plena consciência de que as minhas próprias perguntas mentais podiam ser lidas por tais espíritos como os que se esperavam, quando as condições do momento lhes eram favoráveis. Esperei passivamente, com confiança, aquilo que esperava que em breve se manifestasse; e ao mesmo tempo tinha consciência de que as forças psíquicas e o magnetismo estavam a ser utilizados, os meus juntamente com os do médium; e de que, entretanto, se estava a executar a rotina de arranjo para a ordem exata da escrita.

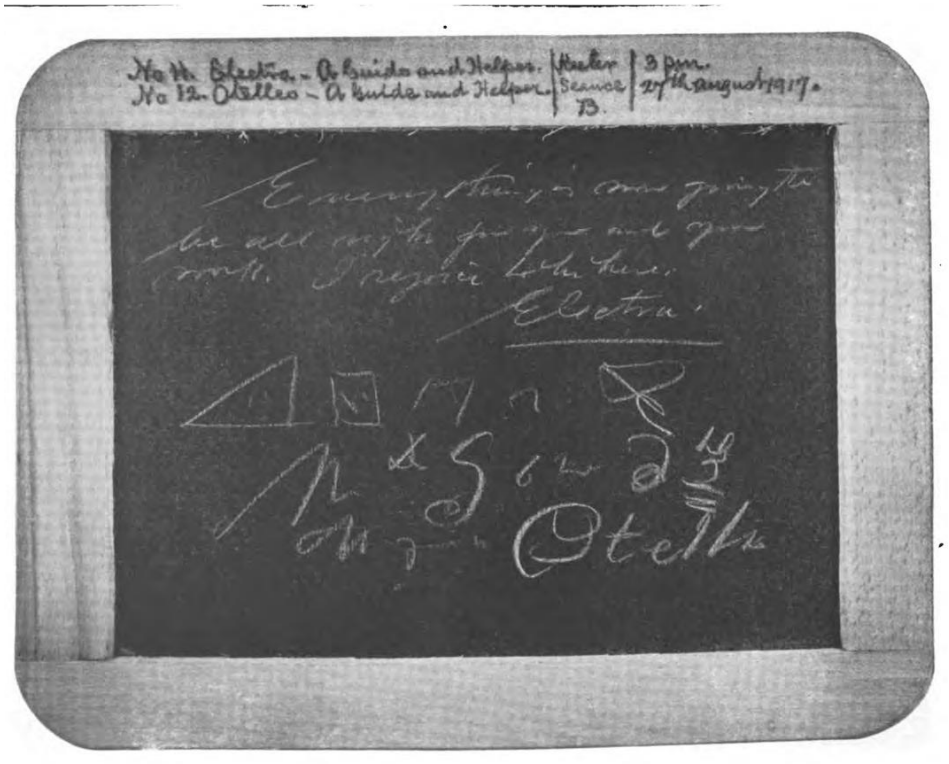
Qualquer interesse especial naquele momento se concentrava nas indicações que recebera de Hipácia na sua primeira nota de ontem, as quais justificavam a minha expectativa de que uma parte dos meus guias me saudaria hoje. Depois, o meu amigo

por correspondência em vida e atual auxiliador, Wm. T. Stead, escrevera ontem: "Teremos mais a dizer amanhã." Por isso, esperava que ele fosse fiel à sua promessa nesta sessão. De outros amigos convidados, alguns seguramente responderiam também. E, porventura, apresentando-se a oportunidade, um ou dois outros inesperados poderiam igualmente escrever. E muito naturalmente, à medida que os minutos passavam, o meu interesse expectante aumentava.

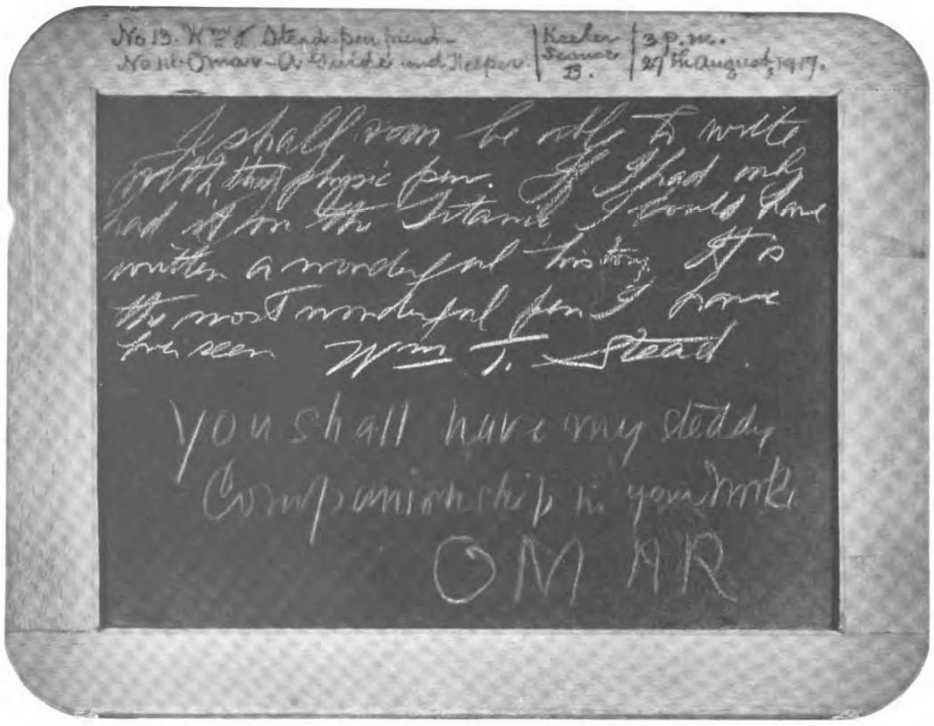
De súbito, a escrita começou, e o médium e eu agarrámos cada um a sua extremidade das ardósias e segurámo-las firme e seguramente até à pancada, significando ardósia cheia; e, estando eu mais familiarizado com a rápida manobra de rotação, não causei atraso algum. A rapidez pareceu acelerar; nova pancada, e ambas as ardósias em baixo; e o segundo par estava já na mão num movimento automático, com outra pancada e inversão, seguida em poucos segundos por uma pancada, e ambas as ardósias em baixo. Seguiu-se silêncio, pois não foi dado qualquer sinal. Tempo: três minutos, e quatro ardósias escritas.

Espalhei as quatro ardósias na sua devida ordem e encontrei apenas oito assinaturas; e, olhando rapidamente, vi que eram nomes da lista de convites, e assim o informei ao Sr. Keeler, que não deu qualquer resposta.

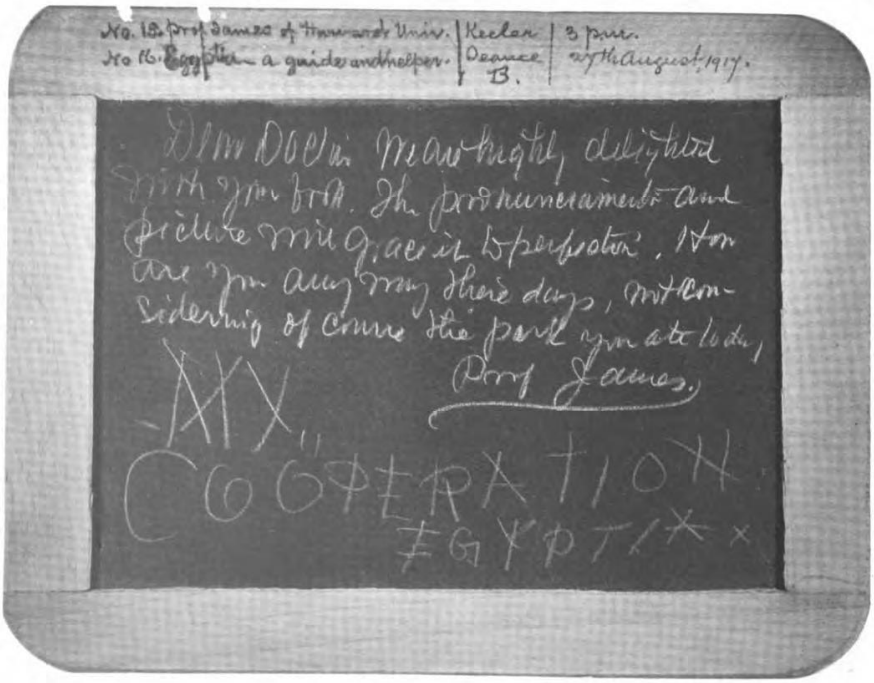
Embrulhei as ardósias e disse: a minha próxima marcação é para as cinco horas, o que me trará em breve aqui de novo.



Segunda sessão – Primeira lousa
Nº 11 Electra, Guia avançada
Nº 12 Otelleo, Guyia avançado


No 13. Wm Stead Auxiliar
No 14. Omar - A Guide and Helper.
Keeler
Deance
B.
3 p.m.
27th August 1917.
I shall soon be able to write
with this magic pen. If I had only
had it on the Titanic I could have
written a wonderful history. It is
the most wonderful pen I have
ever seen Wm T. Stead.
You shall have my steady
Companionship in your work.
OMAR

Segunda Sessão – Segunda lousa
Nº 13 Wm. Stead, Auxiliar
Nº 14 Omar, Guia avançado


No. 15. Prof. James of Harvard Univ.
No 16. Egyptian a guide and helper.
Keeler
Deance
B.
3 p.m.
27th August 1917.
Dear Doctor I am delighted
with your pen. The pronunciamento and
picture with grace is perfection. How
are you any way these days, with con-
sidering of course the peril you ate to day,
Prof James.
COOPERATION
EGYPTIAN

Segunda sessão – Terceira lousa
Nº 15 Prof. Jasmes, de Harvard
Nº 16 Egyptia, Guardiã e guia

Quando regressei ao meu alojamento e voltei a colocar as minhas ardósias na devida ordem, verifiquei que a primeira convidada a responder fora a n.º 14 da lista de convites daqueles que Hipácia tão amavelmente notificara a meu pedido, e tratava-se de Electra, uma guia que primeiro se materializou para mim e conversou comigo no ano de 1894, e várias vezes desde então; e que cantou para mim em privado através de trombetas; e apareceu publicamente em sessões de três diferentes médiuns de materialização. Está agora, e continuará a estar, estreitamente associada a mim no meu trabalho.

A seguinte nesta lista, e n.º 12 na original, é Otelleo, que primeiro se materializou e se deu a conhecer a mim na ocasião referida no livro, quando Hipácia, numa sessão em Lily Dale, convenceu e converteu "May" ao conhecimento da verdade de que os espíritos podem e efetivamente comungam com os mortais. É membro de um poderoso grupo de espíritos, e voltar-se-á a ouvir falar dele no futuro. Escreveu as suas saudações na sua língua nativa, e em cor vermelha, mas deu, posteriormente, a tradução inglesa. Escreveu em inglês através de "O Telefone Psíquico Humano", como se verá no Capítulo XXXI.

O seguinte a escrever nesta sessão foi Wm. T. Stead, que ontem escreveu prometendo que teria mais a dizer, e agora, escrevendo, cumpre essa promessa.

Omar, que se segue, escreve a sua mensagem a verde na ardósia. É também um dos guias associados a Otelleo no grupo de espíritos.

O seguinte na ordem de escrita é o Prof. James, da Universidade de Harvard, que se refere ao incómodo que descrevi na narrativa, referência essa que, na escrita em ardósia, se torna interessante em vista das circunstâncias existentes. Esta nota foi escrita, como se verá, após o meu regresso da mata, onde eu sofrera.

A n.º 16, a seguinte depois do professor, foi Egyptia, a segunda da lista de convites. É uma das minhas guias, e afirma ter sido o meu espírito guardião desde o momento do meu nascimento. Prometeu escrever-me a sua própria história terrena como princesa egípcia. A sua materialização em London, Ontário, na casa dos MacRoberts, em 1894, foi a primeira para mim, e a primeira de todas as minhas guias. Tem estado presente em todas essas sessões a que assisti desde essa data e, por isso, mais frequentemente do que qualquer outra guia, exceto Hipácia, que esteve presente numa sessão com uma senhora psíquica particular quando nenhuma das outras guias apareceu. Escreveu através da mão de uma escritora automática. Falou comigo através de trombetas e também cantou através de trombetas muitas vezes quando eu estava sozinho. Tive muitas conversas com ela e pus à prova o seu conhecimento quanto a datas e acontecimentos da minha história pessoal desde a infância; e convenceu-me da exatidão da sua pretensão pela precisão das informações nas suas respostas a cada uma e todas as perguntas de facto relativas a diversos acontecimentos da minha vida.

Veja-se os primeiros capítulos quanto à sua primeira aparição e declarações. A sua escrita na ardósia tinha uma ligeira tonalidade verde. A sua mensagem, "Cooperação", aplica-se em todo o tempo e ao longo de toda a jornada da minha vida, bem como ao

presente; mas um dia é provável que os meus leitores venham a saber mais acerca das minhas guias, e provavelmente muitos hão de vê-las e ouvi-las, pois aproxima-se um tempo novo e melhor para todos os que procuram esta verdade.

Os dois números seguintes na ardósia são da minha esposa e da minha filha, cujas comunicações têm aparecido ao longo de todo o livro e são sobretudo de carácter doméstico, cheias de afeição, não oferecendo qualquer traço de interesse especial para os leitores. Durante dezasseis longos anos, a minha esposa se opôs a mim nas opiniões ortodoxas; mas nos últimos quatro anos da sua vida terrena tornou-se minha associada na investigação psíquica, e foi convertida ao conhecimento espiritual por Hipácia. A sua história desde que passou para o outro lado encontra-se nas páginas ao longo de toda a obra. Leia-se o Capítulo XII quanto ao acordo mútuo entre minha esposa e eu; veja-se também o Capítulo XXIX, escrito para o livro por ela, através de "O Telefone Psíquico Humano", depois de ter passado para o reino espiritual.

A minha filha, que também escreveu na ardósia independentemente, veio ter comigo por todas as portas abertas. Será por muito tempo lembrada por um grande círculo de participantes numa sessão de materialização em casa de J. B. Jonson, em Toledo, por ocasião da sua aparição, e por cantar durante todo o tempo o hino "Holy, Holy, Holy, Lord God, etc., etc.", vestida de branco no seu corpo transitório.

Tanto a minha esposa como a minha filha, quando me escrevem, mas não para publicidade, fazem-no como qualquer esposa ou filha na vida terrena escreveria ao marido ou ao pai quando não se trata de publicidade; isto é, não mantêm, ao escrever mensagens privadas, o mesmo grau de reserva, antes manifestam uma afeição natural.

Não estou a fotogravar nem a tornar público o que aparece nas suas ardósias, porque essas ardósias não são para publicação; mas aquilo que nelas está foi escrito por elas, e disso estou certo.

ESCRITA INDEPENDENTE EM ARDÓSIA

A MINHA TERCEIRA SESSÃO

A minha terceira e última sessão começou pontualmente às 5 horas da tarde de 27 de Agosto de 1917, com condições, período de espera e procedimento semelhantes aos das duas sessões precedentes. Tempo da escrita: dois minutos.

Quando a escrita terminou, o médium escreveu a lápis numa ardósia: "Os amigos que esperava já todos escreveram para si." Isto foi então lido da ardósia pelo Sr. Keeler para mim.

Quando perguntei como sabia ele isso, a sua resposta foi: "Foi-me dito ao ouvido." (Clariaudiência.)

Acrescentou então, espontaneamente: “É maravilhoso que todos os vinte que pediu tenham vindo e escrito. Não me lembro de alguma vez ter tido antes uma experiência assim.”

A admissão acima feita pelo médium contrabalançou todos os efeitos das suas observações desencorajadoras, quando eu procurava, na primeira ocasião, obter as três marcações de sessões. Ele, todavia, provavelmente compreenderá, se ler isto, que para mim, no exato momento da nossa troca de palavras, era uma conclusão antecipada que eu teria as três sessões que pedira, e por esta altura compreenderá porquê.

Em todo o caso, embrulhei as minhas ardósias em papel, despedi-me dele respeitosamente com um “adeus” e regressei ao meu alojamento com a consciência de que os meus desejos tinham sido inteiramente satisfeitos.

AS MINHAS NOTAS E COMENTÁRIOS FINAIS.

Os leitores lembrar-se-ão do facto já registado de que acrescentei três nomes àqueles que se encontravam no meu maço original. Um dos três escreveu na minha primeira sessão; os dois restantes não escreveram de todo em nenhuma sessão, para o que poderá ter havido uma boa razão; mas, em seu lugar, escreveram outros dois, de quem eu nunca antes tinha ouvido através de qualquer médium. Escreveram, e isso aparece na primeira ardósia das quatro usadas na minha terceira sessão; e estão numerados, pela ordem em que escreveram, como 19 e 20.

A primeira trazia a breve saudação: “Votre Sincere et Fidele — Josephine Le Reine.” A segunda nota dizia: “I very much Sir, admire your book. I should like a copy of it. Francisco I. Madero, President of Mexico.” [Madero deve ter lido o meu manuscrito do livro tal como jazia sobre a mesa do escritório, naquele mesmo momento, à espera de futura entrega ao impressor, pois eu não o levei comigo para Lily Dale. A minha guia, a minha esposa, Frederick Myers, Wm. T. Stead e outros, eu sei, fizeram-no, e tenho muitas vezes comprovado a sua capacidade a esse respeito.

Como exemplos, Hipácia deve ou ter lido o meu pedido a ela enquanto eu escrevia e dobrava os papéis contendo os nomes dos meus convidados, ou depois, no envelope que o continha no meu bolso durante quase uma semana; ou, em terceiro lugar, por leitura mental. No caso da minha esposa, ela disse-me através de uma trombeta exatamente o que eu escrevera, e o que lera, enquanto aquilo jazia sobre a minha mesa.

Ainda no caso de Wm. T. Stead, isso também aconteceu, quando, estando eu sentado com uma médium de trombeta no Estado de Nova Iorque (a Sra. B., agora na esfera espiritual), tinha no bolso algumas perguntas escritas para lhe fazer, e estava a tirá-las para as abrir onde ele as pudesse ver e responder, sem que eu as formulasse em voz alta. Enquanto fazia isso, ele disse: “Friend King, keep them in your pocket; I can

read them there" — e passou a respondê-las. Frederick Myers informou-me certa vez, através de um psíquico escritor, que enquanto eu revia o meu manuscrito para o livro ele estivera comigo grande parte do tempo e estava, por conseguinte, familiarizado com o seu conteúdo.]

A terceira mensagem na minha ardósia dizia: "You shalt have the help from Edward and me, you desire. — Queen Victoria."

Esta ardósia em particular não pode ser aqui reproduzida. As letras nas linhas ficaram acidentalmente esbatidas e, por isso, não sairiam no processo fotográfico, sendo omitida.

Tanto o Rei Edward como a Rainha Victoria, porém, escreveram-me através de "O Telefone Psíquico Humano", esta última várias vezes. Veja-se os Capítulos XXXI e XXXIV. Ao passo que ela também falou através de uma trombeta numa sessão oculta em Toronto, quando estavam presentes seis pessoas de Toronto, incluindo eu próprio; e aí deu, como uma das três razões para a sua presença nessa noite, aquilo que se encontra impresso na página 103 de um relatório escrito pelo respetivo editor e que diz: "and also to say that I have given confirmatory evidence more than once, to Dr. King for his book." Etc.

O n.º 22 na ardósia, que é o n.º 3 da lista de convites, surge na segunda ardósia desta terceira sessão, sendo uma saudação do mais antigo de todos os meus guias, Asia (assim nomeado por mim), dos tempos pré-históricos; cujos escritos anteriores em língua inglesa através de "O Telefone Psíquico Humano" se encontram no Capítulo XXXI e numa folha volante na parte da frente do livro. A escrita na ardósia é uma saudação na sua escrita nativa, agora extinta.

Ele próprio dará uma tradução inglesa dela, pois pode falar e escrever nessa língua, mas quis satisfazer o meu desejo de obter um espécime da sua língua e escrita nativas. Foi sacerdote de alta ordem de uma igreja e religião que já não existem em parte alguma. Pelo que me contou, deve ter sido um grande vidente no seu tempo. Quando está plenamente materializado mede cerca de 9 pés e 6 polegadas de altura. Novas revelações dele são prometidas para um futuro próximo.

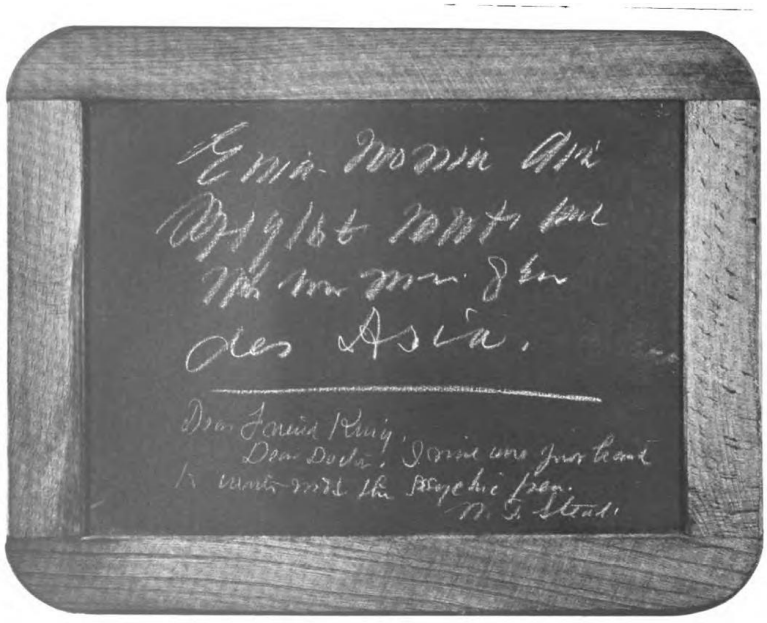
O n.º 23 na ardósia é o terceiro escrito do meu amigo por correspondência em vida e atual auxiliador, Wm. T. Stead. Escreveu para mim em cada sessão, estabelecendo o recorde. Mais adiante voltarei a referir-me à escrita e a ele.

Na terceira ardósia da terceira série encontra-se o segundo escrito de Hipácia, desta vez em grego. Aqui o Prof. S., de Toronto, encontrará a resposta de Hipácia ao meu pedido, em que eu, na primeira página do pedido, aludi a um desejo expresso pelo Professor numa ocasião. Obtive também dela, um dia depois, a sua própria tradução inglesa desse escrito. Os professores de grego encontrarão aqui uma boa prova. O original, sob a sua própria assinatura, em fotogravura, é aqui reproduzido juntamente com outros. (A sua tradução é conservada por mim. O Prof. S., ou qualquer professor de

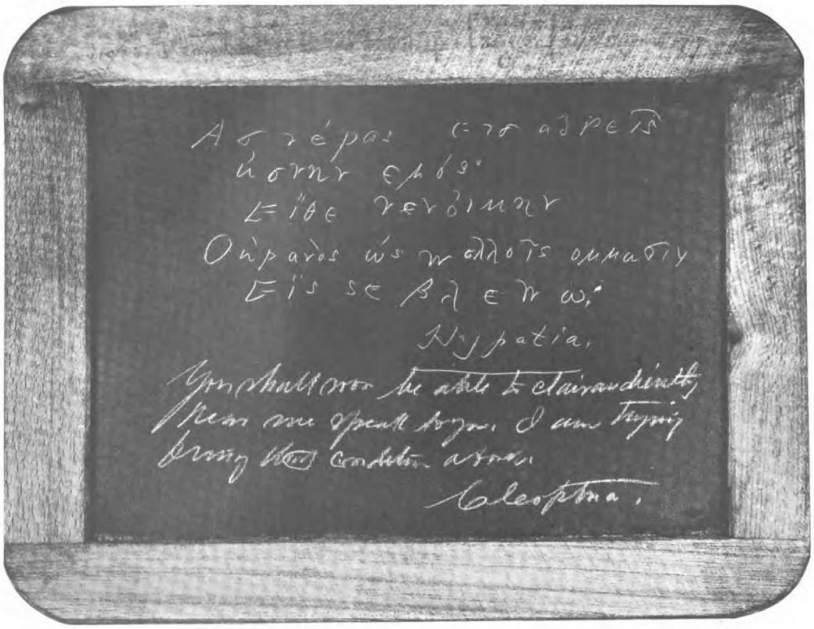
grego da época de Hipácia, poderá facilmente traduzi-lo, e assim estabelecer o facto de ela ser a personalidade daquele período.)

A escritora seguinte é Cleopatra, outra guia. Faz uma afirmação clara e definida em 27 de Agosto de 1917. Guarde-se esta afirmação na memória.

O meu filho da minha primeira esposa segue-se a Cleopatra.

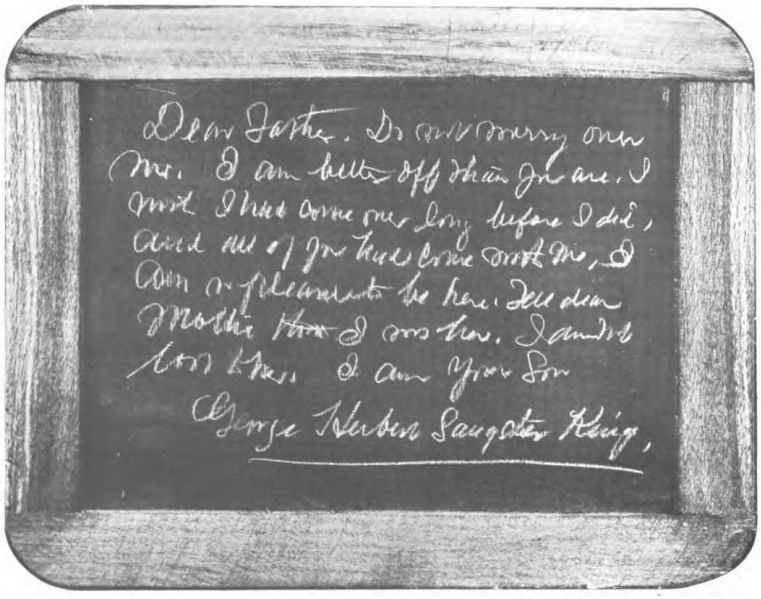


Terceira sessão – Segunda lousa
Nº 22 Asia, guia antiga (Pré-histórica)
Nº 23 W. Stead



Terceira sessão – Terceira lousa

Nº 24 Hypacia, guia principal (Segunda vez)
Nº 25 Cleopatra, uma guia e auxiliar



Terceira Sessão – Quarta lousa
Nº 26 G.H.S. King, filho do autor

N.º 26. Este é o último dos escritos independentes em ardósia e é o do meu filho. Foi o mais recente de todos os escritores a passar para o reino do espírito. Viveu na esfera mundana até ultrapassar o seu quinquagésimo ano. Tinha boa educação e possuía dons naturais para o desenho, a pintura e a música; e durante muitos anos foi um estudioso profundo da Bíblia, bem versado em todas as partes das Escrituras. Era um homem de intelecto brilhante, mas via-se grandemente limitado, em todos os seus empreendimentos, por uma enfermidade (epilepsia). Gostava de controvérsia, mas mais ainda pelo seu amor de alcançar a verdade. A sua crença era a de que, com a morte e o enterramento do corpo, a alma ou o espírito entra num sono profundo, e assim continua até ao dia da ressurreição geral; ocasião em que se levantaria e, com uma vasta multidão, estaria presente no grande Dia do Juízo, quando os poucos, de entre todos os que jamais viveram sobre a terra, ascenderiam a uma vida nova e eterna, enquanto os muitos (todos os restantes) ficariam ligados à terra e dormiriam eternamente. Não acreditava num Inferno segundo a conceção ortodoxa do mesmo.

Acreditava também que eu, seu próprio pai, estava a perder a razão, o que considerava ser boa prova de insanidade, sem qualquer dúvida no seu espírito, e o que sinceramente lamentava; e, como evidência dessa condição, referia-se frequentemente à minha atitude relativamente à filosofia espiritual, juntamente com os relatos que eu fazia de ver, ouvir e conversar com os espíritos daqueles que outrora tinham sido homens na terra como nós o somos hoje.

Por fim, toda a controvérsia entre nós cessou, pois ele saiu do seu corpo carnal em 14 de Novembro de 1916, e os seus restos mortais foram depositados numa sepultura

num dos cemitérios da cidade, ali permanecendo até que a natureza o desintegre nos elementos da terra.

O meu filho não percebeu que a sua crença sincera e honesta e a sua fé, a esse respeito, não tinham justificação, pois não entrou no seu longo sono até que a trombeta de Gabriel soasse para o despertar; mas, encontrando a sua mãe e outros entes queridos que o aguardavam no espírito, foi por eles recebido, como desde então me disse a mim e a outros através de uma trombeta; e assim foi levado a reconhecer que não há morte para o espírito; e que a vida no reino do espírito é tão natural para aqueles que lá estão como a vida na terra o é para os mortais aqui. Aprendeu também que "ele, tal como eles, podia passar por qualquer porta que lhe fosse aberta por aqueles que deixara atrás de si na esfera terrestre, e comunicar com eles numa voz audível aos seus ouvidos"; por isso, foi-lhe permitido falar através de uma das trombetas idênticas pelas quais esses parentes tinham eles mesmos falado (a da Sra. Etta Wriedt); e que, enquanto estava na terra — como muitos outros ainda fazem — ele considerava impossível; mas, quando lhe asseguraram que era verdade, também ele o tentaria. Em 7 de Janeiro de 1917, o seu espírito, ou antes, ele próprio como Ego espiritual, veio ter comigo enquanto eu estava sentado sozinho com a trombeta, embora eu esperasse que a sua esposa se juntasse a mim nessa ocasião.

Uma das primeiras vozes a saudar-me disse: "Bem, pai, é o Herbie a falar. A Mollie foi chamada cedo para a casa do irmão no campo, pois há doença por lá. A doença não é grave, e ela regressará e encontrar-se-á consigo aqui numa sessão futura. Quero dizer-lhe que agora estou perfeitamente bem e não tenho problemas como tive durante tantos anos. O funeral foi apropriado, as flores belas, e o meu corpo com um bom sobretudo novo de madeira." (Ele era humorístico na vida terrena.) A sua esposa partira inesperadamente. Regressou e juntou-se a mim numa sessão futura vinte dias depois.

Encontrou-se e conversou com o seu marido em espírito, e ele com cada um de nós. Os três conversaram entre si tão naturalmente como em casa. Desta vez ele aludiu também ao funeral e ao ofício na sua antiga casa; bem como à sua antiga oposição às minhas opiniões, e àquilo que eu afirmava ter provado como verdadeiro. Tentaria emendar o passado; e viria através de qualquer porta aberta, quando a oportunidade se oferecesse. Mas, ao fazê-lo, não assustaria a "Mollie" em casa com a sua vinda, como tantas vezes fizera durante a sua enfermidade (convulsões epilépticas). A sua referência tinha um tom humorístico, significando "como um fantasma em visita". Agradeceu-lhe por toda a sua bondade e paciência para com ele.

Durante o mesmo mês assisti a um círculo privado de alguns amigos, com a Sra. Wriedt, médium de trombeta, presente, quando o meu filho, através da trombeta, anunciou a sua presença, e foi recebido; e, enquanto ali estava, ajudou um cavalheiro participante a resolver uma dificuldade que este recentemente experimentara relativamente à falta de um produto químico de que necessitava, mas que não conseguira obter por causa da guerra. O seu problema foi resolvido com a ajuda do meu filho, nessa ocasião. Todos os membros do círculo ouviram cada palavra que foi dita.

Tendo conhecimento da verdade do regresso e da comunicação dos espíritos; e desejando transmiti-la a outros, incluí o nome do meu filho na lista de vinte convidados, para que mais provas, através de outra fase da mediunidade, corroborassem ou desacreditassem as provas que dou acima, como escrita independentemente da mão de um psíquico sobre uma ardósia numa sala com portas e janelas abertas e o sol a entrar. Ele veio como eu esperava, e assim vieram todos os vinte; e aquilo que o meu filho escreveu é aqui reproduzido por fotogravura e, com outros em outras páginas deste livro, resistirá ao exame em toda a parte.

Ouço algum pai cético perguntar-me: "Como sabe realmente que esse escritor era o seu filho?" Respondo: na sessão de trombeta, realizada no escuro, conheci-lhe a voz, a maneira de se exprimir ao falar de algo que tinha acontecido; quando a sua esposa tinha partido, dela falando como sempre a tratava em casa; não só para onde, mas também por que motivo ela tinha ido para junto dos seus parentes no campo; quando regressaria e se encontraria comigo, e nós os três conversaríamos juntos; tudo isso foi corroborado noutra sessão com a sua esposa presente.

Depois, ainda no caso da escrita independente em ardósia à luz, ele corroborou algumas das coisas idênticas sobre que conversara na sessão de trombeta; e voltou a escrever sobre a sua esposa "Mollie", tal como falara dela na ocasião anterior. Além disso, considero a sua escrita um fac-símile da que tinha em vida, e para mim tão natural como o era o seu rosto. O estilo dela e a maneira de se exprimir, entremeada de humor, tão familiares quanto possível. Dependendo de mais de uma fase, pela corroboracão através de várias, não se pode deixar de chegar a uma conclusão, com esforço ou raciocínio pró e contra, em que toda a dúvida é excluída.

Permitam-me perguntar a qualquer pai ou a qualquer homem inteligente: Como conhece qualquer amigo ou parente, em qualquer momento ou lugar? Não será vendo-o, ouvindo-o e conversando com ele ou com ela? Sim, e uma carta de um filho vinda da frente em tempo de guerra é reconhecida como sua, e só sua, pela escrita, pois não há duas pessoas que escrevam exatamente da mesma maneira, cada qual é uma personalidade diferente. Mas suponhamos que alimentava dúvida; quanto tempo demoraria a dissipá-la? Provas confirmativas e corroborativas através da trombeta, pela manifestação da expressão terrena, como numa sessão de materialização; ou sobre ardósia em diferentes ocasiões e em diferentes lugares, uma ou outra estabelece um facto. Se fechar os olhos, ou estiver no escuro, e escutar enquanto o seu parente ou amigo fala, nesse momento sabe quem é; tal como um cão conhece a voz e o rosto do seu dono, não importa quantos outros homens estejam por perto. Provas confirmativas ou corroborativas obtêm-se prontamente através de muitas fases diferentes.

Conheci o meu filho durante mais de cinquenta anos. Só a sua voz, ou só a sua escrita, são para mim igualmente conclusivamente convincentes.

Ao longo de todo este livro existe uma verdadeira teia de aranha de provas corroborativas em apoio de quase todas as personalidades nomeadas; por exemplo, só no caso de Wm. T. Stead, até então ele viera ter comigo através de seis ou sete

diferentes fases de mediunidade; e por meio de mais de uma dúzia de médiuns; e agora vem por outra porta que lhe abri, a fase da escrita independente em ardósia, e escreve em três sessões diferentes.

Vós, que conhecestes Wm. T. Stead na vida terrena, respondei. Não será esse facto de avançar sempre em frente em cada oportunidade, e o seu esforço para se certificar duplamente de algo que deseja alcançar, característico do homem? Ele foi, na vida terrena, um amigo meu por correspondência, e bem conhecia eu a sua assinatura, e ele quer que os leitores saibam que ainda o é. Mas, na vida espiritual, os seus primeiros esforços através da mão de uma escritora automática não foram geralmente aceites como sendo seus — embora os posteriores fossem convincentes. Isso devia-se sem dúvida à tendência para rimar, ou à influência psíquica que todo o médium possui, de modificar em algum grau, mais ou menos, o tom, tal como todo o instrumento musical, pelo seu tom, denuncia que instrumento é, mesmo na mais simples melodia executada.

Embora, no primeiro caso de Wm. T. Stead, os pensamentos assim transmitidos fossem para mim evidência da sua própria personalidade.

Contudo, Stead quis oferecer ainda mais prova e por isso aceitou o meu convite para voltar a encontrar-se comigo, onde pudesse escrever sem o auxílio da mão de um psíquico, independentemente, sobre uma ardósia. Deseja igualmente que eu saiba, e os leitores também, que ele conhece alguma coisa acerca da minha pena psíquica, o que para mim constitui prova confirmativa. Se está familiarizado com a sua escrita enquanto mortal, que pensa da formação das letras, dos seus traços e dos seus pontos, não serão prontamente reconhecíveis? Ele está de bom humor e escreve rapidamente.

Para mim, o primeiro esforço do meu filho, de Wm. T. Stead e de outros para comunicarem comigo por escrita independente em ardósia é um êxito.

Mas terá outra pergunta no espírito para fazer, e será esta? “Pode o destinatário destas mensagens ter a certeza de que os escritores eram realmente o seu filho, o seu amigo Stead e os outros amigos?”

Novamente lhe respondo: tão certo como você está dos remetentes das mensagens que recebe e que são assinadas por qualquer parente, amigo ou homem de negócios, com a ajuda dos seus meios das fases dos cabogramas, da fase dos telegramas, da fase dos marconigramas, da fase dos fonogramas, ou da fase mais universal da entrega postal governamental de cartas.

Não posso esperar convencer todos os outros. Cada um e todos os que seguirem o meu exemplo terão de obter resultados por si mesmos.

Que podemos comunicar com aqueles que estão nas esferas, ou no estado seguinte de existência continuada, convenci-me eu por factos e por provas de que assim é, pois abri portas de comunicação, e anjos vieram, e continuam a vir, através delas até mim. Pode seguir o meu exemplo e prová-lo para sua própria satisfação. Os amigos virão a todos os que abrirem a porta e os acolherem — não de outra maneira.

A última porta que abri para vinte deles, de quem mais imediatamente desejava receber saudações ou mensagens; e publico ao mundo os resultados que obtive. A última porta que abri durante os dias 26 e 27 de Agosto de 1917 foi a porta da escrita independente em ardósia; e estas páginas acrescentadas ao livro contêm a prova do que obtive, juntamente com todos os pormenores, em cada detalhe, do princípio ao fim, de como fui bem-sucedido.

JOHN S. KING.

RESUMO DA ESCRITA INDEPENDENTE EM ARDÓSIA.

Em 21 de Agosto de 1917, p.m., fiz um pedido escrito à minha Guia Principal, Hipácia, para que convidasse cada espírito de uma lista escrita de vinte nomes de parentes, amigos, guias e espíritos exaltados, que eu selecionara entre centenas de quem já ouvira, a escrever-me saudações ou mensagens enquanto estivesse em Lily Dale, e a fazê-lo em ardósias independentemente da mão de um psíquico. Esses papéis coloquei-os sobre a secretária do meu escritório para que ela os lesse.

Cinco dias depois, às 2h30 da tarde de 26 de Agosto de 1917, na minha presença e em ardósias novas, limpas e examinadas por mim, a escrita da minha primeira sessão foi concluída. A minha sessão começou às 2 horas da tarde. A segunda e a terceira sessões começaram, uma às 3 da tarde e a outra às 5 da tarde de 27 de Agosto de 1917.

Às 5h30 da tarde, no final da minha terceira sessão, todos os 20 originalmente convidados tinham satisfeito o meu pedido, assim como três amigos espirituais adicionais.

Cada uma das três sessões durou 30 minutos.

O tempo efetivamente ocupado na escrita pelos 23 escritores, que escreveram 26 mensagens ou saudações, foi de dez minutos em todas as três sessões; na primeira 5 minutos, na segunda 3 minutos, e na terceira 2 minutos.

Todos os escritos foram feitos apenas de um lado das ardósias; e foram necessárias treze ardósias.

Todos e cada um dos vinte convidados respondeu.

Dos que escreveram separadamente havia 18
Dois escreveram conjuntamente uma nota, perfazendo 1
Um dos três nomes acrescentados, estando ali, escreveu 1
Dois, que nunca antes tinham comunicado, escreveram cada um 2
Wm. T. Stead escreveu em cada sessão, mais duas 2
A minha Guia escreveu uma mensagem em inglês e outra em grego ... 1
A minha Filha escreveu duas vezes, mais uma 1

Total de escritos 26
Tempo total de escrita em minutos 10
Total de escritores diferentes 23
Tempo médio de cada um dos vinte e seis escritos, em segundos 23 1/11